Junho | 2023

Plano de Proteção à Fauna

Atividade de Perfuração no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos

Processo: 02001.037650/2018-63

Rev. 01

Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais
www.aiuka.com.br
Endereço: Av. Do Trabalhador, 1799 | Sítio do Campo – Praia Grande – SP | Brasil | CEP: 11.725-000
Telefone: +55 13 3491 4074
Emergências: +55 13 97421 9300
E-mail: projetos@aiuka.com.br

EnvironPact Sustentabilidade e Resiliência
www.environpact.com
Endereço: Rua da Glória, 122 – 10º andar | Glória, Rio de Janeiro – RJ | Brasil | CEP: 20.241-180
Tel: +55 (021) 3032-6762
Emergência: 0800 627 4367

CONTROLE DE REVISÕES

Rev.	Data	Descrição (motivo da revisão)	Responsável
00	Setembro/2022	Documento original	Aiuká & Witt O'Brien's Brasil
01	Junho/2023	- Definição das bases de apoio à atividade (item 4.2.1) - Atualização de equipe técnica (item 4.1) Alterações destacadas em cinza	Aiuká & EnvironPact Sustentabilidade e Resiliência

APRESENTAÇÃO

Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais

A Aiuká é uma empresa brasileira especializada no planejamento, documentação, gerenciamento e reabilitação de fauna em derramamentos de petróleo e também a primeira empresa brasileira com experiência nacional e internacional na reabilitação de fauna após emergências com derramamento de óleo. Com uma equipe técnica de renome e experiência internacional, utiliza protocolos de gerenciamento e tratamento reconhecidos mundialmente para lidar com animais afetados por derramamentos de substâncias petroquímicas, nos três níveis de categorização: *Tier* 1, *Tier* 2 e *Tier* 3. Para atender às especificidades das emergências e rápida amplificação de sua equipe, conta com o apoio operacional de parceiros nacionais e internacionais como o, *International Bird Rescue* e a *Southern African Foundation for the Conservation of Coastal Birds* (SANCCOB). A Aiuká é uma das onze organizações de todo o mundo que participa do desenvolvimento do Sistema Global de Resposta à Fauna Oleada (GOWRS), que é apoiado pela IPIECA – IOGP através do Projeto JIP20 e *Oil Spill Response Limited*, projeto este que conta com apoio de empresas operadoras de petróleo como Petronas, Chevron, Enauta, ExxonMobil, Equinor, Shell, bp, TotalEnergies e outras.

EnvironPact Sustentabilidade e Resiliência[1]

A EnvironPact é uma empresa brasileira de consultoria especializada e interdisciplinar em avaliação e gerenciamento de riscos, meio ambiente e emergências e crises, pertencente ao grupo OceanPact. Oferece soluções customizadas, integradas e eficientes, atendendo às demandas de prevenção, preparação, resposta, mitigação e recuperação dos negócios de seus clientes. As soluções proveem sustentabilidade e resiliência, garantindo a segurança, o equilíbrio ambiental, financeiro e operacional dos negócios da empresa. A missão da EnvironPact é impactar positivamente a sociedade, promovendo a sustentabilidade e a resiliência dos negócios de seus clientes, cultivando um ambiente de trabalho inovador, humanizado e diverso.

[1] Em fevereiro de 2023, a Witt O' Brien's Brasil, passou a fazer parte integral do grupo OceanPact, sendo agora denominada EnvironPact Sustentabilidade e Resiliência ("EnvironPact").

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 1
2. OBJETIVOS 1
3. ASPECTOS GERAIS DA ÁREA DE INTERESSE 2
3.1. MAPEAMENTO AMBIENTAL PARA RESPOSTA À EMERGÊNCIA NO MAR (MAREM) 3
3.2. DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE INTERESSE 4
3.3. ESPÉCIES VULNERÁVEIS 7
3.4. ESPÉCIES PRIORITÁRIAS 8
3.5. ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS PARA PROTEÇÃO 10
3.6. MAPA DE VULNERABILIDADE AMBIENTAL 12
4. ASPECTOS OPERACIONAIS DA RESPOSTA À FAUNA 13
4.1. ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DE RESPOSTA (EOR-FAUNA) 13
4.2. UNIDADES DE MANEJO DE FAUNA 25
4.2.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS BASES DE APOIO LOGÍSTICO E DAS UNIDADES DE MANEJO DE FAUNA 30
4.3. EQUIPAMENTOS 34
4.4. PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS 40
4.4.1. ACIONAMENTO E ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES 40
4.4.2. RESPOSTA LOCAL (*TIER* 1) 44
4.4.3. CAPACIDADE DE AMPLIAÇÃO DA RESPOSTA (*TIER* 2 E 3) 44
4.4.4. SEGURANÇA PESSOAL 45
4.4.5. RESÍDUOS 47
5. ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO À FAUNA 48
5.1. RESPOSTA PRIMÁRIA 48
5.1.1. MÉTODOS FÍSICOS OU MECÂNICOS 48
5.1.2. TRATAMENTO QUÍMICO 49
5.1.3. TRATAMENTO BIOLÓGICO 51
5.1.4. QUEIMA *IN SITU* 51
5.1.5. RECUPERAÇÃO NATURAL 52
5.1.6. COLETA DE CARCAÇAS OLEADAS 52
5.1.7. CONTROLE DE ESPÉCIES INVASORAS 53
5.2. RESPOSTA SECUNDÁRIA 54
5.2.1. DISPERSÃO OU AFUGENTAMENTO 54
5.2.2. CAPTURA PREVENTIVA 56
5.3. RESPOSTA TERCIÁRIA 57
5.3.1. DETECÇÃO E MONITORAMENTO 57

5.3.2. CAPTURA 58
5.3.3. TRANSPORTE 59
5.3.4. REABILITAÇÃO 60
5.3.5. MANUTENÇÃO EM CATIVEIRO 63
5.3.6. MANEJO DE CARCAÇAS 64
5.3.7. SOLTURA 65
5.3.8. MONITORAMENTO PÓS-SOLTURA 66

6. RESPONSÁVEIS TÉCNICOS 67
6.1. ELABORAÇÃO DO PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA 67
6.2. EXECUÇÃO DO PLANO À PROTEÇÃO À FAUNA 68
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos. 2
Figura 2: Unidades geográficas do Mapeamento Conjunto das Espécies de Fauna 4
Figura 3: Delimitação da Área de Interesse do Plano de Proteção à Fauna para a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos. 7
Figura 4: Árvore de decisão para classificação de uma espécie em vulnerável e em prioritária para proteção (Fonte: IBP, 2016). 9
Figura 5: Árvore decisória para classificação de uma localidade entre área prioritária, área relevante ou área com proteção a ser definida de acordo com o cenário do derramamento de óleo no mar (Fonte: IBP, 2016). 11
Figura 6: Estrutura Organizacional da Equipe de Proteção à Fauna prevista para a atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos. 14
Figura 7: Distância entre o Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos, e as instalações que são consideradas para base de apoio marítimo. 30
Figura 8: Distância entre o Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos, e a instalação que será utilizada como base de apoio aéreo. 31
Figura 9: Distribuição Geográfica das Unidades de Manejo de Fauna. 32
Figura 10: Procedimentos operacionais de ativação e encerramento da resposta à fauna oleada. 43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Municípios com possibilidade de serem atingidos por derramamento de óleo (descarga de pior caso) durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (Fonte: Adaptado de PROOCEANO, 2022). 5
Tabela 2: Unidades de Conservação com possibilidade de serem atingidas por derramamento de óleo (descarga de pior caso) durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (Fonte: Adaptado de PROOCEANO, 2022). 6
Tabela 3: Relação da equipe responsável pela execução do Plano de Proteção à Fauna. 22
Tabela 4: Equipe da instituição indicada como potencial recurso disponível para ampliação da resposta, em caso de emergências Tier 3. 25
Tabela 5: Instalações de oportunidade pré-identificadas na área de atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos. 26
Tabela 6: Estimativas de distância e tempo mínimo para o deslocamento entre as instalações de atendimento à fauna. 32
Tabela 7: Relação de instalações de atendimento à fauna em caso de derramamento de óleo durante a atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos. 33
Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento Tier 1. 34
Tabela 9: Informações de contato para acionamento da equipe da Aiuká. 40
Tabela 10: Responsáveis pela elaboração do Plano de Proteção à Fauna. 67
Tabela 11: Responsáveis pela Revisão 01 do Plano de Proteção à Fauna. 67
Tabela 12: Equipe técnica responsável pela execução deste Plano. 68

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Mapas de Vulnerabilidade Ambiental (Fauna)

APÊNDICE 2 – Espécies Prioritárias para Proteção

APÊNDICE 3 – Áreas Prioritárias para Proteção

ANEXOS

ANEXO 1 – Metodologia do Projeto de Proteção à Fauna do MAREM

ANEXO 2 – Declaração de Vigência do Contrato com a Empresa de Resposta à Fauna

ANEXO 3 – Convênios e Acordos com as Instituições Parceiras

ANEXO 4 – Formulários Utilizados para a Documentação dos Animais Afetados

ANEXO 5 – Registro de Anilhador do Diretor de Fauna

1. INTRODUÇÃO

O presente documento constitui o Plano de Proteção à Fauna (PPAF), que fornece orientações e descreve os procedimentos operacionais de acionamento, mobilização e atuação da Equipe de Resposta à Fauna. Ademais, aponta as prioridades para o êxito das operações de proteção, afugentamento, resgate, captura, reabilitação e soltura de espécies de avifauna, herpetofauna e/ou mastofauna que porventura venham a ser afetadas num eventual derramamento de óleo no mar em decorrência da atividade de perfuração marítima da BP *Energy* do Brasil Ltda. (bp), na Bacia de Santos.

O PPAF é parte integrante do Plano de Emergência Individual (PEI) e representa uma importante ferramenta estratégica para utilização na orientação das ações de resposta referentes à fauna em caso de acidente com derramamento de óleo no mar. Este Plano, elaborado de acordo com os princípios preconizados no “Manual de Boas Práticas – Manejo de Fauna Atingida por Óleo", conforme aprovado pela Instrução Normativa n° 28, de 27 de dezembro de 2018, contido no Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE-Fauna) do IBAMA (IBAMA, 2016), fornece informações sobre as espécies que possam vir a ser atingidas durante um incidente, otimizando o direcionamento das respostas para que estas sejam rápidas e eficientes, e minimizando o possível impacto sobre as populações locais.

No caso de derramamento de óleo no mar com potencial imediato ou não de impacto à fauna, a equipe da bp entrará em contato imediatamente e solicitará assistência/conhecimento da equipe de resposta regional da Aiuká, empresa especializada na resposta à fauna em emergências.

2. OBJETIVOS

Os objetivos do PPAF são:

i) identificar as espécies vulneráveis e prioritárias na área de interesse, em todas as épocas do ano;
ii) mapear as áreas relevantes ou prioritárias para a proteção à fauna na área de interesse, em todas as épocas do ano;
iii) definir as estratégias de proteção à fauna em caso de derramamento de óleo no mar.

As operações de Fauna durante um derramamento se resumem em:

- Promover as melhores práticas disponíveis para proteção da fauna e seus habitats da contaminação por óleo;

- Minimizar impactos da contaminação à fauna e seus habitats;
- Minimizar impactos à fauna durante as ações de limpeza;
- Promover as melhores práticas de captura e reabilitação de animais impactados;
- Documentar os impactos resultantes do derramamento e das ações de limpeza; e
- Prevenir injúrias nos respondedores e no público.

3. ASPECTOS GERAIS DA ÁREA DE INTERESSE

Este PPAF contempla as áreas potencialmente afetadas por eventual derramamento de óleo no mar associado à atividade de perfuração marítima no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos.

O Bloco Pau-Brasil está situado na costa do estado do Rio de Janeiro, com área total de 1.183,68 km². A distância mínima do Bloco até a costa é de, aproximadamente, 285 km em relação ao município de Arraial do Cabo/RJ, e a profundidade do fundo do mar no local varia entre entre 2.230 e 2.560 m. A área de interesse para a perfuração possui uma área de 499 km^2, com lâmina d'água variando entre 2.230 e 2.462 m (**Figura 1**).

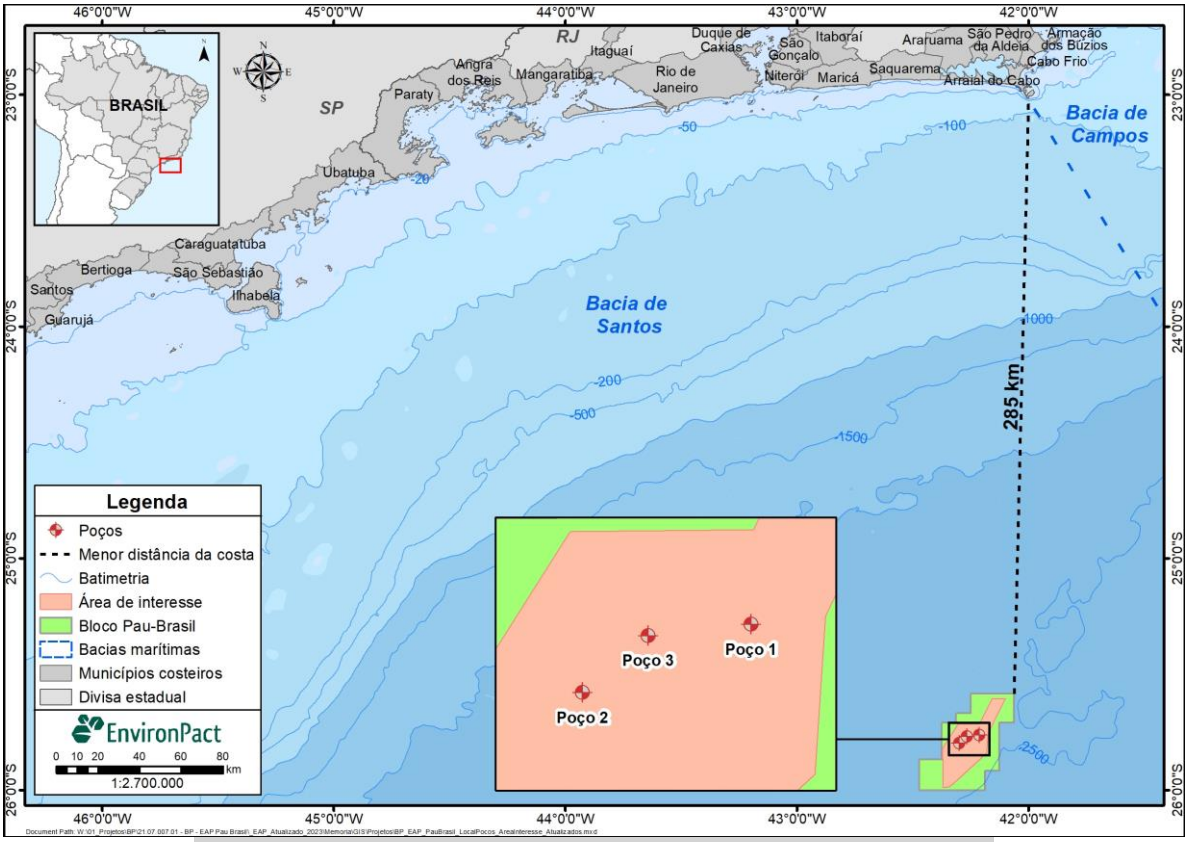


Figura 1: Localização do Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos.

O presente documento acrescenta critérios de relevância na definição destas áreas potencialmente afetadas, com base no Mapeamento Ambiental para Resposta à Emergência no Mar (MAREM) (IBP, 2016).

3.1. Mapeamento Ambiental para Resposta à Emergência no Mar (MAREM)

Para desenvolvimento de um Plano de Proteção à Fauna operacional, com informações relevantes para tomadas de decisão durante um eventual derramamento de óleo no mar, é de suma importância o conhecimento das espécies e das áreas vulneráveis e prioritárias para proteção, presentes na região do derramamento. Com essas informações é possível realizar um planejamento eficaz no que se refere à organização geográfica das instalações de atendimento à fauna e à seleção das estratégias de proteção a serem consideradas.

Para tal, será considerada a metodologia e dados constantes no MAREM, que é uma base de dados georreferenciados de toda a costa brasileira disponível *online* (http://www.marem-br.com.br) desenvolvida no âmbito de Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP).

O MAREM é composto pelo Projeto de Proteção e Limpeza de Costa e pelo Projeto de Proteção à Fauna. O Projeto de Proteção à Fauna contemplou amplo levantamento de dados secundários sobre espécies e áreas relevantes e prioritárias para proteção na costa do Brasil. O Projeto de Proteção à Fauna do MAREM integra o Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE-Fauna) do IBAMA, lançado em outubro de 2016 (IBAMA, 2016). Este plano nacional subsidia as ações de preparação e resposta aos derramamentos de significância nacional.

Vale ressaltar que o Projeto de Proteção à Fauna tem abrangência nacional e se orientou pelas diretrizes da CGPEG/DILIC/IBAMA, dispostas no documento intitulado “Orientações para Plano de Proteção à Fauna” (IBAMA, 2015), adaptando a nomenclatura e o formato de apresentação dos dados, de forma a tornar o produto mais operacional para equipes de resposta à fauna e condizente com o nível de detalhamento disponível no Brasil.

A metodologia utilizada para o Projeto de Proteção à Fauna do MAREM (**ANEXO 1**) foi apresentada, discutida e validada durante reuniões técnicas com representantes do PAE-Fauna, em Brasília e em congressos nacionais e internacionais (RUOPPOLO *et al*., 2015 e 2016).

Para organização dos dados levantados, o litoral brasileiro foi dividido em 18 Unidades Geográficas (**Figura 2**), utilizando-se critérios biogeográficos (distribuição das espécies e ecossistemas), geopolíticos (limites dos estados e municípios) e operacionais (limites das bacias sedimentares de óleo e gás).

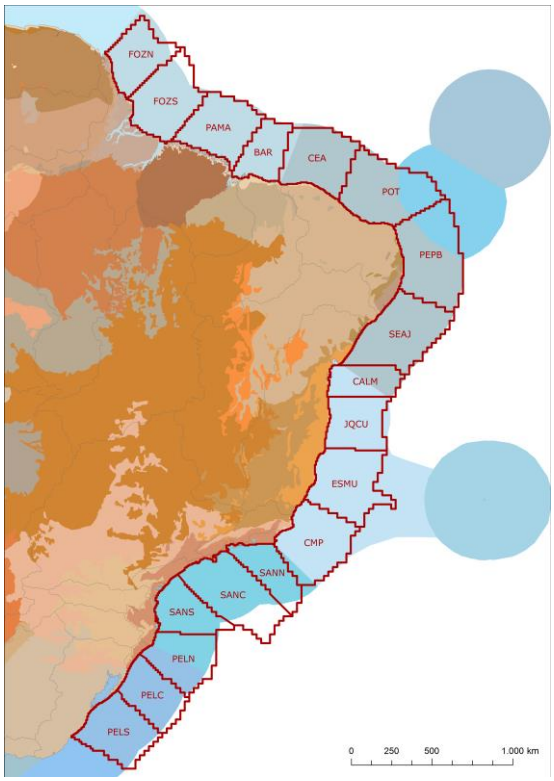


Figura 2: Unidades geográficas do Mapeamento Conjunto das Espécies de Fauna (Fonte: IBP, 2016).
Notas: FOZN = Foz do Amazonas Norte**; FOZS =** Foz do Amazonas Sul**; PAMA =** Pará-Maranhão**; BAR =** Barreirinhas**; CEA =** Ceará**; POT =** Potiguar**; PEPB =** Pernambuco-Paraíba**; SEAJ =** Sergipe-Alagoas-Jacuípe**; CALM =** Camamu-Almada**; JQCU =** Jequitinhonha-Cumuruxatiba**; ESMU =** Espírito Santo-Mucuri**; CMP =** Campos; SANN = **Santos Norte; SANC =** Santos Centro**; SANS =** Santos Sul**; PELN =** Pelotas Norte**; PELC =** Pelotas Centro**; PELS =** Pelotas Sul

3.2. Delimitação da Área de Interesse

Para delimitação da área de interesse deste PPAF foram considerados os resultados da modelagem de dispersão de óleo elaborada para a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (PROOCEANO, 2022). O estudo foi desenvolvido considerando a localização da atividade, 02 (duas) condições sazonais (Período 1 – setembro a fevereiro, e Período 2 – março a agosto) e 03 (três) descargas potenciais (pequena – 8 m³, média – 200 m³ e de pior caso). O volume da descarga de pior caso é decorrente da estimativa de perda de controle do poço (*blowout*) durante 30 dias, totalizando, nesse caso, 891.919 m³.

Para a simulação desenvolvida com a descarga de pior caso a partir da atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil (PROOCEANO, 2022), tem-se possibilidade de presença de óleo ao longo da costa dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul no Período 1 e na costa do estado de São Paulo no Período 2. A maior probabilidade de toque (4,0%) é esperada para o município de Imbituba/SC, no Período 1, e o menor tempo (30,8 dias) é

esperado para os municípios de Palhoça/SC e Paulo Lopes/SC também no Período 1, conforme apresentado na **Tabela 1.**

Tabela 1: Municípios com possibilidade de serem atingidos por derramamento de óleo (descarga de pior caso) durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (Fonte: Adaptado de PROOCEANO, 2022).

UF	Município	Probabilidade de presença de óleo (%)		Tempo mínimo de toque de óleo na costa (dias)	
		Período 1	Período 2	Período 1	Período 2
SP	Itanhaém	-	0,6	-	49,5
SC	Porto Belo	0,2	-	44,2	-
	Bombinhas	1,8	-	36,4	-
	Florianópolis	3,6	-	31,8	-
	Palhoça	1,4	-	30,8	-
	Paulo Lopes	3,4	-	30,8	-
	Garopaba	1,0	-	35,1	-
	Imbituba	4,0	-	35,5	-
	Laguna	1,2	-	33,5	-
	Jaguaruna	0,2	-	46,4	-
	Balneário Arroio do Silva	0,6	-	44,0	-
	Balneário Gaivota	0,4	-	45,2	-
RS	Torres	0,2	-	58,9	-
	Balneário Pinhal	0,2	-	49,1	-
	Mostardas	0,6	-	37,8	-
	Palmares do Sul	0,4	-	40,2	-
	Tavares	0,4	-	57,2	-
	São José do Norte	0,4	-	58,9	-

Nota: Os valores em cinza foram retirados dos resultados em superfície e na coluna d'água para os municípios que não apresentaram massa acumulada na costa acima do limiar monitorado. Estes resultados foram obtidos a uma distância de menos de 2 km da costa.

Legenda:

Maior valor para probabilidade de presença de óleo (%).

Menor valor para tempo mínimo de toque de óleo na costa (dias).

Com relação a Unidades de Conservação, o estudo da dispersão (PROOCEANO, 2022) demonstrou que a maior probabilidade (6,2 %) e tempo mínimo (28,9 dias) de toque ocorrem para a Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (SC) no Período 1 (**Tabela 2**). No Período 2, a maior probabilidade de toque (0,8%) e tempo mínimo de toque (48,8 dias) ocorrem na Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral do Centro (SP).

Tabela 2: Unidades de Conservação com possibilidade de serem atingidas por derramamento de óleo (descarga de pior caso) durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (Fonte: Adaptado de PROOCEANO, 2022).

UF	Unidade de Conservação	Probabilidade de presença de óleo (%)		Tempo mínimo de toque de óleo (dias)	
		Período 1	Período 2	Período 1	Período 2
RJ	RESEX Marinha Arraial do Cabo	-	0,2	-	56,0
SP	APA Marinha do Litoral Centro	-	0,8	-	48,8
	ARIE Ilhas Queimada Grande e Queimada Pequena	-	0,2	-	49,6
	APA Marinha do Litoral Sul	-	0,2	-	59,6
SC	PNM Costeira de Zimbros	0,2	-	44,0	-
	REBIO Marinha do Arvoredo	2,6	-	31,3	-
	AT Dunas dos Ingleses	0,4	-	39,4	-
	PNM Lagoa do Jacaré das Dunas do Santinho	0,6	-	39,4	-
	AT Dunas do Santinho	0,6	-	39,5	-
	RPPN Morro das Aranhas	0,4	-	48,1	-
	PE do Rio Vermelho	0,4	-	48,1	-
	PNM da Galheta	0,4	-	43,8	-
	MN da Galheta	0,4	-	43,8	-
	PNM das Dunas da Lagoa da Conceição	0,6	-	50,6	-
	PNM da Lagoinha do Leste	1,4	-	33,2	-
	APA da Baleia Franca	6,2	-	28,9	-
	PE da Serra do Tabuleiro	3,4	-	30,7	-
	APA do Entorno Costeiro	1,4	-	30,7	-
	REBIO Praia do Rosa	0,6	-	50,9	-
RS	RVS Ilha dos Lobos	0,2	-	58,9	-
	PARNA da Lagoa do Peixe	0,4	-	56,6	-

Nota: Os valores em cinza são dos resultados de superfície e da coluna d'água que foram observados a uma distância de menos de 2 km da UC.

Legenda:

AT: Área Tombada; APA: Área de Proteção Ambiental; ARIE: Área de Relevante Interesse Ecológico; MN: Monumento Natural; PARNA: Parque Nacional; PE: Parque Estadual; PNM: Parque Natural Municipal; REBIO: Reserva Biológica; RESEX: Reserva Extrativista; RVS: Refúgio de Vida Silvestre.

Maior valor para probabilidade de presença de óleo (%).

Menor valor para tempo mínimo de toque de óleo na costa (dias).

Foi definida como área de interesse deste PPAF toda a região com probabilidade de passagem do óleo, considerando a integração dos resultados obtidos para as simulações de descarga de pior caso em ambas condições sazonais. Conforme apresentado na **Figura 3** a extensão dessa área se extende pela Unidades Geográficas: Campos (CMP), Santos Norte (SANN), Santos Centro (SANC), Santos Sul (SANS), Pelotas Norte (PELN), Pelotas Centro (PELC) e Pelotas Sul (PELS).

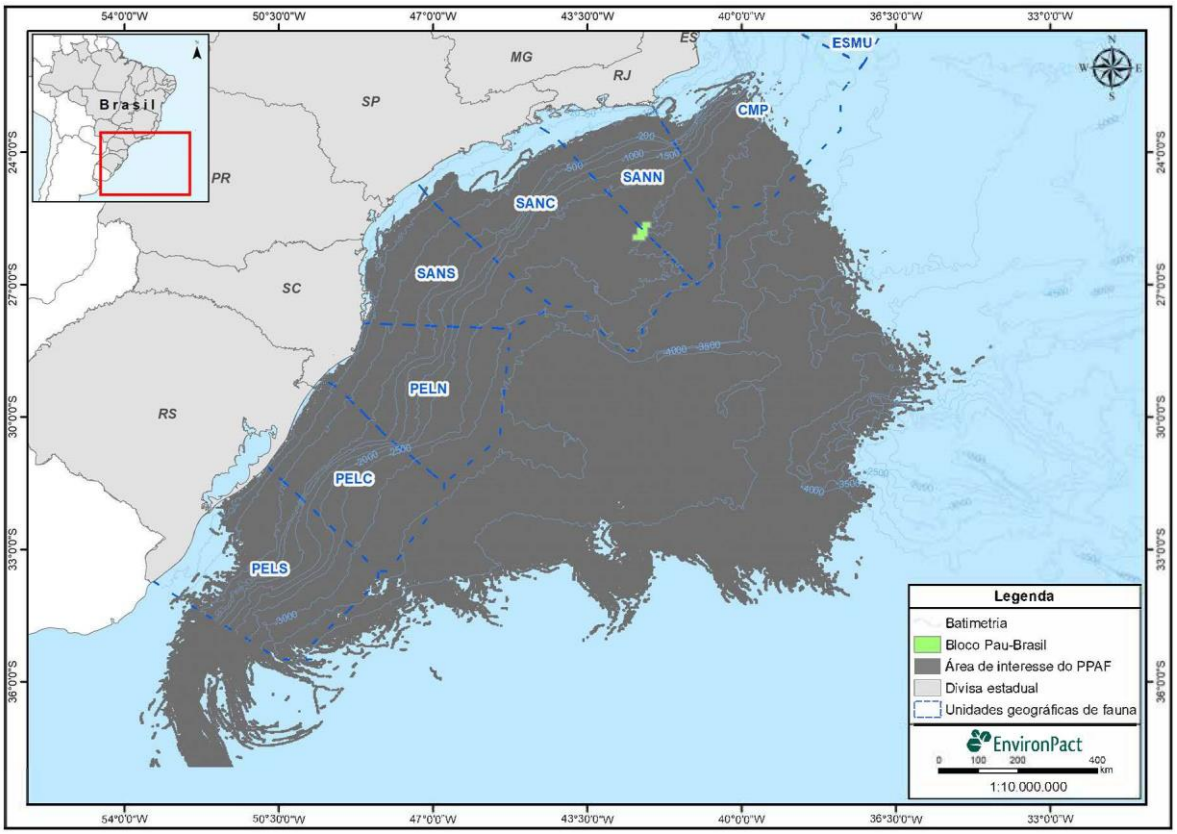


Figura 3: Delimitação da Área de Interesse do Plano de Proteção à Fauna para a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos.

3.3. Espécies Vulneráveis

Conforme critérios descritos no MAREM (IBP, 2016), é considerada espécie vulnerável qualquer espécie que possa ser impactada direta ou indiretamente por um derramamento de óleo na costa brasileira, ou cujo impacto das ações das equipes de resposta possa ser altamente relevante para a sua conservação. Em princípio, uma espécie é considerada vulnerável se ela possuir ocorrência na região costeira do país (na Zona Econômica Exclusiva do Brasil, no contorno da costa, ou em águas salobras ou de estuário ou em áreas terrestres a até 10 km da linha de costa) e se enquadrar em um ou mais dos seguintes critérios:

a) Espécies com hábitos e comportamentos que possam resultar em exposição primária ao óleo, isto é, espécies aquáticas ou cujos comportamentos de repouso ou alimentação podem estar relacionados a ambientes aquáticos.
b) Espécies com comportamentos que possam resultar em exposição secundária ao óleo, isto é, espécies que podem se alimentar de animais com hábitos aquáticos que estejam oleados ou de suas carcaças.

c) Espécies que não possuem hábitos ou comportamentos que possam resultar em exposição primária ou secundária, porém que são consideradas ameaçadas, quase ameaçadas ou deficientes em dados e que seguindo o princípio de precaução seriam particularmente vulneráveis aos impactos das atividades de resposta a um derramamento de óleo.

Com base nesses critérios e considerando a área de interesse deste PPAF, foi identificado um total de 455 espécies (241 de avifauna, 55 de herpetofauna e 159 de mastofauna) que estariam potencialmente sujeitas aos impactos de um derramamento de óleo de pior caso durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos.

O **APÊNDICE 1** apresenta, junto aos mapas de vulnerabilidade ambiental, a listagem completa das espécies vulneráveis contempladas por este Plano, com o detalhamento de sua sazonalidade, do seu estado de conservação segundo órgãos nacionais e internacionais e de suas características gerais, dentre outras informações relevantes sobre cada espécie. Ressalta-se que, considerando a atualização da lista nacional de espécies ameaçadas de extinção (MMA, 2022), o estado de conservação das 455 espécies vulneráveis identificadas para este Plano foi revisado.

3.4. Espécies Prioritárias

Para definição das espécies prioritárias para proteção em casos de acidente com derramamento de óleo no mar, foi considerada a árvore decisória (**Figura 4**) desenvolvida para o Projeto de Proteção à Fauna do MAREM.

Considerando as características biológicas, ecológicas e comportamentais destes animais, foram consideradas prioritárias as espécies vulneráveis que apresentavam uma das seguintes características abaixo:

- Espécie possui, com relativa frequência, comportamentos ou hábitos que resultam em moderada ou elevada suscetibilidade de exposição ao óleo (mergulho ou natação, flutuação na água, alimentação na água ou planície de marés ou rochedos ou praias, ingestão de óleo, necrofagia de carcaças de animais marinhos etc.) e é considerada ameaçada de extinção (categorias vulnerável-VU, em perigo-EN e criticamente em perigo-CR), quase ameaçada (NT) ou deficiente em dados (DD) em esfera internacional, nacional ou estadual.
- Espécie altamente endêmica e/ou considerada criticamente ameaçada de extinção (CR) em esfera internacional, nacional ou estadual.

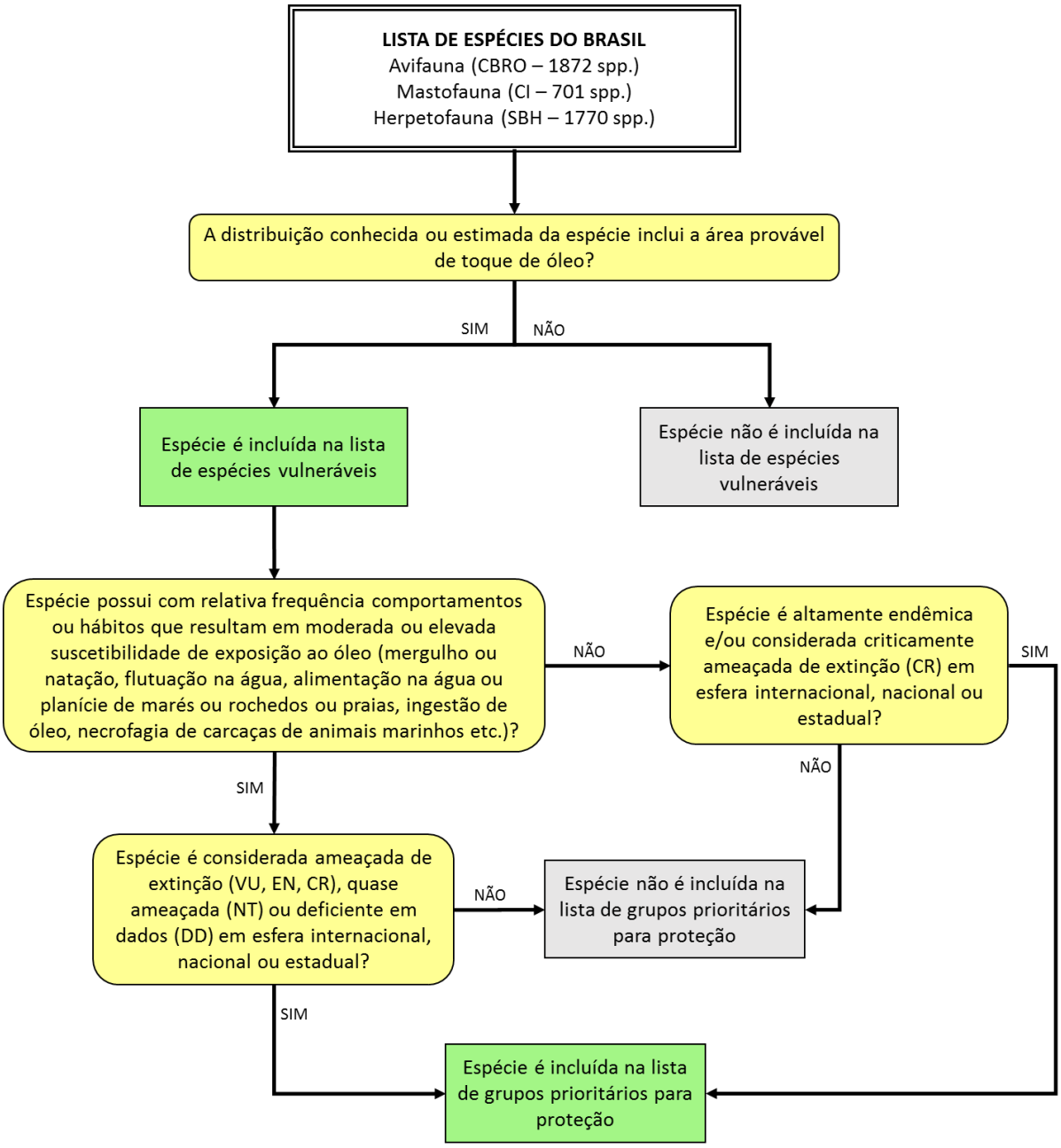


Figura 4: Árvore de decisão para classificação de uma espécie em vulnerável e em prioritária para proteção (Fonte: IBP, 2016).

Com o objetivo de tornar os dados do MAREM funcionais para equipes de gerenciamento e de resposta a emergências, as informações sobre cada espécie prioritária foram consolidadas em Fichas Estratégicas de Resposta (FERs). Nessas fichas são apresentadas informações fundamentais para a equipe de resposta à fauna, dentre as quais pode-se citar: comportamento do animal, identificação da espécie, tipos de habitat e alimentação, reprodução e ciclo de vida, particularidades relevantes, assim como o detalhamento sazonal da ocorrência da espécie no Brasil.

Com base nos critérios apresentados na **Figura 4**, foi identificado um total de 206 espécies prioritárias (106 de avifauna, 33 de herpetofauna e 67 de mastofauna) para proteção em caso de derramamento de óleo de pior caso no mar durante a atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos. A lista dessas espécies prioritárias e as respectivas FERs são apresentadas no **APÊNDICE 2**.

3.5. Áreas Relevantes e Prioritárias para Proteção

Para identificar as áreas relevantes e prioritárias para a proteção à fauna durante um eventual derramamento de óleo durante a atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, foram utilizados os resultados da modelagem de óleo (PROOCEANO, 2022) e a metodologia desenvolvida pelo MAREM (**ANEXO 1**).

O processo de avaliação e classificação do litoral brasileiro, desenvolvido no projeto MAREM, foi realizado através de dados publicados na literatura científica e utilizando fluxograma de decisão padronizado (**Figura 5**), que culminou no enquadramento de cada localidade em uma das seguintes categorias: 1) área relevante, 2) área prioritária ou 3) área com prioridade a ser definida no momento do incidente.

De acordo com o MAREM (IBP,2016), é considerada como **área relevante** a localidade que apresenta uma das seguintes características:

- Ser listada como área prioritária para conservação de espécies vulneráveis segundo critérios nacionais ou internacionais;
- Apresentar literatura evidenciando a ocorrência de reprodução de espécies prioritárias, ainda que não seja considerada uma área de importância primária para reprodução dessas espécies;
- Apresentar literatura evidenciando a ocorrência de endemismo de espécies prioritárias; e/ou
- Apresentar características oceanográficas que possam resultar em concentração de fauna (tais como áreas de ressurgência, manguezal, ilhas etc.).

Por outro lado, para que uma localidade seja classificada como **área prioritária**, ela precisa ser reconhecida na literatura científica como:

- Área de importância primária para reprodução de alguma espécie vulnerável (nidificação, incubação, berçário e cuidado parental);
- Área de elevada concentração de alguma espécie vulnerável; e/ou
- Área com ocorrência de espécie altamente endêmica.

Localidades que não apresentem evidência na literatura científica que indique a necessidade de uma relevância ou priorização particular para os recursos de proteção à fauna em caso de derramamento de óleo são consideradas como áreas com prioridade de proteção a ser definida. Apesar de estas áreas não terem sido pré-identificadas como prioritárias ou relevantes, elas ainda assim podem ser designadas como tal, em função de particularidades da emergência.

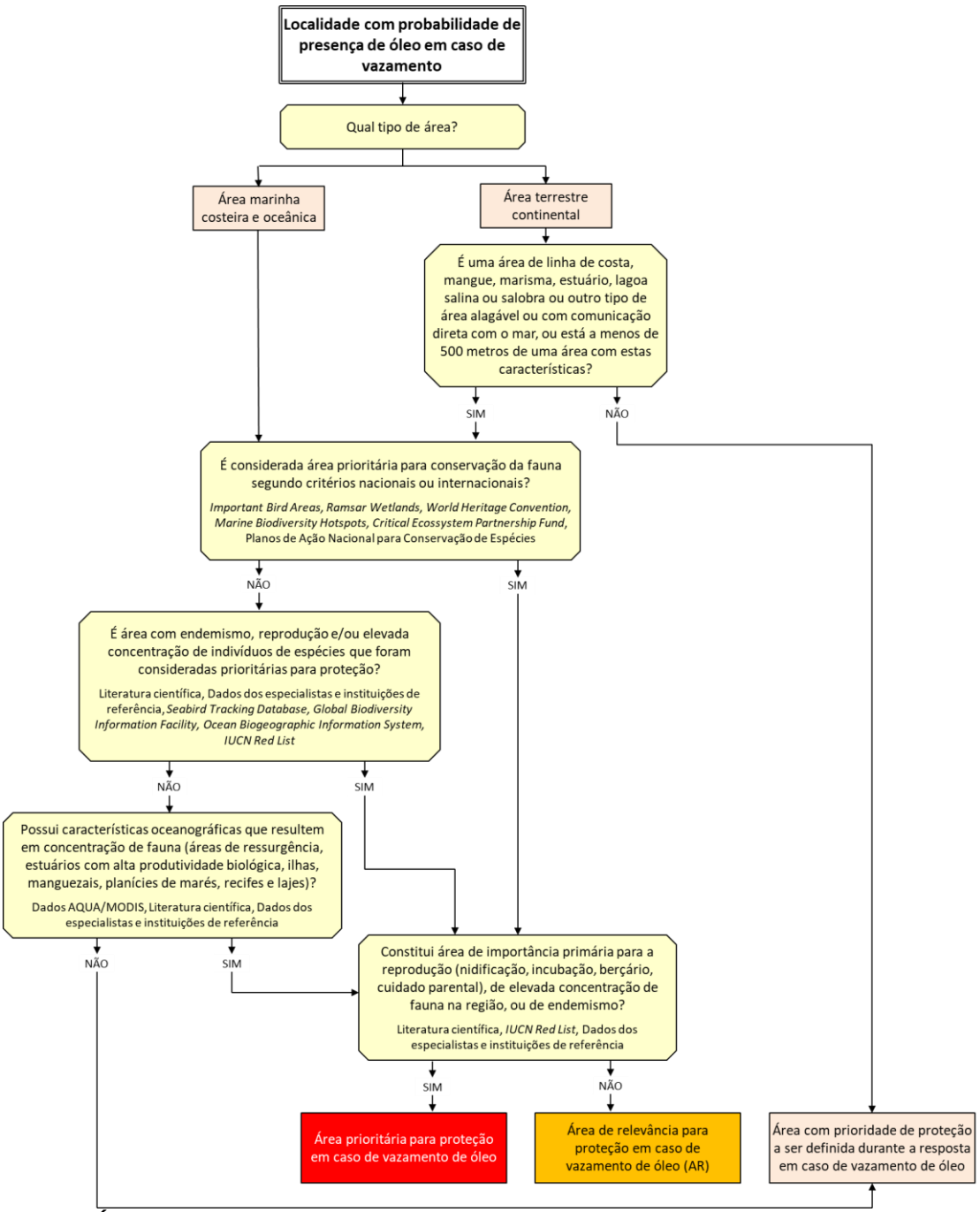


Figura 5: Árvore decisória para classificação de uma localidade entre área prioritária, área relevante ou área com proteção a ser definida de acordo com o cenário do derramamento de óleo no mar (Fonte: IBP, 2016).

Assim como desenvolvido para espécies prioritárias, com o objetivo de tornar os dados do MAREM funcionais para equipes de gerenciamento e de resposta a emergências, as informações sobre áreas prioritárias foram consolidadas em Ficha Estratégica de Resposta (FER). Nessas Fichas são apresentadas informações fundamentais para a equipe de resposta à fauna, dentre as quais podemos citar: forma de acesso, proteção legal, características gerais, justificativa de priorização e particularidades relevantes para equipes de resposta.

Considerando a área de interesse deste PPAF foi realizada análise espacial georreferenciada para verificar quais localidades identificadas pelo MAREM teriam potencial de serem impactadas. Para a simulação desenvolvida com descarga de pior caso a partir da atividade de perfuração da bp no Bloco Pau-Brasil, foram identificadas 18 áreas prioritárias ao longo dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com possibilidade de toque de óleo. A lista destas localidades, bem como as principais informações sobre essas regiões e as respectivas FERs são apresentadas no **APÊNDICE 3**.

É importante notar que a avaliação realizada representa uma ferramenta para tomada de decisão da Equipe de Gerenciamento de Incidentes durante o planejamento das ações de resposta. Caso ocorra derramamento de óleo no mar a partir do Bloco Pau-Brasil, a bp irá implementar as medidas necessárias e adequadas para minimizar os impactos às localidades e espécies de fauna vulneráveis ao óleo em todas as zonas (oceânica, nerítica e costeira).

3.6. Mapa de Vulnerabilidade Ambiental

Os mapas de vulnerabilidade ambiental da fauna (**APÊNDICE 1**) foram desenvolvidos de acordo com as diretrizes da CGMAC/DILIC/IBAMA apresentadas no documento “Orientações Gerais para Confecção de Mapas de Vulnerabilidade Ambiental (Proteção à Fauna)”. As informações foram inseridas de modo a permitir a visualização adequada das áreas prioritárias e/ou relevantes para proteção de fauna indicadas neste PPAF e o rápido entendimento pelos respondedores.

As frentes dos mapas apresentam as informações das áreas onde há espécies, representadas por simbologia (reprodução, endêmicas e/ou moderada/elevada concentração na localidade) e numeração (quando aplicável) específicas.

A fim de complementar as informações apresentadas na frente do mapa, o respectivo verso contém a lista de todas as espécies vulneráveis presentes na região contemplada pelo mapa, ou seja, nas Unidades Geográficas de Fauna e habitat/zona de ocorrência com possibilidade de toque que aparecem no recorte. As espécies são apresentadas de acordo com o Grupo da Carta SAO e do habitat/zona de ocorrência.

A numeração abaixo de cada ícone de recurso biológico, seja na frente ou no verso dos mapas, é a referência para a primeira coluna das tabelas que acompanham o mapa. Esta numeração permite a correlação com as informações detalhadas, incluindo características, alimentação, local de ocorrência, sazonalidade de ocorrência e de reprodução, estado de conservação, etc. sobre todas as espécies vulneráveis identificadas na Área de Interesse deste PPAF.

4. ASPECTOS OPERACIONAIS DA RESPOSTA À FAUNA

As estratégias de resposta são orientadas de modo a assegurar o atendimento à fauna por equipes qualificadas e em tempo adequado, com estrutura e procedimentos operacionais compatíveis com as melhores práticas internacionais (EMSA, 2004, 2013; IPIECA, 2004; MNZ, 2010; IPIECA/IOGP 2016a, 2016b, 2017; NWACP, 2014).

Para facilitar a categorização e estruturação adequadas do plano, a resposta à fauna foi categorizada em três níveis, de acordo com sua escala e gravidade (IPIECA, 2004; IPIECA/IOGP 2016b):

- **Incidentes *Tier* 1:** Capazes de serem combatido com recursos locais.
- **Incidentes *Tier* 2:** Necessitam de mobilização de recursos regionais.
- **Incidentes *Tier* 3:** Necessitam de mobilização de recursos internacionais.

4.1. Estrutura Organizacional de Resposta (EOR-FAUNA)

A experiência internacional demonstra os benefícios do uso de uma estrutura de comando unificado, organizada através dos princípios de um Sistema de Comando de Incidente (ANP, 2013; NIMS, 2011). É imprescindível que em todas as atividades de resposta à emergência haja uma coordenação que centralize as informações relativas às ações tomadas (Subseção de Fauna na Seção de Operações e Especialista de Fauna na Seção de Planejamento), remetendo-as às suas coordenações e sendo o elo de comunicação com a equipe de gerenciamento da resposta a emergência para tomada de decisões de forma ordenada e hierárquica.

A **Figura 6** apresenta a Estrutura Organizacional da Equipe de Proteção à Fauna (EOR-FAUNA). É importante salientar que o número de pessoas e recursos destinados a cada grupo desta estrutura poderá ser expandido ou retraído de acordo com as necessidades identificadas pelo Diretor de Fauna ou pelo Especialista de Fauna. Todos os profissionais mobilizados para compor a Subseção de Fauna estão aptos a atuarem em ambas as funções. Além disso,em incidentes menores, uma mesma pessoa pode ocupar mais de uma função dentro da EOR.

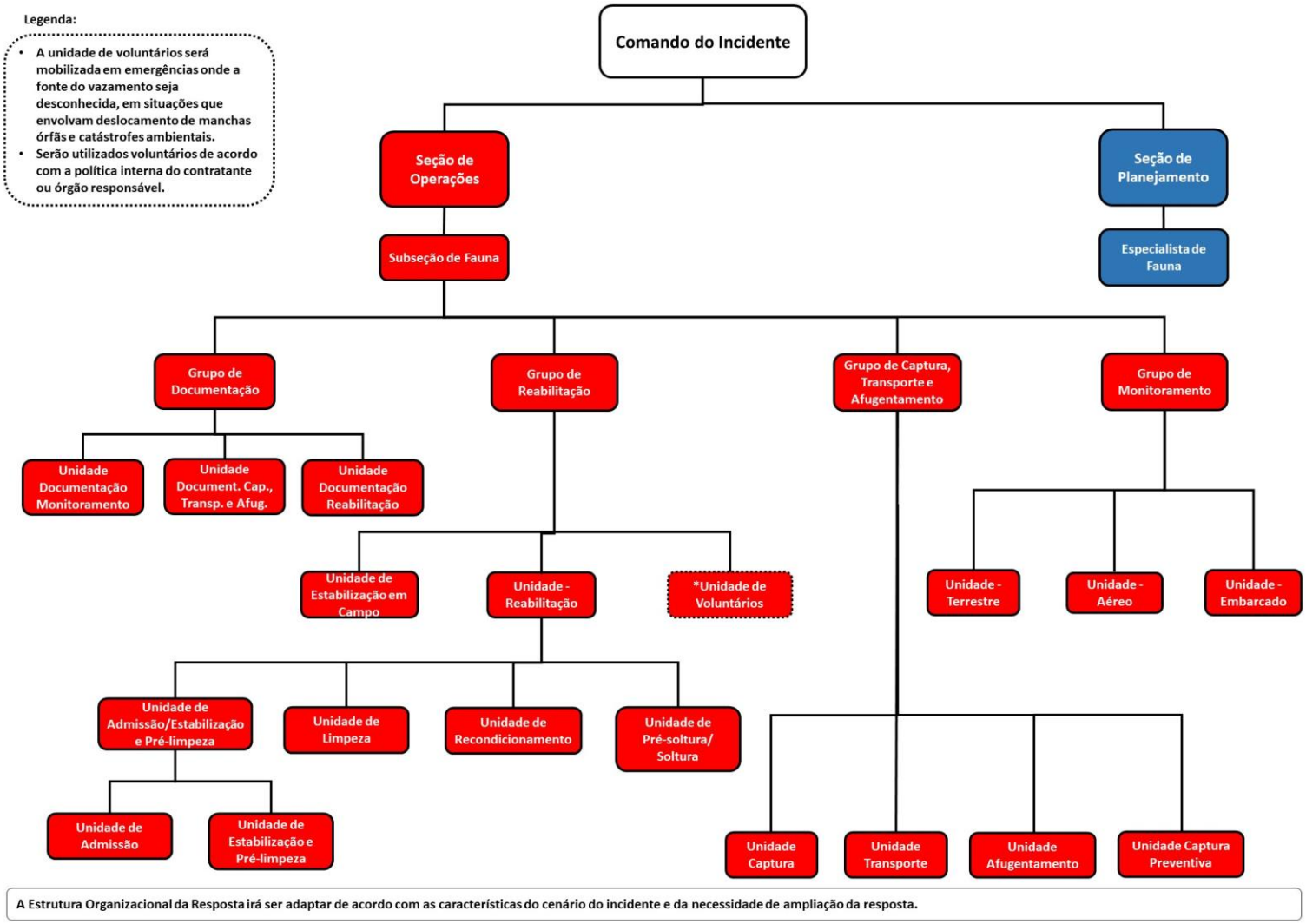


Figura 6: Estrutura Organizacional da Equipe de Proteção à Fauna prevista para a atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos.

São descritas as atribuições e responsabilidades dos membros e grupos da Equipe de Proteção à Fauna:

- **Diretor da Subseção de Fauna e Diretor Substituto de Fauna:** Responsável por coordenar as atividades da Equipe de Proteção à Fauna e por supervisionar quatro grupos de operações (Monitoramento; Captura, Transporte e Afugentamento; Reabilitação; Documentação) durante um evento de derramamento de óleo.
- **Especialista de Fauna na Seção de Planejamento:** Responsável por compilar informações sobre recursos em risco (espécies e áreas), dar suporte à Subseção de Fauna na elaboração de planos de ação, mensagens, requisição de mapas e demais atividades de suporte à Equipe de Proteção à Fauna. Manter a Seção de Planejamento atualizada e alinhada sobre as ações realizadas no campo.
- **Supervisor do Grupo de Monitoramento:** Responsável por compilar as informações sobre monitoramento de fauna repassadas pelos líderes das unidades terrestre, embarcado e aéreo, informando regularmente todos os dados para o Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento. A informação seguirá para o Diretor da Subseção de Fauna, e servirá de subsídio para a Unidade de Meio Ambiente na Seção de Planejamento, para Seção de Operações da EOR do PEI, e para outros grupos da Equipe de Proteção à Fauna. O objetivo principal do monitoramento é avaliar as espécies, a abundância e localização de animais que foram ou podem vir a ser afetados pelo óleo, auxiliando no direcionamento das atividades do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento e no desenvolvimento de estratégias de resposta pelo Diretor da Subseção de Fauna, informado sobre os impactos potenciais do incidente. De acordo com o cenário do incidente, a função de Supervisor de Monitoramento de Fauna pode ser exercida pelo Diretor da Subseção de Fauna, Diretor Substituto de Fauna ou Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna. As atividades de monitoramento devem iniciar imediatamente após a notificação de um evento de derramamento de óleo.

- **Líder da Unidade de Monitoramento Terrestre:** Responsável por coletar as informações sobre monitoramento terrestre de fauna, passando regularmente todos os dados para o Supervisor do Grupo de Monitoramento. Os dados do monitoramento terrestre serão coletados e repassados, em tempo real, ao supervisor. Para um monitoramento efetivo de fauna é essencial uma equipe experiente. Os observadores devem ser capazes de identificar espécies e suas características comportamentais, bem como possuir conhecimento sobre fatores ecológicos locais. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Monitoramento Terrestre pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Monitoramento.
- **Líder da Unidade de Monitoramento Embarcado:** Responsável por coletar as informações sobre monitoramento embarcado de fauna, passando regularmente todos os dados para o Supervisor do Grupo de Monitoramento. Os dados do monitoramento embarcado serão coletados e repassados, em tempo real, ao supervisor. Para um monitoramento efetivo de fauna é essencial uma equipe experiente. Os observadores devem ser capazes de identificar espécies e suas características comportamentais, bem como possuir conhecimento sobre fatores ecológicos locais. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Monitoramento Embarcado pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Monitoramento.
- **Líder da Unidade de Monitoramento Aéreo:** Responsável por coletar as informações sobre monitoramento aéreo de fauna, passando regularmente todos os dados para o Supervisor do Grupo de Monitoramento. Os dados do monitoramento aéreo serão coletados e repassados, em tempo real, ao supervisor. Para um monitoramento efetivo de fauna é essencial uma equipe experiente. Os observadores devem ser capazes de identificar espécies e suas características comportamentais, bem como possuir conhecimento sobre fatores ecológicos locais. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Monitoramento Aéreo pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Monitoramento.

- **Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna:** Responsável por orientar e coordenar os líderes de captura e transporte de fauna sobre a coleta de carcaças e captura de animais vivos, e seu posterior transporte para as unidades de manejo de fauna oleada. Recomenda o afugentamento de fauna ao Diretor da Subseção de Fauna, guiado pelas informações reportadas pelo Líder de Afugentamento, pelos resultados de monitoramentos e informações sobre as espécies e regiões potencialmente afetadas. Ainda, indica a necessidade da captura preventiva de fauna, com base nos dados obtidos pelo Líder desta Unidade. De acordo com o cenário do incidente, a função de Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna pode ser exercida pelo Diretor da Subseção de Fauna, Diretor Substituto da Subseção de Fauna ou Supervisor do Grupo de Monitoramento de Fauna.
- **Líder da Unidade de Afugentamento:** Responsável por coordenar o afugentamento de fauna, guiado por fatores específicos da área e das espécies presentes durante o derramamento de óleo, e a disponibilidade de técnicas efetivas de afugentamento. O objetivo do afugentamento é minimizar prejuízos à fauna, através da tentativa de manter os animais longe do óleo ou das operações de limpeza. A equipe deve ser devidamente treinada no uso de equipamentos de afugentamento, bem como utilizar equipamentos de proteção e seguir as demais recomendações de segurança. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Afugentamento pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna.
- **Líder da Unidade de Transporte:** Responsável por coordenar o transporte de fauna estabilizada para o Centro/Instalação Fixa. A equipe deve ser devidamente treinada visando o bem estar da fauna durante o processo de transporte. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Transporte pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna.
- **Líder da Unidade de Captura:** Responsável por coordenar a coleta de carcaças e captura de animais vivos. A equipe deve ser devidamente treinada no uso de equipamentos de captura, bem como utilizar equipamentos de proteção e seguir as demais recomendações de segurança. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Captura pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna.

- **Líder da Unidade de Captura Preventiva:** Responsável por coordenar as ações de captura preventiva de fauna, orientado pelas características da região e do tipo de incidente, bem como pelas espécies presentes nas áreas potencialmente impactadas pelo derramamento de óleo. O objetivo é capturar os animais antes de serem impactados pelo óleo e translocá-los para uma região onde o risco de serem contaminados não existe, ou mantê-los em cativeiro até que possam ser liberados. A equipe deve ser composta por profissionais especializados e capacitados na utilização de equipamentos de captura, bem como utilizar equipamentos de proteção e seguir as demais recomendações de segurança. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Captura Preventiva pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Captura ou Supervisor do Grupo de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna.
- **Supervisor do Grupo de Reabilitação:** Responsável por compilar as informações relativas à reabilitação de fauna afetada, coordenando as ações das Unidades responsáveis pela estabilização, limpeza e recondicionamento dos animais, bem como da unidade de auxílio à esta função, a Unidade de Voluntários. Assegura que a fauna oleada receba o melhor cuidado possível através de assistência veterinária e demais cuidados de manejo; garantir a avaliação completa dos animais oleados e coleta sistemática dos dados, de forma que o Diretor da Subseção de Fauna possa obter estatísticas das ações de resposta à fauna.
- **Líder da Unidade de Voluntários:** Responsável por cadastrar, receber, orientar e direcionar os voluntários para auxiliar na resposta de fauna. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Voluntários pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Reabilitação.
- **Líder da Unidade de Reabilitação:** Responsável por assegurar que a fauna oleada receba o melhor cuidado possível através de assistência veterinária e demais cuidados de manejo; garantir a avaliação completa dos animais oleados e coleta sistemática dos dados, de forma que Supervisor do Grupo de Reabilitação possa obter estatísticas das ações de resposta à fauna. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder de Reabilitação pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Reabilitação.

- **Líder da Unidade de Admissão/Estabilização e Pré-limpeza:** Responsável por coordenar a entrada dos animais nos Centros/Instalações Fixa, garantindo que os animais oleados sejam avaliados clinicamente, passem por uma triagem e sejam estabilizados para posterior processo de limpeza. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Admissão/Estabilização e Pré-limpeza pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Reabilitação.
- **Líder da Unidade de Admissão:** Responsável por coordenar e realizar a identificação das espécies, avaliações clínicas e comportamentais da fauna oleada que ingressa nos Centros/Instalações fixas, bem como separar os animais em grupos para tratamento de acordo com o estado de saúde. Ainda, o Líder da Unidade de Admissão ficará responsável pela coleta e armazenamento de amostras do óleo para posterior análises. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Admissão pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Estabilização e Pré-limpeza e pelo Líder da Unidade de Admissão/Estabilização e Pré-limpeza.
- **Líder da Unidade de Estabilização e Pré-limpeza:** Responsável por coordenar as ações para restabelecer as condições fisiológicas mínimas dos animais, para suportarem as próximas etapas da reabilitação. É o responsável por garantir a acomodação dos animais, conforto térmico e hidratação e alimentação. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Estabilização e Pré-limpeza pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Admissão e pelo Líder da Unidade de Admissão/Estabilização e Pré-limpeza.
- **Líder da Unidade de Limpeza:** Responsável por certificar que todos os animais, considerados aptos para limpeza, passem pelas etapas de banho, enxágue e secagem. Bem como garantir o emprego correto dos procedimentos de remoção do óleo. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Limpeza pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Reabilitação.
- **Líder da Unidade de Recondicionamento:** Responsável por assegurar que todos animais que passaram pelo processo de limpeza recebam os cuidados veterinários necessários para recuperação das suas condições fisiológicas, dentro do padrão para cada espécie. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Recondicionamento pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Reabilitação.

- **Líder da Unidade de Pré-soltura/Soltura:** Responsável por avaliar os animais que chegaram até esta etapa estejam em boas condições de saúde e com comportamento compatível com outros indivíduos da mesma espécie em vida livre. Além disso, é responsável por todo procedimento legal para destinação dos animais. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Pré-soltura e Soltura pode ser exercida pelo Líder da Unidade de Reabilitação.
- **Líder da Unidade de Estabilização em Campo:** Responsável pela coordenação das ações de cuidados veterinários para estabilização da fauna antes do transporte para um Centro. A distribuição das Instalações Móveis que atuarão na estabilização será decidida junto ao Diretor de Fauna e os Supervisores dos Grupos de Reabilitação e de Captura, Transporte e Afugentamento de Fauna. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Estabilização em Campo pode ser exercida pelo Supervisor do Grupo de Reabilitação.
- **Supervisor do Grupo de Documentação:** Responsável por garantir a coleta sistemática dos dados referentes às ações e procedimentos implementados, de forma que o Diretor de Fauna possa obter estatísticas das ações de resposta à fauna. De acordo com o cenário do incidente, a função de Supervisor da Unidade de Documentação pode ser exercida pelo Diretor da Subseção de Fauna.
- **Líder da Unidade de Documentação – Monitoramento:** Responsável por compilar os dados referentes às ações de monitoramento de fauna e repassá-los para o Supervisor do Grupo de Documentação. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Documentação – Monitoramento pode ser exercida pelo Supervisor da Unidade de Documentação.
- **Líder da Unidade de Documentação – Captura, Transporte e Afugentamento:** Responsável por compilar os dados referentes às ações de captura, transporte e afugentamento de fauna e repassá-los para o Supervisor do Grupo de Documentação. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Documentação – Captura, Transporte e Afugentamento pode ser exercida pelo Supervisor da Unidade de Documentação.
- **Líder da Unidade de Documentação – Reabilitação:** Responsável por compilar os dados referentes à reabilitação de fauna e repassá-los para o Supervisor do Grupo de Documentação. De acordo com o cenário do incidente, a função de Líder da Unidade de Documentação – Reabilitação pode ser exercida pelo Supervisor da Unidade de Documentação.

Para ocupar estas funções há um rol de pessoas integrantes da equipe da Aiuká Consultoria e Soluções Ambientais, bem como consultores nacionais e internacionais. É importante esclarecer que a designação de cada pessoa dentro da EOR-Fauna, a ser realizada pelo Diretor de Fauna, é flexível, respeitando suas qualificações, experiências profissionais e o cenário da emergência a ser atendido, assim como outras pessoas e estruturas poderão ser mobilizadas para integrar a EOR-Fauna, conforme necessário.

Para respostas em caso de incidente durante a atividade no Bloco Pau-Brasil, a equipe da Aiuká estará em prontidão[2], sediada em Rio das Ostras/RJ e Praia Grande/SP, inicialmente com a equipe indicada na **Tabela 3.** Entretanto, outros técnicos e especialistas poderão ser acionados para integrar a resposta à fauna, conforme se julgue necessário para atender plenamente às necessidades para a proteção da fauna.

Para respostas de *Tier* 3, a Aiuká conta ainda com acordos de cooperação com organizações internacionais que são referência em resposta à fauna e reabilitação de fauna marinha, e cujas equipes poderão ser mobilizadas em caso de incidentes de grande escala, como no caso do *International Bird Rescue* (IBR) – com base em Fairfield, nos Estados Unidos da América (**Tabela 4**).

Vale ressaltar que o acordo entre a Aiuká e o *International Bird Rescue* é, de fato, um contrato, com garantia de resposta, conforme especificado na carta de esclarecimento apresentada no **ANEXO 3**. O *International Bird Rescue* dispõe-se formalmente na pronta mobilização de membros de sua equipe, e assume o compromisso formal de atuar na EOR-Fauna quando mobilizado pela Aiuká.

É importante esclarecer, ainda, que os demais acordos, convênios e *Memorandums of Understanding* com as organizações listadas no inicío deste documento não são literalmente "contratos" no sentido jurídico estrito, devido aos inúmeros complicadores legais e burocráticos envolvidos no estabelecimento de contratos internacionais. No entanto, essas instituições possuem mecanismos e compromissos éticos organizacionais que asseguram a colaboração dos serviços durante a resposta.

[2] A declaração de vigência de contrato estabelecido entre a bp e a consultoria responsável pela execução do PPAF está incluída no **ANEXO 2**.

Tabela 3: Relação da equipe responsável pela execução do Plano de Proteção à Fauna.

Nome	Formação	Função				Tempo de Mobilização (horas)		Qualificação										Telefone	E-mail
		CO	AC	AM	AV	Unidade marítima	<Toque	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Rodolfo Pinho da Silva Filho[2]	MV, MSc.	✓	✓	✓	✓	10	8	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	13-98138 5782	rodolfo.silva@aiuka.com.br
Valeria Ruoppolo[3]	MV, Dr.	✓	✓	✓	✓	7	6	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	13-98138 5782	valeria.ruoppolo@aiuka.com.br
Caroline Bizarre Randi[3]	Bióloga, MSc.		✓	✓		7	6	✓			✓	✓	✓		✓	✓		13-97420 1364	caroline.bizarre@aiuka.com.br
Driellie Florencio de Melo[3]	Bióloga		✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	13-98138 5782	driellie.melo@aiuka.com.br
Gabriel Gonçalves Enne[1]	Biólogo		✓	✓		5	9	✓		✓	✓	✓			✓	✓		22-97402 5494	gabriel.enne@aiuka.com.br
Gabriel Prohaska Bighetti[3]	MV, MSc.		✓	✓	✓	7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	13-97420 1364	gabriel.prohaska@aiuka.com.br
Igor Izo Moraes Lyra[1]	Biólogo		✓	✓		5	9	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓		22-97402 5494	igor.lyra@aiuka.com.br
Igor Renato dos Santos Horta[3]	MV		✓	✓	✓	7	6	✓			✓	✓	✓		✓			13-97420 1364	igor.renato@aiuka.com.br
José Carlos dos Santos Neto[1]	MV	✓	✓	✓	✓	5	9	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	22-97402 5494	jc.neto@aiuka.com.br
Maria Clara S. Gomury[1]	M.V.		✓	✓	✓	5	9	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	22-97402 5494	mclara.sanseverino@aiuka.com.br

Tabela 3: Relação da equipe responsável pela execução do Plano de Proteção à Fauna.

Nome	Formação	Função				Tempo de Mobilização (horas)		Qualificação										Telefone	E-mail
		CO	AC	AM	AV	Unidade marítima	<Toque	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Maraya Lincoln Silva[3]	M. V.		✓	✓	✓	7	6				✓		✓		✓	✓		13-97420 1364	maraya.lincoln@aiuka.com.br
Maria Julia Florencio de Melo[3]	M. V.		✓	✓	✓	7	6				✓		✓		✓	✓		13-97420 1364	maria.melo@aiuka.com.br
Matheus Vasconcellos[3]	M.V.		✓	✓	✓	7	6	✓		✓	✓				✓	✓	✓	13-97420 1364	matheus.vasconcellos@aiuka.com.br
Mayra Aki Yamazaki Rocha[3]	Bióloga		✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓		13-98138 5782	mayra.aki@aiuka.com.br
Mirella Lauria D'Elia[1]	M.V., MSc.		✓	✓	✓	5	9	✓		✓	✓		✓		✓	✓	✓	22-97402 5494	mirella.delia@aiuka.com.br
Michelle Nogueira Lundstedt[1]	M.V.		✓	✓	✓	5	9	✓			✓	✓	✓		✓	✓		22-97402 5494	michelle.lundstedt@aiuka.com.br
Murilo Rainha Pratezi[3]	Biólogo, MSc.		✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	13-97420 1364	murilo.pratezi@aiuka.com.br
Natalia Moretti Rongetta[3]	Bióloga, MSc.		✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	13-98138 5782	natalia.moretti@aiuka.com.br
Paulo Sergio Valobra[3]	MV	✓	✓	✓	✓	7	6	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	13-97420 1364	paulo.valobra@aiuka.com.br
Rodrigo Del Rio do Valle[3]	M.V., Dr.	✓	✓	✓	✓	7	6	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		13-98138 5782	rodrigo.valle@aiuka.com.br

Tabela 3: Relação da equipe responsável pela execução do Plano de Proteção à Fauna.

Nome	Formação	Função				Tempo de Mobilização (horas)		Qualificação										Telefone	E-mail
		CO	AC	AM	AV	Unidade marítima	<Toque	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Tamiris dos Santos Rodrigues[1]	M.V.		✓	✓	✓	5	9	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	22-97402 5494	tamiris.rodrigues@aiuka.com.br
Tatiana Rapchan Quesada[3]	Bióloga		✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓		✓	13-98138 5782	tatiana.quesada@aiuka.com.br
Viviane Barquete[3]	Oceanóloga, Dr.	✓	✓	✓		7	6	✓		✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	13-98138 5782	viviane.barquete@aiuka.com.br
Yan Celli Ramos[1]	Biólogo, MSc.		✓	✓		5	9	✓			✓	✓	✓		✓	✓		22-97402 5494	yan.ramos@aiuka.com.br

Notas:
[1] Integra Equipe sediada em Rio das Ostras, RJ; [2] Integra Equipe sediada em Pelotas, RS; [3] Integra Equipe sediada em Praia Grande, SP.
Formação: MV – Médico Veterinário; MSc – Mestre; Dr. Doutor; **Função:** CO – perfil compatível com coordenador de ações; AC – perfil compatível com equipe de atividades em campo; AM – perfil compatível com equipe de manejo em cativeiro; AV - perfil compatível com procedimentos veterinários; **Unidade marítima:** tempo estimado entre o acionamento e a chegada da equipe para unidade marítima através do Aeroporto de Jacarepaguá/RJ; **Toque:** tempo estimado entre o acionamento e a chegada da equipe no município com menor tempo de toque (Palhoça/SC); **Qualificação**: 1.Treinamento em sistema de gerenciamento de emergências (Sistema de Comando de Incidentes ou similar); 2.Treinamento em operações e emergência com produtos perigosos (First Responder, HAZMAT ou similar); 3. Autorização de Anilhamento do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres – CEMAVE; 4. Conhecimento especializado da fauna regional; 5. Experiência em atividades de levantamento ou monitoramento de fauna em ambiente *offshore* ou costeiro; 6. Experiência no uso de métodos de captura de aves em ambiente *offshore* ou costeiro; 7. Experiência no uso de métodos de captura de mamíferos marinhos; 8. Experiência em reabilitação de fauna silvestre; 9. Experiência ou capacitação em manejo de fauna oleada; 10. Experiência em ações de proteção à fauna em eventos severos (Tier 3) de derramamento de produto oleoso e/ou rompimento de barragens.

Tabela 4: Equipe da instituição indicada como potencial recurso disponível para ampliação da resposta, em caso de emergências *Tier* 3.

Instituição	Função				Tempo de Mobilização (horas)	
	CO	AC	AM	AV	Unidade Marítima	<Toque
International Bird Rescue (IBR) – Fairfield, Estados Unidos da América	5	5	5	0	72	72

Notas:
Função: CO – quantitativo de profissionais com perfil compatível com coordenador de ações; AC – quantitativo de profissionais com perfil compatível com equipe de atividades em campo; AM – quantitativo de profissionais com perfil compatível com equipe de manejo em cativeiro; AV - quantitativo de profissionais com perfil compatível com procedimentos veterinários; **Unidade Marítima:** tempo estimado entre o acionamento e a chegada da equipe para embarque na unidade marítima através do Aeroporto de Jacarepaguá/RJ. **<Toque:** tempo estimado entre o acionamento e a chegada da equipe no município com menor tempo de toque (Palhoça/SC).

4.2. Unidades de Manejo de Fauna

De acordo com o Manual de Boas Práticas do Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE-Fauna) (IBAMA, 2018), os animais resgatados devem ser transportados para unidades de manejo de fauna, sejam elas, Centro, Instalação Fixa ou Instalação Móvel:

- **Centro:** Estrutura permanente designada para acomodação, limpeza, reabilitação, condicionamento e preparo para soltura de animais oleados;
- **Instalação Fixa:** Unidade de manejo temporária fixa, designada para limpeza, reabilitação, condicionamento e preparo para soltura de animais oleados; e,
- **Instalação Móvel:** Unidade de manejo temporária móvel, designada para oferecer suporte às Instalações Fixas e Centros.

Em função dos resultados da modelagem de óleo (PROOCEANO, 2022) e considerando prioritariamente a proximidade da infraestrutura local disponível com as bases de apoio logístico, as seguintes instalações foram identificadas com potencial para atendimento a casos de fauna oleada em função de incidentes durante a atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil:

- **Centro Operacional da Aiuká no Rio de Janeiro (COP Aiuká RJ)**: Atuará como **Centro**, dispondo de todos os recursos humanos e materiais, além de equipamentos para as diferentes etapas do processo de reabilitação de fauna oleada.
- **Centro Operacional da Aiuká em São Paulo (COP Aiuká SP)**: Atuará como **Centro**, dispondo de todos os recursos humanos e materiais, além de equipamentos para as diferentes etapas do processo de reabilitação de fauna oleada.

Além das instalações mencionadas acima, que já se encontram mobilizadas e aptas a receber imediatamente os animais que necessitem de atendimento, caso o Diretor da Subseção de Fauna julgue necessário ampliar a capacidade de atendimento à fauna durante a resposta face à magnitude do incidente, outras Instalações Fixas e/ou Móveis poderão ser estabelecidas a partir da adaptação de uma instalação de oportunidade.

Estas estruturas teriam um tempo de mobilização de aproximadamente 120 horas após a decisão de sua necessidade, ampliando a capacidade de atendimento de animais e inclusive podendo ser utilizadas como sede para uma resposta à fauna *Tier* 2 e 3, beneficiando-se de uma localização privilegiada de acordo com as demandas específicas do incidente. Dependendo da evolução do acidente e das condições meteoceanográficas no momento da resposta, outros meios de transporte dos animais capturados e outras alternativas para mobilização dos recursos humanos e materiais poderão ser avaliadas.

Critérios como energia elétrica, rede de água e esgoto, banheiros e vestiários, ventilação adequada, proximidade da costa, proximidade das capitais, estruturas com áreas cobertas e área livre para ampliação da resposta são utilizados para definição de tais locais. Além disso, instalações de fácil acesso, próximas a pontos de apoio e centros de abastecimento e com possibilidade de controle de acesso são priorizadas.

Instalações de Oportunidade foram previamente mapeadas para a resposta e estão listadas na **Tabela 5**. Na eventualidade de uma emergência, um mapeamento mais detalhado considerando as características do incidente deverá ser realizado, de forma a selecionar estas ou outras instalações mais adequadas para a resposta no momento da emergência.

Tabela 5: Instalações de oportunidade pré-identificadas na área de atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

Foto	Nome e Localização
	Nome da instalação: Arena Albertina Salmon **Município:** Paranaguá – PR **Telefone:** (41) 3420-6000 **Endereço:** Rua João Régis, Ponta do Caju, Paranaguá , CEP: 83206-450

Tabela 5: Instalações de oportunidade pré-identificadas na área de atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

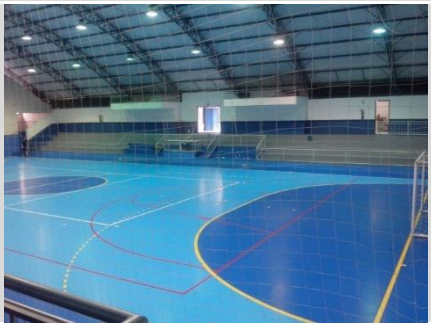
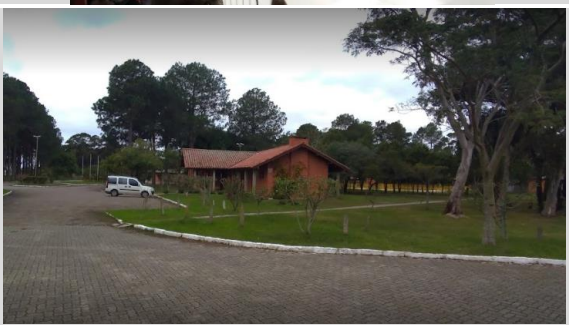
Foto	Nome e Localização
	Nome da instalação: Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná **Município:** Pontal do Sul – PR **Telefone:** (41) 3511-8600 **Endereço:** Av. Beira-mar, s/n, Pontal do Paraná, CEP: 83255-976
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes José Richa **Município:** Guaratuba – PR **Telefone:** (41) 3472-8500 **Endereço:** R. José Nicolau Abagge, 1284-1406, Guaratuba - PR, CEP: 83280-000
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes Ilda Soares Silvano **Município:** Guaratuba – PR **Telefone:** (41) 3472-8500 **Endereço:** 627 R. Cel. Alexandre Mafra, 627, Guaratuba – PR, CEP: 83280-000
	Nome da instalação: ARENA São Chico **Município:** São Francisco do Sul – SC **Telefone:** (47) 9 8462-0328 **Endereço:** Reta, São Francisco do Sul - SC, CEP 89240-000
	**Nome da instalação:** Ginásio Waldir Quirino da Luz **Município:** São Francisco do Sul – SC **Telefone:** (47) 3444-2333 **Endereço:** R. Flodoaldo Nobrega - São José do Acaraí, São Francisco do Sul - SC, CEP: 89240-000

Tabela 5: Instalações de oportunidade pré-identificadas na área de atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

Foto	Nome e Localização
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes Gabriel João Collares **Município:** Itajaí - SC **Telefone:** (47) 3341-6000 **Endereço:** R. Alberto Werner, 44 - São João, Itajaí - SC, CEP: 87303-160
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes Governador Irineu Bornhausen **Município:** Balneário Camboriú - SC **Telefone:** (47) 3360-0444 **Endereço:** Av. Santa Catarina, 700 - Estados, Balneário Camboriú - SC, CEP: 88330-000
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes Antônio Lourenço Borges **Município:** Balneário Arroio do Silva - SC **Telefone:** (48) 3526-2905 **Endereço:** Rua Elói Pedro Januário, Balneário Arroio do Silva - SC, CEP: 88914-000
	Nome da instalação: Centro Esportivo Machado **Município:** Torres - RS **Telefone:** (51) 3664-3698 **Endereço:** R. Luíz Gonzaga Capaverde, 733, Torres - RS, CEP: 95560-000
	Nome da instalação: Ginásio de Esportes da Ulbra Torres **Município:** Torres - RS **Telefone:** (51) 3626-2000 **Endereço:** Rua Universitária, 1900 - Parque do Balonismo, Torres - RS, CEP: 95560-000

Tabela 5: Instalações de oportunidade pré-identificadas na área de atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

Foto	Nome e Localização
	Nome da instalação: Ginasio Municipal Otto Birlem **Município:** Capão da Canoa - RS **Telefone:** (51) 3625-6185 **Endereço:** Av. Paraguassú, 1881, Capão da Canoa, RS, CEP: 95555-000
	**Nome da instalação:** AABB-Associação Atlética Banco do Brasil **Município:** Rio Grande - RS **Telefone:** (53) 3230-1818 **Endereço:** Travessa, R. Visc. do Itaboraí, s/n, Rio Grande - RS
	Nome da instalação: Futsal Society Bubolz **Município:** Rio Grande - RS **Telefone:** (53) 98138-6963 **Endereço:** R. Manoel Gonzáles Lopes, 623 - Vila Recreio, Rio Grande - RS, CEP: 96213-240
	Nome da instalação: Ginásio Engenheiro Heitor Amaro Barcellos **Município:** Rio Grande - RS **Telefone:** (53) 3232-4521 **Endereço:** Rua Dr. Nascimento, 14, Centro, Rio Grande, CEP: 96200-300
	Nome da instalação: Ginásio Municipal Farydo Salomão **Município:** Rio Grande - RS **Telefone:** (53) 3233-6096 **Endereço:** R. Cristóvão Colombo, 360 - Cidade Nova, Rio Grande - RS, CEP: 96211-510

4.2.1. Localização geográfica das bases de apoio logístico e das unidades de manejo de fauna

Para o apoio logístico e operacional às atividades de resposta à fauna, a bp considera 03 (três) possibilidades de bases de apoio marítimo: Nitshore Engenharia e Serviços Portuários S/A (Nitshore), localizada no município de Niterói/RJ; Brasil Port Offshore Logística (B-Port), situada no complexo portuário do Açu, em São João da Barra/RJ; e a base da Wilson Sons - Caju, localizada no Rio de Janeiro/RJ. As bases alocadas nos munícipios de Niterói/RJ ou Rio de Janeiro/RJ, estão localizadas a aproximadamente 313 km de distância do Bloco Pau-Brasil (cerca de 17 h de deslocamento marítimo[3]), enquanto a base em São João da Barra/RJ dista aproximadamente 445 km do Bloco (cerca de 24 h de deslocamento marítimo[3]).

Como base de apoio aéreo será utilizado o Aeroporto de Jacarepaguá, localizado no município do Rio de Janeiro/RJ, a aproximadamente 309 km do Bloco Pau-Brasil (cerca de 01 h de deslocamento aéreo[4]). A localização do Bloco Pau-Brasil e sua distância até as instalações que poderão ser utilizadas como base de apoio estão indicadas na **Figura 7** e na **Figura 8**.

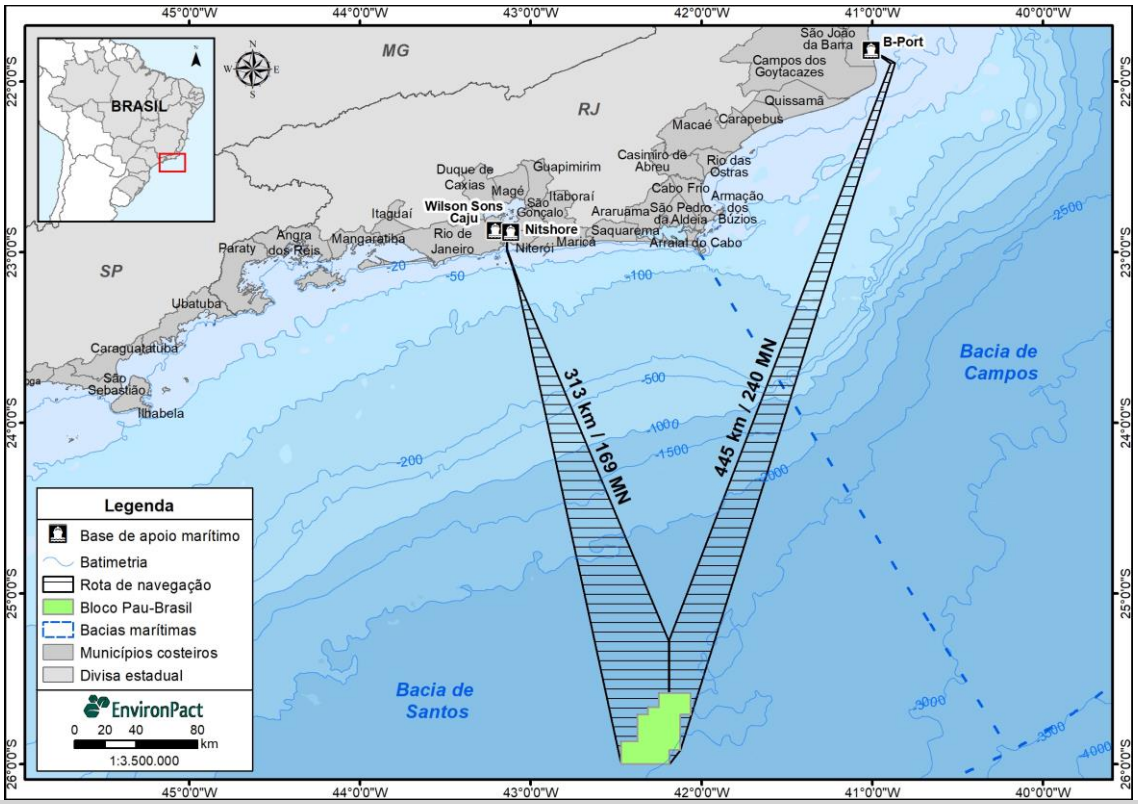


Figura 7: Distância entre o Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos, e as instalações que são consideradas para base de apoio marítimo.

[3] Considerando velocidade média de 10 nós para deslocamento marítimo.

[4] Considerando velocidade média de 300 km/h para deslocamento aéreo.

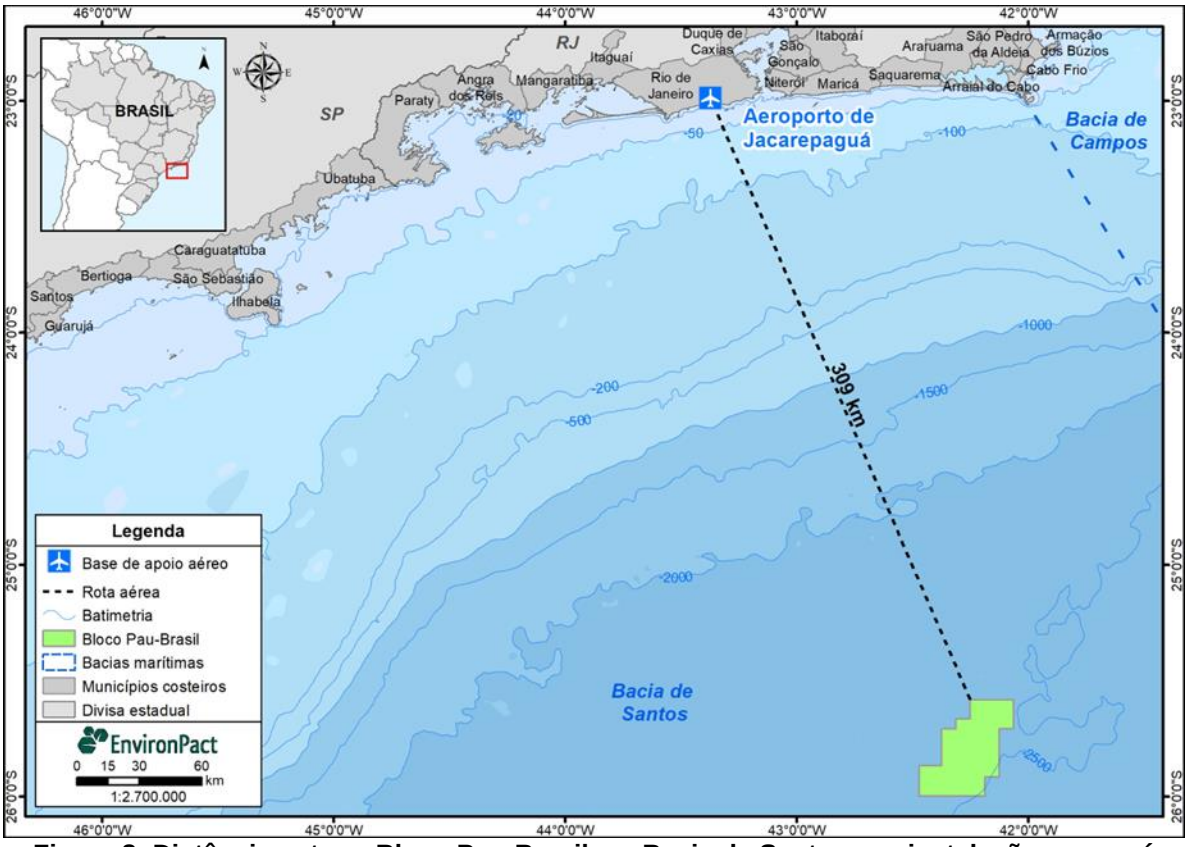


Figura 8: Distância entre o Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos, e a instalação que será utilizada como base de apoio aéreo.

As instalações de resposta à fauna estão dispostas de forma estratégica para minimizar o tempo de transporte e maximizar a eficiência no atendimento aos animais, conforme apresentado na **Figura 9**. A **Tabela 6** contém o tempo estimado para transporte dos animais entre as bases de apoio e os Centros. A **Tabela 7** contém informações detalhadas sobre a localização, capacidade de resposta e contatos de referência de cada instalação.

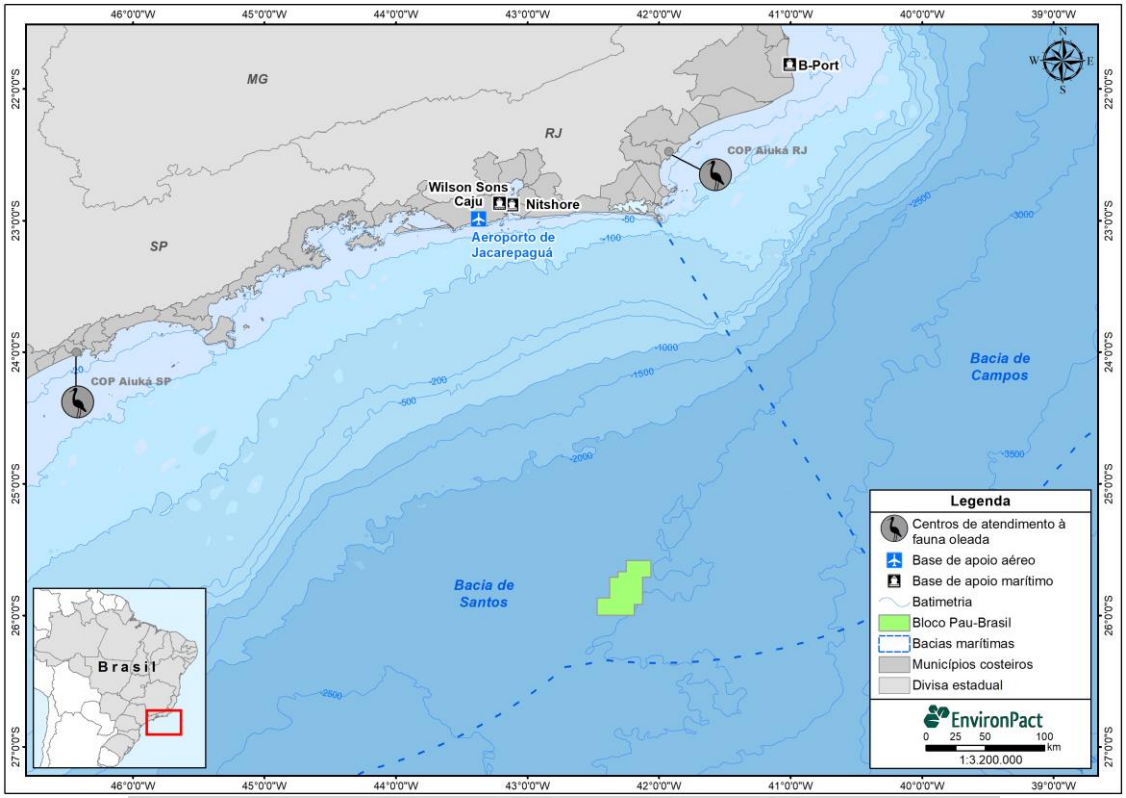


Figura 9: Distribuição Geográfica das Unidades de Manejo de Fauna.

Tabela 6: Estimativas de distância e tempo mínimo para o deslocamento entre as instalações de atendimento à fauna.

Origem	Destino	Distância	Meio de transporte	Tempo estimado[1]
Base de apoio marítimo em Niterói/RJ	COP Aiuká RJ	155 km	Veículo terrestre	03h30
Base de apoio marítimo em São João da Barra/RJ	COP Aiuká RJ	180 km	Veículo terrestre	04h00
Base de apoio marítimo em Rio de Janeiro/RJ	COP Aiuká RJ	170 km	Veículo terrestre	03h30
Aeroporto de Jacarepaguá	COP Aiuká RJ	190 km	Veículo terrestre	04h00
	Aeroporto de Congonhas [2]	345 km	Helicóptero	01h30
Aeroporto de Congonhas[2]	COP Aiuká SP	70 km	Veículo terrestre	01h30
COP Aiuká RJ	COP Aiuká SP	670 km	Veículo terrestre	13h30 [3]

Notas:

[1] O cálculo do tempo estimado considerou uma velocidade média de 50 km/h para veículo terrestre, 10 nós para embarcações e 300 km/h para helicóptero, sendo arredondado de 30 em 30 min.

[2] Apesar de não ser previsto como base de apoio aéreo, o aeroporto de Congonhas poderá ser utilizado como apoio, caso necessária a transferência de animais entre as instalações e/ou utilização do COP Aiuká SP.

[3] Caso haja necessidade de transferência de animais entre as instalações, deverá ser priorizado o transporte por via aérea, com utilização do Aeroporto de Congonhas.

Tabela 7: Relação de instalações de atendimento à fauna em caso de derramamento de óleo durante a atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

COD	UF	Município	Categoria	Nome	CTF	E	R	N	Telefone	Responsável	CAP[1]	CAP[2]	TM
COP Aiuká RJ	RJ	Rio das Ostras	Centro	Centro Operacional da Aiuká no Rio de Janeiro	6783738	X	X	X	(22) 2210-2119 (13) 98215-1866	Valeria Ruoppolo	N/A	250A 30Q 10P 2C	0 h
COP Aiuká SP	SP	Praia Grande	Centro	Centro Operacional da Aiuká em São Paulo	5124906	X	X	X	(13) 3491- 4074 (13) 3591-2255	Valeria Ruoppolo	N/A	200 A 100 Q 2 P 1 C	0 h

Nota: COD – Código de identificação da instalação; **UF** – Unidade Federal; **CTF** – Cadastro Técnico Federal; **E** – Estabilização; **R** – Reabilitação; **N** – Necropsia, **CAP[1]** – Capacidade máxima de atendimento permanente e **CAP[2]** – Capacidade máxima de atendimento em caso de ativação ou ampliação (A – Aves, C – Cetáceos, P – Pinípedes, Q – Quelônios; N/A – não se aplica); **TM** – Tempo de mobilização (tempo necessário para que as instalações sejam estabelecidas e aptas para exercerem as funções previstas no plano).

4.3. Equipamentos

A bp manterá nos Centros da Aiuká (COP Aiuká RJ e COP Aiuká SP) os equipamentos necessários para implementação do Plano de Proteção à Fauna durante a atividade de perfuração no Bloco Pau-Brasil (**Tabela 8**). É importante salientar, que outros equipamentos poderão ser mobilizados ou prontamente adquiridos conforme as necessidades específicas identificadas durante as etapas da resposta.

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Tenda retrátil	6	Tenda piramidal tipo gazebo retrátil 4 x 4 m; lona reforçada em PVC
Lateral removível para tenda	24	
Estacas de madeira	30	Fixação da tenta, sarrafo de 5 cm aparelhado com 60 cm de comprimento
Corda de polipropileno trançada	24	5 m; 3,5-4 mm; fixação da tenda
Mesa plástica	3	Dobrável;
Banqueta de plástico	8	
Piscina	6	Piscina retangular de lona PVC com capacidade de 5000 l + bomba filtro 127V
Rede multifilamento	50 m	Panagem de rede para pesca multifilamento, fio 210/8, malha 12 (rede camarão)
Balde plástico com alça	10	Volume 20 l; com tampa de rosca
Colher medidora	2	Plástico; conjunto com 5 colheres medidoras
Travessa de metal	10	Tipo assadeira; tamanhos variados
Bandeja plástica	6	Polietileno de alta qualidade; volume 3 l
Prato raso	60	Plástico; diversos tamanhos (20, 25 e 30 cm)
Liquidificador industrial	2	Capacidade de 2 l; copo de aço inox, 127 – 240V
Peneira P	3	Metal; diâmetro aproximado 12 cm
Peneira G	3	Metal; diâmetro aproximado 22 cm
Kit de funil	2	Plástico; *kit* com três funis (pequeno, médio e grande)
Tábua de corte plástico (G)	2	Polietileno; branca; para corte de alimento
Faca de corte (G)	2	Para corte do pescado
Lençol branco sem elástico	20	Dimensões aproximadas: (C X L) 188 x 138 cm
Toalha branca G	40	Dimensões aproximadas: (C X L) 130 x 70 cm
Toalha branca P	50	
Cobertor de lã G	6	Dimensões aproximadas: (C X L) 220 x 160 cm
Fronha branca	20	
Puçá pequeno (P)	6	Cabo de alumínio 150 cm dobrável; aro com Ø 50 cm; malha de multifilamento com até 2 cm de largura; capacidade de peso aprox. 500 g.
Puçá médio (M)	6	Cabo de alumínio 150 cm dobrável; aro com Ø 80 cm; malha de multifilamento com até 4c m de largura; capacidade de peso aprox. 1200 g.

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Puçá médio (G)	6	Cabo de alumínio 210 cm; aro com Ø 80 cm; malha de multifilamento com até 4cm de largura; capacidade de peso aprox. 1500 g.
Caixa de papelão	250	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 60 x 50 x 50 cm
Caixa de transporte IATA P	6	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 33 x 50 x 28 cm
Caixa de transporte IATA M	6	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 51 x 71 x 49 cm
Caixa de transporte IATA G	6	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 77 x 103 x 78 cm
Caixa de transporte de madeira GG	1	Transporte de grandes animais; dimensões aproximadas: (C X L X A) 160 X 100 X 120 cm
Carro plataforma para transporte	1	Capacidade 400 kg
Maca para transporte	2	Nylon impermeável; estrutura reforçada e tubo de alumínio de alta resistência; dimensões aproximadas: (C X L) 180 x 120 cm
Caixa para transporte de serpentes	2	Caixa de madeira específica para o transporte de animais peçonhentos; dimensões aproximadas: (C X L X A) 60 x 40 x 40 cm
Caixa de alimentação para pinguins	1	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 95 x 40 x 85 cm
Caixa plástica 45L	12	Caixa polietileno de alta densidade; tipo tabuleiro para pescado
Colchão forrado com napa	5	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 220 x 160 x 20 cm
Escudo de madeira	2	Dimensões aproximadas: (C X L X A) 80 x 0,20 x 120 cm
Gancho para répteis	2	Gancho para manuseio e contenção de serpentes (M)
Pinção para répteis	2	Cabo de 100-120 cm; punho tipo pistola; pinça tipo jacaré
Pinção para mamíferos	2	Cabo de 70-100 cm; punho tipo pistola; pinça tipo mandíbula “Aces”
Cambão	2	Cabo de 120-150 cm; laço metálico
Rede de captura multifilamento	1	Panagem de multifilamento 210/72 50mm; Dimensões aproximadas: (C X L) 500 x 500 cm
Bomba autoaspirante ou pressurizador de água	7	1HP; conjunto de tubulação, mangueiras e adaptadores diversos para conexão hidráulica, 127 – 240V
Aquecedor de água	7	Fluxo contínuo; exaustão forçada; GLP; vazão 8 l/min (1 kg/h)
Bacia média	6	Plástico; capacidade de 18 l
Bacia grande	6	Plástico; capacidade de 37 l
Escova de dentes	6	Cerdas macias
Jarra plástica	6	Volume (2 l) com graduação
Avental PVC	8	Plástico; branco; espessura 10-12 mm
Detergente	2	Galão de 5 l cada; detergente neutro de boa qualidade

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Secador pet	3	Potência 2500W, 127 – 240V
Lâmpada incandescente infravermelha de secagem	12	Potência 150W, 127 – 240V
Bolsa térmica	12	Água ou Termogel
Prato refletor de alumínio 16”	12	Referência: http://www.acrilus.com.br/552.html
Termômetro de água	2	Termômetro digital, flutuante, precisão ± 1°C, resolução 1°C, escala de -10 a 60° C
Kit teste dureza da água	1	Teste de dureza de água pelo método reflectométrico
Termostato com aquecedor	10	500W; 127 – 240V
Caixa d’água	4	PVC, volume aproximado 500 l
Recinto vertical modular	1	
Recinto horizontal inox	1	
Recintos móveis PVC	10	Tubos de PVC 1”, ¾”; lona reforçada, rede multifilamento
Mesa procedimento inox	3	
Colete salva-vidas	8	Modelo aprovado pela Marinha do Brasil; Classe III
Perneira (par)	4	
Macacão tyvek	50	Modelo 1422A branco; com elástico nos punhos e tornozelos; fechamento em zíper
Capa de chuva	20	PVC resistente
Óculos de proteção	20	
Bota de PVC cano longo	10	Tamanhos diversos
Botina com biqueira de aço	10	Bico metálico, tamanhos diversos
Capacete de segurança	4	Com catraca e jugular
Protetor auricular	1 cx	100 unidades descartáveis
Macacão de brim	20	Manga cumprida
Macacão p/ lavado	4	Impermeável
Luva nitrílica (par)	20	Reutilizável; cor verde
Luvas de raspa (par)	6	Raspa de couro
Luva de vaqueta (par)	6	De couro
Luva tricotada em nylon (par)	8	Emborrachada e com elástico no punho
Luva látex de procedimento	4	Caixa com 100 unidades; látex não-estéril; tamanho P
Luva látex de procedimento	4	Caixa com 100 unidades; látex não-estéril; tamanho M
Luva látex de procedimento	4	Caixa com 100 unidades; látex não-estéril; tamanho G
Luva nitrílica de procedimento	2	Caixa com 100 unidades; tamanho M
Luva nitrílica de procedimento	2	Caixa com 100 unidades; tamanho M
Luva nitrílica de procedimento	2	Caixa com 100 unidades; tamanho G
Máscara N-95	2	Caixa com 50 unidades, descartável
Solução para lavagem ocular 500ml	2	Frasco gota-a-gota; solução salina estéril

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Hastes flexíveis	2	Tipo cotonete; caixa com 75 unidades
Compressa gaze	3	Pacote com 500 unidades 7,5 x 7,5 cm
Papel toalha	4	Rolo
Algodão 500g	4	Rolo; 500 g
Álcool 70%	10	Frascos de 1 l
Solução iodo-povidine	10	Frascos de 1 l
Clorexidine 2%	10	Frascos de 1 l, PrevineMastite®
Solução NaCL 0,9%	10	Frasco 500 ml
Solução de Ringer com Lactato	10	Frasco 500 ml
Solução de Glicose 5%	5	Frasco 500 ml
Água oxigenada	5	Frasco de 1 l
Suplemento alimentar - Ensure®	2	Lata 900 g
Suporte nutricional - A/d Hills®	10	Lata 156 g
Termômetro digital	4	Ponta flexível; bateria lítio 1,5V; LR-41
Bateria LR-41	4	Lítio 1,5V
Lanterna oftálmica	4	Bateria lítio 1,5V; LR-41
Lanterna clínica de cabeça	2	Pilha AAA
Pilha alcalina AAA	4	Reposição lanterna de cabeça
Paquímetro	2	Digital
Estetoscópio	2	Profissional para Adultos
Reanimador manual Ambu	2	
Nebulizador ultrassônico	2	
Centrífuga para micro-hematócrito	1	Velocidade 10.000 RPM, 30 provas de capilares 127 – 240V
Refratômetro clínico	2	Refratômetro clínico manual p/ proteína
Capilar para micro-hematócrito	500	
Massa seladora p/ capilar	10	
Balança	1	Digital, capacidade máxima 200 kg, 127 – 240V
Balança	2	Digital, capacidade máxima 40 kg, precisão ± 2 g, 127 – 240V
Glicômetro digital	2	c/ *kit* de tiras teste
Microscópio binocular	1	Ref.: BIOVAL L-2000-I-BINO-L
Micropipeta 10-100 uL + ponteira	2	Ref.: HTL Labmate, Digipet ou Biopet
Becker 100 ml	4	
Proveta 250 ml	4	
Tubo de ensaio	10	22x150 mm; 43 ml
Reagentes / corantes	N/A	Água destilada; Lugol; Solução de Natt-Herrick; Solução de Rosenfeld; Solução de Turk; Solução estoque Giemsa; Metanol absoluto etc.

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Agulhas	3	Caixa com 100 unidades; agulhas 0,80 X 25 (21 G1)
Agulhas	3	Caixa com 100 unidades; agulhas 0,70 X 25 (22 G1)
Agulhas	3	Caixa com 100 unidades; agulhas 0,55 x 20 (24 G)
Seringa com bico de cateter 60 ml	100	Plástica.; descartável; estéril
Seringa 60 ml	200	Plástica.; descartável; estéril
Seringas 20 ml	200	Plástica.; descartável; estéril
Seringas 10 ml	200	Plástica.; descartável; estéril
Seringas 5 ml	200	Plástica.; descartável; estéril
Seringas 1 ml	200	Plástica.; descartável; estéril
Cateter	30	Diversos tamanhos
Equipo	10 cada	Microgotas / macro gotas
Scalpe	15	Diversos tamanhos
Sonda de látex	30	Com bico de cateter; diversos tamanhos
Gel lubrificante	3	Sem cheiro e solúvel em água; KY®
Descarpack	10	Coletor de perfuro cortantes; 3 l
Pote coletor	100	Descartável
Anilhas temporárias	300	Modelo plástico bandettes; tamanho 4,5,7,11,13
Leitor de microchip para mamíferos	1	
Aplicador de microchip + microchip	50	
Malha tubular ortopédica	4	Tamanhos P e G; rolo
Atadura de crepe	6	10 x 1,8 cm
Bandagem elástica	1	Rolo; 10 cm x 50 m
Tala aramada	6	
Micropore	2	Rolo pequeno;
Esparadrapo	1	Rolo; 10 cm x 50 m
Kit de sutura	2	Pinça dente de rato com 14 cm; tesoura Iris com 12 cm; porta agulhas Mayo Hegar com 14 cm; campo cirúrgico 40 cm x 40 cm; pacote com 5 gazes 7,5 cm x 7,5 cm; fio cirúrgico mono nylon 5-0, com 45 cm de comprimento; Agulha 3/8 circular, formato triangular 2,0 cm
Instrumental para pequenos procedimentos (caixa)	1	Estojo de inox 20 x 10cm; tesoura romba/fina; cabo de bisturi n°4; lâmina de bisturi n°21; pinça-dente-de-rato; pinça anatômica 16 cm
Abridor de bico para aves	2	Tamanhos P e G
Material para coleta e identificação de amostras	N/A	Microtubos, formol 10%, capilares heparinizados, tubos tipo Falcon, tubos heparinizados, papel alumínio, sacos plásticos, papel vegetal, lápis, caneta e marcador permanente, pote coletor. (Caixa preta p/ Necrópsia)

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Medicamentos diversos	N/A	Antibiótico, antifúngico, antiparasitário, anti-inflamatório, analgésico, antimiíase, corticóide, antitóxico, pomada cicatrizante, complexos vitamínicos, alimento parenteral, sedativo, anestésicos e agente para eutanásia.
Lacre de segurança numerados	50	23 cm de comprimento
Caixa térmica tipo cooler	2	60 Litros; dimensões aproximadas: (C X L X A) 73,6 x 46,3 x 41,2 cm
Pincel marcador permanente	2	Cor preta
Saco de papel reforçado - M	20	
Saco plástico branco infectante	30	Capacidade 30 l
Saco plástico preto reforçado	50	Capacidade 100 l
Kit de fichas de campo	30	Fichas de amostragem em massa; registro de entrada
Tesoura para corte de osso	2	
Tábua de corte plástico (G)	2	Polietileno; branca; para necropsia
Instrumental para necropsia	N/A	Estojo de inox 20x10cm; tesoura romba/fina; cabo de bisturi n°4; lâmina de bisturi n°21; pinça-dente-de-rato; pinça anatômica 16cm, faca de margaref
Plástico filme PVC transparente	2	Rolo
Papel vegetal	2	Rolo
Sacos zip lock cx com 100	2	Tamanhos variados
Barbante	1	Rolo 100 m
Bobina de saco plástico M	1	500 unidades
Sirene eletrônica 12V	2	Referência: (www.walmonof.com.br)
Buzina náutica marítima	2	Referência: (www.sobuzinas.com.br)
Buzina a gás	12	Referência: (www.misterfestas.com.br)
Megafone portátil recarregável com sirene	3	Referência: (www.lojadosom.com.br)
Giroflex 64 leds com sirene	2	Referência: (www.lojadosom.com.br)
Rabiola de plástico 500 m	2	
Rabiola de papel laminado 10m	20	
Boneco espantalho “boneco biruta”	2	Dupla costura, motor bivolt, Referência: (http://www.bonecobiruta.com.br/)
Corda de polipropileno trançada	1	3,5-4 mm; rolo 200 m
Fita silver tape	1	Rolo 50 m; autoadesiva
Fita zebrada	1	Rolo 50 m; demarcação
Fio de aço 0,6mm	1	Rolo 310 m
Fio de nylon 0,6mm	4	Rolo 100 m
Fita prateada holográfica	5	Rolo c/ 50 m

Tabela 8: Relação de equipamentos e materiais disponíveis no COP Aiuká SP e COP Aiuká RJ dimensionados para atendimento *Tier* 1.

Item	Quantidade	Descrição
Bateria automotiva	1	Peso 10.50 kg, tensão: 12V, C20:40Ah, RC 25:55min, CCA – 18C: 300

4.4. Procedimentos Operacionais

4.4.1. Acionamento e Encerramento das Atividades

Caso ocorra um incidente com efetivo ou potencial derramamento de óleo no mar, a Equipe de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (HSE) da bp entrará em contato imediatamente com a equipe da Aiuká através dos telefones listados na **Tabela 9**.

Tabela 9: Informações de contato para acionamento da equipe da Aiuká.

Profissional	Informações de contato
Equipe de prontidão (contato primário)	Celular: (13) 97421-9300 Fixo: (13) 3302-6025 E-mail: emergencia@aiuka.com.br
Valeria Ruoppolo (contato secundário 1)	Celular: (13) 98138-5782 Fixo: (13) 3491-4074 Skype: vruoppolo E-mail: valeria.ruoppolo@aiuka.com.br
Rodolfo Silva (contato secundário 2)	Celular: (53) 99103-9892 / 98118-0900 E-mail: rodolfo.silva@aiuka.com.br
Sede Aiuká	PABX: (13) 3491-4074 Endereço: Av. do Trabalhador 1799. Sítio do Campo, 11725-000, Praia Grande - SP.

As seguintes informações deverão ser repassadas à equipe da Aiuká no telefonema de acionamento, quando disponíveis:

a) Data e hora do incidente;
b) Volume e tipo de óleo derramado (se possível, informar também o quantitativo previsto de óleo que ainda poderia derramar);
c) Coordenadas geográficas do ponto de vazamento (*Datum* SIRGAS 2000);
d) Caracterização sucinta do ambiente atingido;
e) Informações sobre segurança das pessoas a bordo;
f) Informações preliminares sobre avistamento de animais nas proximidades do incidente, ou se já houve observação de animais oleados.
   Caso haja registros fotográficos, devem ser enviados após contato.

Caso seja instaurado um Posto de Comando de Incidentes[5] com mobilização presencial estruturada das Seções de Operações e de Planejamento, no mínimo 02 (dois) técnicos deverão ser mobilizados para o Posto de Comando.

Destaca-se que o suporte técnico especializado da Aiuká será iniciado remotamente imediatamente após o acionamento, até que os técnicos mobilizados de forma presencial tenham se apresentado ao Posto de Comando. A partir do acionamento, a equipe técnica que permanece no escritório da Aiuká fornece todo o suporte remoto, viabilizando a continuidade da resposta.

Em caso de incidentes em que não haja estruturação do Posto de Comando, sendo adotada a mobilização remota (Posto de Comando Virtual), no mínimo 01 (um) especialista de fauna permanecerá em atendimento remoto, para recomendação de medidas preventivas e acompanhamento do desenvolvimento do incidente.

Os procedimentos de mobilização das equipes de resposta, além dos 02 (dois) técnicos imediatamente mobilizados, são estruturados em função de 02 (dois) critérios principais: o volume de óleo derramado e a estimativa do número de animais oleados.

O volume de óleo não é um indicador direto da magnitude da resposta à fauna, mas pode ser utilizado para acionar diferentes equipes a se mobilizarem ou permanecerem em regime de prontidão (*standby*). A estratégia de manter as equipes em *standby* (acionadas) é muito importante, pois permite a antecipação da preparação de equipamentos e a organização da logística de viagem (horários, passagens, recursos humanos, etc.), reduzindo o tempo necessário para mobilização, caso seja efetivamente necessária.

Semelhantemente, embora o número de animais atendidos não constitua em si um critério determinante para a categorização de *Tiers* de resposta, este parâmetro é útil para auxiliar no planejamento. É importante ressaltar, no entanto, que a unidade “animal” padrão refere-se aos recursos necessários para reabilitar animais compatíveis com o tamanho e as necessidades de 01 (uma) ave marinha de porte médio, como por exemplo uma gaivota (*Larus dominicanus*) ou um biguá (*Nannopterum brasilianus*). Com base na experiência acumulada da equipe da Aiuká e na literatura científica acerca dos animais atendidos em derrames de petróleo (PIATT *et al*., 1990; MIGNUCCI-GIANNONI, 1999; USFWS, 2011), é previsto o atendimento de 01 (uma) tartaruga marinha juvenil para cada 20 aves marinhas e 01 (um) mamífero marinho ou tartaruga marinha adulta para cada 50 aves marinhas.

[5] O Posto de Comando de Incidentes da bp está localizado no escritório sede da empresa, no Rio de Janeiro/RJ.

De acordo com o nível de complexidade do cenário e em algumas situações como, por exemplo, a expansão do incidente, presença de fauna oleada ou com potencial de contaminação, poderão ser mobilizados especialistas adicionais para compor a equipe de fauna das Seções de Planejamento e Operações no Posto de Comando.

O Diretor da Subseção de Fauna é responsável por estabelecer o fim das atividades de reabilitação de fauna em conjunto com o Chefe da Seção de Operações. Todas as ações de resposta à fauna serão desmobilizadas gradativamente de acordo com a diminuição do número de animais afetados ingressados ao centro de reabilitação. Ao menos 01 (um) especialista técnico permanecerá no local até o último exemplar em reabilitação ser solto. Após a soltura de todos os exemplares tratados e na ausência de ingressos de animais oleados a partir de 10 dias consecutivos de monitoramento, as atividades de reabilitação de fauna serão encerradas.

O fluxograma de procedimentos operacionais (**Figura 10**) apresenta os critérios para o acionamento, mobilização e desmobilização dos recursos locais, regionais e internacionais, conforme a necessidade de ampliação da resposta.

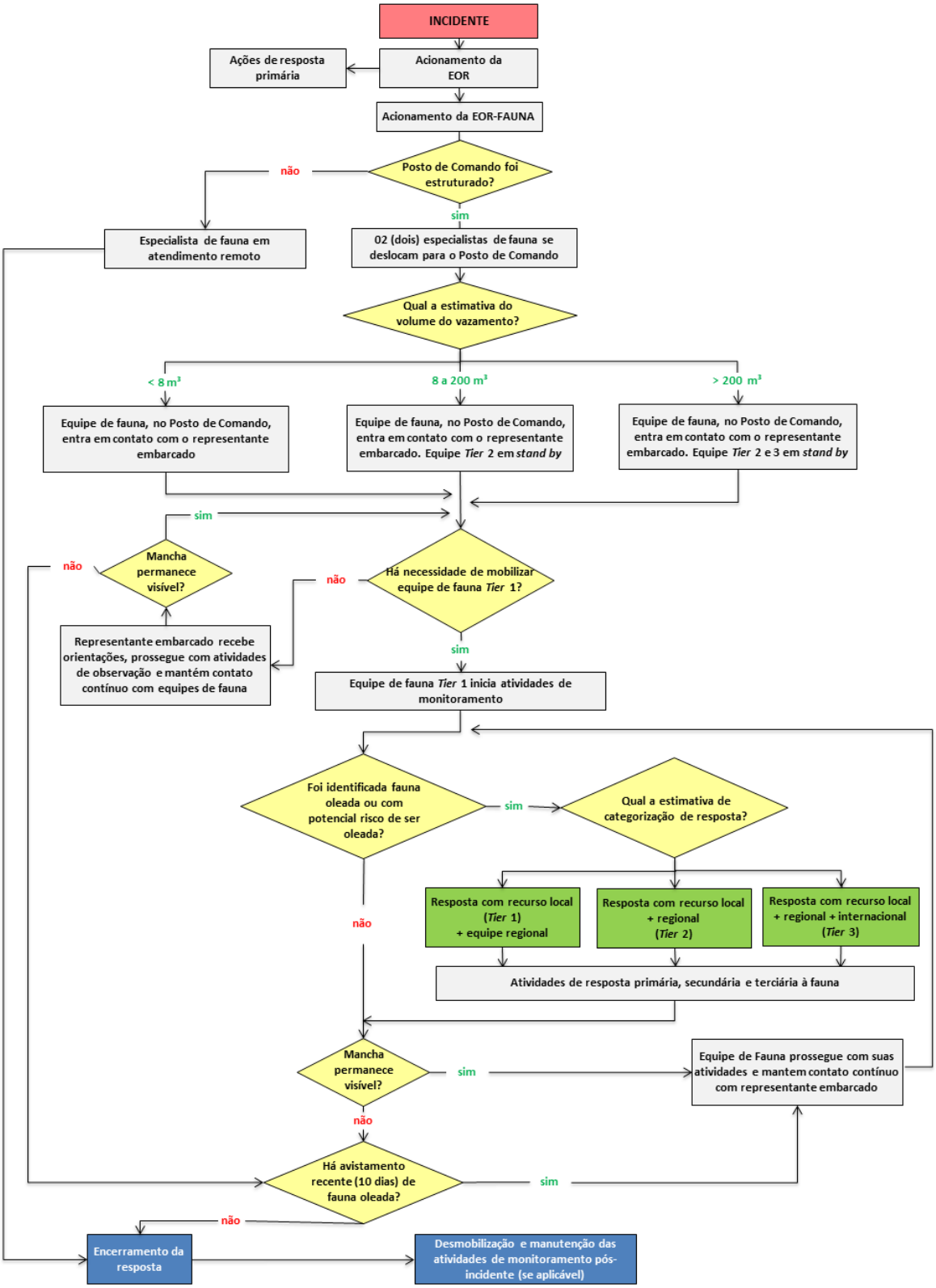


Figura 10: Procedimentos operacionais de ativação e encerramento da resposta à fauna oleada.

4.4.2. Resposta Local (*Tier* 1)

A resposta local (*Tier* 1) baseia-se na mobilização de recursos para estabilização e reabilitação, tendo apoio de uma equipe de especialistas e constante contato com o representante da bp a bordo da unidade marítima ou das embarcações de resposta do Plano de Emergência Individual.

A equipe da Aiuká é composta de especialistas de fauna em caráter de prontidão para o atendimento às emergências, baseados nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A equipe pode ser contatada imediatamente, com tempo de mobilização apresentado na **Tabela 3**. De acordo com o cenário, a equipe baseada em SP pode se deslocar até o COP Aiuká RJ para mobilização da instalação, sempre que necessário. O tempo de mobilização dos técnicos do COP Aiuká SP para a cidade do Rio de Janeiro/RJ é de até 06 h e para Rio das Ostras/RJ é de 10 h. Além dos recursos humanos, a resposta local conta com recursos materiais estocados nos Centro em Rio das Ostras/RJ e Praia Grande/SP, conforme descrito no **item 4.3**.

Deste modo, há disponibilidade de recursos humanos e materiais necessários para o pronto início do monitoramento e captura de fauna oleada em caso de derramamento, bem como para a recepção e estabilização da fauna oleada. A equipe da Aiuká estará pronta para realizar as atividades de monitoramento aéreo ou embarcado e, caso necessário, será feita a mobilização dos recursos para montagem de uma instalação móvel para recepcionar e estabilizar animais capturados.

Após a etapa inicial de estabilização, os animais serão encaminhados ao Centro no Rio de Janeiro, o COP Aiuká RJ. De forma alternativa, caso se julgue oportuno e sem prejuízo à sua saúde e bem estar, os animais também poderão ser encaminhados ao Centro em São Paulo, o COP Aiuká SP, como já previsto neste PPAF.

4.4.3. Capacidade de Ampliação da Resposta (*Tier* 2 e 3)

Utilizando como base o Manual de Boas Práticas do Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE-FAUNA/IBAMA, 2018), a atuação na resposta à fauna deve ocorrer sob uma perspectiva escalonada, de acordo com os recursos necessários disponíveis para atendimento e em função da previsão do impacto decorrente do derramamento de óleo. Caberá ao responsável pela equipe de resposta à fauna avaliar a necessidade de acionamento do *Tiers* 2 e 3 e informar a bp para demais providências junto ao comando do incidente.

Como mencionado no **item 4.2**, os Centros em Praia Grande/SP e Rio das Ostras/RJ possuem espaço disponível para ampliação da resposta até *Tier* 3. Adicionalmente, poderão ser estabelecidas Instalações Móveis.

Durante toda a atividade da bp no Bloco Pau-Brasil, as instalações COP Aiuká RJ e COP Aiuká SP armazenarão equipamentos suficientes para ampliação da resposta para até 100 animais. A capacidade máxima de atendimento poderá sofrer adequações considerando as condições necessárias para atendimento de cada grupo animal no momento da emergência.

Conforme detalhado no **item 4.1** e documentado no **ANEXO 3**, o presente plano baseia-se em acordos pré-estabelecidos de cooperação e prontidão firmados entre a Aiuká e instituições nacionais e internacionais especializadas na resposta à fauna. Caso a ampliação da resposta se revele necessária, a Aiuká e seus parceiros nacionais e internacionais possuem uma ampla equipe de resposta composta por profissionais experientes, com capacidade para ampliar e desmobilizar recursos de acordo com as necessidades específicas do incidente.

Dependendo da localização geográfica do toque do óleo e da distribuição espacial do número de animais impactados, a resposta poderá ser desenvolvida em um dos Centros (conforme detalhado no **item 4.2**).

4.4.4. Segurança Pessoal

Na ocorrência de incidente com óleo na água os riscos associados a atividade prevista neste PPAF deverão ser reanalisados e constar nos Planos de Segurança e de Ação dos grupos nas frentes de resposta.

De modo geral, os seguintes riscos estão associados às atividades de campo envolvendo a fauna:

- Hipertermia e insolação (exposição solar excessiva e desidratação);
- Quedas, escoriações e cortes, fraturas, concussões, contaminação cutânea por petróleo;
- Queda no mar durante a navegação em embarcações;
- Lesões devido ao contato com a fauna – mordidas, cortes e escoriações, feridas perfurantes, lacerações profundas e fraturas;
- Zoonoses (doenças infecciosas transmitidas pelos animais);
- Lesão lombar ao levantar animais ou objetos pesados;
- Acidentes ofídicos e picadas de insetos;
- Exposição a gases tóxicos, irritações cutâneas, oculares e das vias respiratórias, cefaléia;

- Estresse e fadiga.

Os seguintes riscos estão associados ao trabalho durante o manejo e reabilitação de fauna:

- Lesões devido ao contato com a fauna – mordidas, cortes e escoriações, feridas perfurantes, lacerações profundas e fraturas;
- Zoonoses;
- Lesão lombar ao levantar animais ou objetos pesados;
- Exposição prolongada a produtos químicos (ex. hipoclorito de sódio, detergentes de cozinha etc.);
- Alergias;
- Lesões devido ao manuseio de material médico (ex. agulhas, seringas);
- Hipertermia;
- Tropeços, escorregões e quedas;
- Choque elétrico e queimaduras;
- Estresse, desidratação e fadiga.

A combinação da higiene pessoal apropriada, associada à utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) adequados, são suficientes para prevenir ou mitigar as consequências da maioria dos riscos associados ao atendimento da fauna. É importante salientar a necessidade de proteção e limpeza diária de ferimentos e escoriações e que pessoas que apresentem qualquer tipo de condição ou doença imunodepressora não deverão trabalhar diretamente com os animais.

Conforme as prioridades da empresa em uma resposta, a segurança e saúde dos profissionais envolvidos são prioritárias no planejamento e realização de quaisquer outras atividades. Os EPIs adequados serão exigidos da equipe de fauna e deverão incluir no mínimo, sem estar limitados a:

- **Equipe de campo:** Macacões impermeáveis ao óleo (Tyvek), botas de borracha, capacete, luvas de látex nitrílico, óculos de proteção ao lidar com aves de pescoço e bico longo;
- **Manejo de animais:** Macacões impermeáveis ao óleo, luvas de látex nitrílico, óculos de proteção ao lidar com aves de pescoço e bico longo;
- **Limpeza de animais:** Roupas impermeáveis, botas de borracha, luvas de látex nitrílico, óculos de proteção ao lidar com aves de pescoço e bico longo.

Cabe ressaltar que tanto a Aiuká quanto a bp primam pela segurança e integridade física dos seus colaboradores e que durante a resposta a uma emergência todas as ações de fauna

planejadas irão transcorrer após análise de risco, com o preenchimento e aprovação de formulários específicos.

4.4.5. Resíduos

A gestão e destinação final dos resíduos, incluindo seu transporte, será executada de acordo com a legislação ambiental vigente. Os resíduos oleosos líquidos (água, sabão e óleo) gerados no processo de limpeza dos animais deverão ser armazenados em tanques emergenciais, dispostos estrategicamente nas instalações de atendimento à fauna. Posteriormente, tais resíduos serão transportados para destinação final, conforme preconiza a Lei Federal nº 12.305, de 02 de agosto de 2010 e atendento aos requisitos da NBR 7500/2020 (ABNT, 2020).

Com relação aos resíduos gerados pelas atividades de proteção à fauna, os animais mortos deverão ser coletados pelos grupos de Monitoramento de Fauna, de Captura e Transporte para fins de documentação e encaminhamento à necropsia. As carcaças de animais mortos oleados deverão ser tratadas como resíduo Classe I, conforme NBR 10.004/2004 (ABNT, 2004), e após a documentação e necropsia, deverão ter destinação conforme sua classificação.

Outros resíduos gerados durante as atividades de proteção de fauna, incluindo as carcaças de animais não oleados, deverão seguir o disposto na RDC 222/2018 (ANVISA, 2018), para segregação, acondicionamento, identificação, transporte e destinação final. De acordo com esta Resolução, os Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) são classificados conforme sua composição, suas características biológicas, físicas e químicas, assim como pelo estado da matéria e origem, sendo divididos em:

- Grupo A (Potencialmente infectantes);
- Grupo B (Químicos);
- Grupo C (Rejeitos radioativos);
- Grupo D (Resíduos comuns); e
- Grupo E (Perfurocortantes).

Em conformidade com esta Resolução, as carcaças não oleadas serão tratadas como Grupo A4, os medicamentos vencidos ou para descarte serão tratados como Grupo B1, as substâncias a serem descartadas sem princípio ativo serão tratados como Grupo B2 e os reagentes de laboratório como Grupo B7. Todos os resíduos comuns obedecerão aos critérios de destinação Grupo D, enquanto que os materiais perfurocortantes seguirão as normas estabelecidas para resíduos Grupo E.

Demais resíduos gerados durante a resposta ao derramamento de óleo no mar deverão seguir os procedimentos descritos no PEI da atividade em questão.

5. ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO À FAUNA

As estratégias de proteção da fauna serão organizadas em três níveis:

- **Resposta primária:** Manter o óleo afastado da fauna;
- **Resposta secundária:** Manter a fauna afastada do óleo;
- **Resposta terciária:** Capturar e reabilitar a fauna afetada.

Vale ressaltar que a quantidade e o perfil de técnicos necessários para implementação destas ações serão extremamente variáveis conforme o desenvolvimento da resposta, características geográficas e de acesso ao local, condições meteoceanográficas, quantidade de animais afetados, assim como seu grau de exposição ao óleo, estado de saúde, características biológicas inerentes às espécies, dentre outros fatores.

Os procedimentos de reabilitação descritos no presente PPAF adotam as recomendações e protocolos utilizados por instituições e profissionais internacionalmente reconhecidos. Os detalhes são apresentados no **item 5.3**.

5.1. Resposta Primária

As estratégias de resposta primária visam, principalmente, o controle do óleo na fonte e sua dispersão, prevenindo ou reduzindo a contaminação de espécies vulneráveis e seu habitat. Incluem-se também as medidas de recolhimento de carcaças oleadas, uma vez que estas poderão servir como fonte de contaminação para outras espécies de animais, particularmente aquelas de hábitos necrófagos.

5.1.1. Métodos físicos ou mecânicos

Os métodos físicos ou mecânicos são ferramentas viáveis e efetivas para a resposta primária em caso de derramamento de óleo no mar e devem constituir uma estratégia prioritária para minimizar os impactos do óleo sobre a fauna. As estratégias e procedimentos para o emprego destes métodos estão detalhadas no PEI da atividade em questão.

Os impactos à fauna decorrentes do uso destes métodos estão relacionados, principalmente, à intensificação do estresse visual e auditivo e à dispersão desordenada dos indivíduos. Outra possibilidade são lesões devido à colisão com embarcações de apoio à emergência ou seus motores, principalmente no caso de cetáceos e tartarugas marinhas. Caso a fauna se aproxime ativamente de embarcações e equipamentos de contenção e recolhimento de óleo,

as embarcações devem comunicar a ocorrência ao representante embarcado da bp e reduzir sua velocidade na medida do possível para que não comprometa a segurança da navegação e da atividade em que estiver engajada. Se necessário, estratégias de afugentamento e dissuasão podem ser consideradas (vide **item 5.2.1**).

5.1.2. Tratamento químico

O uso de dispersantes como estratégia de resposta a derramamento de óleo no mar está condicionado pela Resolução CONAMA nº 472/2015, que regulamenta o uso de dispersantes como estratégia de resposta a derramamento de óleo, bem como pela Instrução Normativa IBAMA n° 26 de 19 de dezembro de 2018, que estabelece os parâmetros e procedimentos para monitoramento ambiental da aplicação de dispersantes químicos no mar. As estratégias e procedimentos para o seu emprego estão detalhadas no PEI da atividade em questão.

A utilização de dispersantes pode ser controversa, fazendo com que sejam frequentes os debates nos meios acadêmicos e de comunicação. Sua utilização pode ser vista como uma maneira de minimizar potenciais impactos em recursos sensíveis, porém, pode ser visto também como mais um poluente a ser adicionado ao meio ambiente se aplicado de forma errada. Apesar das melhorias na formulação de dispersantes, a toxicidade da mistura dispersante/óleo à fauna e à flora marinha é muitas vezes a grande preocupação ambiental (ITOPF, 2011).

Os dados disponíveis se restringem aos efeitos do óleo na fauna (SHIGENAKA, 2003; STACY *et al.*, 2017), mas dentre as possíveis consequências dos dispersantes nos animais é possível citar falhas de função pulmonar e de trato digestório, interferindo na respiração, digestão e excreção (SHIGENAKA, 2003). Embora a utilização de dispersantes químicos diminua a probabilidade de contaminação de tartarugas em zonas de convergência e reduza a aderência de gotículas de óleo em superfícies sólidas (SHIGENAKA, 2003), há pouca informação sobre os reais efeitos dos dispersantes em tartarugas marinhas. A contaminação por dispersantes em tartarugas pode ser reduzida se for realizado o monitoramento da área antes de sua aplicação, para verificar a presença de fauna.

Existem estudos sobre as os efeitos e consequências do óleo para aves (STEPHENSON, 1997; TROISI *et al*., 2016), entretanto, há pouca informação sobre os resultados diretos e a longo prazo do uso de dispersantes. Alguns autores sugerem que os efeitos tóxicos subletais da combinação entre óleo e dispersantes oferece menor preocupação do que os do óleo sem dispersante em aves (PEAKALL, *et al*. 1987). Entretanto, as propriedades surfactantes dos dispersantes podem agravar a perda de impermeabilidade das penas (JENSSEN, 1994), e experimentos recentes observaram o desenvolvimento de conjuntivite e a potencialização da

evolução de úlceras oculares em aves expostas à dispersantes e combinações desses com óleo (FIORELLO, *et al*. 2016). Portanto, deve-se atentar para a presença de aves na área caso seja realizado o uso deste tipo de produto durante as ações de resposta.

Uma vez que dispersantes possuem componentes surfactantes, eles podem remover os óleos naturais dos pelos de mamíferos marinhos, afetando assim sua impermeabilização e diminuindo sua capacidade de termorregulação (GERACI & SAINT-AUBIN, 1988; WILLIAMS *et al*., 1988). Dentre outros efeitos, podemos citar o efeito genotóxico observado em células de baleias (WISE *et al*., 2014) e interferência na cadeia trófica (WOLFE *et al*., 1999).

Após a aplicação de dispersante em mar aberto, as concentrações elevadas de óleo são normalmente observadas apenas nas camadas superiores da coluna de água (<10 metros), porém, são rapidamente diluídas com a movimentação da água. Estudos sobre o óleo cru têm demonstrado que, imediatamente após a aplicação do dispersante, concentrações de óleo na faixa de 30 a 50 ppm podem ser esperadas logo abaixo da mancha e, após algumas horas, diminuindo para 1 a 10 ppm nos primeiros 10 metros da coluna de água. Assim, a exposição de organismos marinhos ao óleo, é considerada "aguda" ao invés de "crônica" e o tempo reduzido de exposição restringe a probabilidade de efeitos adversos a longo prazo. Vale ressaltar que a pulverização de dispersantes em águas rasas não é recomendada, a menos que haja troca de água suficiente que possa garantir a diluição adequada da mancha de óleo (ITOPF, 2011).

Ao remover o óleo da superfície da água, dispersantes minimizam o risco de aves marinhas se tornarem oleadas, assim como diminuem a probabilidade de impacto em áreas costeiras sensíveis, como restingas, mangues e praias turísticas. No entanto, o óleo removido da superfície é temporariamente transferido para a coluna de água, possibilitando um outro tipo de dano ao meio ambiente, que deve ser balanceado em relação às vantagens previstas com a utilização de dispersantes. No caso de muitas espécies de peixes, a capacidade de detectar e evitar o óleo na coluna de água irá ajudar a reduzir a sua exposição potencial. No entanto há casos, como de recifes de coral, que podem ser altamente sensíveis ao óleo disperso na coluna d'água, em que o uso de dispersantes não é recomendado se houver possibilidade de afetá-los (ITOPF, 2011).

Caso seja avaliada a viabilidade da utilização da estratégia de dispersão química, conforme previsto no Anexo I da Resolução CONAMA nº 472/2015, antes da aplicação de dispersantes, um especialista de fauna deve realizar o monitoramento da área onde está prevista a aplicação do produto químico, de forma que os responsáveis pela operação de aplicação de dispersantes sejam notificados imediatamente, em caso de ocorrência de qualquer animal no local de aplicação de dispersante.

Além do monitoramento prévio, é necessário que um profissional de fauna acompanhe as operações com dispersantes químicos, a fim de garantir que nenhum animal seja diretamente afetado durante a realização desta atividade.

5.1.3. Tratamento biológico

O Plano de Emergência Individual da atividade da bp no Bloco Pau-Brasil não prevê o uso de métodos de tratamento biológico, de modo que estes métodos não serão abordados no presente documento.

5.1.4. Queima *in situ*

A queima *in-situ* ou queima controlada consiste no emprego de fogo como técnica de resposta a incidentes de poluição por óleo no mar, em áreas com limites físicos definidos, a partir de uma fonte de ignição (IPIECA, 2016). A técnica pode ser utilizada visando ampliar os esforços de proteção ambiental, a partir da rápida remoção do óleo presente na água do mar, sendo aplicada a situações em que:

- a não intervenção ou a aplicação de técnicas mecânicas de contenção, recolhimento e dispersão não forem efetivas;
- quando se tratarem de incidentes considerados de significância nacional, ou descarga contínua com volumes relevante;
- ou, ainda, quando a mancha estiver se deslocando com grande probabilidade de alcançar áreas ambientalmente sensíveis (CONAMA, 2017).

Seu uso exige a consideração de alguns critérios e há restrição quanto a distância da linha de costa, ilhas, unidades de conservação e áreas de reprodução de quelônios, aves ou mamíferos marinhos. Esta estratégia é permitida apenas quando autorizada pelo IBAMA, diante de justificativa técnica e demonstração de que os impactos ao ecossistema serão menores que aqueles previstos caso esse método não seja aplicado. A queima controlada não poderá ser utilizada enquanto houver a presença de mamíferos marinhos, tartarugas marinhas, pinguins e outras aves no local ou em seu entorno, conforme disposto na Resolução CONAMA n° 482 de 03 de outubro de 2017.

Caso, durante uma resposta a derramamento de óleo no mar, seja avaliada a viabilidade da utilização desta estratégia de resposta, a bp seguirá os critérios definidos pela Resolução CONAMA n° 482 de 03 de outubro de 2017. As estratégias e procedimentos para o emprego deste método estão detalhadas no Plano de Emergência Individual da atividade em questão.

5.1.5. Recuperação natural

A recuperação natural no ambiente afetado é uma estratégia a ser considerada após criteriosa avaliação, quando a adoção de outras técnicas de resposta poderiam gerar risco a segurança da equipe envolvida na resposta, ou mesmo, originar um impacto maior ao ambiente que o próprio óleo derramado. Qualquer impacto à fauna decorrente da presença do óleo existirá pelo período de degradação do produto.

Os ecossistemas/ambientes costeiros presentes na Área de Interesse deste PPAF, conforme os resultados da modelagem de derramamento de óleo (PROOCEANO, 2022) e da análise de vulnerabilidade ambiental apresentada no Apêndice C do PEI, compreendem principalmente: praia dissipativa de areia média a fina, exposta; praia intermediária de areia fina a média, exposta; e depósito de tálus. Considerando os métodos de limpeza recomendados pelo MAREM para estes ecossistemas/ambientes[6], a bp pode optar, após avaliação das características do cenário acidental, da evolução das ações de resposta e das demais estratégias de resposta, pela adoção da recuperação natural.

Mais informações sobre esta estratégia podem ser consultadas no PEI da atividade em questão.

5.1.6. Coleta de carcaças oleadas

Além da sua importância para a documentação dos impactos do incidente, o recolhimento das carcaças oleadas é importante para evitar a contaminação de predadores que possam alimentar-se delas.

Animais como aves, tubarões e peixes poderão predar as carcaças e, como consequência, ingerir o óleo. Por esta razão, as equipes de Monitoramento de Fauna, e de Captura e Transporte de Fauna deverão providenciar o recolhimento, sempre que possível, de todas as carcaças encontradas. As carcaças serão necropsiadas e devidamente documentadas (no modelo do Formulário de Documentação dos Animais Afetados, apresentado no **ANEXO 4**, e os resíduos de necropsia serão descartados de acordo com o o Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos determinado para o incidente.

[6] O Projeto de Proteção e Limpeza de Costa (PPLC), que compõe o MAREM, culminou no desenvolvimento de Fichas Estratégicas de Resposta (FERs) nas quais são apresentados detalhes sobre o litoral e ilhas costeiras brasileiras, contendo informações de: localização, acesso, aspectos físicos, bióticos e socioeconômicos, índice de sensibilidade do litoral (ISL) e estratégias de proteção e limpeza da costa básicas, baseadas nas recomendações contidas em boas práticas da indústria e literatura associada.

5.1.7. Controle de espécies invasoras

A introdução de espécies invasoras, isto é, microrganismos, plantas, invertebrados ou vertebrados que não têm ocorrência natural nestes locais é uma das maiores causas de extinção de espécies em todo o mundo, sendo extremamente difícil de reverter (LOWE *et al*., 2000; PIMENTEL *et al*., 2005).

Operações navais tais como aquelas envolvidas nas atividades de resposta a derramamentos de óleo são particularmente reconhecidas por seu grande potencial de resultar na introdução de espécies invasoras. Este impacto tende a ser mais importante no caso de navios que transcorrem grandes distâncias, conectando portos situados em ecossistemas ecologicamente muito distintos, ou em ambiente insulares afastados da costa (KELLER *et al*., 2010).

Veículos e equipes que por ventura necessitem desembarcar e embarcações atuando nas proximidades (<500 m) de ilhas e rochedos deverão adotar os seguintes procedimentos para evitar a introdução de espécies invasoras:

- É terminantemente vetada a introdução intencional de qualquer espécie vegetal ou animal em ilhas durante as atividades de resposta a derramamentos de óleo;
- Apenas embarcações locais (embarcações que normalmente atuam num raio de 500 km e que não realizam tráfego internacional) poderão atracar, desembarcar recursos materiais ou equipes e/ou operar em proximidade a ilhas;
- As embarcações e veículos deverão ser criteriosamente inspecionados antes de sua saída, para verificar a presença de animais e plantas. Particular ênfase deverá ser dada à inspeção de roedores e insetos no porão e áreas de habitação das embarcações. Caso sejam detectadas espécies a bordo (seja pela visualização de plantas/animais ou de sinais de sua presença como fezes, pêlos ou rastros), estes deverão ser removidas/erradicadas antes que a embarcação/aeronave esteja apta a atuar em proximidade a ilhas;
- Vestimentas, equipamentos de proteção individual e outros equipamentos e recursos materiais a serem utilizados deverão ser descartáveis ou, caso já tenham sido utilizados em outras localidades, deverão ser sujeitos a tratamentos físicos ou químicos para eliminar quaisquer organismos potencialmente invasores antes de estarem aptos para uso em ilhas.

5.2. Resposta Secundária

As estratégias de resposta secundária visam, sempre que possível, ações preventivas de manejo da fauna clinicamente saudável e não oleada longe das áreas contaminadas através da dispersão ou da captura preventiva. O emprego destas técnicas, no entanto, pode não ser indicado em todos os casos e uma análise de riscos e benefícios se faz necessária para cada circunstância específica.

5.2.1. Dispersão ou afugentamento

A dispersão e o afugentamento são técnicas de dissuasão, que visam manter a fauna afastada do óleo. As técnicas de dispersão de fauna consistem em métodos desenvolvidos para afastar os animais e impedi-los de se aproximar de áreas com presença de óleo. As técnicas de afugentamento, contudo, são mais invasivas e envolvem um processo estressante de expulsão dos indivíduos das áreas contaminadas ou que poderão vir a serem contaminadas. Estas técnicas podem envolver o uso de dispositivos sonoros, visuais, ou ambos.

A recomendação para o emprego destas técnicas deverá considerar fatores específicos inerentes ao local e às espécies presentes no momento da resposta, e as mesmas só poderão ser implementadas no caso da existência de locais alternativos limpos para a dispersão dos animais.

Cabe ressaltar que a dispersão e o afugentamento podem ser ineficazes ou contraproducentes se a área afetada pelo derramamento for muito extensa, não permitindo que as ações sejam monitoradas e documentadas, ou ainda nos casos em que as espécies suscetíveis sejam forçadas a ocupar áreas já contaminadas. Além disso, deve-se considerar se as demais atividades de resposta ao incidente já estão tendo um efeito passivo de dispersão sobre a fauna, e como este efeito poderá atuar em sinergia ou interferir com aquele provocado pelas medidas ativas de dispersão ou afugentamento.

Devem ser considerados, ainda, todos os aspectos relacionados à segurança da equipe, como condições meteorológicas e oceânicas, riscos relacionados ao comportamento agressivo da fauna, dentre outros. Se as condições forem adversas, colocando os técnicos em risco, uma avaliação crítica será realizada e a decisão embasada no princípio de priorização da segurança das ações de resposta.

As operações de dissuasão de fauna, quando tiverem sua implementação justificada, devem ser instauradas por um profissional experiente, que ficará responsável pela implementação e supervisão das mesmas. Ressalta-se a importância da existência de coordenação entre os técnicos responsáveis e os órgãos governamentais envolvidos com as atividades de proteção

à fauna, de forma a garantir que todos que estejam acompanhando a resposta, tenham o conhecimento das estratégias planejadas pelos técnicos responsáveis.

A eficácia das técnicas de dissuasão é avaliada com base na documentação do especialista técnico responsável pela sua aplicação, devendo ser registrados: data e hora, coordenadas geográficas, espécie ou grupo taxonômico alvo da dissuasão, outras espécies ou grupos taxonômicos presentes na área, número estimado de indivíduos de cada espécie presente, detalhes do comportamento, técnica de dispersão utilizada, número de itens lançados/utilizados e a resposta comportamental dos animais.

As estratégias e técnicas de dispersão e afugentamento são táxon-específicas, e serão descritas a seguir. Em todos os casos, porém, para evitar a redução de sua eficácia, é importante a utilização de técnicas combinadas, bem como a variação das mesmas ao longo do tempo, evitando assim a dessensibilização (habituação) da fauna a ser dissuadida.

Avifauna

Quando necessária, a decisão da utilização de técnicas de dissuasão de aves será feita de acordo com a metodologia proposta por Gorenzel & Salmon (2008). Estas serão aplicadas de acordo com a situação corrente, considerando a época do ano, a existência de locais alternativos para o pouso das aves dissuadidas, dentre outras variáveis.

As técnicas de dispersão de aves de possível utilização na região contemplada por este Plano incluem:

- **Técnicas de dispersão por ruído (auditivas):** Ruído de sirenes, buzinas e fala através de megafone. O tráfego de embarcações na região afetada também é efetivo na dispersão da fauna.
- **Técnicas de dispersão visuais:** Utilização de dispositivos, tais como: espantalhos, bandeiras coloridas, balões a gás metalizados em grande número, reflexos de luz laser (utilização noturna) e flash de lanternas (utilização noturna).

Mastofauna

Para a dispersão e afugentamento de odontocetos (golfinhos) e pinípedes (lobos e leões marinhos) serão utilizadas as técnicas descritas em NWACP (2014), priorizando métodos de curta distância:

- **Tubos Oikomi:** Vários tubos de metal reverberante usados em linha.

- **Dispositivos acústicos de dispersão (ADDs):** Produzem um som alto o suficiente para afugentar os mamíferos marinhos sem causar dor. ADDs são frequentemente chamados de *pingers* e podem ser utilizados modelos semelhantes àqueles utilizados em redes de pesca para afugentar mamíferos marinhos.
- **Tráfego de embarcações:** O ruído e o movimento do tráfego de embarcações pode ser usado para direcionar animais para longe da área impactada ou para impedi-los de entrar em determinada área;
- **Helicópteros em voo baixo:** O ruído e o movimento de helicópteros voando baixo podem ser usados para afugentar cetáceos da área impactada.

Para os misticetos (baleias) não há métodos descritos para o afugentamento ou dispersão, uma vez que esta é uma situação que nunca foi vivenciada na experiência internacional de resposta a derramamentos de óleo. Assim, as técnicas descritas acima para odontocetos (golfinhos) podem ser utilizadas como alternativa; outras técnicas também podem ser adaptadas com esta finalidade, como aquelas utilizadas para odontocetos de grande porte (*Orcinus orca*) e descritas por Noviello (2012).

Herpetofauna

Não há métodos bem estabelecidos para o afugentamento e dispersão da herpetofauna, porém técnicas visuais e auditivas descritas para aves e odontocetos podem ser utilizadas como tentativas.

5.2.2. Captura preventiva

A captura preventiva da fauna inclui a captura, transporte, manutenção a curto prazo e soltura de fauna clinicamente saudável e não oleada, sendo essencial estabelecer as instalações de manutenção e um plano de soltura antes do início da atividade.

Apesar dos benefícios reconhecidos e demonstráveis, a captura preventiva é uma opção de resposta relativamente incomum durante derramamentos de petróleo, sendo utilizada principalmente para espécies como aves e tartarugas marinhas em áreas de reprodução.

Por envolver, porém, uma perturbação agressiva para os animais, esta estratégia deve ser empregada unicamente quando houver consenso considerável entre a equipe de resposta de que o processo de captura, transporte, manipulação e manutenção a curto prazo e soltura da fauna irá beneficiar os indivíduos mais do que o emprego de estratégias de dissuasão e/ou a ausência de intervenção.

Portanto, a decisão do emprego desta técnica deve considerar a espécie acometida, seu status de conservação, número de indivíduos a ser capturado e o prejuízo para a população

existente em caso de mortalidade, sensibilidade à contenção, ao transporte e ao cativeiro, disponibilidade de instalações e alimentação apropriadas, segurança da equipe no acesso à captura e contenção dos animais.

No caso de captura preventiva de algum indivíduo durante um incidente, os animais serão capturados, transportados e mantidos em cativeiro utilizando técnicas e procedimentos semelhantes àqueles descritos na **seção 5.3**. Todos os procedimentos de captura preventiva deverão ser devidamente documentados pelo especialista técnico de fauna.

5.3. Resposta Terciária

As estratégias de resposta terciária são o último recurso a ser adotado, objetivando o resgate da fauna oleada e a sua reabilitação e liberação de volta ao ambiente natural. Este é um processo complexo e desenvolvido em uma sequência de etapas (captura, transporte, estabilização, limpeza, manutenção pré-liberação, liberação e monitoramento pós-liberação) a serem desenvolvidas através de procedimentos e protocolos específicos para cada espécie e que considerem as características inerentes de cada uma e as necessidades individuais de cada animal.

Os procedimentos de reabilitação descritos no presente PPAF adotam as recomendações e protocolos utilizados por instituições e profissionais internacionalmente reconhecidos tais como DOMÍNGUEZ & CORDERO, 1993; JACOBSON *et al*., 1999; MILLER & WELTE, 1999; WALSH & BOSSART, 1999; WHITAKER & KRUM, 1999; ECKERT *et al*., 1999; OWCN, 2000; GULLAND *et al*., 2018; DIERAUF & GULLAND, 2001; WALRAVEN, 2004; GAGE & WHALEY, 2006; PHELAN *et al*., 2006; MARIGO, 2007; GORENZEL & SALMON, 2008; HEREDIA *et al*., 2008; OWCN, 2014; IPIECA/IOGP, 2014; RUOPPOLO *et al*., 2014; RUOPPOLO & ROBINSON, 2014; SILVA-FILHO & RUOPPOLO, 2014; IPIECA/IOGP, 2017; GULLAND *et al*., 2018. É importante destacar que todas as etapas do processo de reabilitação serão documentadas e acompanhadas através de formulários individuais e de grupo.

5.3.1. Detecção e monitoramento

De acordo com a situação do incidente, a dimensão do derramamento e as condições meteorológicas e oceânicas, será determinada qual a estratégia mais adequada para o monitoramento em busca de animais afetados e para a avaliação da fauna que poderá vir a ser afetada pelo deslocamento da mancha. Este monitoramento será feito visando a avaliação inicial e deverá ser mantido para acompanhar de forma contínua o desenvolvimento da resposta.

O monitoramento poderá ser feito por meio de sobrevoo com helicóptero (monitoramento aéreo), de observadores em embarcação, ou embarcações dedicadas à fauna (monitoramento embarcado), ou de observadores a pé ou em veículos terrestres ao longo da costa (monitoramento terrestre).

Enquanto o monitoramento aéreo tem a vantagem de permitir a avaliação de uma área ampla e em menor período de tempo, inclusive nas áreas de difícil acesso, os monitoramentos embarcado e terrestre tem como vantagem permitir a melhor identificação e quantificação das espécies, além de permitir a captura imediata de indivíduos oleados (resposta terciária).

As equipes de monitoramento estarão com os equipamentos de proteção individual necessários para o meio de transporte a ser utilizado, e contarão com binóculos, câmera fotográfica, dispositivo GPS e formulários de registro (**ANEXO 4**). Para cada observação de fauna estas equipes deverão realizar a fotodocumentação e registrar as seguintes informações: coordenadas geográficas, data e hora, espécie ou grupo taxonômico, número estimado de indivíduos, presença de indivíduos oleados e comportamento (alimentação, descanso, deslocamento, reprodução/nidificação); os dados obtidos de forma sistemática através destes registros serão analisados espacial e temporalmente e auxiliarão a coordenação da Equipe de Proteção à Fauna no desenvolvimento de estratégias de resposta.

Em todas as atividades de monitoramento deverá haver uma ênfase particular à segurança da equipe, com a utilização de EPI, e as operações de monitoramento aéreo ou embarcado deverão ser limitadas a situações em que as condições meteorológicas e oceânicas permitam a operação sem riscos às equipes envolvidas.

No monitoramento terrestre, atenção especial deverá ser destinada aos riscos de quedas e escorregamentos, bem como à presença de serpentes e outros animais potencialmente agressivos ou peçonhentos.

5.3.2. Captura

Dependendo do dimensionamento da resposta será planejado, caso necessário e de acordo com a situação corrente, o monitoramento contínuo em busca de animais afetados e as estratégias de recolhimento de tais indivíduos. Quanto mais rápido for o resgate de um animal oleado, maiores serão as suas chances de sobrevivência.

No caso de um incidente com derramamento de óleo, o recolhimento da fauna afetada será realizado pela equipe técnica responsável pelas atividades de captura, seja através de embarcações, veículos terrestres, captura manual ou armadilhas. Em todos os casos, as

atividades de captura só poderão ser realizadas quando as condições meteoceanográficas permitirem que a operação seja realizada de forma segura.

As estratégias de captura deverão ser adequadas à espécie e ao comportamento dos animais, utilizando equipamentos (p.e. puçás, toalhas, escudos, redes, etc.) e táticas diferentes em cada situação. Por esta razão, as atividades de captura de animais oleados serão coordenadas por um especialista técnico de fauna experiente da Aiuká, planejando cada atividade considerando as áreas prioritárias para recolhimento dos animais, o tamanho da equipe, as técnicas a serem utilizadas e os equipamentos necessários para a realização da atividade.

O tempo necessário para captura de animais oleados depende de um conjunto de fatores, tais como: condições meteoceanográficas, distâncias a serem percorridas, condições de segurança, espécie(s) afetada(s) e comportamento do(s) animal(is). De qualquer modo, as operações buscarão minimizar ao máximo o tempo necessário para captura, a partir da disponibilização de transporte de técnicos de fauna via helicóptero para a unidade marítima, mobilizada a partir da base de apoio aéreo. Para a captura através de embarcação de oportunidade, o tempo para mobilização da embarcação será variável conforme disponibilidade. De forma a assegurar a contratação no menor tempo possível, a bp avaliará os relatórios de disponibilidade de embarcações no mercado spot recebidos periodicamente, e com o suporte da EOR-Fauna, irá escolher a(s) melhor(es) alternativa(s) a serem utilizadas para monitoramento e/ou captura, conforme aplicável.

5.3.3. Transporte

O transporte da fauna objetiva levar a fauna recém-capturada ao local em que ela receberá o atendimento clínico inicial, garantindo a segurança da equipe e do animal durante o processo e assegurando que o transporte ocorra dentro de um período compatível com o bem-estar do animal. De acordo com o procedimento preconizado pelo PAE-Fauna, o tempo de deslocamento do local de resgate até a recepção será de até 30 min, e do local de recepção até o Centro/Instalação Fixa será de até 06 h. Caso ocorra alguma situação diferente destas, serão apresentadas as justificativas pertinentes.

Dependendo da localização e da acessibilidade do local de captura de cada animal, veículos terrestres, embarcações marítimas ou helicópteros poderão ser utilizados. A opção por estes meios de transporte deverá ser feita considerando as condições meteorológicas e oceânicas, o tamanho e comportamento do animal a ser transportado, a disponibilidade de rotas trafegáveis e a distância a ser percorrida.

Aves e pinípedes serão transportados em caixas apropriadas para estas espécies, com tamanho adequado para cada indivíduo. Cetáceos e tartarugas deverão ser transportados sobre colchões de espuma. Os equipamentos para a captura e transporte de animais serão estocados nos Centros e Instalações Móveis. Todos os animais serão transportados de acordo com as necessidades de cada espécie e sob supervisão da equipe de fauna, com cuidados especiais para a ventilação e temperatura corpórea dos indivíduos durante os deslocamentos.

Quando transportado, o animal deve estar acompanhado das seguintes informações:

- Número de identificação temporária;
- Espécie (nome vulgar e se possível o científico) e nível de contaminação do animal pelo óleo;
- Data, hora e local do resgate, se possível com as coordenadas geográficas;
- Data, hora e local de recepção, se possível com as coordenadas geográficas;
- Nome e contato de quem recebeu o animal;
- Informações sobre os primeiros socorros, quando pertinente;
- Registro da data e hora de cada reidratação durante o transporte, quando pertinente;
- Ficha de captura, se possível.

5.3.4. Reabilitação

O processo de reabilitação pode ser subdividido em sucessivas etapas desde a estabilização em campo até a soltura. Cada uma destas etapas pode ter uma duração variável de acordo com as características inerentes à espécie, ao indivíduo sendo reabilitado e ao seu estado clínico ao longo do processo de reabilitação. É importante enfatizar a importância do envolvimento ou supervisão de um médico veterinário ao longo deste processo, além da necessidade de um particular cuidado para minimizar o estresse aos animais em todas as etapas da reabilitação.

Estabilização em campo

A estabilização em campo tem como objetivo o combate imediato aos efeitos agudos da exposição ao óleo nos indivíduos, em especial a desidratação, hipotermia e as queimaduras químicas. Esta é uma etapa que pode ser determinante para o sucesso da reabilitação de animais muito debilitados, por, comprovadamente, diminuir a mortalidade dos indivíduos nas primeiras 24 h.

No caso de um incidente com derramamento de óleo, os animais capturados no mar receberão os cuidados iniciais (limpeza de mucosas, hidratação e transferência a uma caixa de transporte protegida do vento e chuva) em uma embarcação de apoio e/ou imediatamente

após a chegada a uma Instalação Móvel. Cuidados clínicos adicionais (nova verificação da limpeza de mucosas, exame físico, hidratação adicional, estabilização térmica etc.) serão administrados após a chegada ao Centro.

Admissão

A admissão objetiva deve colher as informações clínicas individuais que serão necessárias para determinar quais protocolos de reabilitação e cuidados clínicos serão mais adequados para cada indivíduo. Para tal, é feito um exame clínico[7] rápido, porém suficientemente detalhado que permite determinar a espécie, sexo e grupo etário, avaliar o estado inicial de saúde do animal através de seu peso, condição corpórea, valores sanguíneos, entre outros, e determinar a severidade dos efeitos da exposição ao óleo.

Além disso, a admissão representa o início da documentação individual que permitirá avaliar o progresso de um indivíduo e o desenrolar de toda a resposta terciária. Nesta etapa cada animal recebe uma identificação individual temporária (anilha, brinco, etc.) que, associada a um formulário individual, permitirá a documentação e acompanhamento do animal ao longo de cada etapa do processo de reabilitação.

O exame de admissão pode ser realizado nos Centros, nas Instações Móveis, dependendo da logística operacional a ser determinada durante o incidente.

A admissão também constitui uma das etapas nas quais pode ser empregada a eutanásia como ferramenta de alívio ao sofrimento de animais que não poderão ser reabilitados. Após a avaliação clínica do indivíduo por uma equipe de no mínimo dois médicos veterinários com experiência prévia na reabilitação de fauna petrolizada, e seguindo critérios pré-estabelecidos para a espécie em questão, assim como a legislação vigente, serão julgadas as chances de sobrevivência do indivíduo.

A decisão pela eutanásia também poderá ser tomada em etapas posteriores à admissão, caso novas avaliações clínicas levem ao julgamento de que o animal apresenta condição clínica que inviabiliza sua liberação à natureza. No Brasil, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), institui normas regulatórias dos procedimentos relativos à eutanásia de

[7] Ato de avaliar o paciente e obter informações sistemáticas com o objetivo de determinar o tratamento clínico mais adequado para o indivíduo. O exame clínico envolve diversas fases que incluem desde observações de comportamento, antes mesmo da contenção do animal, determinação da espécie, idade e do sexo, obtenção do peso, e outras informações biológicas relevantes para início do tratamento (JONES, 2010). A avaliação clínica na admissão ao Centro inclui ainda a obtenção de amostras biológicas, sempre que necessário, como sangue para hematócrito e proteínas totais, entre tantas outras.

animais através da Resolução nº 1000/2012 e do “Guia brasileiro de boas práticas para a eutanásia de animais” (CFMV, 2012).

Estabilização

A estabilização tem como objetivo oferecer os tratamentos, nutrição e cuidados clínicos necessários para que os animais adquiram uma condição de saúde suficientemente estável para permitir que passem pelo processo de lavagem. Esta etapa é essencial pois o processo de lavagem, enxágue e secagem representa um estresse considerável, e a maioria dos animais oleados não apresenta, no momento da admissão, condições clínicas adequadas para suportar tal estresse.

Dependendo das condições e das estratégias estabelecidas pela equipe de resposta de fauna, este processo pode ser realizado nos Centros e Instalações Movéis e/ou de oportunidade Fixas.

O ambiente de estabilização deve ser bem ventilado para evitar a exposição excessiva aos vapores de óleo e minimizar a transmissão de patógenos, e garantir que o animal opte por aproximar ou afastar-se de fontes de calor.

A estabilização é um processo de duração variável em função do estado clínico individual e das características inerentes a cada espécie. Por este motivo, o processo de estabilização deve ser permeado por sucessivos exames físicos e clínicos para determinar o progresso de recuperação dos animais até que sejam considerados aptos ao procedimento de limpeza.

Limpeza

A limpeza dos animais é composta por três etapas: banho, enxágue e secagem. O banho, ou lavagem propriamente dita, constitui no procedimento de remoção do óleo da pele, plumagem, pelos, mucosas e carapaça através do emprego de detergentes e água quente.

Este procedimento deve ser realizado com água em temperatura compatível com a espécie do indivíduo sendo lavado, utilizar detergentes que não provoquem irritação excessiva da pele ou das mucosas, e deve ser realizada por profissionais experientes para evitar lesões ao animal e à equipe, bem como para minimizar o tempo necessário para a remoção do óleo. O enxágue consiste na remoção dos resíduos de detergente da plumagem ou pelagem do animal. Esta etapa é particularmente importante para as aves que dependem da impermeabilidade de sua plumagem para manter sua estabilidade térmica, e deve ser realizada por um profissional treinado, utilizando água sob pressão e na temperatura corpórea do animal. A secagem consiste na manutenção dos animais em um ambiente tranquilo e

aquecido, com um fluxo de ar quente e seco, para que possam secar-se e descansar após o processo de banho.

É importante salientar que os melhores protocolos internacionais recomendam que cada indivíduo deve passar por um único banho para a remoção do óleo, uma vez que as estratégias baseadas em banhos sequenciais em dias diferentes são contra-produtivas por provocar estresse excessivo e desnecessário.

As três etapas do processo de lavagem poderão ser realizadas nos Centros e nas Instalações Móveis, e apenas com indivíduos previamente aprovados por meio de exames clínicos para determinar se seu estado de saúde lhes permite suportar o estresse associado a este processo.

Preparação para a soltura

A preparação para a liberação, também denominada etapa de condicionamento ou impermeabilização, consiste em um período de manutenção em cativeiro no qual os animais são providos com a nutrição, manejo, ambiente e tratamentos clínicos adequados para acelerar sua recuperação dos efeitos negativos da exposição ao óleo até que os animais sejam considerados aptos à liberação.

Nesta etapa o ambiente deverá maximizar o conforto dos animais e oferecer condições e manejo adequados para cada espécie. Deverá ser mantida uma documentação individual e acompanhamento clínico para permitir o monitoramento da evolução do estado de saúde dos animais e determinar o momento em que cada indivíduo passa a ser considerado apto à liberação.

5.3.5. Manutenção em cativeiro

A manutenção em cativeiro temporário é necessária em várias etapas do processo de reabilitação (resposta terciária), assim como para a manutenção temporária de animais não-oleados capturados preventivamente (resposta secundária). Nestas circunstâncias, a manutenção em cativeiro deverá oferecer condições de ambientação, manejo e nutrição ótimas com base nas recomendações da literatura científica e de instituições internacionalmente reconhecidas (APRILE & BERTONATTI, 1996; AAZV, 1998; ECKERT *et al*., 1999; FOWLER & CUBAS, 2001; FOWLER & MILLER, 2003; AZA, 2005; HEREDIA *et al*., 2008; OWCN, 2014; SILVA-FILHO & RUOPPOLO, 2014).

Particular atenção deverá ser destinada em oferecer um ambiente quieto e com barreiras visuais para minimizar o estresse. O substrato ou piso deverá ser apropriado e adequadamente higienizado para evitar danos às penas, pele, patas, pelos ou carapaça.

Dependendo da espécie e do tipo de alimentação oferecida, o emprego de suplementação mineral e vitamínica pode ser necessário para evitar deficiências. Estes e outros cuidados são vitais para evitar o desenvolvimento de problemas relacionados à manutenção dos animais em cativeiro.

É importante salientar, ainda, que as atividades de resposta não buscam a manutenção permanente de animais em cativeiro. Neste sentido, todos os procedimentos e instalações devem ser voltados a minimizar o amansamento/*imprinting* dos animais e garantir a manutenção do comportamento normal e aptidão desses para retornar à natureza.

5.3.6. Manejo de carcaças

À semelhança das carcaças oleadas recolhidas do ambiente, todos os animais que vierem a óbito ao longo do processo de reabilitação devem ser necropsiados. Este procedimento é importante não apenas para documentar os impactos do incidente e as atividades de resposta à fauna, mas também para permitir a detecção de agentes infecciosos que possam comprometer o sucesso das atividades de reabilitação. Desta forma, qualquer animal que venha a óbito sob os cuidados da equipe de fauna deverá ser necropsiado e devidamente documentado, e os resíduos de necropsia serão descartados de acordo com o Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos determinado para o incidente.

As carcaças dos animais de interesse científico serão destinadas a instituições públicas nacionais detentoras de coleção científica credenciada. As seguintes instituições poderão receber carcaças de interesse científico na Área de Interesse:

- **Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZ-USP):** Localizado na Avenida Nazaré, n° 481, CEP 04263-000, São Paulo/SP. Telefone para contato (+55 11) 2065-8100.
- **Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade – Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUPEM-UFRJ):** Localizado na Av. São José Barreto, 764 - São José do Barreto, CEP 27965-045, Macaé/RJ. Telefone para contato (+55 22) 2141-3976.

Os documentos comprobatórios do convênio com as referidas instituições se encontram no **ANEXO 3**.

5.3.7. Soltura

O objetivo da soltura é liberar à natureza animais livres de óleo, em boas condições de saúde, com comportamento compatível com outros indivíduos da mesma espécie em vida livre e aptos às atividades necessárias para sua sobrevivência (natação, mergulho, voo, obtenção de alimento etc.) em um ambiente adequado, livre da contaminação por óleo.

Os animais deverão ser avaliados individualmente para a liberação, levando em consideração a necessidade de realizar exame físico completo, exames clínicos, avaliação de impermeabilidade de plumagem/pelagem e avaliação comportamental. São critérios para a liberação:

- Peso corpóreo dentro da média de normalidade para a espécie, considerando sexo, idade, época do ano e local;
- Boa condição corpórea;
- Comportamento normal;
- Critérios de impermeabilização apropriados para as espécies;
- Parâmetros sanguíneos normais para hematócrito e proteínas plasmáticas totais;
- Ausência de lesões ou sinais clínicos sugestivos de doença ao exame físico;
- Ausência de histórico clínico que sugira exposição a patógenos infecciosos e/ou resultados negativos para provas diagnósticas apropriadas para as espécies.

A escolha do local para a soltura deve considerar que:

- Os animais devem ser liberados em ambientes adequados e compatíveis com a história natural da espécie, com recursos alimentares suficientes e onde não exista a possibilidade de exposição ao óleo;
- Os métodos de transporte utilizados devem ser apropriados para que os animais não sofram e sejam liberados em perfeitas condições;
- O tempo de viagem deve ser minimizado sempre que possível;
- A soltura deve ser feita em condições meteorológicas e oceânicas adequadas, na ausência de previsão de tempestades, ressacas, etc.;
- A soltura deve respeitar a história natural e o ciclo anual da espécie, de modo que não haja interferência negativa sobre a probabilidade de sobrevivência do animal após a soltura (por exemplo, soltura na época que antecede a muda de plumagem);
- Os animais devem ser preferencialmente liberados em horários de fotoperíodo adequado para a espécie, facilitando a readaptação ao novo ambiente.

Os animais aptos à liberação poderão receber uma marcação permanente (anilhas metálicas, tags permanentes etc.), sob as devidas licenças das autoridades competentes, permitindo seu monitoramento pós-soltura. No caso de aves, os procedimentos de anilhamento serão realizados por anilhadores autorizados pelo CEMAVE (**ANEXO 5**), com anilhas de formato e tamanho específico para cada espécie.

5.3.8. Monitoramento pós-soltura

O monitoramento pós-incidente visa acompanhar a fauna na região após o término da operação de resposta à fauna e tem como objetivos específicos a avistagem dos exemplares reabilitados e liberados, a observação do comportamento dos animais e sua dispersão, e a forma como estão utilizando as áreas previamente afetadas, a fim de avaliar a recuperação destas. Para o monitoramento pós-soltura, é necessário que os animais sejam previamente identificados.

Será desenvolvido um projeto específico para o monitoramento pós-soltura, considerando as técnicas mais aderentes às espécies, populações e áreas atingidas. O documento será encaminhado para avaliação e aprovação do IBAMA tão logo se iniciem as atividades de reabilitação. O monitoramento pode ser realizado através de observadores terrestres, embarcados ou aéreos, técnicas de marcação individual, ou sistemas de monitoramento remoto. A escolha das técnicas de monitoramento mais adequadas dependerá das características e limitações inerentes às espécies e às tecnologias disponíveis.

6. RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

6.1. Elaboração do Plano de Proteção à Fauna

A **Tabela 10** e a **Tabela 11** apresentam, respectivamente, a lista de profissionais envolvidos na elaboração e revisão do presente Plano de Proteção à Fauna.

Tabela 10: Responsáveis pela elaboração do Plano de Proteção à Fauna.

Elaboração (Rev.00)		
Profissional	**Formação**	**CTF IBAMA**
Aiuká		
Driellie Florencio de Melo	Bióloga, Mestranda em Biodiversidade e Ecologia Marinha e Costeira pela Universidade Federal de São Paulo.	7367296
Natália Moretti Rongetta	Bióloga, Mestre em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ.	5339743
Viviane Barquete Garcia Costa	Oceanóloga. Mestre em Aquicultura pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande e Doutora em Zoologia pela *University of Cape Town*.	324746
Valeria Ruoppolo	Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Patologia Comparada pela Universidade de São Paulo. Experiência nacional e internacional em respostas à fauna oleada.	2984916
Witt O'Brien's Brasil		
Letícia Catharino	Engenheira Ambiental pela Universidade Federal Fluminense.	7719108
Carolina Noronha	Engenheira Ambiental pela Pontifícia Univseridade Católica do Rio de Janeiro.	8131768
Dafne Araujo	Geógrafa pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em Geologia e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.	7259372

Tabela 11: Responsáveis pela Revisão 01 do Plano de Proteção à Fauna.

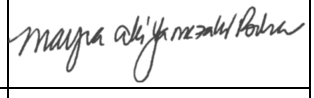
Revisão (Rev.01)			
Profissional	**Formação**	**CTF IBAMA**	**Assinatura**
Aiuká			
Mayra Aki Yamazaki Rocha	Bióloga e com MBA em Licenciamento, Adequação e Restauração Ambiental pela Universidade Federal de São Carlos.	2262453	
Viviane Barquete Garcia Costa	Oceanóloga. Mestre em Aquicultura pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande e Doutora em Zoologia pela *University of Cape Town*.	324746	
Valeria Ruoppolo	Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Patologia Comparada pela Universidade de São Paulo. Experiência nacional e internacional em respostas à fauna oleada.	2984916	

Tabela 11: Responsáveis pela Revisão 01 do Plano de Proteção à Fauna.

Revisão (Rev.01)			
Profissional	**Formação**	**CTF IBAMA**	**Assinatura**
EnvironPact Sustentabilidade e Resiliência			
Luiza Saraiva	Engenheira Ambiental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. MBE em Economia e Gestão da Sustentabilidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.	6483311	
Letícia Catharino	Engenheira Ambiental pela Universidade Federal Fluminense.	7719108	
Camila Sternberg	Engenheira Ambiental pela Universidade Veiga de Almeida. Pós-graduanda em Energias Renováveis pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação.	8310105	
Dafne Araujo	Geógrafa pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em Geologia e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.	7259372	

6.2. Execução do Plano à Proteção à Fauna

A **Tabela 12** apresenta a lista de profissionais que se responsabilizam pela atuação da Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais na execução do presente Plano de Proteção à Fauna.

Tabela 12: Equipe técnica responsável pela execução deste Plano.

Profissional	Formação	CPF	CTF IBAMA
Aiuká			
Valeria Ruoppolo	Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Patologia Comparada pela Universidade de São Paulo. Experiência nacional e internacional em respostas à fauna oleada.	195.315.808-04	2984916
Rodolfo Pinho da Silva Filho	Médico Veterinário, Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas. Experiência nacional e internacional em respostas à fauna oleada.	401.790.010-00	4342184

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAZV (AMERICAN ASSOCIATION OF ZOO VETERINARIANS). (1998). Guidelines for Zoo and Aquarium Veterinary Medical Programs and Veterinary Hospitals. 75p.

ANP (AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO. (2013). Site oficial da Agência Nacional de Petróleo. Disponível em: www.anp.gov.br, acessado em 21 de maio de 2013.

APRILE, G.; BERTONATTI, C. (1996). Manual sobre Rehabilitación de Fauna. Boletín Técnico FVSA. Buenos Aires, Argentina.

ANVISA (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA). (2018) Resolução RDC n.º 222, de 28 de março de 2018. Regulamenta as Boas Práticas de Gerenciamento dos Resíduos de Serviços de Saúde e dá outras providências.

ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). (2020). NBR 7500/2020 - Identificação para o transporte terrestre, manuseio, movimentação e armazenamento de produtos, de 24 de março de 2020.

ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). (2004). NBR 10.004: Resíduos sólidos – Classificação. Rio de Janeiro.

AZA (ASSOCIATION OF ZOOS & AQUARIUMS). (2005). Penguin Husbandry. Manual Third Edition. 142p.

BRANCO, J. O. (2004). Aves marinhas das Ilhas de Santa Catarina. In: BRANCO, J. O. (ed). Aves marinhas e insulares: bioecologia e conservação. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

BRASIL (2013). Decreto n° 8.127, de 22 de outubro de 2013. Institui o Plano Nacional de Contingência (PNC) para Incidentes de Poluição por Óleo em Águas sob Jurisdição Nacional.

BRASIL (2018). Instrução Normativa IBAMA N° 26 de 18 de dezembro de 2018. Estabelece os parâmetros e procedimentos para monitoramento ambiental da aplicação de dispersantes químicos no mar, conforme definido na Resolução CONAMA 472/2015. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 dez., Seção 1, p. 160.

BRASIL (2010). Lei Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 ago. Seção 1, p. 3.

BRASIL (2017). Resolução CONAMA N° 482 de 03 de outubro de 2017. Dispõe sobre a utilização da técnica de queima controlada emergencial como ação de resposta a incidentes de poluição por óleo no mar. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 out. 2017. Seção 1, p. 119-123.

BRASIL (2015). Resolução CONAMA Nº 472 de 27 de novembro de 2015. Dispõe sobre o uso de dispersantes químicos em incidentes de poluição por óleo no mar. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 dez. 2015, Seção 1, p. 117-119.

CBRO (COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS). (2014). Lista de Aves do Brasil. Disponível em: http://www.cbro.org.br/CBRO/pdf/AvesBrasil2014.pdf, acesso em 09 de julho de 2014.

CEMAVE (CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DE AVES SILVESTRES). (2010). Projeto Nacional de Monitoramento do Pinguim-de-Magalhães: Spheniscus magellanicus. Brasília, ICMBio. 34p.

CFMV (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA). (2012). Resolução nº 1000, 11 de maio de 2012. Disponível em: http://www.cfmv.org.br/portal/legislacao/resolucoes/resolucao_1000.pdf, acessado em 09 de julho de 2014.

CLAVERO, M. & GARCÍA-BERTHOU, E. (2005). Invasive species are leading cause of animal extinctions. Trends in Ecology & Evolution 20 (3): 110.

DOMÍNGUEZ, J. C.; CORDERO, G. (1993). Rehabilitación de aves salvajes heridas – técnicas de reparación de fracturas en las extremidades. Manual Técnico. 181p.

ECKERT, K. L.; BJORNDAL, K. A.; ABREU-GROBOIS, F. A.; DONNELLY, M. (1999). Research and Management Techniques for the Conservation of Sea Turtles. Marine Turtle Specialist Group – IUCN. 248p.

EMSA (EUROPEAN MARITIME SAFETY AGENCY). (2004). Action Plan for Oil Pollution Preparedness and Response. 67p.

EMSA (EUROPEAN MARITIME SAFETY AGENCY). (2013). Action Plan for Oil Pollution Preparedness and Response. 103p.

FIORELLO, C.V.; FREEMAN, K.; ELIAS, B.A.; WHITMER, E.; ZICCARDI, M.H. (2016). Ophthalmic effects of petroleum dispersant exposure on common murres (Uria aalge): an experimental study. Marine Pollution Bulletin v.113: 387-391.

FOWLER, M.E.; CUBAS, Z.S. (2001). Biology, Medicine, and Surgery of South American Wild Animals. 550p.

FOWLER, M. E.; MILLER, R. E. (2003). Zoo and Wild Animal Medicine. 992p.

GAGE, L.; WHALEY, J. E. (2006). Policies and best practices – marine mammal stranding response, rehabilitation, and release. 50p.

GERACI, J.R. & SAINT-AUBIN, D.J. (1988). Synthesis of effects of oil on marine mammals. Department of the Interior, Minerals Management Service, Atlantic OCS Region, 142p.

GORENZEL, W.P.; SALMON, T.P. (2008). Bird Hazing Manual - Techniques and Strategies for Dispersing Birds from Spill Sites. University of California, Agriculture and Natural Resources Publication 21638, 102p.

GULLAND, F.M. D.; DIERAUF, L.A.; WHITMAN, K.L. (2018). CRC Handbook of Marine Mammal Medicine, 3rd edition. 1124p.

HEREDIA, S.A.R.; ALVAREZ, C.K.; LOUREIRO, J.D. (2008). Aves marinas empetroladas: Guía práctica para su atención y manejo. Fundación Mundo Marino. San Clemente Del Tuyú, Argentina, 138p.

IBAMA (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS) (2015). Anexo - Orientações Gerais para Plano de Proteção à Fauna.

IBAMA (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS) (2015). Confecção de Mapas de Vulnerabilidade Ambiental (Proteção à Fauna) da CGPEG/DILIC/IBAMA.

IBAMA (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS) (2016). Plano nacional de ação de emergência para fauna impactada por óleo.

IBAMA (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS) (2018). Manual de boas práticas – Manejo de fauna atingida por óleo. 55 p.

IBP (INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO E GÁS) (2016). MAREM (MAPEAMENTO AMBIENTAL PARA RESPOSTA À EMERGÊNCIA NO MAR). Banco de Dados. Disponível em: http://www.marem-br.com.br/.

IPIECA (INTERNATIONAL PETROLEUM INDUSTRY ENVIRONMENTAL CONSERVATION ASSOCIATION) (2004). A Guide to Oiled Wildlife Response Planning. IPIECA Report Series, Volume 13, 52 p.

IPIECA (INTERNATIONAL PETROLEUM INDUSTRY ENVIRONMENTAL CONSERVATION ASSOCIATION), IOGP (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF OIL & GAS PRODUCERS) (2016a). Wildlife Response Preparedness. IPIECA Report Series, 64p.

IPIECA (INTERNATIONAL PETROLEUM INDUSTRY ENVIRONMENTAL CONSERVATION ASSOCIATION), IOGP (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF OIL & GAS PRODUCERS) (2016b). Tiered preparedness and response. IPIECA Report Series, 44p.

IPIECA (INTERNATIONAL PETROLEUM INDUSTRY ENVIRONMENTAL CONSERVATION ASSOCIATION), IOGP (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF OIL & GAS PRODUCERS) (2017). Key Principles for the Protection, Care and Rehabilitation of oiled wildlife. IPIECA Report Series, 72 p.

ITOPF (THE INTERNATIONAL TANKER OWNERS POLLUTION FEDERATION). (2011). Use of dispersants to treat oil spills. Technical information paper 4. The International Tanker Owners Pollution Federation Limited.

JACOBSON, E.R.; BEHLER, J.L.; JARCHOW, J.L. (1999). Health assessment of chelonians and release into the wild. In: Fowler, M.E. Zoo and Wild Animal Medicine, Current Therapy 4, 232-242.

JENSSEN, B.M. (1994). Review article: effects of oil pollution, chemically treated oil, and cleaning on the thermal balance of birds. Environmental Pollution v.86: 207-215.

JONES, A.K. (2010). O exame físico. In: Tully Jr., T. N.; Dorrestein, G. M.; Jones, A. K. (eds.) Clínica de aves, cap. 3, p. 49-67.

KELLER, R.P.; DRAKE, J.M.; DREW, M.B.; LODGE, D.M. (2010). Linking environmental conditions and ship movements to estimate invasive species transport across the global shipping network. Diversity and Distributions 17:93-102.

LOWE S.; BROWNE M.; BOUDJELAS S.; DE POORTER M. (2000). 100 of the World's Worst Invasive Alien Species: A selection from the Global Invasive Species Database. IUCN-SSG, 12 pp.

MARIGO, J. (2007). Cetacea (Golfinho, Baleia). In: CUBAS, Z.S.; RAMOS SILVA, J.C.; CATÃO-DIAS, J.L. (eds) Tratado de Animais Selvagens – Medicina Veterinária. Roca, São Paulo.

MIGNUCCI-GIANNONI, A. (1999). Assessment and rehabilitation of wildlife affected by an oil spill in Puerto Rico. Environmental Pollution 104:323-333.

MILLER, E.A.; WELTE, S.C. (1999). Caring for oiled birds. In Fowler, M.E. Zoo and Wild Animal Medicine, Current Therapy 4. 301-309.

MMA (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE) (2022). Portaria GM/MMA N° 300, de 13 de dezembro de 2022. Reconhece a Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Diério Oficial da União, Edição:234, Seção:1, Página, 75.

MNZ (MARITIME NEW ZEALAND) (2010). National Marine Oil Spill Contingency Plan: Operations. Disponível em: http://www.maritimenz.govt.nz/Environmental/ Responding-to-spills-and-pollution/The-national-plan.asp

NIMS (NATIONAL INCIDENT MANAGEMENT SYSTEM) (2011). Training Program. Homeland Security, USA.

NOVIELLO D. (2012). Responding to the Threat of Oil Spills to Southern Resident Killer Whales in U.S. Waters – Washington State Department of Fish and Wildlife http://www.verney.ca/assets/SSEC_Presentations/Session%204/4B,5B_DonaldNoviello_Poster.pdf

NWACP (NORTHWEST AREA CONTINGENCY PLAN) (2014). United States of America: Northwest Contingency Plan. Disponível em: http://www.rrt10nwac.com/Files/NWACP/2014/Northwest%20Area%20Contingency%20Plan%202014.pdf

OWCN (OILED WILDLIFE CARE NETWORK) (2000). Protocols for the care of oil-affected birds. Davis: Wildlife Health Center, University of California, 75p.

OWCN (OILED WILDLIFE CARE NETWORK) (2014). Protocols for the care of oil-affected birds. 3a edição. UC Davis. 182 pp.

PEAKALL, D.B.; WELLS, P.G. MACKAY, D. (1987). A hazard assessment of chemically dispersed oil spills and seabirds. Marine Environmental Research v.22: 91-106.

PHELAN, S.M.; ECKERT, K.L. (2006). Marine turtle trauma response procedures: a field guide. Wider Caribbean Sea Turtle Conservation Network (WIDECAST). Technical Report No. 4. Beaufort, North Carolina, 71 pp.

PIATT, J.F.; LENSINK, C.J.; BUTLER, W.; KENDZIOREK, M.; NYSEWANDER, D.R. (1990). Immediate impact of the 'Exxon Valdez' oil spill on marine birds. Auk 107:387-397.

PIMENTEL D.; ZUNIGA R.; MORRISON D. (2005). Update on the environmental and economic costs associated with alien-invasive species in the United States. Ecological Economics 52:273-288.

PROOCEANO (2022). Modelagem de Dispersão de Óleo – Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos. Relatório Técnico [Rev. 00].

RUOPPOLO, V., VANSTREELS, R.E.T., SILVEIRA, L. F., ZERBINI, A.N., COLMAN, L., WOEHLER, E. J. NASCIMENTO, C.C., SILVA-Filho, R. P., PINA, M. C., MARTINS, P., RANIERI, A. (2017) Sensitivity Mapping for Oil Spill Response: a comprehensive framework to identify wildlife and areas at risk along the coastline of Brazil. International Oil Spill Conference.

RUOPPOLO, V.; ROBINSON, I. (2014). Emergências Ambientais – Ações para a Redução dos Impactos à Fauna. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. (Orgs.). Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária. 2a ed. São Paulo: Roca, v. 2, p. 2327-2338.

SANTOS, A. S.; MARCOVALDI, M. A. A. (eds) (2011). Plano de Ação Nacional para Conservação de Tartarugas Marinhas. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Brasília, Diretoria de Pesquisa, Avaliação e monitoramento da biodiversidade. 25: 120.

SHIGENAKA, G. (2003). Sea Turtles – Biology, planning and response. NOAA National Ocean Service. 116p.

SILVA FILHO R.P. & RUOPPOLO V. (2014). Sphenisciformes (Pinguim), p.384-416. In: Cubas Z.S., Silva J.C. & Catão-Dias J.L. (Eds), Tratado de Animais Selvagens: medicina veterinária. 2ª ed. Roca, São Paulo.

STACY, N.I.; FIELD, C.L.; STAGGS, L.; MACLEAN, R.A.; STACY, B.A.; KEENE, J.; CACELA, D.; PELTON, C.; CRAY, C.; KELLEY, M.; HOLMES, S.; INNIS, C.J. (2017). Clinicopathological findings in sea turtle assessed during the Deepwater Horizon oil spill response. Endangered Species Research v.33: 25-37.

STEPHENSON, R. (1997). Effects of oil and other surface-active organic pollutants on aquatic birds. Environmental Conservation v.24, n.2: 121-129.

TROISI, G.; BARTON, S.; BEXTON, S. (2016). Impacts of oil spills on seabirds: unsustainable impacts of non-renewable energy. International Journal of Hydrogen Energy v.41: 16549-16555.

USFWS (UNITED STATES FISH AND WILDLIFE SERVICE) (2011). Deepwater Horizon Response Consolidated Fish and Wildlife Collection Report. Disponível em: <http://www.fws.gov/home/dhoilspill/collectionreports.html>. Acesso em 15 dezembro 2014.

WALRAVEN, E. (2004) Rescue and rehabilitation of oiled birds. Field Manual. Zoological Parks Board of New South Wales. Australian Maritime Safety Authority, 192p. 2004.

WALSH, M.; BOSSART, G.D. (1999). Manatee medicine. In Fowler, M.E. Zoo and Wild Animal Medicine, Current Therapy 4, 507-516.

WHITAKER, B.R.; KRUM, H. (1999). Medical management of seaturtles in aquaria. In: Fowler, M.E. Zoo and Wild Animal Medicine, Current Therapy 4: 217-231

WILLIAMS, T.M.; KASTELEIN, R.A.; DAVIS, R.W. & THOMAS, J.A. (1988). The effects of oil contamination and cleaning on sea otters (Enhydra lutris). I. Thermoregulatory implications based on pelt studies. Canadian Journal of Zoology v.66: 2776-2781

WISE, C.F.; WISE, J.T.F.; WISE, S.S.; THOMPSON, W.D.; WISE JR., J.P.; WISE SR., J.P. (2014). Chemical dispersants used in the Gulf of Mexico oil crisis are cytotoxic and genotoxic to sperm whale skin cells. Aquatic Toxicology v. 152: 335-340.

WOLFE, M.F.; SCHWARTZ, G.J.B.; SINGARAM, S.; MIELBRECHT, E.E.; TJEERDEMA, R.S.; SOWBY, M.L. (1999). Influence of dispersants on the bioavailability and trophic transfer of phenanthrene to algae and rotifers. Aquatic Toxicology v.48: 13-24.

APÊNDICE 1 – MAPAS DE VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA)

50°0'0"W 45°0'0"W 40°0'0"W 35°0'0"W

20°0'0"S 25°0'0"S 30°0'0"S 35°0'0"S

MT GO MG BA ES MS SP RJ PR SC RS

JQCU ESMU CMP SANN SANC SANS PELN PELC PELS

1 2 3 4 5 6

-200 -500 -2000 -3500 -4000 -4500 -1000 -2500

Legenda

- Batimetria
- Articulação dos mapas
- Bloco Pau-Brasil
- Área de interesse do PPAF
- Divisa estadual
- Unidades geográficas de fauna

N W E S

0 62,5 125 250 km

1:8.000.000

Projeção:
Cilíndrica Normal Equirretangular
Datum: SIRGAS 2000

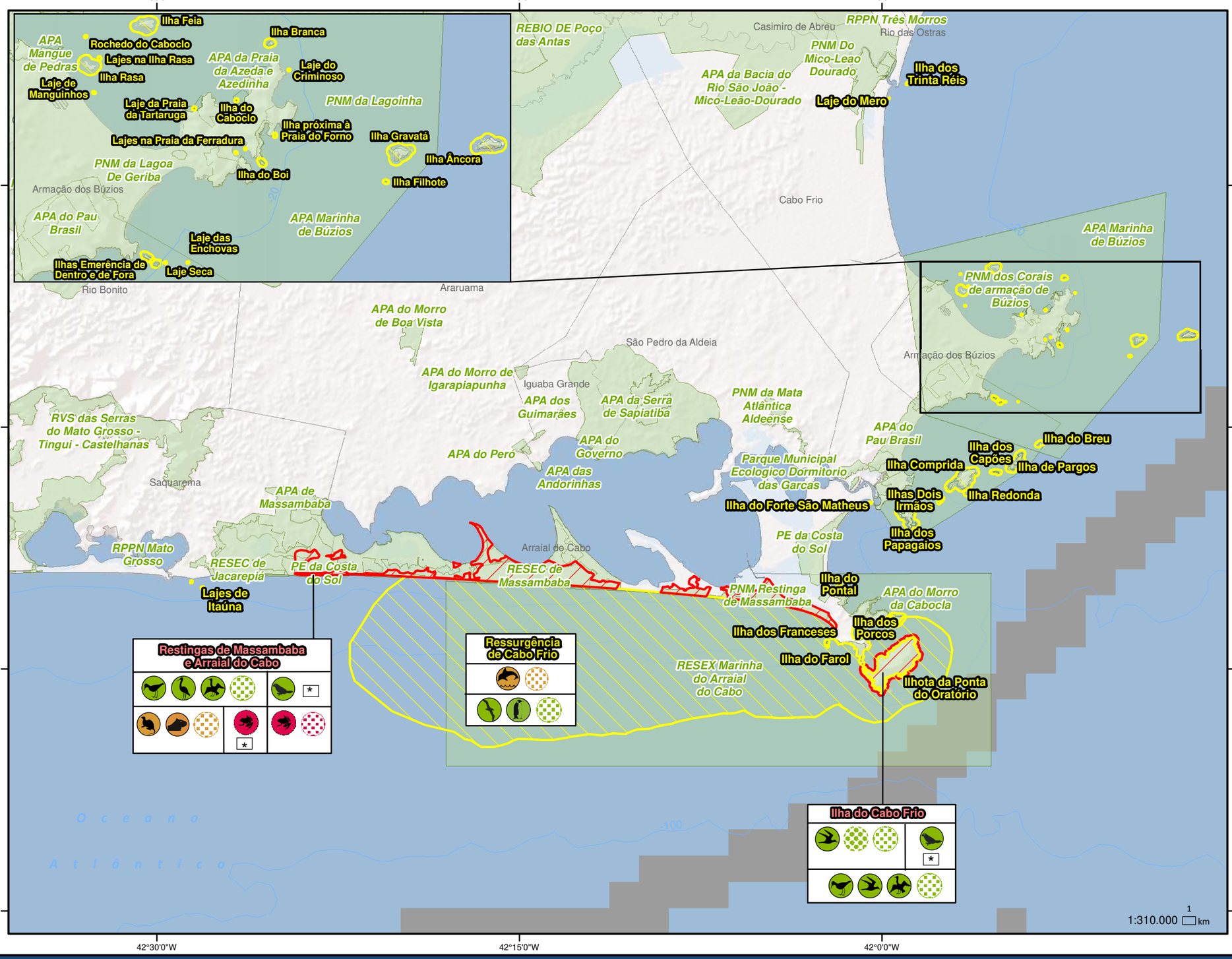
Fonte:
Modelagem: Prooceano, 2022
World Ocean Base: ESRI
Limites: IBGE, BC250, 2013

TÍTULO

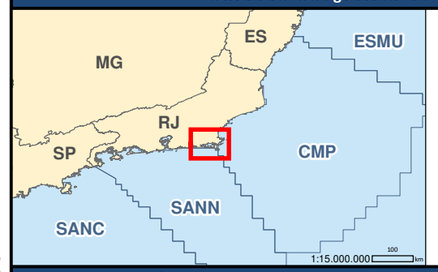
Mapa de Vulnerabilidade Ambiental (Fauna)
Atividade de Perfuração no Bloco Pau-Brasil
Bacia de Santos

EXECUÇÃO EnvironPact / Aiuká	CLIENTE bp
Nº PROJETO 21.07.007.01	Nº PROCESSO 02001.037650/2018-63
RESP. TÉCNICO Luiza Saraiva	ASSINATURA
PROJETADO POR Dafne Araujo	DATA Junho/2023
REVISÃO 01	MAPA Índice

Document Path: W:\01_Projetos\Karoon\22.02.034.02 - KAROON - PPAF-PMAVE NEON\PPAF\Memoria\GIS\Projetos\Frentes



Unidade Geográfica de Fauna



Legenda:

- ESMU - Espírito Santo - Mucuri
- CMP - Campos
- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)

Legenda:

1. Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
2. Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
3. Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas
4. Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada
5. Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja
6. Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas
7. Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar
8. Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
9. Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
10. Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

- Passeriformes terrestres
- Aves marinhas costeiras
- Aves limícolas
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves marinhas pelágicas
- Pinguim
- Área de concentração de avifauna
- Área de reprodução de avifauna
- Pequenos mamíferos terrestres
- Roedores
- Pequenos cetáceos
- Área de concentração de mastofauna
- Anfíbios
- Área de concentração de herpetofauna
- Limites municipais
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Área de interesse (PPAF)
- * Ocorrência de espécies endêmicas

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
Prooceano, 2022

DOCUMENTO: **PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**

EMPREENDIMENTO: **ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**

TÍTULO: **MAPA DE VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 1**

Nº DO PROCESSO: **02001.037650/2018-63**

ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

CLIENTE: bp

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO: Luiza Saraiva

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

Zona Oceânica

151 155 157 160 161 162 163 164 166 168 169 170

171 172 173 174 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 194 195 196 198 199 200 201 202 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

11 13 14 15 16 17 19 20 21 25 28 29 30 31 35 37 38 39 40 41 42 43 44

119 121 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Zona Nerítica

124

145 150 151 153 155 157 160 161 162 163 164 166 167 168 169 170

171 172 173 174 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 194 195 196 198 199 200 201 202 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

11 13 14 15 16 17 19 20 21 25 28 29 30 31 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44

119 121 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelagicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO: **PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**

EMPREENDIMENTO: **ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**

TÍTULO: **VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 1 (VERSO)**

PROCESSO Nº

ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Luiza Saraiva

47°12'0"W
47°0'0"W
46°48'0"W
24°10'0"S
24°20'0"S
24°30'0"S

APA da Serra do Mar
MIRACATU
PE da Serra do Mar
ITANHAÉM
MONGAGUÁ
PEDRO DE TOLEDO
ITARIRI
PERUÍBE
IGUAPE
RDS do Despraiado
APA de Cananéia-Iguape-Peruíbe
ARIE Ilha do Ameixal
PE do Itinguçu
RDS da Barra do Una
ESEC Juréia-Itatins
APA Marinha Litoral Sul
PE do Prelado
APA Marinha do Litoral Centro
ESEC dos Tupiniquins
ARIE Ilhas da Queimada Pequena e Queimada Grande
OCEANO ATLÂNTICO

Estuário do Rio Itanhaém
Ilha do Givura
Laje da Conceição
Estuário do Rio Preto
Pedra Meia Praia
Estuário do Rio Peruíbe
Foz do Rio Guaraú
Ilha de Peruíbe
Ilhota da Praia Guaraú
Pedra Grande
Laje do Arpoador
Ilha do Guaraú
Laje Paranapuã
Ilha do Boqueté
Ilhota das Gaivotas
Ilha Queimada Pequena
Juimirim
Ilha Queimada Grande
Faixa marítima da zona costeira do estado de São Paulo

-20
-28
-40

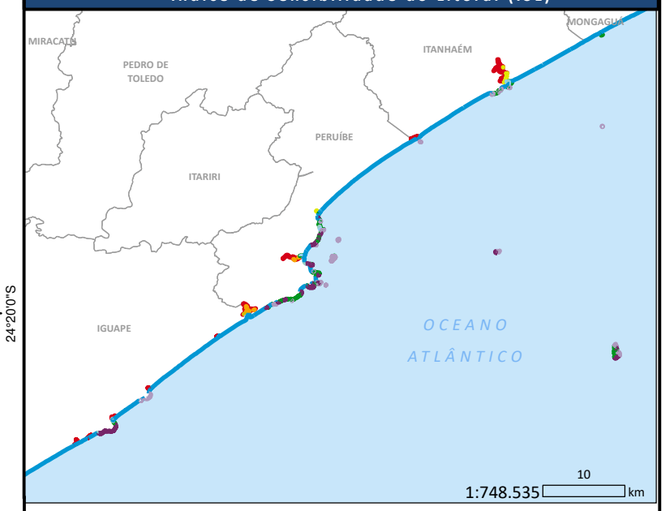
1:255.000 5 km

Unidade Geográfica de Fauna

Legenda:

- CMP - Campos
- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro
- SANS - Santos Sul
- PELN - Pelotas Norte

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)



Legenda:

1 Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas

2 Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)

3 Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas

4 Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada

5 Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja

6 Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas

7 Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar

8 Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados

9 Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais

10 Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

LEGENDA

- Aves marinhas costeiras
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves limícolas
- Aves de rapina
- Não passeriformes terrestres
- Área de reprodução de avifauna
- Área de concentração de avifauna
- Anfíbios
- Outros répteis
- Área de concentração de herpetofauna
- Pequenos cetáceos
- Área de concentração de mastofauna
- * Ocorrência de espécies endêmicas
- Limites municipais
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- Área de interesse (PPAF)

N W E S

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
PROOCEANO, 2022

DOCUMENTO:	PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)
EMPREENDIMENTO:	ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO MARÍTIMA NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS
TÍTULO:	VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 2
Nº DO PROCESSO:	02001.037650/2018-63
ELABORAÇÃO: Dafne Araujo	DATA: Junho/2023
CLIENTE: bp	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO: Luiza Saraiva

EnvironPact

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

Zona Oceânica

151 155 160 161 162 163 164 169 170

171 172 173 174 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 188 189 190 191 192 194
195 196 198 199 200 202 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 19 21 23 25 30
31 35 37 38 39 40 41 42 43 44

119 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Costão

30

43 51 52

108 109 120 121 122 123 124 127

145 148 149 150 153 154 155 160 161 162 167 169 170

209 210 211

119 122 123 124 125

129 132 137 138 142 149 150 151 152 153 157

Mangue

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 19

24 25 26 27 28 29 30 31 33 35

36 37 38 39 42 43 44 46 47 51 52 53 54 55 57 63 67 68 70 71 74 75 78 79 80 81 82 86 90

94 95 97 98 100 103 107

108 109 111 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 127 128 131 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 151 153 154 158 159 160 162 164 165 167 169 170

212 213 214

221 222 223 227

229 230 231

10

36

52 53 55 59 63 64 69 71 79 83 84 88 92 95 98 101 103 104 105 106 107 108 110 111 113 114 115 117 118

123 125

123 125 129 132 135 137 138 142 149 150 151 152 153 155 157

19

21 33 35 36

46

Restinga

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 19 20 21

24 25 26 27 28 29 30 31 33 35

36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 49 51 52 53 54 55 57 58 59 60 61
62 63 65 66 67 68 70 71 72 73 74 75 79 80 81 82 83 84 86 88 90

91 94 95 97 98 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

221 222 223 224 226 227

228 230 231 232

10

52 53 54 55 60 61 62 64 67 68 69 70 71 79 84 85 86 88 89 92 101 103 104 105 106 108 110 111 113 114 115 116 117 118

119 123 124 125

126 129 132 135 136 137 138 142 149 150 151 152 153 155 156 157 158

19

21 27 31 33 35 36 41

44 50 52

Estuário

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 19 20 21 23

24 25 26 27 28 29 30 31 33 35

36 37 38 39 40 42 43 44 45 46 47 49 50 51 52 53 54 55 57 58 59 60 61
62 63 65 66 67 68 70 71 72 73 74 75 78 79 80 81 82 83 84 86 88 90

94 95 97 98 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 131 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

221 222 223

229 230 231

1 7

10

34 36 43

52 53 55 59 60 61 62 63 64 67 68 69 70 71 79

78 80 82 84 85 86 88 89 92 95 97 98 101

103 104 105 106 107 108 110 111 113 114 115 116 117 118

123 124 125

126 129 132 135 136 137 138 142 149 150 151 152 153 155 156 157

19

31 36

44 46 49 50 51 52

Mata Ciliar

1 2 9 10 11 15 16 17 19 20 21 23

24 25 26 27 28 29 30 32 33 35

36 37 38 39 40 42 43 44 45 46 47 49 50 51 52 53 54 55 57 58 59 60 61 62
63 64 65 66 67 69 70 71 72 73 74 75 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 90

91 93 94 95 97 98 100 101 102 103 104 105 106 107

108 109 110 111 114 116 119 120 125 126 128 129 136 137 138 139 140 141 142 144

158 159 162 165

219 221 222 223 224 225 226 227 228

228 230 231 232 233 234 237

10

45 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69
70 71 72 73 74 75 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94

126 129 132 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 146 147 149 150 151 152 153 155 156 157 158

5 18

19

21 27 31 32 33 35 36 37 41 42

44 49 50 52

Zona Nerítica

124

145 150 151 153 155 160 161 162 163 164 167 169 170

171 172 173 174 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 188 189 190 191 192
194 195 196 198 199 200 202 206 207 208 209 210 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 19 20 21 23 25 30 31
34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44

119 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Praia

1 2 4 6 7 13 14 15

26 27 29 30 31 33

38 39 43 44 46 47 51 52 53 54 55 71 78 80

94 98 100

108 109 111 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 127 128 129 131 132 135 137 138 139 140 141 142 144 149 150 151 152

145 148 149 150 151 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

19

21 33 35 36

46

Ilhas

97 101

109 124

145 150 153 155 160 161 162 167 169

10

119 122 123 124 125

129 132 142 149 152 153 157

6 14 15 17 18

22 23 24 25 26 27 29

45 46 47 48 49 51

171 172 173 174 176 178 180 181 182
183 184 185 186 188 190 191 192 194
195 196 198 199 200 202 206 207 208 209
210 211 212 213 214 215 216 217 218

221 222 223

231

241

10

53 79 101 103 104 108 115

119 122 123 124 125

129 132 137 138
142 149 150 151
152 153 157 158

19

45 46 47 48 51

Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelagicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO: **PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**

EMPREENDIMENTO: **ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**

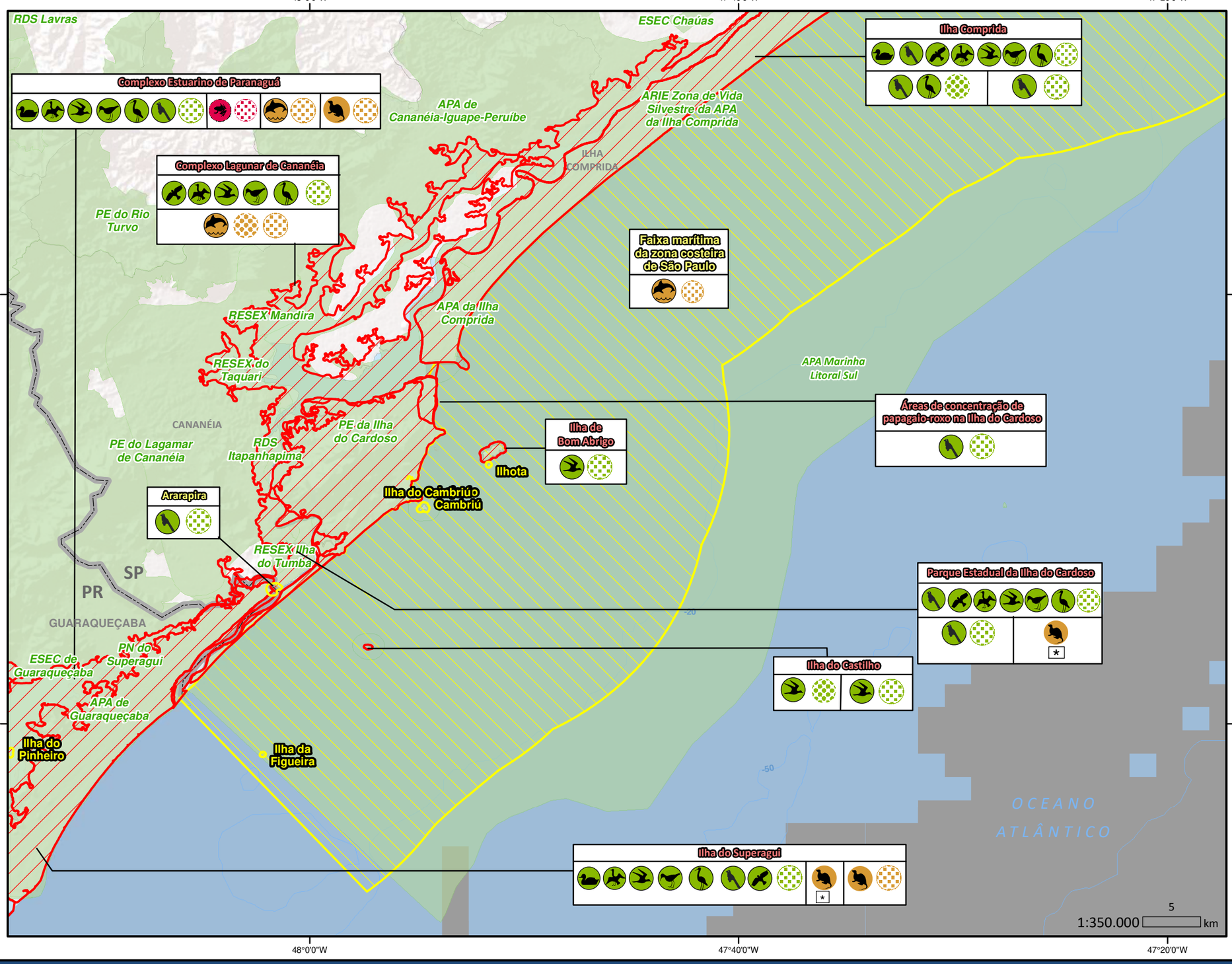
TÍTULO: **VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 2 (VERSO)**

PROCESSO Nº

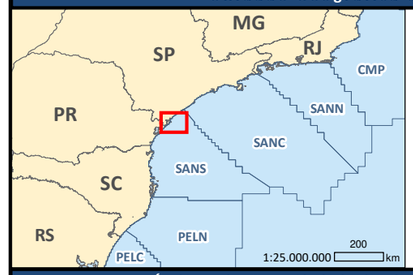
ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Luiza Saraiva



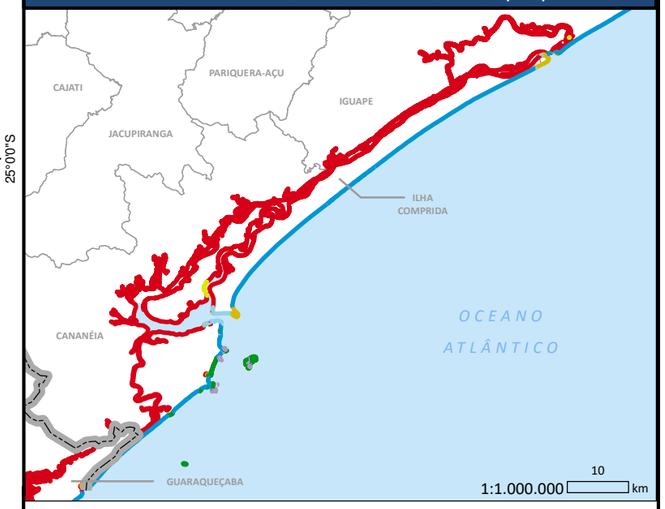
Unidade Geográfica de Fauna



Legenda:

- CMP - Campos
- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro
- SANS - Santos Sul
- PELN - Pelotas Norte
- PELC - Pelotas Centro

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)



Legenda:

1. Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
2. Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
3. Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas
4. Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada
5. Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja
6. Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas
7. Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar
8. Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
9. Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
10. Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

LEGENDA

- Aves marinhas costeiras
- Aves aquáticas pernaltas
- Não passeriformes terrestres
- Anseriformes
- Aves limícolas
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves de rapina
- Área de reprodução de avifauna
- Área de concentração de avifauna
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Área de concentração de mastofauna
- Área de reprodução de mastofauna
- Anfíbios
- Área de concentração de herpetofauna
- * Ocorrência de espécies endêmicas
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- Limites municipais
- Limite estadual
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Área de interesse (PPAF)

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
PROOCEANO, 2022

DOCUMENTO:	PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)
EMPREENDIMENTO:	ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS
TÍTULO:	VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 3
Nº DO PROCESSO:	02001.037650/2018-63
ELABORAÇÃO:	Dafne Araujo
DATA:	Junho/2023
CLIENTE:	bp
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Luiza Saraiva

EnvironPact

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

Zona Oceânica

151	171 196	241	1	13 31	119	45
155	172 198		2	14 35	122	46
160	173 199		3	15 37	123	47
161	174 200		4	16 38	124	48
162	175 202		5	17 39	125	51
163	176 203		6	19 40		
164	177 205		7	20 41		
169	178 206		8	21 42		
170	180 207		9	23 43		
	181 208			25 44		
	182 209			30		
	183 210					
	184 211					
	185 212					
	186 213					
	189 214					
	190 215					
	191 216					
	192 217					
	194 218					
	195					

Zona Nerítica

124	150	171 195	241	1	13 34	119	45
	151	172 196		2	14 35	122	46
	153	173 198		3	15 36	123	47
	155	174 199		4	16 37	124	48
	160	175 200		5	17 38	125	51
	161	176 202		6	19 39		
	162	177 203		7	20 40		
	163	178 205		8	21 41		
	164	180 206		9	23 42		
	167	181 207			25 43		
	169	182 208			30 44		
	170	183 209			31		
		184 210					
		185 212					
		186 213					
		189 214					
		190 215					
		191 216					
		192 217					
		194 218					

Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelagicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO:
PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)

EMPREENDIMENTO:
ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL
BACIA DE SANTOS

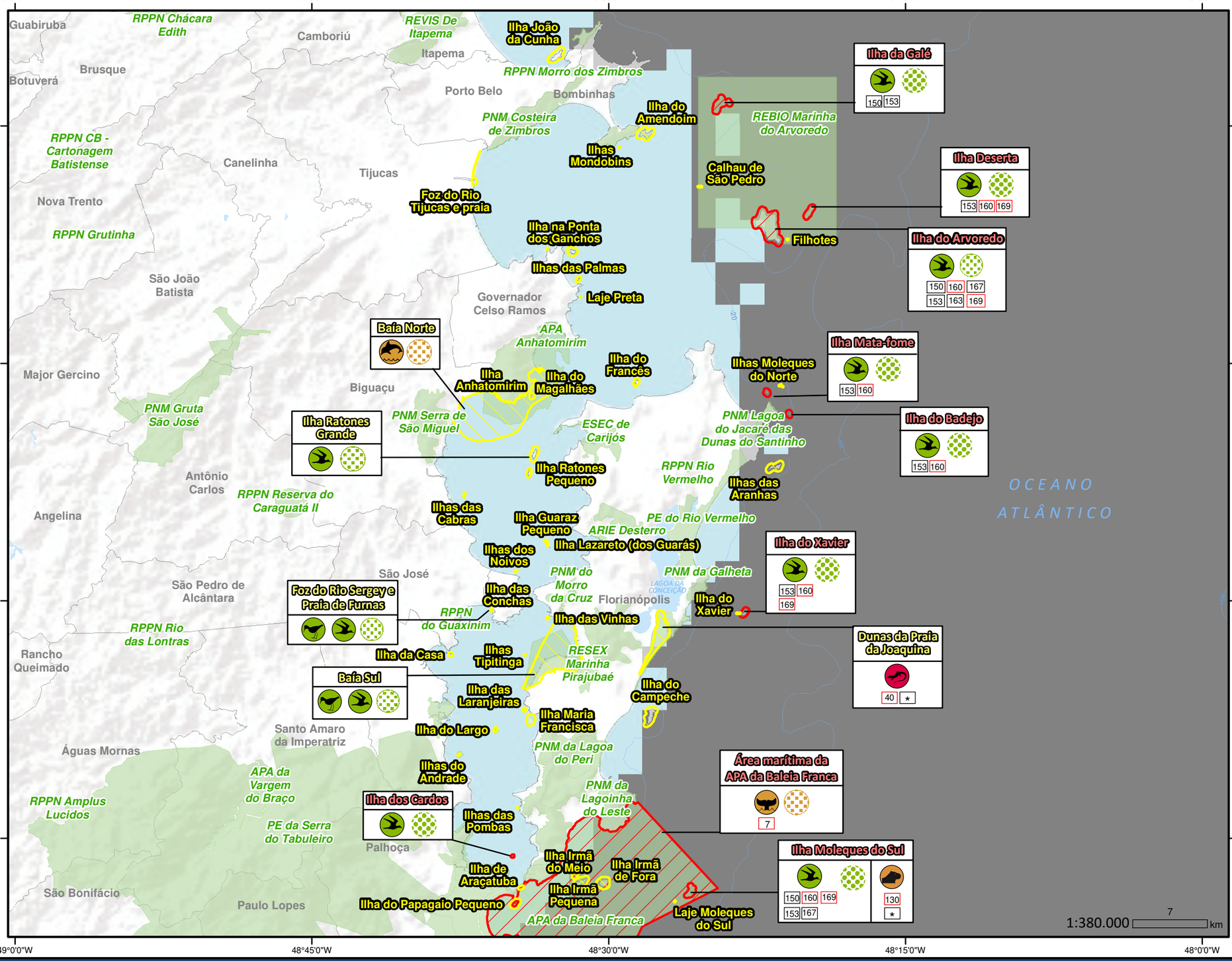
TÍTULO:
VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 3 (VERSO)

PROCESSO Nº

ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Luiza Saraiva

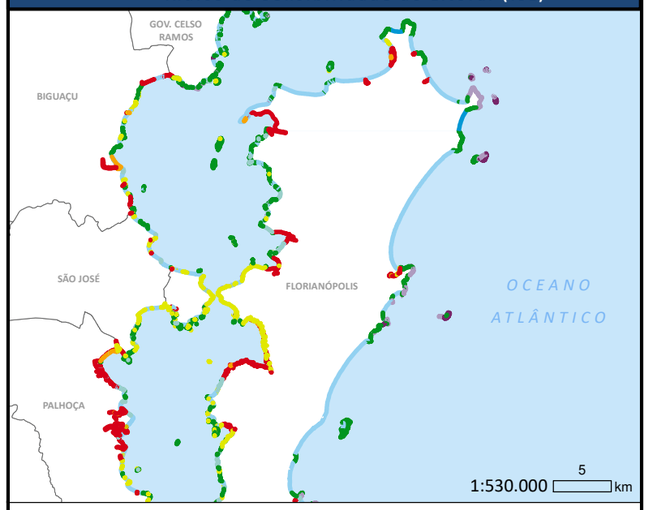


Unidade Geográfica de Fauna

Legenda:

- CMP - Campos
- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro
- SANS - Santos Sul
- PELN - Pelotas Norte
- PELC - Pelotas Centro

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)



Legenda:

1. Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
2. Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
3. Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas
4. Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada
5. Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja
6. Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas
7. Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar
8. Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
9. Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
10. Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

LEGENDA

- Pequenos cetáceos
- Grandes cetáceos
- Roedores
- Área de concentração de mastofauna
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Área de reprodução de avifauna
- Área de concentração de avifauna
- Outros répteis
- n — Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- n — Ocorrência de espécies prioritárias
- * — Ocorrência de espécies endêmicas
- Limites municipais
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- Área de interesse (PPAF)

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
PROOCEANO, 2022

DOCUMENTO:	PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)
EMPREENDIMENTO:	ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS
TÍTULO:	VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 4
Nº DO PROCESSO:	02001.037650/2018-63
ELABORAÇÃO:	Dafne Araujo
DATA:	Junho/2023
CLIENTE:	bp
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Luiza Saraiva

EnvironPact

Document Path: W:\01_Projetos\BP\22.02.007.03 - BP - PPAF PMAXE Pau-Brasil\PPAF\Memoria\GIS\Projetos\Frente\BP_PauBrasil_PPAF_Frente_1.mxd

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

Zona Oceânica

151 155 160 161 162 163 164 169 170

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 189 190 191 192 194 195
196 198 199 200 202 203 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 19 20 21 23 25 30
31 35 37 38 39 40 41 42 43 44

119 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Costão

30

43 51 52

108 109 120 121 122 123 124 127

148 149 150 153 154 155 160 161 162 167 169 170

209 210 211

119 122 123 124 125

127 129 130 131 132 137 138 142 149 150 151 153 157 159

Mangue

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 19

24 25 26 27 28 29 30 31 33 35

36 37 38 39 42 43 44 46 47 51 52 53 54 55 56 57 63 67 68 70 71 74 75 78 79 80 81 82 86 90

92 94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 127 128 131 132 136 137 138 139 140 141 142 143 144

148 149 151 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

212 213 214

221 222 223 227

229 230 231

10

36

52 53 55 59 63 64 69 71 79 83 84 88 92 95 98 101 103 104 105 106 107 108 110 111 113 114 115 117 118

123 125

127 129 130 131 132 135 137 138 142 149 150 151 153 155 157 159

19

21 33 35 36

46

Restinga

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 18 19 20 21

24 25 26 27 28 29 30 31 33 34 35

36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 49 51 52 53 54 56 57 58 59 60
62 63 65 66 67 68 70 71 72 73 74 75 79 80 81 82 83 84 86 88 90

91 92 94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

220 221 222 223 224 226 227

228 230 231 232

10

52 53 54 55 60 61 62 64 67 68 69 70 71 79 84 85 86 88 89 92 100 101 103 104 105 106 108 110 111 113 114 115 116 117 118

119 123 124 125

126 127 129 130 131 132 135 136 137 138 142 149 150 151 153 155 156 157 158 159

1 9

19

21 31 33 35 36 40 41

44 50 52 54

Estuário

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 18 19 20 21 23

24 25 26 27 28 29 30 31 33 34 35

36 37 38 39 40 42 43 44 45 47 49 50 51 52 54 56 57 58 59 60 61
62 63 65 66 67 68 70 71 72 73 74 75 78 79 80 81 83 84 86 88 90

92 94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 131 132 135 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

220 221 222 223

229 230 231 236

1 7

10

34 36 43

52 53 55 59 60 61 62 63 64 67 68 69 70 71 78
79 80 81 82 84 85 86 87 88 89 92 95 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 110 111 112 113 114 115 117 118

123 124 125

126 127 129 130 131 132 135 136 137 138 142 149 150 151 153 155 156 157 159

19

31 36

44 46 49 50 51 52 54

Mata Ciliar

1 2 9 10 11 15 16 17 18 19 20 21 23

24 25 26 27 28 29 30 32 33 34 35

36 37 38 39 40 42 43 44 45 46 47 49 50 51 52 54 55 56 57 58 59 60 61
63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 79 80 81 82 83 84 86 87 88 89 90

91 92 93 94 95 97 98 99 100 101 103 104 105 106 107

108 109 110 114 116 119 120 125 126 128 129 136 137 138 139 140 141 142 144

158 159 162 165

219 220 221 222 223 224 225 226 227

228 230 231 232 233 234 236 237

10

45 47 48 49 50 51 53 54 55 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70

71 72 73 74 75 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 110 111 112 113 114 115 116 117 118

126 127 129 130 131 132 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 146 147 149 150 151 153 155 156 157 158 159

1 4 5 7 8 9 12 16

19

21 30 31 33 35 36 37 41 42

44 49 50 52 54

Zona Nerítica

124

150 151 153 155 160 161 162 163 164 167 169 170

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 189 190 191 192 194
195 196 198 199 200 202 203 205 206 207 208 209 210 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 19 20 21 23 25 30 31
34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44

119 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Praia

1 2 4 6 7 13 14 15

26 27 29 30 31 33

38 39 43 44 46 47 51 52 53 54 55 56 71 78 80

92 94 98 99 100

108 109 111 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124
127 128 129 130 131 132 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144

148 149 150 151 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 164 165 167 169 170

Ilhas

97 101

109 124

150 153 155 160 161 162 169
167

220

10

119 122 123 124 125

129 130 131 132 142 149 153 157

45 46 47 48 49 51

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182
183 184 185 186 189 190 191 192 194 195
196 198 199 200 202 203 205 206 207 208
209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

221 222 223

231

241

10

53 79 101 103 104 108 115

119 122 123 124 125

127 129 130 131 132 137 138 142 149 150 151 153 157 158 159

19

40

45 46 47 48 51

Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelagicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO: **PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**

EMPREENDIMENTO: **ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**

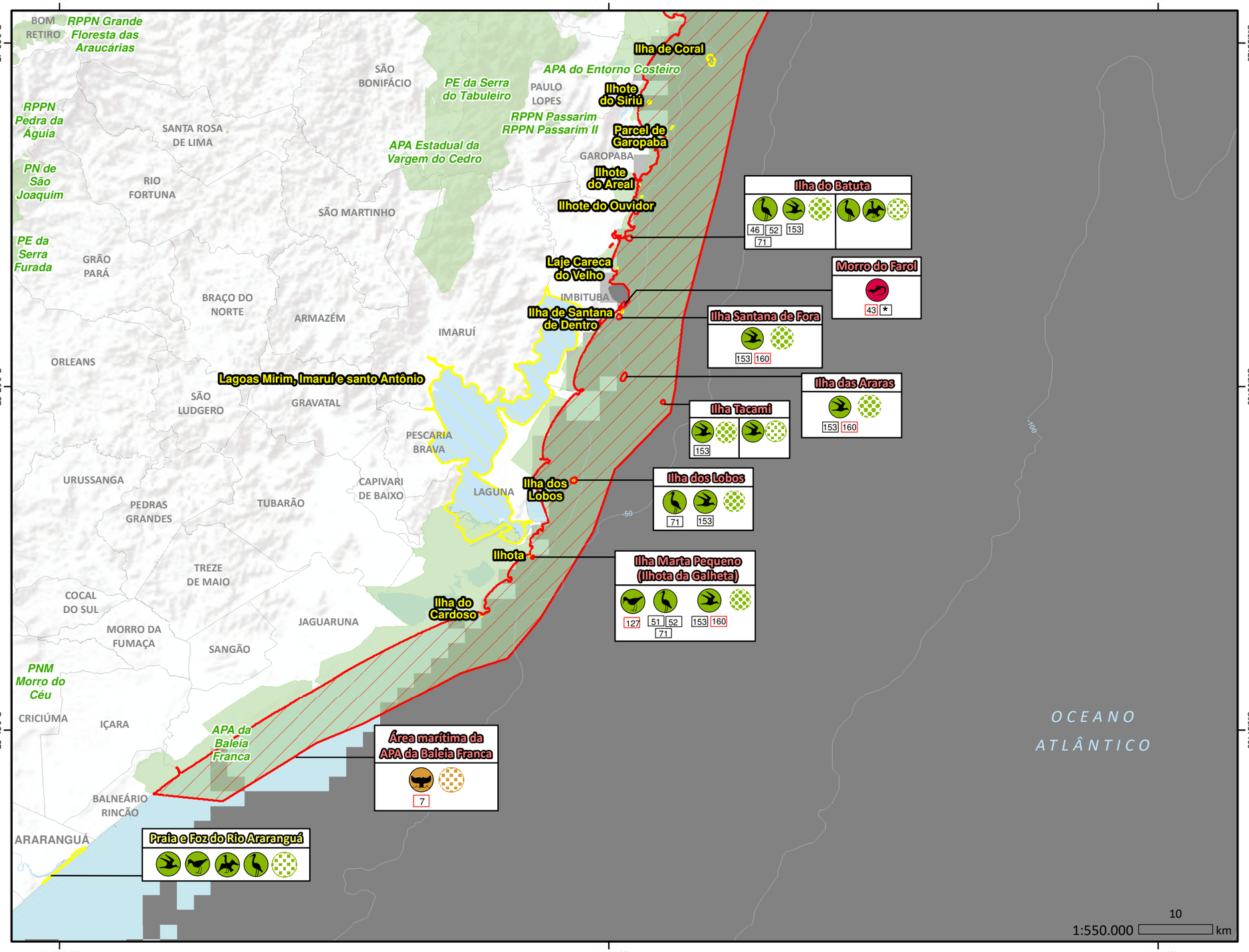
TÍTULO: **VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 4 (VERSO)**

PROCESSO Nº

ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Luiza Saraiva

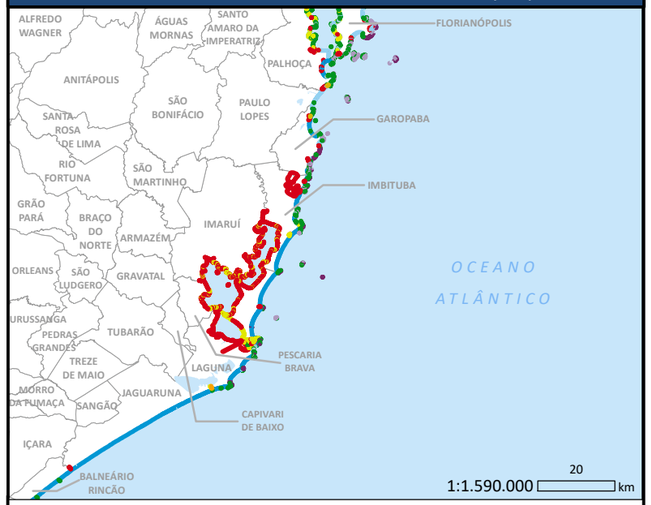


Unidades Geográficas de Fauna

Legenda:

- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro
- SANS - Santos Sul
- PELN - Pelotas Norte
- PELC - Pelotas Centro
- PELS - Pelotas Sul

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)



Legenda:

1. Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
2. Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
3. Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas
4. Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada
5. Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja
6. Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas
7. Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar
8. Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
9. Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
10. Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

LEGENDA

- Aves marinhas costeiras
- Aves limícolas
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Área de concentração de avifauna
- Área de reprodução de avifauna
- Outros répteis
- Grandes cetáceos
- Área de concentração de mastofauna
- n — Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- n — Ocorrência de espécies prioritárias
- * — Ocorrência de espécies endêmicas
- Limites municipais
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- Área de interesse (PPAF)

N W E S

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
PROOCEANO, 2022

DOCUMENTO:	PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)
EMPREENDIMENTO:	ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS
TÍTULO:	VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 5
Nº DO PROCESSO:	02001.037650/2018-63
ELABORAÇÃO: Dafne Araujo	DATA: Junho/2023
CLIENTE: bp	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO: Luiza Saraiva

EnvironPact Aiuká

Document Path: W:\01_Projetos\BP\22.02.007.03 - BP - PPAF-PMAVE Pau-Brasil\PPAF\Memorial\GIS\Projetos\Frente\BP_PauBrasil_PPAF_Frente_2.mxd

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

Zona Oceânica

151 155 156 160 161 162 163 164 169 170

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 18 19 20 23 24 25 30 33 35 37 38 39 40 41 42 43 44

119 120 121 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Costão

30

43 51 52

108 109 120 121 122 123 124 127

148 149 150 152 153 154 155 156 160 161 162 167 169 170

209 210 211

119 120 121 122 123 124 125

127 131 137 142 150

Zona Nerítica

124

150 151 153 155 156 160 161 162 163 164 167 169 170

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 202 203 204 205 206 207 208 209 210 212 213 214 215 216 217 218

241

1 2 3 4 5 6 7 8 9

13 14 15 16 17 18 19 20 21 23 24 25 30 33 34 35 37 38 39 40 41 42 43 44

119 120 121 122 123 124 125

45 46 47 48 51

Praia

1 2 4 6 7 13 14 15

26 27 29 30 31 33

38 43 44 46 47 48 51 52 54 55 56 71 76 78 80

92 94 98 99 100

108 109 111 113 114 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 127 128 131 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 150 151 152 153 154 155 156 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

Ilhas

97 101

109 124

150 153 155 156 160 161 162 167 169

220

10

119 120 121 122 123 124 125

131 142

10

45 46 47 48 49 51

171 172 173 174 175 176 177 178 180 181 182 183 184 185 186 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218

221 222 223

231

241

10

53 79 101 103 108 115

119 120 121 122 123 124 125

127 131 137 142 150 158

10

19

45 46 47 48 51

Mangue

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 22

24 26 27 28 29 30 31 33 35

36 38 42 43 44 46 47 48 51 52 54 55 56 57 63 67 68 70 71 74 75 76 78 79 80 81 82 86 90

94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 127 128 131 132 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 151 152 153 154 155 156 158 160 162 163 164 165 167 169 170

212 213 214

221 222 223

229 230 231

10

52 53 55 59 63 64 69 71 79 83 84 88 95 98 101 103 105 106 108 110 111 113 114 115 118

123 125

127 131 135 137 142 145 150 155

13

19

21 33 36

46

Restinga

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 18 20 21 22

24 26 27 28 29 30 31 33 34 35

36 38 40 42 43 44 45 46 47 48 51 52 54 55 56 57 58 59 61 62 63 65 67 68 70 72 73 74 75 79 80 81 82 83 84 86 88 90

91 94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 132 133 134 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 152 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

220 221 222 223 224 226

230 231

10

52 53 54 55 60 61 62 64 67 68 69 70 71 79 84 86 88 89 100 101 103 105 106 108 110 111 113 114 115 118

119 121 123 124 125

127 131 135 136 137 142 145 150 155 156 158

10 13

19

21 28 31 33 36

44 52 53 54

Estuário

1 2 4 5 6 7 8 10 11 13 14 15 16 17 18 20 21 22 23

24 26 27 28 29 30 31 33 34 35

36 38 40 42 43 44 45 46 47 48 50 51 52 54 55 56 57 58 59 61 62 63 65 67 68 70 72 73 74 75 76 78 79 80 81 82 83 84 86 88 90

94 95 97 98 99 100 103 107

108 109 111 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 125 126 127 128 129 131 132 133 136 137 138 139 140 141 142 144

148 149 152 153 154 158 159 160 161 162 163 164 165 167 169 170

220 221 222 223

229 230 231 236

1 7

10

33 34 43

52 53 55 59 60 61 62 63 64 67 68 69 70 71 78 79 80 81 84 86 88 89 95 97 98 99 100 101 103 105 106 108 110 111 113 114 115 118

121 123 124 125

127 131 135 136 137 142 145 150 155 156

13

19

31 36

44 46 51 52 53 54 55

Mata Ciliar

1 2 10 11 12 15 16 17 18 20 21 22 23

24 26 27 28 29 30 33 34 35

36 38 40 41 42 43 44 45 46 47 48 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 61 62 63 64 65 66 67 68 70 71 72 73 74 75 79 80 81 82 83 84 86 87 88 90

91 93 94 95 97 98 99 100 101 103 104 105 107

108 109 110 111 114 115 116 117 118 119 120 121 123 124 125 126 127 128 129 131 132 133 135 136 137 138 139 140 141 142 144

158 159 162 165

219 220 221 222 223 224 225 226

230 231 233 234 236 237

10

45 46 48 49 51 52 53 54 55 57 58 59 60 61 62 63 65 66 67

68 69 70 71 72 73 74 75 77 78 79 80 81 83 84 85 86 87 88 89 90 91 93 95 96 97 98 99 100 101 103 104 105 106 108 109 110 111 113 114 115 118

127 131 135 136 137 139 140 141 142 144 145 146 147 150 155 156 158

13

19

21 30 31 32 33 36 38

44 52 53 54 55

Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelágicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO: **PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**

EMPREENDIMENTO: **ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**

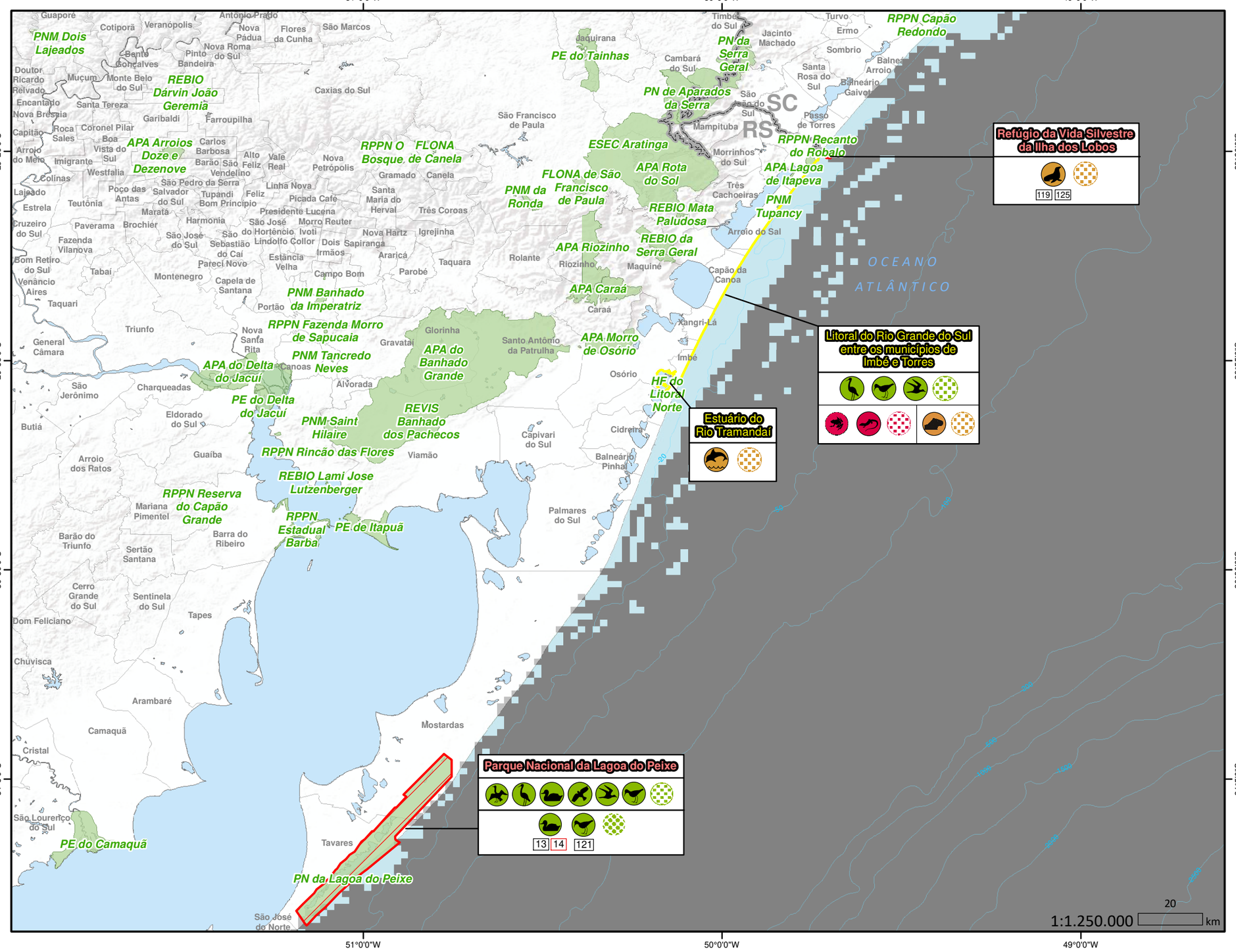
TÍTULO: **VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 5 (VERSO)**

PROCESSO Nº

ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo** | DATA: **Junho/2023**

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Luiza Saraiva

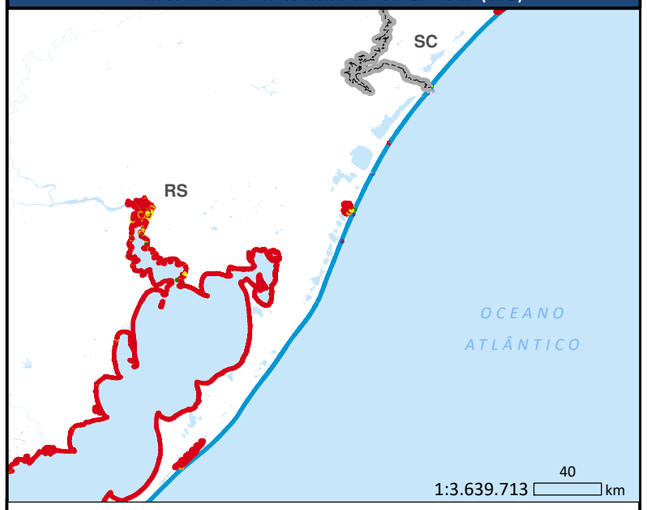


Unidade Geográfica de Fauna

Legenda:

- SANN - Santos Norte
- SANC - Santos Centro
- SANS - Santos Sul
- PELN - Pelotas Norte
- PELC - Pelotas Centro
- PELS - Pelotas Sul

Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL)



Legenda:

1. Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos; Falésias em rochas sedimentares, expostas; Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
2. Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos; Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
3. Praia dissipativa de areia média a fina, exposta; Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas); Escarpas e taludes íngremes, expostos; Campos de dunas expostas
4. Praia de areia grossa; Praia intermediária de areia fina a média, exposta; Praia de areia fina a média, abrigada
5. Praia mista de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais; Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação; Recifes areníticos em franja
6. Praia de cascalho (seixos e calhaus);Costa de detritos calcários; Depósitode tálus; Enrocamentos (rip-rap, guia corrente, quebra-mar) expostos; Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções teríticas
7. Planície de maré arenosa exposta; Terraço de baixa-mar
8. Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigadar; Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada; Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados; Enrocamentos (rip-rap e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
9. Planície de maré arenosa/ lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas; Terraço de baixa-mar lamoso abrigado; Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
10. Deltas e barras de rio vegetadas; Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas; Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum; Marismas; Manguezal

LEGENDA

- Aves aquáticas pernaltas
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Área de concentração de avifauna
- Anfíbios
- Outros répteis
- Área de concentração de herpetofauna
- Pequenos cetáceos
- Roedores
- Pinípedes
- Área de concentração de mastofauna
- Área de interesse (PPAF)
- Limite estadual
- Limites municipais
- Curvas batimétricas
- Unidades de conservação
- Áreas prioritárias para proteção à fauna
- Áreas relevantes para proteção à fauna
- n — Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- n — Ocorrência de espécies prioritárias

N W E S

Datum: SIRGAS 2000
Fonte: IBP, 2016
IBGE, 2019/ MMA, 2022
PROOCEANO, 2022

DOCUMENTO:	**PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)**
EMPREENDIMENTO:	**ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS**
TÍTULO:	**VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 6**
Nº DO PROCESSO:	**02001.037650/2018-63**
ELABORAÇÃO: **Dafne Araujo**	DATA: **Junho/2023**

EnvironPact Aiuká

CLIENTE: bp

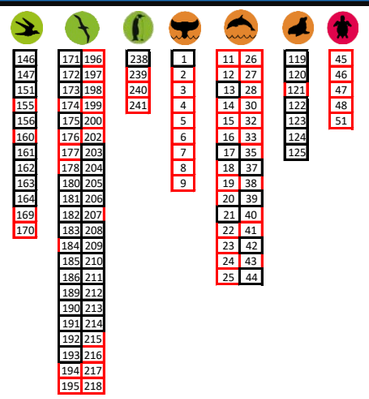
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL TÉCNICO:

Luiza Saraiva

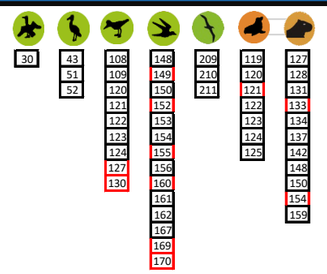
Document Path: W:\01_Projetos\BP\22.02.007.03 - BP - PPAF-PMAVE Pau-Brasil\PPAF Memorial\GIS\Projetos\Fenix\BP_PauBrasil_PPAF_Fenix_3.mxd

ESPÉCIES VULNERÁVEIS

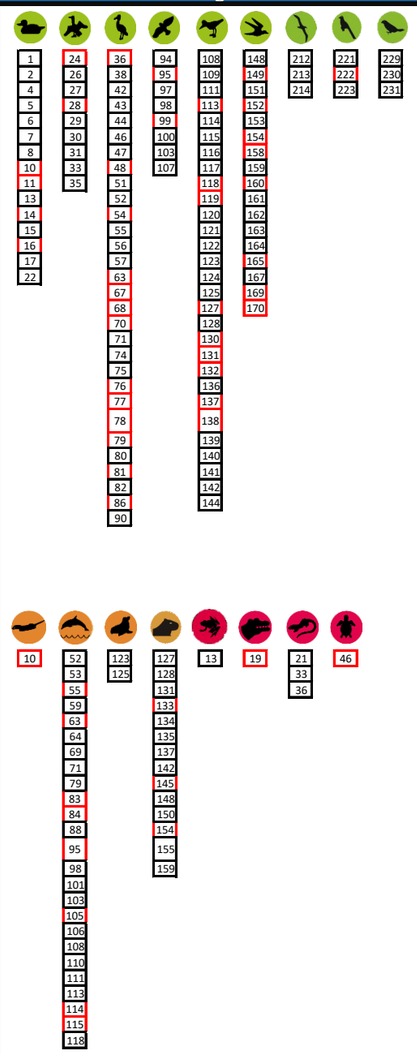
Zona Oceânica



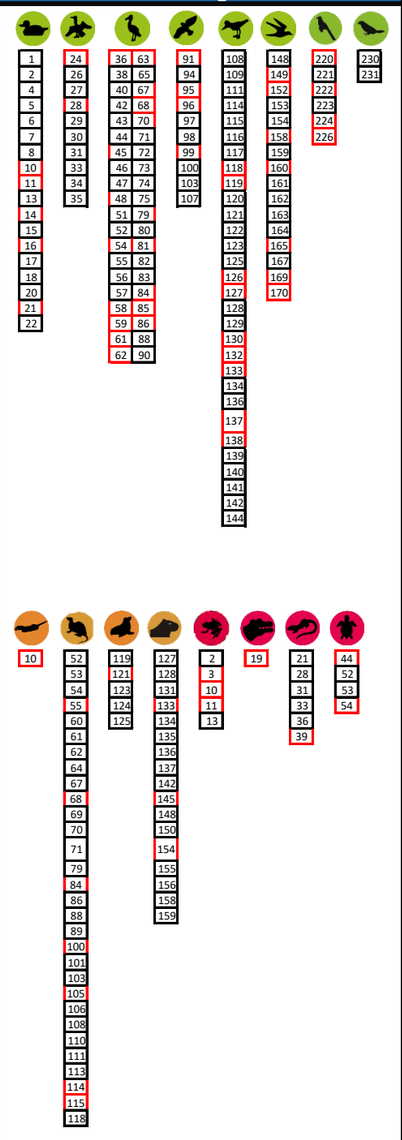
Costão



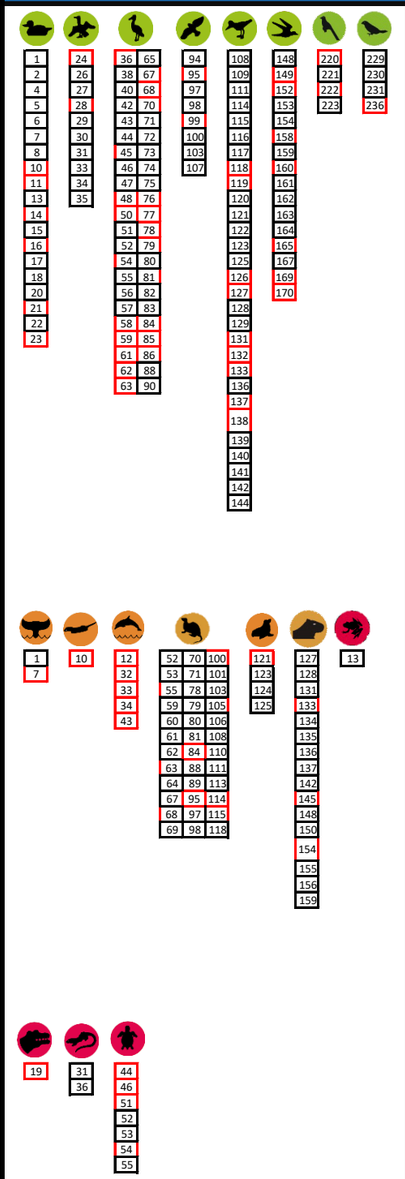
Mangue



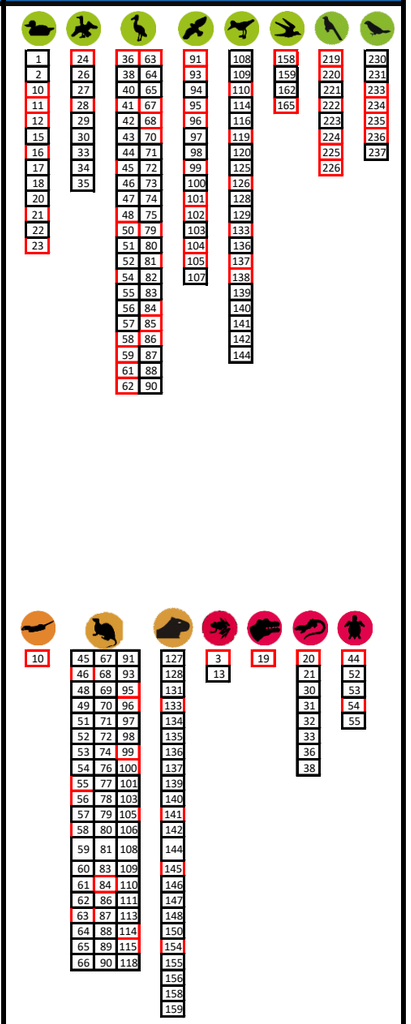
Restinga



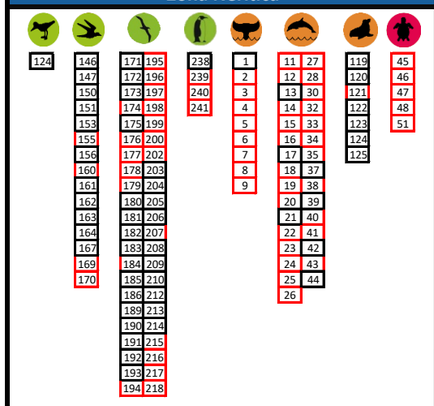
Estuário



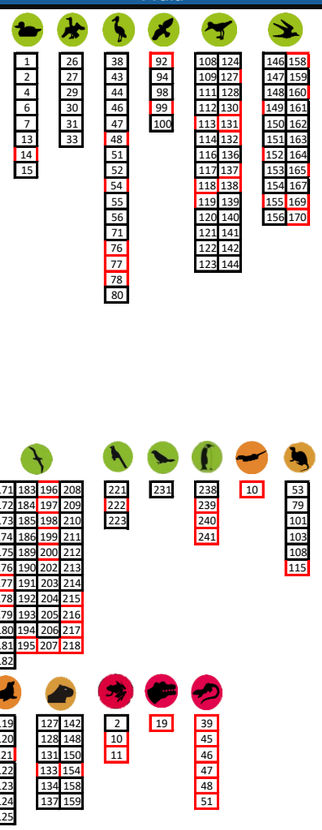
Mata Ciliar



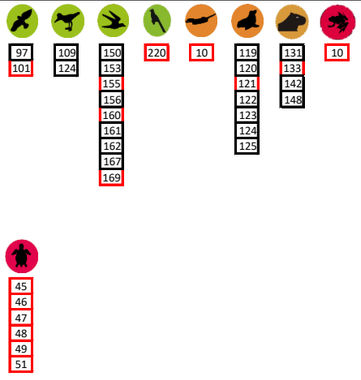
Zona Nerítica



Praia



Ilhas



Legenda

- Anseriformes
- Aves aquáticas mergulhadoras
- Aves aquáticas pernaltas
- Aves de rapina
- Aves limícolas
- Aves marinhas costeiras
- Aves marinhas pelagicas
- Não-passeriformes terrestres
- Passeriformes terrestres
- Pinguim
- Grandes cetáceos
- Mustelídeos aquáticos
- Pequenos cetáceos
- Pequenos mamíferos terrestres
- Pinípedes
- Roedores
- Anfíbios
- Crocodilianos
- Outros répteis
- Tartarugas e cágados
- nº Número de referência na lista de espécies vulneráveis
- nº Ocorrência de espécies prioritárias

DOCUMENTO:	PLANO DE PROTEÇÃO À FAUNA (PPAF)
EMPREENDIMENTO:	ATIVIDADE DE PERFURAÇÃO NO BLOCO PAU-BRASIL BACIA DE SANTOS
TÍTULO:	VULNERABILIDADE AMBIENTAL (FAUNA) - MAPA 6 (VERSO)
PROCESSO Nº	
ELABORAÇÃO: Dafne Araujo	DATA: Junho/2023
RESPONSÁVEL TÉCNICO	Luiza Saraiva

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome cientifico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome cientifico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome cientifico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonómica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Habitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome cientifico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Habitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 1 - Espécies Vulneráveis: Avifauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
1	BirdLife International (2015) IUCN Red List for birds. Acesso em http://www.birdlife.org em 09/05/2015.
2	Blake, E. R. (1977) *Manual of Neotropical Birds. Vol.* 1: Spheniscidae (Penguins) to Laridae (Gulls and their allies). Chicago and London: Univ. Chicago Press.
3	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos – CBRO. (2014). *Lista das aves do Brasil* . Disponível em: http://www.ib.usp.br /cbro/home.html. Acesso em: 18 de abril de 2014.
4	del Hoyo, J., A. Elliott e J. Sargatal (eds.). *Handbook of the birds of the world* . 17 Vol. Barcelona, Lynx Edicions.
5	Harrison, P. (1987) Seabirds of the world: a photographic guide. London: Christopher Helm.
6	Murphy, R. C. (1936) *Oceanic birds of South America* . New York: American Museum of Natural History.
7	Sick, H. (1985) *Ornitologia brasileira, uma introdução* . Brasília: Editora Universidade de Brasília.
8	Sick, H. (1993) *Birds in Brazil: a natural history* . Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
9	Sick, H. (1997). Ornitologia brasileira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 912pp.
10	Stotz, D. F., Fitzpatric, J. W., Parker III, T. A. & Moskovits, D. K. (1996) *Neotropical birds: Ecology and conservation* . Chicago: The Univ. of Chicago Press.
11	Straube, F.C., A. Urben-Filho e D. Kajiwara (2004) Aves, p. 145-496. *In* : S.B. Mikich, & R.S. Bernils (org.). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná* . Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná. 764pp.
12	Alves, M. A. S., Pacheco, J. F., Gonzaga, L. A. P., Cavalcanti, R. B., Raposo, M. A., Yamashita, C., Maciel, N. C. & Castanheira, M. (2000) Aves. p. 113-124. In: Bergallo, H. G., Rocha, C. F. D. & Alves, M. A. S. & Van Sluys, M. (orgs.) *A Fauna ameaçada de extinção do estado do Rio de Janeiro* . Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
13	Alves, M. A. S., Storni, A., Almeida, E. M., Gomes, V. S. M., Oliveira, C. H. P., Marques, R. V. & Vecchi, M. B. (2004) A comunidade de aves na Restinga de Jurubatiba. In Pesquisas de longa duração na Restinga de Jurubatiba: Ecologia, História Natural e Conservação, edited by Rocha, Carlos Frederico D., Francisco A. Esteves, and Fábio R. Scarano. Vol. 1, 199-214. São Carlos: RiMa.
14	Araújo, F. A. A., Wada, M. Y., Silva, E. V. et al (2003) Primeiro inquérito sorológico em aves migratórias e nativas do Parque Nacional da Lagoa do Peixe/RS, para detecção do vírus do Nilo Ocidental. Boletim Eletrônico Epidemiológico da Secretaria de Vigilância Em Saúde, Brasília, Distrito Federal, 3(1): 3-12.
15	Arballo, E. & J. Cravino. (1999). *Aves del Uruguay. Struthioniformes a Gruiformes* . Vol. 1. Montevideo: Hemisferio Sur.
16	Azevedo, T. R (1995) Estudo da avifauna do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis) *Biotemas* 8(1): 7-35.
17	Bege, L. A. R. & Marterer, B. T. P. (1991) *Conservação da avifauna na região sul do Estado de Santa Catarina - Brasil* . Florianópolis: FATMA.
18	Belton, W. (1994) *Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia* . São Leopoldo: Ed. Unisinos.
19	Dunning, J. B. (2008) CRC Handbook of Avian Body Masses. Boca Raton, Taylor & Francis Group.
20	Efe, M. A. & Azevedo, M. A. G. (2003) Inventariamento e distribuição da avifauna da Estação Ecológica de Carijós - SC. *In: Resumos do XI CBO.*
21	Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Avifauna de manguezais das Baías de Paranaguá e Laranjeiras, Paraná. *In: Resumos do III CBO.* P49.
22	Krul, R. & V.S. Moraes. (1994). Caracterização da avifauna de Pontal do Sul, litoral do Paraná. *Resumos do IV Congresso Brasileiro de Ornitologia* . p.37.
23	Mikich, S.B. & R.S. Bérnils (eds.). (2004). *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná* . Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná. 764p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
24	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2001) The avifauna of a southeastern Brazilian mangrove swamp. Internat. J. Ornithol. 4(3/4): 137-207.
25	Rodrigues, A. A. F. (1996) Cajual Island Wildlife Research and Conservation Station, Gulf of Maranhão, Brazil. *Wader Study Group Bull.* 80:79.
26	Schulz Neto, A. (1998) Novos registros de aves para o mundo, para a América do Sul, para o Brasil e para Fernando de Noronha. *In: Resumos do VII CBO.* p. 50.
27	Sick, H. (1983) *Migrações de aves na América do Sul Continental* . Gráfica IBDF. (Publicação Técnica Nº 2 do CEMAVE)
28	Silva e Silva, R. (2004) Magia do Cerrado: Aves na Imensidão. DBA Editora, São Paulo.
29	Silva, G. L. & Nacinovic, J. B. (1991) Birds as indicator for the conservation of Atlantic Forests in Bahia, Brazil. Interim project to WWF for the period July 1990 - July 1991. (não publicado)
30	Silveira, L. F & Gaban-Lima, R. (2001) As aves da região do rio Uaçá, norte do estado do Amapá, Brasil: um estudo preliminar, com abordagem etnológica. p. 290-298. *In:* Silva, A. L. & Ferreira, M. K. L. (orgs.) *Práticas pedagógicas na escola indígena* . São Paulo: Global.
31	Silveira, L. F., Olmos, F. e Long, A. J. (2003). Birds in Atlantic Forest Fragments in North-east Brazil. Cotinga 20: 32-46.
32	Teixeira, D. L. M., Best, R. C. (1981) Adendas à ornitologia do Território Federal do Amapá. Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi, Zool., nov. sér. 104, 1-25.
33	Teixeira, D. L. M., Luigi, G. & Raposo, M. A. (1992) Sobre a ocorrência de algumas aves migratórias pouco conhecidas no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XIX CBZ* . p. 142.
34	Teixeira, D. L. M. (1989). As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Revta. Brasil. Biol* . 49:709-729.
35	Teixeira, D.L.M., J. B. Nacinovic & G. Luigi 1989. Notes on some birds of northeastern Brazil (4). Bull. *British Ornithological Club* . 109(3):152-157.
36	Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and F.B. Pontual. 1987. Notes on some birds of northeastern Brazil (2). *Bull. B.O.C.* 107:151-157.
37	Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and G. Luigi. 1988. Notes on some birds of northeastern Brazil (3). *Bull. B.O.C.* 108:75-79.
38	Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and G. Luigi. 1989. Notes on some birds of northeastern Brazil (4). *Bull. B.O.C.* 109(3):152-157.
39	Veiga, L. A., Oliveira, A. T. & Gastal, N. A. (1995) Aves da Estação Ecológica do Taim, RS, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol* . 38(2):669-678.
40	Veiga, L. A., Oliveira, A. T. & Gastal, N. A. (1995) *Aves do Taim* . Porto Alegre: ABRAPA.
41	Vooren, C. M. (1997) Bird fauna. p. 62-63. *In:* U. Seelinger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Subtropical Convergence Environments: The Coast and Sea in the Southwestern Atlantic* . Berlin: Springer-Verlag.
42	Vooren, C. M. & Ilha, H. H. (1995) Guia das aves comuns da costa do Rio Grande do Sul. *Imago Maris* 2(1):1-23.
43	Accordi, I. A., Barcellos-Silveira., A., Bencke, G. A. (2002) Ocorrência e ocupação espacial da avifauna no Parque Copesul de Proteção Ambiental, Pólo Petroquímico de Triunfo, RS. p. 100-102. *In: Resumos do X CBO.*
44	Almeida, J. B. (1999) Reavaliação da avifauna na ilha da Marambaia, Baía de Sepetiba. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
45	Petry, M. V. & Hoffmann, G. R. (2002) Ocupação e construção de ninhos em um ninhal misto de garças e maçaricos (Ciconiiformes) no Rio Grande do Sul. Biociências (P. Alegre) 10:55-64.
46	Petry, M. V. (1994) Distribuição espacial e aspectos populacionais da avifauna de Stinker Point - Ilha Elefante - Shetland do Sul, Antártica. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
47	Petry, M. V. e V. S. S. Fonseca (2002) Effects of human activities in marine environment on seabirds along the coast of Rio Grande do Sul, Brazil. *Orn. Neotrop* . 13(2):137-142.
48	Lima, P. C., Grantsau, R., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2004) Ocorrência e mortalidade de aves oceânicas na costa da Bahia, e a chave de identificação da Ordem Procellariiformes e Família Stercorariidae. *Atualidades Orn* . 121:3.
49	Shirihai, H. 2003. *The complete guide to Antarctic wildlife: birds and marine mammals of the Antarctic continent and the southern ocean* . Princeton: Princeton University Press.
50	Lima, P. C., Grantsau, R., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2002) Notas sobre os registros brasileiros de *Calonectris edwardsii* (Oustalet, 1883) e *Pelagodroma marina hypoleuca* (Moquin-Tandon, 1841) e primeiro registro de *Phalacrocorax bransfieldensis* Murphy, 1936 para o Brasil. *Ararajuba* 10(2):263-265.
51	Schulz Neto, A. (2001) Dieta do Atobá-mascarado, *Sula dactylatra* , do Trinta-réis-do-manto-negro, *Sterna fuscata* , e da Viuvinha-marrom, *Anous stolidus* , na Reserva Biológica do Atol das Rocas, Atlântico Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.
52	Accordi, I. A. (2002) Asas do Delta: aves entre a terra e a água. *Natureza em Revista* 13: 68-73. (Reserva Ecológica do Taim).
53	Accordi, I. A. (2002) Avifauna ocorrente em áreas úmidas de importância para a conservação na bacia do lago Guaíba. p. 97-98. *In: Resumos do X CBO.*
54	Accordi, I. A. (2003) Sistema Banhado Grande como uma área úmida de importância internacional. p. 56-63. In: A. Bager (ed.) Anais do 2º Simpósio de Áreas Protegidas, Pelotas, Edição do Editor.
55	Alves, M. A. S. & Pereira, E. F. (1998) Richness, abundance and seasonality of bird species in a lagoon of an urban area (Lagoa Rodrigo de Freitas) of Rio de Janeiro, Brazil. *Ararajuba* 6(2):110-116.
56	Alves, V. S., S. A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ribeiro, A. B. B. (2004) Aves marinhas de Abrolhos. In: Branco, J. O. (Org.). Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí. p. 213-232.
57	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B. & Efe, M. A. (1997) Aves do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *Ararajuba* 5(2)209-218.
58	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B. & Efe, M. A. (2000) As Aves do Arquipélago dos Abrolhos - Bahia - Brasil. Brasília: IBAMA.
59	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1994) The bird fauna of Abrolhos Archipelago - Bahia State, Brazil. In: Proceeding of XXI International Ornithological Congress. International Ornithological Congress.
60	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1992) Aspectos da Avifauna do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do II CBO.*
61	Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, A.B.B. Ribeiro e M.A. Efe. (1997). Aves do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *Ararajuba* . 5:209-218.
62	Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, A.B.B. Ribeiro e M.A. Efe. (2000). *As Aves do Arquipélago de Abrolhos (Bahia, Brasil)* . Brasília: IBAMA. 40pp.
63	Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, M.A. Efe e A.B.B. Ribeiro. (2004). Aves marinhas de Abrolhos, p.213-232. *In* : J.O. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação* . Itajaí, UNIVALI.
64	Antas, P. deT. Z., Azevedo-Júnior, S. Mde and Fillipini, A. (1990) Aves endêmicas anilhadas no arquipélago de Fernando de Noronha de 1987 e 1988. Pp.35-43 in *Anais do IV ENAV* . : .
65	Antas, P. T. Z & Alves, M. A. S. (1984) Aves anilhadas no Brasil em 1982 e recuperações de anilhas brasileiras. *In Resumos do XI CBZ* .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
66	Antas, P. T. Z. (1983) Situação actual do anilhamento no Brasil, sua organização a nivel nacional e perpectivas futuras. *Hornero* , nº extra:205-207.
67	Antas, P. T. Z. (1984) Aves anilhadas no Brasil em 1982 e recuperações de anilhas. *In: Resumos do XI CBZ* .
68	Antas, P. T. Z. (1984) El Centro de Estudos de Migraciones de Aves en el Brasil. *El Volante Migratorio* 2:22-24.
69	Antas, P. T. Z. (1985) The Centro de Estudos de Migracoes de Aves (CEMAVE). *Report of the XXXI Annual Meeting do International Waterfowl Research Bureau* , Paracas, Peru: 133-136
70	Antas, P. T. Z. (1986) El sexto Curso de Anilhamento de Aves en Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul. *Volante Migratório* 7:14-15.
71	Antas, P. T. Z. (1986) Migração de Aves no Brasil. *Anais do II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Rio de Janeiro, RJ* . 153-187.
72	Antas, P. T. Z. (1988) Anilhamento de aves oceanicas e/ou migratorias no Arquipelago de Fernando de Noronha em 1987 e (1988) *In: Anais do IV ENAV.* 13-17.
73	Antas, P. T. Z. (1988) Dez anos da criacao do Centro de Estudos de Migracoes de Aves-CEMAVE. *Anais do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos* , 17-24.
74	Antas, P. T. Z. (1990) Novos registros para a avifauna do Rio Grande do Sul. *In* : Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, 6. Pelotas, RS: Universidade Católica de Pelotas.
75	Antas, P. T. Z. (1991) Status and conservation of seabirds breeding in Brazilian waters. Pp.141-158 in J. P. Croxall, ed. *Seabird status and conservation: a supplement* . Cambridge, UK: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 11).
76	Antas, P. T. Z. (1994) Migration and other movements among the lower Paraná River valley wetlands, Argentina, and south Brazil/Pantanal wetlands. *Bird Cons. Intern* . 4(2):181-190.
77	Antas, P. T. Z. & Lara Resende, S. M. (1983) Aves anilhadas no Brasil em 1980 e suas recuperações. *Rev. Bras. Zool* . 1(3): 223 229.
78	Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. X. (1992). Censo aéreo na costa do Amapá. *Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas* 5:4.
79	Antas, P. T. Z. *et al* . (1988) Aves Endemicas anilhadas no Arquipelago de Fernando de Noronha em 1987 e (1988) *In: Anais do IV ENAV.* 35-43.
80	Antas, P. T. Z., Fillipini, A. & Azevedo Junior, S. M. (1990) Novos Registros de Aves para o Brasil. *Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS* . 51.
81	Antas, P. T. Z., Fillipini, A. & Azevedo-Junior, S. M. (1990) Anilhamento de aves oceânicas e/ou migratórias no Arquipélago de Fernando de Noronha em 1987 e 1988. Anais IV ENAV, Recife: 13-17.
82	Antas, P. T. Z., Silva, F., Alves, M. A. S. & Lara-Resende, S. (1986) Brazil. p. 60-104. In: Scott, D. A. & Carnonell,M. (eds) *Directory of Neotropical Wetlands* . Cambridge: International Union for Conservation, Nature and Natural Resources (IUCN).
83	Ashmole, N. P., Ashmole, M. J. and Simmons, K. E. L. (1994) Seabird conservation and feral cats on Ascension Island, South Atlantic. Pp.94-121 in D. N. Nettleship, J. Burger and M. Gochfeld, eds. *Seabirds on islands: threats, case studies, and action plans* . Cambridge, U.K.: BirdLife International (BirdLife Conservation Series no. 1).
84	Azevedo Júnior, S. M. (1992) Anilhamento de aves migratórias na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. *Caderno Ômega da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Série Ciências Aquáticas* 3:31-47.
85	Azevedo Júnior, S. M. (1993) *Biologia e anilhamento das aves do canal de Santa Cruz, Pernambuco.* Tese de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
86	Azevedo Júnior, S. M. (1998) As aves do canal de Santa Cruz, Pernambuco, Brasil. *Cad. Ômega Univ. Fed. Rural PE, Sér. Biol* . 5:35-50.
87	Azevedo Júnior, S. M. & Larrazabal, M. E. (1994) As aves e o turismo, uma proposta para o manejo da Coroa do Avião, Pernambuco – Brasil. *Rev. Nord. Zool* . 1(1):263-277.
88	Azevedo Júnior, S. M. & Larrazabal, M. E. (1997) Uma proposta de legislação para a conservação das aves limícolas na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil. *Ararajuba* 5(1):63-65.
89	Azevedo Júnior, S. M. & Larrazábal, M. E. (2002) Migração de aves em Pernambuco. P. 623-630. *In:* M. Tabarelli e J. M. C. Silva (orgs.) *Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco* . Recife: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. 2 v.
90	Azevedo Júnior, S. M., Dias Filho, M. M., Larrazabal, M. E., Telino Júnior, W. R., Lyra-Neves, R. M. & Fernandes, C. J. G. (2001) Recapturas e recuperações de aves migratórias no litoral de Pernambuco, Brasil. *Ararajuba* 9(1):33-42.
91	Azevedo, T. R., Nunes, D. N., Emerich, K. H. & Scussell, A. B. (1987) Registro sobre uma mortandade de aves marinhas na praia do Moçambique (Ilha de Santa Catarina, Florianópolis). *Atobá* 2:4.
92	Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2001) Interação da ornitofauna com a atividade pesqueira do município de Ilha Comprida. *In: Resumos do XXVI CBZ.*
93	Bege, L. A. (1992) Aspectos sobre a conservação de aves marinhas. *Anais VI ENAV, Pelotas* : 23-25.
94	Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1988) *As aves nas ilhas Moleques do Sul, Santa Catarina* . Florianópolis: FATMA.
95	Branco, J. 2001. Descartes da pesca do camarão sete-barbas como fonte de alimento para aves marinhas. *Revta. Brasil. Zool* . 18:293-300.
96	Branco, J. O. (2000) Avifauna associada ao estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina. *Rev. Bras* . *Zool* . 17(2):387-394.
97	Branco, J. O. (2001) Descartes da pesca do camarão sete-barbas como fonte de alimento para aves marinhas. *Rev. Bras. Zool* . 18(1):293-300.
98	Branco, J. O., Machado, I. F. & Bovendorp, M. S. (2000) Avifauna associada a ambientes de influência marítima no litoral de Santa Catarina, Brasil *Rev. Bras. Zool* . 21(3):459-466.
99	Branco, J. O., Reuter-Braun, J. R. & Verani, J. R. (2001) Seasonal variation in the abundance of seabird in areas of mariculture. *Braz. Arch. Biol. & Techn* . 44: 395-408.
100	Campos, F. P., Silva e Silva, R., et al. (2000) Levantamento e censo de sítios de reprodução de aves marinhas no estado de São Paulo. In: Resumos do VIII CBO.
101	Coelho, A.G.M. 1981. Observações sobre a avifauna do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia. *Publ. Avulsa da UFPE* . 1:1-7.
102	Coelho, E. P, Alves, V. S., Soneghet, M. L & Carvalho, F. S. (1991) Levantamento das aves marinhas no percurso Rio de Janeiro - Bahia (Brasil). Bol. Inst. oceanogr. S. Paulo 38(2):161 167.
103	Coelho, E. P., Alves, V. S., Fernandez, F. A. S & Soneghet, M. L. L. (1991) On the bird faunas of coastal islands of Rio de Janeiro state, Brazil. *Ararajuba* 2:31-40.
104	Efe, M. A. (2004) Aves marinhas das ilhas do Espírito Santo. p. 101-118. In: Branco, J. O. (Org.) Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí, v. 1.
105	Flores, J. M., Scherer, S. B. (1998) Censo de aves migratórias neárticas na região costeira do Rio Grande do Sul. p. 149. *In: Resumos do VII CBO* .
106	Fonseca Neto, F.P. (2004). Aves marinhas da ilha Trindade, p. 119-146. *In* : J.O. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação* . Itajaí, UNIVALI.
107	Krul, R. (1999) Interação de aves marinhas com a pesca de camarão no litoral paranaense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
108	Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Mortandades de aves marinhas em um eixo de praia arenosa do litoral do Paraná. *In: Resumos do III CBO.* R25.
109	Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Resultados de censos de aves marinhas efetuados na costa paranaense. *In: In: Resumos do III CBO.* R52.
110	Krul, R. & Moraes, V. S. (1998) Efeitos de atividades humanas sobre populações de aves costeiras e oceânicas no litoral do Paraná. p. 105. *In: Resumos do VII CBO.*
111	Krul, R., Moraes, V. S., Scherer-Neto, P. (1994) Aves marinhas. In: Plano de manejo das ilhas oceânicas do litoral do Paraná. Pontal do Sul: Centro de Estudos do Mar/U.F.P.R. e Fundação O Boticário de Proteção a Natureza.
112	Krull, R. (2004). Aves marinhas costeiras do Paraná, p.37-56. *In* : J. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação* . Itajaí: UNIVALI.
113	Lara Resende, S. M. (1983) Recuperação de anilhas estrangeiras no Brasil. *Rev. Bras. Zool.* 1:231-237.
114	Lara Resende, S. M. (1988) *Nombreeding strategies of migratory birds at Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brazil* . M. Sc. thesis. Ithaca, New York: Cornell University.
115	Lara Resende, S. M. & Antas, P. T. Z. (1985) Aves anilhadas no Brasil em 1981 e recuperações de anilhas desde 1980. *Rev. Bras. Zool.* 3:51-59.
116	Lara Resende, S. M. & Leal, R. P. (1982) Recuperação de anilhas estrangerias no Brasil. Brasil Florestal 12(52):27-53.
117	Lara Resende, S. M. & Leeuwenberg, F. (1987) Ecological studies of Lagoa do Peixe. Final report to WWF-US, Washington.
118	Lima, P. C. (1994) As aves oceânicas na Bahia (A morte no mar). *A Tarde* , Supl. Rural, Salvador, 12 maio: 8-9.
119	Lima, P. C. (1996) Uma longa viagem para morrer na praia. *Ciência Hoje* 20(12):58-61.
120	Lima, P. C. e S. S. Santos e R. C. F. R. Lima (1999): As aves migratórias do litoral norte da Bahia. *A Tarde* , Supl. Rural, Salvador, 10 Maio:4-5.
121	Lima, P. C., Castro, J. O., Santos, S. S., Sampaio, C. L. S., Neto, F. P. Neto & Lima, R. C. F. R. (1996) Monitoramento da avifauna do litoral norte da Bahia. P. 163-165. *In: I Congresso Baiano de Meio Ambiente, Anais dos Trabalhos Técnicos-Científicos* . Salvador: Expogeo.
122	Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Aves associadas a ecossistemas marinhos nos limites paranaenses. *In: Resumos do III CBO.* R 40.
123	Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Programa de recuperação de aves marinhas debilitadas. *In: Resumos do III CBO.* (R24).
124	Moraes, V. S. & Krul, R. (1994) Dados sobre algumas aves pelágicas visitantes da costa do Brasil. p. 45. In: *In: Resumos do IV CBO.*
125	Moraes, V. S. & Krul, R. (1998) A incorporação do fator ocupação antrópica aos conceitos de biogeografia de ilhas. p. 143. *In: Resumos do VII CBO.* P-39.
126	Moraes, V. S. & Krul, R. (1999) Sugestão de um perfil descritivo da estrutura de comunidades de aves costeiras do Estado do Paraná, Brasil. *Estudos de Biologia* 44:55-72.
127	Moraes, V. S., Krul, R. (1997) Deslocamentos de aves marinhas na costa brasileira: Expansão de limites de fronteira, rota migratória ou ocorrência acidental? p. 149. *In: Resumos do VI CBO.*
128	Moraes, V. S., Krul, R., Soares, C. R., Carrilho, J. C. & Jasper (1997) Avaliação de padrões de ocupação de espaço por aves nidificantes nas Ilhas dos Currais, PR, através da aplicação de um Sistema de Informação Geográfica (S.I.G.). p. 47. *In: Resumos do VI CBO.*
129	Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1989) As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Rev. Bras. Biol.* 49:709-729.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
130	Nacinovic, J. B., Luigi, G., Teixeira, D. L. M., Kischlat, E. E. & Novelli, R. (1989) Observações sobre a avifauna de Trindade e Martim Vaz. *In: Resumos do XVI CBZ* . p. 135.
131	Nacinovic, J. B., Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1988) Novas adendas à avifauna do Rio de Janeiro. *In: Resumos do XV CBZ* . p. 490-490.
132	Nacinovic, J.B. & D.M. Teixeira. (1989). As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Revta. Brasil. Biol* . 49:709-729.
133	Naka, L. N. & Rodrigues, M. (2000) *As aves da Ilha de Santa Catarina* . Florianópolis: Editora da UFSC.
134	Nascimento, J. L. X. (1993) Brasil. *In* : Blanco, D. E. & Carnevari, P. (Eds.). *Censo Neotropical de Aves Acuáticas 1992* . Humedales para las Américas (WA), Buenos Aires, Argentina. p. 18-27.
135	Neves, T. S. (2000) *Distribuição e abundância de aves marinhas na costa sul do Brasil* . Dissertação de Mestrado. (Oceanografia Biológica). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
136	Novelli, R. (1997) *Aves marinhas costeiras do Brasil* (identificação e biologia). Porto Alegre: Cinco Continentes.
137	Olmos, F. (1997) Seabird flocks attending bottom long-line fishing off southeastern Brazil. *Ibis* .139(4):685-691.
138	Olmos, F. (2002) Non-breeding seabirds in Brazil: a review of band recoveries. *Ararajuba* . 10(1): 31-42.
139	Olmos, F. , Martuscelli, P, Silva e Silva, R. & Neves, T. S.(1995) The sea birds of São Paulo, southeastern Brazil. *Bull. B. O. C* . 115(2): 117-128.
140	Olson, S.L. 1981. Natural history of vertebrates on the Brazilian islands of the Mid South Atlantic. *Nat. Geog. Res. Rep* . 13:481-492.
141	Oren, D. C. (1982) A avifauna do arquipélago de Fernando de Noronha. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi,* n.s. Zool. 118: 1-22.
142	Oren, D. C. (1984) Resultados de uma nova expediçao zoológica a Fernando de Noronha. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Zoologia* 1: 19-44.
143	Sampaio, C. L. S. (1996) O consumo humano de aves oceânicas debilitadas no litoral baiano. *Bol. Soc. Bras. Orn* . 28:10-11.
144	Scherer-Neto, P. (1985) Anilhamento de aves marinhas na Ilha dos Currais, Estado do Paraná. p. 64. In: *Anais do I Encontro Nacional de Anilhadores de Aves* .
145	Schulz Neto, A. (1994) Aspectos biológicos das aves marinhas do atol das Rocas. *In: Resumos do IV CBO.* p. 93.
146	Schulz Neto, A. (1994) Levantamento de aves costeiras no litoral cearense. *In: Resumos do IV CBO.* p. 60.
147	Schulz Neto, A. (1995) *Observando aves do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha: guia de Campo* . Brasília: IBAMA.
148	Schulz Neto, A. (1998) Aspectos biológicos da avifauna marinha na Reserva Biológica do Atol das Rocas, Rio Grande do Norte, Brasil. *Hornero* 15:17-28.
149	Schulz Neto, A. (1998) Censos de aves costeiras na área de proteção ambiental das Reentrâncias Maranhenses. *In: Resumos do VII CBO.* p. 51.
150	Schulz Neto, A. & Azevedo, T. R (1990) Anilhamento e estudo sobre a nidificação de aves marinhas nas ilhas Deserta e Itacolomis, no estado de Santa Catarina. In: Anais do VI Encontro de Anilhadores de Aves - ENAV. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas – EDUCAT. p. 58.
151	Schulz Neto, A. & Interaminense, L. J. L. (1992) Anilhamento de aves marinhas na Reserva Biológica do Atol das Rocas. In: Resumos do IX Encontro de Zoologia do Nordeste. Recife: Editora da UFPE. p. 140.
152	Schulz Neto, A. & Souza, E. A. (1993) Levantamento preliminar de aves aquáticas no litoral sul sergipano. *In: Resumos do III CBO.* p. P.21.
153	Schulz Neto, A. 1995. *Observando aves no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha* . Brasília: IBAMA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
154	Seeliger, U., C. Odebrecht e J.P. Castello (eds.). 2004. *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil* . Rio Grande: Ecoscientia.
155	Siciliano, S., Pizzorno, J. L. A., Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1999) As aves marinhas encontradas nas praias do sudeste do Brasil entre 1994 e 1998: uma lista sistemática anotada. P. 608-609. *In:* A. Tresierra A & Z. Culchichicón M. (eds.) *VIII Congreso Latinoamericano sobre Ciencias del Mar* (COLACMAR)*, Trujillo, Perú, 17-21 de octubre de 1999. Libro de Resúmenes Ampliados* . 2 Tomos. Trujillo: Ed. Nuevo Norte.
156	Silva, F. (1984) El Sub-centro de Anillamiento de Aves en Rio Grande do Sul. Volante Migratório 2:15-16.
157	Silva, F. (1984) Lagoa do Peixe, um importante refugio para aves migratórias em los hemisférios norte e sul. Volante Migratório 2:13-14.
158	Silva, F. (1985) Anillamiento de aves acuaticas en Rio Grande do Sul. Volante Migratório 5:8-13.
159	Soares, M. & Schiefler, A. F. (1994) Avifauna da ilhota da Galheta e a importância da preservação das ilhas costeiras. *Alcance* 1(1):35-38.
160	Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Aves da ilhota da Galheta, Laguna, SC, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol* . 38(4):1101-1107.
161	Veit, R. R. (1995) Pelagic communities of seabirds in the south atlantic ocean. *Ibis* 137(1):1-10.
162	Vooren, C. M (1998) Aves marinhas e costeiras. p. 170-176. *In:* U. Seeliger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil* . Rio Grande: Editora Ecoscientia.
163	Vooren, C. M. (1997) Sea and Shore Birds. p. 154-159. *In:* U. Seelinger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Subtropical Convergence Environments: The Coast and Sea in the Southwestern Atlantic* . Berlin: Springer-Verlag.
164	Vooren, C. M. (1998) A fauna de aves. p. 68-70. In: Seeliger, U., Odebrecht, C. & Castello, J. P. (eds.) Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil. Rio Grande: Ecoscientia.
165	Vooren, C. M. & Brusque, L. F. (1999) As aves do ambiente costeiro do Brasil: biodiversidade e conservação. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha, diagnóstico sobre aves do ambiente costeiro do Brasil* . - 25 a 29 de outubro de 1999, Porto Seguro, BA.) Base de Dados Tropical. Disponível em: <http://www.bdt.fat.org.br/workshop/costa/> Acesso em 31/8/2003.
166	Vooren, C. M. & Chiaradia, A. F. (1990) Seasonal abundance and behavior of coastal birds on Cassino Beach, Brazil. *Ornitologia Neotropical* 1(2):9-24.
167	Vooren, C. M., Brandão, G. A. L., Filippini, A. et al. (1982) Shore and sea birds of South Brazil. *Atlântica* 5(2):127.
168	Williams, A. J. (1984) Breeding distribution, numbers and conservation of tropical seabirds on oceanic islands in the South Atlantic Ocean. Pp.393-401 in J. P. Croxall, P. G. H. Evans and R. W. Schreiber, eds. *Status and conservation of the world's seabirds* . Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 2).
169	Willis, E. O. (1991) Expansão geográfica de *Netta erythrophthalma* , *Fluvicola nengeta* e outras aves de zonas abertas com a "desertificação" antrópica em São Paulo. *Ararajuba* 2:101-102.
170	Woehler, E. J. (1996) Concurrent decreases in five species of Southern Ocean seabirds in Prydz Bay. *Polar Biol.* 16: 379-382.
171	Woehler, E. J. and Croxall, J. P. (1999) The status and trends of Antarctic and subantarctic seabirds. *Mar. Ornithol.* 25: 43-66.
172	Woehler, E.J., J. Cooper, J.P. Croxall, W.R. Fraser, G.L. Kooyman, G.D. Miller, D.C. Nel. D.L. Patterson, H.U. Peter, C.A. Ribic, K. Salwicka, W.Z. Trivelpiece and H. Weimerskirch. 2001. A statistical assessment of the status and trends of Antarctic and Subantarctic seabirds. *Report on SCAR BBS Workshop on Southern Ocean seabird populations* . p.43.
173	Yorio, P. and Caille, G. (1999) Seabird interactions with coastal fisheries in northern Patagonia: use of discards and incidental captures in nets. *Waterbirds* 22: 207-216.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
174	Yorio, P., E. Frere, P. Gandini and A. Schiavini. 2001. Tourism and recreation at seabird breeding sites in Patagonia, Argentina: current concerns and future prospects. *Bird Conserv. Int* . 11: 231-245.
175	Yorio, P., E. Frere, P. Gandini and W. Conway. 1999. Status and conservation of seabirds breeding in Argentina. *Bird Conserv. Int.* 9:299-314.
176	Accordi, I.A. 2003. *Circus cinereus* . In: C.S. Fontana, G.A. Bencke e R.E. Reis (eds). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul* . Porto Alegre, EDIPUCRS. 632pp.
177	Alves de Magalhães, C. (1990) Comportamento alimentar de *Busarellus nigricollis* no pantanal de Mato Grosso, Brasil. *Ararajuba* 1: 119 120.
178	Alves de Magalhães, C. (1990) Hábitos alimentares e estratégia de forrageamento de *Rostrhamus sociabilis* no pantanal de Mato Grosso, Brasil. *Ararajuba* 1: 95 98.
179	Amaral, C. (2002) Ocorrência do gavião-belo *Busarellus nigricollis* no estado de Santa Catarina. *Ararajuba* 10(2):245.
180	Andrade, M. Â, Leite, E. B. & Carvalho, C. E. A. (2001) Predação de jovem do jacaré-do-pantanal (*Caiman yacare*) pelo gavião-padre (*Busarellus nigricollis*) no Pantanal Sul Mato-grossense, Brasil: um registro fotográfico. *Tangara* 1(2):88-89.
181	Andrade, M. A. & Andrade, M. V. G. (1998) *Harpyhaliaetus coronatus* (Vieillot, 1817), p. 222-224. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais* . Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
182	Dias, R.A. & G.N. Maurício. 1996. A reprodução de *Circus cinereus* (Falconiformes: Accipitridae) no Brasil: primeiro registro. Campinas, Resumos do V Congresso Brasileiro de Ornitologia.
183	Dias, R.A. & G.N. Maurício. 1997. Aspectos reprodutivos de *Circus cinereus* . Belo Horizonte, *Resumos doVI Congresso Brasileiro de Ornitologia* .
184	Saggese, M.D. & E.R. De Lucca. 1995. Reproducción del Gavilán Ceniciento *Circus cinereus* en la patagonia argentina. *Hornero* . 14:21-26.
185	Silva e Silva, R. (1997) Distribuição da águia-pescadora (Pandion haliaetus) no Brasil. in Resumos do VI CBO, Belo Horizonte-MG.
186	Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1997) *Parabuteo unicinctus* (Falconiformes: Accipitridae) na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Brasil. *Ararajuba* 5(1):76-79.
187	Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1999) *Parabuteo unicinctus* (Falconiformes: Accipitridae) na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Brasil. *Boletim ABFPAR,* Niterói, 2(2):39-45.
188	Silva e Silva, R. & Olmos, F. (2002) Osprey ecology in the mangroves of southeast Brazil. *Journal of Raptor Research* 36(4): 328-331.
189	Pacheco, J. F., Bauer, C. & Melo-Junior T. A. (1994) Registros no Brasil do Chimango*, Milvago chimango* (Vieillot, 1816) ao norte de sua distribuição admitida. *Notulas Faunisticas* 62:1-4.
190	Amaral, C. & Amaral, V. (2002) Ocorrência do urubu-de-cabeça-amarela *Cathartes burrovianus* no município de Ouro, oeste do estado de Santa Catarina. *Biotemas* 15(2): 85-86.
191	Accordi, I. A., Rodrigues, J. B., Menegueti, J. O., Burger, M. I. G, Dotto, J. C. P., Guadagnin, D, Cruz, R. C. & Ramos, R. A. (2000) Observações sobre a ocorrência e distribuição de anatídeos no Estado do Rio Grande do Sul, 1986-1998. p.118-119. *In: Resumos do VIII CBO.*
192	Antas, P. T. Z. & Lara Resende, S. M. (1983) First record of the South American Pochard in Brazil. *Auk* 100(1):220 221.
193	Antas, P. T. Z., Nascimento, J. L. X., Ataguile, B. S., Kock, M. & Scherer, S. B. (1996) Monitoring Anatidae populations in Rio Grande do Sul State, South Brazil. *Gibier Faune Sauvage, Game Wildl.* 13:513-530.
194	Lara, A. I. (1992) Registros de *Netta peposaca* e *N. erythrophthalma* para o estado do Paraná. *In: Resumos do II CBO.* R52

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
195	Madge, S. and Burn, H. (1988) *Wildfowl* . London: Christopher Helm.
196	Nascimento, J. L. X & Antas, P. T. Z. (1990) Análise dos dados de anilhamento de *Amazonetta brasiliensis* no Brasil. *Ararajuba* 1: 85-90.
197	Nascimento, J. L. X, Flores, J. M., Ataguile, B. S., Koch, M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2001) Biological aspects of the Black-necked Swan (*Cygnus malencoryphus*) and Coscoroba Swan (*Coscoroba coscoroba*) in Rio Grande do Sul state, Brazil. *Melopsittacus* 4(1):31-38.
198	Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Koch, M. et al. (1998) Biometria, muda e reprodução da marreca-parda, *Anas georgica* , no Rio Grande do Sul. p. 144. *In: Resumos do VII CBO* .
199	Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Koch, M., Ataguile, B. S., Flores, J. M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2000) Biometria, muda e reprodução da marreca-parda, *Anas georgica* Gmelin,1789, no Rio Grande do Sul. p.303-307. *In: Alves et al (2000).*
200	Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Silva, F. M. B. V. & Scherer, S. B. (2000) Migração e dados demográficos do marrecão Netta peposaca (Anseriformes, Anatidae) no sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina. *Melopsittacus* 3(4)143-158.
201	Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Silva, F. M. B. V. *et al* . (2000) Migração e parâmetros demográficos do marrecão, *Netta peposaca* , no sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina. p. 409-410. *In: Resumos do VIII CBO.*
202	Nascimento, J. L. X., Flores, J. M., Ataguile, B. S., Koch, M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2001) Biological aspects of the Black-necked Swan (*Cygnus melancoryphus*) and Coscoroba Swan (*Coscoroba coscoroba*) in Rio Grande do Sul state, Brazil. *Melopsittacus* 4(1):31-38.
203	Nascimento, J. L. X., Flores, J. M., Scherer, A., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Dados biológicos de marrecas (Aves, Anatidae) no Rio Grande do Sul - Alguns resultados do Projeto Conservação de Anatídeos no Cone-Sul Americano. In: Livro de Resumo do 5º Encontro Nacional de Biólogos e 2º Encontro Nordestino de Biólogos. Natal.
204	Nascimento, J. L. X., Koch, M., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Áreas de concentração, deslocamento e ongenvidade de duas espécies de marrecas (Anseriformes: Anatidae) no Rio Grande do Sul. *In: Resumos do XI CBO.*
205	Nascimento, J. L. X., Koch, M., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Monitoramento da Marreca-parda, *Anas georgica* no Rio Grande do Sul. *In: Resumos do XI CBO.*
206	Oliveira Jr. & Veiga, R. L. (1999) Registro da marreca-bico-roxo, *Oxyura dominica* (Linné,1766) no Município de Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biociências* 7(1):189-190.
207	Teixeira, D. L. M. & Nacinovic, J. B. (1981) Notas sobre a "marreca preta" *Netta erythrophthalma* (Wied, 1832). *Anais Soc. Sul-Riograd Ornitolol* . 2:19-22.
208	Veiga, L. A., Oliveira, A. T. (1995) Um caso de albinismo em tachã, *Chauna torquata* Oken, ocorrida na Estação Ecológica do Taim, Rio Grande do Sul, Brasil. Rev. Bras. Biol. 12(3):563-566.
209	Veiga, L. A., Oliveiria, A. T. (1996) Um caso de albinismo em tachã, *Chauna torquata* Oken,1816, ocorrido na Estação Ecológica do Taim, RS, Brasil. p. 210. *In: Resumos do XXI CBZ.*
210	Wilson, R. E., Goldfeder, S. & McCracken, K. C. (2004) Bill sexual dichromatism of Yellow-billed Pintail (*Anas georgica*) and Speckled Teal (*A. flavirostris*). Ornitol. Neotropical, 15:
211	Zimmer, R., Erdtmann, B. , Thomas, W. K. et al. (1994) Phylogenetic analysis of the *Coscoroba coscoroba* using mitochondrial srRNA gene sequences. *Molecular Phylogenetics and Evolution* , San Diego. 3(2)85-91.
212	Antas, P. T. Z. (1983) Migration of Neartic Shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in Brazil - flyways and their different seasonal use. *Wader Study Group Bulletin* 39(1): 52-56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
213	Antas, P. T. Z. (1988) Analise dos dados de anilhamento de *Sterna hirundo* na Lagoa do Peixe, Tavares, RS. *ANAIS do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos* , 95.
214	Antas, P. T. Z. (1988) Muda e Peso de Scolopacidae e Charadriidae capturados na Lagoa do Peixe, Tavares, RS, entre 1985 e (1987) *Anais do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos* , 63.
215	Antas, P. T. Z. (1989) Aves Limicolas do Brasil. p. 181-187. In: Seminario Internacional sobre Manejo e Conservacao de Macaricos e Ambientes Aquaticos nas Américas. IBAMA/UFRPE/FUNATURA/MBO.
216	Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1988) Analise dos dados de anilhamento de *Calidris pusilla* no Brasil de 1981 a 1988. In: Anais do IV ENAV. P. 18.
217	Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1996) Analysis of Red Knot *Calidris canutus rufa* bandind data in Brazil. *Intern. Wader Stud.* 8:63-70.
218	Antas, P. T. Z. & Nascimento, J. L. S. (1991) Analisis de datos de anillado de *Calidris canutus* en Brasil. In: *Libro de Resumenes - Simposio sobre Ecologia Y Conservacion de Chorlos y Playeros en el Hemisferio Occidental* . Quito, Equador. 3-4.
219	Antas, P. T. Z., Azevedo Junior, S. M. & Nascimento, I. L. S. (1990) Dinamica de Muda e Peso de Adultos de *Calidris pusilla* na Coroa do Aviao, Igarassu, Pernambuco. Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS. P. 43.
220	Ashmole, N. & H. Tovar. 1968. Prolonged parental care in Royal Terns and other birds. *Auk* . 85:90-100.
221	Azevedo Júnior, S. M, & Larrazabal, M. E. (1994) Censo de aves limícolas na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil, informações de 1991 a 1992. *Rev. Nord. Zool* . 1:263-277.
222	Azevedo Júnior, S. M, Dias Filho, M. M. & Larrazabal, M. E. (2001) Plumagens e mudas de Charadriiformes (Aves) no litoral de Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool* . 18(3):657-672.
223	Azevedo Júnior, S. M. (1992) Censo de maçaricos na foz do rio São Bento (9 00'S 35 10'W). *Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas* 6:4.
224	Azevedo Junior, S. M., Dias Filho, M. M., Larrazábal, M. E. & Fernandes, C. J. G. (2002) Capacidade de vôo de quatro espécies de Charadriiformes (Aves) capturados em Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool* . 19(Supl. 1): 183-190.
225	Azevedo Júnior., S. M & Larrazabal, M. E. (1999) Captura e anilhamento de *Calidris pusilla* (Scolopacidae) na costa de Pernambuco. *Ararajuba* 7(2):63-69.
226	Azevedo, M. S., Foneca, V. S. S. & Petry, M. V. A. (1999) Ocorrência da pomba-antártica, *Chionis alba* (Gmelin,1789) no litoral norte do Rio Grande do Sul. p. 84. In: Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos. 7. São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
227	Azevedo, T. R. (1989) Nidificação e anilhamento de Trinta-réis de Bico-Amarelo (*Sterna sandvicensis eurygnatha*) e do Trinta-réis de Bico-Vermelho (*Sterna hirundinacea*) na Ilha Deserta. *Atobá* 3:3.
228	Barbieri, E. e T. Sato (2000) Information analysis of foraging behavior sequences of the collared plover [sic] (*Charadrius collaris). Ciência e Cultura* 52 (3):178-184.
229	Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2000) Distribuição da batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*) ao longo do ano de 1999 na praia da Ilha Comprida. *Notas Técnicas da FACIMAR* 4: 69-76.
230	Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2001) Variação temporal na abundância do trinta-reis de bico amarelo (*Sterna eurygnatha*) na Ilha Comprida, litoral sul de São Paulo. *In: Resumos do XXVI CBZ* .
231	Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2002) Distribuição e abundância do trinta-réis-real (*Sterna maxima*) na ilha comprida, litoral sul de São Paulo. *In: Resumos do XXVI CBZ.*
232	Baumgarten, M. M., Freitas, T. R. O., Sander, M. (1996) Análise da variação morfológica de sete espécies de trinta-reis (Sterninae, Laridae, Charadriiformes) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, RS, Brasil. p. 207. *In: Resumos do XXI CBZ.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
233	Both, R. & Freitas, T. R. O. (2000) Análise de regurgitos de *Sula leucogaster* e de *Anous stolidos* no Arquipélago de São Pedro e São Paulo. p.259-260. *In: Resumos do VIII CBO* .
234	Both, R. & Freitas, T. R. O. (2001) A dieta de *Sula leucogaster* , *Anous stolidus* e *Anous minutus* no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Brasil. p. 313-326. *In* : Albuquerque, J. L., Cândido Jr., J. F., Straube, F. C. & Roos, A. L. (eds.) *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias* . Tubarão: Editora Unisul.
235	Branco, J. O. & Ebert, L. A. (2002) Estrutura populacional de *Larus dominicanus* Lichtenstein, 1823 no estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Ararajuba* 10(1):79-82.
236	Bugoni, L. & C. Vooren. 2005. Distribution and abundance of six Tern species in Southern Brazil. *Waterbirds* . 28:110-119.
237	Coelho, A. G. M. (1977) On the South Polar Skua, *Catharacta scua maccormicki* , recaptured in Pernambuco, Brazil. *Notulae Biol* ., N. S. 2:1.
238	Cordeiro, P. H. C., Flores, J. M. & Nascimento, J. L. X. (1994) Trinta-Reis- Boreal (*Sterna hirundo*). Uma analise das recuperações entre 1980 e 1994. *In: Resumos do IV CBO.*
239	Cordeiro, P. H. C., Flores, J. M. & Nascimento, J. L. X. (1996) Análise das recuperações de *Sterna hirundo* no Brasil entre 1980 e (1994) *Ararajuba* 4(1):3-7.
240	Efe, M. A. & Musso, C. (1996) Anilhamento e Recaptura de *Sterna* spp. no Espírito Santo em 1994. *In: Resumos do V CBO.*
241	Efe, M. A. & Musso, C. (1996) Reprodução de *Sterna hirundinacea* nas Ilhas Itatiaia, ES em 1994. *In: Resumos do V CBO.*
242	Efe, M. A. & Musso, C. M. (1994) Crescimento de Filhotes de *Sterna* (sandvicensis) eurygnatha na Ilha Escalvada, ES. *In: Resumos do IV CBO.* R-44
243	Efe, M. A. & Musso, C. M. (1994) Registro de Reproducao de *Puffinus ilherminieri* (Lesson, 1939) no Brasil. *In: Resumos do IV CBO.* P-82.
244	Efe, M. A. & Musso, C. M. (2001) Primeiro registro de *Puffinus lherminieri* Lesson, 1839 no Brasil. *Nattereria* 2:21-23.
245	Efe, M. A., & Musso, C. (1996) Projeto Andorinhas do Mar - Monitoramento e Conservação de Sterna spp. nas Ilhas do Espírito Santo - 1994. *In: Resumos do XXI CBZ.*
246	Efe, M. A., Bugoni, L., Mohr, L. V., Scherer, A., Scherer, S. B. & Bairro, O. (2001) First-known record of breeding for the Black Skimmer (*Rynchops niger*) in a mixed colony in Ibicuí River, Rio Grande do Sul state, southern Brazil. *International Journal of Ornithology* 4(2):103-107.
247	Efe, M. A., Bugoni, L., Scherer, A. et al. (2000) Registro de reprodução de talha-mar, *Rynchops niger,* em colônia mista com outras três espécies em ilha do rio Ibiquí, Rio Grande do Sul. p. 220-221. *In: Resumos do VIII CBO.*
248	Efe, M. A., Musso, C., Glock, L. (2001) Parâmetros populacionais de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *In: Resumos do IX CBO.*
249	Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S Nascimento & Musso, C. (2000) Distribuição e ecologia reprodutiva de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *Melopsittacus* 3(3):110-121.
250	Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S, Musso, C. & Glock, L. (2004) Variações morfológicas e padrões de crescimento de filhotes de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. Biociências 12.
251	Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S. & Musso, C. M. (1994) Projeto Andorinhas do Mar - Conservacao de *Sterna* spp no Espirito Santo. *In: Resumos do IV CBO.* P-144.
252	Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S., Musso, C. & Glock, L. (2001) Variações morfológicas e padrões de crescimento em *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *In: Resumos do IX CBO.*
253	Efe, M. A., Nascimento, J. L., Nascimento, I. L. S. *et al* . (2000) Distribuição e ecologia reprodutiva de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *Melopsittacus* 3(3):110-121.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
254	Erwin, R. (1977). Foraging and breeding adaptations to different food regimes in three seabirds: the Common Tern, *Sterna hirundo* , Royal Tern, *Sterna maxima* , and Black Skimmer, *Rynchops niger* . *Ecology* . 58: 389-397.
255	Erwin, R. (1978). Coloniality in Terns: the role of social feeding. *Condor* . 80:211-215.
256	Escalante, R. (1973) The Cayenne Tern in Brazil. *Condor* 75:470-472.
257	Fedrizzi, C. E., Azevedo Junior, S. M. & Larrazabal, M. E. L. (2004) Body mass and acquisition of breeding plumage of wintering *Calidris pusilla* (Linnaeus) (Aves, Scolopacidae) in the coast of Pernambuco, north-eastern Brazil. *Rev. Bras. Zool* . 21(2):249-252.
258	Fonseca, V. S. S., Azevedo, M. S. & Petry, M. V. (2000) Nota sobre a ocorrência da pomba-antártica, *Chionis alba* (Gmelin,1789), no litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. *Acta Biologica Leopoldensia* 22(1):133-135.
259	Hayes, F. E. (2001) Identification of Least Tern *Sterna antillarum* and Yellow-billed Tern *S. superciliaris* , with a sight record of Yellow-billed Tern from Tobago, West Indies. *Cotinga* 15:10-13.
260	Johnsgard, P. A. (1981) *The plovers, sandpipers and snipes of the world* . Lincoln and London: University of Nebraska Press.
261	Krul, R. & Moraes, V. S. (1995) Sazonalidade de *Sterna spp.* (Aves, Sternidae) na costa do Paraná, Brasil. VI Congreso Latinoamericano de Ciencias del Mar, Mar del Plata, Argentina. Resumos, R417.
262	Lara Resende, S. M. & Voss, W. A. (1985) Comunicação sobre a ocorrência do maçarico-de-bico-torto, *Numenius phaeopus* (Linnaeus, 1758), no Rio Grande do Sul. *Acta Biol. Leopold* . 6(1984):249-250.
263	Lara Resende, S. M., Leeuwenberg, F. & Harrington, B. A. (1989) Biometry of Semipalmated Sandpipers *Calidris pusilla* in southern Brazil. *Wader Study Group Bull* . 55:25-26.
264	Lima, P. C. & Santos, S. S. (2004) Ensaio fotográfico sobre o comportamento reprodutivo do perna-longa – *Himantopous himantopus mexicanus* (Muller, 1776). *Atualidades Orn* . 120:10.
265	Lima, P. C., Hays, H., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2001) As gaivotas-róseas da Bahia. *A Tarde* , Supl. Rural, Salvador, 8 outubro: 4-5.
266	Lima, P. C., Lima, R. C. F. R., Santos, S. S. & Grantsau, R. (2002) Os maçaricos da Bahia e a inclusão de uma nova subespécie: *Charadrius wilsonia crassirostris* . *Neon* – Arte, cultura e entretenimento, Salvador 4(35):26-29.
267	Lyra-Neves, R. M., Azevedo Junior, S. M. & Telino-Junior, W. R. (2004) Monitoramento do maçarico-branco, *Calidris alba* (Pallas) (Aves, Scolopacidae), através de recuperações de anilhas coloridas, na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool* . 21(2):319-324.
268	Martinez, M., J. Isacch and M. Rojas. (2000). Olrogs Gull *Larus atlanticus* : specialist or generalist? *Bird Conserv. Int* . 10:89-92.
269	Mazar Barnett, J. (1997) First report of *Xenus cinereus* (Charadriiformes: Scolopacidae) for Brazil. *Ararajuba* 5(2):236-237.
270	Mendes, A. M., Silva, H. B. & Guerra, L. F. P. (1981) Recuperação de Sterna hirundo no município de Rio Grande. *Ciênc. Cult.* 33(10):1352-1353.
271	Mikich, S. B. & Lara, A. I. (1996) Levantamento de aves limnícolas [sic] da Praia Deserta, ilha de Superagui, Guaraqueçaba, Brasil. *Est. Biol* . 4(40):55-70.
272	Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Monitoramento de populações da batuíra-de-colar *Charadrius collaris* no eixo Barranco-Pontal do Sul, PR. *In: Resumos do III CBO.* P 50.
273	Moraes, V. S. & Pichorim, M. (1991) Oviposição da batuíra-da-praia *Charadrius collaris* na Ilha do Mel, Paraná. p. 29. *In: Resumos do I CBO.*
274	Musso, C., Efe, M. A. & Maia, M. P. (1997) Resultados do monitoramento e conservação de *Sterna* spp. no Espírito Santo no período de 1988 a 1996. *In: Resumos do VI CBO.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
275	Nascimento, J. L. X. (1992) Projeto "Anilhamento de aves limícolas na Ilha do Parazinho, Amapá". Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas 5:3.
276	Nascimento, J. L. X. (1998) Muda de Charadriidae e Scolopacidae (Charadriiformes) no norte do Brasil. *Ararajuba* 6(2):141-144.
277	Naves, L. C. & Vooren, C. M. (2000) Ecologia alimentar do talha-mar, *Rhynchops nigra* , da desembocadura da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul. p.314-315. *In: Resumos do VIII CBO.*
278	Naves, L. C., L. F. Brusque e C. M. Vooren (2002) Feeding ecology of *Sula leucogaster* , *Anous stolidus* and *Anous minutus* at Saint Peter and Saint Paul's Rocks, Brazil. *Ararajuba* 10(1):21-30.
279	Neves, T. 1994. Ocorrência de atividade reprodutiva de *Sterna maxima* no Parque Estadual Marinho da Laje de Santos. Rio de Janeiro, *Resumos do XX Congresso Brasileiro de Zoologia* .
280	Neves, T. S. (1994) [Nidificação de *Sterna maxima* em Santos, SP]. In: *Resumos do XX CBZ* .
281	Olmos, F. (2000) Revisão dos registros de *Stercorarius pomarinus* no Brasil, com notas sobre registros de *S* . *longicaudus* e *S. parasiticus* (Charadriiformes: Stercorariidae). *Nattereria* 1:29-33.
282	Pacheco, J. F. (1995) Ocorrência acidental da gaivota-de-Franklin, *Larus pipixcan* no médio Solimões, Amazonas. *Atualidades Orn* . 66:4.
283	Pacheco, J. F. (2000) O registro brasileiro de *Philomachus pugnax* (Charadriiformes: Scolopacidae) divulgado por Sick – autoria e elucidação de pequenas questões. *Nattereria* 1:19.
284	Pereira, A. B., Putzke, J. & Sander, M. (1990) Plants utilized by *Larus dominicanus* Lichtenstein,1823 for nest building at the South Shetland Islands, Antártica. *Pesquisa Antártica Brasileira* , Brasília, 2(1):79-85.
285	Resende, S. M L. & Leeuwenberg, F. (1989) A first breeding record of the two-banded plover, *Charadrius falklandicus* , in Brazil. Wader Study Group Bulletin 56:38-39.
286	Resende, S. M. L. & Voss, W. A. (1984) Comunicação sobre a ocorrência do maçarico-de-bico-torto, *Numenios phaeopus* (Linnaeus, 1758), no Rio Grande do Sul. Acta Biol. Leopold. 6(2):249-250.
287	Rodrigues, A. A. F. (1992) Ecologia de avs limícolas na Iha do Cajual, Alcântara, Maranhão. Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas 5:4.
288	Rodrigues, A. A. F. (1993) *Migrações, abundância sazonal e alguns aspectos sobre a ecologia de aves limícolas na baía de São Marcos, Maranhão - Brasil* . Tese de Mestrado. Belém: Uni. Fed. do Pará.
289	Rodrigues, A. A. F. (2000) Seasonal abundance of Neartic shorebirds in the Gulf of Maranhão, Brazil. *J. Field Orn* . 71:665-675.
290	Rodrigues, A. A. F. & Lopes, A. T. L. (1997) Abundância sazonal e reprodução de *Charadrius collaris* no Maranhão, Brasil. *Ararajuba* 5(1):65-69.
291	Rodrigues, A. A. F. e A. T. L. Lopes (2000) The occurrence of Red Knots *Calidris canutus* on the north-central coast of Brazil. *Bull. Brit. Orn. Cl* . 120(4):251-259.
292	Rodrigues, A. A. F., Oren, D. C. & Lopes, A. T. L. (1996) New data on breeding Wilson's Plover *Charadrius wilsonia* in Brazil. *Wader Study Group Bull* 81:80-81.
293	Sagar, P. M. (1991) Aspects of the breeding and feeding of the Kerguelan and Antarctic Terns at the Kerguelan Islands. *Notornis* 38: 191-198.
294	Sagar, P. M., Shankar, Ude and Brown, S. (1999) Distribution and numbers of waders in New Zealand, 1983-1994. *Notornis* 46: 1-44.
295	Scherer-Neto, P. (1985) Nova ocorrência da "pomba-antártica" (*Chionis alba* Gmelin, 1789), no sul do Brasil. *Anais Soc. Sul-Riograd. Ornit* . 6:19-20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
296	Schulz Neto, A., Pereira, S. F. T. & Interaminense, L. J. L. (1992) Novas ocorrências reprodutivas de *Charadrius collaris* e *Charadrius wilsonia* . *In: Resumos do II CBZ* . R.83.
297	Sick, H. & Leão, A. P. A. (1965) Breeding sites of Sterna eurygnata and other seabirds of the Brazilian coast. *Auk* 82:507-508.
298	Silva e Silva, R., Olmos, F. & Lima, P. C. (2002) *Catharacta chilensis* (Bonaparte, 1857) no Brasil. *Ararajuba* 10(2):275-277.
299	Silva, F. (1971) Comunicação sôbre os hábitos da jaçanã, *Jacana spinosa jacana* L. 1766. Estudos Leopol. 18:329-343.
300	Soares, A. B. A. (1997*) Biologia reprodutiva de* Anous stolidus *(Aves: Charadriiformes) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil* . Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
301	Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S. & Efe, M. (1998) Brown Noddy *Anous stolidus* breeding at the Abrolhos archipelago, Bahia State, Brazil. *In* : Adams, N. J. e R. H. Slotow (eds.) *Proc. 22 Int* . *Ornithol. Congr* ., Durban. *Ostrich* 69:336.
302	Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1998) Aspectos da reprodução da andorinha-do-mar-preta (*Anous stolidus*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia. *In: Resumos do VII CBO.*
303	Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ferreira, I. (2000) Desenvolvimento de filhotes da andorinha-do-mar-preta ou benedito (*Anous stolidus*) no arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. p. 205-214. *In: Alves et al (2000).*
304	Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ferreira, I. (2000) Biologia reprodutiva da andorinha-do-mar-preta ou benedito (*Anous stolidus*) no arquipélago dos Abrolhos. *In: Alves et al (2000).* p. 215-229.
305	Soares, M. (1994) Nidificação do piru-piru (*Haematopus palliatus*) do litoral de Santa Catarina. *Alcance* 1(2):109-111.
306	Soares, M. & Schiefler, A. F. (1992) Observações de aves limícolas em Navegantes e Laguna, Santa Catarina. Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas. 5:3.
307	Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Ocorrência da "Pomba-antártica" *Chionis alba* (Aves, Chionididae) para o Estado de Santa Catarina. *Biotemas* 8(2):119-121.
308	Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Reprodução de *Larus dominicanus* (Aves, Laridae) na ilhota da Galeta, Laguna, SC, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol* . 38(1):313-316.
309	Teixeira, D. L. M. (1991). Notas sobre a biologia do ferrãozinho, *Hoploxypterus cayanus* . p. 21. *In: Resumos do I CBO.*
310	Vooren, C. M. & Chiaradia, A. F. (1989) *Stercorarius longicaudus* and *S. parasiticus* in Southern Brazil. *Ardea* 77(2):233-235.
311	Witeck, A. J. (1990) Dados preliminares sobre nidificação de Charadrius collaris em Rio Grande, RS. Bol. Grupo de Estudos de Aves Limnícolas 2:5.
312	Yorio, P. & F. Quintana. 1997. Predation by Kelp Gulls *Larus dominicanus* at a mixed-species colony of Royal Terns *Sterna maxima* and Cayenne Terns *Sterna eurygnatha* in Patagonia. *Ibis* . 139: 536-541.
313	Yorio, P. & G. Harris. 1992. Actualizacion de la distribucion reproductiva, estado poblacional y de conservacion de la gaviota de Olrog (*Larus atlanticus*). *Hornero* . 13:200-202.
314	Yorio, P., D. Rábano and P. Friedrich. 2001. Habitat and nest site characteristics of Olrogs Gull *Larus atlanticus* breeding at Bahía San Blas, Argentina. *Bird Conserv. Int* . 11: 27-34.
315	Yorio, P., F. Quintana, A. Gatto, N. Lisnizer and N. Suárez. 2004. Foraging patterns of breeding Olrogs Gull at Golfo San Jorge, Argentina. *Waterbirds* . 27:193-199.
316	Yorio, P., G. Punta, D. Rabano, F. Rabuffetti, G. Herrera, J. Saravia and P. Friedrich. 1997. Newly discovered breeding sites of Olrog´s Gull *Larus atlanticus* in Argentina. *Bird Conserv. Int* . 7:161-165.
317	Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1990) Monitoramento do Tuiuiu *Jabiru mycteria* no Pantanal da Nhecolandia, Corumba, MS no Ano de 1989 *Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS* , P. 46.
318	Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1996) *Tuiuiu, sob os céus do Pantanal - Biologia e Conservação do Tuiuiu, Jabiru mycteria.* São Paulo: Empresa das Artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
319	Antas, P. T. Z., Nascimento, I. L. S. & Fillipini, A. (1993) Censos aéreos e terrestres de tuiuiús (*Jabiru mycteria*) no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *In: Resumo do III CBO* . R 36.
320	Antas. P. T. Z., Nascimento, I. L. S. (1989) Anilhamento do Tuiuiu *Jabiru mycteria* no Pantanal de Mato Grosso. Resumos do V Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Brasilia, DF. Linha Grafica Editora Ltda. pp. 7
321	Azeredo, R. (1998) *Crax blumenbachii* Spix, 1825. p.246-248. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais* . Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
322	Azeredo, R. (1998) *Pipile jacutinga* (Spix, 1825), p.233-235. In: Machado, A. B. M. (eds.) *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais* . Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
323	Azeredo, R. M. A., Simpson, J. G. P. & Barros, L. P. (2001) *Crax blumenbachii* preservation project. P. 136-138. *In:* M. E. Fowler (ed.) *Biology, medicine and surgery of South American wild animals* . Iowa: Iowa University Press.
324	Silveira, L. F., Olmos, F. e Long, A. J. (2003). The Alagoas Curassow: World´s rarest cracid. *Bulletin of Cracids Specialists Group* , Houston, v. 17, p. 31-35.
325	Silveira, L.F. & F. Olmos. 2003. Cracids in coastal Alagoas State, Northeastern Brazil. Hampshire, UK, *Annual Review of the World Pheasant Association, 2002/2003* . p.49-52.
326	Teixeira, D. L. M. (1997) A conservação do cracidae no nordeste extremeo [sic] do Brasil. p.273-280. *In* : S.D. Strahl, S. Beaujon, D. M. Brooks, A. J. Begazo, G. Sedaghatkish e F. Olmos (Eds.). *The Cracidae. Their biology and conservation* . Surrey and Blaine: Hancock House Publ.
327	Teixeira, D. L. M. & Sick, H. (1981) Notes on Brazilian Cracidae: the Red-billed Curassow, *Crax bumenbachii* Spix, 1825, and the Wattled Curassow, *Crax globulosa* Spix, 1825. *Bol. Mus. Nac* ., n. s. Zool. 299:1-31.
328	Teixeira, D. L. M. & Snow, D. (1981) The Red-billed Curassow *Crax blumenbachii* Spix 1825: and endangered Brazilian Cracidae. Reunion Iberoamer. *Conserv. Zool. Vertebr* . 1981:61.
329	Teixeira, D. L. M. & Snow, D. W. (1982) Notes on the nesting of the Red-billed Curassow *Crax blumenbachii* . *Bull. B. O. C.* 102:83-84.
330	Straube, F.C. 1991. Novos registros de aves raras no Estado do Paraná: *Crypturellus noctivagus* (Tinamiformes: Tinamidae) e *Tigrisoma fasciatum* (Ciconiiformes: Ardeidae). *Ararajuba* . 2:93-94.
331	Straube, F. C. & Bornschein, M. R. (1991) Novos registros de *Chloroceryle inda* (Linnaeus, 1766) e *Chloroceryle aenea* (Pallas, 1764) para o Estado do Paraná, sul do Brasil (Alcedinidae, Aves). *Acta Biol. Leopold.* 13(1):81-84.
332	Aguirre, A. C. (1962) Estudo sobre a biologia e consumo da jaçanã *Porphyrula martinica* (L.) no Estado do Maranhão. *Arq. Mus. Nac* . 52:9-20.
333	Martinez, M., M. Bó and J. Isacch. (1997). Habitat y abundancia de *Coturnicops notata* y *Porzana spiloptera* em Mar Chiquita, Prov. de Buenos Aires, Argentina. *Hornero* . 14:274-277.
334	Novaes, F. C. & Lima, M. F. C. (1994) Primeiro registro de *Laterallus jamaicensis* (Açanã-preta) para o Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Nova Ser. Zool.* 10(2):293-294.
335	Taylor, B. and van Perlo, B. (1998) *Rails: a guide to the rails, crakes, gallinules and coots of the world* . Robertsbridge, UK: Pica Press.
336	Teixeira, D. L. M. & Puga, M. E. M. (1984) Notes on the Speckled Crake (*Coturnicops notata*) in Brazil. *Condor* 86:342-343.
337	Ventura, C. P. E. & Ferreira, I. (1982) Observações sobre a minúscula saracura "sanã-do-papo-amarelo". Anais Soc. Sul-Riogr. Ornit. 3:23-26.
338	Scherer-Neto, P. (1983) Observações sobre nidificação e filhotes de bacurau-pequeno Caprimulgus parvulus Gould, 1837, na natureza. p. 351. *In: Resumos do X CBZ* . R 275.
339	Amadon, D. (1943) The genera of starlings and their relationships. *Amer. Mus. Novit.* 1247.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
340	Pacheco, J.F. 1988. Black-hooded Antwren *Formicivora* [Myrmotherula] *erythronotos* re-discovered in Brazil. *Bull. Brit. Ornith. Club* . 108:179-182.
341	Pacheco, S. & Simon, J. E. (1995) Variações no padrão de nidificação de *Fluvicola nengeta* Linnaeus, 1766 (Aves, Tyrannidae). *Rev. Bras. Biol.* 55: 609-615.
342	Reinert, B. L., Bornschein, M. R. & Teixeira, D. L. M. (1996) Notas sobre um novo Formicariidae recentemente descrito do sul do Brasil. *In: Resumos do V CBO.* p.99.
343	Reinert, B.L. & M.R. Bornschein. 1996. Descrição do macho adulto de *Stymphalornis acutirostris* (Aves: Formicariidae). *Ararajuba* . 4(2):103-105.
344	Reinert, B.L. 2001. *Distribuição geográfica, caracterização dos ambientes de ocorrência e conservação do bicudinho-do-brejo (* Stymphalornis acutirostris *Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995 – Aves, Formicariidae)* . Dissertação de Mestrado. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.
345	Ribon, R. & Simon, J. E. (1998) *Carpornis cucullatus* (Swainson, 1821), p.359-360. In: A. B. M. Machado, G. A. da Fonseca, R. B. Machado, L. M. de S. Aguiar e L. V. Lins (eds.) Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
346	Short, L. L. & K. C. Parkes (1979) The status of *Agelaius forbesi* . *Auk* 96(1):179-183
347	Silveira, L. F., Olmos, F., Roda, S. A. & Long, A. (2003) Notes on the Seven-coloured Tanager *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831) in North-eastern Brazil. *Cotinga* 20: 82-88.
348	Silveira, L.F. F. Olmos, S.A. Roda and A.J. Long. 2003. Notes on the Seven-coloured Tanager *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831) in North-east Brazil. *Cotinga* . 20:82-88.
349	Snow, D.W. 1982. *The cotingas* . London: British Museum (Natural History), and Oxford: Oxford University Press.
350	Souza, M.C. 1994. Ocorrência de *Pyriglena atra* (Passeriformes: Formicariidae) no estado de Sergipe. Recife, PE, *Resumos do IV Congresso Brasileiro de Ornitologia* . Universidade Federal de Pernambuco. p.134.
351	Teixeira, D. L. M. & Almeida, A. C. C. (1997*) A biologia da "Escarradeira" Xipholena atropurpurea (Wied, 1820) (Aves, Cotingidae).* Eunápolis, BA: Veracruz Florestal .[Estação Veracruz, Publ. Técnico-científica n. 2]
352	Teixeira, D. L. M. & Carnevalli, N. (1989) Nova espécie de *Scytalopus* Gould, 1837, do nordeste do Brasil (Passeriformes, Rhinocryptidae). *Bol. Mus. Nac., Zool* . 331:1-11.
353	Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1989) Notas sobre *Cranioleuca semicinerea* (Reichenbahc, 1853) (Aves, Furnariidae). *Rev. Bras. Biol.* 49:605-613.
354	Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1990) Notas sobre a biologia *Xipholena atropurpurea* no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XVII CBZ* . p. 174.
355	Teixeira, D. L. M. & Pinto, F. J. M. (1988) Sobre a reprodução de *Tangara fastuosa* . *In: Resumos do XV CBZ* . p. 484.
356	Teixeira, D. L. M., Luigi, G. & Almeida, A. C. C. (1990) A redescoberta de *Iodopleura pipra leucopygia* no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XVII CBZ* . p. 179.
357	Tobias, J.A. & R.S.R. Williams. 1996. Threatened Formicivora antwrens of Rio de Janeiro state, Brazil. *Cotinga* . 5:62-66.
358	Vasconcelos, M. F. (1998) *Myrmotherula minor* Salvadori, 1864, p.313-314. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
359	Vasconcelos, M. F. (1998) *Myrmotherula urosticta* (Sclater, 1857)[sic], p.311-312. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
360	Vasconcelos, M. F. (1998) *Sporophila falcirostris* (Temminck, 1820), p.355-356. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
361	Vasconcelos, M. F. (1998) *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869), p.374-375. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
362	Vasconcelos, M. F., D'Angelo Neto, S. & Mandonado-Coelho, M. (2004) New noteworthy occurrences of the Wied´s Tyrant-Manakin (*Neopelma aurifrons*) in Brazil. Ornitol. Neotropical 15:547-548.
363	Vecchi, M. B., Alves M. A. S. (2004) Novo registro de distribuição de *Formicivora littoralis* no Estado do Rio de Janeiro. Blumenau. *Resumos do XII Congresso Brasileiro de Ornitologia* . p.409.
364	Willis, E. O. & Oniki, Y. (1982) Behavior of Fringe-backed Fire-eyes (*Pyriglena atra* , Formicariidae): a test case for taxonomy versus conservation. *Rev. Bras. Biol.* 42:213-223.
365	Willis, E. O. & Oniki, Y. (1987) Nidificação de inverno de *Iodopleura pipra* (Lesson, 1831) (Aves, Cotingidae). *In: Resumos: XIV CBZ.* p. 149.
366	Short, L. L.(1982) Woodpeckers of the world. Delaware: Delware Museum of Natural History (Monogr. Ser. 4)
367	Vasconcelos, M. F. (1998) Registros de duas espécies de aves ameaçadas de extinção em Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais: *Amazona vinacea* e *Pyroderus scutatus* . *Atualidades Orn.* 86:6.
368	Agne, C. E. (2004) Primeiro registro do Sacoí-vermelho, *Ixobrychus exilis* (Gmelin, 1789) para o Rio Grande do Sul. Atualidades Orn. 120:
369	Aguilar, Y. H., Figueiredo, C. & Lopes, M. E. (1988) Estudos preliminares da biologia e estimativa populacional do *Phalacrocorax olivaceus* na Ilha do Biguá, Baía de Antonina, PR. *In: Resumos do XV CBZ.*
370	Andrade, M. A. (1998) *Tigrisoma fasciatum* (Such, 1825), p.193-194. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais* . Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
371	Antas, P. T. Z. (1979) Breeding the scarlet ibis *Eudocimus ruber* at the Rio de Janeiro Zoo. *International Zoo Yearbook* 19: 135 139.
372	Antas, P. T. Z., Roth & Morrison, R. G. (1990) Status and conservation of the Scarlet Ibis (*Eudocimus ruber*) in Brazil. WRB (International Waterfowl Research Bureau) Special Publication 2:130-136.
373	Azevedo Jr., S. M., Telino Jr., W. R. & Neves, R. M. L. (1994) Primeiro registro das aves oceânicas *Sula dactylatra* , *Sterna fuscata* e *Anous stolidus* na costa de Pernambuco, Brasil. *In: Resumos IV CBO* .
374	Azevedo Júnior, S. M. (1997) Colonização da garça-boieira *Bubulcus ibis* em Pernambuco, Brasil. *Airo* 8(1/2):48-50.
375	Lima, P. C. e S. S. Santos e C. M. Barreto (1999) Garça-vaqueira: colonização e migração. *A Tarde* , Supl. Rural, Salvador, 11 Janeiro:4-5.
376	Mohr, L. V. (2003) Primeiro registro documentado da garça-azul *Egretta caerulea* no Rio Grande do Sul. *Atualidades Orn* . 116:2-3.
377	Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1987) Sobre a ocorrência de *Ardea purpurea* e *Ardeolla ralloides* no Brasil. *In: Resumos do XIV CBZ.* p. 147.
378	Nacinovic, J. B., Tavares, M. S. & Teixeira, D. L. M. (1986) Sobre a reprodução de *Botaurus pinnatus* no Rio de Janeiro. *In: Resumos do XIII CBZ* . p. 198.
379	Nacinovic, J. B., Tavares, M. S. & Teixeira, D. L. M. (1986) Sôbre a reprodução de *Botaurus pinnatus* (Wagler, 1829). *Anais Soc. Sul-Riograd. Ornit.* 7:3-6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
380	Nascimento, J. L. X. (1990) Reprodução de *Agamia agami* na usina hidreletrica Balbina, Amazonas, Brasil. *Ararajuba* 1: 79-83.
381	Olmos, F. (2000) Dieta e biologia reprodutiva de *Eudocimus ruber* e *Egretta caerulea* (Aves: Ciconiiformes) nos manguezais de Santos-Cubatão, São Paulo. Resumo de tese. *Atualidades Orn* . 97:2.
382	Olmos, F. & R. Silva e Silva. (2003) *Guará: ambiente, flora e fauna dos manguezais de Santos-Cubatão* . São Paulo: Empresa das Artes.
383	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1998) Biologia reprodutiva do Guará *Eudocimus ruber* em Santos-Cubatão, SP. *In: Resumos do VII CBO.*
384	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1998) Diet and breeding biology of the Scarlet Ibis *Eudocimus ruber* in a sotheastern Brazilian mangrove swamp. 1998 Colonial Waterbird Society Meeting, Miami, USA.
385	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2000) Sobreposição da dieta de *Eudocimus ruber* e *Egretta caerulea* nos manguezais de Santos-Cubatão, São Paulo. *In: Resumos do VIII CBO.*
386	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2001) Breeding biology and nest site characteristics of the Scarlet Ibis in Southeastern Brazil. *Waterbirds* 24(1): 58-67.
387	Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2002) Breeding biology of the Little Blue Heron (*Egretta caerulea*) in southeastern Brazil. Ornitologia Neotropical 13:17-30.
388	Olmos, F. & Souza, M. F. B. (1988) A new record of the Streaked Bittern *Ixobrychus involucris* from northeastern Brazil. *Wilson Bull.* 100(3): 510-511.
389	Olmos, F. e R. Silva e Silva (2002) Breeding biology of the Little Blue Heron *Egretta caerulea* in southeastern Brazil. *Waterbirds* 13(1):17-30.
390	Olmos, F., R. Silva e Silva, R. & Prado, A. (2001) Breeding season diet of Scarlet Ibises *Eudocimus ruber* and Little Blue Herons *Egretta caerulea* in a Brazilian mangrove. *Waterbirds* . 24(1): 50-57.
391	Parkes, K. C. (1998) First record of the Great Blue Heron for Brazil. *Colonial Waterbirds* 21(1):89-90.
392	Rodrigues, A. A. F. (1995) Ocorrência da reprodução de *Eudocimus ruber* na ilha do Cajual, Maranhão, Brasil (Ciconiiformes: Threskiornithidae). *Ararajuba* 3:67-68.
393	Rodrigues, A. A. F. e M. Fernandes (1994) Nota sobre um ninhal do guará *Eudocimus ruber* (Ciconiiformes), no litoral do Pará, Brasil. *Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, sér. Zool* . 10(2):289-292.
394	Roma, J. C. (2001) Ocorrência de um ninhal e de uma grande população de guarás (*Eudocimus ruber*) na Ilha Canela, Pará (dados de 1995). In A biodiversidade e a comunidade de pescadores na Ilha Canela, Bragança, Pará, Brasil, edited by Schories, D., and I. Gorayeb. Belém: MCT/ Museu Paraense Emílio Goeldi.
395	Roma, J. C., Gorayeb, I. S. & Ayres, J. M. (1996) Ocorrência de um ninhal e de uma grande população de Guarás *Eudocimus ruber* na Ilha Canelas, PA. *In: Resumos do V CBO.*
396	Santos, M. S., Olmos, F., Silva e Silva, R., Martuscelli, P., Boçon, R., Otto, P. A. & Wajntal, A. (1998) Estimativa da variabilidade genética de populações brasileiras de *Eudocimus ruber* (Ciconiiformes -Threskiornithidae). in Resumos do VII CBO, Rio de Janeiro-RJ.
397	Scherer-Neto, P. (1982). Aspectos bionômicos e desenvolvimento de *Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783) (Aves, Threskiornithidae). *Dusenia* 13(4):145-149.
398	Sick, H. (1965) *Bubulcus ibis* (L.) na Ilha de Marajó, Pará: garça ainda não registrada no Brasil. Anais Acad. Brasil. Ciênc. 37:567-570.
399	Silva e Silva, R. & Silva, J. R. (2003) Reprodução e status da Garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*) no arquipélago de Fernando de Noronha. In Resumos do XI CBO, Feira de Santana-BA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
400	Silva, F. e M. A. B. Fallavena (1995) Movimentos de dispersão de *Platalea ajaja* (Aves, Threskiornithidae) detectados através de anilhamento. *Rev. Ecol. Lat. Am* . 2 (1/3):19-21.
401	Straube, F.C., M.R. Bornschein, B.L. Reinert e M. Pichorim. 1993. Novas informações sobre *Tigrisoma fasciatum* do Estado do Paraná. Pelotas, *Resumos do III Congresso Brasileiro de Ornitologia* . R.43.
402	Tauceda, K, C., Menegueti, J. O. (1999) Características da nidificação em colônia de *Plegadis chihi* no Parque Estadual de Itapuã, Viamão, RS. Porto Alegre: UFRGS. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Zoologia), Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
403	Tauceda, K. C., Menegheti, J. O. (1998) Estudo de uma colônia reprodutiva de *Plegadis chihi* no Parque Estadual de Itapuã. p. 280. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica, 10. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
404	Teixeira, D. L. M. & Alvarenga, H. M. F. (1985) The first recorded Cory's Bittern (*Ixobrychus 'neoxenus'*) from South America. *Auk* 102:413.
405	Teixeira, D. L. M. & Carvalho, M. C. S. (1982) Notas sobre a Garça-real, *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783). *Anais Soc. Sul-RiograND. Ornit* . 3:13-15.
406	Teixeira, D. L. M. & Nacinovic, J. B. (1982) O socó-baio *Botaurus pinnatus* (Wagler, 1829) no Rio de Janeiro. *Anais Soc. Sul-Riogr. Ornit* . 3:9-12.
407	Teixeira, D. L. M., Nacinovic, J. B. & Dujardin, J. L. (1988) Notas sobre la distribuicion y conservacion de *Eudocimus ruber* en Brasil. In: 1st International Scarlet Ibis conservation Workshop, Caracas. The Scarlet Ibis: status, conservation and recent research. Amsterdam: IWRB Special Publication, 1988. v. 1. p. 124-129.
408	Ventura, C. P. E. & Ferreira, I. (1983) Notas sobre a "Garça Real", *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783). *Anais Soc. Sul-RiograND. Ornit.* 4:3-6.
409	Bege, L. A. R. (1990) Primer reporte de *Phoenicoparrus andinus* en Brasil. *El Volante Migratorio* 14:6.
410	Branco, M. B. C., Rocha, O. & Dias, M. M. (2001) The occurrence of *Phoenicopterus chilensis* Molina (Aves: Phoenicopteridae) in São Paulo state reservoirs. *Rev. Bras. Biol* . 61(4):703-704.
411	Efe, M. A., Filippini, A., Trois, I. A. T. (2002) Reavistagem de Flamingos no Litoral de Santa Catarina. *In: Resumos do X CBO.*
412	Rocha O, O., ed. (1994) *Contribución preliminar a la conservación y el conocimiento de la ecología de flamencos en la Reserva Nacional de Fauna Andina "Eduardo Avaroa", Departamento Potosí, Bolivia* . La Paz: Academia Nacional de Ciencas de Bolivia, Museo Nacional de Historia Natural.
413	Rocha O., O. and Quiroga O., C. (1997) Primer censo simultáneo internacional de los flamencos *Phoenicoparrus jamesi* y *Phoenicoparrus andinus* en Argentina, Bolivia, Chile y Perú, con especial referencia y análisis al caso boliviano. *Ecol. Bolivia* 30: 33-42.
414	Efe, M. A., Couto, G. S, Soares, A. B. A. & Schulz Neto, A. (1992) Primeiro registro de nidificação de *Phaethon lepturus* Daudin, 1802, no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do II CBO.*
415	Azevedo, M. S. (1998) Distribuição e alimentação do bobo-pequeno, *Puffinus puffinus* , no litoral gaúcho. p. 110. In: Resumos do Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão 4. São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
416	Azevedo, M. S., Fonseca, V. S. S, Petry, M. V. (1997) Estudos sobre alimentação e ocorrência de pardela-escura, *Puffinus griseus* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 76. In: *Programa e Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos. 6* . São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
417	Azevedo, M. S., Petry, M. V. (1998) Bobo-pequeno, *Puffinus puffinus* , no litoral gaúcho. p. 268. In: *Resumos do Salão de Iniciação Científica 10* . Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
418	Azevedo, M. S., Petry. M. V. (1998) Ocorrência de bobo-pequeno, *Puffinus puffinus* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 34. In: *Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3* . Porto Alegre. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
419	Azevedo, T. R. (1989) O petrel-de-cabeça-branca (*Pterodroma lessoni* Procellariidae) em Santa Catarina, Brasil. In: Resumos do V ENAVE (Brasília). p. ?.
420	Azevedo, T. R. & Schiefler, A. (1991) Additional notes on the Procellariiformes of Santa Catarina Island and mainland (Brazil). Univ. of Liège, Inst. Zool., Belgium, report 458:1-10.
421	Berrow, S. D., Croxall, J. P., Grant, S. M. (2000). Status of white-chinned petrels *Procellaria aequinoctialis* Linnaeus 1758, at Bird Island, South Georgia. *Antarctic Sci.* 12:399-405.
422	Berrow, S.D., A.G. Wood and P.A. Prince. (2000). Foraging location and range of White-chinned Petrels *Procellaria aequinoctialis* breeding in the South Atlantic. *J. of Avian Biology* . 31:303-311.
423	BirdLife International. 2004. *Tracking ocean wanderers: the global distribution of albatrosses and petrels* . Results from the global Procellariiform tracking workshop, 1-5 September 2003. Cambridge, UK: BirdLife International.
424	Brooke, M. 2004. *Albatrosses and petrels across the world* . Oxford: Oxford University Press.
425	Bugoni, L., M. Sander, R.P. Silva-Filho, J.A.P. Moreira and J.C. Gastal. 2004. Inland displacement and mortality of the Atlantic Petrel*, Pterodroma incerta* , after a storm. Montevideo, Uruguay, *Resumos do III International Albatross and Petrel Conference* . p.22.
426	Burg, T.M. & J.P. Croxall. 2004. Global population structure and taxonomy of the wandering albatross species complex. *Molecular Ecology* . 13(8):2345-2355.
427	Croxall, J. P., Prince, P. A., Rothery, P. and Wood, A. G. (1998) Population changes in albatrosses at South Georgia. Pp.69-83 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.
428	Croxall, J.P. & P.A. Prince. 1990. Recoveries of Wandering Albatrosses *Diomedea exulans* ringed at South Georgia. *Ringing & Migration* . 11:43-51.
429	Cuthbert, R., E.S. Sommer, P.G. Ryan, J. Cooper and G. Hilton. 2004. Demography and conservation status of the Tristan Albatross *Diomedea* [*exulans*] *dabbenena* . *Biological Conservation* . 117:471-481.
430	Cuthbert, R., G. Hilton, P. Ryan and G.N. Tuck. 2005. At-sea distribution of breeding Tristan Albatrosses *Diomedea dabbenena* and potential interactions with pelagic longline fishing in the South Atlantic Ocean. *Biological Conservation* . 121:345-355.
431	Cuthbert, R.J, P.G. Ryan, J. Cooper & G. Hilton. 2003. Demography and population trends of the Atlantic Yellow-nosed Albatross. *Condor* . 105(3):439-452.
432	Cuthbert, R.J. 2005. Breeding biology of the Atlantic Petrel, *Pterodroma incerta* , and a population estimate of this and other burrowing petrels on Gough Island, South Atlantic Ocean. *Emu* . 104(3):221-228.
433	Cuthbert, R.J., R.A. Phillips and P.G. Ryan. 2003. Separating the Tristan Albatross and the Wandering Albatross using morphometric measurements. *Waterbirds* . 26(3):338-344.
434	Efe, M. A. & Musso, C. (1994) Registro de Reprodução de Puffinus lherminieri (Lesson, 1939) no Brasil. *In: Resumos do IV CBO.*
435	Enticott, J. W. and O'Connell, M. (1985) The distribution of the spectacled form of the White-chinned Petrel *Procellaria aequinoctiates conspicillata* in the South Atlantic Ocean. *British Antarctic Survey Bull.* 66: 83-86.
436	Enticott, J.W. (1991). Distribution of the Atlantic Petrel *Pterodroma incerta* at sea. *Marine Ornithology* . 19:49-60.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
437	Fonseca, V. S. S., Azevedo, M. S. & Petry, M. V. (1997) Aspectos sobre a alimentação e distribuição do petrel-pratedo, *Fulmarus glacialoides* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 77. In: Programa e Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos, 6. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
438	Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Albatroz-real, *Diomedea epomophora* , no sul do Brasil. p. 268. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica, 10. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
439	Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição da pardela-preta, *Procellaria aequinoctialis* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 37. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
440	Fonseca, V. S. S., Petry, M.V. & Fonseca, F. L .S. (2001) Ocorrência do Petrel-azul (*Halobaena caerulea*) no litoral do Brasil. *Orn.Neotrop* . 12(4):355-356.
441	Grantsau, R. (1995) Os albatrozes (Diomedeidae, Procellariiformes) do Atlântico e suas ocorrências na costa brasileira e uma chave de identificação. *Bol. CEO* 12:20-31.
442	Hunter, S. (1983) The food and feeding ecology of the giant petrel *Macronectes halli* and *M. giganteus* at South Georgia. *Journal of Zoology* 200: 521-538.
443	Hunter, S. (1984) Movements of South Georgia giant petrels *Macronectes* spp. ringed at South Georgia. *Ring. Migr.* 5: 105-112.
444	Hunter, S. (1984) Breeding biology and population dynamics of giant petrels *Macronectes* at South Georgia (Aves: Procellariiformes). *Journal of Zoology* 203: 441-460.
445	Krul, R. & Moraes, V. S. (1994) *Calonectris diomedea* (Procellariiformes, Procellariidae) no litoral do Paraná. p. 105. *In: Resumos do IV CBO.*
446	Luigi, G. (1995). Aspectos da biologia reprodutiva de *Pterodroma arminjoniana* (Giglioli & Salvadori, 1869) (Aves: Procellariidae) na Ilha da Trindade, Atlântico Sul. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
447	Martuscelli, P., Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1995) First record of the Northern Giant Petrel *Macronectes halli* for Brazilian waters. *Bull. B. O. C.* 115(3):187-188.
448	Martuscelli, P., Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1997) A large prion *Pachyptila* wreck in south-east Brazil. *Cotinga* 8:55-57.
449	Moloney, C.L., J. Cooper, P.G. Ryan and W.R. Siegfried. (1994). Use of a population model to assess the impact of longline fishing on Wandering Albatross *Diomedea exulans* populations. *Biological Conservation.* 70:195-203.
450	Moraes, V. S. & Krul, R. (1994) Sobre as gaivotas-rapineiras *Catharacta antarctica* e *Catharacta maccormicki* (Stercorariidae) no Paraná. p. 151. *In: Resumos do IV CBO.*
451	Nardon, R. C., Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição do albatroz-de-sobrancelhas-pretas, *Diomedea melanophris* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 108. In: Resumos do Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão, 4. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
452	Nardon, R. C., Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição do albatroz-de-sobrancelhas-pretas, *Diomedeia melanophrys* , no litoral do Rio Grande do Sul. p. 35. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
453	Neves, T. S. & Olmos, F. (1998) Albatross mortality in fisheries off the coast of Brazil. p. 214-219 In G. Robertson & R. Gales (eds.) *The Albatross Biology & Conservation* . Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton.
454	Neves, T. S. & Olmos, F. (2001) O Albatroz-de-Tristão *Diomedea dabbenena* no Brasil. *Nattereria* 2:19-20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
455	Neves, T., Vooren, C. M. and Bastos, G. (2000) Proportions of Tristan and Wandering Albatrosses in incidental captures off the Brazilian coast. Proceedings of the Second International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels. 8-12 May 2000, Honolulu, Hawaii.
456	Neves, T.S., F. Olmos e F.V. Pepes. 2003. *Plano de ação nacional para conservação de albatrozes e petréis* . Disponível em: http://www.projetoalbatroz.com.br. Acesso em: 09 de jan. de 05.
457	Nunn, G.B. & S.E. Stanley. (1998). Body size effects and rates of cytochrome b evolution in tube-nosed seabirds. *Mol. Biol. Evol* . 15:1360-1371.
458	Nunn, G.B., J. Cooper, P. Jouventin, C.J.R. Robertson and G.G. Robertson. (1996). Evolutionary relationships among extant albatrosses (Procellariiformes: Diomedeidae) established from complete cytochrome-b gene sequences. *Auk* . 113:784-801.
459	Olmos, F. (2000) Registro documentado e novas observações de *Fregetta grallaria* para o Brasil (Procellariiformes: Hydrobatidae). *Nattereria* 1:20-21.
460	Olmos, F. (2000) Revisão dos registros de *Fregetta tropica* para o Brasil (Procellariiformes: Hydrobatidae). *Nattereria* 1:27-28.
461	Olmos, F. (2002) At-sea records of Cape Verde Shearwaters *Calonectris edwardsii* in Brazil. *Atlantic Seabirds* 4(2): 77-80.
462	Olmos, F. (2002) First record of Northern Royal Albatross (*Diomedea sanfordi*) in Brazil. *Ararajuba* 10(2):271-272.
463	Olmos, F. & Souza, R. C. R. (2000) An analysis of recoveries of banded Manx Shearwaters in Brazil. Workshop Puffinus 2000, 12-16 setembro, Funchal, Madeira.
464	Olmos, F. (2001) Revisão dos registros de *Procellaria conspicillata* (Procellariidae: Procellariiformes) no Brasil, com novas observações sobre sua distribuição. *Nattereria* . 2:25-27.
465	Olmos, F., Bastos, G. C. & Neves, T. S. (2000) Estimating seabird by-catch in Brazil. Second International Conference on the Biology and Conservationof Albatrosses and Other Petrels. 8-12 Maio, Waikiki, Hawaii.
466	Olmos, F., Neves, T. S. & Bastos, G. C. C. (2001) A pesca com espinhéis e a mortalidade de aves marinhas no Brasil. p. 327-337 *In:* J. Albuquerque, J. F. Cândido, F. C. Straube & A. Roos (orgs.*) Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias* . SBO, UNISUL/CNPq.
467	Olmos, F., T. S. Neves & G. C. C. Bastos. (2001) A pesca com espinhéis e a mortalidade de aves marinhas no Brasil. P. 327-337 In J. Albuquerque, J. F. Cândido, F. C. Straube & A. L. Roos (orgs.) Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias. SBO, UNISUL/CNPq, Tubarão.
468	Olmos, F., T.S. Neves and C.M. Vooren (2000) Spatio-temporal distribution of White-chinned *Procellaria aequinoctialis* and Spectacled *P. conspicillata* Petrels off Brazil. p.142. In: FLINT, E. & K. SWIFT (eds.). Second Abstrac II International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels (Abstracts). Marine Ornithology 28: 125-152.
469	Pacheco, J. F. & Maciel, N. C. (1995) Segundo registro de *Calonectris diomedea* no Estado do Rio de Janeiro e um sumário de suas aparições na costa brasileira (Procellariformes: Procellariidae). *Ararajuba* 3:82-83.
470	Patterson, D. L. e S. Hunter (2000) Giant Petrel *Macronectes* spp. band recovery analysis from the International Giant Petrel Banding Project, 1988/89. *Marine Ornithology* 28(1):69-74.
471	Patterson, D. L., Woehler, E. J., Croxall, J. P., Cooper, J., Poncet, S. and Fraser, W. R. (2008) Breeding distribution and population status of the Northern Giant Petrel *Macronectes halli* and Southern Giant Petrel *M. giganteus* . *Mar. Ornithol.* 36:115-124.
472	Petry, M. V. & Azevedo, M. S. (2000) Dieta do gênero *Puffinus* no litoral gaúcho. p.160-161. *In: Resumos do VIII CBO.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
473	Petry, M. V., Bencke, G. A. & Klein, G. N. (1991) First record of the Shy Albatross, *Diomedea cauta,* for the Brazilian coast. *Bull. B. O. C.* 111(4)189-190.
474	Petry, M. V., Bugoni, L., Fonseca, V. S. S. (2000) Ocurrence of the Cape Verde Shearwater, *Calonectris edwardsii* , on the Brazilian coast. British Bulletin of Ornithological Club 120(3)198-200.
475	Petry, M. V., Fonseca, V. S. S. (2000) Análise do conteúdo estomacal *de Fulmarus glacialoides,* no litoral do Rio Grande do Sul. p.159-160. *In: Resumos do VIII CBO.*
476	Petry, M. V., V. S. da S. Fonseca e M. Sander (2001) Food habits of the royal albatross, *Diomedea epomophora* (Lesson, 1825) at the seacost of Brazil. *Acta Biol. Leopold* . 23(2):207-212.
477	Piacentini, V. Q., Wedekin, L. L. & Daura-Jorge, F. G. (2003) Confirmação da presença de *Stercorarius parasiticus* (Stercorariidae) no litoral de Santa Catarina. *In: Resumos do XI CBO.* p.111.
478	Prince, P. A. (1980) The food and feeding ecology of grey-headed albatross *Diomedea chrysostoma* and black-browed albatross *D. malanophris* . *Ibis* 122: 476-488.
479	Prince, P. A., Croxall, J. P., Trathan, P. N. and Wood, A. G. (1998) The pelagic distribtuion of South Georgia albatrosses and their relationships with fisheries. Pp.137-167 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Chipping Norton, Australia: Surrey Beatty & Sons.
480	Prince, P. A., Rothery, P., Croxall, J. P. and Wood, A. G. (1994) Population dynamics of Black-browed and Grey-headed Albatrosses *Diomedea melanophris* and *D. chrysostoma* at Bird Island, South Georgia. *Ibis* 136: 50-71.
481	Prince, P.A., A.G. Wood, T. Barton and J.P. Croxall. 1992. Satellite tracking of Wandering Albatrosses (*Diomedea exulans*) in the South Atlantic. *Antarctic Science* . 4:31-36.
482	Robertson, C. J. R. (1998) Factors influencing the breeding performance of the Northern Royal Albatross. Pp.99-104 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Australia: Surrey Beatty & Sons: Chipping Norton.
483	Robertson, C. J. R. and Bell, B. D. (1984) Seabird status and conservation in the New Zealand region. Pp.573-586 in J. P. Croxall, P. G. H. Evans and R. W. Schreiber, eds. *Status and conservation of the world's seabirds* . Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 2).
484	Robertson, C. J. R. and Nunn, G. B. (1998) Towards a new taxonomy for albatrosses. Pp.13-19 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.
485	Rowan, A. N., Elliott, H. F. I. and Rowan, M. K. (1951) The "spectacled" form of the Shoemaker *Procellaria aequinoctialis* in the Tristan da Cunha Group. *Ibis* 93: 169-179.
486	Ryan, P. [G.] (1999) Red Data Bird: Spectacled Petrel, *Procellaria conspicillata* . *World Birdwatch* 21(1):24-25.
487	Ryan, P. G. (1998) The taxonomic and conservation status of the Spectacled Petrel *Procellaria conspicillata* . *Bird Conserv. Internatn.* 8: 223-235.
488	Ryan, P. G. and Boix-Hinzen, C. (1999) Consistent male-biased seabird mortality in the Patagonian Toothfish longline fishery. *Auk* 116: 851-854.
489	Ryan, P. G. and Moloney, C. L. (in press) The status of Spectacled Petrels *Procellaria conspicillata* and other seabirds at Inaccessible Island. *Mar. Ornithol.*
490	Ryan, P. G., Dean, W. R. J., Moloney, C. L., Watkins, B. P. and Milton, S. J. (1990) New information on seabirds at Inaccessible Island and other islands in the Tristan da Cunha group. *Mar. Ornithol.* 18: 43-54.
491	Ryan, P. G., J. Cooper, e J. P. Glass (2001) Population status, breeding biology and conservation of the Tristan Albatross *Diomedea* [*exulans*] *dabbenena* . *Bird Cons. Int* . 11(1): 35-48.
492	Ryan, P.G. & C.L. Moloney. 2000. The status of Spectacled Petrels *Procellaria conspicillata* and other seabirds at Inaccessible island. *Marine Ornithology.* 28:93-100.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
493	Ryan, P.G. 1998. The taxonomic and conservation status of the Spectacled Petrel *Procellaria conspicillata* . *Bird Conservation International* . 8:223-235.
494	Ryan, P.G. 2000. Separating albatrosses: Tristan or Wandering ? Africa – Birds & Birding (August/September 2000):35-39.
495	Sagar, P. M. and Weimerskirch, H. (1996) Satellite tracking of Southern Buller's Albatrosses from the Snares, New Zealand. *Condor* 98: 649-652.
496	Sagar, P. M., Stahl, J. C., Molloy, J., Taylor, G. A. and Tennyson, A. J. D. (1999) Population size and trends within the two populations of Southern Buller's Albatross *Diomedea bulleri bulleri* . *Biol. Conserv.* 89: 11-19.
497	Sampaio, C. L. S. & Castro, J. O. (1998) Registros de *Phoebetria palpebrata* (Foster, 1785) no litoral da bahia, Nordeste do Brasil (Procellariiformes: Diomedeidae). *Ararajuba* 6(2):136-137.
498	Sander, M. (1982) Nota sobre a presença de *Diomedea epomophora* Lesson, 1815, no Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, Sér. Zool. 33:23-25.
499	Schiavini, A., Frere, E., Gandini, P., García, N. and Crespo, E. (1998) Albatross-fisheries interactions in Patagonian shelf waters. Pp.208-213 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.
500	Silva, F. (1975) Presença de *Calonectris diomedea borealis* Cory, 1881 nas costas de Santa Catarina, Brasil. Iheringia, Sér. Zool. 46:54.
501	Silva, G. L. (1995) Aspectos da biologia reprodutiva de *Pterodroma arminjoniana* (Giglioli & Salvadori, 1869) (Aves: Procellariidae) na ilha de Trindade, Atlântico sul. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
502	Snow, D.W. 1965. The breeding of Audubons Shearwater (*Puffinus lherminieri*) in the Galapagos. *Auk* . 82:591-597.
503	Soto, J. & R.S. Riva. 2000. Análise da captura de aves oceânicas pelo espinhel pelágico e rede de deriva no extremo sul do Brasil, com destaque ao impacto sofrido pelo albatroz *Diomedea exulans* Linnaeus, 1758 (Procellariiformes, Diomedeidae) e a proposta de um método para minimizar a interação com a pesca. Itajaí, *Anais da XIII Semana Nacional de Oceanografia.* p.718-720.
504	Soto, J. & R.S. Riva. 2001. Recaptura de um espécime de albatroz-de-nariz-amarelo *Thalassarche chlororhynchos* (Procellariiformes, Diomedeidae) no sul do Brasil, anilhado na ilha Gough, Atlântico Sul. *Resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia* . p.369.
505	Soto, J. M. R., Riva, R. S (2000) Registro de um espécime ovígero de albatroz-de-sobrancelha, *Thalassarche melanophris* , coletado na costa do Rio Grande do Sul, Brasil. p. 353-354. *In: Resumos do VIII CBO.*
506	Taylor, G. A. (2000) *Action plan for seabird conservation in New Zealand* , Part A: Threatened seabirds. Wellington: Department of Conservation.
507	Tennyson, A., Imber, M. and Taylor, R. (1998) Numbers of black-browed mollymawks (*Diomedea m. melanophrys*) and white-capped mollymawks (*D. cauta steadi*) at the Antipodes Islands in 1994-95 and their population trends in the New Zealand region. *Notornis* 45: 157-166.
508	Voisin, J. F. & Teixeira, D. M. (1998) The identification of Giant Petrels (Aves, Procellartidae [*sic*]) in South Atlantic. *Bol. FBCN* 25:129-133.
509	Vooren, C. M. & Fernandes. A. C. (1989) *Guia de albatrozes e petréis do sul do Brasil* . Porto Alegre: Sagra.
510	Walker, K. and Elliott, G. (1999) Population changes and biology of the Wandering Albatross *Diomedea exulans gibsoni* at the Auckland Islands. *Emu* 99: 239-247.
511	Walker, K., Elliott, G., Nicholls, D., Murray, D. and Dilks, P. (1995) Satellite tracking of Wandering Albatross (*Diomedea exulans*) from the Auckland Islands: preliminary results. *Notornis* 42: 127-137.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
512	Waugh, S. M., Weimerskirch, H., Moore, P. J. and Sagar, P. M. (1999) Population dynamics of Black-browed and Grey-headed Albatrosses *Diomedea melanophrys* and *D. chrysostoma* at Campbell Island, New Zealand, 1942-96. *Ibis* 141: 216-225.
513	Weimerskirch, H. and Jouventin, P. (1998) Changes in population sizes and demographic parameters of six albatross species breeding on the French sub-antarctic islands. Pp.84-91 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation* . Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.
514	Weimerskirch, H., Brothers, N. and Jouventin, P. (1997) Population dynamics of Wandering Albatross *Diomedea exulans* and Amsterdam Albatross *D. amsterdamensis* in the Indian Ocean and their relationships with long-line fisheries: conservation implications. Biol. Conserv. 79: 257-270.
515	Weimerskirch, H., Catard, A., Prince, P. A., Cherel, Y. and Croxall, J. P. (1999) Foraging white-chinned petrels *Procellaria aequinoctialis* at risk from the tropics to Antarctica. *Biol. Conserv.* 87: 273-275.
516	Williams, R. S. R., Kirwan, G. M. and Bradshaw, C. G. (1996) The status of Black-capped Petrel *Pterodroma hasitata* in the Dominican Republic. *Cotinga* 6: 29-30.
517	Willis, E. O. & Oniki, Y. (1993) On a *Phoebetria* specimen from southeastern Brazil. *Bull. B. O. C* . 113:60.
518	Woehler, E. J. (1991) Status and conservation of the seabirds of Heard Island and the McDonald Islands. Pp.263-275 in J. P. Croxall, ed. *Seabird status and conservation: a supplement* . Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 11).
519	Xavier, J.C., J.P. Croxall, P.N. Trathan and A.G. Wood. 2003. Feeding strategies and diets of breeding grey-headed and wandering albatrosses at South Georgia. *Marine Biology* . 143(2):221-232.
520	Zino, F., Heredia, B. and Biscoito, M. J. (1996) Action plan for Fea's Petrel (*Pterodroma feae* . Pp.25-31 in B. Heredia, L. Rose and M. Painter, eds. *Globally threatened birds in Europe: action plans* . Strasbourg, France: Council of Europe and BirdLife International.
521	Croxall, J.P., JR. D. Silk, R. A. Phillips, V. Afanasyev and D.R. Briggs. 2005. Global circumnavigations: tracking year-round ranges of nonbreeding albatrosses. *Science* . 307:249-250.
522	Cuthbert, R.J. & E.S. Sommer. 2004. Population size and trends of four globally threatened seabirds at Gough Island, South Atlantic Ocean. *Marine Ornithology* . 32:97-103.
523	Ashfort, W. (1993) *Penguins, puffins and auks* . New York: Crown Publishers.
524	Fonseca, V. S. S., M.V. Petry e A. Jost. (2001) Diet of the Magellanic Penguin on the coast of Rio Grande do Sul, Brazil. *Waterbirds* 24(2):290-293.
525	Mohr, L. V. (2004) Novo registro do pingüim-rei *Aptenodytes patagonicus* para o Brasil . *Ararajuba* 12(1)78-79.
526	Pacheco, J. F., Ramos Junior, V. & Fedullo, L. P. (1995) O Pinguim-rei (*Aptenodytes patagonicus*) pela primeira vez assinalado no Brasil. *Atualidades Orn* . 64:4.
527	Roman, A. H., Soto, M. R. (1996) Dois espécimes de pingüim-rei, *Aptenodytes patagonicus* [sic] (Forster,1844), encontrados no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil. p. 547. In: Resumos da Reunião Especial da SBPC, 3. Florianópolis.
528	Ryan, P. G. and Cooper, J. (1991) Rockhopper penguins and other marine life threatened by driftnet fisheries at Tristan da Cunha. *Oryx* 25: 76-79.
529	Strieder, R. S. & Strieder, M. N. (1991) Aspectos sobre a mortandade de *Spheniscus magellanicus* Forster,1781 no litoral do Rio Grande do Sul. p. 17. In: Resumos da Semana Universitária Gaúcha de Debates Biológicos, 32. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
530	Williams, T. D. (1995) *The penguins* Spheniscidae. Oxford, U.K.: Oxford University Press.
531	Woehler, E. J. (1993) *The distribution and abundance of Antarctic and sub-Antarctic penguins.* SCAR, Cambridge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
532	Alves, V. S., Coelho, E. P., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B, Efe, M. A. & Couto, G. S. (1990) Breeding Behaviour and Ecology of The Brown Booby, Sula leucogaster Boddaert, 1783, Nesting at Cabo Frio Island, Rio de Janeiro - Brasil. In: Proceeding of the XX Congressus Internationalis Ornithologicus.
533	Alves, V. S., Ribeiro, A. B. B., Soares, A. B. A., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1991) Experimentos Sobre o Comportamento de Incubação do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*), Utilizando Ovos Artificiais. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.
534	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A., Santos, M. M., Souza, A. P. M., Moreira, M. C. & Musso, C. (1996) Análises das Recapturas e Recuperações de Atobás, Sula leucogaster e S. dactylatra no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do V CBO.*
535	Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Aguiaro, T. (2000) Alimentação de *Sula dactylatra* e *Sula leucogaster* no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.*
536	Baumgarten, M. M., Kohlrausch, A. B., Araújo, A. M. et al. (1998) Indício de parasitismo de ovos em ninho de atobá-marrom, *Sula leucogaster* , nas ilhas Moleques do Sul, SC. p. 91. *In: Resumos do VII CBO.*
537	Bege, L. A. R. & Pali, B. T. (1987) *Sula serrator* no Brasil. *Nuestras Aves* 5:11.
538	Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1986) *Sula serrator* no Brasil. *Atobá* 1(1):2.
539	Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1988) Primeiro registro de *Sula serrator* no Brasil. Anais do III ENAVE (São Leopoldo). p. ?
540	Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1990) Two birds new to the Brazilian avifauna *Bull. B. O.C* . 110(2): 93 94.
541	Branco, J. O. (2002) Flutuações sazonais na abundância de *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin) no estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Rev. Bras. Zool* . 19(4):1057-1062.
542	Campos-Martins, F. (2001) Redução do tamanho da ninhada em *Sula leucogaster* (Pelecaniformes, Sulidae) nas Ilhas dos Currais, Paraná. p. 164-165. *In: Resumos do IX CBO.* (R36).
543	Campos-Martins, F. (2001) Sucesso reprodutivo de *Sula leucogaster* (Pelecaniformes, Sulidae) nas Ilhas dos Currais, Paraná. p. 163-164. *In: Resumos do IX CBO.* (R35).
544	Coelho, E. P. & Alves, V. S. (1987) Um caso de albinismo no Atobá-Marrom (Sula leucogaster). Atobá 2(1):4.
545	Coelho, E. P. & Alves, V. S. (1991) Um caso de albinismo em Sula leucogaster na ilha de Cabo Frio, Rio de Janeiro (Pelecaniformes: Sulidae). *Ararajuba* 2:85-86.
546	Coelho, E. P., Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A., Ribeiro, A. B. B., Vielliard, J. & Gonzaga, L. A. P. (2004) O Atobá-marrom *(Sula leucogaster)* na ilha de Cabo Frio, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. In: Branco, J. O. (Org.). Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí, v. 1, p. 233-254.
547	Coelho, E. P., Soares, A. B. A. & Efe, M. A. (1989) Comportamento Reprodutivo do Atobá-marrom, *Sula leucogaster* (Aves: Sulidae) na Ilha de Cabo Frio, Arraial do Cabo, RJ. *In: Resumos do XVI CBZ* .
548	Efe, M. A., Couto, G. S., Alves, V. S., Soares, A. B. A. & Ribeiro, A. B. B. (1991) Aspectos do Crescimento e Alimentação do Atobá-Marrom *(Sula leucogaster)* e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.
549	Krul, R. (2000) Estudo da dieta de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* nas Ilhas dos Currais, litoral do Paraná. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.* R18, p.162-163.
550	Krul, R. (2000) Interação de aves marinhas com a pesca: *performance* reprodutiva de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* em relação à disponibilidade de alimento provida por descartes da pesca do camarão no Arquipélago de Currais, litoral do Paraná. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.* R19, p.164-165.
551	Krul, R., Moraes, V. S. & Pinheiro, P. C. (1993) Análise de regurgitos de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* . *In: Resumos do III CBO.* R 39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
552	Oliveira, A. C., Kanagae, M. F., Efe, M. A., Alves, V. S. & Rosário, L. A. (2002) Análise dos dados de recuperação do gênero *Sula* (Pelecaniformes, Sulidae) ocorridas no Brasil entre 1981 e 2000. *In: Resumos do X CBO.*
553	Rezende, M. (1987) Comportamento associativo de *Fregata magnificens* e *Sula leucogaster* no litoral centro-norte do estado de São Paulo. *Bol. Inst. Oceanogr* . 35:1-5.
554	Ribeiro, A. B. B., Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1991) Aspectos Comportamentais do Atobá-Marrom (Sula leucogaster) e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceeding of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.
555	Scherer-Neto, P. (1987) Nota sobre aspectos migratórios de *Fregata magnificens* (Matthews, 1914) (Fregatidae, Aves). II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Anais, R.34.
556	Soares, A. B. A., Alves, V. S., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1991) Aspectos da Nidificação do Atobá-Marrom (*Sula leucogaster*) e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.
557	Pir 2 Consultoria Ambiental (2015). Projeto de Caracterização Ambiental (Baseline) da Margem Equatorial Brasileira, considerando a Bacia da Foz do Amazonas. 396 pp.
558	*Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.* Portaria MMA nº 148, DE 7 DE JUNHO DE 2022. Diário Oficial da União, 2022.

Tabela 2 - Espécies Vulneráveis: Herpetofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 2 - Espécies Vulneráveis: Herpetofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Habitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 2 - Espécies Vulneráveis: Herpetofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
1	dos Santos AS, Almeida AP, Santos AJB, Gallo B, Giffoni B, Baptistotte C, Coelho CA, Lima EHSM, Sales G, Lopez GG, Stahelin G, Becker H, Castilhos JC, Thomé JCA, Wanderline J, Marcovaldi MAG, Mendilaharsu ML, Damasceno MT, Barata PCR and Sforza R. 2011. Plano de ação nacional para a conservação das Tartarugas Marinhas. In: Marcovaldi MAG, dos Santos AS and Sales G (Orgs). Série Espécies Ameaçadas, 25. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio. 120 p.
2	Lima EHSH, Melo MTD, Godfrey MH and Barata PCR. 2013. Sea turtles in the waters of Almofala, Ceará, Northeast Brazil, 2001 - 2010. Marine Turtle Newsletter 137: 5-9.
3	dos Santos AS, Soares LS, Marcovaldi MA, Monteiro DS, Giffoni B and Almeida AP. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Caretta caretta* Linnaeus, 1758 no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1: 1-9.
4	Marcovaldi MA, Lopez GG, Soares LS, Lima EHSM, Thome, JCA and Almeida AP. 2010. Satellite tracking of female loggerhead turtles highlights fidelity behaviour in northeastern Brazil. Endangered Species Research 12:263-272.
5	Mascarenhas R, Filho DZ and Moreira VS. 2003. Observations on sea turtles in the State of Paraiba, Brazil. Marine Turtle Newsletter 101: 16-18.
6	Almeida AP, Santos AJB, Thomé JCA, Belini C, Baptistotte C, Marcovaldi MA, dos Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:18-25.
7	Guebert FM, 2012. Pressões antrópicas e suas potenciais implicações para a conservação das tartarugas marinhas: estudo de caso em áreas da costa brasileira sob diferentes status de proteção. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). pp. 161.
8	Marcovaldi MA, Lopez GG, Soares LS, Santos AJB, Bellini C, Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1776) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:26-34.
9	Castilhos JC, Coelho CA, Argolo JF, Santos EAP, Marcovaldi MA, Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:28-36.
10	Almeida AP, Thomé JCA, Baptistotte C, Marcovaldi MA, dos Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:37-44.
11	Farias IP, Marioni B, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-tinga *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1): 4-12.
12	Villamarín F, Marioni B, Thorbjarnarson JB, Nelson BW, Botero-Arias R and Magnusson WE. 2011. Conservation and management implications of nest-site selection of the sympatric crocodilians *Melanosuchus niger* and *Caiman crocodilu* s in Central Amazonia, Brazil. Biological Conservation 144: 913–919.
13	Coutinho ME, Marioni B, Farias IP, Verdade LM, Bassetti L, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-de-papo-amarelo *Caiman latirostris* (Daudin, 1802) no Brazil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):13-20.
14	Marioni B, Farias IP, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-açú *Melanosuchus niger* (Spix, 1825) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):31-39.
15	Campos Z, Marioni B, Farias I, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ and Magnusson WE. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-paguá *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):40-47.
16	Campos Z, Marioni B, Farias I, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ and Magnusson WE. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-coroa *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):48-53.
17	Fritz U and Havas P. 2007. Checklist Chelonians of the World. Vertebrate Zoology 57(2):149-368.
18	Souza FL. 2005. Geographical distribution patterns of South American side-necked turtles (Chelidae), with emphasis on Brazilian species. Revista Espanola Herpetologia. 19:33-46.
19	Pritchard PCH. 2008. *Chelus fimbriata* (Schneider 1783) Matamata Turtle. In: Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises. A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. A.G.J. Rhodin, P.C.H. Pritchard, P.P. van Dijk, R.A. Saumure, K.A. Buhlmann, and J.B. Iverson, Eds. Chelonian Research Monographs (ISSN 1088-7105) No. 5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
20	Bour R and Zaher H. 2005. A New Species of *Mesoclemmys* , from the open formations of northeastern Brazil (Chelonii, Chelidae). Papers avulsos de Ecologia. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo 45(24):295-311.
21	Böhm S. 2010. Ecology of the chelid turtles *Platemys platycephala* , *Mesoclemmys gibba* and *Mesoclemmys nasuta* in French Guyana. With notes on short term migrations and dietary spectrum of Platemys platycephala in the Nouragues Field Reserve, French Guyana. Master Thesis, University of Vien, 59pp.
22	Rueda-Almonacid JV, Carr JL, Mittermeier RA, Rodríguez-Mahecha JV, Mast RB, Vogt RC, Rhodin AGJ, de la Ossa-Velásquez J,Rueda JN & Mittermeier CG. 2007. Las tortugas y los cocodrilianos de los países andinos del trópico. Serie de guías tropicales de campo No 6. Conservación Internacional. Editorial Panamericana, Formas e Impresos. Bogotá, Colombia. 538 pp.
23	Ernst CH, Batistella AM and Vogt RC. 2010. *Trachemys adiutrix* . Catalogue of American Amphibians and Reptiles (869): 1-4.
24	Batistella AM. 2008. Biologia de *Trachemys adiutrix* (Vanzolini, 1995) (Testudines, Emydidae) no litoral do Nordeste, Brasil. Tese de Doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 82 pp.
25	Barreto L, Lima LM and Barbosa S. 2009. Observations on the Ecology of *Trachemys adiutrix* and *Kinosternon scorpioides* on Curupu Island, Brazil. Herpetological Review 40(3): 283–286.
26	Ernst CH. 1981. *Rhinoclemmys punctularia* . Catalogue of American Amphibians and Reptiles (276): 1-2.
27	Dornas T, Malvasio A and Pinheiro RT. 2011. Reptilia, Testudines, Geoemydidae, *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1802): new geographical distribution and first record for the State of Tocantins, Brazil. Checklist 7(1):49-51.
28	Berry JF and Iverson JB. 2001. *Kinosternon scorpioides.* Catalogue of American Amphibians and Reptiles (725):1-11.
29	Berry JF and Iverson JB. 2011. *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus 1766) – Scorpion Mud Turtle. In: Rhodin AGJ, Pritchard PCH, van Dijk PP, Saumure RA, Buhlmann KA, Iverson JB and Mittermeier RA (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. Chelonian Research Monographs No. 5, pp. 063.1–063.15.
30	Iverson JB and Vogt RC. 2002. *Peltocephalus* and *P. dumerilianus* . Catalogue of American Amphibians and Reptiles (744): 1-4.
31	Magalhães MS, Vogt RC, Barcellos FM, Moura CEB and da Silveira RD. 2014. Morphology of the digestive tube of the Podocnemididae in the Brazilian Amazon. Herpetologica 70(4):449-463.
32	Batistella AM and Vogt RC. 2008. Nesting Ecology of *Podocnemis erythrocephala* (Testudines, Podocnemididae) of the Rio Negro, Amazonas, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 7(1): 12-20
33	Mittermeier RA, Vogt RC, Bernhard R and Ferrara CR. 2015. *Podocnemis erythrocephala* (Spix 1824) – Red-headed Amazon River Turtle, Irapuca. Chelonian Research Monographs 5(087):1-10.
34	Iverson JB. 1992. A revised checklist with distribution maps of the turtles of the World. Privately published. 374 pp.
35	Pearse DE, Arndt AD, Valenzuela N, Miller BA, Cantarelli V and Sites JR JW 2006. Estimating population structure under nonequilibrium conditions in a conservation context: continent-wide population genetics of the giant Amazon river turtle, *Podocnemis expansa* (Chelonia; Podocnemididae). Molecular Ecology 15: 985-1006.
36	Bernhard R. 2001. Biologia reprodutiva de *Podocnemis sextuberculata* (Testudines, Pelomedusidae) na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas, Brasil. Tese de Mestrado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade do Amazonas (UA). 52 pp.
37	Schneider L, Iverson JB and Vogt RC. 2012. *Podocnemis unifilis* . Catalogue of American Amphibians and Reptiles (890): 1-33.
38	Ernst CH and Leuteritz TEJ. 1999. *Geochelone denticulata* . Catalogue of American Amphibians and Reptiles (691): 1-6.
39	Pizzatto, L.; Marques, O. A. V. 2007. Reproductive ecology of Boine snakes with emphasis on Brazilian species and a comparison to pythons. South American Journal of Herpetology 2(2): 107-122, 2007.
40	Jarnevich, C.S., Rodda, G.H., and Reed, R.N. 2011. Data for giant constrictors—Biological management profiles and an establishment risk assessment for nine large species of pythons, anacondas, and the boa constrictor: U.S. Geological Survey Data Series 579.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
41	Mesquita, P. C. M. D., Passos, D. C., Borges-Nojosa, D. M., Cechin, S. Z. 2013. Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no nordeste brasileiro. Papéis Avulsos de Zoologia 53(8): 99-113.
42	Silva, R. P. 2010. A herpetofauna associada à zona costeira da Amazônia brasileira e o padrão de distribuição espaço temporal de anuros na península de Ajuruteua, Bragança-PA. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Brasil.
43	Guedes, T.B., Nogueira, C., Marques, O.A.V. (2014) Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. Zootaxa 3863(1): 001-093.
44	Carvalho, M. A. (2006): Composição e história natural de uma comunidade de serpentes em área de transição Amazônia-Cerrado, ecorregião Florestas Secas de Mato Grosso, município de Cláudia, Mato Grosso, Brasil. – Unpublished Ph. D. thesis, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
45	Bernarde, P. S., Albuquerque, S., Barros, T. O., Turci, L. C. B. (2010) Snakes of Rondônia State, Brazil. Biota Neotrop. 12(3): 154-182.
46	Maschio, G.F. 2008. História natural e ecologia das serpentes da Floresta Nacional de Caxiuanã e áreas adjacentes, Pará, Brasil. Tese (Doutorado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará.
47	Castro, L.P. P. A. 2007. Biologia reprodutiva e alimentar de *Liophis reginae semilineatus* (Wagler,1824) e *Liophis taeniogaster* (Jan, 1863) Amazônia oriental, Pará, Brasil. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará.
48	Scartozzoni, R. R., Trevine, V. C., Germano, V. J. 2010. Reptilia, Squamata, Serpentes, Dipsadidae, *Pseudoeryx plicatilis* (Linnaeus, 1758): New records and geographic distribution map. CheckList 6(4): 534-537.
49	Scartazzoni, R. R. 2010. Estratégias reprodutivas e ecologia alimentar de serpentes aquáticas da tribo Hydropsini (Dipsadidae, Xenodontinae). Tese (Doutorado em Biotecnologia) - Biotecnologia, Universidade de São Paulo.
50	Vitt, L. J. 1983. Reproduction and sexual dimorphism in the tropical teiid lizard, *Cnemidophorus ocellifer* . Copeia 2: 359-366.
51	RuzI, E. J. H., Pires, T. C. S. A. 2008. The skull and abdominal skeleton of *Stenocercus dumerilii* (Steindachner, 1867) (Reptilia: Squamata: Iguania). Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais 3(3): 203-216.
52	Verdade, V. K., Rodrigues, M. T. 2007. Taxonomic Review of *Allobates* (Anura, Aromobatidae) from the Atlantic Forest, Brazil. Journal of Herpetology 41: 566-580.
53	Lima, A. P., Caldwell, J. P., Strussmann, C. 2009. Redescription of *Allobates brunneus* (Cope) 1887 (Anura: Aromobatidae: Allobatinae), with a description of the tadpole, call, and reproductive behavior. Zootaxa 1988: 1-16.
54	Amphibiaweb. 2015. Information on amphibian biology and conservation. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Disponível em: http://amphibiaweb.org/cgi/amphib_query?where-genus=Rhinella&where-species=marina/ (Acesso em 07/15/2015).
55	Hillis, D. M. R. de Sá. 1988. Phylogeny and taxonomy of the *Rana palmipes* group (Salientia: Ranidae). Herpetological Monographs 2: 1-26.
56	Oliveira, R. N., Maciel, N. M., Silva, W. V. 2010. New state record of *Lithobates palmipes* (Spix, 1824) (Anura: Ranidae) in Brazil. Herpetology Notes 3: 277-278.
57	Furtado, M. F. M., Campos, C. E. C., Queiroz, S. S. 2014. Estrutura populacional e padrão reprodutivo de *Pseudis boliviana* (Gallardo, 1961) (Anura: Hylidae) em uma planície de inundação na Amazônia Oriental. Biota Amazônia 4 (2): 68-73.
58	Caramasch, U. 2010. Notes on the taxonomic status of *Elachistocleis ovalis* (Schneider, 1799) and description of five new species of *Elachistocleis* Parker, 1927 (Amphibia, Anura, Microhylidae). Boletim do Museu Nacional Nova Série 527: 1-30.
59	Estupiñan, R. A. 2007. Recentes registros de *Bolitoglossa paraensis* (Unterstein, 1930) (Caudata, Plethodontidae) no centro de endemismo Belém. Uakari 3(1): 91-95.
60	Molina, F. B. 1998. Comportamento e biologia reprodutiva dos cágados Phrynops geoffroanus, Acanthochelys radiolata e Acanthochelys spixii (Testudines, Chelidae) em cativeiro. Revista de Etologia, (n. especial), 25-40.
61	Van Dijk, P. P., Iverson, J. B., Rhodin, A. G. J., Shaffer, H. B. and Bour, R. 2014. Turtles of the World, 7th Edition: Annotated Checklist of Taxonomy, Synonymy, Distribution with Maps, and Conservation Status. Chelonian Research Monographs, No. 5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
62	Mocelin, M. A., Fernandes, R., Porto, M. and Fernandes, D. S. 2008. Reproductive biology and notes on natural history of the side-necked turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in captivity (Testudines: Chelidae). *South American Journal of Herpetology,* 3(3), 2008, 223-228.
63	Famelli S, Bertoluci J, Molina FB and Matarazzo-Neuberger WM. 2011. Structure of a Population of *Hydromedusa maximiliani* (Testudines, Chelidae) from Parque Estadual da Serra do Mar, an Atlantic Rainforest Preserve in Southeastern Brazil. Chelonian Conservation and Biology 10(1): 132-137.
64	Souza, F. L., Martins, F. I. 2009. *Hydromedusa maximiliani* (Mikan 1825) – Maximilian's Snake-Necked Turtle, Brazilian Snake-Necked Turtle. In: Rhodin, A.G.J., Pritchard, P.C.H., van Dijk, P.P., Saumure, R.A., Buhlmann, K.A., Iverson, J.B., Mittermeier, R.A. (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. Chelonian Research Monographs No. 5, pp. 026.1- 026.6.
65	Hartmann, P.A., Hartmann, M.T., Martins, M. 2009. Ecologia e história natural de uma taxocenose de serpentes no Núcleo Santa Virgínia do Parque Estadual da Serra do Mar, no sudeste do Brasil . Biota Neotrop., 9(3).
66	Gomes, C. A. 2012. História natural das serpentes dos gêneros *Echinanthera* e *Taeniophallus* (Echinantherini) - São José do Rio Preto, SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
67	Costa, H. C., Pantoja, D. L. , Pontes, J. L., Feio, R. N. 2010. Serpentes do Município de Viçosa, Mata Atlântica do Sudeste do Brasil. Biota Neotrop. 10(3).
68	Giraudo, A. R. et al. 2014. Ecología de una gran serpiente sudamericana, *Hydrodynastes gigas* (Serpentes: Dipsadidae). Rev. Mex. Biodiv. 85(4):1206-1216.
69	Savage, J. M., Slowinski, J. B., 1996. Evolution of coloration, urotomy and coral snake mimicry in the snake genus *Scaphiodontophis* (Serpentes: Colubridae). Biological Journal of the Linnean Society 57(2):129-194.
70	Lira-da-Silva, R.M. 2009. *Bothrops leucurus* : História Natural, Veneno e Envenenamento. Gaz. méd. Bahia 79(Supl.1):56-65.
71	Souza-Santos, R. V. et al. 2014. Use of resources by two sympatric species of *Ameivula* (Squamata: Teiidae) in an Atlantic forest-Caatinga ecotone Acta Biológica Colombiana(2014),20(1):67
72	Lisboa, C. M. C. A., Freire, E. M. X. 2012. Population density, habitat selection and conservation of *Coleodactylus natalensis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in na urban fragment of Atlantic Forest in Northeastern Brazil. South American Journal of Herpetology, 7(2):181-190.
73	Lisboa, C. M. C. A., Sales, R.F.D., Freire, E.M.X. Feeding ecology of the pygmy gecko Coleodactylus natalensis (Squamata: Sphaerodactylidae) in the Brazilian Atlantic Forest. ZOOLOGIA 29 (4): 293–299, August, 2012
74	Vitt, L., Avila-Pires, T. C. S., Espósito, M. C., Sartorius, S. S., Zani, P. A. 2003. Sharing Amazonian Rain-Forest Trees: Ecology of *Anolis punctatus* and *Anolis transversalis* (Squamata: Polychrotidae). Journal of Herpetology, 37(2):276-285.
75	Rodrigues, M. T., Dixo, M., Accacioi, G. M. 2002. A large sample of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the Atlantic forests of Bahia, the status of *Leposoma annectans* Ruibal, 1952, and notes on conservation. Papeis Avulsos de Zoologia 42(5):103-117.
76	Rodrigues, M. T. et al. 2013. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) with four fingers from the Atlantic Forest central corridor in Bahia, Brazil. Zootaxa, 3635(4):459-475.
77	Filho, J. D. B., Freitas, M. A., Silva, T. F. S., Valverde, M. C. C., Loguercio, M. F. C., Veríssimo, D. 2013. On the distribution and habitat of *Leposternon octostegum* (Duméril, 1851) (Squamata: Amphisbaenidae). Wildl. Biol. Pract., 9(1): 1-6.
78	Vargens, M. M. F. , Dias, E. J. R., Lira-da-Silva, R. M. 2008. Ecologia térmica, período de atividade e uso de microhabitat do lagarto *Tropidurus hygomi* (Tropiduridae) na restinga de Abaeté, Salvador, Bahia, Brasil. Bol. Mus. Biol. Mello Leitão, 23:143-156.
79	Martins, K. V., Dias, E. J. R., Rocha, C. F. D. 2010. Ecologia e conservação do lagarto endêmico *Tropidurus hygomi* (Sauria: Tropiduridae) nas restingas do Litoral Norte da Bahia, Biotemas, 23(4).
80	Peloso, P.L.V., Faivovich, J., Grant, T., Gasparini, J. L., Haddad, C. F. B. 2012. An extraordinary new species of *Melanophryniscus* (Anura, Bufonidae) from southeastern Brazil, 3762. 31 pp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
81	Silva, A. S. F. L., Moraes, R. L., Júnior, S.S., Solé, M. 2011. Amphibia, Anura, Bufonidae, *Rhinella boulengeri* Chaparro, Pramuk, Gluesenkamp and Frost, 2007: Distribution extension, state of Bahia, Brazil, 7(6):826-826.
82	Fouquet, A., Recoder, R., Teixeira Jr., M., Cassimiro, J., Amaro, R. C., Camacho, A., Damasceno, R., Carnaval, A. C., Moritz, C., Rodrigues, M. T. 2012. Molecular phylogeny and morphometric analyses reveal deep divergence between Amazonia and Atlantic Forest species of *Dendrophryniscus.* Molecular Phylogenetics and Evolution 62:826-838.
83	Rebouças, R., Castro, I. M., Solé, M. 2013. Diet of *Haddadus binotatus* (Spix, 1824) (Anura: Craugastoridae) in Brazilian Atlantic Rainforest, Bahia state. North-Western Journal of Zoology 9(2):293-299.
84	Vilela, B., Lisboa, B. S., Nascimento, F. A. C. 2015. Reproduction of *Agalychnis granulosa* Cruz, 1989 (Anura: Hylidae). Journal of Natural History, 49(11-12):709-717.
85	Mercês, E. A., Juncá, F. A. 2010. Girinos de três espécies de *Aplastodiscus* Lutz, 1950 (Anura - Hylidae) ocorrentes no Estado da Bahia, Brasil. Biota Neotrop., 10(4).
86	Peixoto, O. L., Freire, U. C., E. X. 2003. Two New Species of *Phyllodytes* (Anura: Hylidae) from the State of Alagoas, Northeastern Brazil. Herpetologica, 59(2):235-246.
87	Caramaschi, U., Peixoto, O. L. 2004. A new species of *Phyllodytes* (Anura: Hylidae) from the State of Sergipe, Northeastern Brazil. Amphibia-Reptilia 25:1-7.
88	Carcerelli, L. C., Caramaschi, U. 1992. Ocorrência do gênero *Crossodactylus* Duméril & Bibron, 1941 no nordeste brasileiro, com descrição de duas espécies novas (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). Revista Brasileira de Biologia, 52:415-422.
89	Almeida-Gomes, M., Hatano, F. H., Van Sluys, M., Rocha, C. F. D. 2007. Diet and microhabitat use by two Hylodinae species (Anura, Cycloramphidae) living in sympatry and syntopy in a Brazilian Atlantic Rainforest area. Iheringia Sér. Zool., 97(1):27-30.
90	de Sá, R. O., Grant, T., Camargo, A., Heyer, W. R., Ponssa M. L. 2014. Systematics of the Neotropical Genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the Relevance of Non-molecular Evidence, and Species Accounts. South American Journal of Herpetology 9:1-100.
91	Pombal, Jr., J.P., Madureira, C.A. (1997): A new species of Physalaemus (Anura, Leptodactylidae) from the Atlantic rain forest of northeastern Brazil. Alytes 15: 105-112.
92	Cruz, C. A. G., Caramaschi, U., Freire, E. M. X. 1999. Ocurrence of the genus *Chiasmocleis* (Anura: Mycroylidae) in the State of Alagoas, north-eastern Brazil, with a description of a new species. J. Zool. Lond., 249:123-126.
93	Loredam, V. S. A. 2012. Dimorfismo sexual em *Dasypops schirchi* (Miranda-Ribeiro, 1924): aspectos morfológicos. 2012. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro.
94	Dixo, M. 2004. Rediscovery of *Hyophryne histrio* (Anura, Microhylidae) in Atlantic Forest remnants of Bahia, northeastern Brazil. Phyllomedusa, 3(1):77-79.
95	Silva, H. R., Britto-Pereira, M. C., Caramaschi, U. 2003. A new species of *Chthonerpeton* (Amphibia: Gymnophiona: Typhlonectidae) from Bahia, Brazil. Zootaxa 381:1-11.
96	Napoli, M. F., Soeiro, M., Trevisan, C. C., Lira da Silva, R. M. 2015. New record of *Chthonerpeton noctinectes* da Silva, Britto-Pereira and Caramaschi, 2003 (Gymnophiona, Typhlonectidae) from the Monte Cristo Island, Todos-os-Santos Bay, Bahia State, northeastern Brazil. Herpetology Notes, 8:43-45.
97	Rodrigues, M. T., Dixo, M., Pavan, D., Verdade, V. K. 2002. A new species of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic forests of the state of Bahia, Brazil. Pap. Avulsos Zool. 42(14):335-350.
98	Teixeira Jr., M., Dal Vechio, F., Recorder, R. S., Carnaval, A. C., Strangas, M., Damasceno, R. P., Sena, M. A., Rodrigues, M. T. 2012. A new species of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic forests of the state of Bahia, Brazil. Zootaxa, 3437:1-23.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
99	Izecksohn, E., Carvalho-e-Silva, S. P., Peixoto, O. L. 2009. Sobre *Gastrotheca fissipes* (Boulenger, 1888), com a descrição de uma nova espécie (Amphibia, Anura, Amphignathodontidae). Arq. Museu Nac. Rio de Janeiro, 67(1-2):81-91.
100	Peixoto, O. L., Cruz, C. A. G. 1988. Descrição de duas espécies novas do gênero *Phyllodytes* Wagler (Amphibia, Anura, Hylidae) Rev. Brasil. Bio., 48(2):265-272.
101	Mocelin, M. A., Fernandes, R., Porto, M., Fernandes, D. S. 2008. Reproductive biology and notes on natural history of the side-necked turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in captivity (Testudines: Chelidae). South American Journal of Herpetology, 3(3):223-228.
102	Zacariotti, R. L. et al. Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Insular Ameaçada de Extinção. 1. ed. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2011. v. 1. 124p .
103	Marques, O. A. V.; Martins, M. ; Sazima, I. . A new insular species of pitvipers from Brazil, with comments on evolutionary and conservation of the *Bothrops jararaca* group. Herpetologica (Austin), v. 58, n.3, p. 303-312, 2002.
104	Marques, O. A. V.; Kasperoviczus, K. ; Almeida-Santos, S. M. . Reproductive Ecology of the Threatened Pitviper from Queimada Grande Island, Southeast Brazil. Journal of Herpetology, v. 47, p. 393-399, 2013.
105	Barbo, F. E.; Grazziotin, F. G.; Sazima, I.; Martins, M. & Sawaya, R. J. 2012. A New and Threatened Insular Species of Lancehead from southeastern Brazil. Herpetologica 68: 418-429.
106	Pereira, Donizete Neves et al. Distribution and habitat use of *Sordellina punctata* (Serpentes, Colubridae), with a new record from State of São Paulo, Brazil. Herpetological Bulletin, n. 100, p. 18-22, 2007.
107	Gomes,C.A.; Marques,O.A.V.. Food habits, reproductive biology, and seasonal activity of the dipsadid snake, *Echinanthera undulata* (wied, 1824), from the atlantic forest in southeastern Brazil. South American Journal of Herpetology, 7(3) (2012) : 233-240.
108	Pizzato, L.; Marques, O.A.V. Interpopulational variation in sexual dimorphism, reproductive output, and parasitism of the water snake *Liophis miliaris* (Colubridae), in the Atlantic forest of Brazil. Amphibia-Reptilia, Holanda, v. 27, p. 37-46, 2006.
109	Bonfiglio , F. 2007. Biologia reprodutiva e dieta de *Liophis semiaureus* (serpentes - colubridae) no Rio Grande Do Sul, Brasil. 2012. 47 f. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Thales de Lema
110	Borges-Martins, M.; Alves, M.L.M.; Araujo, M.L. De; Oliveira, R.B. De & Anés, A.C.2007. Répteis p. 292-315. In: BECKER, F.G.; R.A. RAMOS & L.A. MOURA (orgs.) Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 385 p.
111	Rocha,C.F.D. et al. 2000. New *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from coastal Rio de Janeiro State, Southeastern Brazil. Copeia 2000 (2): 501-509
112	Menezes, Vanderlaine A.; Rocha, Carlos F.D.. Clutch size in populations and species of cnemidophorines (Squamata: Teiidae) on the eastern coast of Brazil. An. Acad. Bras. Ciênc., Rio de Janeiro , v. 86, n. 2, p. 707-722, June 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652014000200707&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/0001-37652014112212.
113	Souza e Lima, F. A. N. de et al . Sexual dimorphism in *Amphisbaena nigricauda* (Reptilia, Squamata, Amphisbaenidae) from Southeastern Brazil. Iheringia, Sér. Zool., Porto Alegre , v. 104, n. 3, p. 299-307, Sept. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0073-47212014000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1678-476620141043299307.
114	Machado, A.B.M.; Drummond, G.M.; Paglia, A.P. 2008. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. 1ª edição. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 1420p.
115	Lang, L.F. 2012. Atividade de *Contomastix lacertoides* (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae) no Escudo Sul-Riograndense, Brasil; Activity of Contomastix lacertoides (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae) on Sul-Riograndense Shield, Brazil. 28.f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Rio Graned do Sul, orientadora Laura Verrastro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
116	Ribeiro, S. 2010. Revisão Sistemática de *Leposternon* Wagler, 1824 (Squamata: Amphisbaenia). Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Taran Grant
117	Silva, C.M. da; Verrastro, L. Descrição do esqueleto axial de *Liolaemus arambarensis* Verrastro, Veronese, Bujes & Dias Filho (Iguania, Liolaemidae): regiões pré-sacral e sacral. Rev. Bras. Zool., Curitiba , v. 24, n. 1, p. 1-11, Mar. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81752007000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81752007000100001.
118	Carlos Frederico Duarte Rocha. (1992). Reproductive and Fat Body Cycles of the Tropical Sand Lizard (*Liolaemus lutzae*) of Southeastern Brazil.Journal of Herpetology, 26(1), 17–23. http://doi.org/10.2307/1565016
119	Verrastro, L. 1991. Aspectos ecológicos e biológicos de uma população de *Liolaemus occipitalis* Boul. 1885, nas dunas costeiras da praia Jardim Atlântico, Tramandaí, RS. (Reptilia - Iguanidae). Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 104p. Porto Alegre: UFRGS.
120	Kunz TS, Borges-Martins M. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983. Zootaxa. 2013;3681:413-39.
121	Erneck, B.V. M.; Targino, M.; Garcia, P.C. Anchietta. Rediscovery and re-description of *Ischnocnema nigriventris* (Lutz, 1925) (Anura: Terrarana: Brachycephalidae). Zootaxa, [S.l.], v. 3694, n. 2, p. 131–142, aug. 2013.
122	Size- and Sex-Dependent Variation in Diet of *Rhinella arenarum* (Anura: Bufonidae) in a Wetland of San Juan, Argentina Lorena B. Quiroga, Eduardo A. Sanabria, and Juan C. Acosta Journal of Herpetology 2009 43 (2), 311-317
123	Kwet, A., Manyero, R., Zillikens, A. & Mebs, D. 2005. Advertisement calls of *Melanophryniscus dorsalis* (Mertens, 1933) and *M. montevidensis* (Philippi, 1902), two parapatric species from southern Brazil and Uruguay, with comments on morphological variation in the Melanophryniscus stelzneri group (Anura: Bufonidae). Salamandra. 41(1/2):1-18.
124	Calado, L. L. 2009. Coleta e preservação do sêmen de rã touro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa. Orientador: Oswaldo Pinto Ribeiro Filho
125	AmphibiaWeb: Information on amphibian biology and conservation. [*Ceratophrys ornata*]. 2016. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Available: http://amphibiaweb.org/. (Accessed: Mar 7, 2016).
126	Brasileiro, C.A., Haddad, C.F.B., Sawaya, R., and Sazima I. (2007). A new and threatened island-dwelling species of *Cycloramphus* (Anura: Cycloramphidae) of southeastern Brazil. Herpetologica, 63, 501-510.
127	Haddad, C. F. B., and I. Sazima. 1989. A new species *of Cycloramphus from* southeastern Brazil (Amphibia: Leptodactylidae). Herpetologica 45: 425–429.
128	Van-Sluys, M., Rocha, C. F. D., Souza, M. B. (2001): Diet, reprodution, and density of the leptodactylidae litter frog *Zachaenus parvulus* in an Atlantic Rain Forest of southeastern Brazil. Journal of Herpetology 35(2): 322-325.
129	Pombal, J.P. 1993. New Species of *Aparasphenodon* (Anura: Hylidae) from Southeastern Brazil. Copeia 1993(4): 1088–1091.
130	Carvalho-e-Silva, A.M.T., Silva, G.R., Carvalho-e-Silva, S.P. (2008): Anuros da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. Biota Neotropica 8: 199-209.
131	Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva, Miguel Trefaut Rodrigues. 2004. *Dendropsophus limai* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55539A11329277.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55539A11329277.en. Downloaded on 10 March 2016.
132	Garcia, Paulo C. A.; Faivovich, Julián; Haddad, Célio F. B.. Redescription of *Hypsiboas semiguttatus* , with the description of a new species of the *Hypsiboas pulchellus* group. Copeia, n. 4, p. 933-951, 2007.
133	Brasileiro, C. A. et al. A new and threatened species of *Scinax* (Anura: Hylidae) from Queimada Grande Island, southeastern Brazil. Zootaxa, n. 1391, p. 47–55. 2007.
134	Brasileiro, C.A., Oyamaguchi, H.M. & Haddad, C.F.B. (2007a) A new island species of *Scinax* (Anura; Hylidae) from southeastern Brazil. Journal of Herpetology, 41 (2), 271–275

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
135	Carlos Alberto Gonçalves da Cruz, Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva. 2004. *Scinax ariadne* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55930A11397196.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55930A11397196.en. Downloaded on 10 March 2016.
136	Garey, M.V., Provete, D.B., Martins, I.A., Haddad, C.F.B, RossaFeres, D.C. 2014. Anurans from the Serra da Bocaina National Park and surrounding buffer area, southeastern Brazil. Check List 10(2): 308–316.
137	Pombal JR, J.P & M. Gordo. 1991. Duas novas espécies de *Hyla* da Floresta Atlântica no Estado de São Paulo (Amphibia, Anura). Memórias do Instituto Butantan 53(1): 135-144.
138	Narvaes, P.; Bertoluci, J., Rodrigues, M.T. Composição, uso de hábitat e estações reprodutivas das espécies de anuros da floresta de restinga da Estação Ecológica Juréia-Itatins, sudeste do Brasil. Biota Neotrop. [online]. 2009, vol.9, n.2 [cited 2016-03-10], pp. 117-123 .
139	Amphibia, Anura, Hylidae, *Scinax trapicheiroi* : Distribution extension. Luna-Dias, C. Carvalho-e-Silva, S. P. Carvalho-e-Silva, A.M.P.T. Check List 5(2): 251–253, 2009.
140	Pontes, R., Mattedi, C., Baêta, C. Vocal repertory of *Scinax littoreus* (Anura: Hylidae) with comments on the advertisement call of the Scinax perpusillus species group. ZOOLOGIA 30 (4): 363–370, August, 2013
141	Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva, Ana Maria Telles, Carlos Alberto Gonçalves da Cruz. 2004. *Xenohyla truncata* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T56053A11418199. http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T56053A11418199.en. Downloaded on 10 March 2016.
142	Thiago Silva-Soares, Paulo Nogueira-Costa, Vitor Nelson Teixeira Borges Júnior, Luiz Norberto Weber, and Carlos Frederico Duarte Rocha (2015) The Larva *of Crossodactylus aeneus Müller,* 1924: Morphology and Ecological Aspects. Herpetologica: March 2015, Vol. 71, No. 1, pp. 46-57.
143	FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO: VERTEBRADOS / coordenação geral: Paulo Magalhães Bressan, Maria Cecília Martins Kierulff, Angélica Midori Sugieda. -- São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2009.
144	Narvaes, P., Rodrigues, M.T. 2015. Visual communication, reproductive behavior and home range of *Hylodes dactylocinus* (anura, Leptodactylidae). Phyllomedusa 4(2): 147-158
145	Canedo, C., Pombal Jr., J.P. (2007): Two new species of torrent frog of the genus *Hylodes* Anura, Hylodidae) with nuptial thumb tubercles. Herpetologica Herpetologica 63:224–235
146	Monteiro, J.P.C., Comitti, E.J., Lingnau, R. 2014. First record of the torrent frog *Hylodes heyeri* (Anura, Hylodidae) in Santa Catarina State, South Brazil and acoustic comparison with the cryptic species Hylodes perplicatus (Anura, Hylodidae). Biotemas, 27 (4): 93-99
147	Carlos Frederico da Rocha, Monique Van Sluys, Carlos Alberto Gonçalves da Cruz. 2004.*Hylodes mertensi* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57095A11570630.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57095A11570630.en. Downloaded on 10 March 2016.
148	Silva, H.R.; Carvalho, A.L.G.; Bittencourt-Silva, G.B. Frogs of Marambaia: a naturally isolated Restinga and Atlantic Forest remnant of southeastern Brazil. Biota Neotrop., Campinas , v. 8, n. 4, Dec. 2008 .
149	Neil Cox, Simon Stuart. 2004. *Physalaemus atlanticus* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57240A11607388.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57240A11607388.en. Downloaded on 10 March 2016.
150	Pontes, J.A.L., Pontes, R.C., Santa-Fé, C.P., Martins, V., Rocha, C.F.D. Amphibia, Anura, Leiuperidae, *Physalaemus soaresi* Izecksohn, 1965: New record, distribution extension and geographic distribution map. Checklist. 6(1): 159-161.
151	Prado, G.M. and J.P. Pombal Jr. 2008. Espécies de *Proceratophrys* Miranda Ribeiro 1920 com apêndices palpebrais (Anura; Cycloramphidae). Arquivos de Zoologia 39(1):1-85.
152	Débora Silvano, Paulo Garcia, Mark Wilkinson. 2004. *Oscaecilia hypereumeces* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59581A11953507.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59581A11953507.en. Downloaded on 10 March 2016.
153	Ulisses Caramaschi, Miguel Trefaut Rodrigues, Mark Wilkinson. 2004. *Siphonops insulanus* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59595A11957925.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59595A11957925.en. Downloaded on 10 March 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
154	John Measey, Mark Wilkinson, Débora Silvano, Paulo Garcia. 2004. *Chthonerpeton viviparum* . The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59541A11960849.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59541A11960849.en. Downloaded on 10 March 2016.
155	ICMBio, 2011. Plano de ação nacional para a conservação das espécies aquáticas ameaçadas de extinção da Bacia do Rio Paraíba do Sul / Carla Natacha Marcolino Polaz ... [et al.]; Organizadores: Carla Natacha Marcolino Polaz Polaz ... [et al.]. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 140 p. : il. color. ; 29,7 cm. (Série Espécies Ameaçadas; 16)
156	Rodrigues, G. B. F. 2014. Padrões de diversidade (riqueza, filogenética e funcional) de quelônios continentais da América do Sul, seus processos geradores e suas consequências para a conservação. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ecologia. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília. Brasília-DF. 64 pp.
157	Marcela Ayub Brasil, Gabriel de Freitas Horta, Habib Jorge Fraxe Neto, Thiago Oliveira Barros, and Guarino Rinaldi Colli. 2011. Feeding Ecology of *Acanthochelys spixii* (Testudines, Chelidae) in the Cerrado of Central Brazil. Chelonian Conservation and Biology 10(1):91-101.
158	Hahn, A. 2005. Análise da dieta de *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bribon, 1835) no sul do Rio Grande do Sul, Brasil (Testudines: Emydidae). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pp. 53.
159	Souza FL. 2004. Uma revisão sobre padrões de atividade, reprodução e alimentação de cágados brasileiros (Testudines, Chelidae). Phyllomedusa 3(1):15-27.
160	Seidel ME. 1989. *Trachemys dorbigni.* Catalogue of American Amphibians and Reptiles (486): 1-3.
161	Fagundes CK and Bager A. 2007. Ecologia reprodutiva de *Hydromedusa tecifera* (Testudines: Chelidae) no sul do Brasil. Biota Neotropica 7(2): 179-184.
162	Bager A. and Rosado J. L. O. 2010. Estimation of Core Terrestrial Habitats for Freshwater Turtles in Southern Brazil Based on Nesting Areas. Journal of Herpetology, 44(4):658-662.
163	Souza F. L., Giraldelli, G. R. & Martins T. A. 2006. Reproductive aspects of Brazilian side-necked-turtles (Chelidae). Bol. Asoc. Herpetol. Esp. 17 (1).
164	Fausto Erritto Barbo, comunicação pessoal (2016).
165	Foods and Agriculture Organization of the United Nations. 2005. Cultured Aquatic Species Information Programme: Rana catesbeiana (Shaw, 1862). Disponível em: http://www.fao.org/fishery/culturedspecies/Rana_catesbeiana/en
166	Gonçalves da Cruz, C.A. & Caramaschi, U. 2004. Phrynomedusa bokermanni. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55826A11374546. http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55826A11374546.en. Downloaded on 22 March 2016.
167	Barbo, F. E. ; Gasparini, J. L. R. ; Almeida, A. P. ; Zaher, Hussam ; Grazziotin, F.G. ; Gusmao, R. B. ; Ferrarini, J. M. G. ; Sawaya, R.J . 2016. Another new and threatened species of lancehead genus Bothrops (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil. Zootaxa 4097 (4): 511–529.
168	*Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.* Portaria MMA nº 148, DE 7 DE JUNHO DE 2022. Diário Oficial da União, 2022.

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

Tabela 3 - Espécies Vulneráveis: Mastofauna

| COD | Nome científico | Nome comum (Português) | Nome comum (Inglês) | Classificação taxonômica | Classificação Cartas SAO | Estado de conservação | | | | | | | | | | Apêndice CITES | Ameaças à conservação | Características | Alimentação | Hábitat | | | | | | | Endemismo | Origem | Unidade Geográfica | Sazonalidade de ocorrência | | | | | | | | | | | | Estágio do ciclo biológico | Sazonalidade de reprodução | | | | | | | | | | | | Sensibilidade à presença humana | Periculosidade para humanos | Suscetibilidade ao óleo | Sensibilidade direta aos efeitos do óleo | Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo | Sensibilidade ao cativeiro | Proteção | Espécie prioritária para proteção | Justif. | | | Comentários adicionais | Bibliografia |
|---|---|---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
1	Alves LCPS, Andriolo A, Zerbini NA, Pizzorno JLA, Clapham PJ, 2009. Record of feeding by humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in tropical waters off Brazil. Marine Mammal Science 25: 416-419.
2	Andriolo A, Kinas PG, Engel MH, Martins CCMA, Rufino AM, 2010. Humpback whales within the Brazilian breeding ground: distribution and population size estimate. Endangered Species Research 11: 233-243.
3	Clapham P, Mead JG, 1999. *Megaptera novaeangliae* . Mammalian Species 604: 1-9.
4	Clapham PJ, 2009. Humpback Whale (*Megaptera novaeangliae*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 582-585.
5	Danilewicz D, Tavares M, Moreno IB, Ott PH, Trigo CC, 2009. Evidence of feeding by the humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) in mid-latitude waters of the western South Atlantic. Marine Biodiversity Records 2: e88 doi:10.1017/S1755267209000943.
6	Mackintosh NA, 1970. Whales and krill in the twentieth century. In: Holdgate MW. Antarctic Ecology. London: Academic Press. pp. 185-212.
7	Sears R, Perrin WF, 2009. Blue Whale (*Balaenoptera musculus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 120-124.
8	Da Rocha JM, 1983. Revision of Brazilian whaling data. Reports of the International Whaling Commission 33: 419-427.
9	Dalla Rosa L, Secchi ER, 1997. Stranding of a blue whale (*Balaenoptera musculus*) in southern Brazil: 'true' or pygmy? Reports of the International Whaling Commission 47: 425-430.
10	Pinedo MC, Rosas FCW, Marmontel M, 1992. Cetáceos e pinípedes do Brasil: uma revisão dos registros e guia para identificação das espécies. Manaus: UNEP/FUA. pp. 231.
11	Lodi L, Borobia M, 2013. Baleias, botos e golfinhos do Brasil: guia de identificação. Rio de Janeiro: Technical Books. pp. 447.
12	Zerbini NA, Secchi ER, Siciliano S, Simões-Lopes PC, 1997. A review of the occurrence and distribution of whales of the genus *Balaenoptera* along the Brazilian Coast. Reports of the International Whaling Commission 47: 407-417.
13	Aguilar A, 2009. Fin Whale (*Balaenoptera physalus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 433-437.
14	Ramos R, Poletto F, Umbach C, Freitas R, Dafferner G, Barbosa M, Figna V, Moreira S, Ribeiro C, Fernandes M, Fortes R, Carvalho D, Carneiro A, Cordeiro A, Erber C, 2010. Família Balaenopteridae: baleias do gênero *Balaenoptera* . In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia. pp. 348-417.
15	Santos MCO, Siciliano S, Vicente AFDC, Alvarenga FS, Zampirolli E, Souza SPD, Maranho A, 2010. Cetacean records along São Paulo state coast, Southeastern Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 58(2): 123-142.
16	Siciliano S, Emin-Lima NR, Costa AF, Rodrigues ALF, Magalhães FA, Tosi CH, Garri RG, Silva CR, Sousa e Silva Jr. J, 2008. Revisão do conhecimento sobre os mamíferos aquáticos da costa norte do Brasil. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro 66(2): 381-401.
17	Andriolo A, Rocha JM, Zerbini AN, Simões-Lopes PC, Moreno IB, Lucena A, Danilewicz D, Bassoi M, 2010. Distribution and relative abundance of large whales in a former whaling ground off eastern South America. Zoologia 27(5): 741-750.
18	Barros NB, 1991. Recent cetacean records for southeastern Brazil. Marine Mammal Science 7(3): 296-306.
19	Brown SG, 1977. Some results of sei whales marking in the Southern Hemisphere. Reports of the International Whaling Commission (Special Issue) 1: 39-43.
20	Williamson GR, 1975. Minke whales off Brazil. Scientific Reports of the Whales Research Institute 27: 37-59.
21	Horwood J, 2009. Sei Whale (*Balaenoptera borealis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1069-1071.
22	Hetzel B, Lodi L, 1993. Baleias, botos e golfinhos: guia de identificação para o Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 280.
23	Sasaki T, Nikaido M, Wada S, Yamada TK, Cao Y, Hasegawa M, Okada N, 2006. *Balaenoptera omurai* is a newly discovered baleen whale that represents an ancient evolutionary lineage. Molecular Phylogenetics and Evolution 41: 40-52.
24	Siciliano S, Santos MCO, Vicente AFC, Alvarenga FS, Zampirolli E, Brito JL, Azevedo AF, Pizzorno JLA, 2004. Strandings and feeding records of Brydes's whales (*Balaenoptera edeni*) in south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 84(4): 857-859.
25	Siciliano S, Souza SP, 2006. Bryde's whales from Brazil: the whale of mystery. JMBA Global Marine Environment 3: 4-5.
26	Hassel LB, Venturotti A, Magalhães FA, Cuenca S, Siciliano S, Marques F, 2003. Summer sightings of dwarf minke whales (*Balaenoptera acutorostrata*) off Eastern Coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 47-50.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
27	Cremer MJ, Barreto AS, Hardt FAZ, Tonello Jr. AJ, 2009. Cetacean occurrence near an offshore oil platform in southern Brazil. Biotemas 22(3): 247-251.
28	Zerbini AN, Secchi ER, Siciliano S, Simões-Lopes PC, 1996. The dwarf form of the minke whale, *Balaenoptera acutorostrata* Lacepede, 1804, in Brazil. Reports of the International Whaling Commission 46: 333-340.
29	Da Rocha JM, Braga NMA, 1982. Brazil Progress Report on cetacean research, June 1980 to May 1981. Reports of the International Whaling Commission 32: 155-159.
30	Magalhães FA, Severo MM, Tosi CH, Garri RG, Zerbini AN, Chellappa S, Silva FJL, 2007. Record of a dwarf minke whale (*Balaenoptera acutorostrata*) in northern Brazil. JMBA2 - Biodiversity Records published online: 2.
31	Da Rocha JM, Braga NMA, 1982. Brazil Progress Report on cetacean research, June 1980 to May 1981. Reports of the International Whaling Commission 32: 155-159.
32	Da Rocha JM, 1980. Progress Report on Brazilian Minke Whaling. Reports of the International Whaling Commission 30: 379-384.
33	Horwood J, 1990. Biology and exploitation of the minke whale. CRC Press, Boca Raton, USA, 248pp.
34	Lucena A, 2006. Estrutura populacional da *Balaenoptera bonaerensis* (Burmeister) (Cetacea, Balaenopteridae) nas áreas de reprodução do Oceano Atlântico Sul. Revista Brasileira de Zoologia 23(1): 176-185.
35	Zerbini AN, Secchi ER, Bassoi M, Dalla Rosa L, Higa A, Sousa L, Moreno IB, Möller L, Caon G, 2004. Distribuição e abundância relativa de cetáceos na Plataforma Continental Externa e Talude no Sul e Sudeste do Brasil: resultados do Programa REVIZEE e perspectivas futuras. São Paulo: Instituto Oceanográfico da USP.
36	Ramos RMA, Siciliano S, Borobia M, Zerbini AN, Pizzorno JLA, Fragoso ABL, Lailson-Brito J, Azevedo AF, Simões-Lopes PC, Santos MCO, 2001. A note on strandings and age of sperm whales (*Physeter macrocephalus*) on the Brazilian coast. Journal of Cetacean Research and Management 3(3): 321-327.
37	Ramos RMA, Dafferner G, Freitas R, Dessoy L, Figna V, Poletto F, Ribeiro C, Miranda C, Alencastro P, Silva E, Moreira S, 2010. Família Physeteridae: Cachalote *Physeter macrocephalus* . In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia. pp. 418-458.
38	Toledo GAC, Langguth A, 2009. Data on biology and explotation of West Atlantic sperm whales, *Physeter macrocephalus* (Cetacea: Physeteridae) off the coast of Paraíba, Brazil. Zoologia 26: 663-673.
39	Whitehead H, 2009. Sperm Whale (*Physeter macrocephalus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1091-1097.
40	Maia-Nogueira R, Baracho CG, Serra SD, 2001. Revisão dos registros do gênero *Kogia* (Gray, 1846) (Cetacea, Physeteridae, Kogiidae) no litoral do nordeste do Brasil, incluindo dados osteológicos. Bioikos 15(1): 50-59.
41	Meirelles ACO, Monteiro-Neto C, Martins AMA, Costa AF, Barros HMDR, Alves MDO, 2009. Cetacean strandings on the coast of Ceará, Northeastern Brazil (1992-2005). Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89: 1083-1090.
42	Santos RA, Haimovici M, 2001. Cephalopods in the diet of marine mammals stranded or incidentally caught along southeastern and southern Brazil (21-34°S). Fisheries Research 52: 99-112.
43	Zerbini AN, Kotas SJF, 1998. A note on cetacean bycatch in pelagic driftnet off Southern Brazil. Reports of the International Whaling Commission 48: 519-524.
44	Mcalpine DF, 2009. Pygmy and Dwarf Sperm Whales (*Kogia breviceps* and *K. sima*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 936-938.
45	Sampaio C, Aroucha E, 2000. Registro do cachalote-anão, *Kogia simus* Owen, 1866, no litoral da Bahia, Nordeste do Brasil. Bioikos 14(1): 28-33.
46	Dalla Rosa L, Secchi ER, 2007. Killer whale (*Orcinus orca*) interactions with the tuna and swordfish longline fishery off southern and south-eastern Brazil: a comparison with shark interactions. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 135-140.
47	Lodi L, Hetzel B, 1998. *Orcinus orca* (Cetacea; Delphinidae) em águas costeiras do Estado do Rio de Janeiro. Bioikos 12(1): 46-54.
48	Ott PH, Danilewicz D, 1996. Presence of franciscanas (*Pontoporia blainvillei*) in the stomach of a killer whale (*Orcinus orca*) stranded in southern Brazil. Mammalia 62(4): 605-609.
49	Santos MCO, Netto DF, 2005. Killer whale (*Orcinus orca*) predation on a Franciscana dolphin (*Pontoporia blainvillei*) in Brazilian waters. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(1): 69-72.
50	Santos MCO, Silva E, 2009. Records of a male killer whale (*Orcinus orca*) off southeastern Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 57(1): 65-68.
51	Secchi ER, Vaske Jr. T, 1998. Killer whale (*Orcinus orca*) sightings and depredation on tuna and swordfish longline catches in southern Brazil. Aquatic Mammals 24(2): 117-122.
52	Siciliano S, Lailson Brito Jr. J, Azevedo AF, 1999. Seasonal occurrence of killer whales (*Orcinus orca*) in waters of Rio de Janeiro, Brazil. Zeitschrift für Säugetierkunde 64: 251-255.
53	Ford JKB, 2009. Killer Whale (*Orcinus orca*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 650-656.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
54	Durban JW, Pitman RL, 2012. Antarctic killer whales make rapid, round-trip movements to subtropical waters: evidence for physiological maintenance migrations? Biology Letters 8(2): 274-277.
55	Alves MDO, Meirelles ACO, Barros HMDR, Silva CPN, Campos AA, 2002. Primeiro registro de falsa-orca, *Pseudorca crassidens* (Cetacea:Delphinidae), para o litoral do Estado do Ceará. Arquivo de Ciências do Mar 35: 79-92.
56	Andrade ALV, Pinedo MC, Barreto AS, 2001. Gastrointestinal parasites and prey items from a mass stranding of false killer whales, *Pseudorca crassidens* , in Rio Grande do Sul, Southern Brazil. Revista Brasileira de Biologia 61(1): 55-61.
57	Di Beneditto AP, Ramos R, Lima NRW, 1998. Fishing activity on Northern Rio de Janeiro State (Brazil) and its relation with small cetaceans. Brazilian Archives of Biology and Technology 41(3): 296-302.
58	Geise L, Borobia M, 1988. Sobre a ocorrência de cetáceos no litoral do Estado do Rio de Janeiro, entre 1968 e 1984. Revista Brasileira de Zoologia 4(4): 341-346.
59	Pinedo MC, Rosas FCW, 1989. Novas ocorrências de *Pseudorca crassidens* (Cetacea, Delphinidae) para o Atlântico Sul Ocidental, com observações sobre medidas cranianas e alimentação. Atlântica 11(1): 77-83.
60	Siciliano S, Moreno IB, Demari E, Alves VC, 2006. Baleias, botos e golfinhos na Bacia de Campos, Série Guias de Campo: fauna marinha da Bacia de Campos. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ. pp. 99.
61	Soto JMR, Filippini A, 2001. Evidência da presença da falsa-orca, *Pseudorca crassidens* (Owen, 1846) (Cetacea; Delphinidae), no Atol das Rocas, Brasil. Estudos de Biologia 47: 41-43.
62	Baird RW, 2009. False Killer Whale (*Pseudorca crassidens*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 405-406.
63	Magalhães FA, Garri RG, Tosi CH, Siciliano S, Chellappa S, Silva FJL, 2007. First confirmed record of *Feresa attenuata* (Delphinidae) for the Northern Brazilian coast. Biota Neotropica 7(2): 313-315.
64	Marigo J, Giffoni BB, 2010. Sightings and bycatch of small pelagic cetaceans, new information registered by volunteer fishermen off São Paulo, Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 58(1): 71-75.
65	Moura JF, Di Dario BPS, Lima LM, Siciliano S, 2010. A stranded pygmy killer whale on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Marine Biodiversity Records 3: e11 doi:10.1017/S1755267209991060.
66	Rossi-Santos M, Baracho C, Neto ES, Marcovaldi E, 2006. First sightings of the pygmy killer whale, *Feresa attenuata* , for the Brazilian coast. Marine Biodiversity Records 1: e54 doi:10.1017/S1755267206005835.
67	Siciliano S, Moreno IB, Silva ED, 2007. Early sightings of the pygmy killer whale (*Feresa attenuata*) off the Brazilian coast: a correction to Rossi-Santos *et al* . (2006). Marine Biodiversity Records 1: e78 doi:10.1017/S1755267207007993.
68	Zerbini AN, Santos MCO, 1997. First Record of the pygmy killer whale *Feresa attenuata* (Gray, 1874) for the Brazilian coast. Aquatic Mammals 23(2): 105-109.
69	Donahue MA, Perryman WL, 2009. Pygmy Killer Whale (*Feresa attenuata*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 938-939.
70	Erber C, Ramos R, Miranda C, Freitas R, Poletto F, Dafferner G, Ribeiro C, Figna V, 2010. Família Delphinidae: Blackfish. In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia.
71	Gasparini JL, Sazima I, 1996. A stranded melon-headed whale, *Peponocephala electra* , in southeastern brazil, with comments on wounds from the cookiecutter shark, *Isistius brasiliensis* . Marine Mammal Science 12(2): 308-312.
72	Motta MRA, Silva CPN, 2005. Rescue, handling and release of a melon-headed whale, *Peponocephala electra* , stranded in Ceará, NE Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 187-190.
73	Perryman WL, 2009. Melon-headed Dolphin (*Peponocephala electra*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 719-721.
74	Lodi L, Siciliano S, Capistrano L, 1990. Mass stranding of *Peponocephala electra* (Cetacea, Globicephalinae) on Piracanga Beach, Bahia, Northeastern Brazil. Scientific Report of Cetacean Research 1: 79-84.
75	Schmiegelow JMN, Paiva-Filho AM, 1989. First record of the Short-finned Pilot Whale, *Globicephala macrorhynchus* Gray, 1846, for the Southwestern Atlantic. Marine Mammal Science 5: 387-391.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
76	Olson PA, 2009. Pilot Whales (*Globicephala melas* and *G . macrorhynchus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 847-852.
77	Carvalho CT, 1975. Ocorrência de mamíferos marinhos no Brasil. Boletim Técnico do Instituto Florestal 16: 13-32.
78	Cherem JJ, Simões-Lopes PC, Althoff S, Graipel ME, 2004. Lista dos mamíferos do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Mastozoologia Neotropica 11(2):151-184.
79	Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2001. Os cetáceos da Bacia de Campos. Ciência Hoje 29(171): 66-69.
80	Geise L, Borobia M, 1987. New Brazilian records for *Kogia* , *Pontoporia* , *Grampus* , and *Sotalia* (Cetacea, Physeteridae, Platanistidae, and Delphinidae). Journal of Mammalogy 68(4): 873-875.
81	Maia-Nogueira R, 2000. Primeiro registro de golfinho-de-risso (*Grampus griseus*) G. Cuvier, 1812 (Cetacea, Delphinidae) para o litoral do estado da Bahia com dados osteológicos e biométricos e revisão das citações para a espécie em águas brasileiras. Bioikos 14(1): 34-43.
82	Simões-Lopes PC, Ximenez A, 1993. Annotated list of cetaceans of Santa Catarina coastal waters, Southern Brazil. Biotemas 6(1): 67-92.
83	Baird RW, 2009. Risso's Dolphin (*Grampus griseus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 975-976.
84	Barbosa MMC, Cruz FS, Lodi L, 2008. Comportamento e organização de grupo do golfinho-flíper, *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidea) no arquipélago das Cagarras, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Zoociências 10(3): 213-220.
85	Castello HP, Pinedo MC, 1977. Botos na Lagoa dos Patos. Natureza em Revista 2: 46-49.
86	Lodi L, Wedekin LL, Rossi-Santos MR, Marcondes MC, 2008. Movements of the bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Rio de Janeiro State, Southeastern Brazil. Biota Neotropica 8(4): 205-209.
87	Moreno IB, Ott PH, Tavares M, Oliveira LR, Danilewicz D, Siciliano S, Bonnato SL, 2009. Os cetáceos com ênfase no golfino-nariz-de-garrafa, *Tursiops truncatus* (Montagu, 1821). In: Viana DL, Hazin FHV, Souza MAC. O Arquipélago de São Pedro e São Paulo: 10 anos de Estação Científica. Brasília, DF: SECIRM. pp. 287-294.
88	Peterson D, Hanazaki N, Simões-Lopes PC, 2008. Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphins (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil. Ocean & Coastal Management 51: 469-475.
89	Rossi-Santos MR, Wedekin LL, Sousa-Lima RS, 2006. Distribution & habitat use of small cetaceans off Abrolhos Bank, Eastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 5(1): 23-28.
90	Simões-Lopes PC, 1991. Interaction of costal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in southern Brazil. Biotemas 4(2): 83-94.
91	Baracho C, Cipolotti S, Marcovaldi E, Apolinário M, Silva MB, 2007. The occurrence of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the biological reserve of Atol das Rocas in north-eastern Brazil. Marine Biodiversity Records 1: e75 doi:10.1017/S1755267207007920.
92	Wells RS, Scott MD, 2009. Common Bottlenose Dolphin (*Tursiops truncatus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 249-255.
93	Flores PAC, Ximenez A, 1997. Observations of the rough-toothed dolphin *Steno bredanensis* off Santa Catarina Island, southern Brazilian coast. Biotemas 10(1): 71-79.
94	Lodi L, 1992. Epimeletic behavior of free-ranging rough-toothed dolphins, *Steno bredanensis* , from Brazil. Marine Mammal Science 8: 284-287.
95	Monteiro NC, Alves JTT, Avila FJC, Campos AA, Costa AF, Silva CPN, Furtado NMAA, 2000. Impact of fisheries on the tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) and rough-toothed dolphin (*Steno bredanensis*) populations off Ceara state, northeastern Brazil. Aquatic Mammals 26: 49-56.
96	Ott PH, Danilewicz D, 1996. Southward range extension of *Steno bredanensis* in the southwest Atlantic and new records of *Stenella coeruleoalba* for Brazilian waters. Aquatic Mammals 22: 185-189.
97	Rossi-Santos MR, Santos-Neto E, Baracho CG, 2009. Interspecific cetacean interactions during the breeding season of humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) on the north coast of Bahia State, Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89(5): 961-966.
98	Jefferson TA, 2009. Rough-Toothed Dolphin (*Steno bredanensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 990-992.
99	Azevedo AF, Lailson-Brito J, Cunha HA, Van Sluys MA, 2004. Note on site fidelity of marine tucuxis (*Sotalia fluviatilis*) in Guanabara Bay, southeastern Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 6(3): 265-268.
100	Azevedo AF, Oliveira AM, Viana SC, Sluys MV, 2007. Habitat use by marine tucuxis (*Sotalia guianensis*) (Cetacea: Delphinidae) in Guanabara Bay, south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 201-205.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
101	Borobia M, Barros NB, 1989. Notes on the diet of marine *Sotalia fluviatilis.* Marine Mammal Science 5(4): 395-399.
102	Borobia M, Siciliano S, Lodi L, Hoek W, 1991. Distribution of the South American dolphin *Sotalia fluviatilis* . Canadian Journal of Zoology 69: 1025-1039.
103	Caballero S, Trujillo F, Vianna J, Garrido HB, Montiel MG, Pedreros SB, Marmontel M, Santos MCO, Rossi-Santos M, Santos F, Baker S, 2007. Taxonomic status of the genus *Sotalia* : species level ranking for Tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) and Costero (*Sotalia guianensis*) dolphins. Marine Mammal Science 23(2): 358-386.
104	Cremer MJ, Simões-Lopes PC, Pires JSR, 2009. Occupation patterns of a harbor inlet by the estuarine dolphin, *Sotalia guianensis* (P.J. Van Bénéden, 1864) (Cetacea, Delphinidae). Brazilian Archives of Biology and Technology 52: 765-774.
105	Cunha HA, Da Silva VMF, Lailson-Brito Jr. J, Santos MCO, Flores PAC, Martin A, Azevedo AF, Fragoso ABL, Zanelatto RC, Solé-Cava AM, 2005. Riverine and marine *Sotalia* (Cetacea: Delphinidae) are different species. Marine Biology 148(2): 449-457.
106	Flores PAC, Bazzalo M, 2004. Home range and movement patterns of the marine tucuxi, *Sotalia fluviatilis* , in Baia Norte, southern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 3(1): 37-52.
107	Geise L, 1991. *Sotalia guianensis* (Cetacea, Delphinidae) population in the Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil. Mammalia 55(3): 371-380.
108	Gurjão LM, Neto MAAF, Santos RA, Cascon P, 2003. Feeding habits of marine tucuxi, *Sotalia fluviatilis* , at Ceará state, northeastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(2): 117-122.
109	Flores PAC, Da Silva VMF, 2009. Tucuxi and Guiana dolphin *Sotalia fluviatilis* and *S. guianensis* . In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1188-1192.
110	Simões-Lopes PC, Ximenez A, 1990. O impacto da pesca artesanal em área de nascimento do boto cinza, *Sotalia fluviatilis* (Cetacea, Delphinidae) SC, Brasil. Biotemas 3(1): 67-72.
111	Da Silva VMF, Best RC, 1996. *Sotalia fluviatilis* . Mammalian Species 527: 1-7.
112	Loch C, Marmontel M, Simões-Lopes PC, 2009. Conflicts with fisheries and intentional killing of freshwater dolphins (Cetacea: Odontoceti) in the Western Brazilian Amazon. Biodiversity and Conservation 18: 3979-3988.
113	Alves-Júnior TT, Ávila FJC, Oliveira JA, Furtado-Neto MAA, Monteiro-Neto C, 1996. Registros de cetáceos para o litoral do estado de Ceará, Brasil. Arquivos de Ciências do Mar 30: 79-92.
114	Perrin WF, 2009. Atlantic Spotted Dolphin (*Stenella frontalis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 54-56.
115	Moreno IB, Zerbini AN, Danilewicz D, Santos MCO, Simões-Lopes PC, Lailson-Brito Jr. J, Azevedo AF, 2005. Distribution and habitat characteristics of dolphins of the genus *Stenella* (Cetacea: Delphinidae) in the southwest Atlantic Ocean. Marine Ecology Progress Series 300: 229-240.
116	Cremer MJ, Simões-Lopes PC, 1997. Accidental capture of the pantropical spotted dolphin *Stenella attenuata* (Gray, 1846) (Delphinidae) in the southwestern South Atlantic Ocean. Biociências 5: 231-233.
117	Petry MV, Fonseca VSS, 2001. Mamíferos marinhos encontrados mortos no litoral do Rio Grande do Sul de 1997 a 1998. Acta Biologica Leopoldensia 23: 225-235.
118	Perrin WF, 2009. Pantropical Spotted Dolphin (*Stenella attenuata*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 819-821.
119	Secchi ER, Siciliano S, 1995. Comments on the southern range of the spinner dolphin (*Stenella longirostris*) in the western South Atlantic. Aquatic Mammals 21: 105-108.
120	Silva FJL, Silva Jr. JM, 2009. Circadian and seasonal rhythms in the behavior of spinner dolphins (*Stenella longirostris*). Marine Mammal Science 25: 176-186.
121	Perrin WF, 2009. Spinner Dolphin (*Stenella longirostris*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1100-1103.
122	Fertl D, Jefferson TA, Moreno IB, Zerbini NA, Mullin KD, 2003. Distribution of the Clymene dolphin *Stenella clymene* . Mammal Review 33(3): 253-271.
123	Simões-Lopes PC, Praderi P, Paula GS, 1994. The clymene dolphin, *Stenella clymene* (Gray, 1846), in me southwestern South Atlantic Ocean. Marine Mammal Science 10(2): 213-217.
124	Soto JMR, Montibeler A, Silva-Ribeiro CC, 2000. O golfinho-de-capacete, *Stenella clymene* (Gray, 1846) (Cetacea, Delphinidae) no sudeste do Atlântico. Alcance 3: 65-68.
125	Jefferson TA, 2009. Clymene Dolphin (*Stenella clymene*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 241-243.
126	Rosas FCW, Monteiro-Filho ELA, Marigo J, Santos RA, Andrade ALV, Rautenberg M, Oliveira MR, Bordignon MO, 2002. The striped dolphin, *Stenella coeruleoalba* (Cetacea: Delphinidae), on the coast of São Paulo State, southeastern Brazil. Aquatic Mammals 28(1): 60-66.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
127	Archer II FI, 2009. Striped Dolphin (*Stenella coeruleoalba*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1127-1129.
128	Pinedo MC, Polacheck T, Barreto AS, Lammardo MP, 2002. A note on vessel of opportunity sighting surveys for cetaceans in the shelf edge region off the southern coast of Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 4: 322-329.
129	Santos MCO, Rosso S, Santos RA, Lucato SHB, Bassoi M, 2002. Insights on small cetacean feeding habits in southeastern Brazil. Aquatic Mammals 28(1): 38-45.
130	Perrin WF, 2009. Common Dolphins (*Delphinus delphis* and *D . capensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 255-259.
131	Tavares M, Moreno IB, Siciliano S, Rodríguez D, Santos COM, Lailson-Brito Jr. J, Fabián ME, 2010. Biogeography of common dolphins (genus *Delphinus*) in the Southwestern Atlantic Ocean. Mammal Review 40: 40-64.
132	Moreno IB, Danilewicz D, Martins MB, Ott PH, Caon G, Oliveira LR, 2003. Fraser's dolphin (*Lagenodelphis hosei* Fraser, 1956) in Southern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 39-46.
133	Tosi CH, Magalhães AF, Garri RG, 2008. Meat Consumption of a Fraser's Dolphin (*Lagenodelphis hosei*) stranded alive in the Northern Brazilian Coast. Marine Biodiversity Records 1: e4 doi:10.1017/S1755267208000043.
134	Pinedo MC, Barreto AS, Lammardo MP, 2001. Review of *Ziphius cavirostris* , *Mesoplodon grayi* and *Lagenodelphis hosei* (Cetacea: Ziphiidae and Delphinidae) in Brazilian waters, with new records from southern Brazil. Atlântica 23: 67-76.
135	Dolar MLL, 2009. Fraser's Dolphin (*Lagenodelphis hosei*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 469-471.
136	Best RC, Da Silva VMF, 1984. Preliminary analysis of reproductive parameters of the boutu, *Inia geoffrensis* , and the tucuxi, *Sotalia fluviatilis* , in the Amazon River system. Reports of the International Whaling commission 6: 361-369.
137	Da Silva VMF, Goulding M, Barthem R, 2008. Golfinhos da Amazônia. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. pp. 43.
138	Da Silva VMF, 2009. Amazon River Dolphin (*Inia geoffrensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp.26-28.
139	Hrbek T, Da Silva VMF, Dutra N, Gravena W, Martin AR, Farias IP, 2014. A new species of River Dolphin from Brazil or: How little do we know our biodiversity. PLoS ONE 9(1): e83623 doi: 10.1371/journal.pone.0083623.
140	Mintzer VJ, Martin AR, Da Silva VMF, Barbour AB, Lorenzen K, Frazer TK, 2013. Effect of illegal harvest on apparent survival of Amazon River dolphins (Inia geoffrensis). Biological Conservation 158: 280-286.
141	Lucena A, Paludo D, Langguth A, 1998. New records of Odontoceti (Cetacea) from the coast of Paraíba, Brazil. Revista Nordestina de Biologia 12(1/2): 19-27.
142	Heyning JE, Mead JG, 2009. Cuvier's Beaked Whale (*Ziphius cavirostris*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 294-295.
143	Martins AMA, Alves Jr. TT, Neto MAAF, Lien J, 2004. The most northern record of Gervais' beaked whale, *Mesoplodon europaeus* (Gervais, 1855), for the Southern Hemisphere. Latin American Journal of Aquatic Mammals 3(2): 151-155.
144	Santos COM, Zampirolli E, Castro AFV, Alvarenga FS, 2003. Gervais' beaked whale (*Mesoplodon europaeus*) washed ashore in southeastern Brazil: extra limital record? Aquatic Mammals 29(3): 404-410.
145	Pitman R, 2009. Mesoplodont Whales (*Mesoplodon* spp.). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 721-726.
146	Best RC; Teixeira DM, 1982. Notas sobre a distribuição e "status" aparente dos peixes-bois (Mammalia: Sirenia) nas costas amapaenses brasileiras. Boletim da Fundação Brasileira pela Conservação da Natureza 17: 41-47.
147	Borges JCG, Vergara-Parente JE, Alvite CMC, Marcondes MCC, Lima RP, 2007. Embarcações motorizadas: uma ameaça aos peixes-boi marinhos (*Trichechus manatus*) no Brasil. Biota Neotropical 7: 199-204.
148	Domning DP, 1981. Distribution and status of manatees in ssp. in Brazil c. 1785-1973. Biological Conservation 21: 85-97.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
149	Luna FO, Araújo JP, Passavante JZO, Mendes PP, Pessanha MM, Soavinki RJ, Oliveira ME, 2008. Ocorrência do peixe boi marinho (Trichechus manatus manatus) no litoral norte do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 23: 37-49.
150	Luna FO, Lima RP, Araújo JP, Passavante JZO, 2008. Status de conservação do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus* Linnaeus, 1758) no Brasil. Revista Brasileira de Zoociências 10: 145-154.
151	Luna FO, Lima RP, Araújo JP, Pessanha MM, Soavinki RJ, Passavante JZO, 2008. Captura e utilização do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus*) no litoral norte do Brasil. Biotemas 21(1): 115-123.
152	Reynolds III JE, Powell JA, Taylor CR, 2009. Manatees (*Trichechus manatus* , *T* . *senegalensis* and *T* . *inunguis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 682-691.
153	Best RC, 1982. Seasonal breeding in the Amazonian manatee, *Trichechus inunguis* (Mammalia: Sirenia). Biotropica 14: 76-78.
154	Domning DP, 1981. Distribution and status of manatees *Trichechus* spp. near the mouth of the Amazon River, Brazil. Biological Conservation 19: 85-97.
155	Husar SL, 1977. *Trichechus inunguis* . Mammalian Species 72: 1-4.
156	Simões-Lopes PC, Drehmer CJ, Ott PH, 1995. Nota sobre os Otariidae e Phocidae (Mammalia: Carnivora) da costa norte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Biociências 3(1): 173-181.
157	Ximenez A, 1980. Sobre la presencia de *Arctocephalus tropicalis* (Gray, 1872) en el nordeste del Brasil (Mammalia, Arctocephalinae). Revista Brasileira de Biologia 40(3): 591-592.
158	Velozo RS, Schiavetti A, Dórea-Reis LW, 2010. Analysis of subantarctic fur seal (*Arctocephalus tropicalis*) records in Bahia and Sergipe, north-eastern Brazil. Marine Biodiversity Records 2: e117 doi:10.1017/S1755267209000980.
159	Moura JF, Siciliano S, 2007. Straggler subantartic fur seals (*Arctocephalus tropicalis*) on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 6(1): 103-107.
160	Arnould, JPY, 2009. Southern Fur Seals (*Arctocephalus* spp.). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1079-1084.
161	Best PB, Payne R, Rowntree V, Palazzo JT, Both MC, 1993. Long-range movements of South Atlantic right whales *Eubalaena australis* . Marine Mammal Science 9(3): 227-234.
162	Castello HP, Pinedo MC, 1979. Southern right whales (*Eubalaena australis*) along the southern Brazilian coast. Journal of Mammalogy 60(2): 429-430.
163	Greig AB, Secchi ER, Zerbini NA, Rosa LD, 2001. Stranding events of southern right whales, *Eubalaena australis* , in southern Brazil. Journal of Cetacean Research and Management (Special Issue) 2: 157-160.
164	Groch KR, 2001. Cases of harassment by kelp gulls (*Larus dominicanus*) on right whales (*Eubalaena australis*) of Southern Brazil. Biotemas 14(1):147-156.
165	Groch KR, Palazzo Jr. JT, Flores PAC, Adler FR, Fábian ME, 2005. Recent rapid increases in the Brazilian right whale population. Latin American Journal of Aquatic Mammals, v. 4, n. 1, p 41-47.
166	Lodi L, Rodrigues MT, 2007. Southern right whale on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil: Conflict between conservation and human activity. Journal of Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 105–107.
167	Lodi L, Siciliano S, Bellini C, 1996. Ocorrências e conservação de baleias-francas-do-sul, *Eubalaena australis* , no litoral do Brasil. Papéis Avulsos de Zoologia 39(17): 307-328.
168	Moore MJ, Berrow SD, Jensen BA, Carr P, Sears R, Rowntree VJ, Payne R, Hamilton PK, 1999. Relative abundance of large whales around South Georgia (1979-1998). Marine Mammal Science 15(4): 1287-1302.
169	Kenney RD, 2009. Right Whales (*Eubalaena glacialis, E* . *japonica,* and *E* . *australis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 962-972.
170	Azevedo AF, Fragoso ABL, Lailson-Brito J, Cunha HA, 2002. Records of the franciscana (*Pontoporia blainvillei*) in the southwestern Rio de Janeiro and northernmost São Paulo State coasts - Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 1(1): 191-192.
171	Crespo EA, 2009. Franciscana (*Pontoporia blainvillei*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 466-469.
172	Crespo EA, Harris G, Gonzalez R, 1998. Group size and distributional range of the franciscana, *Pontoporia blainvillei* . Marine Mammal Science 14(4): 845-848.
173	Danilewicz D, Secchi ER, Ott PH, Moreno IB, Bassoi M, Borges-Martins M, 2009. Habitat use patterns of franciscana dolphins (*Pontoporia blainvillei*) off southern Brazil in relation to water depth. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89(5): 943-949.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
174	Di Beneditto APM, 2003. Interactions between gillnet fisheries and small cetaceans in northern Rio de Janeiro, Brazil: 2001-2002. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(2): 79-86.
175	Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2001. Biology and conservation of the franciscana (*Pontoporia blainvillei*) in the north of Rio de Janeiro State, Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 3(2): 185-192.
176	Netto RF, Barbosa LA, 2003. Cetaceans and fishery interactions along the Espirito Santo State, southeastern Brazil during 1994-2001. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 57-60.
177	Kinas PG, 2002. The impact of incidental kills by gillnets on the franciscana dolphin (*Pontoporia blainvillei*) in southern Brazil. Bulletin of Marine Science 70: 409-421.
178	Rosas FCW, Monteiro-Filho ELA, Oliveira MR, 2002. Incidental catches of franciscana (*Pontoporia blainvillei*) on the southern coast of Sao Paulo Stateand the coast of Parana State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 1(1): 161-168.
179	Secchi ER, Zerbini AN, Bassoi M, Dalla Rosa L, Moller LM, Rocha-Campos CC, 1997. Mortality of fransiscanas, *Pontoporia blainvillei* , in coastal gillnets in southern Brazil: 1994-1995. Reports of the International Whaling Commission 47: 653-658.
180	Siciliano S, Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2002. A toninha, *Pontoporia blainvillei* (Gervais & d'Orbigny, 1844) (Mammalia, Cetacea, Pontoporiidae), nos estados do Rio de Janeiro e Esprito Santo, costa sudeste do Brasil: Caracterização dos habitats e fatores de isolamento das populações. Boletim do Museu Nacional 476: 16 .
181	Martuscelli P, Olmos F, Milanelo M, 1995. First records of Arnoux's beaked whale *Berardius arnuxii* and Southern right-whale dolphin *Lissodelphis peronii* for Brazil. Mammalia 59(1): 274-275.
182	Lipsky JD, 2009. Right Whale Dolphins (*Lissodelphis borealis* and *L . peronii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 958-962.
183	Pinedo MC, Barreto AS, Lammardo MP, Andrade ALV, Geracitano L, 2002. Northernmost records of the spectacled porpoise, Layard's beaked whale, Commerson's dolphin, and Peale's dolphin in the southwestern Atlantic Ocean. Aquatic Mammals 28(1): 32-37.
184	Goodall RNP, 2009. Peale's Dolphin (*Lagenorhynchus australis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 844-847.
185	Dawson SM, 2009. *Cephalorhynchus* Dolphins (*C . heavisidii* , *C . eutropia* , *C . hectori* , and *C . commersonii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 191-196.
186	Pinedo MC, 1989. Primeiro registro de *Phocoena spinipinnis* (Cetacea, Phocoenidae) para o litoral do Rio Grande do Sul, com medidas osteológicas e análise do conteúdo estomacal. Atlântica 11(1): 85-89.
187	Molina-Schiller D, Rosales SA, Thales ROF, 2005. Oceanographic conditions off coastal South America in relation to the distribution of Burmeister's porpoise, *Phocoena spinipinnis* . Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 141-156.
188	Simões-Lopes PC, Xímenez AL, 1989. *Phocoena spinipinnis* Burmeister, 1865, na costa sul do Brasil (Cetacea-Phocoenidae). Biotemas 2(1): 83-89.
189	Reves JC, 2009. Burmeister's Porpoise (*Phocoena spinipinnis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 163-167.
190	Oliveira LR, Hoffman JI, Hingst-Zaher E, Majluf P, Muelbert MMC, Morgante JS, Amos W, 2008. Morphological and genetic evidence for two evolutionarily significant units (ESUs) in the South American fur seal, *Arctocephalus australis* . Conservation Genetics 9: 1451-1466.
191	Forcada J, Staniland IJ, 2009. Antarctic Fur Seal (*Arctocephalus gazella*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 36-42.
192	Castello HP, Pinedo MC, 1977. Os visitantes ocasionais de nosso litoral. Natureza em Revista 3: 40-46.
193	Oliveira LR, Caon G, Danilewicz D, Marins MB, Ott PH, Moreno IBM, 2001. New records of the Antarctic fur seal, *Arctocephalus gazella* (Petters, 1875) (Carnivora: Otaridae) for the Southern Brazilian Coast. Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS 14(2): 201-207.
194	Cappozzo HL, Perrin WF, 2009. South American Sea Lion (*Otaria flavescens*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1076-1079.
195	Simões-Lopes PC, Drehmer CJ, Ott PH, 1995. Nota sobre os Otariidae e Phocidae (Mammalia: Carnivora) da costa norte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Biociências 3(1): 173-181.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
196	Rogers TL, 2009. Leopard Seal (*Hydrurga leptonyx*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 673-674.
197	Pinedo MC, 1990. Ocorrência de pinípedes na costa brasileira. Garcia de Orla, Série Zoologia 15(2): 37-48.
198	Bengtson JL, 2009. Crabeater Seal (*Lobodon carcinophaga*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 290-292.
199	Lodi L, Mayerhofer LC, Farias Júnior SG, Cruz FS, 2005. Nota sobre a ocorrência de foca caranguejeira, *Lobodon carcinophagus* (Hombron & Jacquinot, 1842) (Mammalia: Pinnipedia), no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Biotemas 18(1): 151-161.
200	Oliveira LR, Machado R, Alievi MM, Wurdig NL, 2006. Crabeater Seal (*Lobodon carcinophaga*) on the coast of Rio Grande do Sul State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Animal 5(2): 145-148.
201	Hindell MA, Perrin WF, 2009. Elephant Seals (*Mirounga angustirostris* and *M . leonina*) In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 364-368.
202	Bastos BL, Norberto GO, Maia-Nogueira R, Guimarães JE, 2006. Avaliação hematológica e dosagem bioquímica de ALT, AST e creatinina em elefante-marinho-do-sul, *Mirounga leonina* (Linnaeus, 1758), encontrado no litoral de Salvador, Bahia. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science 43: 18-23.
203	Magalhães FA, Hassel LB, Venturotti AC, Siciliano S, 2003. Southern elephant seals (*Mirounga leonina*) on the coast of Rio de Janeiro State. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2: 55-56.
204	Moura JF, Di Dario BPS, Lima LM, Siciliano S, 2010. Southern elephant seals (*Mirounga leonina*) along the Brazilian coast: Review and additional records. Marine Biodiversity Records 3: 1-5.
205	Lodi L, Siciliano S, 1989. A southern elephant seal in Brazil. Marine Mammal Science 5(3): 313.
206	Goodall RNP, 2009. Spectacled Porpoise (*Phocoena dioptrica*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1087-1091.
207	Gowans S, 2009. Bottlenose Whales (*Hyperoodon ampullatus* and *H . planifrons*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 129-131.
208	Siciliano S, Santos COM, 2003. On the occurrence of the Arnoux's beaked whale (*Berardius arnuxii*) in Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 83: 887-888.
209	Kasuya T, 2009. Giant Beaked Whales (*Berardius bairdii* and *B . arnuxii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 498-500.
210	Soto JMR, Vega SS, 1997. Primeiro registro da baleia bicuda de Gray, *Mesoplodon grayi* Haast, 1876 (Cetacea: Ziphiidae) para o Brasil, com referências osteológicas e a revisão das citações de zifídeos em águas brasileiras. Biociências 5: 69-89.
211	Castello HP, Pinedo MC, 1980. *Mesoplodon densirostris* (Cetacea, Ziphiidae), primeiro registro para o Atlântico Sul Ocidental. Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo 29(2): 91-94.
212	Secchi ER, Zarzur S, 1999. Plastic debris ingested by a Blainville's beaked whale, *Mesoplodon densirostris* , washed ashore in Brazil. Aquatic Mammals 25(1): 21-24.
213	Zerbini AN, Secchi ER, 2001. Occurrence of Hector's beaked whale, *Mesoplodon hectori* , in southern Brazil. Aquatic Mammals 27(2): 149-153.
214	Souza SPD, Siciliano S, Cuenca S, De Sanctis BA, 2005. A True's beaked whale (*Mesoplodon mirus*) on the coast of Brazil: Adding a new beaked whale species to the Western Tropical Atlantic and South America. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 129-136.
215	Maia-Nogueira R, Nunes JDACDC, 2005. Record of the layard's beaked whale, *Mesoplodon layardii* (Gray, 1856), in Northeastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 137-139.
216	Nowak, R. M. 1999. Walker's Mammals of the World. 6.ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. V.1.
217	Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A., Lima, I.P. 2011. Mamíferos do Brasil. 2.ed. Londrina: Nelio R. dos Reis.
218	Gardner, A.L. 2007. Mammals of South America - Volume 1: Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats. Chicago and London: The University of Chicago Press.
219	Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A., Lima, I.P. 2007. Morcegos do Brasil. Londrina: Nelio R. dos Reis.
220	Bonvicino, C.R., Oliveira, J.A., D'andrea, P.S. 2008. Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos. Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
221	Bressan, P.M., Kierulff, M.C.M., Sugieda, A.M. 2009. Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo - Vertebrados. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.
222	Oliveira, T., Cassaro, K. 1999. Guia de Identificação dos Felinos Brasileiros. São Paulo: Sociedade de Zoológicos do Brasil.
223	Ruivo, E.B. 2010. EAZA Husbandry Guidelines for Callithichidae. 2.ed. Saint-Aignan: Beauval Zoo.
224	Veiga. L. M. 2006. Ecologia e Comportamento do Cuxiú-Preto (*Chiropotes satanas*) na Paisagem Fragmentada da Amazônia Oriental. Tese Doutorado em Psicologia. Belém: UFPA.
225	Galliez, M., Leite, M.S., Queiroz, T.L., Fernandez, F.A.S. 2009. Ecology of the Water Opossum *Chironectes minimus* in Atlantic Forest Streams of Southeastern Brazil. Journal of Mammalogy, 90 (1): 93-103.
226	Leite, R.N., Silva, M.N.F., Gardner, T.A. 2007. New Records of *Neusticomys oyapocki* (Rodentia, Sigmodontinae) from a Human-Dominated Forest Landscape in Northeastern Brazilian Amazonia. Mastozoologia Neotropical, 14(2):257-261.
227	Agular, L.M.S. 2007. Dados biológicos do morcego-vampiro *Diaemus youngi* no Cerrado do Distrito Federal, Brasil. Planaltina: Embrapa Cerrados.
228	Costa, L.M., Oliveira, D.M., Dias E Fernandes, A.F.P., Esberand, C.E.L. Occurrence of *Diaemus youngi* (Jentink, 1893), Chiroptera, in the State of Rio de Janeiro. Biota Neotropica. V.8. no.1. Jan/Mar.
229	Greenhall, A.M., Schutt JR., W.A. 1996. *Diaemus youngi* . Mammalian Species. N.533. p.1-7. Dec.
230	Smith, P. 2008. Long-Legged Bat *Macrophyllum macrophyllum* . Mammals of Paraguay. N.27. p.1-9.
231	Harrison, D.L. 1975. *Macrophyllum macrophyllum* . Mammalian Species. N.62. p.1-3. Nov.
232	Novaes, R.L.M., Souza, R.F., Felix, S., Sauwen, C., Jacob, G., Avilla, L.S. 2012. New Record of *Furipterus horrens* (Cuvier, 1828) (Mammalia, Chiroptera) from the Cerrado of Tocantins state with a compilation of the know distribution within Brazil. Check List. n.8: p. 1359-1361.
233	Beisiegel, B.M., Morato, R.G., Paula, R.C., Morato, R.L.G.M. 2011. Biodiversidade Brasileira: Seção Avaliação do Estado de Conservação dos Carnívoros. ICMBIO.
234	CENAP. 2010. Plano de Ação Nacional para Conservação da Ariranha. ICMBIO.
235	IBAMA. 2004. Plano de Ação: Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros do Brasil. CENAP.
236	Paula, R.C., Desdiez, A., Cavalcanti, S. 2013. Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-Pintada. Brasília: ICMBIO.
237	Emmons, L.H., Feer, F. 1997. Neotropical Rainforest Mammals. 2.ed. Chicago and London: The University of Chicago.
238	Loughry, W.J., Vizcaíno, S.F. 2008. The Biology of the Xenarthras. Gainesville: University Press of Florida.
239	Miranda, F. 2012. Manutenção de Tamanduás em Cativeiro. São Carlos: Cubo.
240	Reis, N.R., Peracchi, A.L., Andrade, F.R. 2008. Primatas Brasileiros. Londrina: Technical Books.
241	Sigrist, T. 2012. Mamíferos do Brasil: Uma Visão Artística. Vinhedo: Avis Brasilis.
242	Santos, L.B., Reis, N.R. 2009. Estudo comportamental de *Cebus nigritus* (Goldfuss, 1809) (Primates, Cebidae) em cativeiro. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 30, n. 2, p. 175-184, jul./dez. 2009.
243	Fortes, V.B. 2008. Ecologia e Comportamento do Bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans* Cabrera, 1940) em Fragmentos Florestais na Depressão Central do Rio Grande do Sul, Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC-RS.
244	Gonçalves. C.S. 2006. Distribuição e conservação do macaco-preto (*Cebus nigritus* - Golfuss, 1809) e documentação do conhecimento ecológico local na região do Parque Estadual de Itapeva e arredores, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS.
245	Guidorizzi, C.E. 2008. Ecologia e comportamento do Mico-leão-da-cara-dourada, *Leontopithecus chrysomelas* (Kuhi, 1820) (Primates, Callithrichidae), em um fragmento de floresta semidecidual em Itororó, Bahia, Brasil. Dissertação de Mestrado. Ilhéus: UESC.
246	Souza-Alves, J.P. 2010. Ecologia alimentar de um grupo de Guigó-de-Coimbra-Filho (*Callicebus coimbrai* Kobayashi & Langguth, 1999): perspectivas para a conservação da espécie na paisagem fragmentada do sul de Sergipe. Dissertação de mestrado. Sergipe: UFSE.
247	Martins, W.P. 2010. Densidade populacional e ecologia de um grupo de macaco-prego-de-crista (*Cebus robustus* ; Kuhl, 1820) na Reserva Natural Vale. Tese de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
248	Fernandes, C.C. 2013. Padrão de atividade, dieta e uso do espaço por *Callicebus personatus* (Primates, Pitheciidae) em uma área de parque urbano, município de Santa Teresa, ES. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES.
249	Tokuda, M. 2012. Dispersão e estrutura social de macacos-prego (*Sapajus nigritus*) do Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA	
NÚMERO	**REFERÊNCIA**
250	ICMBIO. 2012. Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas do Nordeste. MMA.
251	Geise, L. 2012. *Akodon cursor* (Rodentia: Cricetidae). Mammalian Species. v. 44(893). p. 33-43.
252	Bovendorp, R.S. 2013. História natural e ecologia de duas espécies de roedores simpátricas da tribo Oryzomyni (Cricetidae: Sigmodontinae) na Floresta Atlântica. Tese: Doutorado. Piracicaba: USP.
253	Giné, G.A.F. 2009. Ecologia e comportamento do ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus* , Olfers 1818) em fragmentos de Mata Atlântica no município de Ilhéus, sul da Bahia. Tese : Doutorado. Piracicaba: USP.
254	Oliveira, P.A. 2006. Ecologia de fêmeas de ouriço-preto *Chaetomys subspinosus* (Olfers, 1818) (Rodentia: Erethizontidae) nas florestas de restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari, Espírito Santo. Dissertação: Mestrado. Belo Horizonte: PUC-MG.
255	ICMBIO. 2011. Plano de Ação Nacional para Conservação do Ouriço-preto. MMA.
256	Pontes, A.R.M., Gadelha, J. R., Melo, E. R. A., De Sá, F. B., Loss, A. C., Junior, V. C., Costa, L. P., Leite, Y. L. R. A new species of pourcupine, genus *Coendou* (Rodentia: Erethizontidae) from the Atlantic forest of northeastern Brasil. Zootaxa. v. 3636 (3). p. 421-438.
257	Vaz, S.M. 2002. Sobre a ocorrência de *Callistomys pictus* (Pictet) (Rodentia, Echimyidae). Revista Bras. Zool., v. 19 (3). p. 631-635.
258	Leite, Y.L.R. 2003. Evoltion and systematics of the Atlantic Tree Rats, Genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae) with description of two new species. Los Angeles: University of California Press.
259	D'andrea, P.S., Gentile, R., Maroja, L.S., Fernandes, F.A., Coura, R., Cerqueira, R. 2007. Small mammal populations of na agroecosystem in the Atlantic Forest domain, southeastern Brazil. Braz. J. Biol., v. 67(1), p. 179-186.
260	Taddei, V.A., Lim, B.K. 2010. A new species of *Chiroderma* (Chiroptera, Phyllostomidae) from Northeastern Brazil. Braz. J. Biol. v. 70, n. 2, p. 381-386.
261	Oprea, M., Wilson, D.E. 2008. *Chiroderma doriae* (Chiroptera: Phyllostomidae). Mammalian Species. v. 816. p 1-7.
262	Smith, P. 2012. Souther Yellow-eared bat: *Vampyressa pusilla* (J. A. Wagner, 1843). FAUNA Paraguay: Handbook of the Mammals of Paraguay. v. 53.
263	Lewis, S.E., Wilson. D.E. 1987. *Vampyressa pusilla* . Mammalian Species. v. 292. p. 1-5.
264	Fazzolari-Corrêa, S. 1995. Aspectos Sistemáticos, Ecológicos e Reprodutivos de Morcegos na Mata Atlântica. Tese: Doutorado. São Paulo: USP.
265	Welter, D. Comportamento e Uso do Abrigo por *Histiotus velatus* (I. Geoffroy, 1824) (Chiroptera; Vespertilionidae). Trabalho de Conclusão de Curso: Bacharelado. Porto Alegre: UFRGS.
266	Nascimento, F.O. 2010. Revisão Taxonômica do gênero *Leopardus* Gray, 1842 (Carnivora, Felidae). Tese: Doutorado. São Paulo: USP.
267	Amboni, M.P.M. 2007. Dieta, disponibilidade alimentar e padrão de movimentação de lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* , no Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Dissertação: Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
268	ICMBIO. 2009. Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação do Lobo-Guará. MMA.
269	Flatchall, N.B., Rodden, M., Taylor, S. 1995. Manual de Manejo do Lobo Guará *Chrysocyon brachyurus* . CEPREM.
270	Miranda, J. M. D., Bernardi, I. P., Carvalho, F., Passos, F. C. 2010. Novos dados distribucionais do morcego recém descrito *Epitesicus taddeii* (Vespertilionidae). Chiroptera Neotropical. v.16. n. 01.
271	Cademartori, C. V., Fabian, M. E., Manegheti, J. O. 2005. Biologia Reprodutiva de *Delomys dorsalis* (Hensel, 1872) - Rodentia, Sigmodontinae - em área de floresta ombrófila mista, Rio Grande do Sul, Brasil. Mastozool. Neotrop. v.12. n.2. Mendoza.
272	*Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.* Portaria MMA nº 148, DE 7 DE JUNHO DE 2022. Diário Oficial da União, 2022.

LEGENDA

Estado de Conservação:
- LC - Menor preocupação
- NE / NL – Não avaliado / Não listado
- NA - Não aplicável
- DD – Deficiente em dados
- NT – Quase ameaçado
- VU – Vulnerável
- EN – Em perigo
- CR – Criticamente em Perigo

Apêndice CITES:
- 1 - espécie incluída no Apêndice I da CITES
- 2 - espécie incluída no Apêndice II da CITES
- 3 - espécie incluída no Apêndice III da CITES
- NL - espécie não é listada nos apêndices da CITES

Ameaças (perturbações antrópicas mais relevantes):
- C - Caça, captura intencional de animais e/ou coleta de ovos
- H - Perda ou degradação de hábitat
- I - Captura incidental, captura incidental em artefatos de pesca
- M - Mudança climática
- P - Poluição
- S - Sobrepesca

Hábitat / Sazonalidade / Reprodução:
- 0 - ocorrência da espécie não esperada/prevista na área
- 1 - ocorrência ocasional, errática ou incomum na área
- 2 - ocorrência frequente na área
- SI - sem informações suficientes para determinar a ocorrência da espécie na área

Estágio do ciclo biológico:
- A - Alimentação
- D - Descanso
- R - Reprodução
- M - Migração, deslocamento

Sensibilidade à presença humana / Periculosidade para humanos / Suscetibilidade ao óleo / Sensibilidade direta e indireta aos efeitos do óleo / Sensibilidade ao cativeiro:
- 1 - baixa
- 2- média
- 3 - alta

Proteção:
- P – Proteção à Costa
- A – Afugentamento
- C – Captura Preventiva
- R – Reabilitação
- T – Todas as Medidas

Justificativa de priorização:
Alto endemismo ou médio/alta suscetibilidade e médio/alto estado de conservação

APÊNDICE 2 – ESPÉCIES PRIORITÁRIAS PARA PROTEÇÃO

1. ESPÉCIES PRIORITÁRIAS PARA PROTEÇÃO

Com base nos dados disponíveis no Mapeamento Ambiental para Resposta à Emergência no Mar (MAREM) e nos resultados da modelagem de dispersão de óleo realizada para a atividade de perfuração da bp no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (PROOCEANO, 2022) foram identificadas 206 espécies (106 de avifauna, 33 de herpetofauna e 67 de mastofauna) consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF.

Além das listas destas espécies, este apêndice apresenta as respectivas Fichas Estratégicas de Resposta (FERs) desenvolvidas pelo Projeto MAREM.

1.1. Avifauna

A **Tabela 1** apresenta a lista das 106 espécies de avifauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF.

Tabela 1: Lista de espécies de avifauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Anseriformes	
Anhima cornuta	Anhuma
Cairina moschata	Pato-do-mato
Callonetta leucophrys	Marreca-de-coleira
Chauna torquata	Tachã
Cygnus melancoryphus	Cisne-de-pescoço-preto
Dendrocygna bicolor	Marreca-caneleira
Nomonyx dominica	Marreca-de-bico-roxo
Sarkidiornis sylvicola	Pato-de-crista
Aves aquáticas mergulhadoras	
Anhinga anhinga	Biguatinga
Chloroceryle aenea	Martinho
Chloroceryle inda	Martim-pescador-da-mata
Aves aquáticas pernaltas	
Amaurolimnas concolor	Saracurinha-da-mata
Aramides avicenniae	Saracura-três-potes
Aramides mangle	Saracura-do-mangue
Aramides ypecaha	Saracuruçu
Botaurus pinnatus	Socó-boi-baio
Ciconia maguari	João-grande
Cochlearius cochlearius	Arapapá
Coturnicops notatus	Pinto-d'água-carijó
Eudocimus ruber	Guará
Fulica armillata	Carqueja-de-bico-manchado

Tabela 1: Lista de espécies de avifauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Aves aquáticas pernaltas	
Gallinula melanops	Frango-d'água-carijó
Heliornis fulica	Picaparra
Ixobrychus exilis	Socoí-vermelho
Ixobrychus involucris	Socoí-amarelo
Jabiru mycteria	Tuiuiú
Laterallus exilis	Sanã-do-capim
Mesembrinibis cayennensis	Corocoró
Mycteria americana	Cabeça-seca
Neocrex erythrops	Turu-turu
Nyctanassa violacea	Savacu-de-coroa
Phoenicoparrus andinus	Flamingo-grande-dos-Andes
Phoenicoparrus jamesi	Flamingo-da-puma
Phoenicopterus chilensis	Flamingo-chileno
Pilherodius pileatus	Garça-real
Plegadis chihi	Maçarico-preto
Porzana flaviventer	Sanã-amarela
Porzana spiloptera	Sanã-cinza
Rallus longirostris	Saracura-matraca
Tigrisoma fasciatum	Socó-boi-escuro
Aves de rapina	
Amadonastur lacernulatus	Gavião-pombo-pequeno
Buteogallus aequinoctialis	Gavião-caranguejeiro
Buteogallus coronatus	Águia-cinzenta
Circus buffoni	Gavião-do-mangue
Circus cinereus	Gavião-cinza
Milvago chimango	Gavião-chimango
Pseudastur polionotus	Gavião-pombo-grande
Pulsatrix perspicillata pulsatrix	Murucututu
Spizaetus melanoleucus	Gavião-pato
Spizaetus ornatus	Gavião-de-penacho
Aves limícolas	
Bartramia longicauda	Maçarico-do-campo
Calidris canutus	Maçarico-de-papo-vermelho
Calidris pusilla	Maçarico-rasteirinho
Calidris subruficollis	Maçarico-acanelado
Gallinago undulata	Narcejão
Haematopus palliatus	Piru-piru
Limnodromus griseus	Maçarico-de-costas-brancas
Limosa haemastica	Maçarico-de-bico-virado
Numenius hudsonicus	Maçarico-de-bico-torto

Tabela 1: Lista de espécies de avifauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Aves limícolas	
Nycticryphes semicollaris	Narceja-de-bico-torto
Pluvialis dominica	Batuiruçu
Pluvialis squatarola	Batuiruçu-de-axila-preta
Aves marinhas costeiras	
Chroicocephalus maculipennis	Gaivota-maria-velha
Larus atlanticus	Gaivota-de-rabo-preto
Morus capensis	Atobá-do-Cabo
Phaetusa simplex	Trinta-réis-grande
Sterna hirundinacea	Trinta-réis-de-bico-vermelho
Sternula superciliaris	Trinta-réis-anão
Sula sula	Atobá-de-pé-vermelho
Thalasseus acuflavidus	Trinta-réis-de-bando
Thalasseus maximus	Trinta-réis-real
Aves marinhas pelágicas	
Calonectris edwardsii	Bobo-de-cabo-verde
Diomedea dabbenena	Albatroz-de-Tristão
Diomedea epomophora	Albatroz-real
Diomedea exulans	Albatroz-gigante
Diomedea sanfordi	Albatroz-real-do-norte
Macronectes giganteus	Petrel-gigante
Phoebetria fusca	Piau-preto
Phoebetria palpebrata	Piau-de-costas-claras
Procellaria aequinoctialis	Pardela-preta
Procellaria cinerea	Pardela-cinza
Procellaria conspicillata	Pardela-de-óculos
Pterodroma arminjoniana	Pardela-de-Trindade
Pterodroma deserta	Grazina-de-Desertas
Pterodroma hasitata	Diablotim
Pterodroma incerta	Grazina-de-barriga-branca
Puffinus griseus	Bobo-escuro
Thalassarche cauta	Albatroz-arisco
Thalassarche chlororhynchos	Albatroz-de-nariz-amarelo
Thalassarche chrysostoma	Albatroz-de-cabeça-cinza
Thalassarche melanophris	Albatroz-de-sobrancelha
Não passeriformes terrestres	
Aburria jacutinga	Jacutinga
Amazona brasiliensis	Papagaio-de-cara-roxa
Cathartes burrovianus	Urubu-de-cabeça-amarela
Crypturellus noctivagus noctivagus	Jaó-do-sul
Dryocopus galeatus	Pica-pau-de-cara-canela

Tabela 1: Lista de espécies de avifauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Não passeriformes terrestres	
Sarcoramphus papa	Urubu-rei
Touit melanonotus	Apuim-de-costas-pretas
Passeriformes terrestres	
Carpornis melanocephala	Sabiá-pimenta
Sporophila falcirostris	Cigarra-verdadeira
Sporophila frontalis	Pichochó
Sporophila hypoxantha	Caboclinho-de-barriga-vermelha
Stymphalornis acutirostris	Bicudinho-do-brejo
Pinguim	
Eudyptes chrysocome	Pinguim-de-penacho-amarelo
Eudyptes chrysolophus	Pinguim-macaroni
Spheniscus magellanicus	Pinguim-de-Magalhães

PATO-DO-MATO

Cairina moschata

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: Santiago Meligeni Lozano

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 80 cm. Espécie de grande porte, cuja massa corpórea varia entre 2000 e 4000 g. A plumagem é negra com brilho verde-metálico, com as coberteiras superiores das asas brancas, que chamam a atenção a grandes distâncias. Machos possuem carúnculas vermelhas na face bem evidentes, e que se tornam maiores durante o período reprodutivo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuído por toda a América do Sul, sendo muito comum em praticamente todo o Brasil. Habitam lagos, represas, lagoas e, mais raramente, estuários e mangues. É uma das poucas espécies de anatídeos brasileiros que habita comumente os rios, embora prefira aqueles mais lênticos. Vivem aos casais ou em pequenos grupos compostos por um macho e algumas fêmeas, em sistema de harém.

ALIMENTAÇÃO

Como todos os anatídeos, alimenta-se de brotos, folhas, raízes e sementes. Não despreza pequenos invertebrados como vermes, moluscos e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil, reproduz-se principalmente entre agosto e março, embora filhotes possam ser vistos em quase todos os meses do ano. Nidifica em ocos no alto das árvores, onde até dez ovos podem ser postos pela fêmea. Os filhotes permanecem com os pais por pouco menos de seis meses.

POPULAÇÃO

Amplamente distribuído pelo Brasil, ocorrendo em todos os estados. Há reduzida pressão de caça, e as maiores ameaças hoje são a diminuição dos seus locais de reprodução. Embora seja considerado ameaçado em alguns poucos estados brasileiros, na verdade a espécie parece estar se tornando cada vez mais comum.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Uma das aves mais comuns em criadores e zoológicos, é altamente tolerante ao cativeiro. É importante tomar cuidado especialmente com os machos, que defendem-se dando golpes com as asas.

PATO-DO-MATO

Cairina moschata

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MARRECA-DE-COLEIRA

Callonetta leucophrys

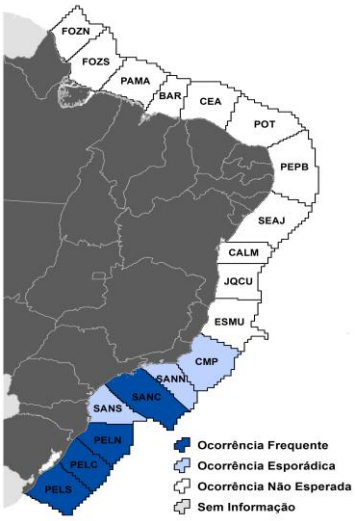
Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: Cláudio Timm



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 35 a 40 cm. Massa corpórea: 200 a 400 g. Bico negro e pés vermelhos. Macho inconfundível por apresentar o peito densamente marcado por pintas negras, dorso marrom e flancos cinza. Possui também uma mancha branca ovalada na base da cauda. Possui uma grande mancha branca na asa e o espelho é verde. Bico cinza-azulado e pés vermelhos. A fêmea também possui o espelho verde e a região da face marcada de branco e marrom.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

No Brasil ocorre no Rio Grande do Sul, onde não é incomum. Habita pântanos, brejos, lagos e lagoas. Frequenta arrozais e pequenos córregos. Vivem aos casais ou em pequenos grupos familiares, sendo vistos nos mesmos locais que outras espécies de anatídeos de pequeno porte.

ALIMENTAÇÃO

Sementes, brotos, folhas e, ocasionalmente, pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução começa no segundo semestre, provavelmente ligada às chuvas. Nidifica em cavidades de árvores, sendo que a fêmea bota até 12 ovos. Ainda é uma espécie pouco conhecida na natureza, e muitos aspectos da sua biologia são ainda desconhecidos.

POPULAÇÃO

As estimativas existentes apontam para uma população estável, em torno de 100.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Devido à beleza da sua plumagem, é facilmente encontrada em cativeiro em criadores e em muitos zoológicos do Brasil. Reproduz-se com alguma facilidade e pode ser mantida com outras espécies de patos de pequeno porte. Não oferece qualquer risco para os cuidadores, sendo uma espécie muito dócil e facilmente manejada, aceitando rapidamente a ração comercial para anatídeos e folhas e verduras picadas.

MARRECA-DE-COLEIRA

Callonetta leucophrys

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CISNE-DE-PESCOÇO-PRETO

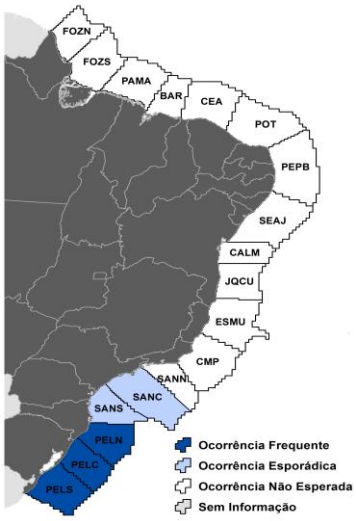
Cygnus melancoryphus

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 100 a 120 cm. Massa corpórea: 4.5 a 9.0 kg. Plumagem branca, exceto pelo pescoço e cabeça, que são negros. Pés vermelhos. É a maior espécie de anatídeo encontrada no Brasil, sendo facilmente distinguível de outras espécies.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita pântanos, rios (onde prefere os remansos), lagoas e lagos, especialmente aqueles mais rasos e ricos em vegetação submersa. É frequentemente visto aos casais, mas em alguns locais podem se concentrar centenas de aves. Tolera bem não só indivíduos da mesma espécie, mas também outros anatídeos de menor porte.

ALIMENTAÇÃO

Sementes, brotos, folhas e, ocasionalmente, pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se no Brasil de julho a setembro. O ninho é uma grande plataforma de vegetação, que ocasionalmente pode ser flutuante. A incubação é feita pela fêmea, que pode botar até oito ovos. Os filhotes são nidífugos e possuem a plumagem completamente branca, e ocasionalmente podem pegar carona no dorso dos pais. Com o passar do tempo a plumagem dos filhotes vai se tornando cinzenta e, com aproximadamente dois anos, atingem a plumagem de adulto.

POPULAÇÃO

É considerada bastante comum em algumas áreas no Rio Grande do Sul. População global estimada em mais de 100.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Muito comum em cativeiro nos principais zoológicos e criadores do Brasil, onde é facilmente reproduzido em cativeiro. Manejo e ciclo de vida completamente dominados, não havendo qualquer dificuldade para a sua manutenção ex situ. Os cuidadores devem tomar cuidado apenas com os golpes dados com as asas destas aves, que podem causar ferimentos.

CISNE-DE-PESCOÇO-PRETO

Cygnus melancoryphus

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)								●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)								●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)								●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MARRECA-CANELEIRA

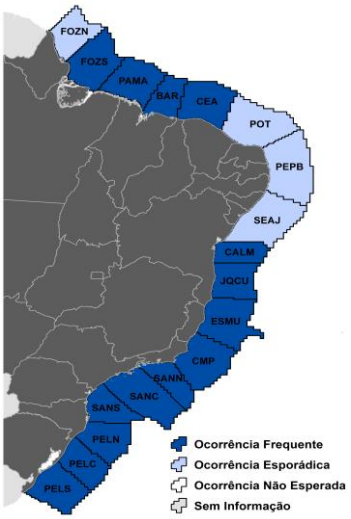
Dendrocygna bicolor

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 500 e 1000 g, sendo os machos maiores e mais pesados do que as fêmeas. Não há dimorfismo sexual de plumagem. Plumagem basicamente marrom, com bico, tarso e pés negros. As coberteiras superiores da cauda e o crisso são brancos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita lagoas, brejos e outros corpos d''agua, raramente se aproximando de estuários ou de água salgada. Pode ser vista também em plantações de arroz. Vive em bandos que podem ser muito numerosos, com mais de cem aves, especialmente no sul do Brasil, onde é uma das áreas mais abundantes de marrecas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de grãos, folhas, algas e pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em ocos de árvores ou no solo, onde a fêmea coloca cerca de 15 ovos branco-sujo. Os filhotes permanecem com os pais por pouco menos de três meses.

POPULAÇÃO

Estimada em mais de um milhão de indivíduos em sua ampla distribuição.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie bastante comum em cativeiro, gregária e fácil de ser mantida nesta condição. Aceita bem a ração comercial para anatídeos.

MARRECA-CANELEIRA

Dendrocygna bicolor

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)								●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)								●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)								●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)								●	●	●	●	●
Ceará (CEA)								●	●	●	●	●
Potiguar (POT)								●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)								●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)								●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)								●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)								●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)								●	●	●	●	●
Campos (CMP)								●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)								●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)								●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)								●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)								●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MARRECA-DO-BICO-ROXO

Nomonyx dominica

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 30 e 35 cm. Massa corpórea variando entre 250 e 500 g. Macho inconfundível por apresentar a cabeça negra e o bico azul-acinzentado brilhante. Pés negros. Fêmea com duas estrias negras na região facial. Bico cinza-escuro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a água doce, em lagos, lagoas, brejos, alagados e represas onde haja abundante vegetação aquática, especialmente aquela flutuante. Ocasionalmente em arrozais ou em estuários ou manguezais. Vivem aos casais, mas fora do período reprodutivo podem se agrupar em bandos de até 30 aves, que convivem pacificamente.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de grãos, folhas, algas e pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Ninhos são mais frequentes entre setembro e fevereiro, embora filhotes e jovens sejam registrados durante todo o ano. Nidifica no solo, construído um bem escondido ninho em meio a vegetação ribeirinha, sendo de difícil localização. Pode colocar até oito ovos, chocados exclusivamente pela fêmea, que os incuba por cerca de 28 dias. Os filhotes, nidífugos, permanecem com os pais por cerca de 50 dias.

POPULAÇÃO

Estimativas feitas na década de 1990 sugerem uma população em torno de 100.000 indivíduos, e não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não é conhecida atualmente em nenhum zoológico ou criadouro no Brasil. Seu manejo é muito pouco conhecido, mas não deve ser muito diferente de outras espécies do gênero *Oxyura,* às quais é aparentada e que são comumente mantidas em cativeiro.

MARRECA-DO-BICO-ROXO

Nomonyx dominica

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PATO-DE-CRISTA

Sarkidiornis sylvicola

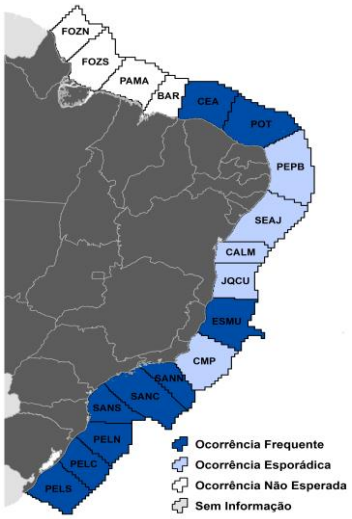
Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: BS Thurner Hof



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea variando de 1000 a 18000 g, machos maiores e mais pesados do que as fêmeas. Macho, no período reprodutivo, apresenta uma grande carúncula carnosa acima do bico. Cabeça branca com manchas negras, bico e pés negros. Asas negras, com intenso brilho azul-esverdeado, sem espelho. Fêmea semelhante, sem a carúncula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pouco frequente em rios, prefere lagos, lagoas e brejos. Ocupa plantações de arroz e ocasionalmente pode ser visto próximo a estuários ou em águas mais salinas. Podem ser vistos até mesmo em lagoas temporárias, à beira das estradas. São desconfiados, não permitindo a aproximação. Vivem aos casais, mas fora do período reprodutivo podem ser observados bandos de mais de 50 aves.

ALIMENTAÇÃO

Sementes, brotos e folhas; ocasionalmente pode consumir pequenos invertebrados, como moluscos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói o seu ninho em ocos de árvores ou no solo, onde até 20 ovos podem ser colocados. A fêmea incuba por cerca de um mês. Os filhotes são nidífugos e permanecem com os pais por cerca de três meses.

POPULAÇÃO

Estimativas dão conta de cerca de 100.000 indivíduos. Raro na Amazônia, muito comum fora dela, especialmente no nordeste do Brasil. Não é ameaçado de extinção e a caça exerce pouca influência sobre esta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Bastante comum em cativeiro, tanto em zoológicos quanto em criadores. Manejo fácil, deve ser mantido aos casais. Aceita facilmente ração comercial para anatídeos.

PATO-DE-CRISTA

Sarkidiornis sylvicola

Anseriformes (Anseriformes: Anatidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	□	□	□	□	□	□	□	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	□	□	□	□	□	□	□	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	□	□	□	□	□	□	□	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	□	□	□	□	□	□	□	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	□	□	□	□	□	□	□	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- □ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ANHUMA

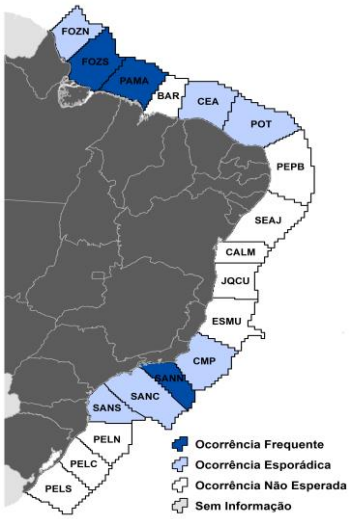
Anhima cornuta

Anseriformes (Anseriformes: Anhimidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 80 e 100 cm. Massa corpórea entre 3000 e 3200 g. Inconfundível pelo porte e pelo padrão único de plumagem. Corpo principalmente negro, pescoço com estrias brancas. Pernas negras, razoavelmente longas, dedos com pequena membrana interdigital. Dois esporões na asa. Geralmente muito mansa e dócil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Vivem aos casais ou em pequenos grupos em estuários, lagoas, lagos e beiras de rios sempre com abundante vegetação ao redor. Não tolera bem ambientes desmatados. São facilmente detectadas pela sua potente vocalização, voam alto e são facilmente avistadas.

ALIMENTAÇÃO

Herbívora, consome folhas, flores e brotos. Eventualmente consome insetos e pequenos vertebrados como ratos, caçados oportunamente.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre em agosto e vai até março. Pode criar até sete filhotes, e os ninhos são grandes plataformas de material vegetal, que pode ser flutuante ou ficar ancorado à beira d'água. A incubação dura cerca de 50 dias e os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

As estimativas atuais sugerem um número maior de 100.000 indivíduos, e parece estar aumentando a sua distribuição ou, pelo menos, retornando à áreas aonde estava extinta.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantida em cativeiro, onde pode receber como alimentação, além da ração comercial para anatídeos, beterraba e repolho picados, que aceita muito bem. Muito mansa e dócil, sendo criada como animal de estimação em alguns locais. Comum em zoológicos e criadores, onde se reproduz muito bem. É fundamental ter cuidado com os esporões nas asas, que podem causar ferimentos sérios.

ANHUMA

Anhima cornuta

Anseriformes (Anseriformes: Anhimidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)								●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)								●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)								●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)								●	●	●	●	●
Potiguar (POT)								●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)								●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)								●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TACHÃ

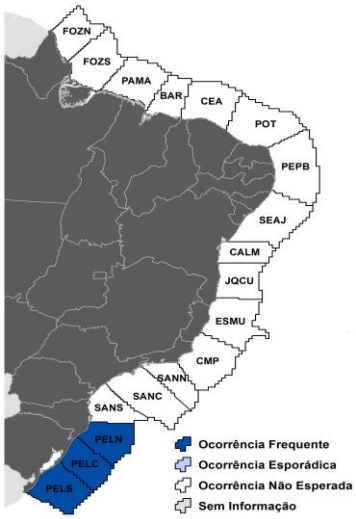
Chauna torquata

Anseriformes (Anseriformes: Anhimidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Média	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 80 a 100 cm. Massa corpórea: 2.5 a 4.5 kg. Facilmente distinguível de outras espécies. Corpo cinza, com um distinto colar branco e negro no pescoço. Área nua em volta dos olhos vermelha ou rosada, bico cinza e pés vermelhos. Possui dois esporões nas asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre em áreas abertas e semi-abertas no sul do Brasil e Pantanal, chegando até mesmo ao noroeste do Mato Grosso e Rondônia, no rio Madeira. Vivem principalmente aos casais, chamando a atenção pela sua vocalização alta e inconfundível, e de onde vem o seu nome popular. É uma ave de áreas abertas, habitando campos, brejos, campos alagados e, no norte da distribuição, bordas de floresta.

ALIMENTAÇÃO

Sementes, brotos, folhas e, ocasionalmente, pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Ninhos são encontrados a partir de setembro. Os casais são altamente territoriais, não tolerando outras aves da mesma espécie na mesma área. O ninho é uma plataforma feita de material vegetal e pequenos galhos, onde a fêmea pode botar até sete ovos. Os filhotes são nidífugos, e possuem a plumagem uniformemente amarelo-alaranjada.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em mais de um milhão de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantida em cativeiro, sendo frequente nos zoológicos e criadores brasileiros, onde é mantida em recintos espaçosos, desde que tenham as penas primárias cortadas ou passem por cirurgia para a retirada da extremidade das asas. São aves dóceis e que aceitam facilmente ração para anatídeos e folhas e verduras picadas. Podem ser mantidas com outras aves, como anatídeos. Deve-se tomar muito cuidado com os esporões presentes nas asas, que podem causar ferimentos mais sérios aos cuidadores.

TACHÃ

Chauna torquata

Anseriformes (Anseriformes: Anhimidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BIGUATINGA

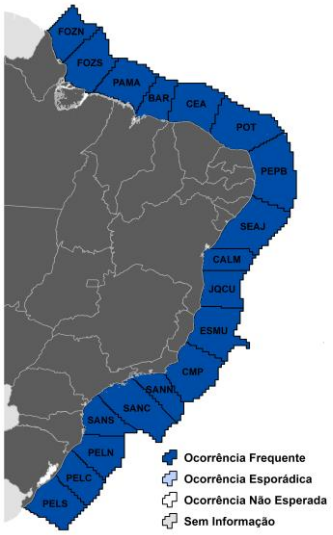
Anhinga anhinga

Aves aquáticas mergulhadoras (Suliformes: Anhingidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 80 e 90 cm. Massa corpórea variando entre 1200 e 1400 g. Inconfundível por causa do longo pescoço em forma de "S" e cauda igualmente longa, bico amarelo ou marrom-amarelado, também muito longo. Plumagem predominantemente negra (macho) ou negra com o pescoço e o peito marrons (fêmea).

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita principalmente corpos d'água bem conservados, com floresta no entorno, onde nidifica. Prefere rios lênticos, lagos extensos e profundos. Frequenta também estuários e manguezais. Não possui glândula uropigiana, de modo que passa a maior parte do tempo parcialmente submersa, apenas com o pescoço para fora, ou secando as suas penas, pousada em galhos próximos à água.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, que pesca mergulhando. Alimenta-se também de anfíbios, pequenos répteis (serpentes, filhotes de tartaruga) e até pequenos mamíferos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pode nidificar sozinha ou em pequenas colônias, às vezes misturando-se com outras espécies de aves. O ninho é uma plataforma simples, feita com gravetos. Nidifica entre setembro e março, mas em alguns locais a reprodução pode se estender por todo o ano. A fêmea bota até cinco ovos, a incubação dura cerca de 28 dias e os filhotes são cuidados pelos pais por cerca de três meses.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante, ocorrendo em todos os estados do país.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Raramente mantida em cativeiro. Seus hábitos dificultam a sua manutenção em cativeiro, a não ser em grandes recintos. Como a ave não tem glândula uropigiana, fica muito vulnerável a morrer de hipotermia, caso seja resgata ainda molhada. Se não houve água para que ela possa mergulhar a ave deve ser mantida seca. Alimenta-se de peixes, que captura mergulhando, o que nem sempre é possível de ser reproduzido em cativeiro. É uma ave de bicada rápida e poderosa, e o pescoço em "S" amplifica muito a potência do golpe. O manejo deve ser feito com o máximo de cuidado para evitar ferimentos graves nos olhos e face de quem está manipulando a ave.

BIGUATINGA

Anhinga anhinga

Aves aquáticas mergulhadoras (Suliformes: Anhingidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MARTINHO

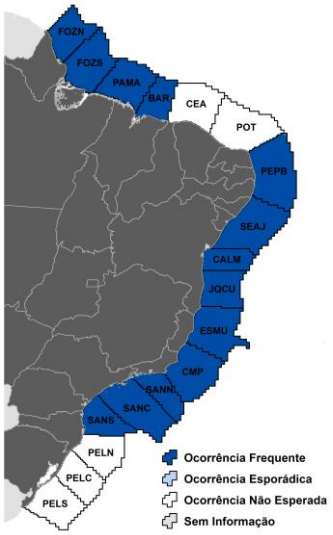
Chloroceryle aenea

Aves aquáticas mergulhadoras (Coraciiformes: Alcedinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 10 e 13 cm. Massa corpórea entre 10 e 15 g. Minúsculo martim-pescador, muito similiar a *C. inda* , mas muito menor. Cabeça verde-metálica, que contrasta com a garganta e peito marrons-castanho. Possui também uma distinta mancha branca no ventre.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita riachos e rios dentro da floresta, sempre em áreas muito escuras. Usa também lagos e lagoas no interior das matas, mas também frequenta os manguezais, sempre nas áreas mais sombrias. Vivem solitários ou aos casais, nunca avistados em grupos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes pequenos, girinos, pequenos anfíbios e insetos, que captura através de mergulhos ou de voos rápidos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em cavidades, que podem ser feitas em barrancos, no solo ou em ocos de árvores. No Brasil, nidifica de setembro a abril. Os filhotes são nidícolas, sendo assistidos pelos pais por cerca de 30 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é ainda uma espécie comum em ambientes preservados, e frequentemente passa despercebida por causa do seu tamanho diminuto.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, embora no exterior outras espécies de martim-pescador de pequeno porte sejam mantidas sem grande dificuldade. Alimenta-se de pequenos peixes e insetos, o que representa um desafio ao manejo.

MARTINHO

Chloroceryle aenea

Aves aquáticas mergulhadoras (Coraciiformes: Alcedinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MARTIM-PESCADOR-DA-MATA

Chloroceryle inda

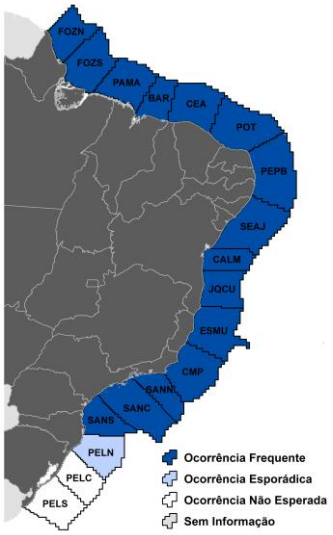
Aves aquáticas mergulhadoras (Coraciiformes: Alcedinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média

Fonte: Glenn Bar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 20 e 25 cm. Massa corpórea variando entre 50 e 60 g. Lembra *C. aenea* , porém muito maior. Cabeça e dorso verde-metálico, garganta e ventre marrons.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita riachos e rios dentro da floresta, mas também ocupa as margens de rios grandes, saindo ao sol aberto. Usa também lagos e lagoas no interior das matas, mas também frequenta os manguezais. Vivem solitários ou aos casais, nunca avistados em grupos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes pequenos, girinos, pequenos anfíbios, insetos, camarões e outros crustáceos, que captura através de mergulhos ou de voos rápidos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em cavidades, que podem ser feitas em barrancos, no solo ou em ocos de árvores. No Brasil, nidifica de julho a abril. Os filhotes são nidícolas, sendo assistidos pelos pais por cerca de 40 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é ainda uma espécie comum em ambientes preservados, e frequentemente passa despercebida por causa do seu tamanho diminuto.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, embora no exterior outras espécies de martim-pescador de pequeno porte sejam mantidas sem grande dificuldade. Alimenta-se de pequenos peixes e insetos, o que representa um desafio ao manejo.

MARTIM-PESCADOR-DA-MATA

Chloroceryle inda

Aves aquáticas mergulhadoras (Coraciiformes: Alcedinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JOÃO-GRANDE

Ciconia maguari

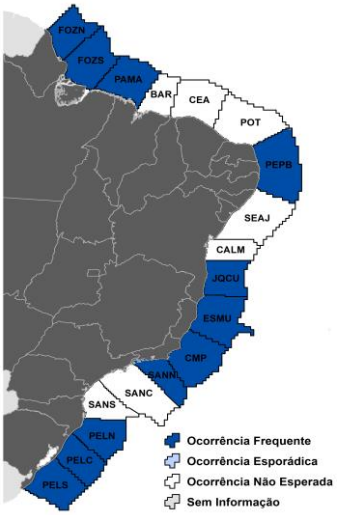
Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Alta	Média	Baixa	Alta	Baixa

Fonte: Cristiano Crolle



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total variando entre um metro e um metro e dez centímetros. Massa corpórea variando entre 3500 e 5000 g. Cegonha facilmente identificável por apresentar os tarsos vermelhos, bico cinza-escuro com a ponta rósea e região facial vermelho-alaranjada. Não pode ser confundido com nenhuma outra espécie neotropical.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Não ocorre em florestas e evita a costa. Prefere brejos, alagados, pântanos e até mesmo pastos alagados, sendo uma ave típica das áreas abertas. Dificilmente se aventura em rios. Vivem solitários ou aos casais, mas no período reprodutivo formam colônias pouco agregadas. Como pode habitar brejos com vegetação alta, não é incomum passarem despercebidos. Voam muito alto, planando durante horas em busca de locais para se alimentar. Ocorre em praticamente todo o Brasil, embora seja muito pontual fora do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, onde é sempre muito facilmente avistada.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de vertebrados de pequeno e médio porte como peixes, cobras, filhotes de jacaré, tartarugas, ovos e filhotes de aves e pequenos mamíferos. Consome também invertebrados, coletados de forma oportunista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma plataforma que pode ser feita no chão ou em árvores pequenas. Formam colônias pouco coesas, e que pode chegar a 20 pares. Bota de dois a quatro ovos, a incubação dura 32 dias e os pais cuidam do filhote por pouco menos de três meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, e as estimativas apontam para cerca de 100.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma cegonha de grande porte, comumente mantida em zoológicos e criadores, embora os registros de reprodução em cativeiro sejam raros. Aceita muito bem o manejo em cativeiro, mas deve-se tomar o máximo de cuidado com o seu bico, que pode provocar ferimentos muito sérios ou mesmo incapacitantes. Deve-se usar óculos reforçados de proteção e tomar muito cuidado ao capturar a ave por causa das pernas, que podem ser facilmente fraturadas.

JOÃO-GRANDE

Ciconia maguari

Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Criticamente em Perigo
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Vulnerável
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TUIUIÚ

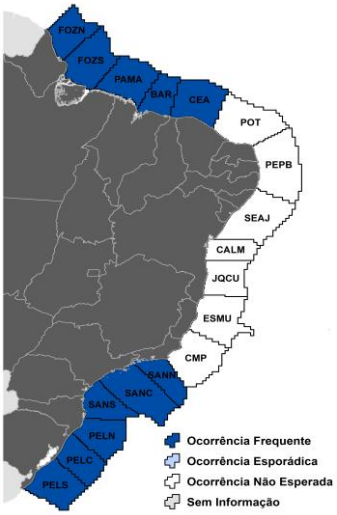
Jabiru mycteria

Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Alta	Média	Baixa	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre um metro e vinte e um metro e cinquenta. Massa corpórea chegando aos oito quilos. Inconfundível, possui plumagem branca, bico e pés negros, base do pescoço vermelha, sem penas, e pescoço e cabeça negros, sem penas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Rara e ocasionalmente se aproxima da costa. Ocorre na borda das florestas, onde encontra árvores altas, matas ciliares, brejos, alagados, pântanos e até mesmo pastos alagados, sendo uma ave muito comum nas áreas abertas. Vivem solitários ou aos casais, mas podem ser vistos às dezenas em lagoas ricas em peixes, especialmente na seca. Chocam aos casais, no alto de árvores altas. Ocorre em praticamente todo o Brasil, exceto em alguns estados da região nordeste. Voa muito alto e pode percorrer enormes distâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de vertebrados de pequeno e médio porte como peixes, cobras, filhotes de jacaré, tartarugas, ovos e filhotes de aves e pequenos mamíferos. Consome também invertebrados como caranguejos, coletados de forma oportunista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma plataforma enorme feita de gravetos e sempre em árvores muito altas. Bota de dois a quatro ovos e os pais cuidam do filhote por quase cinco meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, sendo ainda uma ave muito comum. Apenas no Pantanal foram recentemente estimadas cerca de 7.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma cegonha de grande porte, comumente mantida em zoológicos e criadores, embora os registros de reprodução em cativeiro sejam raros. Aceita muito bem o manejo em cativeiro, mas deve-se tomar o máximo de cuidado com o seu bico, que pode provocar ferimentos muito sérios ou mesmo incapacitantes. Deve-se usar óculos reforçados de proteção e tomar muito cuidado ao capturar a ave por causa das pernas, que podem ser facilmente fraturadas.

TUIUIÚ

Jabiru mycteria

Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CABEÇA-SECA

Mycteria americana

Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Média	Baixa	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 80 cm e um metro. Massa corpórea chegando a até três quilos. Plumagem branca com as rêmiges negras, cabeça e parte do pescoço sem penas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Rara e ocasionalmente se aproxima da costa. Ocorre nas matas ciliares, brejos, alagados, pântanos e até mesmo pastos alagados, sendo uma ave muito comum nas áreas abertas. Vivem em grandes bandos, que podem reunir muitas centenas de aves em lagoas ricas em peixe, especialmente na seca. Ocorre em praticamente todo o Brasil, exceto em alguns estados da região nordeste. Voa muito alto e pode percorrer enormes distâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de vertebrados de pequeno e médio porte como peixes, cobras, filhotes de jacaré, tartarugas, ovos e filhotes de aves e pequenos mamíferos. Consome também invertebrados como caranguejos, coletados de forma oportunista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. Podem formar colônias muito grandes junto com outras aves como biguás e garças, mas também pode se reproduzir aos casais, em buritis. Constrói uma plataforma de gravetos onde até cinco ovos podem ser colocados. A incubação dura cerca de 30 dias, e os cuidados com os filhotes podem durar até quatro meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, sendo ainda uma ave muito comum. As estimativas sugerem pouco menos de 100.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma cegonha de grande porte, comumente mantida em zoológicos e criadores, embora os registros de reprodução em cativeiro sejam raros. Aceita muito bem o manejo em cativeiro, mas deve-se tomar o máximo de cuidado com o seu bico, que pode provocar ferimentos muito sérios ou mesmo incapacitantes. Deve-se usar óculos reforçados de proteção e tomar muito cuidado ao capturar a ave por causa das pernas, que podem ser facilmente fraturadas.

CABEÇA-SECA

Mycteria americana

Aves aquáticas pernaltas (Ciconiiformes: Ciconiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

Projeto de Proteção à Fauna

Acordo de Cooperação Técnica IBAMA / IBP

PICAPARRA

Heliornis fulica

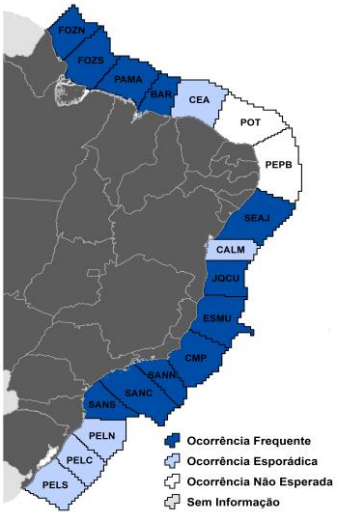
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Heliornithidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Média	Alta	Baixa	Média

Fonte: Luo, Miles K



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 30 e 35 cm. Massa corpórea variando entre 120 e 150 g. Lembra um pequeno pato, mas é facilmente distinguível pelo padrão da cabeça, com o loro, garganta, pescoço e estria superciliar brancas, mancha marrom abaixo do olho (mais discreta nos machos) e pela típica coloração dos pés, amarelo-alaranjado com estrias negras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Vivem solitários ou aos casais (mais frequente) em remansos e lagos calmos, com bastante vegetação no entorno. É uma espécie tímida, que logo de se esconde ao perceber que foi detectada. Não se aproxima da costa e é uma ave típica de rios bem conservados no Brasil.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos peixes, girinos e anfíbios adultos, insetos e outros pequenos invertebrados como crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma pequena plataforma feita com material vegetal, feito um pouco acima da água. Geralmente são colocados dois ovos e muito da sua biologia reprodutiva é ainda desconhecida.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma ave pequena, muito delicada e cujo manejo em cativeiro é desconhecido.

PICAPARRA

Heliornis fulica

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Heliornithidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	▭	▭	▭	▭	▭	▭	▭	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	▭	▭	▭	▭	▭	▭	▭	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	▭	▭	▭	▭	▭	▭	▭	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	▭	▭	▭	▭	▭	▭	▭	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	▭	▭	▭	▭	▭	▭	▭	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ▭ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ▭ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SARACURINHA-DA-MATA

Amaurolimnas concolor

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa

Fonte: Cal Martin

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 20 a 25 cm. Massa corpórea: 150 g. Única saracura em toda a sua distribuição com coloração marrom uniforme, possuindo o bico verde e os pés vermelhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo de forma esparsa em quase todos os estados. Pode ser encontrada em brejos de baixadas no interior ou na borda de florestas. Facilmente detectada pela sua vocalização, emitida no amanhecer do dia ou no começo da noite. Durante o dia é silenciosa, passando despercebida na maioria dos locais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de sementes e de pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie pouco estudada no Brasil, os registros existentes revelam que os ninhos podem ser encontrados já em junho e julho, sendo feitos em forma de taça em meio à vegetação, em baixa altura. São colocados até quatro ovos e os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas da sua população no Brasil, mas não é considerada como ameaçada de extinção no país ou mundialmente. Ainda é relativamente comum e facilmente detectada pela sua voz por observadores treinados. Pode ocorrer em florestas secundárias e restingas, sendo relativamente abundante em algumas localidades.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Saracuras são facilmente mantidas em cativeiro, aceitando prontamente frutas, invertebrados (por exemplo larvas de tenébrio) e sementes. Devem ser mantidas em viveiros com vegetação em que possam se esconder, pois são aves tímidas e que habitam locais escuros ou pouco iluminados. Devem ser mantidas solitariamente, pois não há dimorfismo sexual de plumagem e machos podem brigar entre si.

SARACURINHA-DA-MATA

Amaurolimnas concolor

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SARACURA-TRÊS-POTES

Aramides avicenniae

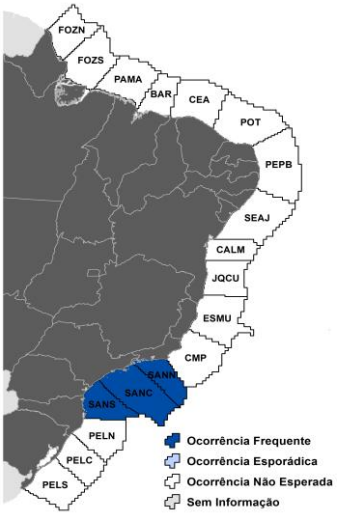
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Média	Média	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 35 a 40 cm. Massa corpórea: 350 a 500 g. Face, pescoço e peito cinza, peito marrom e dorso cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Vivem solitariamente ou, mais frequentemente, em casais. Habitam manguezais em uma restrita área de distribuição no litoral de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos peixes, girinos e anfíbios adultos, insetos e outros pequenos invertebrados. Alimenta-se também de grãos, folhas e brotos, sendo uma espécie muito generalista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma pequena plataforma feita com material vegetal, construída em meio a vegetação. Geralmente são colocados até cinco ovos e os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais, mas não é uma espécie comum em sua área de distribuição.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Deve-se seguir o mesmo manejo proposto para Aramides cajaneus, que são facilmente mantidas em cativeiro, se reproduzindo com facilidade e estando presentes em muitos zoológicos e criadores. São aves razoavelmente mansas, mas as bicadas podem ser fortes. São muito esquivas e fogem com facilidade, podendo fazer voos longos. Aceitam facilmente a alimentação em cativeiro, consumindo ração para aves aquáticas, milho e pequenos animais como neonatos de camundongos.

SARACURA-TRÊS-POTES

Aramides avicenniae

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SARACURA-DO-MANGUE

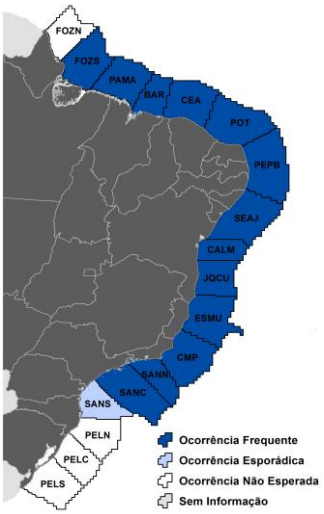
Aramides mangle

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 26 a 30 cm. Massa corpórea: 200 g. Pequena saracura com o bico verde, a base vermelha e a garganta branca.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pode ser encontrada desde o Pará até o Paraná, principalmente na faixa costeira. Entretanto, registros recentes sugerem que a espécie migre para a Caatinga, no nordeste do Brasil. Vivem solitariamente ou aos casais, ocupando principalmente os manguezais (hábitat principal), mas também as restingas ou beiras de lagos e lagoas com vegetação abundante. Não parece ser uma espécie muito exigente, podendo ocorrer em manguezais com algum grau de degradação.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de sementes e de pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Até recentemente era umas das espécies menos conhecidas no Brasil, com poucos registros. A partir da gravação da sua vocalização os registros rapidamente se multiplicaram. Os ninhos são feitos a baixa altura e têm formato de cesta, sendo feito de gravetos. São colocados até cinco ovos brancos com manchas marrons no polo rombo. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas não é considerada ameaçada de extinção no país ou mundialmente. A espécie é relativamente comum em manguezais, especialmente no sudeste e nordeste.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Saracuras são facilmente mantidas em cativeiro, aceitando prontamente frutas, invertebrados (por exemplo larvas de tenébrio) e sementes. Devem ser mantidas em viveiros com vegetação em que possam se esconder, pois são aves tímidas e que habitam locais escuros ou pouco iluminados. Devem ser mantidas solitariamente, pois não há dimorfismo sexual de plumagem e machos podem brigar entre si.

SARACURA-DO-MANGUE

Aramides mangle

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SARACURUÇU

Aramides ypecaha

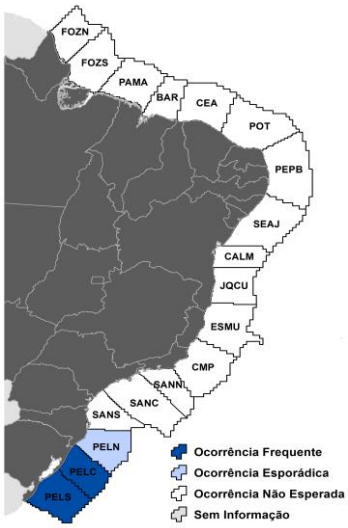
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

Fonte: Cláudio Timm



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 40 a 45 cm. Massa corpórea: 700 a 1000 g. Face, pescoço e peito cinzas e ventre marrom-róseo. Bico verde com a base amarela.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Vivem solitariamente ou, mais frequentemente, em casais. Habitam brejos, pastos úmidos, pântanos, em duas populações disjuntas no sul e centro do Brasil. É uma das poucas saracuras que pode ser vista mais distante da água.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos peixes, girinos e anfíbios adultos, insetos e outros pequenos invertebrados. Alimenta-se também de grãos, folhas e brotos, sendo uma espécie muito generalista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma pequena plataforma feita com material vegetal, construída em meio a vegetação. Geralmente são colocados até cinco ovos e os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais, sendo uma espécie muito comum no centro-sul do Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Deve-se seguir o mesmo manejo proposto para Aramides cajaneus, que são facilmente mantidas em cativeiro, se reproduzindo com facilidade e estando presentes em muitos zoológicos e criadores. São aves razoavelmente mansas, mas as bicadas podem ser fortes. São muito esquivas e fogem com facilidade, podendo fazer voos longos. Aceitam facilmente a alimentação em cativeiro, consumindo ração para aves aquáticas, milho e pequenos animais como neonatos de camundongos.

SARACURUÇU

Aramides ypecaha

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)								●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)								●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)								●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PINTO-D'ÁGUA-CARIJÓ

Coturnicops notatus

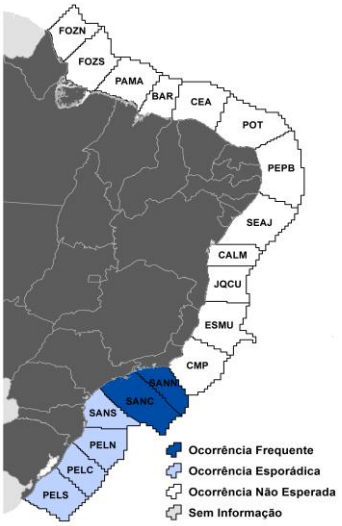
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Baixa

Fonte: Claudio Timm



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 14 cm. Massa corpórea: aprox. 30 g. Plumagem negra com muitas pequenas manchas e estriações brancas. Bico negro, olhos vermelhos e pés verdes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Uma das espécies de aves mais raras e desconhecidas em todo o país. Até muito pouco tempo atrás era conhecida de pouquíssimas localidades no Brasil, sem qualquer estudo sobre a sua biologia. Voz ainda desconhecida. O hábitat preferencial ainda é desconhecido, mas já foi registrada em arrozais e em brejos com alguma salinidade. Parece ser solitária.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se sementes e de pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Muito pouco conhecida. Indivíduos com gônadas sugerindo estado reprodutivo foram coletados em dezembro no Brasil.

POPULAÇÃO

Desconhecida, mas não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Foi mantida em cativeiro apenas uma vez em um criador em Taubaté, SP. Revelou-se uma espécie muito dócil, aceitando sementes de alpiste rapidamente após a captura. Não oferece qualquer risco ao manejo, e deve ser mantida em recintos com abundante vegetação no solo, onde se esconde e fica sempre nas áreas mais escuras.

PINTO-D'ÁGUA-CARIJÓ

Coturnicops notatus

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)								●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)								●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)								●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)								●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CARQUEJA-DE-BICO-MANCHADO

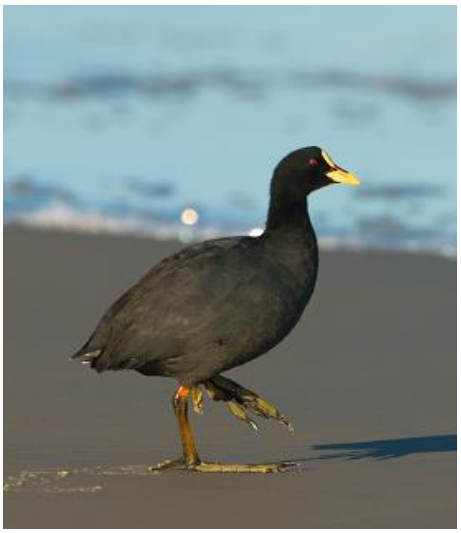
Fulica armillata

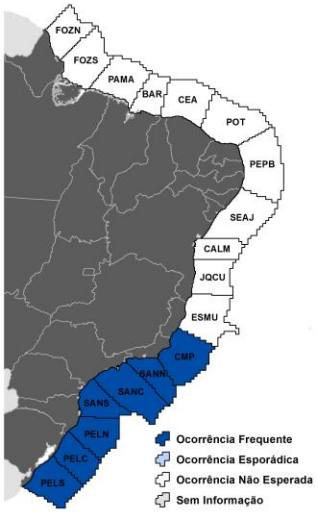
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Média	Média	Baixa





IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 45 a 50 cm. Massa corpórea: aprox. 700 g. Plumagem cinza escura, com o escudo frontal amarelo-limão e distinta marca vermelha na base do bico.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita lagos, lagoas com abundante vegetação aquática, brejos e áreas pantanosas, ocorrendo junto com as outras espécies do gênero. Pode frequentar áreas com água salobra. Vivem aos casais ou em pequenos grupos familiares, mas em áreas maiores podem ser vistas dezenas de aves.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se folhas e brotos. Pode consumir vegetação submersa, ocasionalmente consumindo também pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil, reproduz-se a partir de setembro. Os casais se isolam e constroem uma plataforma (que pode ser flutuante ou não) onde a fêmea bota até oito ovos. Os filhotes são nidífugos, seguindo os pais logo após o nascimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas é uma espécie abundante e que parece estar expandindo a sua distribuição.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Raramente mantida em cativeiro, com poucos registros em criadores. De maneira geral, saracuras são facilmente mantidas em cativeiro, aceitando rapidamente frutas, alimentos vivos (por exemplo, larvas de tenébrio) e sementes. Devem ser mantidas em viveiros com vegetação, aonde podem se esconder, pois são aves tímidas e que habitam locais escuros ou pouco iluminados. Devem ser mantidas solitariamente, pois não há dimorfismo sexual de plumagem e machos podem brigar entre si.

CARQUEJA-DE-BICO-MANCHADO

Fulica armillata

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FRANGO-D'ÁGUA-CARIJÓ

Gallinula melanops

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Média	Média	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 25 e 30 cm. Massa corpórea em torno de 150 g. Frango d'água com a face e o pescoço cinza, bico verde, flancos marcados de branco sobre fundo marrom-claro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A sua biologia é pouco conhecida, são vistos principalmente solitários ou aos casais. Evitam estuários ou águas salinas, sendo incomuns em lagos, lagoas e represas com abundante vegetação flutuante ou na margem, onde se esconde. É uma espécie tímida, sendo razoavelmente comum nos banhados da região sul.

ALIMENTAÇÃO

Pouco conhecida, mas deve se alimentar de folhas, brotos, sementes e pequenos vertebrados e invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro, construindo uma pequena plataforma flutuante próxima à margem. São colocados entre quatro e oito ovos e os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, mas o seu manejo não deve diferir muito daquele das saracuras e frangos d'água.

FRANGO-D'ÁGUA-CARIJÓ

Gallinula melanops

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SANÃ-DO-CAPIM

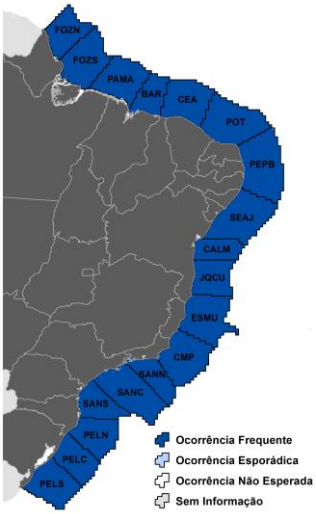
Laterallus exilis

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 15 cm. Massa corpórea: 30 a 40 g. Saracura muito pequena, com a face e pescoço cinzas e uma distinta mancha castanho-amarronzada na porção dorsal do pescoço.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A sua biologia é pouco conhecida, é uma espécie tímida e elusiva, que vive em meio a vegetação de beira d'água, sempre solitários ou em pares. Habita banhados, brejos, campos alagados, lagoas, se aproximando bastante da costa. Dificilmente observada, mais detectada pela vocalização, sendo mais comum do que aparenta.

ALIMENTAÇÃO

Pouco conhecida, mas deve se alimentar de folhas, grãos, brotos, sementes e pequenos invertebrados

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro, construindo um ninho esférico de capim, onde são colocados no máximo três ovos. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, mas o seu manejo não deve diferir muito daquele das saracuras e frangos d'água. Os pintos d'água aceitam bem o cativeiro, não sendo de difícil manutenção.

SANÃ-DO-CAPIM

Laterallus exilis

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TURU-TURU

Neocrex erythrops

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Alta	Baixa	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de entre 15 e 20 cm. Massa corpórea entre 60 e 70 g. Pequeno frango d'água com a face, pescoço e peito cinza, dorso marrom-claro. Bico verde com a base vermelha.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Dificilmente avistada em campo, sendo uma das espécies de ralídeos mais tímidas e elusivas. Habitam uma grande variedade de ambientes aquáticos e alagados, incluindo campos de arroz e pastagens alagadas, desde que contem com abundante vegetação no entorno. Vivem solitários ou aos casais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de folhas, grãos, brotos, sementes e pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro, construindo um ninho em forma de plataforma feito de capim, onde são colocados no máximo sete ovos, incubados por 25 dias. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais. Conta com relativamente poucos registros no Brasil, ocorrendo pontualmente em boa parte do país.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, mas deve seguir o mesmo padrão de manejo para os frangos e pintos d'água.

TURU-TURU

Neocrex erythrops

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)								●	●	●	●	●
Potiguar (POT)								●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)								●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)								●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)								●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)								●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)								●	●	●	●	●
Campos (CMP)								●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)								●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SANÃ-AMARELA

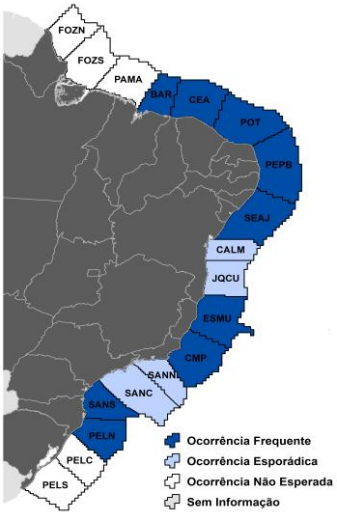
Porzana flaviventer

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa

Fonte: Luis Sousa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 10 a 15 cm. Massa corpórea em torno de 30 g. Diminuta espécie de pinto d'água caracterizada por apresentar uma bem definida estria superciliar branca e os flancos estriados de branco e negro. Tarsos amarelo-amarronzados.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie muito pouco conhecida no Brasil, de pequeno porte e muito elusiva, contando com poucos registros. Vive solitária ou em pares, e prefere lagos, lagoas, brejos e pântanos bem conservados e com abundante vegetação flutuante e no entorno. Uma das espécies de *Rallidae* menos conhecida no Brasil.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de grãos e insetos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é construído em meio a vegetação aquática. Podem ser colocados até sete ovos. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais. De ocorrência pontual no Brasil, sendo difícil de ser localizada.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, e o seu manejo é desconhecido.

SANÃ-AMARELA

Porzana flaviventer

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	▒	▒	▒	▒	▒	▒	▒	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	▒	▒	▒	▒	▒	▒	▒	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	▒	▒	▒	▒	▒	▒	▒	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	▒	▒	▒	▒	▒	▒	▒	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ▒ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ▒ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SANÃ-CINZA

Porzana spiloptera

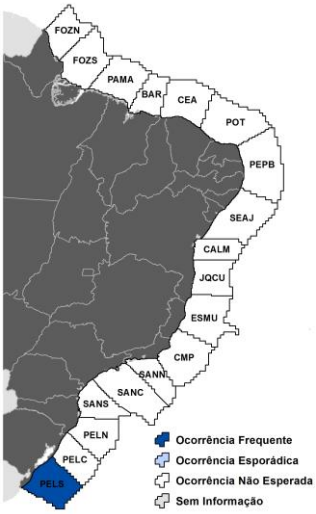
Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Alta	Média	Baixa

Fonte: Alan Tate



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 15 cm. Massa corpórea: aprox. 80 g. Vagamente semelhante a *Coturnicops notatus* e *Laterallus jamaicensis* , diferindo pelo contraste da plumagem ventral cinza-escuro com o dorso, marrom com penas negras. As asas possuem pintas brancas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

No Brasil ocorre apenas no Rio Grande do Sul, embora de forma pontual. Os poucos registros foram feitos em pântanos, marismas, brejos e até mesmo em pastos alagados, desde que haja proximidade de abundante vegetação aquática. Espécie que pode passar despercebida na maioria dos locais, é mais facilmente detectada por sua vocalização.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se sementes, pequenos invertebrados e ocasionalmente vegetais.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Uma das espécies menos conhecidas no país.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, e globalmente estima-se que seja inferior a 15.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie nunca foi mantida em cativeiro. Saracuras são facilmente mantidas em cativeiro, aceitando rapidamente frutas, alimentos vivos (por exemplo, larvas de tenébrio) e sementes. Devem ser mantidas em viveiros com vegetação, aonde podem se esconder, pois são aves tímidas e que habitam locais escuros ou pouco iluminados. Devem ser mantidas solitariamente, pois não há dimorfismo sexual de plumagem e machos podem brigar entre si.

SANÃ-CINZA

Porzana spiloptera

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- □ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SARACURA-MATRACA

Rallus longirostris

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa

Fonte: Vincent Rufray

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 30 cm. Massa corpórea entre 250 e 350 g. Espécie de saracura de médio porte, com os tarsos róseos, bem como a base da mandíbula. Flancos barrados de branco e negro, garganta branca, pescoço e ventre marrom-claro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a costa, ocorrendo em manguezais e estuários, onde é uma espécie comum, ocorrendo até em manguezais dentro de cidades. Vivem aos casais, sendo mais facilmente detectadas pela vocalização. Pode ocorrer em lagos de água doce, desde que próximos ao mar e ricos em vegetação ribeirinha.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se pequenos peixes, caranguejos, camarões e moluscos. Também consome insetos, sementes, frutos caídos, folhas e brotos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre agosto e dezembro. O ninho é uma pequena plataforma de gravetos, construído no solo do mangue ou em meio a vegetação. Podem ser colocados até sete ovos. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, mas não existem estimativas populacionais. Ocorre em toda a costa brasileira, sendo abundante no Ceará, por exemplo.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, mas o seu manejo deve seguir o proposto para as saracuras em geral. Por se tratar de uma espécie generalista, deve ser bastante resistente ao cativeiro.

SARACURA-MATRACA

Rallus longirostris

Aves aquáticas pernaltas (Gruiformes: Rallidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SOCÓ-BOI-BAIO

Botaurus pinnatus

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Alta	Alta	Baixa

Fonte: Audubon and Cornell Lab Of Ornithology

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 65 e 75 cm. Massa corpórea variando entre 600 e 800 g. Lembra o juvenil de *Tigrisoma lineatum* . Bico marrom-esverdeado ou amarelado, da mesma cor dor tarsos. Garganta branca, pescoço e ventre com estrias marrons sob fundo branco. Dorso com estrias negras e marrons.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Garça pouco conhecida, ocupando especialmente banhados e arrozais. Frequenta estuários e outros locais com vegetação abundante, onde se camufla muito bem. Geralmente solitária, se reunindo aos pares no período reprodutivo. Passa muito tempo imóvel, no meio da vegetação, sendo de difícil detecção

ALIMENTAÇÃO

Pouco conhecida, mas inclui peixes, anfíbios, répteis e pequenos mamíferos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre novembro e abril. O ninho é uma plataforma de material vegetal, onde até três ovos são colocados. A incubação dura cerca de 25 dias e os filhotes, nidícolas, deixam o ninho 22 dias depois de nascidos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas, e é uma espécie incomum, ocorrendo pontualmente em quase todo o Brasil, com exceção de alguns estados amazônicos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua presença em cativeiro. As garças em geral são aves resistentes, aceitando peixes e carne moída misturada à ração. Deve-se tomar muito cuidado com o bico, que pode provocar ferimentos graves ou mesmo incapacitantes. A contenção deve ser feita com todas as precauções possíveis para evitar ferimentos no profissional e na ave e óculos resistentes devem ser utilizados em todas as ocasiões em que as aves forem manejadas.

SOCÓ-BOI-BAIO

Botaurus pinnatus

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●							●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●							●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●							●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●							●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●							●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●							●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●							●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●							●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●							●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●							●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●							●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●							●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●							●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●							●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●							●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●							●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●							●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●							●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ARAPAPÁ

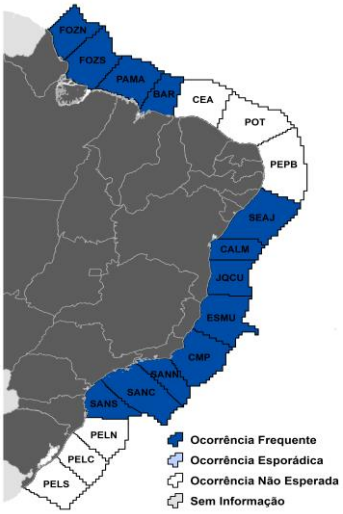
Cochlearius cochlearius

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Média	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 650 e 750 g. Bico muito largo. Alto da cabeça negra, dorso e asas cinza, face e peito cinza-claros ou brancos, ventre marrom.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Garça noturna de bico inconfundível. Geralmente encontrada solitária à beira de rios, córregos e riachos. Também ocorre em igarapés, várzeas, lagos e lagoas, sempre com bastante vegetação no entorno. Não se expõe em áreas abertas. Pode ocorrer em estuários, mangues e lagos próximos à costa. Durante o dia fica empoleirada em locais sombrios.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, anfíbios e de pequenos invertebrados, como crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre agosto e dezembro. O ninho é uma plataforma simples, feita de gravetos. Nidifica aos casais ou pode também formar pequenas colônias. A postura pode chegar a quatro ovos, incubados por cerca de 29 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas, porém considerada uma espécie abundante no Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro, mas deve seguir o mesmo manejo sugerido para as garças.

ARAPAPÁ

Cochlearius cochlearius

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	■	■	■	■	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ■ Ocorrência irregular/esporádica
- ■ Ocorrência não esperada
- ■ Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SOCOÍ-VERMELHO

Ixobrychus exilis

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 30 e 35 cm. Massa corpórea entre 50 e 90 g. Espécie de pequeno porte, bico amarelo-alaranjado, tarsos verde-oliváceos, laterais do pescoço marrom-avermelhadas, apresenta uma distinta marca amarelo-dourado nas asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pequeno socó que habita uma grande gama de ambientes aquáticos, que vão desde banhados e alagados, lagoas, lagos, beiras de rios, remansos até manguezais, estuários e lagoas próximas à costa, sempre em locais com rica vegetação ribeirinha. Vivem solitários ou aos casais, e dificilmente são detectados, podendo ser mais comuns do que os registros atuais indicam.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, insetos, anfíbios e pequenos répteis.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre agosto e fevereiro. Pode chocar sozinho ou formar pequenas colônias, que ficam bem escondidas em meio à vegetação aquática. O ninho é uma plataforma muito simples, feita em meio a vegetação. A fêmea bota no máximo quatro ovos, incubados durante 20 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas e os seus hábitos dificultam muito a sua detecção e estimativas populacionais, mas não parece ser particularmente ameaçado.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há registros da sua manutenção em cativeiro no Brasil. Entretanto, deve seguir o mesmo padrão das demais garças, sendo mantida em cativeiro com a alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. Deve-se tomar muito cuidado com o bico, que pode provocar ferimentos graves ou mesmo incapacitantes. A contenção deve ser feita com todas as precauções possíveis para evitar ferimentos no profissional e na ave e óculos resistentes devem ser utilizados em todas as ocasiões em que as aves forem manejadas.

SOCOÍ-VERMELHO

Ixobrychus exilis

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●						●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●						●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●						●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●						●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●						●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●						●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●						●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●						●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●						●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SOCOÍ-AMARELO

Ixobrychus involucris

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 30 e 35 cm. Massa corpórea entre 50 e 100 g. Bico amarelo-alaranjado, tarsos verde-oliváceos. Estrias negras por toda a região dorsal, restante da plumagem marrom-amarelada.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pequeno socó menos conhecido do que *I. exilis* e que habita uma diversidade menor de ambientes aquáticos, ocupando lagoas, lagos e arrozais, sempre em locais com rica vegetação ribeirinha. Vivem solitários ou aos casais, e dificilmente são detectados, podendo ser mais comuns do que os registros atuais indicam.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, insetos, anfíbios e pequenos répteis.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre agosto e fevereiro. Não formam colônias, chocando de forma solitária. O ninho é uma plataforma muito simples, feita em meio à vegetação.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas e os seus hábitos dificultam muito a sua detecção e estimativas populacionais, mas não parece ser particularmente ameaçado.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há registros da sua manutenção em cativeiro no Brasil. Entretanto, deve seguir o mesmo padrão das demais garças, sendo mantida em cativeiro com a alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. Deve-se tomar muito cuidado com o bico, que pode provocar ferimentos graves ou mesmo incapacitantes. A contenção deve ser feita com todas as precauções possíveis para evitar ferimentos no profissional e na ave e óculos resistentes devem ser utilizados em todas as ocasiões em que as aves forem manejadas.

SOCOÍ-AMARELO

Ixobrychus involucris

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●						●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●						●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●						●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●						●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●						●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●						●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●						●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SAVACU-DE-COROA

Nyctanassa violacea

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Alta	Alta	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 60 e 70 cm. Massa corpórea entre 650 e 800 g. Lembra remotamente *Nycticorax nycticorax* ou *Cochlearius cochlearius* , deles se diferindo por apresentar uma máscara negra inconfundível, olhos vermelho-alaranjados, bico negro, tarsos verde-oliváceos. Plumagem predominantemente cinza-ardósia.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Típica dos manguezais e estuários, eventualmente ocorrendo também em águas interiores, em lagoas e lagos. Podem ser vistas solitárias ou em pequenos grupos. É discreta, podendo passar despercebida nas margens.

ALIMENTAÇÃO

Alimentação especializada em crustáceos, consumindo uma grande quantidade destes animais em sua dieta. Alimenta-se também de insetos, pequenos peixes, anfíbios e pequenos mamíferos e aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre setembro e fevereiro. Podem chocar sozinhas ou em colônias numerosas, que podem incluir também outras espécies. O ninho é uma plataforma muito simples, feita com gravetos no meio das árvores. A fêmea pode botar até oito ovos, incubados durante 25 dias. Os filhotes são cuidados pelos pais por cerca de três meses.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há registros da sua manutenção em cativeiro no Brasil. Entretanto, deve seguir o mesmo padrão das demais garças, sendo mantida em cativeiro com a alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. Deve-se tomar muito cuidado com o bico, que pode provocar ferimentos graves ou mesmo incapacitantes. A contenção deve ser feita com todas as precauções possíveis para evitar ferimentos no profissional e na ave e óculos resistentes devem ser utilizados em todas as ocasiões em que as aves forem manejadas.

SAVACU-DE-COROA

Nyctanassa violacea

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GARÇA-REAL

Pilherodius pileatus

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Alta	Média	Alta	Alta	Baixa

Fonte: Larry Thompson

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea entre 500 e 600 g. Bico azulado com a ponta rósea, alto da cabeça negra, restante da plumagem branco-acinzentada, com a região do pescoço e ventre tornando-se mais amarelada no período reprodutivo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuída pelo Brasil, prefere regiões alagadas próximas a florestas ou áreas ricas em vegetação. Habita pântanos, rios dentro de florestas, brejos extensos, lagos e alagados, ocasionalmente se aventurando em lagoas temporárias. Costuma frequentar estuários e manguezais, onde é muito discreta. Vive aos casais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente peixes, girinos e anfíbios adultos, e menos comum em sua dieta alimentar, ovos e filhotes de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se tipicamente entre setembro e fevereiro. Sua biologia reprodutiva é muito pouco conhecida, e os poucos ninhos descritos são de indivíduos solitários, em meio a densa vegetação.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas, mas é ainda uma espécie muito comum e que tem ampliado a sua distribuição em vários dos biomas brasileiros, sem qualquer indicativo de declínio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Raramente mantida em cativeiro no Brasil, recebendo alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. Deve-se tomar muito cuidado com o bico, que pode provocar ferimentos graves ou mesmo incapacitantes. A contenção deve ser feita com todas as precauções possíveis para evitar ferimentos no profissional e na ave e óculos resistentes devem ser utilizados em todas as ocasiões em que as aves forem manejadas.

GARÇA-REAL

Pilherodius pileatus

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SOCÓ-BOI-ESCURO

Tigrisoma fasciatum

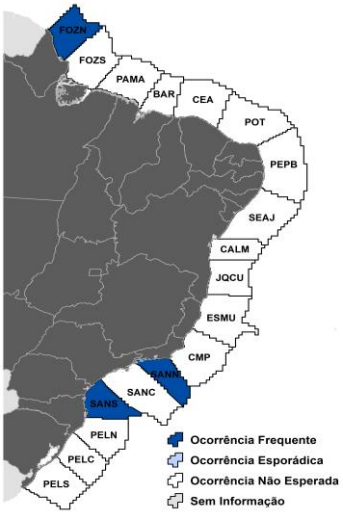
Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Alta	Média	Alta	Alta	Baixa

Fonte: Mike Danzenbaker



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 65 e 70 cm. Massa corpórea entre 700 e 900 g. Muito similar a *T. lineatum* , sendo menor (especialmente os tarsos) e mais escura, com estrias claras mais finas por todo o corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Uma das garças mais raras e menos conhecidas do Brasil, considerada como típica habitante de rios encachoeirados e de águas rápidas, cercados de floresta. Nunca se aproxima da costa ou utiliza ambientes salinizados. Solitária, conta com pouquíssimos registros no Brasil, e muito pouco se sabe sobre os seus hábitos e a sua biologia em geral.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e pequenos anfíbios.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Sua reprodução, segundo bibliografia, ocorre entre setembro e fevereiro.

POPULAÇÃO

Desconhecida. Uma das aves menos conhecidas do Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro, e é rara até mesmo em museus. Caso alguma seja recuperada, deve-se seguir os mesmos procedimentos generalizados para as garças.

SOCÓ-BOI-ESCURO

Tigrisoma fasciatum

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Ardeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Menor Preocupação
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Em Perigo
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Em Perigo
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GUARÁ

Eudocimus ruber

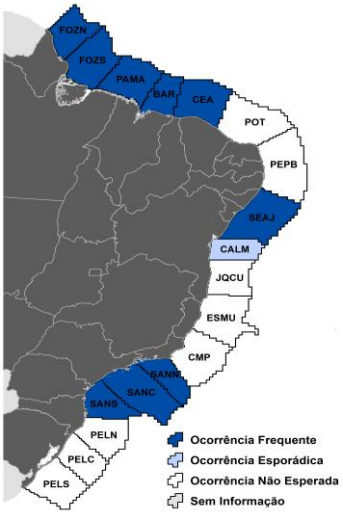
Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: John C. Avise



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 55 e 60 cm. Massa corpórea entre 400 e 600 g. Apresenta plumagem vermelho-carmim. O bico, no período reprodutivo, é negro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Típica ave dos mangues e estuários, ocorrendo naturalmente do Amapá ao Ceará, com populações introduzidas ampliando a sua distribuição na Bahia, Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, onde estavam extintas. Usa bancos de lodo expostos na maré baixa. Vivem em grandes bandos, que podem reunir mais de 100 aves, que também usam dormitórios coletivos e nidificam em colônias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de crustáceos (caranguejos e camarões) e moluscos. Alimenta-se também de poliquetas e pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre agosto e fevereiro, em grandes colônias que podem reunir mais de 5.000 aves. O ninho é uma plataforma simples, feita com gravetos, onde a fêmea coloca até três ovos. Os filhotes permanecem sendo cuidados pelos pais por aproximadamente três meses.

POPULAÇÃO

População global estimada em 150.000 aves. No Brasil as estimativas superam as 20.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantida em cativeiro, recebendo alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. É uma ave muito resistente e rústica, reproduzindo-se com facilidade. Dificilmente pode causar algum ferimento a quem as maneja, mas recomenda-se cuidado na captura e o uso de óculos de proteção.

GUARÁ

Eudocimus ruber

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●						●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●						●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●						●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●						●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●						●	●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●						●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●						●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Criticamente em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

COROCORÓ

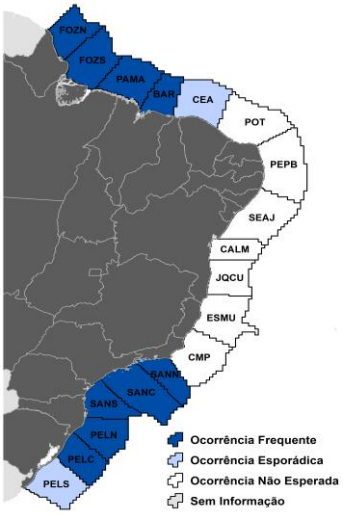
Mesembrinibis cayennensis

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea entre 700 e 800 g. Plumagem negra-esverdeada, com penas verdes metálicas na porção dorsal do pescoço e bico negro levemente curvado.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita áreas alagadas, beiras de rios, brejos, pântanos, arrozais, lagos, lagoas e outros locais desde que com vegetação nativa no entorno. Também ocorre em estuários e manguezais. Podem ser vistos solitários ou em pequenos grupos de até cinco, seis aves. São muito vocais, sendo mais facilmente detectados pela vocalização.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de insetos, vermes, moluscos e crustáceos, eventualmente se alimentando também de peixes pequenos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre agosto e fevereiro e não forma colônias. O ninho é uma plataforma de gravetos, onde a fêmea coloca até quatro ovos.

POPULAÇÃO

População global estimada em mais de 50.000 aves. Parece estar ampliando a sua distribuição.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantida em cativeiro, recebendo alimentação à base de peixes e carne moída misturada à ração. É uma ave muito resistente e rústica, reproduzindo-se com facilidade. Dificilmente pode causar algum ferimento a quem as maneja, mas recomenda-se cuidado na captura e o uso de óculos de proteção.

COROCORÓ

Mesembrinibis cayennensis

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●						●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●						●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●						●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●						●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●						●	●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●						●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-PRETO

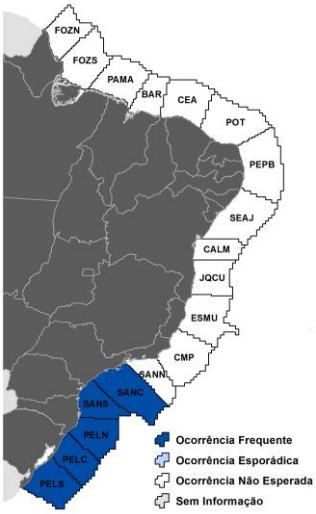
Plegadis chihi

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Alta	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 45 a 65 cm. Massa corpórea: 500 a 700 g. Bico marrom-avermelhado e pés vermelho-amarronzados. Plumagem marrom-acastanhada, com verde e púrpura metálicos nas asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita uma grande variedade de habitats, incluindo pastos úmidos ou semi-alagados, lagos, beira de lagoas, brejos e arrozais, sendo bastante associado a corpos d'água doce. Podem ser vistos mais comumente aos casais ou em pequenos grupos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se sementes e de pequenos invertebrados, e sua dieta também inclui pequenos peixes e anfíbios de forma oportunista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Começa a se reproduzir a partir de setembro no Brasil. É uma espécie colonial, como muitas das íbis brasileiras. Pode se associar com outras espécies, como biguás e garças. Constrói uma pequena plataforma de galhos, onde a fêmea deposita até cinco ovos. Os filhotes são nidícolas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, e sua população mundial é estimada em um milhão de indivíduos. Parece estar se expandindo do sul do Brasil para o norte.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

As íbis, em geral, podem ser mantidas sem grande dificuldade em cativeiro. Entretanto, desconhece-se o manejo dessa espécie em cativeiro no Brasil. Sugere-se seguir o mesmo manejo para as curicacas (Theristicus caudatus), já que essa espécie é menos ligada à água do que o guará. Não oferecem risco durante o manuseio, e recomenda-se cuidado com o bico, asas e tarsos, que são frágeis.

MAÇARICO-PRETO

Plegadis chihi

Aves aquáticas pernaltas (Pelecaniformes: Threskiornithidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FLAMINGO-GRANDE-DOS-ANDES

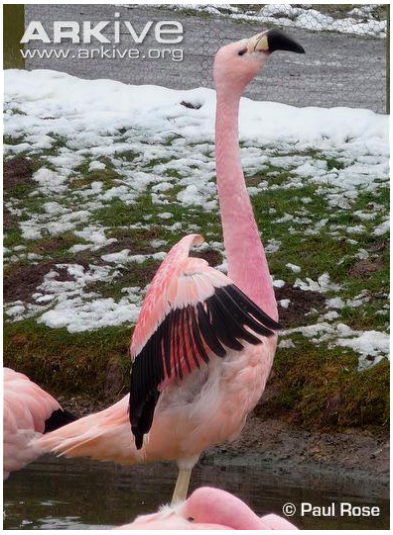
Phoenicoparrus andinus

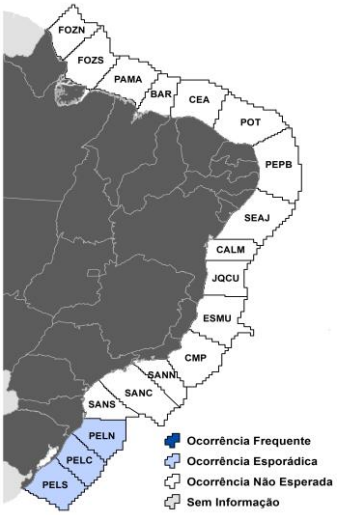
Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa





IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 100 a 110 cm. Massa corpórea: 2.0 a 2.4 kg. Base do bico amarelo com a ponta negra. Pernas amarelas e plumagem rósea, variando de intensidade dependendo da região do corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita lagos salgados andinos a grandes altitudes. Vivem em grandes bandos, que podem congregar centenas de indivíduos. No Brasil, um pequeno grupo aparece com regularidade em bancos de lama na costa de Santa Catarina. Um indivíduo vagante foi coletado no Amazonas.

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, especialmente crustáceos, e ocasionalmente material vegetal.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um ninho muito característico, em forma de torre, onde a fêmea deposita um único ovo. Nidifica em grandes colônias e os filhotes são nidícolas. A incubação dura em torno de 30 dias.

POPULAÇÃO

É uma espécie vagante no Brasil, com pouquíssimos registros confiáveis. Não se reproduz no nosso país e nem possui movimentos migratórios ou regulares para o Brasil. Sua população global é estimada em aproximadamente 39.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, e são encontrados em alguns zoológicos nos Estados Unidos e Europa, onde se reproduzem. Flamingos são aves resistentes, facilmente mantidas em cativeiro, ao qual se adaptam com muita facilidade, reproduzindo-se sem grandes problemas. Devem ser alimentados com rações específicas. O manejo deve ser feito com muito cuidado pois podem fraturar as pernas com facilidade e as bicadas podem causar ferimentos.

FLAMINGO-GRANDE-DOS-ANDES

Phoenicoparrus andinus

Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FLAMINGO-DA-PUMA

Phoenicoparrus jamesi

Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 90 cm. Massa corpórea: aprox. 2.0 kg. Bico amarelo com a ponta negra. Loro e pés vermelhos, penas vermelhas no peito e dorso, plumagem rósea.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita lagos salgados andinos a grandes altitudes. Vivem em grandes bandos, que podem congregar milhares de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, especialmente crustáceos, e ocasionalmente material vegetal.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um ninho muito característico, em forma de torre, onde a fêmea deposita um único ovo. Nidifica em grandes colônias e os filhotes são nidícolas. A incubação dura em torno de 30 dias.

POPULAÇÃO

É uma espécie vagante no Brasil, com pouquíssimos registros confiáveis. Não se reproduz no nosso país e nem possui movimentos migratórios ou regulares para o Brasil. Sua população global é estimada em cerca de 105.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, e são encontrados em alguns zoológicos nos Estados Unidos e Europa, onde se reproduzem. Flamingos são aves resistentes, facilmente mantidas em cativeiro, ao qual se adaptam com muita facilidade, reproduzindo-se sem grandes problemas. Devem ser alimentados com rações específicas. O manejo deve ser feito com muito cuidado pois podem fraturar as pernas com facilidade e as bicadas podem causar ferimentos.

FLAMINGO-DA-PUMA

Phoenicoparrus jamesi

Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FLAMINGO-CHILENO

Phoenicopterus chilensis

Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 100 cm. Massa corpórea: aprox. 2.3 kg. Bico rosa claro, ponta negra. Pés vermelhos e tarsos amarelo-esverdeados.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habitam bancos de lodo na costa, estuários, bordas do mangue e lagoas salinas. Vivem em grandes bandos, que podem congregar centenas de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Invertebrados, especialmente crustáceos, e ocasionalmente pequenos peixes e material vegetal.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um ninho muito característico, em forma de torre, onde a fêmea deposita um único ovo. Nidifica em grandes colônias e os filhotes são nidícolas. A incubação dura em torno de 30 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas ainda é relativamente comum e os censos mundiais sugerem uma população em torno de 300.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

São aves resistentes, facilmente mantidas em cativeiro, ao qual se adaptam com muita facilidade, reproduzindo-se sem grandes problemas. Devem ser alimentados com rações específicas. O manejo deve ser feito com muito cuidado pois podem fraturar as pernas com facilidade e as bicadas podem causar ferimentos.

FLAMINGO-CHILENO

Phoenicopterus chilensis

Aves aquáticas pernaltas (Phoenicopteriformes: Phoenicopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BATUIRUÇU

Pluvialis dominica

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 25 e 30 cm. Massa corpórea variando de 120 a 200 g. Em plumagem reprodutiva possui a face, pescoço e ventre negros. A plumagem de descanso é basicamente cinza, e os indivíduos possuem uma extensa estria superciliar branca. Superfície inferior das asas cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

As populações migratórias são vistas, no Brasil, tanto em águas interiores quanto na costa. Geralmente chegam em pequenos grupos, mas podem se congregar aos milhares especialmente na região sul. É muito comum em lagos, lagoas, brejos e campos inundados, além de ocorrer também nas praias, restingas, estuários e manguezais. Tolera razoavelmente bem ambientes alterados.

ALIMENTAÇÃO

Consome uma grande variedade de insetos de pequeno porte, além de invertebrados como moluscos, poliquetas e crustáceos. O consumo de sementes e folhas já foi reportado, embora não seja uma parte importante da dieta.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória. Nidifica na tundra, na América do Norte, e os primeiros indivíduos chegam ao Brasil em agosto; em setembro já estão no Mato Grosso do Sul, por exemplo. Começam a retornar em fevereiro, mas alguns indivíduos podem permanecer no Brasil durante o ano todo.

POPULAÇÃO

As estimativas apontam para cerca de 50.000 indivíduos, sem sinal de declínio. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de aves insetívoras é muito pouco desenvolvido no Brasil, e esta espécie nunca foi reportada em cativeiro. Não existem registros de reabilitação desta espécie, e há uma grande carência dos profissionais brasileiros em lidar com aves insetívoras ou com dieta especializada. Não há registros desta espécie em zoológicos ou criadores.

BATUIRUÇU

Pluvialis dominica

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BATUIRUÇU-DE-AXILA-PRETA

Pluvialis squatarola

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 25 e 30 cm. Massa corpórea variando de 170 a 300 g. Face, peito e ventre negros, separados do dorso cinza por uma extensa faixa branca que vai da cabeça até os flancos. Distingue-se facilmente de *P. dominica* por apresentar a superfície inferior das asas negras. A plumagem de descanso também é similar, mas a linha superciliar é menos evidente.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória que, ao contrário de *P. dominica* , não ocupa águas interiores, se limitando à costa. Pode se congregar aos milhares em praias ou em bancos de areia. Ocupa praias e restingas e, eventualmente, estuários e manguezais.

ALIMENTAÇÃO

Consome uma grande variedade de insetos de pequeno porte, além de invertebrados como moluscos, poliquetas e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na tundra, sendo espécie migratória no Brasil. As primeiras aves começam a chegar à costa brasileira em agosto, e permanecem aqui até o final de fevereiro. Entretanto, algumas aves não migram, e indivíduos isolados podem ser vistos durante todo o ano.

POPULAÇÃO

As estimativas globais indicam um número total de 170.000 indivíduos. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de aves insetívoras é muito pouco desenvolvido no Brasil, e esta espécie nunca foi reportada em cativeiro. Não existem registros de reabilitação desta espécie, e há uma grande carência dos profissionais brasileiros em lidar com aves insetívoras ou com dieta especializada. Não há registros desta espécie em zoológicos ou criadores.

BATUIRUÇU-DE-AXILA-PRETA

Pluvialis squatarola

Aves limícolas (Charadriiformes: Charadriidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PIRU-PIRU

Haematopus palliatus

Aves limícolas (Charadriiformes: Haematopodidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 45 cm. Massa corpórea variando entre 500 e 700 g. Anel perioftálmico vermelho, olhos amarelos, bico longo e vermelho e pés rosados. Cabeça e pescoço negros, ventre branco. Única espécie com este padrão e morfologia no Brasil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a costa, ocorrendo em praias e restingas, bem como no costão e ocasionalmente nos estuários e manguezais. Comumente visto solitário ou aos casais, mas podem congregar-se em dezenas de invidíduos fora do período reprodutivo. Não ocorre em águas interiores.

ALIMENTAÇÃO

Bastante especializado em moluscos como ostras e mexilhões, que abre usando o bico com habilidade. Também consome poliquetas e crustáceos, embora em pequenas quantidades.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre entre agosto e fevereiro. O ninho é uma simples depressão na areia, aonde a fêmea coloca até três ovos. A incubação dura cerca de um mês e o filhote, nidífugo, permanece com os pais por cerca de 45 dias.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie, que não é considerada como ameaçada de extinção. Entretanto, sofre com alterações nas praias e dunas onde ocorre.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Ave facilmente mantida em cativeiro, onde pode ser abrigada em pequenos grupos. Alimenta-se, em cativeiro, de carne moída com ração. Não há registros da sua reprodução em cativeiro. Não necessita de água nas proximidades para ser mantida em viveiros.

PIRU-PIRU

Haematopus palliatus

Aves limícolas (Charadriiformes: Haematopodidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●						●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●						●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●						●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●						●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●						●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●						●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●						●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●						●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●						●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●						●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●						●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●						●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●						●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●						●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

NARCEJA-DE-BICO-TORTO

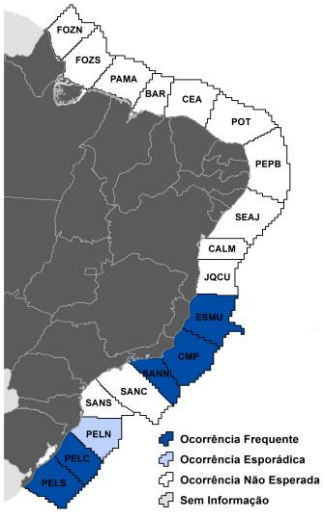
Nycticryphes semicollaris

Aves limícolas (Charadriiformes: Rostratulidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 19 a 22 cm. Massa corpórea: 60 a 90 g. Inconfundível por apresentar o bico longo e curvado, de cor verde-olivácea, como a cor das pernas. Cabeça marrom, com uma faixa branca no centro. Peito e dorso marrons, ventre branco. Não há qualquer outra espécie semelhante no Brasil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie rara e pouco conhecida, ocorrendo principalmente em brejos costeiros do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Pode habitar pastagens alagadas e arrozais e outras plantações. Vivem solitariamente ou aos casais, sendo muito discretos e passando despercebidos na maior parte do tempo.

ALIMENTAÇÃO

Alimentam-se de invertebrados de pequeno porte, como vermes, caracóis e outros pequenos moluscos, que captura enfiando o bico na lama mole.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica no solo, onde os ovos são colocados em uma ligeira depressão. Pode esconder o ninho no meio de taboais, sendo de difícil detecção. São colocados até três ovos de cor esverdeada com manchas marrons, que se disfarçam bem no ambiente. Os filhotes são nidífugos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas precisas sobre a sua população dada a sua dificuldade de detecção, mas não é considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil ou fora do país. Parece ser uma ave delicada por causa do bico e alimentação. Não oferece qualquer risco para os tratadores/cuidadores.

NARCEJA-DE-BICO-TORTO

Nycticryphes semicollaris

Aves limícolas (Charadriiformes: Rostratulidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	⊙	⊙							⊙	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-DE-BICO-TORTO

Numenius hudsonicus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 300-600 g. Mandíbula com a base e o terço inicial rosado, o restante é negro. Pernas cinzas. Entre o loro e os olhos observa-se uma estria marrom-escura, e que se estende além dos olhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, é visto com maior frequência na área litorânea, vasculhando alimento na linha da maré. Associa-se muitas vezes a outras aves limícolas grandes.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de larvas, insetos, poliquetas, moluscos, pequenos crustáceos e ocasionalmente pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O ninho é um raspamento na tundra ou na terra do Ártico. Três a cinco ovos são colocados. Os adultos são muito defensivos da área de nidificação e até atacarão humanos que chegam muito perto.

POPULAÇÃO

Ocorre ao longo de todo o litoral brasileiro. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A espécie apresenta elevada sensibilidade à presença humana, ao óleo e ao cativeiro.

MAÇARICO-DE-BICO-TORTO

Numenius hudsonicus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-DO-CAMPO

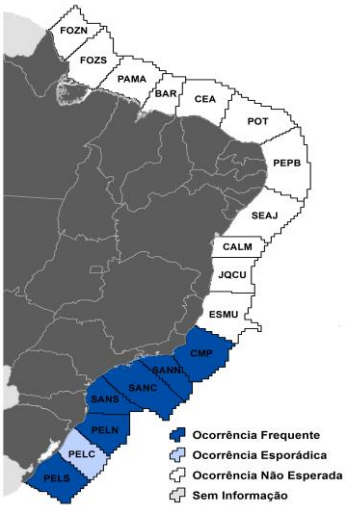
Bartramia longicauda

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Alta	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 30 cm. Massa corpórea: 100 a 200 g. Bico curto, pernas longas. Bico amarelo com o cúlmen negro, pernas amarelo-oliváceas. Olhos grandes, pescoço longo, peito barrado e ventre branco.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Migrante da América do Norte. No Brasil, prefere ambientes campestres, um pouco mais afastados da água, incluindo pastagens e arrozais. Geralmente são vistos em pequenos grupos durante a migração.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de poliquetas, larvas, vermes, crustáceos e moluscos, além de outros pequenos invertebrados. Consome muitos insetos, como grilos e gafanhotos, coletados nas pastagens e áreas abertas. Pode consumir sementes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, que se reproduz no Hemisfério Norte. No Brasil começa a ser registrada em agosto, retornando em fevereiro e março.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a liberação à natureza deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-DO-CAMPO

Bartramia longicauda

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-DE-PAPO-VERMELHO

Calidris canutus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

Fonte: E. J. Woehler

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 25 cm. Massa corpórea variando entre 100 e 200 g. Em plumagem reprodutiva apresenta a região ventral marrom-avermelhada. Jovens e indivíduos em plumagem de descanso são cinzentos, mas frequentemente ainda apresentam regiões (face, cabeça, peito) com penas marrons-avermelhadas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, começa a chegar no Brasil a partir de agosto, aos milhares. Em alguns locais as concentrações são superiores a 10.000 indivíduos. Não se aventura em águas interiores, preferindo as praias mais limpas e desabitadas. Pode ocorrer também em estuários.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de poliquetas e outros pequenos invertebrados como besouros, moscas, crustáceos e moluscos. Há relatos de consumo de peixes e sementes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, começa a chegar no Brasil em agosto, e os maiores contingentes permanecem por aqui até março, embora indivíduos desta espécie só não tem sido registrados em junho e julho, sugerindo que muitas aves não migram de volta para os territórios reprodutivos.

POPULAÇÃO

As estimativas para a forma que ocorre no Brasil giram em torno de 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a libertação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-DE-PAPO-VERMELHO

Calidris canutus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-RASTEIRINHO

Calidris pusilla

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 13 e 15 cm. Massa corpórea variando entre 20 e 40 g. Plumagem cinza clara na garganta e pescoço, que contrasta com a face e dorso cinza um pouco mais escuro, contrastante. Bico, tarsos e pés cinza-escuro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, ocorre em todos os estados costeiros do Brasil. Habitam as praias, alagados, estuários e manguezais. São registradas tanto solitárias quanto em bandos numerosos, que podem incluir outras espécies de maçaricos.

ALIMENTAÇÃO

Larvas de insetos, anelídeos, poliquetas, crustáceos e outros pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, não se reproduz no Brasil. Os primeiros indivíduos chegam da América do Norte em agosto, permanecendo no Brasil até fevereiro ou março. Entretanto, muitos indivíduos não migram, e a espécie conta com registros durante todo o ano.

POPULAÇÃO

População estimada em cerca de quatro milhões de aves. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a libertação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-RASTEIRINHO

Calidris pusilla

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Quase Ameaçada
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-ACANELADO

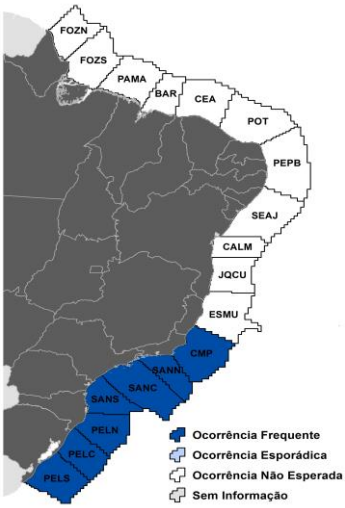
Calidris subruficollis

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 18 a 20 cm. Massa corpórea: 50 a 100 g. Bico negro curto, pernas longas e amarelas. Face de coloração marrom clara ou canela, sem marcas. A cabeça apresenta marcas pretas apenas no píleo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, ocupa tanto a costa brasileira quanto as águas interiores, e já foi registrada no Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Rondônia e em todos os estados do sul do Brasil. Habita lagos, lagoas, represas, brejos, lagoas temporárias, praias, restingas, estuários e manguezais. Podem ser vistos solitariamente, aos casais ou em grupos que podem congregar de algumas dezenas a milhares de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de invertebrados, que incluem moluscos, poliquetas, crustáceos, dípteros e besouros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, não se reproduz no Brasil. As primeiras aves começam a ser registradas em agosto. A maioria da população migra para a América do Norte em março.

POPULAÇÃO

As estimativas sugerem uma população mundial de cerca de 50.000 aves. Não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a liberação à natureza deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-ACANELADO

Calidris subruficollis

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

NARCEJÃO

Gallinago undulata

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Alta	Baixa	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 250-350 g. Bico marrom-escuro muito longo, pernas cinzas ou cinza-oliváceo, o que permite distingui-la de G. paraguaiae. Mede cerca de 50 cm de comprimento total.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Brejos, campos úmidos e banhados. Hábitos noturnos e comportamentos não descritos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de larvas, insetos, poliquetas, moluscos, pequenos crustáceos, ocasionalmente pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Ninhos são geralmente colocados em uma pequena colina entre pântanos, e postura de 2 a 4 ovos. Os movimentos desta espécie não são bem compreendidos, e parece chegar sazonalmente em alguns locais, aparentemente depois de chuva. Período reprodutivo de setembro a fevereiro.

POPULAÇÃO

Apesar da haver uma tendência de diminuição da população, o declínio não parece ser suficientemente rápido para se aproximar dos limiares de vulnerabilidade sob o critério tendência populacional em lista internacional (IUCN), que a classifica como Menor preocupação. Já nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul é considerada Vulnerável.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a libertação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

NARCEJÃO

Gallinago undulata

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-DE-COSTAS-BRANCAS

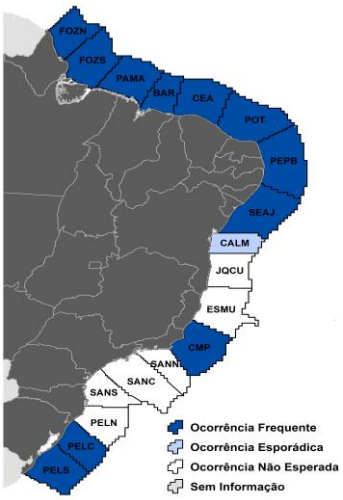
Limnodromus griseus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 30 cm. Massa corpórea variando entre 60 e 150 g. Bico longo, verde-oliváceo, assim como os tarsos e pés. Plumagem do pescoço e peito em tons de marrom ou canela, região do uropígio branca.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória, habita apenas a costa brasileira, onde é visitante raro. Na costa ocupa as praias, estuários e manguezais, sempre próximo à água.

ALIMENTAÇÃO

Poliquetas, crustáceos e moluscos, que coleta penetrando o bico no solo úmido.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória incomum, com registros distribuídos por todos os meses do ano no Brasil, sendo mais semelhante a um vagante do que propriamente um movimento regular de migração.

POPULAÇÃO

População global estimada em mais de 100.000 aves, não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a libertação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-DE-COSTAS-BRANCAS

Limnodromus griseus

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Pará-Maranhão (PAMA)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Barreirinhas (BAR)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Ceará (CEA)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Potiguar (POT)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Camamu-Almada (CALM)	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□	□
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	□	□	□	□	□	■	■	■	■

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- □ Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MAÇARICO-DE-BICO-VIRADO

Limosa haemastica

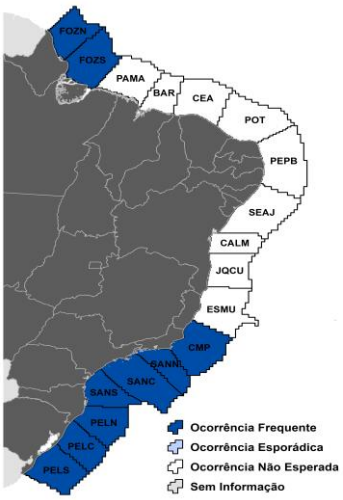
Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

Fonte:Jeff Poklen



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 40 cm. Massa corpórea variando entre 200 e 250 g. Semelhante a *L. fedoa* , mas com a base da cauda branca. A plumagem reprodutiva é marrom-avermelhada no ventre.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie migratória da América do Norte, que migra para o Brasil, ocupando a costa e águas interiores. Habita lagos, lagoas e brejos próximos a rios. Na costa, já foi registrada em praias, mangues e estuários, solitária ou em grupos pequenos, de até 20 aves.

ALIMENTAÇÃO

Prefere poliquetas, mas também consome crustáceos e moluscos, além de outros pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, não se reproduz no Brasil. No país, ocupa principalmente a costa, a partir de agosto, e aqui permanecendo até fevereiro ou março. Entretanto, como a maioria dos maçaricos, muitos indivíduos permanecem no Brasil durante quase todo o ano. Só não são conhecidos registros para o mês de junho.

POPULAÇÃO

População estimada em mais de 50.000 aves. Não é ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manejo de Scolopacidae em cativeiro não é bem desenvolvido no Brasil, embora no exterior seja uma prática comum em zoológicos e centros de reabilitação. São aves que necessitam de manejo especializado, especialmente com relação à sua alimentação. Como são migratórias, a libertação deve ser feita nos períodos certos para que as aves não se percam ou morram por falta de alimento adequado.

MAÇARICO-DE-BICO-VIRADO

Limosa haemastica

Aves limícolas (Charadriiformes: Scolopacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Santos - Norte (SANN)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Santos - Centro (SANC)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Santos - Sul (SANS)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Pelotas - Norte (PELN)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Pelotas - Centro (PELC)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■
Pelotas - Sul (PELS)	■	■	■	▒	▒		▒	▒	■	■	■	■

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- ▒ Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAIVOTA-MARIA-VELHA

Chroicocephalus maculipennis

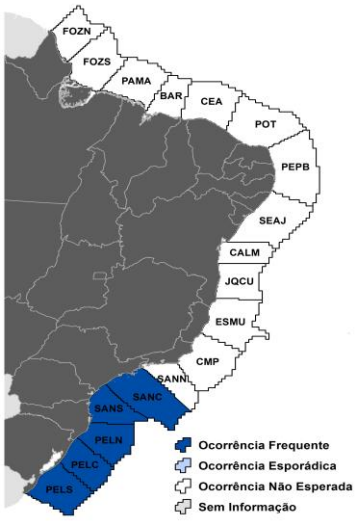
Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Laridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa

Fonte: Raphael kurz



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 35 a 37 cm. Massa corpórea: 300 a 360 g. Cabeça marrom escura, bico e pés vermelho-arroxeados, anel perioftálmico branco. As penas de voo possuem apenas o ápice negro, e a superfície inferior do encontro é branca. Não apresenta uma conspícua mancha branca nas asas, que são de tonalidade cinza uniforme, apenas com a região carpal branca.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a costa, da qual também pode se afastar bastante. Frequenta também rios, lagos, pântanos e marismas, seguem barcos de pesca e podem ser vistas também em lixões e aterros onde haja descarte de peixes. Como a maioria das gaivotas, vivem em bandos de tamanho variável, dependendo da disponibilidade de alimento.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se peixes e outros pequenos vertebrados e invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se no sul da América do Sul, com registros de reprodução no Brasil apenas no Rio Grande do Sul. Reproduzem-se em colônias, construindo pequenas plataformas onde a fêmea pode botar até quatro ovos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas ainda é considerada uma espécie bastante comum.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Gaivotas são aves bastante resistentes e que são facilmente mantidas em cativeiro desde que recebam dieta adequada. Como são aves generalistas, não são muito exigentes, devendo-se apenas providenciar acomodações adequadas. Possuem o bico afiado, e devem ser tomadas precauções contra possíveis acidentes. Quando estressadas podem regurgitar o alimento.

GAIVOTA-MARIA-VELHA

Chroicocephalus maculipennis

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Laridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●							●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●							●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●							●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●							●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●							●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAIVOTA-DE-RABO-PRETO

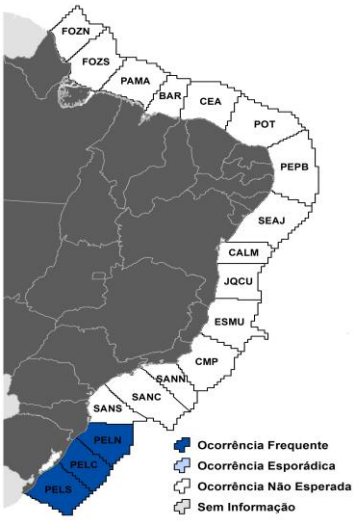
Larus atlanticus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Laridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 50 a 55 cm. Massa corpórea: 850 a 960 g. Ponta do bico vermelha, restante amarelo-esverdeado. Pés amarelo esverdeados. Corpo branco, com dorso e asas cinza-escuros ou negros. Cauda com uma larga faixa negra, que também está presente no jovem, que é cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita ambientes costeiros e estuarinos, de ocorrência regular apenas no Rio Grande do Sul, com raros registros em Santa Catarina. Como as demais gaivotas, são vistas em grandes concentrações, embora, no Brasil, sejam bastante incomuns.

ALIMENTAÇÃO

Oportunista, consome uma grande variedade de itens alimentares, mas parece ter alguma especialização no consumo de caranguejos, especialmente durante a reprodução.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Colônias que podem concentrar milhares de indivíduos são registradas na Argentina. No Brasil ocorre como ave migratória ou pouco frequente, geralmente jovens compõem a maior parte dos registros. Não são conhecidos relatos de reprodução no país.

POPULAÇÃO

Não é considerada uma espécie em risco de extinção iminente, com a população estimada em 15.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Nunca foi mantida em cativeiro no Brasil. Entretanto, gaivotas geralmente são aves bastante resistentes e que são facilmente mantidas em cativeiro desde que recebam dieta adequada. Como são aves generalistas, não são muito exigentes, devendo-se apenas providenciar acomodações adequadas. Possuem o bico afiado, e devem ser tomadas precauções contra possíveis acidentes. Quando estressadas podem regurgitar o alimento.

GAIVOTA-DE-RABO-PRETO

Larus atlanticus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Laridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TRINTA-RÉIS-GRANDE

Phaetusa simplex

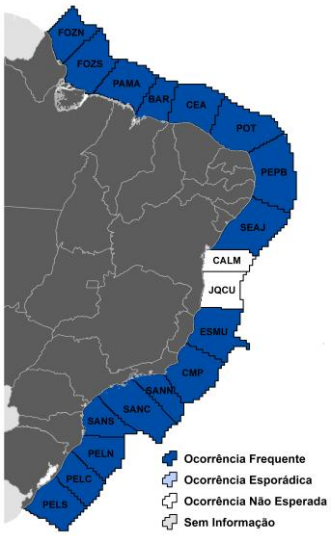
Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média

Fonte: Larry Thompson



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 40 cm. Massa corpórea variando entre 200 e 250 g. Bico muito longo e forte, de cor amarelo-limão, tarsos e pés da mesma cor. Plumagem branca, marcação muito característica nas asas, que são cinza com as rêmiges negras. Possui um boné negro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Uma das aves aquáticas mais comuns e amplamente distribuídas em todo o Brasil, ocorrendo em rios, lagos, lagoas, mangues e estuários, sendo bem menos frequentes nas praias. Vivem em grupos que podem chegar a 40 aves, e colônias reprodutivas com centenas de aves não são incomuns.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, eventualmente pode consumir girinos e pequenos anfíbios.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se em grandes colônias, que podem reunir centenas de casais. Se reproduz em praias formadas na época seca, quando o nível dos rios está mais baixo, permitindo uma coleta mais eficiente de alimento para os filhotes. Estas praias estão quase sempre no meio dos rios, dificultando o acesso dos predadores terrestres. Frequentemente choca nas mesmas praias com *Rynchops niger* e *Sternulla superciliaris* . O ninho é apenas uma pequena depressão no solo, onde até três ovos são colocados.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie, mas é ainda comum em boa parte da sua distribuição e não é considerada como ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma gaivota robusta, e cuja bicada pode causar ferimentos. Esta espécie nunca foi mantida em zoológicos ou criadores, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro em zoológicos no exterior, com uma dieta baseada em pequenos peixes.

TRINTA-RÉIS-GRANDE

Phaetusa simplex

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)								●	●	●	●	
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)								●	●	●	●	
Pará-Maranhão (PAMA)								●	●	●	●	
Barreirinhas (BAR)								●	●	●	●	
Ceará (CEA)								●	●	●	●	
Potiguar (POT)								●	●	●	●	
Pernambuco-Paraíba (PEPB)								●	●	●	●	
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)								●	●	●	●	
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)								●	●	●	●	
Campos (CMP)								●	●	●	●	
Santos - Norte (SANN)								●	●	●	●	
Santos - Centro (SANC)								●	●	●	●	
Santos - Sul (SANS)								●	●	●	●	
Pelotas - Norte (PELN)								●	●	●	●	
Pelotas - Centro (PELC)								●	●	●	●	
Pelotas - Sul (PELS)								●	●	●	●	

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TRINTA-RÉIS-DE-BICO-VERMELHO

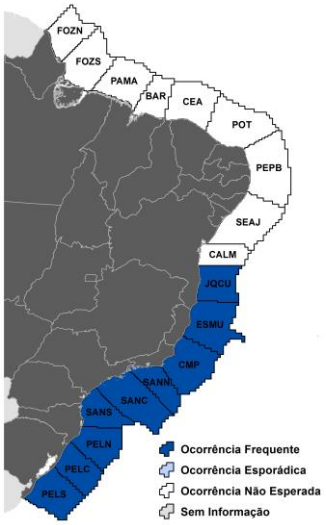
Sterna hirundinacea

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 170-200 g. Bico e pés vermelhos, plumagem predominantemente cinza e alto da cabeça negro. Cauda bifurcada.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie costeira e ocupa praias e estuários quando não está se reproduzindo. Possui colônias na Bahia de Guanabara e no Espírito Santo, e inverna na Bahia. Ocorre também na Argentina, Chile, Equador, Peru e Uruguai.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil, a espécie se reproduz na costa do Espírito Santo. Faz os ninhos em praias arenosas ou rochosas, topos de penhascos e pequenas ilhas. A escolha do local de reprodução pode variar entre os anos, sendo frequente acontecer o abandono em massa de áreas de nidificação. A postura de dois ovos ocorre entre abril e junho no Brasil e entre novembro e dezembro na Argentina.

POPULAÇÃO

A população das Ilhas Falkland foi estimada entre 6000 e 12000 pares reprodutivos. Não existem dados precisos sobre a população total, mas sabe-se que está em declínio. É considerada como Menor preocupação em lista internacional (IUCN), mas Vulnerável na lista nacional e Quase ameaçada no estado de São Paulo.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

São sensíveis à distúrbios no habitat e podem abandonar o local de nidificação. É uma espécie delicada, e não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de espécies semelhantes é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, portanto o manejo de *Stena hirundinacea* pode ser semelhante. É preciso ter cuidado no manejo para evitar ferimentos nos olhos e na face de quem estiver manipulando o animal.

TRINTA-RÉIS-DE-BICO-VERMELHO

Sterna hirundinacea

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)				●	●	●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)				●	●	●	●	●	●	●		
Campos (CMP)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)				●	●	●	●	●	●	●		

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TRINTA-RÉIS-ANÃO

Sternula superciliaris

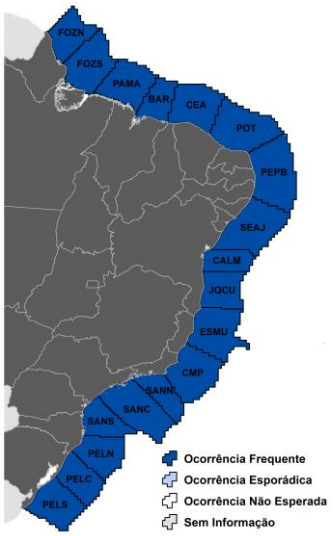
Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média

Fonte: Claudio Dias Timm



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total de 20 cm. Massa corpórea variando entre 40 e 60 g. Distingue-se de *S. antillarum* por apresentar o bico completamente amarelo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Residente comum no Brasil, ocupando rios, lagos, lagoas, brejos e outras áreas alagadas de água doce em todos os estados brasileiros. Na costa ocupa estuários e, mais raramente, praias. Nas áreas de água doce é frequentemente vista nos mesmos locais que *Phaetusa simplex* e *Rynchops niger* .

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes pequenos, consumindo também pequenos crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Residente, faz apenas pequenas migrações dentro do país, seguindo muitas vezes o curso dos grandes rios. Nidifica no período da seca, quando praias de rios são expostas. Nidifica frequentemente nas mesmas colônias de *Phaetusa simplex* e *Rynchops niger* , mas sempre em números muito reduzidos. O ninho é feito em uma depressão simples na areia, aonde a fêmea bota até três ovos.

POPULAÇÃO

Não é considerada como ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie. Entretanto, é uma ave comum e que ocorre mesmo em áreas mais degradadas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar muito delicada, e não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.

TRINTA-RÉIS-ANÃO

Sternula superciliaris

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●				●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●				●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TRINTA-RÉIS-DE-BANDO

Thalasseus acuflavidus

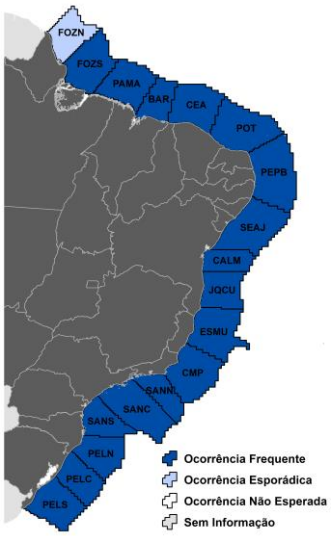
Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média

Fonte: Mats Wallin



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 45 cm. Massa corpórea variando entre 100 e 300 g. De médio porte, bico e pés amarelos, boné negro e plumagem branca. Dorso e asas cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Residente comum no Brasil, ocupa a costa, nas praias, mangues, estuários, costões, lajes, rochedos e ilhas próximas, de onde não se afasta muito. Pode ser vista em bandos de centenas a milhares de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, ocasionalmente consome filhotes de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Residente, nidifica em colônias mistas com outras andorinhas-do-mar do Espírito Santo a Santa Catarina. As colônias podem congregar milhares de aves, nidificando de maio a setembro. O ninho é apenas uma pequena depressão no solo, onde a fêmea coloca no máximo três ovos. A incubação dura em torno de 30 dias, e os filhotes são cuidados pelos pais (em sistema de creche) por cerca de 45 dias.

POPULAÇÃO

Não é considerada como ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar robusta, e precauções devem ser tomadas contra bicadas, que podem ser perigosas. Não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como *Larosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.

TRINTA-RÉIS-DE-BANDO

Thalasseus acuflavidus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)				●	●	●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)				●	●	●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)				●	●	●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)				●	●	●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)				●	●	●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)				●	●	●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)				●	●	●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)				●	●	●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)				●	●	●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)				●	●	●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)				●	●	●	●	●	●	●		
Campos (CMP)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)				●	●	●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)				●	●	●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)				●	●	●	●	●	●	●		

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

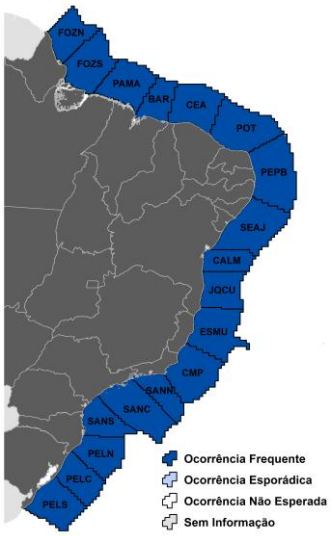
Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Média

Fonte: Mauricio Rueda



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 350 e 500 g. Bico laranja e pés negros. Uma das maiores espécies de andorinha-do-mar.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Parte da população é residente, parte é migratória. Podem se congregar em bandos de centenas ou até milhares de indivíduos, habitando a costa, não utilizando águas interiores. Pode ser vista em praias, bancos de areia expostos durante a maré baixa, pedras expostas, lajes, lajedos, estuários, bancos de lama e manguezais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As aves residentes se reproduzem a partir de abril, se estendendo até dezembro. O ninho é muito simples, feito no solo. A fêmea geralmente coloca apenas um ovo, incubado por 30 dias. Os cuidados parentais são muito longos, e podem chegar a até oito meses.

POPULAÇÃO

Não é considerada como globalmente ameaçada de extinção, e não existem estimativas sobre a população desta espécie no Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma andorinha-do-mar robusta, e precauções devem ser tomadas contra bicadas, que podem ser perigosas. Não se conhecem detalhes sobre a sua manutenção em cativeiro. Entretanto, o manejo de andorinhas-do-mar como L*arosterna inca* é bem conhecido em zoológicos ou criadores do exterior, mas o seu manejo não parece diferir muito de outras andorinhas-do-mar ou gaivotas comumente mantidas em cativeiro, com uma dieta baseada em pequenos peixes.

TRINTA-RÉIS-REAL

Thalasseus maximus

Aves marinhas costeiras (Charadriiformes: Sternidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pará-Maranhão (PAMA)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Barreirinhas (BAR)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Ceará (CEA)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Potiguar (POT)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pernambuco-Paraíba (PEPB)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Camamu-Almada (CALM)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Campos (CMP)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Norte (SANN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Centro (SANC)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Santos - Sul (SANS)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Norte (PELN)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Centro (PELC)				●	●	●	●	●	●	●	●	
Pelotas - Sul (PELS)				●	●	●	●	●	●	●	●	

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Vulnerável**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ATOBÁ-DO-CABO

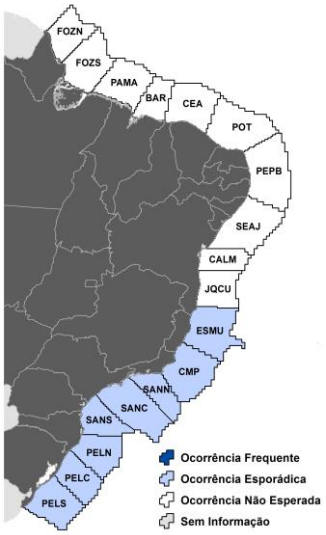
Morus capensis

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 85 a 90 cm. Massa corpórea: 2.5 a 3.0 kg. Plumagem predominantemente branca, com as primárias e cauda negras. A cabeça dos adultos pode apresentar uma coloração amarelo-dourada. Pele nua ao redor dos olhos negra. Pés negros.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Visitante muito raro no Brasil, podendo ser considerado como vagante acidental. No seu continente de origem, a África, não costuma se afastar muito da plataforma continental.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes que captura durante os seus mergulhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil e, no país, é considerado como acidental, contando com pouquíssimos registros na região sul. Na costa leste e oeste da África nidifica em grandes colônias reprodutivas.

POPULAÇÃO

Considerado como Vulnerável, a população global é estimada em mais de 300.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, embora no exterior outras espécies do gênero possam ser mantidas em cativeiro sem qualquer dificuldade. Em outros países há até registros de reprodução em cativeiro. Como ficam muito tempo no solo, são especialmente susceptíveis a pododermatites. O bico é bastante forte e cortante, e as aves devem ser manuseadas com muito cuidado e com o uso de EPIs. Aceita facilmente peixes quando em cativeiro.

ATOBÁ-DO-CABO

Morus capensis

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ATOBÁ-DE-PÉ-VERMELHO

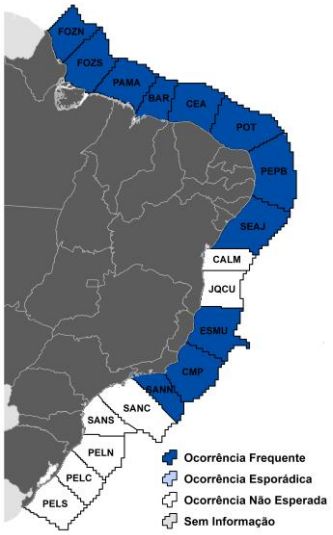
Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 75 cm. Massa corpórea variando entre 900 e 1200 g. Inconfundível por ser o único atobá a apresentar os tarsos pés vermelhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágico, distribuído pela faixa tropical e subtropical de todos os oceanos do mundo. Nidifica em ilhas, distantes ou não da costa, mas necessita de vegetação (árvores ou arbustos), onde constrói o seu ninho. Eventualmente pode fazer a postura no solo. Vivem em grandes bandos e seguem barcos de pesca.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e lulas, pescados em grandes bandos que podem congregar muitas dezenas de aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em ilhas e arquipélagos, como Fernando de Noronha. Necessita da presença de arbustos e árvores para construir o seu ninho, que é uma plataforma simples, feita de gravetos. Em alguns locais pode nidificar no solo, mas é muito menos frequente. A reprodução é concentrada entre setembro e abril, mas filhotes podem ser observados durante o ano todo. A postura é de apenas um ovo, chocado durante 45 dias. O filhote é cuidado pelos pais por quase cinco meses.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em mais de um milhão de aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

São aves resistentes e que podem ser mantidas em cativeiro sem maiores dificuldades, sendo alimentadas com peixes. Entretanto, são aves que pouco habituadas a se manterem no solo, e cuidados contra pododermatites devem ser observados. As bicadas podem ser perigosas e quem manipula as aves deve usar equipamentos de proteção individual.

ATOBÁ-DE-PÉ-VERMELHO

Sula sula

Aves marinhas costeiras (Suliformes: Sulidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●					●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●					●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●					●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●					●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●					●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●					●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PAPAGAIO-DA-CARA-ROXA

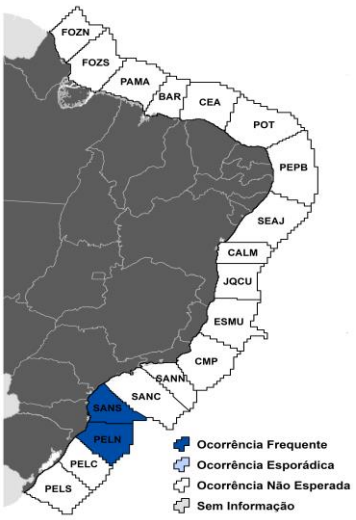
Amazona brasiliensis

Não-Passeriformes terrestres (Psittaciformes: Psittacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 450 g, 35 cm de comprimento total. Fronte vermelha, com tons de roxo no alto da cabeça, face azul-arroxeada. Plumagem principalmente verde, com a base da cauda em vermelho vivo, muito chamativo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Uma das espécies de papagaio mais bem estudadas do Brasil, vivem em grandes grupos, que podem reunir centenas ou até mesmo milhares de aves nos seus locais de dormitório. Os grupos podem se dividir em bandos menores durante o dia, quando se deslocam as áreas de alimentação. Vivem na restinga e mata atlântica em bom estado de conservação, e ocorrem em uma área muito restrita. Tem especial preferência pelos “caxetais”, ainda comuns em boa parte da sua área de ocorrência.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se uma grande variedade de frutos, folhas, brotos e sementes de diversas espécies da Mata Atlântica litorânea.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os casais constroem seus ninhos em ocos de árvores ou outras cavidades arbóreas, abertas por pica-paus. O ninho é bem simples, e já foram registrados ninhos nas bases das grandes bromélias. A fêmea pode colocar até quatro ovos, e os filhotes são nidícolas.

POPULAÇÃO

Considerado Vulnerável globalmente, e recentemente deixou a lista de aves ameaçadas do Brasil graças aos trabalhos de conservação desenvolvidos por ONGs na sua área de ocorrência. Já foi muito vitimado pelo tráfico de aves silvestres, o que parece ter diminuído bastante hoje em dia. As estimativas mais conservadores sugerem que existam cerca de 4.500 aves na natureza, e não é rara em cativeiro.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Como todo papagaio, é facilmente mantido em cativeiro, sendo uma ave bastante resistente. Deve-se tomar apenas cuidado com as bicadas, que são fortes, e com as garras, igualmente perigosas. Aceita rapidamente a alimentação em cativeiro, que pode consistir de sementes e frutos picados.

PAPAGAIO-DA-CARA-ROXA

Amazona brasiliensis

Não-Passeriformes terrestres (Psittaciformes: Psittacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●					●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

URUBU-DE-CABEÇA-AMARELA

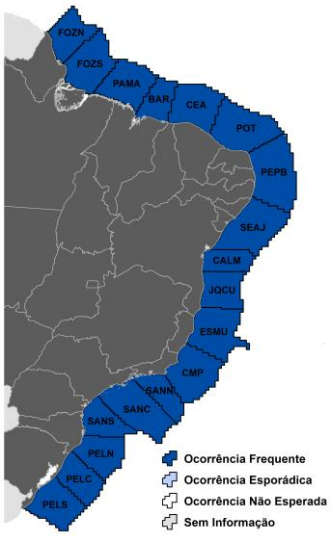
Cathartes burrovianus

Não-Passeriformes terrestres (Cathartiformes: Cathartidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 60 e 70 cm. Massa corpórea variando entre 1000 e 1500 g. Plumagem negra, pele nua da cabeça amarela, com detalhes em azul e vermelho, que ficam mais intensos quando a ave está excitada. Bico claro, íris vermelha.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Urubu característico de áreas abertas, sendo tão ou mais comum do que *Cathartes* aura em algumas regiões. Não é comumente visto em áreas florestadas, a não ser próximo às bordas. Voa baixo, às vezes bem rente ao solo. Habita todos os tipos de áreas abertas, sendo bastante comum até mesmo em manguezais, estuários e praias. Na maioria das vezes visto sozinho ou em pares, se congregando apenas em locais com carniça.

ALIMENTAÇÃO

Como todos os urubus, consome carniça e restos de animais encontrados no solo. Entretanto, é também capaz de caçar pequenas aves e outros animais.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil se reproduz entre setembro e fevereiro. O ninho pode ser feito em ocos de grandes árvores ou em cavidades, onde geralmente apenas um filhote é criado.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante em todos os estados do Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Urubus são aves resistentes e facilmente mantidas e criadas em cativeiro, onde podem tornar-se muito mansos e confiados. Aceitam bem carne fresca e podem ser mantidos em grupos em recintos maiores. Ao contrário dos gaviões, deve-se tomar muito cuidado com as bicadas, que podem causar ferimentos mais sérios.

URUBU-DE-CABEÇA-AMARELA

Cathartes burrovianus

Não-Passeriformes terrestres (Cathartiformes: Cathartidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

URUBU-REI

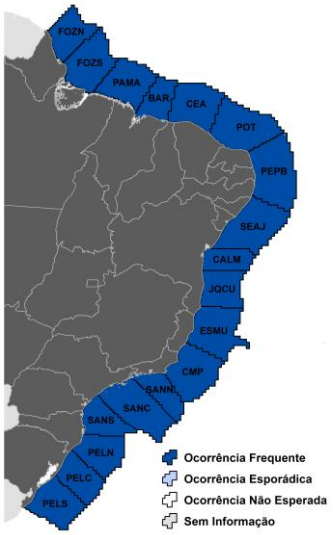
Sarcoramphus papa

Não-Passeriformes terrestres (Cathartiformes: Cathartidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 80 cm. Massa corpórea variando entre 3000 e 3500 g. Maior espécie do gênero no Brasil. Plumagem branco-sujo, pescoço e pele nua da cabeça muito coloridos (negro, vermelho, laranja, amarelo), colar cinza, asa e cauda negras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Prefere geralmente áreas florestadas ou mais preservadas. Habita todos os biomas brasileiros, e raramente se aproxima da costa ou de manguezais e estuários; neste ambientes apenas em busca de animais mortos na praia. Geralmente visto voando sozinho, mas podem ser vistos às dezenas em carcaças de animais de grande porte.

ALIMENTAÇÃO

Como todos os urubus, consome carniça e restos de animais encontrados no solo.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil se reproduz entre setembro e fevereiro. O ninho é muito simples, podendo ser feito no solo ou em ocos grandes em árvores.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante em todos os estados do Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Urubus são aves resistentes e facilmente mantidas e criadas em cativeiro, onde podem tornar-se muito mansos e confiados. Aceitam bem carne fresca e podem ser mantidos em grupos em recintos maiores. Ao contrário dos gaviões, deve-se tomar muito cuidado com as bicadas, que podem causar ferimentos mais sérios. O urubu-rei é uma ave comum e frequente em cativeiro, onde se reproduz muito bem.

URUBU-REI

Sarcoramphus papa

Não-Passeriformes terrestres (Cathartiformes: Cathartidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●							●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JACUTINGA

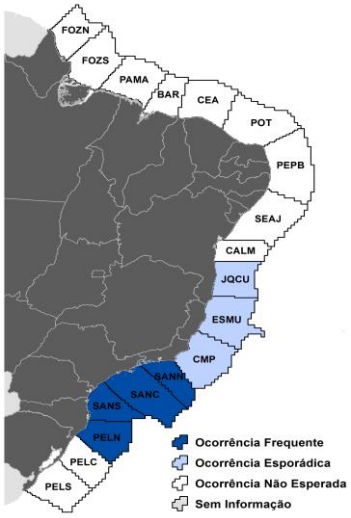
Aburria jacutinga

Não-Passeriformes terrestres (Galliformes: Cracidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 65 a 75 cm. Massa corpórea: 1.0 a 1.4 kg. Plumagem negra, com pequenas pintas brancas no peito. As asas possuem um conspícuo espelho branco. Barbela azul e vermelha.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a Mata Atlântica primária ou em avançado estado de regeneração. Pode ser visto solitariamente ou em grupos, que podem ser numerosos especialmente nas proximidades de fruteiras ou de palmitos dos quais se alimenta. É uma ave bastante discreta, mas que pode ser notada de longe por causa do alto som produzido pela passagem do vento pelas asas, quando está marcando território.

ALIMENTAÇÃO

Essencialmente frugívora, consumindo uma grande variedade de frutos silvestres. Tem especial predileção pelo palmito.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Podem ser colocados até quatro ovos brancos em um ninho em forma de cesto feito de galhos entrelaçados no alto das árvores. Os filhotes são nidífugos, e já são capazes de fazer pequenos voos nos primeiros dias de vida.

POPULAÇÃO

Em Perigo de Extinção, suas populações diminuíram muito em função da perda de hábitat e da severa caça a que foram sujeitas. Extinta na Bahia e à beira da extinção no Espírito Santo. Vista com regularidade em apenas algumas poucas Unidades de Conservação do Sul e Sudeste do Brasil.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É facilmente mantida em cativeiro, em viveiros espaçosos, e pode ser mantida em pequenas colônias, embora seja mais recomendado a manutenção de casais. Aceita facilmente a ração comercial para aves, e o recinto deve ser espaçoso o suficiente para permitir pequenos voos, devendo possuir poleiros. Não oferece qualquer risco para os cuidadores, embora as garras possam produzir arranhões se a ave não for contida corretamente. Deve-se tomar cuidado na contenção, e as aves não devem ser seguras pelas asas, como galinhas, pois isso provoca fraturas.

JACUTINGA

Aburria jacutinga

Não-Passeriformes terrestres (Galliformes: Cracidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Em Perigo
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Em Perigo
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Criticamente em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PICA-PAU-DE-CARA-CANELA

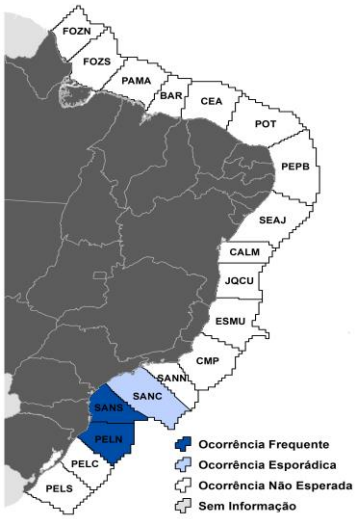
Dryocopus galeatus

Não-Passeriformes terrestres (Piciformes: Picidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 30 cm. Massa corpórea: aprox. 100 g. Dorso negro, ventre branco com barras negras. Cabeça vermelha, com distintas marcas marrom-acaneladas na face. Estudos recentes propõe que a espécie seja transferida ao gênero *Celeus* .

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Endêmico da Mata Atlântica do sul, ocorrendo de São Paulo até o Rio Grande do Sul, e também na Argentina e Paraguai. É uma das espécies mais raras, exigentes e sensíveis de pica-paus, habitando áreas bem preservadas de floresta e sempre em densidades muito baixas. Quando registrado, é visto solitariamente ou em casais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de insetos e outros invertebrados, ocasionalmente frutos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica entre setembro e fevereiro, quando a fêmea constrói o seu ninho abrindo cavidades em árvores ou já utilizando as pré-existentes. Filhotes deixam os ninhos com plumagem semelhante a dos adultos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas é considerada como Em Perigo de extinção nacionalmente e Vulnerável globalmente.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil, embora outras espécies de pica-paus de médio porte sejam mantidas sem grande dificuldade. Alimenta-se de pequenos insetos e larvas, além de consumir frutos picados. Não oferece qualquer risco aos cuidadores durante o manejo.

PICA-PAU-DE-CARA-CANELA

Dryocopus galeatus

Não-Passeriformes terrestres (Piciformes: Picidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

APUIM-DE-COSTAS-PRETAS

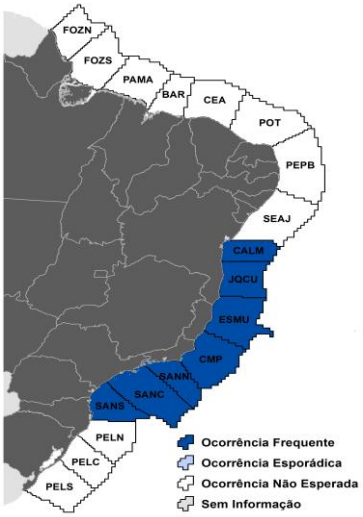
Touit melanonotus

Não-Passeriformes terrestres (Psittaciformes: Psittacidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 15 cm. Massa corpórea: 40 g. Plumagem principalmente verde, dorso marrom-escuro ou negro. O vermelho da cauda é muito distinto e diagnóstico para a espécie, juntamente com o dorso.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Um dos psitacídeos menos conhecidos da região Neotropical. Endêmico da Mata Atlântica brasileira, habitando desde a baixada, incluindo áreas de restinga, até altitudes de 400 m. Vivem aos casais ou em pequenos grupos, provavelmente familiares. Vocalizam relativamente pouco, podendo passar despercebidos. Quando pousados são discretos e silenciosos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de frutos carnosos, que coleta nos galhos das árvores.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica em cavidades abertas em cupinzeiros arbóreos, no alto das árvores. O casal cuida dos filhotes, mas não são conhecidos maiores detalhes acerca da sua reprodução.

POPULAÇÃO

É naturalmente rara e atualmente considerada Ameaçada de Extinção. Entretanto, estimativas populacionais mais precisas não são conhecidas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. Pertence a um gênero de psitacídeos que nunca foi mantido por mais de três meses em cativeiro, vindo a morrer em pouco tempo. O manejo é desconhecido e provavelmente aves capturadas dificilmente sobreviverão ao cativeiro. Não são procuradas por traficantes de aves.

APUIM-DE-COSTAS-PRETAS

Touit melanonotus

Não-Passeriformes terrestres (Psittaciformes: Psittacidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JAÓ-DO-SUL

Crypturellus noctivagus noctivagus

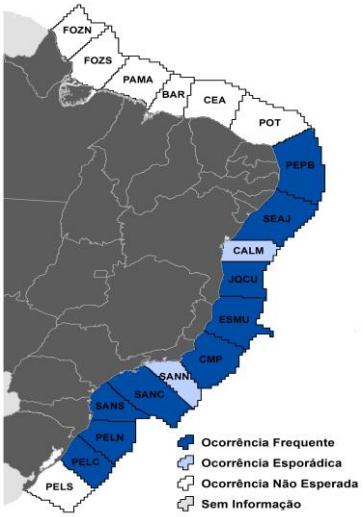
Não-Passeriformes terrestres (Tinamiformes: Tinamidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

Fonte: Olavo Neto



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 30 a 33 cm. Massa corpórea: 500 a 600 g. Pernas verde-oliváceas, plumagem marrom-castanha, com estrias no dorso, asas e uropígio. O ventre é marrom, enquanto a garganta e o peito são cinzas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie endêmica à Mata Atlântica de baixada entre o Rio Grande do Sul e o sul da Bahia. Vive no solo, solitariamente ou aos casais durante o período reprodutivo. Dificilmente é observado, é mais detectado pela sua vocalização grave.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de frutos caídos e sementes pequenas. Pode, eventualmente, consumir pequenos caracóis e outros invertebrados de pequeno porte, capturados de modo oportunista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Nidifica no solo, onde o macho escava uma ligeira depressão. Apenas o macho choca os ovos e cuida dos filhotes, geralmente quatro. O ovo é verde-azulado.

POPULAÇÃO

Espécie praticamente extinta na Bahia e considerada pouco comum no Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Tende a ser mais comum ao sul da sua distribuição. A caça diminui drasticamente as suas populações, e a destruição da Mata Atlântica também contribuiu de maneira importante para a raridade atual da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Os tinamídeos em geral são facilmente mantidos em cativeiro, aceitando rapidamente rações comerciais ou milho e frutas picadas. Por outro lado, os viveiros devem ter o teto baixo e que proteja a cabeça das aves contra pancadas pois, quando assustados, os tinamídeos fazem um voo vertical muito vigoroso. Fraturas no crânio e concussões fatais não são incomuns quando as aves são mantidas em viveiros inadequados. Devem ser mantidos aos casais ou isolados. Ao serem manuseadas estas aves perdem as penas como estratégia de defesa. Não trazem qualquer risco aos cuidadores, mas são aves delicadas no manejo.

JAÓ-DO-SUL

Crypturellus noctivagus noctivagus

Não-Passeriformes terrestres (Tinamiformes: Tinamidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SABIÁ-PIMENTA

Carpornis melanocephala

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Cotingidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 20 a 23 cm. Massa corpórea: 60 g. Facilmente identificável por apresentar cabeça e garganta negros e íris vermelha contrastante. Ventre amarelo com discretas estrias marrom-escuras, dorso, asas e cauda amarelo-oliváceo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a restinga e a mata de baixada, da Mata Atlântica de baixada no Brasil, do Paraná até Alagoas. Sendo mais notado pela vocalização do que pela detecção direta. Vivem solitariamente ou aos casais, sendo muito discretos, ocorrendo logo abaixo das copas das árvores. Podem passar muito tempo pousados, imóveis.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de frutos pequenos, e consome ocasionalmente insetos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Desconhecida. O único ninho reportado é uma construção simples feita de galhos e folhas, em uma forquilha, onde apenas um ovo foi observado.

POPULAÇÃO

Ameaçada de extinção em função da destruição da Mata Atlântica, ocorrendo em baixíssimas densidades e próximo da extinção total em Alagoas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. Não oferece qualquer risco aos cuidadores, e seu manejo é similar ao da araponga (*Procnias nudicollis*), recebendo frutas picadas em pedaços bem pequenos, com pouco mais de 1 mm de tamanho.

SABIÁ-PIMENTA

Carpornis melanocephala

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Cotingidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BICUDINHO-DO-BREJO

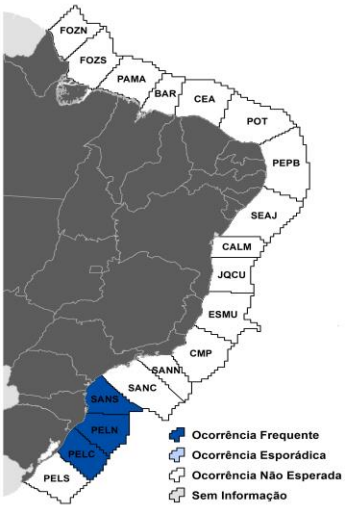
Stymphalornis acutirostris

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thamnophilidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 15 cm. Massa corpórea: aprox. 10 g. Garganta e ventre cinzas, dorso marrom. Cauda negra com mancas brancas no ápice das penas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Endêmico de uma área muito restrita entre o Paraná e Santa Catarina, habitando brejos ricos em *Typha sp.* e pirizais. Ocorre não muito longe do mar, embora possa ser encontrado também em brejos mais no interior. Vivem aos casais, no meio da vegetação, dificilmente se expondo. Grupos familiares também podem ser observados.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um ninho bem próximo da água, em formato de copo, feito com fibras vegetais trançadas. A fêmea coloca dois ovos, e os filhotes deixam o ninho com uma plumagem semelhante à da fêmea.

POPULAÇÃO

Considerado como Em Perigo de extinção nacionalmente e globalmente, sendo ameaçado por causa da alteração dos brejos e pela presença de espécies vegetais invasoras.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A manutenção de aves insetívoras é ainda um grande desafio no Brasil, em parte devido às restrições legais impostas pelo IBAMA. Assim, nem mesmo as espécies comuns tem o seu manejo dominado em cativeiro. Espécimes eventualmente capturados dessa espécie não deverão sobreviver por muito tempo em cativeiro por desconhecimento das suas necessidades de manejo. É uma ave de pequeno porte, muito dócil e que não oferece qualquer risco para os seus

BICUDINHO-DO-BREJO

Stymphalornis acutirostris

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thamnophilidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Vulnerável
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Em Perigo
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CIGARRA-VERDADEIRA

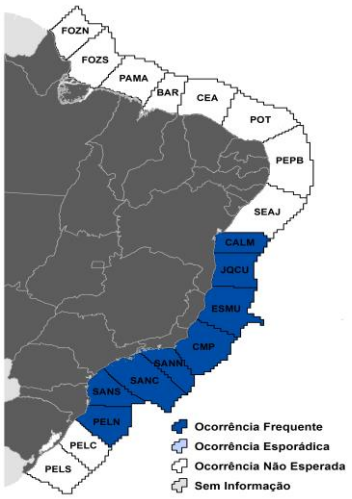
Sporophila falcirostris

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 10 a 13 cm. Massa corpórea: 12 g. Plumagem cinza uniforme, com o bico bastante curvado, incluindo a mandíbula. O bico é amarelo-alaranjado. A fêmea é uniformemente marrom.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a mata fechada, com a presença de bambus nativos. Eventualmente se aventura em capoeiras ou em áreas secundárias abandonadas. Vivem solitariamente ou aos casais, mas em áreas com frutificação de bambus, milhares de aves podem ser vistas juntas, se alimentando. É migratório, embora esses movimentos sejam muito pouco conhecidos e estudados.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de sementes, especialmente de bambus nativos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O ninho é uma pequena cesta feita com raízes. Podem ser colocados até quatro ovos, chocados pela fêmea.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção pela intensa pressão de captura para servir como ave de gaiola, mas também sofreu impactos negativos pela destruição do seu hábitat.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantido em cativeiro, aceitando rapidamente sementes como a de alpiste, painço ou arroz em casca. É comumente mantido em gaiolas, sendo uma ave de manejo muito fácil, além de ser muito resistente.

CIGARRA-VERDADEIRA

Sporophila falcirostris

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PICHOCHÓ

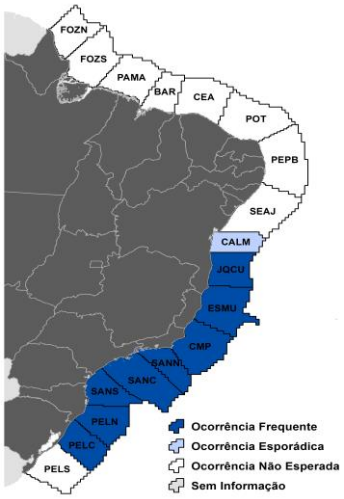
Sporophila frontalis

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 13 a 15 cm. Massa corpórea: 20 g. Plumagem bastante variável, sendo a forma mais comum verde oliváceo no dorso e ventre, e na maioria das vezes apresentando uma estria superciliar branco sujo bastante evidente.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita a mata fechada, com a presença de bambus nativos. Eventualmente se aventura em capoeiras ou em áreas secundárias abandonadas. Vivem solitariamente ou aos casais, mas em áreas com frutificação de bambus, milhares de aves podem ser vistas juntas, se alimentando. É migratório, embora esses movimentos sejam muito pouco conhecidos e estudados. São facilmente detectados por causa da vocalização poderosa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de sementes, especialmente de bambus nativos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O ninho é uma pequena cesta feita com raízes. Podem ser colocados até quatro ovos, chocados pela fêmea.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção pela intensa pressão de captura para servir como ave de gaiola, mas também sofreu impactos negativos pela destruição do seu hábitat.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantido em cativeiro, aceitando rapidamente sementes como a de alpiste, painço ou arroz em casca. É comumente mantido em gaiolas, sendo uma ave de manejo muito fácil, além de ser muito resistente.

PICHOCHÓ

Sporophila frontalis

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Quase Ameaçada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CABOCLINHO-DE-BARRIGA-VERMELHA

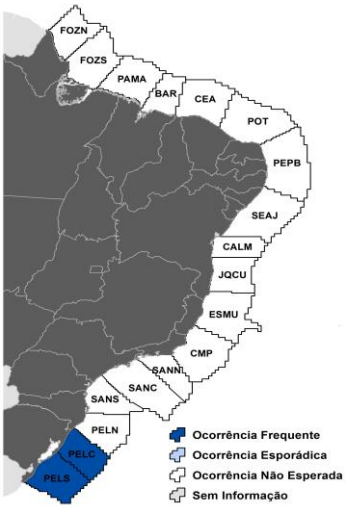
Sporophila hypoxantha

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 10 cm. Massa corpórea: aprox. 10 g. Cabeça e dorso cinzas. Uropígio, face e ventre amarelo-amarronzados.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita campos limpos ou com poucas árvores, podendo ser próximos a brejos ou não. Vivem solitariamente ou em casais, reunindo-se em grupos numerosos quando migram para o centro e norte do Brasil.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de sementes e ocasionalmente de pequenos invertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

É uma espécie migratória, mas que se reproduz no Brasil, em campos entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, ocorrendo também na Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. A fêmea constrói um ninho em forma de copo, onde deposita até quatro ovos. Os filhotes permanecem por cerca de 12 dias no ninho, e possuem a plumagem semelhante à da fêmea.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas da sua população no Brasil, mas é considerada como Vulnerável à extinção nacionalmente.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Facilmente mantido em cativeiro, aceitando rapidamente sementes como a de alpiste, painço ou arroz em casca. É comumente mantido em gaiolas no sudeste e nordeste do Brasil, sendo uma ave de manejo muito fácil, além de ser muito resistente.

CABOCLINHO-DE-BARRIGA-VERMELHA

Sporophila hypoxantha

Passeriformes terrestres (Passeriformes: Thraupidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-DE-TRISTÃO

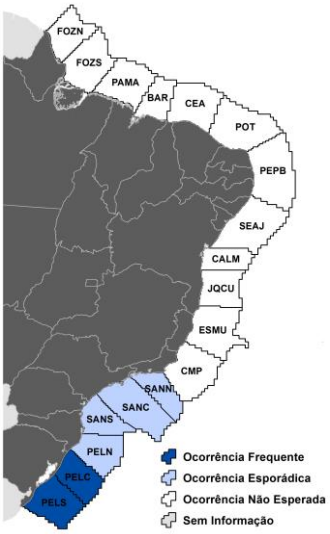
Diomedea dabbenena

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 115 cm. Massa corpórea: 6800 a 7300 g. Bico róseo com a ponta clara, pés cinza ou róseos. Muito semelhante a *Diomedea exulans* , sendo ligeiramente menor e possuindo um maior número de mudanças de plumagem até chegar a adulto.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, pode ser visto principalmente de forma solitária. No entanto, em locais com alimento em abundância várias aves podem ser observadas juntas, e convive com outras espécies de albatrozes e petréis nestas circunstâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes, mas também ingere peixes e crustáceos em menor quantidade.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, e muitos registros no país referem-se a indivíduos jovens, em movimentos de dispersão ou de migração. Acompanha navios de pesca.

POPULAÇÃO

Considerado como Criticamente Ameaçado tanto nacionalmente quanto globalmente.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta espécie em cativeiro no Brasil, e os indivíduos que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos a quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

ALBATROZ-DE-TRISTÃO

Diomedea dabbenena

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Criticamente em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Criticamente em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Criticamente em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-REAL

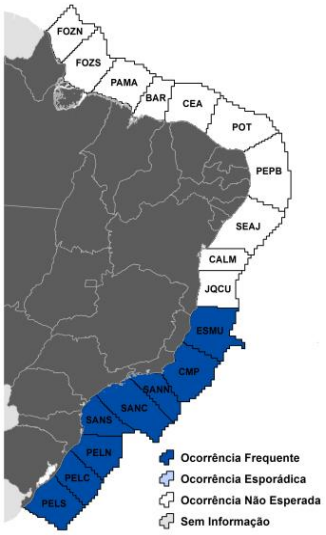
Diomedea epomophora

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 8000-10000g. Plumagem branca, com as rêmiges e coberteiras negras. Bico rosado, com uma linha negra distintiva na borda cortante da maxila.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, pode ser visto principalmente solitário, mas em locais onde existe alimento em abundância várias aves podem ser observadas juntas, podendo conviver com outras espécies de albatrozes e petréis nestas circunstâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes, mas também ingere peixes e crustáceos, embora em menor quantidade.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, e muitos registros no país referem-se a aves jovens, em movimentos de dispersão ou de migração.

POPULAÇÃO

Considerado como Vulnerável, sua população global é estimada em 25.000 aves. É particularmente ameaçada no Brasil pela alta mortalidade devido à captura incidental em linhas de pesca.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. As aves encontradas na costa do país geralmente chegam muito debilitadas, à beira da morte. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

ALBATROZ-REAL

Diomedea epomophora

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-GIGANTE

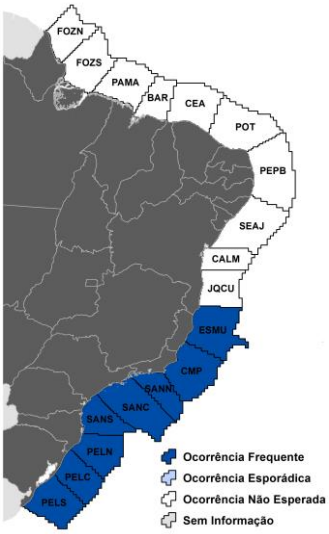
Diomedea exulans

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 110 e 140 cm. Massa corpórea: 7000-12000g. Lembra *D. dabbenena* e *D. epomophora* , deles diferindo pelo tamanho maior e por não possui uma linha negra na borda cortante da maxila.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pelágico e marinho, frequentando a costa brasileira especialmente fora do período reprodutivo. Geralmente é visto solitário, embora em pontos onde exista concentração de alimentos pode ser visto junto com outros albatrozes e petréis.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes, mas também consome, em menor proporção, peixes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não se reproduz no Brasil, onde aparece fora do período reprodutivo. Jovens são mais frequentes na costa brasileira, especialmente no sul do país, mas pode ser vista até a costa do Espírito Santo.

POPULAÇÃO

Considerado como Vulnerável, extremamente afetado pela pesca incidental. População global estimada em cerca de 100.000 aves. As aves também sofre com predadores em suas grandes colônias reprodutivas, onde muitos filhotes são vitimados por predadores como gatos e ratos. Várias aves morrem também por ingestão de lixo encontrado no mar.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. As aves que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas, à beira da morte. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos à quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

ALBATROZ-GIGANTE

Diomedea exulans

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-REAL-DO-NORTE

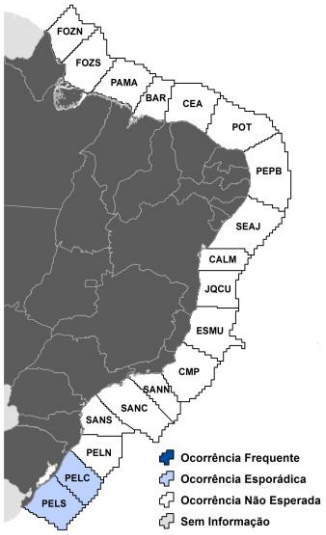
Diomedea sanfordi

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 110 a 120 cm. Massa corpórea: 6000 a 8000 g. Plumagem branca, com as asas negras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, pode ser visto principalmente de forma solitária. No entanto, em locais com alimento em abundância várias aves podem ser observadas juntas, e convive com outras espécies de albatrozes e petréis nestas circunstâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes, mas também ingere peixes e crustáceos em menor quantidade.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, e muitos registros no país referem-se a indivíduos jovens, em movimentos de dispersão ou de migração. Acompanha navios de pesca. A maioria dos registros vem da costa do Rio Grande do Sul.

POPULAÇÃO

Considerado como Em Perigo de extinção tanto nacional quanto globalmente, com uma população global estimada em pouco mais de 14.000 aves.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta espécie em cativeiro no Brasil, e os indivíduos que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos a quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

ALBATROZ-REAL-DO-NORTE

Diomedea sanfordi

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PIAU-PRETO

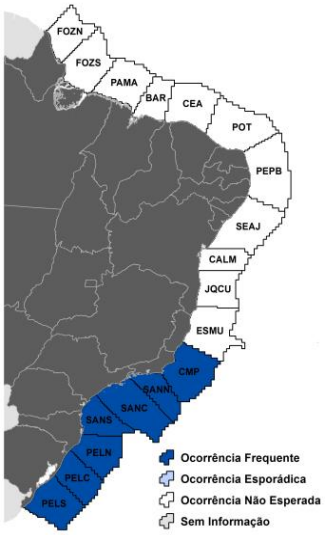
Phoebetria fusca

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 90 cm. Massa corpórea: 2000 a 3000 g. Plumagem cinza-amarronzada, pernas róseas ou cinza-rosadas. Bico negro com um sulco amarelo ou amarelo alaranjado na maxila, que não se estende até a ponta do bico.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuído no sul do Hemisfério Sul, sendo marinho e pelágico, ocorrendo preferencialmente em águas um pouco mais quentes do que Phoebetria palpebrata. Os registros no Brasil são ainda mais raros do que os de P. palpebrata. É considerado espécie vagante ou acidental no país.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes e de crustáceos como o krill, além de eventuais carcaças ou restos de animais, como placentas de focas. Pode se associar a cetáceos para se alimentar.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, e ocorre de maneira pouco regular no país. Os poucos registros da espécie no Brasil incluem aves que chegaram às praias já bastante debilitadas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas é considerada como Em Perigo de extinção globalmente.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta espécie em cativeiro no Brasil, e os indivíduos que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos a quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

PIAU-PRETO

Phoebetria fusca

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PIAU-DE-COSTAS-CLARAS

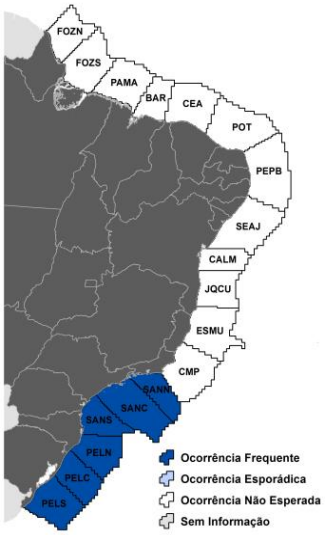
Phoebetria palpebrata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 90cm. Massa corpórea: 2800 a 3700 g. Plumagem cinza-escuro com dorso contrastante cinza-claro. Bico negro, com uma faixa azul-acinzentada na maxila, e que não chega até a ponta do bico.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuído no sul do Hemisfério Sul, sendo marinho e pelágico, ocorrendo preferencialmente em águas um pouco mais frias do que *Phoebetria fusca* . Pode se associar com *Diomedea exulans* para se alimentar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de cefalópodes e de crustáceos como o krill, além de eventuais carcaças ou restos de animais, como placentas de focas. Pode se associar a cetáceos para se alimentar.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, e ocorre de maneira pouco regular no país. Os poucos registros da espécie no Brasil incluem aves que chegaram às praias já bastante debilitadas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas sua população mundial foi estimada em 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta espécie em cativeiro no Brasil, e os indivíduos que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos a quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

PIAU-DE-COSTAS-CLARAS

Phoebetria palpebrata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-ARISCO

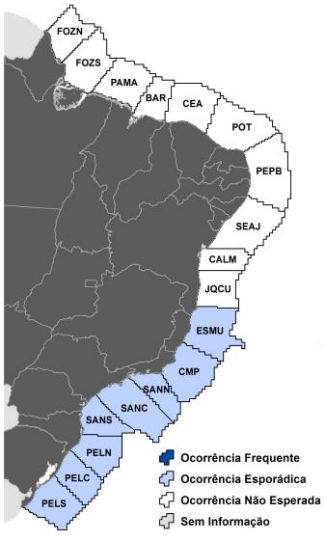
Thalassarche cauta

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 90 e 100 cm. Massa corpórea variando entre 3000 e 5000 g. Plumagem predominantemente branca, cauda negra e uma distintiva marca negra na superfície ventral das asas, quando estas unem-se ao corpo. Bico cinza, com a ponta amarela.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho, ocorrendo menos frequentemente em ambientes pelágicos. Pode se aproximar da costa, podendo ser visto até mesmo em praias, sendo mais susceptível às consequências de derrames de óleo do que outros grandes albatrozes. Geralmente solitários, sendo pouco visto nas agregações de aves marinhas em áreas de alimentação. Pode seguir barcos de pesca, sendo também afetado pela pesca incidental.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e crustáceos. Pode se alimentar à noite.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não se reproduz no Brasil, e os seus raros registros são feitos fora do período reprodutivo.

POPULAÇÃO

Sua população global é estimada em 70.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Por seu comportamento de manter-se mais próximo da costa, pode ser mais susceptível às consequências de derrames de óleo do que outros albatrozes. Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. As aves encontradas na costa do país geralmente chegam muito debilitadas, à beira da morte. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

ALBATROZ-ARISCO

Thalassarche cauta

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-DE-NARIZ-AMARELO

Thalassarche chlororhynchos

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Alta	Alta	Alta	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 70 e 80 cm. Massa corpórea variando entre 1700 e 2900 g. Padrão de coloração do bico diagnóstico, sendo negro com o cúlmen amarelo, se tornando mais intenso em direção à ponta, e por isso não pode ser confundido com nenhuma outra espécie de albatroz que ocorre no Brasil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho, pelágico e raramente chegando à costa. Geralmente chegam às praias já bastante debilitados. Preferem águas mais temperadas do que os demais albatrozes, e pode chegar até o Suriname. É comum no sul e sudeste do Brasil, mas também ocorre no nordeste e norte do Brasil. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes, e sofre um declínio continuado graças à pesca com espinhel.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e de lulas, que formam a base da sua dieta.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Os primeiros indivíduos começam a chegar em águas brasileiras, principalmente no sul e sudeste, entre abril e agosto. Entretanto, alguns indivíduos permanecem em águas brasileiras durante todo o ano.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção. A população mundial sofreu um declínio brutal nas últimas décadas, decaindo de quase 200.000 aves para pouco mais de 30.000 indivíduos. Severamente afetada pela pesca incidental e, nas colônias reprodutivas, por ataque de ratos domésticos aos ovos e filhotes.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

ALBATROZ-DE-NARIZ-AMARELO

Thalassarche chlororhynchos

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Vulnerável
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Vulnerável
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-DE-CABEÇA-CINZA

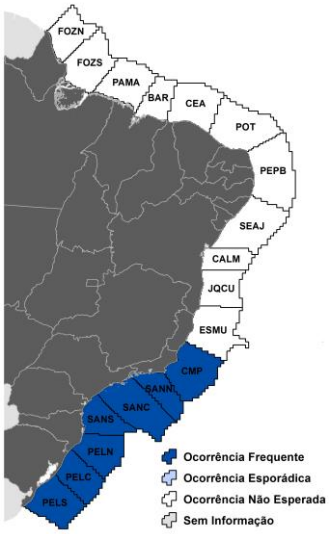
Thalassarche chrysostoma

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 70 a 80 cm. Massa corpórea: 2800 a 4500 g. Semelhante a *Thalassarche chlororhynchos* , mas possui coloração amarela também na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho, pelágico e raramente chegando à costa. Quando chegam às praias, geralmente já estão bastante debilitados. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes, e sofre um declínio continuado devido à pesca com espinhel.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e de lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Os primeiros indivíduos começam a chegar em águas brasileiras, principalmente no sul e sudeste, entre abril e agosto. Entretanto, alguns indivíduos permanecem em águas brasileiras durante todo o ano.

POPULAÇÃO

É considerada Em Perigo globalmente. É afetada pela pesca incidental e, nas colônias reprodutivas, por ataque de ratos domésticos aos ovos e filhotes, além da coleta de ovos pelos caçadores.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves desta espécie que tenham sido mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. Estas aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

ALBATROZ-DE-CABEÇA-CINZA

Thalassarche chrysostoma

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Deficiente em Dados
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Vulnerável
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Vulnerável
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ALBATROZ-DE-SOBRANCELHA

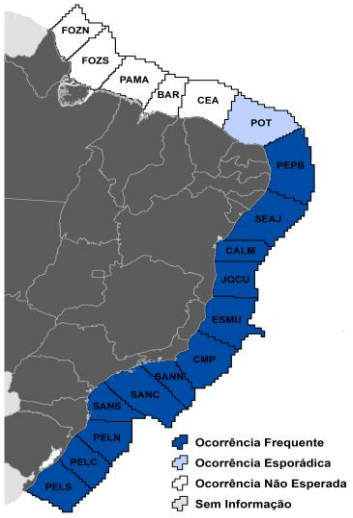
Thalassarche melanophris

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Alta	Alta	Alta	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 80 e 90 cm. Massa corpórea entre 2800 e 4700 g. Possui o bico amarelo, com a ponta vermelha. Fora do período reprodutivo o bico fica mais escuro. A cabeça é branca, ao contrário de *T. chlororhynchos* e *T. chrysostoma* , que as tem cinza.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho, pelágico, mas se aproxima com mais frequência da costa. Geralmente chegam às praias já bastante debilitados. Preferem águas mais temperadas do que os demais albatrozes, e pode chegar até o Suriname. É comum no sul e sudeste do Brasil, mas também ocorre no nordeste e norte do Brasil. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes, e sofre um declínio continuado graças à pesca com espinhel. A maioria dos indivíduos aparece no Brasil a partir de abril, permanecendo até agosto, embora existam indivíduos isolados durante todo o ano.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e de lulas, que formam a base da sua dieta.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Os primeiros indivíduos começam a chegar em águas brasileiras, principalmente no sul e sudeste, entre abril e agosto. Entretanto, alguns indivíduos permanecem em águas brasileiras durante todo o ano.

POPULAÇÃO

A população mundial sofreu um declínio brutal nas últimas décadas, decaindo de quase 200.000 aves para pouco mais de 30.000 indivíduos. Severamente afetada pela pesca incidental e, nas colônias reprodutivas, por ataque de ratos domésticos aos ovos e filhotes.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

ALBATROZ-DE-SOBRANCELHA

Thalassarche melanophris

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Diomedeidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BOBO-DE-CABO-VERDE

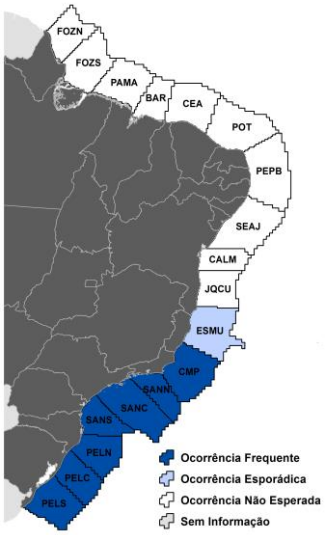
Calonectris edwardsii

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 40 a 45 cm. Massa corpórea: 400 a 600 g. Bico córneo ou acinzentado, nunca amarelado como em *Calonectris borealis* e *Calonectris diomedea* . Pés róseos também são diagnósticos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, com uma parte importante da população migrando para a costa brasileira, especialmente entre a Bahia e o Rio Grande do Sul.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos e outros pequenos invertebrados. Pode seguir barcos de pesca.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não se reproduz no Brasil, onde aparece na costa entre março e novembro, apenas fora do período reprodutivo.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para esta espécie, mas ela não parece sofrer grandes ameaças com a pesca incidental.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro. Não é uma espécie que apresenta risco para quem a manuseia, pois possui o bico frágil. Por outro lado, as aves que chegam à costa brasileira frequentemente estão muito debilitadas, sendo a sua recuperação muito difícil.

BOBO-DE-CABO-VERDE

Calonectris edwardsii

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PETREL-GIGANTE

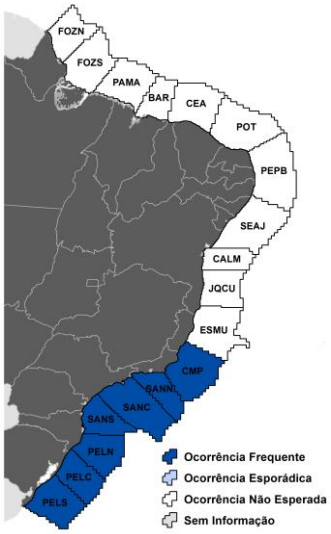
Macronectes giganteus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 100 cm. Massa corpórea: 4000 a 5000 g. Bico muito grande e forte, de coloração rosada, tornando-se esverdeado na ponta. Plumagem muito variável, sendo geralmente cinza-amarronzada.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre no sul do Hemisfério Sul, sendo registrado com alguma regularidade no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul. Marinho, pode ser encontrado tanto em águas pelágicas quanto na costa, nas praias, onde é um predador muito importante.

ALIMENTAÇÃO

Carcaças de vertebrados, além de peixes e moluscos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. De ocorrência irregular, e jovens e subadultos costumam aparecer nas praias brasileiras, já bastante debilitados.

POPULAÇÃO

A população global da espécie é estimada em mais de 60.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta espécie em cativeiro no Brasil, e os indivíduos que aqui aportam geralmente chegam muito debilitadas. É uma ave de grande porte, de bico poderoso, que pode causar sérios ferimentos a quem as manipula. Recomenda-se extremo cuidado e uso de equipamentos de proteção individual, além de equipamentos de captura adequados.

PETREL-GIGANTE

Macronectes giganteus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PARDELA-PRETA

Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea variando entre 1100 e 1500 g. Plumagem negra ou negra-amarronzada uniforme, exceto pela base da mandíbula, que é branca. Bico amarelado ou córneo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágica, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir, em uma série de ilhas subantárticas. Não costuma se aproximar da costa; quando chegam às praias geralmente estão muito debilitadas. Acompanha barcos de pesca, se alimentando também de descartes.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. Se reproduzem entre setembro e maio em ilhas subantárticas. Espécie registrada durante todo o ano em águas brasileiras, embora os registros sejam muito mais frequentes e numerosos entre junho e setembro.

POPULAÇÃO

É a espécie mais capturada pela frota pelágica brasileira, através de pesca incidental. As populações diminuíram drasticamente nas últimas décadas, mas a população global estimada gira em torno de sete milhões de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

PARDELA-PRETA

Procellaria aequinoctialis

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PARDELA-CINZA

Procellaria cinerea

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 50 cm. Massa corpórea: 900 a 1500 g. Ventre branco, dorso cinza-amarronzado, cabeça cinza e bico amarelado.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir. Não costuma se aproximar da costa, e os indivíduos que chegam às praias brasileiras geralmente estão muito debilitadas.

ALIMENTAÇÃO

Se alimenta principalmente de peixes, crustáceos e lulas, e não despreza descartes de barcos de pesca, os quais segue com frequência e em bandos numerosos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, reproduzindo-se entre fevereiro e setembro. Espécie irregularmente registrada em águas brasileiras.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em torno de 400.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves desta espécie que tenham sido mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. Estas aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas..

PARDELA-CINZA

Procellaria cinerea

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PARDELA-DE-ÓCULOS

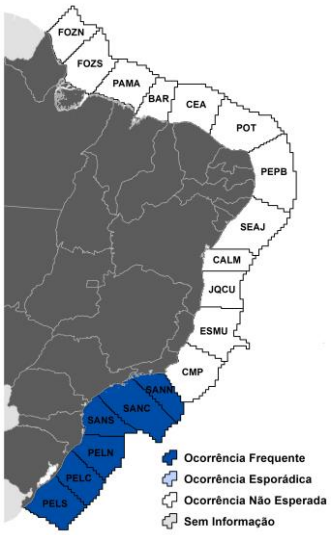
Procellaria conspicillata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 55 cm. Massa corpórea: 1000 a 1300 g. Muito semelhante a Procellaria aequinoctialis, diferindo por apresentar uma quantidade variável de branco ao redor dos olhos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico, ocorrendo longe da costa e frequentemente fora da plataforma continental. Pousa em terra apenas para se reproduzir em ilhas subantárticas. Não costuma se aproximar da costa, e os indivíduos que chegam às praias brasileiras geralmente estão muito debilitadas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas, e não despreza descartes de barcos de pesca, os quais segue com frequência e em bandos numerosos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, reproduzindo-se entre setembro e maio em ilhas subantárticas. Espécie registrada durante todo o ano em águas brasileiras, embora os registros sejam muito mais frequentes e numerosos entre junho e setembro.

POPULAÇÃO

É uma das espécies mais capturadas pela frota pelágica brasileira, através de captura incidental em artefatos de pesca. As populações diminuíram drasticamente nas últimas décadas, sendo que a população global estimada gira em torno de 40.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves desta espécie que tenham sido mantidas em cativeiro no Brasil e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. Estas aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

PARDELA-DE-ÓCULOS

Procellaria conspicillata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PARDELA-DE-TRINDADE

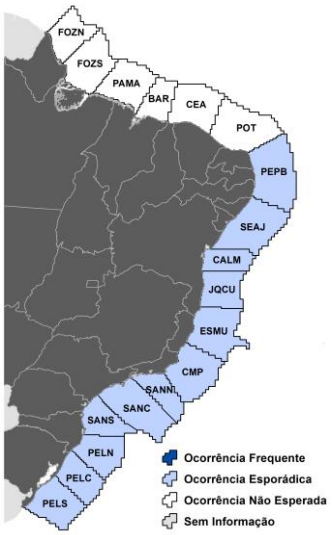
Pterodroma arminjoniana

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 35 e 40 cm. Massa corpórea: 300-500 g. Plumagem muito variável, mas geralmente com a cabeça cinza-clara, marrom-escuro no dorso e ventre branco, com exceção de um colar amarronzado.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pelágico, raramente se aproximando da costa. Geralmente solitária ou em pequenos grupos, eventualmente vista acompanhando barcos.

ALIMENTAÇÃO

Alimentação muito pouco conhecida, mas os registros indicam cefalópodes como lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se nas ilhas de Trindade e Martim Vaz (Espírito Santo).Ocorre irregularmente ao longo da costa do Brasil. Possui reprodução colonial, nidificando em fendas rochosas. A postura é de apenas um único ovo, e a incubação dura em torno de 50 dias. Possui atividade noturna.

POPULAÇÃO

População estimada em cerca de 15.000 indivíduos. Suas colônias são afetadas por predadores introduzidos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. São aves delicadas, de dieta pouco conhecida e aparentemente de difícil manutenção. Já chegam muito debilitadas às praias. Não oferecem qualquer risco adicional a quem as manipula.

PARDELA-DE-TRINDADE

Pterodroma arminjoniana

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GRAZINA-DE-DESERTAS

Pterodroma deserta

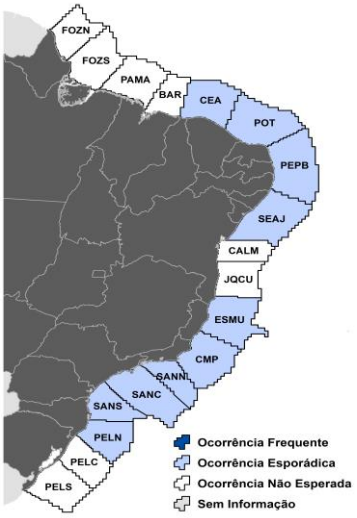
Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

Fonte: Olli Tenovuo



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 35 e 40 cm. Massa corpórea entre 300 e 400 g. Cinza escuro no dorso, ventre branco. Loro branco, que contrasta com a face, cinza-escura.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha e pelágica, praticamente só retorna à terra para se reproduzir, nas Ilhas Bugio e Desertas, no arquipélago da Madeira, que pertencem a Portugal. Eventualmente registrada nos Açores, se aproximando das ilhas a partir de junho. Espécie vagante no Brasil, de ocorrência muito irregular.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de lulas e de pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil. É espécie considerada vagante no país, de ocorrência irregular e imprevisível, e nunca em grandes números.

POPULAÇÃO

Ameaçado de extinção. População estimada em poucas centenas de indivíduos, que sofrem nas suas áreas de reprodução com o ataque de ratos e cabras (que tem sido controlados) e também com a erosão dos seus locais para ninho, além da predação por *Larus dominicanus.*

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo destas aves em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas. A alimentação é bastante especializada e a morfologia do bico destas aves é bastante peculiar, o que pode dificultar o manejo.

GRAZINA-DE-DESERTAS

Pterodroma deserta

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

DIABLOTIM

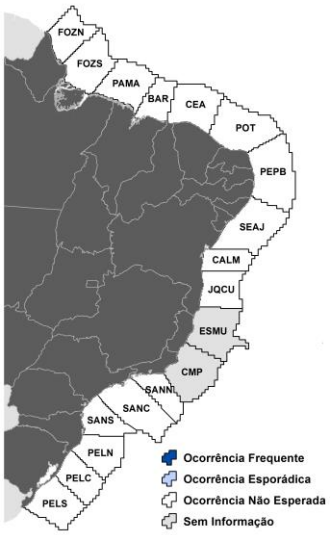
Pterodroma hasitata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 38 a 40 cm. Massa corpórea: 400 a 600 g. Bico negro, pés rosados, ventre e superfície inferior das asas branca, com apenas uma linha negra no ápice das rêmiges e na borda anterior das asas. Possui o alto da cabeça cinza-escuro ou negro, que contrasta com um colar branco.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pelágico, raramente se aproximando da costa. Visitante raro no Brasil, contando com poucos registros no país. Quando na costa brasileira, geralmente vistos sozinhos ou em pequenos grupos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de lulas, mas também foi reportado o consumo de pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não se reproduz no Brasil, nidificando no Haiti e na República Dominicana. São conhecidos poucos registros no Brasil, sugerindo migração.

POPULAÇÃO

Considerada como Em Perigo, sua população atual é muito reduzida, em torno de 5.000 aves. As maiores ameaças à sua conservação concentram-se nas suas colônias reprodutivas no Caribe.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. São aves delicadas, de dieta pouco conhecida e aparentemente de difícil manutenção. As aves que chegam à costa brasileira frequentemente estão muito debilitadas, sendo a sua recuperação muito difícil. Não oferecem qualquer risco adicional a quem as manuseia.

DIABLOTIM

Pterodroma hasitata

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GRAZINA-DE-BARRIGA-BRANCA

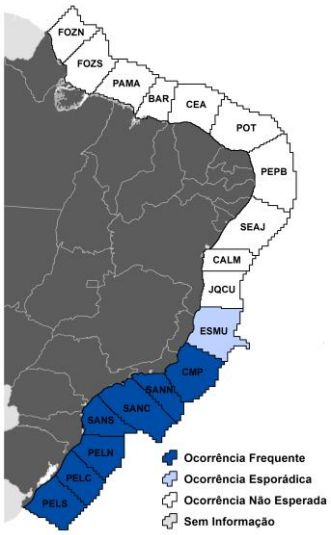
Pterodroma incerta

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 45 cm. Massa corpórea variando entre 400 e 700 g. Pés rosados, bico negro. Ventre branco, que contrasta com o restante da plumagem, marrom-escuro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha, com poucos registros pelágicos. Geralmente solitária, mas pode também ser vista em pequenos grupos não muito afastado da costa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e moluscos (cefalópodes) que vivem próximos a superfície do oceano, mas a dieta também pode incluir pequenos crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie migratória, não se reproduz no Brasil.

POPULAÇÃO

Considerada Em Perigo de Extinção, com as suas colônias sofrendo alta predação de filhotes por ratos e gatos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a sua manutenção em cativeiro no Brasil. São aves delicadas, de dieta pouco conhecida e aparentemente de difícil manutenção. Já chegam muito debilitadas às praias. Não oferecem qualquer risco adicional a quem as manipula.

GRAZINA-DE-BARRIGA-BRANCA

Pterodroma incerta

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Vulnerável
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Em Perigo
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 40 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 700 e 1000 g. Bico negro, tarsos e pés rosados, plumagem uniforme marrom-escura ou cinza-escura, com uma mancha branca muito chamativa na superfície ventral das asas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinha, ocorrendo na plataforma continental e fora dela. Pode se aproximar da costa. Segue barcos de pesca e pode ser visto solitário ou em grandes bandos. Ocorre em todos os oceanos do mundo, sendo uma das aves marinhas mais comuns e abundantes. Migrante transequatorial, ocorrendo da Groenlândia à Antártica.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes, crustáceos e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil e ocorre em águas brasileiras principalmente entre maio e janeiro, embora seja possível haver registros durante o ano todo, especialmente fora da plataforma continental.

POPULAÇÃO

A população global é estimada em 20.000.000 de indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se aves mantidas em cativeiro no Brasil, mesmo que temporariamente, e a experiência com o manejo de aves desta família em nosso país é ainda muito limitada, com um alto índice de óbitos. As aves, quando resgatadas nas praias, costumam chegar muito debilitadas.

BOBO-ESCURO

Puffinus griseus

Aves marinhas pelágicas (Procellariiformes: Procellariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PINGUIM-DE-PENACHO-AMARELO

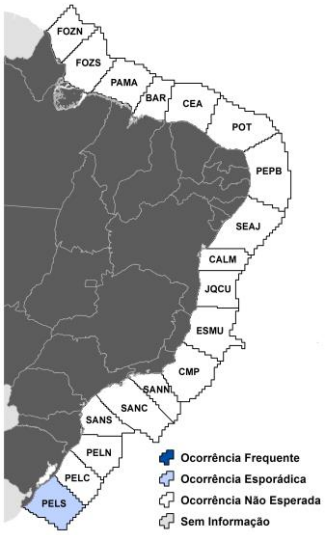
Eudyptes chrysocome

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 50 a 60 cm. Massa corpórea: 2000 a 4000 g. Bico laranja-avermelhado e pés rosados. Presença de topete de longas penas amarelas acima dos olhos, formando uma linha superciliar.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e pelágico. Não nidifica no Brasil, utilizando principalmente em áreas rochosas íngremes em ilhas subantárticas, não utilizando cavidades.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, aparecendo no país de forma irregular, sendo muito raros os registros no país.

POPULAÇÃO

Considerada como Vulnerável de extinção, embora a população global seja estimada em mais de 1.000.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Os pinguins em geral são aves facilmente mantidas em cativeiro, embora possam chegar às praias bastante debilitadas. Podem sofrer com pododermatites se mantidas em áreas com piso inadequado, e são especialmente susceptíveis à malária aviária e à aspergilose. Devem ser manuseadas com muito cuidado pelos cuidadores, pois possuem os pés e o bico muito fortes, podendo causar sérios ferimentos em quem as manipula. Deve-se tomar cuidado especial com as asas, que podem ser fraturadas se as aves são manejadas sem o devido cuidado. Podem ser mantidas em grupos razoavelmente numerosos.

PINGUIM-DE-PENACHO-AMARELO

Eudyptes chrysocome

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PINGUIM-MACARONI

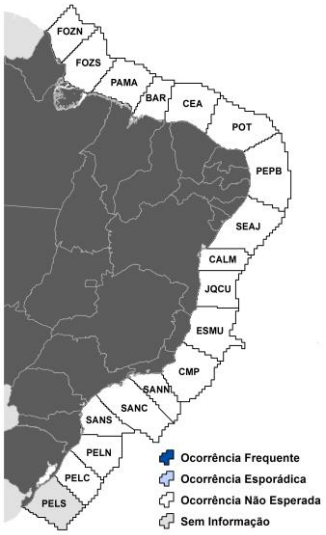
Eudyptes chrysolophus

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 70 cm. Massa corpórea: 3000 a 6000 g. Muito semelhante a Eudyptes chrysocome, mas o topete é amarelo-dourado e não forma uma linha superciliar.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Marinho e aparentemente pelágico, nidificando fora do Brasil. Nas ilhas subantárticas em que se reproduz, utiliza dunas e áreas rochosas, utilizando touceiras de gramíneas mas não cavidades de rochas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos, coletados durante os mergulhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não nidifica no Brasil, aparecendo no país de forma irregular, sendo bastante raros os registros para o país.

POPULAÇÃO

A população é estimada em mais de 9 milhões de casais, porém está em rápido declínio na maioria das colônias reprodutivas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Embora essa espécie nunca tenha sido mantida em cativeiro no Brasil, os pinguins em geral são aves facilmente mantidas em cativeiro, embora possam chegar às praias bastante debilitadas. Podem sofrer com pododermatites se mantidas em áreas com piso inadequado, e são especialmente susceptíveis à malária aviária e à aspergilose. Devem ser manuseadas com muito cuidado pelos cuidadores, pois possuem os pés e o bico muito fortes, podendo causar sérios ferimentos em quem as manipula. Deve-se tomar cuidado especial com as asas, que podem ser fraturadas se as aves são manejadas sem o devido cuidado. Podem ser mantidas em grupos razoavelmente numerosos.

PINGUIM-MACARONI

Eudyptes chrysolophus

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PINGUIM-DE-MAGALHÃES

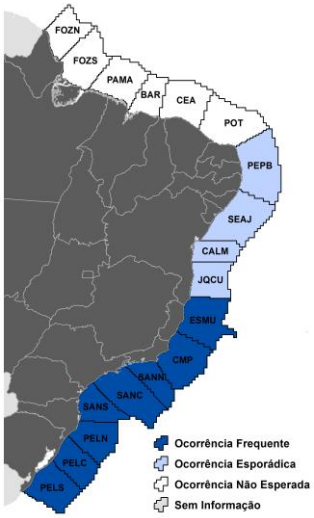
Spheniscus magellanicus

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Alta	Alta	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 3000-8000 g. Possui uma distinta linha superciliar branca, além de duas faixas negras no pescoço e peito.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É o pinguim mais comum da costa brasileira, ocorrendo do Rio Grande do Sul até Alagoas. Os jovens e adultos lançam-se ao mar entre maio e agosto, em direção norte, alcançando a costa brasileira. Exemplares de pinguins com transmissor de satélite durante o período reprodutivo deslocavam-se mais de 100km para alimentação, e as vezes mais de 600km entre as diferentes colônias na Argentina. Os pinguins possuem fidelidade ao local de reprodução, com a maioria das aves retornando à colônia onde nasceram para se reproduzir, e adultos utilizando a mesma toca ano após ano. Também possuem fidelidade ao parceiro, acasalando-se geralmente com o mesmo parceiro ano após ano.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de peixes e moluscos (cefalópodes) que vivem próximos a superfície do oceano.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os pinguins de Magalhães se reproduzem nas costa Atlântico e do Pacífico na América do Sul, como Golfo de San Matías na Argentina e Puerto Montt no Chile. Há colônias em algumas ilhas oceânicas, incluindo as Ilhas Falkland. Indivíduos adultos chegam nas colônias no mês de Setembro, e depois de formar os pares reprodutivos, colocam em média dois ovos. Ambos adultos incubam os ovos que duram em média de 39 a 42 dias. Entre 40 e 70 dias depois que os filhotes nasceram, eles vão para o mar, e os adultos realizam a muda das penas para retornar ao oceano.

POPULAÇÃO

A população mundial está estimada em 1,3 milhões de pares. As tendências populacionais diferem entre as colônias; as duas maiores colônias na Argentina tem tido um declínio na última década, mas outras colônias menores, tem tido um aumento. No geral há um significante declínio em algumas áreas, com substancial mortalidade devido as diversas ameaças tais como poluição por óleo, pesca industrial e coleta de ovos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma ave forte e robusta, que não tem o hábito de permanecer em solo plano por muito tempo. Assim sendo, cuidados devem ser tomados para evitar o aparecimento de pododermatites ("*bumblefoot* "). A alimentação deve ser feita preferencialmente com sardinhas. As bicadas podem ser perigosas e quem manipula a ave deve usar equipamento de proteção individual.

PINGUIM-DE-MAGALHÃES

Spheniscus magellanicus

Pinguim (Sphenisciformes: Spheniscidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Menor Preocupação**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-POMBO-PEQUENO

Amadonastur lacernulatus

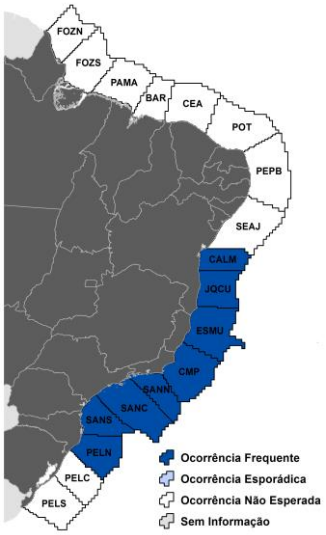
Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa	Baixa

Fonte: Gabriel Mello



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 45 a 50 cm. Massa corpórea: 400 a 600 g. Plumagem predominantemente branca, com dorso e asas negras, uma faixa negra terminal na cauda, seguida de uma subterminal branca e larga.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Prefere a Mata Atlântica primária ou em avançado estado de regeneração, ocorrendo desde o nível do mar até 1500 m de altitude. É altamente dependente do ambiente florestal, e geralmente é visto solitário, pousado à espera das presas. É mais raramente visto sobrevoando a floresta. Não é uma espécie migratória.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos vertebrados como lagartos e outros pequenos vertebrados, incluindo mamíferos, anfíbios e aves. Já foi visto também se alimentando de insetos, podendo ser considerado como um predador generalista.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Muito pouco conhecida, mas inicia-se a partir de outubro. O ninho provavelmente é uma plataforma de galhos construído no alto das árvores. Desconhece-se o seu ninho e o seu comportamento reprodutivo.

POPULAÇÃO

É uma espécie muito discreta que, apesar da coloração, chama pouco a atenção do observador. Não existem estimativas populacionais precisas. Acredita-se que a degradação do seu hábitat deve ter se refletido também nas suas populações.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Alguns indivíduos já foram resgatados em centros de triagem e enviados para Zoológicos e criadores no Brasil. Como a maioria dos gaviões, não oferece grandes desafios para a sua manutenção e manejo em cativeiro, mas deve-se tomar cuidado com as garras, que podem provocar ferimentos sérios. O bico é forte, mas todos os gaviões defendem-se com mais eficiência através das garras, usando pouco o bico.

GAVIÃO-POMBO-PEQUENO

Amadonastur lacernulatus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-CARANGUEJEIRO

Buteogallus aequinoctialis

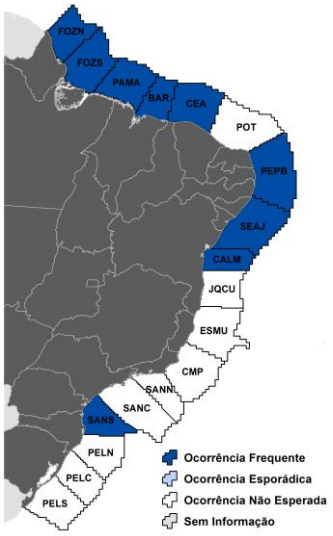
Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Média	Alta	Baixa

Fonte: Hervé Michel



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 45 e 50 cm. Massa corpórea variando entre 600 e 1000 g. Loro e cere amarelos, cabeça e dorso negros, pernas amarelas. Peito marrom com estrias negras. Cauda negra, com uma faixa estreita terminal branca, e outra na base.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Gavião característico dos manguezais e estuários, muito raramente sendo visto em águas interiores. Geralmente aos casais, apresentando uma distribuição coincidente com os maiores manguezais do Brasil. Pode usar manguezais até mesmo próximos de cidades, sendo tolerantes a ambientes alterados.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de caranguejos, eventualmente consome pequenos anfíbios.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se entre setembro e fevereiro, mas os seus ciclos são ainda muito pouco estudados no Brasil, onde não é raro, mas carece de pesquisas mais aprofundadas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante nos manguezais da região norte, sendo mais raros do Ceará para o sul.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta ave em cativeiro, e dada a sua dieta especializada em caranguejos não se sabe se sobrevive fora da natureza. Como todos os gaviões, deve-se dar atenção especial aos ferimentos que podem ser causados pelas garras das aves.

GAVIÃO-CARANGUEJEIRO

Buteogallus aequinoctialis

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●							●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●							●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ÁGUIA-CINZENTA

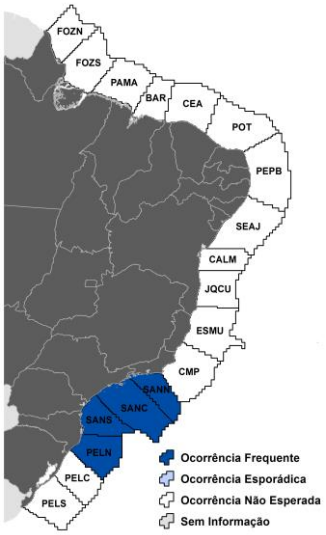
Buteogallus coronatus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Média	Baixa	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 70 a 80 cm. Massa corpórea: 2000 a 3000 g. Facilmente distinguível pelo grande porte, plumagem predominantemente cinzenta, com um evidente topete. Pernas amarelo-oliváceas. Cauda relativamente curta, com uma faixa subterminal negra, seguida de outra faixa branca mais larga.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Vivem solitariamente ou aos casais principalmente em áreas de campo limpo, um dos hábitats mais raros atualmente no país. Evita florestas, ocorrendo ocasionalmente na borda. Alguns indivíduos podem ser registrados em pastagens, um tipo de hábitat menos complexo e subótimo para as aves. Predador do tipo “senta e espera”, pode ficar pousada por horas nos seus poleiros preferenciais.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se vertebrados de médio porte, como tatus, ouriços, gambás, jaritatacas, perdizes e outras aves terrícolas e, eventualmente, insetos como grilos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um grande ninho em forma de plataforma nas árvores mais altas e protegidas, ou próximo a paredões rochosos. A fêmea bota apenas um ovo, e o filhote, quando deixa o ninho, possui a plumagem muito diferente das dos adultos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas é provavelmente o gavião mais ameaçado do Brasil. Torna-se cada vez mais rara devido a alteração dos campos naturais e pela caça, já que os pecuaristas acreditam que esta ave pode predar filhotes de ovelhas, cabras e vacas, o que não foi provado.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Gaviões de grande porte devem ser manuseados com o máximo de cuidado. Esta é uma espécie muito poderosa, e as suas garras e bico podem causar ferimentos sérios. Os cuidadores devem usar EPI, incluindo óculos de proteção. São mantidas em cativeiros e zoológicos no Brasil, em casais ou solitariamente. Podem ser tornar extremamente agressivas em cativeiro.

ÁGUIA-CINZENTA

Buteogallus coronatus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Vulnerável**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-DO-MANGUE

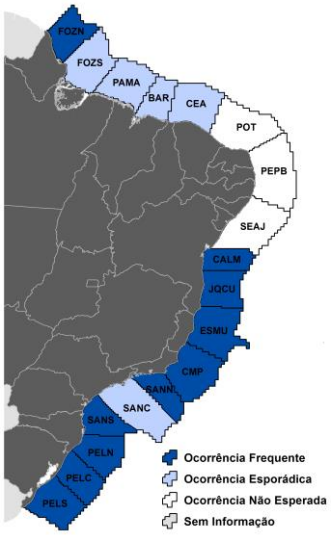
Circus buffoni

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Média	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total entre 50 e 60 cm. Massa corpórea variando entre 400 e 600 g. Apresenta asas longas. Plumagem bastante variável, mas tipicamente com a face branca, que contrasta com o restante do corpo. Peito branco, e o alto da cabeça e dorso podem ser cinza, negro ou marrom.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Gavião característico de áreas abertas. Habita campos, arrozais, alagados, brejos e pastagens; pode voar próximo a estuários, mas não é uma espécie tipicamente associada a ambientes marinhos ou salinos, embora deles possa se aproximar. Voa sozinho e há populações migratórias especialmente na região sul, onde podem se congregar centenas de aves. Na região norte do Brasil é de ocorrência muito irregular e incerta, sendo muito mais comum da região centro-oeste para o sul.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de aves, pequenos anfíbios e répteis, além de pequenos mamíferos e insetos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil se reproduz entre setembro e fevereiro. O ninho é uma plataforma simples, construída próxima ao solo, onde podem ser colocados até quatro ovos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é uma espécie muito comum e abundante em manguezais

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta ave em cativeiro no Brasil. É uma ave que passa a maior parte do tempo planando e não há relatos sobre procedimentos sobre a sua reabilitação.

GAVIÃO-DO-MANGUE

Circus buffoni

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●							●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●							●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●							●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●							●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●							●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●							●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●							●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●							●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-CINZA

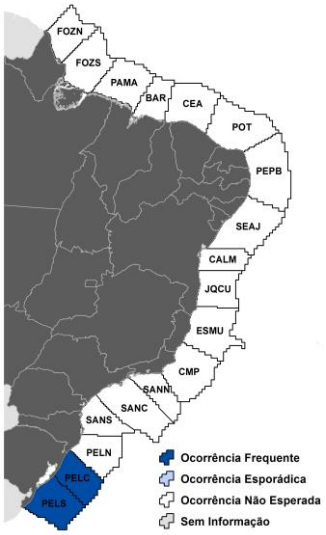
Circus cinereus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Média	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 40 cm. Massa corpórea: 300 a 500 g. Plumagem cinza-claro, com o peito estriado de marrom. Pode se assemelhar a Circus buffoni, mas nunca apresenta a face branca. Apresenta bater de asas e padrão de voo inconfundíveis.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita campos, arrozais, alagados, brejos e pastagens. Pode voar próximo a estuários, mas não é uma espécie tipicamente associada a ambientes marinhos ou salinos. Voa solitariamente.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de aves, pequenos anfíbios e répteis, além de pequenos mamíferos e insetos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

No Brasil se reproduz entre setembro e fevereiro. O ninho é uma plataforma simples, construída próxima ao solo, onde podem ser colocados até cinco ovos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas para o Brasil, mas é considerado como Vulnerável à extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Desconhece-se a manutenção desta ave em cativeiro no Brasil. É uma ave que passa a maior parte do tempo planando e não há relatos sobre procedimentos sobre a sua reabilitação.

GAVIÃO-CINZA

Circus cinereus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-CHIMANGO

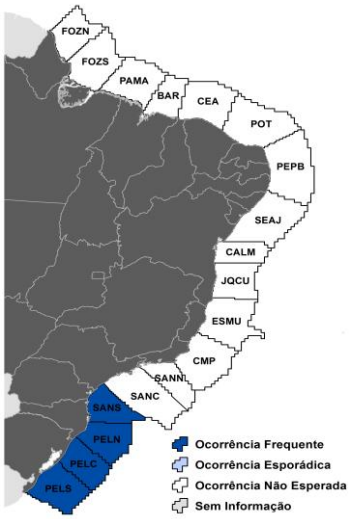
Milvago chimango

Aves de rapina (Falconiformes: Falconidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Média	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 35 a 45 cm. Massa corpórea: 200 a 300 g. Semelhante ao imaturo de Milvago chimachima, diferindo por apresentar o ceroma róseo ou avermelhado. Plumagem uniformemente marrom-acinzentada, com uma larga faixa esbranquiçada na cauda.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Amplamente distribuído no sul do Brasil, com alguns vagantes chegando até Minas Gerais. Extremamente generalista, pode ser encontrado em qualquer ambiente não florestal, incluindo cidades e praias. Vivem normalmente em casais ou pequenos grupos familiares. Altamente tolerante a ambientes alterados pela presença humana.

ALIMENTAÇÃO

Carnívoro generalista, consumindo insetos, pequenos vertebrados e carniça. Pode ocasionalmente abrir sacolas de lixo nas cidades em busca do que pode ser consumido.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduzem-se durante o segundo semestre, quando o casal constrói uma plataforma em árvores altas, incluindo espécies exóticas como o eucalipto. A fêmea bota até três ovos, incubados por cerca de 30 dias. Os filhotes são nidícolas.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas é uma espécie muito comum e que se aproveita dos ambientes degradados.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não é uma espécie procurada por zoológicos e criadores por ser muito comum, mas alguns zoológicos já mantiveram essa espécie sem dificuldades. Não oferece maiores perigos no manuseio, embora seja importante tomar cuidado com o bico e as garras.

GAVIÃO-CHIMANGO

Milvago chimango

Aves de rapina (Falconiformes: Falconidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MURUCUTUTU

Pulsatrix perspicillata pulsatrix

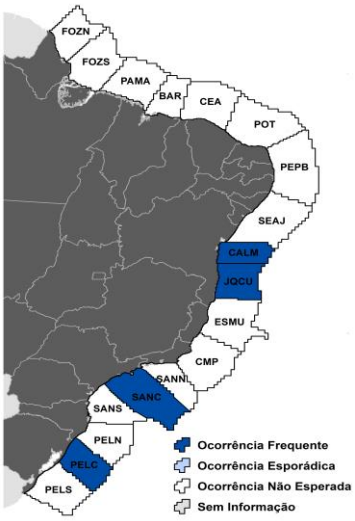
Aves de rapina (Strigiformes: Strigidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 45 a 50 cm. Massa corpórea: aprox. 1000 g. Subespécie muito rara e pouco conhecida, facilmente distinguida de Pulsatrix koenioswaldiana por apresentar os dedos cobertos de penas. Plumagem do ventre tem coloração amarela-suja, dorso e cabeça marrons, faixas na cauda muito discretas. Íris amarela. É considerada uma espécie de validade taxonômica questionável, podendo refletir apenas o extremo de uma variação clinal de *Pulsatrix perspicillata* .

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ave endêmica da Mata Atlântica, entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Sul, de onde é conhecida por pouco mais de dez exemplares coletados. Vivem aos casais na mata alta, e são mais facilmente detectadas pela voz.

ALIMENTAÇÃO

Provavelmente alimenta-se de pequenos vertebrados e insetos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Provavelmente a reprodução concentra-se entre setembro e fevereiro. Nidificam em cavidades, mas a reprodução é muito pouco conhecida.

POPULAÇÃO

É um táxon de validade questionável, e desconhecem-se estimativas populacionais. É considerado como Vulnerável à extinção no Brasil devido à destruição do hábitat em que vive.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Corujas são facilmente mantidas em cativeiro, até mesmo em grupos pequenos, de até quatro aves. São geralmente dóceis e calmas, aceitando rapidamente a alimentação nos viveiros. Os cuidadores, ao manejar as aves, devem tomar apenas bastante cuidado com as garras, que podem causar ferimentos.

MURUCUTUTU

Pulsatrix perspicillata pulsatrix

Aves de rapina (Strigiformes: Strigidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●							●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●							●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●							●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-POMBO-GRANDE

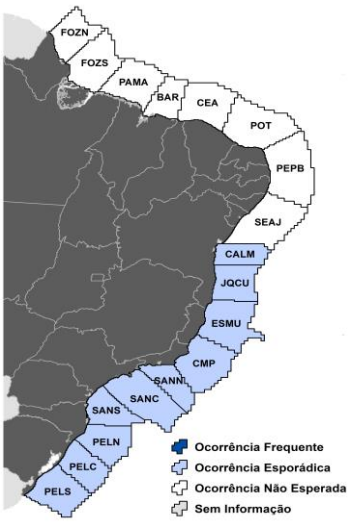
Pseudastur polionotus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea desconhecida. 50 cm de comprimento total. Gavião de médio porte, que chama a atenção pela plumagem branco-puro, apenas com o manto, base da cauda e as asas negras. Pernas amarelas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie solitária, que habita a Mata Atlântica em excelente estado de conservação. Gosta de sobrevoar a floresta, quando pode ser mais facilmente observado. É um predador do tipo “senta e espera”, podendo passar horas imóvel, aguardando a sua presa. Apesar da sua chamativa plumagem, é ainda muito pouco conhecido.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de insetos e outros invertebrados grandes, mas consome também pequenos vertebrados, como lagartos, e aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Muito pouco conhecida, conhecido apenas um ninho em forma de plataforma.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas não é considerada como ameaçada de extinção nem nacional e nem globalmente. É muito discreta e habita a Mata Atlântica em excelente estado de conservação, o que contribuiu para a sua aparente raridade.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Gaviões de grande porte devem ser manuseados com o máximo de cuidado. As suas garras e bico podem causar ferimentos. Os cuidadores devem usar EPI, incluindo óculos de proteção. São mantidas em cativeiros e zoológicos no Brasil, em casais ou solitárias.

GAVIÃO-POMBO-GRANDE

Pseudastur polionotus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●							●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●							●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●							●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●							●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●							●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●							●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●							●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●							●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●							●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●							●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Quase Ameaçada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-PATO

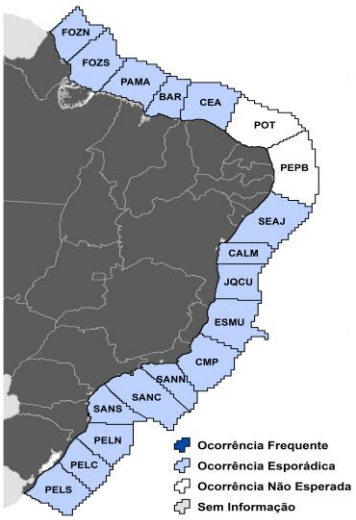
Spizaetus melanoleucus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 800 g, 60 cm de comprimento total. Chama a atenção pelo porte, e por possui os tarsos emplumados. Ceroma amarelo-alaranjado, íris amarelo-vivo, que fica mais evidente por causa da região peri-ocular negra. Superfície inferior das asas brancas, bem como praticamente toda a plumagem. Dorso e asas negras. Possui um discreto topete.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Acredita-se que esta espécie de gavião fosse mais rara no passado, e atualmente existem dezenas de registros em praticamente todo o país. São geralmente solitários, e sobrevoam os seus hábitats em busca de alimento. Vocalizam pouco, e não ficam muito expostos em galhos secos no alto das árvores, preferindo se manter logo abaixo da copa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se vertebrados de médio porte, como gambás, aves e, eventualmente, insetos como grilos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um ninho em forma de plataforma nas árvores mais altas e protegidas. A fêmea bota apenas um ovo, e o filhote é alimentado por ambos os pais.

POPULAÇÃO

Não é considerada como ameaçada de extinção. O número de registros tem aumentado, e ocorre em praticamente todos os biomas brasileiros.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Gaviões de grande porte devem ser manuseados com o máximo de cuidado. As garras e bico dessa espécie podem causar ferimentos bem sérios. Os cuidadores devem usar EPI, incluindo óculos de proteção. São mantidas em cativeiros e zoológicos no Brasil, em casais ou solitárias. Podem ser tornar extremamente agressivas em cativeiro.

GAVIÃO-PATO

Spizaetus melanoleucus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●						●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●						●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●						●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●						●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●						●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●						●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●						●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●						●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●						●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●						●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GAVIÃO-DE-PENACHO

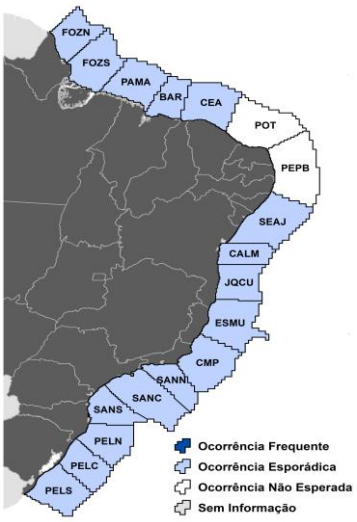
Spizaetus ornatus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Massa corpórea: 1200-1600 g, 70 cm de comprimento total. Grande gavião, facilmente identificável por causa do longo topete, ceroma e íris amarelos. Tarsos emplumados, com finas estrias negras sobre fundo branco. Tarsos amarelos. Nuca e dorso anterior castanhos, manto, asas e dorso negros ou marrom-enegrecidos. Cauda com quatro faixas transversais negras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Gavião de grande porte e florestal, ocorrendo apenas em matas em bom estado de conservação, onde pode encontrar vertebrados de médio porte, base da sua alimentação. Geralmente encontrados aos casais, é uma das espécies de gavião mais vocais, sendo detectado a grandes distâncias.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se vertebrados de médio porte, como gambás, macacos e aves.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Constrói um grande ninho em forma de plataforma nas árvores mais altas e protegidas. A fêmea bota apenas um ovo, e o filhote, quando deixa o ninho, possui a plumagem muito diferente das dos adultos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas sobre a sua população no Brasil, mas parece ser mais comum do que se pensava no passado. Não é uma espécie considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Gaviões de grande porte devem ser manuseados com o máximo de cuidado. Esta é uma espécie muito poderosa, e as suas garras e bico podem causar ferimentos bem sérios. Os cuidadores devem usar EPI, incluindo óculos de proteção. São mantidas em cativeiros e zoológicos no Brasil, em casais ou solitárias. Podem ser tornar extremamente agressivas em cativeiro.

GAVIÃO-DE-PENACHO

Spizaetus ornatus

Aves de rapina (Accipitriformes: Accipitridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●						●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●						●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●						●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●						●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●						●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●						●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●						●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●						●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●						●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●						●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Criticamente em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

1.2. Herpetofauna

A **Tabela 2** apresenta a lista das 33 espécies de herpetofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF.

Tabela 2: Lista de espécies de herpetofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Anfíbios	
Aparasphenodon bokermanni	Perereca-de-capacete
Ceratophrys ornata	Sapo-de-chifre
Chthonerpeton viviparum	Cecília-de-Santa-Catarina
Cycloramphus faustoi	Sapo-de-Alcatrazes
Ischnocnema manezinho	Rãzinha-do-folhiço-da-ilha
Melanophryniscus dorsalis	Flamenguinho
Melanophryniscus montevidensis	Sapinho-de-barriga-vermelha-uruguaio
Oscaecilia hypereumeces	Cecília-de-Joinvile
Scinax alcatraz	Perereca-de-Alcatrazes
Scinax faivovichi	Pererequinha-da-Ilha-dos-Porcos-de-Faivovich
Scinax jureia	Pererequinha-da-Juréia
Scinax peixotoi	Perereca-da-Queimada-Grande
Siphonops insulanus	Cecília-da-Ilha-Vitória
Crocodilianos	
Caiman latirostris	Jacaré-de-papo-amarelo
Outros répteis	
Anisolepis undulatus	Camaleãozinho
Bothrops aff jararaca (Ilha da Moela)	Jararaca da Ilha da Moela
Bothrops aff jararaca (Ilha de Búzios)	Jararaca da Ilha de Búzios
Bothrops alcatraz	Jararaca-das-Alcatrazes
Bothrops insularis	Jararaca-ilhoa
Bothrops otavioi	Jararaca-da-ilha-Vitória
Brasiliscincus caissara	Calango-liso-da-restinga
Dipsas albifrons cavalheiroi	Dormideira-da-Ilha-da-Queimada-Grande
Liolaemus arambarensis	Lagartixa-das-dunas
Liolaemus occipitalis	Lagartixa-da-praia
Tropidurus imbituba	Calango

Tabela 2: Lista de espécies de herpetofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Tartarugas e cágados	
Acanthochelys spixii	Cágado-negro
Caretta caretta	Tartaruga-cabeçuda
Chelonia mydas	Tartaruga-verde
Dermochelys coriacea	Tartaruga-de-couro
Eretmochelys imbricata	Tartaruga-de-pente
Hydromedusa maximiliani	Cágado-da-serra
Lepidochelys olivacea	Tartaruga-oliva
Phrynops williamsi	Cágado-de-ferradura-sulino

TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

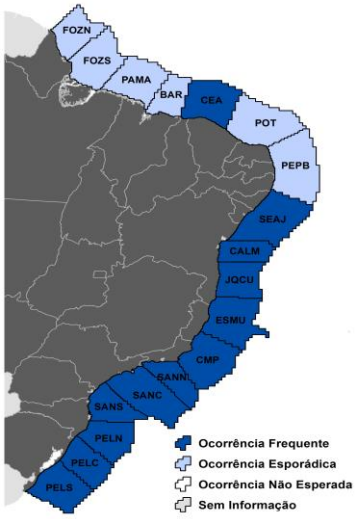
Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 102.8 cm (até 136 cm). Massa corpórea: 100-180 kg (até 227 kg). A carapaça possui 5 pares de placas laterais justapostas, a coloração é marrom-amarelada e o ventre é amarelo claro. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. O tamanho da cabeça é grande e relativamente desproporcional ao corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita mares tropicais, subtropicais e temperados. No Brasil podem ser observados indivíduos em diferentes estágios de vida na costa de diversos estados entre o Pará e o Rio Grande do Sul, em áreas costeiras ou oceânicas. O sul do Brasil registra um maior número de encalhes de indivíduos juvenis/sub-adultos, o que indica que esta região pode ser uma importante área de alimentação para esta espécie. Indivíduos adultos, após deixarem as praias de desova, se deslocam ao longo da plataforma continental. Estudos de telemetria indicaram a existência de áreas de alimentação e descanso na região Norte, especialmente no litoral do Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Espécie carnívora durante toda a sua vida. Nos estágios iniciais e juvenil são epipelágicas e habitam zonas oceânicas, alimentando-se na superfície da água. Em estágios posteriores tornam-se neríticas e alimentam-se principalmente de invertebrados, crustáceos, moluscos e cnidários, e eventualmente de peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As principais áreas de desova no Brasil estão localizadas em Sergipe e nas costas norte da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Áreas secundárias ocorrem no sul do Espírito Santo e Bahia. A temporada reprodutiva acontece de setembro a março, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente no período noturno, para depositarem em média 127 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 45-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 60.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo esta a espécie com maior número de desovas no Brasil, com 6800 ninhos ao longo da costa brasileira (temporada de 2008/09). Estudos reportam a tendência de aumento no número de ninhos em praias-índice na Bahia e no Espírito Santo, porém sem um entendimento completo do impacto deste aumento na dinâmica populacional da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Além da presença de fêmeas nas praias e zona costeira durante a temporada reprodutiva (de setembro a março), as praias também abrigam os ninhos e registram o nascimento de filhotes até meados de abril. Trata-se de uma espécie que se adapta bem ao cativeiro durante o período de reabilitação, podendo ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou lulas). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos.

TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)				■	■	■	■	■				
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)				■	■	■	■	■				
Santos - Centro (SANC)				■	■	■	■	■				
Santos - Sul (SANS)				■	■	■	■	■				
Pelotas - Norte (PELN)				■	■	■	■	■				
Pelotas - Centro (PELC)				■	■	■	■	■				
Pelotas - Sul (PELS)				■	■	■	■	■				

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Média	Baixa

Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 115.6 cm (até 143 cm). Massa corpórea: 230 kg (até 395 kg). Carapaça com 4 pares de placas laterais justapostas. Coloração verde-acinzentada nos adultos, com o ventre branco nas populações do Atlântico. Os filhotes possuem o dorso negro e o ventre branco. Cabeça com 1 par de placas (ou escudos) pré-frontais e 4 pares de escudos pós-orbitais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Águas tropicais e subtropicais continentais e insulares, incluindo costões rochosos, lajes, plataforma continental, talude continental e ambiente pelágico. As áreas de alimentação de juvenis desta espécie estão espalhadas ao longo de toda a costa brasileira e nas ilhas oceânicas. Por vezes pode adentrar estuários ou se concentrar em áreas industriais de descarga de água quente. Não são gregários, mas podem concentrar-se em algumas áreas devido à abundância de alimento.

ALIMENTAÇÃO

Nos estágios iniciais de vida são onívoras. Juvenis e adultos são herbívoros, alimentando-se principalmente de algas e outros vegetais marinhos. Ingerem involuntariamente pequenos invertebrados associados às algas (“phytal”), sendo também oportunistas ao se alimentarem de descarte de pescados e outros organismos mortos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Principais áreas de desova no Brasil são as ilhas oceânicas: Ilha da Trindade/ES, Atol das Rocas/RN e Fernando de Noronha/PE. Na costa brasileira, áreas de desova secundárias ocorrem no litoral norte da Bahia e esporadicamente em Sergipe, Espírito Santo e Rio Grande do Norte. A temporada reprodutiva acontece entre dezembro e junho, quando as fêmeas emergem às praias, geralmente durante a noite, para depositarem uma média de 122-125 ovos, os quais são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 203.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, e acredita-se que a população global esteja em declínio, embora alguns lugares apresentem sinais de recuperação com um aumento gradual no número de desovas. No Brasil, os principais sítios reprodutivos são as ilhas oceânicas, que registram em média 3600 (Trindade), 400 (Atol das Rocas), e 50-100 (Fernando de Noronha) ninhos por ano. No continente esse número varia entre 20 e 70 ninhos por ano.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta (filhotes e juvenis) e verduras escuras (juvenis e adultos). Com frequência podem apresentar epibiontes (algas, cracas etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Espécie altamente suscetível à fibropapilomatose, doença transmissível que leva à formação de tumores de pele que podem levar à cegueira ou inanição.

TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	⊙					●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

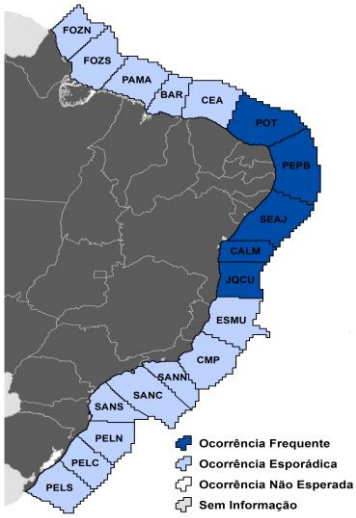
Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Média

Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 76.8 a 97.4 cm (até 114 cm). Massa corpórea: 80 kg (até 150 kg). A carapaça possui 4 pares de placas laterais sobrepostas, de coloração marrom. A cabeça possui 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares de pós-orbitais. O ventre é amarelo claro.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita águas tropicais e com menor frequência águas subtropicais. Os juvenis distribuem-se na zona costeira nos litorais Norte-Nordeste do Brasil e, com menor frequência no Sul-Sudeste. As principais áreas de alimentação conhecidas são as ilhas oceânicas de Fernando de Noronha/PE e Atol das Rocas/RN. Além destas, o banco de Abrolhos/BA e a Ilha do Arvoredo/SC podem ser importantes áreas de alimentação para esta espécie. Estudos de monitoramento por satélite revelam que, após o período reprodutivo, fêmeas adultas migram próximas à costa entre o sul da Bahia e áreas de alimentação no Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são carnívoros, predando principalmente invertebrados e concentrando-se em recifes de corais. Além disto, possui hábito bastante especializado de predar esponjas marinhas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os principais sítios reprodutivos estão localizados no norte da Bahia, em Sergipe, e em Pipa, Rio Grande do Norte. A temporada de reprodução concentra-se principalmente de novembro a março nas praias da Bahia e Sergipe, enquanto em Pipa, Rio Grande do Norte, se estende até abril. A desova é geralmente noturna e as fêmeas depositam em média 120-130 ovos, os quais são incubados pelo calor do sol e temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. Uma tendência de aumento considerável no número de ninhos nas praias de desova localizadas na Bahia, Sergipe e em Pipa/RN foi reportada em anos recentes (temporadas 1991/92 a 2005/06). As áreas de desova brasileiras registram cerca de 1.900 ninhos por temporada, sendo 80% no norte da Bahia e em Sergipe e 20% em Pipa/RN.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Em cativeiro, podem ser alimentadas com peixe inteiro ou em pasta, além de invertebrados marinhos (camarão ou outros). Ocasionalmente podem apresentar epibiontes (algas, cracas, etc.) na carapaça e plastrão, principalmente no inverno, que prejudicam a natação e devem ser removidos. Placas da carapaça podem formar bordos e pontas cortantes, devendo ser manuseadas com cuidado para evitar cortes.

TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)	●	●	●	●						⊙	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●						⊙	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●						⊙	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●						⊙	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●						⊙	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

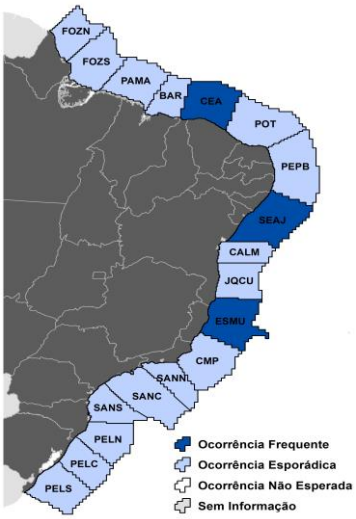
Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Média	Média

Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 73 cm (até 82 cm). Massa corpórea: 40 a 50 kg (até 60 kg). A carapaça possui de 5 a 9 pares (normalmente 6 pares) de placas laterais, geralmente assimétricas. A coloração dorsal é verde oliva e o ventre é amarelo claro. Cabeça com 2 pares de placas (ou escudos) pré-frontais e 3 pares pós-orbitais. É a menor dentre as espécies de tartarugas marinhas em águas brasileiras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Têm ampla distribuição pelas bacias oceânicas tropicais e subtropicais. Podem ser encontradas em ambientes pelágicos e costeiros, também em zonas estuarinas no nordeste do Brasil. Os estudos de telemetria indicam deslocamentos costeiros desde o Espírito Santo até o Pará, além de deslocamentos para regiões do Atlântico Equatorial.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são onívoros e podem utilizar áreas bastante distintas para se alimentar (zonas pelágicas ou neríticas). Por isso, apresentam uma alimentação bastante diversificada, provavelmente associada ao fundo, incluindo crustáceos, moluscos, peixes, briozoários e algas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A principal área de reprodução no Brasil compreende a região entre o litoral sul de Alagoas e o litoral norte da Bahia, com maior densidade de desovas no estado de Sergipe. O Espírito Santo é uma área secundária de desova. A temporada reprodutiva acontece entre setembro e março. A desova é solitária e geralmente noturna. Em cada ninho são depositados cerca de 100 ovos, sendo que podem depositar entre 1 a 3 ninhos a cada temporada reprodutiva, com intervalos de aproximadamente 22 dias entre posturas. Os ovos são incubados pela temperatura da areia por aproximadamente 50-60 dias.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam 800.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo, sendo que a população global está em declínio. Em Sergipe e na Bahia há registro de aumento significativo no número de ninhos a cada ano (temporadas de 1991/92 a 2002/03). Estima-se que existam cerca de 6710 ninhos da espécie no litoral brasileiro, incluindo Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (temporada de 2009/10).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie raramente é recebida para reabilitação, de modo que há menor conhecimento acerca das técnicas de reabilitação específicas para a espécie.

TARTARUGA-OLIVA

Lepidochelys olivacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Cheloniidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)				■	■	■	■					
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	⊙				⊙	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	⊙				⊙	●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- ■ Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea

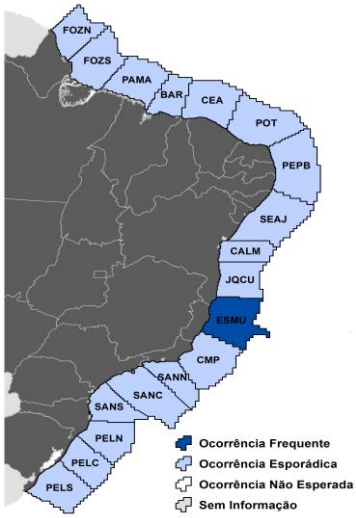
Tartarugas e cágados (Testudines: Dermochelyidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Alta	Alta	Alta

Fonte: Banco de Imagens - Projeto Tamar



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento curvilíneo da carapaça: 139-182 cm (até 256 cm). Massa corpórea: 500 kg (até 916 kg). A carapaça possui 7 quilhas longitudinais e estão ausentes as placas. Sua coloração é negra com manchas brancas, azuladas e rosadas. A cabeça e as nadadeiras são recobertas de pele, estando ausentes placas ou escudos. A coloração do ventre é similar à carapaça porém com manchas mais claras.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A espécie tem hábitat essencialmente oceânico, podendo ser encontrada em alto mar em águas tropicais, subtropicais e temperadas. Capturas incidentais na região oceânica foram registradas na região nordeste e, em maiores proporções, nas costas sudeste e sul do Brasil. Um grande número de capturas ocorre na região do entorno da Elevação de Rio Grande e região do talude, ao largo do sul do Brasil entre o Uruguai e Santa Catarina. Existem registros de captura em redes de deriva na região oceânica na latitude correspondente ao estado de São Paulo e em redes de emalhe costeiras no Rio de Janeiro e Espírito Santo.

ALIMENTAÇÃO

Juvenis e adultos são carnívoros, predando organismos gelatinosos como cnidários (águas-vivas) e ctenóforos encontrados normalmente em zonas pelágicas e também costeiras.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O litoral norte do Espírito Santo é a única área conhecida com desovas regulares no Brasil. Desovas secundárias podem ocorrer no litoral do Piauí. Desovas ocasionais já foram registradas em diversos estados do Brasil: Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Espírito Santo, a temporada de desova vai de setembro a março, com maior número de desovas em novembro e dezembro. As fêmeas desovam à noite e depositam em média 110 ovos por ninho, podendo realizar até 11 desovas numa mesma temporada reprodutiva.

POPULAÇÃO

Estima-se que existam cerca de 34.000 fêmeas em idade reprodutiva no mundo. A subpopulação do Brasil é restrita e considerada criticamente em perigo, devido ao pequeno tamanho da população e restrição quanto à distribuição geográfica, além da existência natural de flutuações no número anual de desovas, o que causa grandes variações no número de fêmeas que frequentam as praias a cada ano. No Espírito Santo são registrados, por ano, entre 100 e 200 ninhos, e estima-se que apenas entre 1 e 20 fêmeas desovem a cada temporada.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Animal de grande porte, tem dificuldade em sobreviver em cativeiro mesmo por curtos períodos, devido ao seu tamanho e à fragilidade da composição da sua carapaça (couraça), cabeça e nadadeiras. Particular atenção deve ser dada durante todo o transporte e contenção, em evitar que ocorram cortes e lacerações à carapaça do animal, e em manter a superfície corpórea do animal umedecida durante o transporte.

TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea

Tartarugas e cágados (Testudines: Dermochelyidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)	●	●	●						●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●						●	●	●	●
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CÁGADO-NEGRO

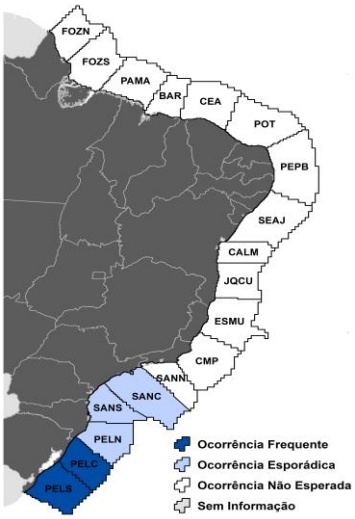
Acanthochelys spixii

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Baixa	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

O cágado-de-espinhos é um cágado dulcícola. Possui porte mediano, de até 17 cm, com presença de tubérculos alongados e pontiagudos no pescoço. A carapaça é elíptica e plana, nos adultos tem coloração cinza ou preta. Possui cabeça estreita.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A espécie habita áreas de florestas onde o solo encontra-se recoberto por serapilheira e também em ambientes próximos a áreas residenciais e industriais. No Paraná, ocorre desde a Serra do Mar até o interior do Estado, entre as altitudes de 800 e 1120 m. No Rio Grande do Sul sua distribuição está associada a ambientes lagunares arenosos, banhados e charcos estacionais ou semipermanentes.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de pequenos insetos e invertebrados aquáticos, anfíbios e também material vegetal.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie se reproduz entre os meses de Fevereiro a Maio. Os ovos são enterrados em lugares com vegetação rasteira, não muito distantes da água. A espécie se caracteriza por desovar durante a noite. No Rio Grande do Sul foram verificadas migrações entre corpos d'água durante as noites de verão. Estudos indicam que a espécie desova uma vez ao ano, de forma isolada, com desovas contendo em média entre um e quatro ovos.

POPULAÇÃO

A espécie não é abundante, e os indivíduos não são facilmente encontrados na área de distribuição. No Rio Grande do Sul as populações apresentam baixa densidade de indivíduos. Não há informação sobre a tendência populacional da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não existem registros de reabilitação da espécie, porém é provável que as técnicas de manejo em cativeiro de outras espécies de cágados (particularmente *Mesoclemmys* e *Phrynops*) sejam adequadas.

CÁGADO-NEGRO

Acanthochelys spixii

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙						⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙						⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙						⊙	⊙
Pelotas - Centro (PELC)	⊙	●	●	●	●						⊙	⊙
Pelotas - Sul (PELS)	⊙	●	●	●	●						⊙	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CÁGADO-DA-SERRA

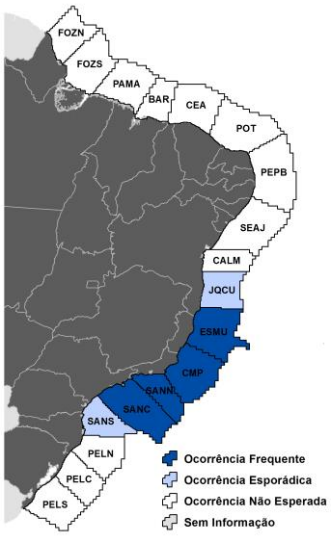
Hydromedusa maximiliani

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Baixa	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

Testudinata de água-doce de pequeno porte, com comprimento da carapaça variando de 100 a 200 mm e massa corpórea de 120 a 520 g. O dimorfismo sexual é aparente, com os machos tendo maior tamanho de carapaça, plastrão e comprimento da cauda do que as fêmeas. Os adultos apresentam carapaça com formato oval, achatado e coloração variando entre tons escuros e claros de marrom ou cinza escuro, com ou sem vermiculações. Pontos pretos podem estar presentes nas escamas marginais da carapaça de alguns indivíduos. A cor do plastrão é amarelada ou creme. A cabeça tem tamanho moderado, com focinho protusivo. Estão presentes no pescoço tubérculos espinhosos, porém estão ausentes barbelos. A cabeça, pescoço e membros são de coloração cinza ou oliva dorsalmente e creme ventralmente. Os membros são achatados e adaptados para natação.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É endêmico do leste e sudeste do Brasil (em partes do sul da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo), com distribuição associada a regiões montanhosas e de Mata Atlântica como a Serra do Mar e Serra da Mantiqueira. Esta espécie habita tipicamente corpos d'água em florestas primárias acima de 600 m ao nível do mar. Populações insulares desta espécie também podem ser encontradas na Ilha Grande (Rio de Janeiro) e Ilha Bela (São Paulo).

ALIMENTAÇÃO

A espécie é carnívora e consome uma ampla variedade de itens, incluindo larvas de insetos, crustáceos, anelídeos, aranhas, anfíbios, lagartos e carniça.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie tem ciclo de vida longo e maturação tardia. Os padrões reprodutivos desta espécie não são completamente entendidos. O ciclo de atividade sazonal dos representantes da família Chelidae é fortemente associado com o período reprodutivo, quando os machos procuram por fêmeas e estas procuram áreas de desova. Consequentemente, os machos e fêmeas apresentam períodos de atividade complementares, geralmente associados à estação chuvosa (entre outubro e janeiro).

POPULAÇÃO

A espécie é considerada vulnerável pela IUCN. Um estudo conduzido no Parque Estadual da Serra do Mar, no sudeste do Brasil, estimou a existência de 43.7 indivíduos naquela área, número similar ao encontrado no Parque Estadual Carlos Botelho, com 21 indivíduos por quilômetro. A distribuição geográfica restrita à regiões montanhosas da Mata Atlântica, as quais sofrem intensa pressão de redução de habitats, somado a características como ciclo de vida longo e maturação tardia, fazem com que estratégias além da existência de áreas protegidas possam ser necessários para assegurar a sobrevivência da espécie. Apesar de ser comum em algumas áreas, ameaças antropogênicas podem ter um impacto negativo nas populações desta espécie que habitam regiões fora de áreas protegidas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não existem registros de reabilitação da espécie, porém é provável que as técnicas de manejo em cativeiro de outras espécies de cágados (particularmente *Mesoclemmys* e *Phrynops*) sejam adequadas.

CÁGADO-DA-SERRA

Hydromedusa maximiliani

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●								●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●								●	●	●	●
Campos (CMP)	●								●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●								●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●								●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●								●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CÁGADO-DE-FERRADURA-SULINO

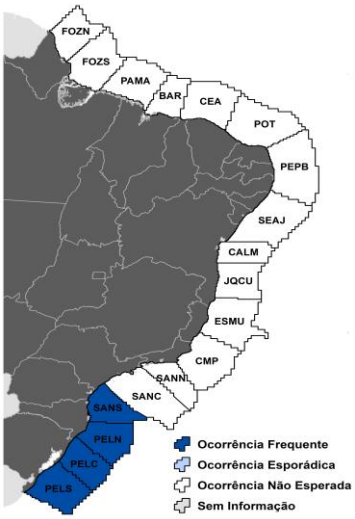
Phrynops williamsi

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Baixa	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

As fêmeas podem atingir um tamanho máximo de comprimento da carapaça de 33 cm, enquanto os machos chegam a 29,4 cm. Possuem coloração acinzentada ou castanha, com presença de faixas rajadas sobre os escudos na carapaça. Cabeça moderadamente estreita com focinho projetado. Possui duas barbelas no queixo. Pescoço pode apresentar tubérculos duros e bem definidos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A espécie tem uma distribuição associada à Mata Atlântica em brejos, restingas e lagoas de baixada, sendo encontrada também nos Pampas ao sul do Brasil. É um animal diurno, encontrado em rios de grande porte com margens lodosas ou rochosas, com correnteza.

ALIMENTAÇÃO

Não há muitas informações acerca da sua dieta, mas acredita-se que a espécie seja carnívora.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As fêmeas realizam desovas de forma isolada. No Brasil, depositam seus ninhos entre outubro a maio, em locais próximos a bancos de areia. A espécie desova em média 7 ovos por ninho (podendo variar de 5 a 9), e os ovos medem cerca de 3,3 x 2,7 cm. Estudos relacionados aos mecanismos de determinação sexual são necessários para melhor compreender a ecologia da espécie.

POPULAÇÃO

A espécie é rara e de difícil observação. Suas densidades populacionais são baixas se comparadas às populações de espécies similares como *Phrynops hilarii* .

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não existem registros de reabilitação da espécie, porém é provável que as técnicas de manejo em cativeiro de outras espécies de cágados (particularmente *Mesoclemmys* e *Phrynops*) sejam adequadas.

CÁGADO-DE-FERRADURA-SULINO

Phrynops williamsi

Tartarugas e cágados (Testudines: Chelidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	⊙	⊙	⊙	⊙				⊙	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	⊙	⊙	⊙	⊙				⊙	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	⊙	⊙	⊙	⊙				⊙	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	⊙	⊙	⊙	⊙				⊙	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO

Caiman latirostris

Crocodilianos (Crocodylia: Alligatoridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Baixa	Baixa	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

O jacaré-de-papo-amarelo é um crocodiliano de médio-porte, possuindo o focinho mais largo em relação aos demais crocodilianos. Os adultos tem em média entre 1,5 e 2 metros de comprimento total, no entanto machos de até 3 metros podem ser encontrados. As fêmeas geralmente são menores, atingindo até 2 metros de comprimento total.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A espécie habita rios, mangues e áreas alagáveis na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. No Brasil pode ser encontrada nos biomas Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Pampas, desde a Lagoa dos Patos e Mirim, no Rio Grande do Sul, se distribuindo por toda a região costeira até o Rio Grande do Norte, incluindo as bacias dos rios Paraná/Paraguai e São Francisco.

ALIMENTAÇÃO

São predadores oportunistas e generalistas, enquanto juvenis se alimentam de invertebrados como moluscos e pequenos vertebrados como artrópodes, crustáceos, peixes e anfíbios. Os adultos também tem uma dieta baseada em invertebrados e peixes maiores, répteis, aves e mamíferos de pequeno e médio porte.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Sua reprodução ocorre durante a estação chuvosa, variando de acordo com as características climáticas de cada região, utilizando diferentes habitats para nidificação, como tapetes de vegetação flutuante, ambientes de floresta e de savana, manguezais, restingas e remanescentes de matas ciliares, onde constroem seus ninhos. Depositam entre 18 e 50 ovos em cada ninho, e o período de incubação varia de 65 a 90 dias, estando relacionado a temperatura de incubação, a qual exerce influência na determinação sexual desta espécie.

POPULAÇÃO

A maior parte da distribuição da espécie é registrada em território brasileiro, e a extensão de sua ocorrência no Brasil é de 2.672.480 km². Provavelmente ocorre em menores densidades do que as espécies que registradas nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, no entanto é considerado uma espécie relativamente abundante em regiões como a bacia do São Francisco, mesmo existindo uma pressão de caça relativamente alta nessa região.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Os ovos e filhotes são particularmente suscetíveis ao óleo. Deve-se tomar cuidado durante a contenção devido a possibilidade de mordidas e lesões traumáticas por mordedura ou por chicoteamento pela cauda.

JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO

Caiman latirostris

Crocodilianos (Crocodylia: Alligatoridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	⊙	⊙				●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

DORMIDEIRA-DA-ILHA-DA-QUEIMADA-GRANDE

Dipsas albifrons cavalheiroi

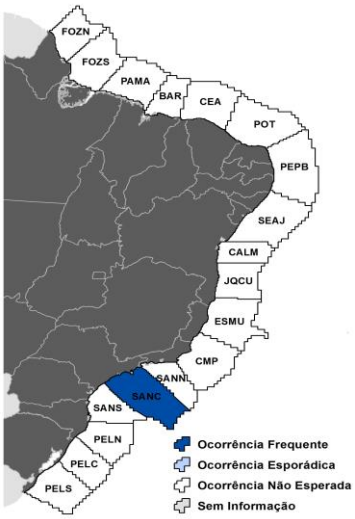
Outros répteis (Serpentes: Colubridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: até 50 cm. Serpente de médio porte com coloração geral marrom acinzentado. Áglifa.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Subespécie endêmica à Ilha da Queimada Grande, no litoral de São Paulo. De hábitos noturnos, frequentemente é encontrada na vegetação enrodilhada durante o dia. Movimenta-se lentamente durante a noite à procura por lesmas tanto no chão quanto na vegetação.

ALIMENTAÇÃO

Apresenta uma dieta especializada em moluscos *Gastropoda* , em sua maioria lesmas da subordem *Stylommatophora* .

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Ovípara, não existem dados acerca da reprodução dessa espécie.

POPULAÇÃO

Não há estimativas de tamanho populacional para a subespécie. No entanto, estudos recentes confirmaram que os indivíduos da Ilha da Queimada Grande pertencem à mesma espécie do continente, *Dipsas albifrons* , que não é considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não é peçonhenta, não representando perigo significativo para as equipes de fauna.

DORMIDEIRA-DA-ILHA-DA-QUEIMADA-GRANDE

Dipsas albifrons cavalheiroi

Outros répteis (Serpentes: Colubridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JARARACA-DE-ALCATRAZES

Bothrops alcatraz

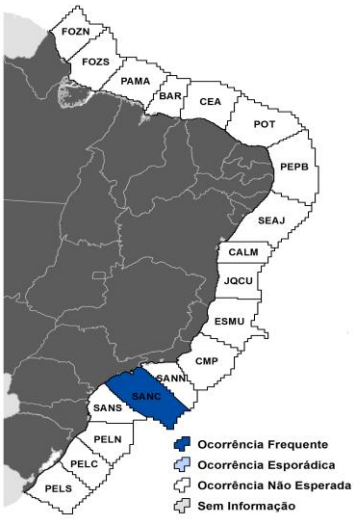
Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Baixa	Média	Média	Baixa

Fonte: F. P. de Campos



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 36.5 a 46.0 cm (machos), 36 a 50 cm (fêmeas). Serpente de pequeno porte com coloração geral acinzentada escura. Solenóglifa.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie endêmica à Ilha dos Alcatrazes (SP). Noturna, pode ser encontrada no sub-bosque da ilha, especialmente sob poleiros de aves marinhas, próximo ao guano acumulado no solo. Durante o dia pode ser encontrada repousando sobre troncos caídos, folhas de palmeiras e bromélias no chão da mata.

ALIMENTAÇÃO

Apresenta uma dieta composta por centopeias (*Otostigmus sp* .) e lagartos (*Mabuya macrorryncha* e *Hemidactylus mabouia*).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie vivípara, com baixa fecundidade e época reprodutiva durante o outono/inverno com nascimento de filhotes no verão.

POPULAÇÃO

Não há estimativas de tamanho populacional para a espécie, mas devido à distribuição geográfica restrita é considerada criticamente ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie peçonhenta de alta periculosidade para as equipes de fauna. Recomenda-se cautela ao desembarcar na Ilha dos Alcatrazes e a captura desta espécie deve ser realizada apenas por profissionais com experiência no manuseio de serpentes peçonhentas.

JARARACA-DE-ALCATRAZES

Bothrops alcatraz

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	⊙					●
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JARARACA-ILHOA

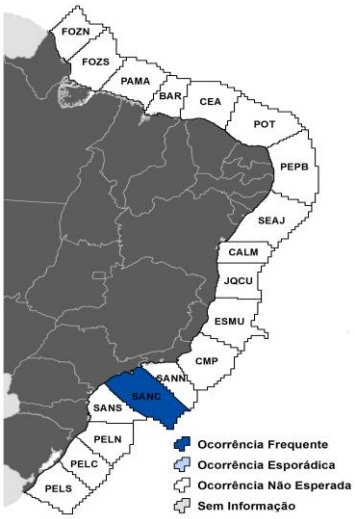
Bothrops insularis

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Baixa	Média	Média	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 40 a 79 cm (machos), 33 a 38 cm (fêmeas). Serpente de médio porte com coloração geral amarelada, sendo a ponta da cauda escura nos adultos. As fêmeas também apresentam um pequeno hemipênis e até mesmo indivíduos hermafroditas foram identificados na população.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie endêmica à Ilha da Queimada Grande (SP). Possui hábitos arborícolas, sendo ativa durante o dia e a noite. É encontrada frequentemente nas áreas de mata, e raramente nas áreas abertas. Pode ser encontrada no chão da mata sob troncos caídos, raízes, vegetação até no alto das árvores, com indivíduos encontrados a até 8 metros de altura.

ALIMENTAÇÃO

Apresenta uma dieta baseada em lagartos, anfíbios anuros e especialmente aves passeriformes migratórias (sabiá-una, tuque e coleirinhas), embora possa aceitar roedores quando mantida em cativeiro.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie de serpente vivípara com cópulas no outono/início do inverno e nascimento de filhotes no verão. As ninhadas dificilmente ultrapassam 10 indivíduos.

POPULAÇÃO

Estimativas de tamanho populacional para a espécie indicam por volta de 2.000 indivíduos e um declínio significativo nos últimos anos. Devido à distribuição geográfica restrita é considerada criticamente ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie peçonhenta de alta periculosidade para as equipes de fauna. Recomenda-se cautela ao desembarcar na Ilha da Queimada Grande e a captura desta espécie deve ser realizada apenas por profissionais com experiência no manuseio de serpentes peçonhentas.

JARARACA-ILHOA

Bothrops insularis

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙					⊙
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JARARACA-DA-ILHA-DE-BÚZIOS

Bothrops aff jararaca (Ilha de Búzios)

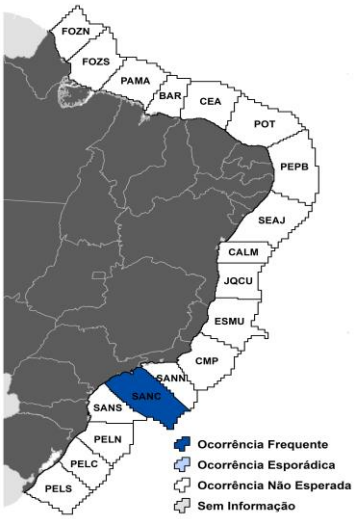
Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Baixa	Média	Média	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aproximadamente 60 cm. Serpente de médio porte com coloração geral com tonalidades amarronzadas e acinzentadas. Encontra-se em processo de descrição taxonômica, sendo que até recentemente os indivíduos desta população eram classificados *Bothrops jararaca* .

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie noturna encontrada no sub-bosque da Ilha de Búzios, litoral de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Acredita-se que, assim como em indivíduos de *B. Jararaca* no continente, sua dieta seja composta por anfíbios anuros e lagartos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados sobre o estado da população, mas foi recentemente classificada como Em Perigo de extinção no estado de São Paulo.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie peçonhenta de alta periculosidade para as equipes de fauna. Recomenda-se cautela ao desembarcar na Ilha de Búzios e a captura desta espécie deve ser realizada apenas por profissionais com experiência no manuseio de serpentes peçonhentas.

JARARACA-DA-ILHA-DE-BÚZIOS

Bothrops aff jararaca (Ilha de Búzios)

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JARARACA-DA-ILHA-DA-MOELA

Bothrops aff jararaca (Ilha da Moela)

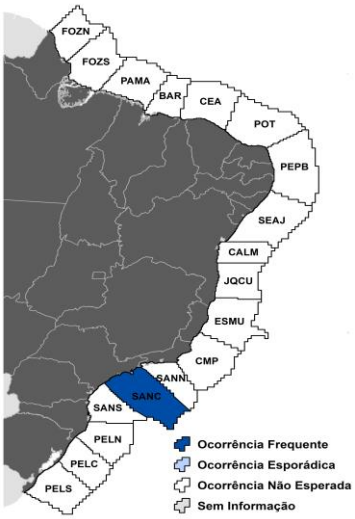
Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Baixa	Média	Média	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aproximadamente 60 cm. Serpente de médio porte com coloração geral com tonalidades amarronzadas e acinzentadas. Encontra-se em processo de descrição taxonômica, sendo que até recentemente os indivíduos desta população eram classificados *Bothrops jararaca.*

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie noturna encontrada no sub-bosque da Ilha da Moela, litoral de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Acredita-se que, assim como em indivíduos de *B. Jararaca* no continente, sua dieta seja composta por anfíbios anuros e lagartos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados sobre o estado da população, mas foi recentemente classificada como Em Perigo de extinção no estado de São Paulo.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie peçonhenta de alta periculosidade para as equipes de fauna. Recomenda-se cautela ao desembarcar na Ilha da Moela e a captura desta espécie deve ser realizada apenas por profissionais com experiência no manuseio de serpentes peçonhentas.

JARARACA-DA-ILHA-DA-MOELA

Bothrops aff jararaca (Ilha da Moela)

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

JARARACA-DA-ILHA-VITÓRIA

Bothrops otavioi

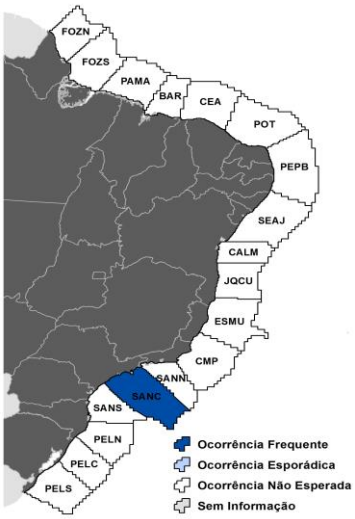
Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Baixa	Média	Média	Baixa

Fonte: Fernanda Centeno



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 38-47 cm (machos), 63-100 cm (fêmeas). Serpente de médio porte com coloração geral com tonalidades amarronzadas e acinzentadas, e ponta da cauda escura. Solenóglifa.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie noturna encontrada no sub-bosque da Ilha Vitória, Arquipélago de Ilhabela, litoral de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Serpente apresenta uma dieta composta por anfíbios anuros e possivelmente lagartos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. Sabe-se tratar-se de uma espécie vivípara, cuja maturidade sexual é atingida ao redor de 38 cm para machos e 69 cm para fêmeas.

POPULAÇÃO

Não há estimativas de tamanho populacional para a espécie, mas devido à distribuição geográfica restrita foi sugerida sua categorização como criticamente ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie peçonhenta de alta periculosidade para as equipes de fauna. Recomenda-se cautela ao desembarcar na Ilha Vitória e a captura desta espécie deve ser realizada apenas por profissionais com experiência no manuseio de serpentes peçonhentas.

JARARACA-DA-ILHA-VITÓRIA

Bothrops otavioi

Outros répteis (Serpentes: Viperidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CAMALEÃOZINHO

Anisolepis undulatus

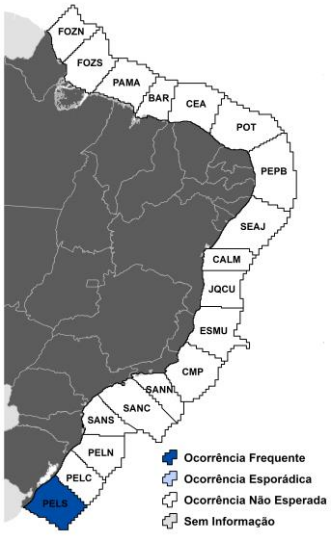
Outros répteis (Sauria: Iguanidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: até 30 cm. Lagarto de médio porte, sendo que mais de 60% do seu comprimento total corresponde à cauda.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie nativa do sul do Brasil. De hábitos arborícolas, pode ser encontrada em arbustos de até 2 metros de altura.

ALIMENTAÇÃO

Predominantemente insetívoro.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada vulnerável à extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Lagarto muito ágil e rápido, sendo de difícil captura.

CAMALEÃOZINHO

Anisolepis undulatus

Outros répteis (Sauria: Iguanidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CALANGO-LISO-DA-RESTINGA

Brasiliscincus caissara

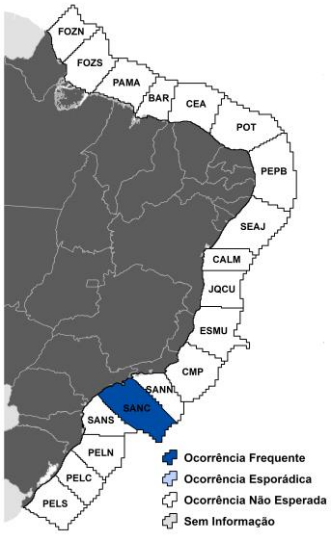
Outros répteis (Sauria: Mabuyidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloacal: aproximadamente 7 cm. Lagarto de pequeno porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie de hábitos terrestres, com distribuição restrita a algumas ilhas e áreas de baixada (restingas e mata ciliar) no litoral de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Predominantemente insetívoro.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Lagarto muito ágil e rápido, sendo de difícil captura.

CALANGO-LISO-DA-RESTINGA

Brasiliscincus caissara

Outros répteis (Sauria: Mabuyidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

LAGARTIXA-DAS-DUNAS

Liolaemus arambarensis

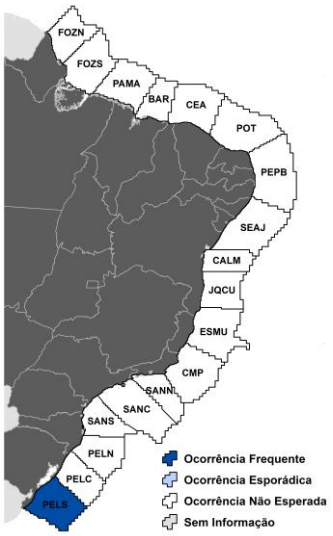
Outros répteis (Sauria: Liolaemidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Média	Média	Baixa	Alta

Fonte: Mariana Luchese



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: aproximadamente 6 cm. Lagarto com coloração dorsal clara, acinzentada, com um padrão de estrias e manchas alaranjadas e marrons.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Único lagarto endêmico do Rio Grande do Sul, ocorre em dunas e áreas de restinga desde noroeste da Laguna dos Patos, de Arambaré até Barra do Ribeiro, além de Viamão (Itapuã), que fica a leste da desembocadura do lago Guaíba.

ALIMENTAÇÃO

Onívoro, alimenta-se de folhas, flores, frutos e artrópodes como formigas, aranhas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reprodução ovípara ocorre durante o verão, entre os meses de dezembro e março.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Lagarto muito ágil e rápido, sendo de difícil captura.

LAGARTIXA-DAS-DUNAS

Liolaemus arambarensis

Outros répteis (Sauria: Liolaemidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●					⊙	⊙	⊙	⊙	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	Não Avaliada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

LAGARTIXA-DA-PRAIA

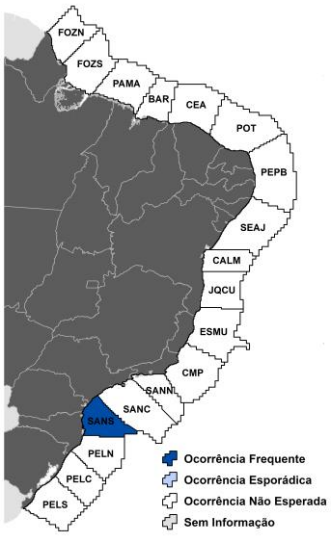
Liolaemus occipitalis

Outros répteis (Sauria: Liolaemidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Média	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: aproximadamente 6 cm. Lagarto diurno de médio porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

De hábitos diurnos, pode ser encontrado em praias e áreas de restingas.

ALIMENTAÇÃO

Onívoro, alimenta-se de folhas, flores, frutos e artrópodes como formigas, aranhas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reprodução ovípara ocorre durante o verão, entre os meses de setembro e março.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada vulnerável à extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Lagarto muito ágil e rápido, sendo de difícil captura.

LAGARTIXA-DA-PRAIA

Liolaemus occipitalis

Outros répteis (Sauria: Liolaemidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CALANGO

Tropidurus imbituba

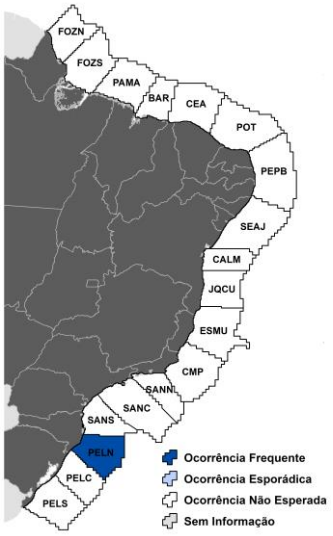
Outros répteis (Sauria: Tropiduridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Média	Média	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aproximadamente 14 cm. Lagarto de médio porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie endêmica encontrada no costão rochoso nas praias de Imbituba, litoral de Santa Catarina.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de artrópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reprodução ovípara ocorre durante o verão, entre os meses de setembro e março.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população. Esta espécie foi descrita recentemente, em 2013, e seu estado de conservação ainda não foi avaliado.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Lagarto muito ágil e rápido, sendo de difícil captura.

CALANGO

Tropidurus imbituba

Outros répteis (Sauria: Tropiduridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	○	○	○	○	○	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Não Avaliada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Avaliada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RÃZINHA-DO-FOLHIÇO-DA-ILHA

Ischnocnema manezinho

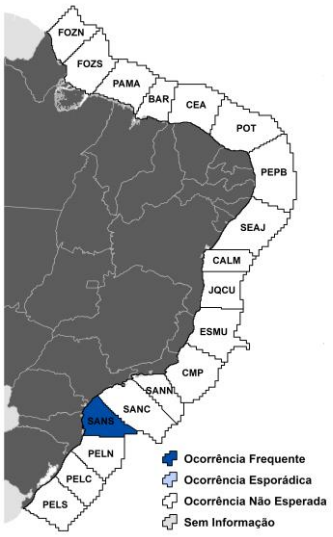
Anfíbios (Anura: Brachycephalidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta

Fonte: Nelson Rodrigues da Silva



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 1.5 a 2.0 cm. Anfíbio anuro de pequeno porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie pode ser encontrada em áreas de mata ciliar e eventualmente em áreas de restinga. Espécie endêmica do lLitoral central e norte de Santa Catarina.

ALIMENTAÇÃO

Informações acerca da dieta desta espécie são escassas. Se sua dieta for semelhante a outras espécies do grupo, é provavelmente composta por artrópodes Formicidae e Aranae.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada vulnerável à extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

RÃZINHA-DO-FOLHIÇO-DA-ILHA

Ischnocnema manezinho

Anfíbios (Anura: Brachycephalidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FLAMENGUINHO

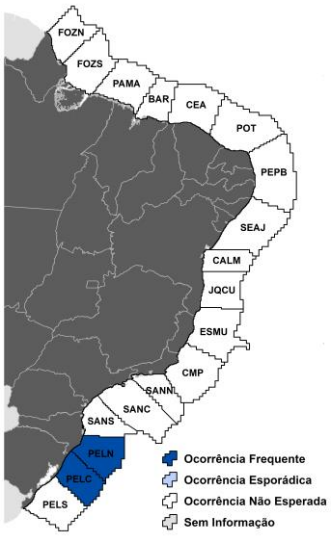
Melanophryniscus dorsalis

Anfíbios (Anura: Bufonidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 2.0 a 2.5 cm. Anfíbio anuro de pequeno porte com hábitos diurnos, com coloração ventral vermelha.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie pode ser encontrada em áreas de restinga e recentemente foi registrada na Ilha de Marinheiros, no estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por ácaros, formigas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada vulnerável à extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

FLAMENGUINHO

Melanophryniscus dorsalis

Anfíbios (Anura: Bufonidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SAPAINHO-DE-BARRIGA-VERMELHA-URUGUAIO

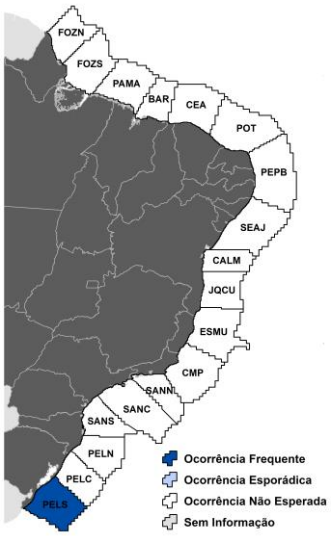
Melanophryniscus montevidensis

Anfíbios (Anura: Bufonidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: aproximadamente 2.0 cm. Anfíbio anuro de pequeno porte com hábitos diurnos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie pode ser encontrada em áreas de restinga e recentemente foi registrada na Ilha de Marinheiros, no estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por ácaros, formigas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem dados científicos publicados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada ameaçada de extinção.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

SAPAINHO-DE-BARRIGA-VERMELHA-URUGUAIO

Melanophryniscus montevidensis

Anfíbios (Anura: Bufonidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SAPO-DE-CHIFRE

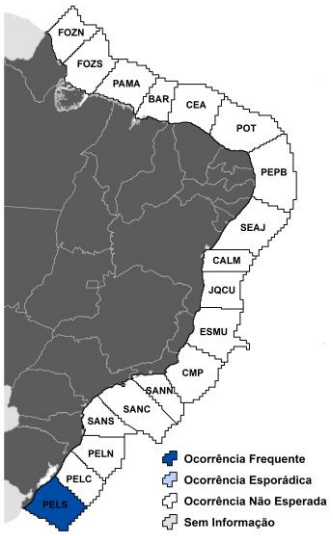
Ceratophrys ornata

Anfíbios (Anura: Ceratophryidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: até 30 cm. Anfíbio anuro de grande porte com padrão de coloração complexo de cor verde e negra/vermelha.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie pode ser encontrada em áreas de restinga e áreas de mata ciliar no sul do Brasil.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por pequenos vertebrados.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre durante os meses chuvosos entre outubro e março, e a desova ocorre em poças d'água temporárias.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, mas é considerada criticamente ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Anfíbio anuro de grande porte, podendo morder, de modo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado.

SAPO-DE-CHIFRE

Ceratophrys ornata

Anfíbios (Anura: Ceratophryidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	⊙	⊙	⊙	○	○	○	○	○	○	⊙	⊙	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

SAPO-DE-ALCATRAZES

Cycloramphus faustoi

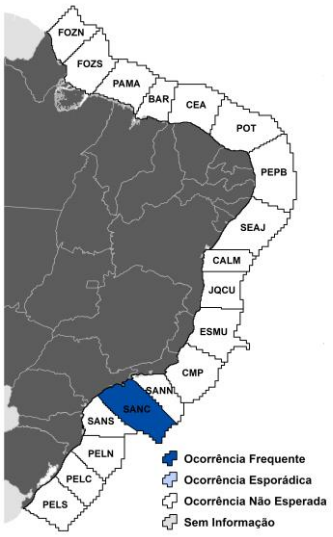
Anfíbios (Anura: Cycloramphidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta

Fonte: Nelson Rodrigues da Silva



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 3.1 a 3.8 cm (machos), 4.1 a 4.4 cm (fêmeas). Anfíbio de médio porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie é encontrada em um leito seco com grandes rochas no Saco do Funil na Ilha dos Alcatrazes, durante o período chuvoso a água percorre esse leito. Se esconde sob frestas nas rochas quando perturbada, retornando ao mesmo local após alguns minutos.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente formigas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações detalhadas acerca da sua reprodução, mas machos foram observados vocalizando em agosto após uma tarde chuvosa e no mesmo dia uma fêmea foi localizada guardando seus ovos em uma fresta na rocha. Essa postura era composta por 31 ovos com diâmetro entre 2.9 e 4.6 mm.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da sua população, mas é considerada criticamente ameaçada de extinção devido à sua distribuição extremamente restrita.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

SAPO-DE-ALCATRAZES

Cycloramphus faustoi

Anfíbios (Anura: Cycloramphidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	●	○	○	○	○	●	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PERERECA-DE-CAPACETE

Aparasphenodon bokermanni

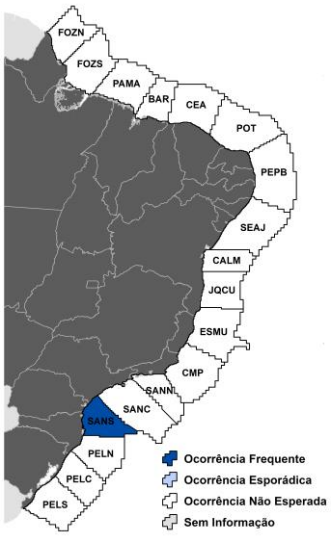
Anfíbios (Anura: Hylidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta

Fonte: Nelson Rodrigues da Silva



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: aproximadamente 7.0 cm. Anfíbio de médio porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie descoberta próxima ao nível do mar, em uma rocha à margem do Rio Verde, na reserva ecológica de Juréia-Itatins, no município de Iguape, litoral sul de São Paulo. Também existem registros de ocorrência nos remanescentes de restinga em Guaramirim, norte de Santa Catarina.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente formigas e coleópteros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

São escassas as informações acerca da sua reprodução. Nas áreas com floresta de restinga, a espécie utiliza a água acumulada no interior de câmaras formadas sob o enraizamento das árvores coberto pela espessa camada de folhas em decomposição.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, sendo considerada deficiente em dados para classificação de estado de conservação internacional.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de anuro de médio porte, sendo que sua contenção deve ser realizada com cuidado para não causar lesões.

PERERECA-DE-CAPACETE

Aparasphenodon bokermanni

Anfíbios (Anura: Hylidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PERERECA-DE-ALCATRAZES

Scinax alcatraz

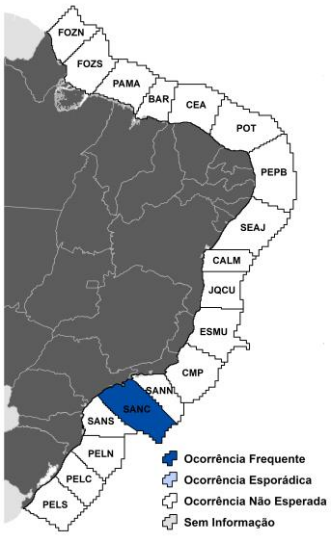
Anfíbios (Anura: Hylidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Baixa

Fonte: Norberto Hulle



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 2.2 cm (machos), 2.9 cm (fêmeas). Massa corpórea: 0.9 g (machos), 1.9 g (fêmeas). Perereca de pequeno porte de coloração dorsal parda, com manchas marrons espalhadas pelo dorso e entre os olhos e as narinas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie bromelícola que ocorre apenas na Ilha do Alcatrazes, litoral norte de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente Insecta, Isopoda e Aranae.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie se reproduz no interior das bromélias durante todo o ano, sendo que o pico da atividade reprodutiva ocorre de outubro a abril.

POPULAÇÃO

Embora a espécie seja abundante na Ilha dos Alcatrazes, está listada como criticamente ameaçada de extinção devido à sua distribuição geográfica extremamente restrita.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

PERERECA-DE-ALCATRAZES

Scinax alcatraz

Anfíbios (Anura: Hylidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PEREREQUINHA-DA-ILHA-DOS-PORCOS-DE-FAIVOVICH

Scinax faivovichi

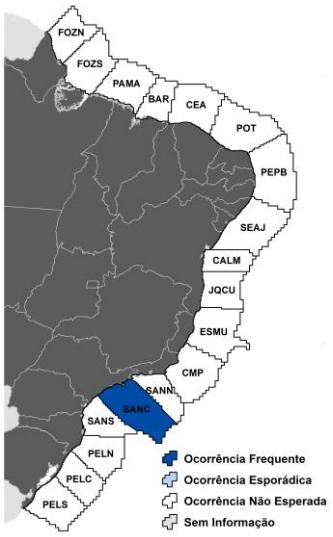
Anfíbios (Anura: Hylidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Baixa

Fonte: Foto: Nelson Rodrigues da Silva



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 1.7 cm (machos), 2.0 cm (fêmeas). Perereca de pequeno porte com o rostro protuberante. A cabeça é mais longa do que larga, e os membros torácicos apresentam listras escuras e coloração dorsal bege esverdeado com um tom levemente metálico.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie bromelícola endêmica da Ilha dos Porcos Pequena, município de Ubatuba, litoral norte de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente Insecta, Isopoda e Aranae.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Foi registrada a reprodução da espécie nos meses de abril, outubro e dezembro, com observação de girinos no interior de bromélias no início da estação chuvosa.

POPULAÇÃO

Embora a espécie seja abundante na Ilha dos Porcos Pequena, está listada como criticamente ameaçada de extinção devido à sua distribuição geográfica extremamente restrita.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

PEREREQUINHA-DA-ILHA-DOS-PORCOS-DE-FAIVOVICH

Scinax faivovichi

Anfíbios (Anura: Hylidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	●	○	○	○	○	○	●	○	●
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PEREREQUINHA-DA-JURÉIA

Scinax jureia

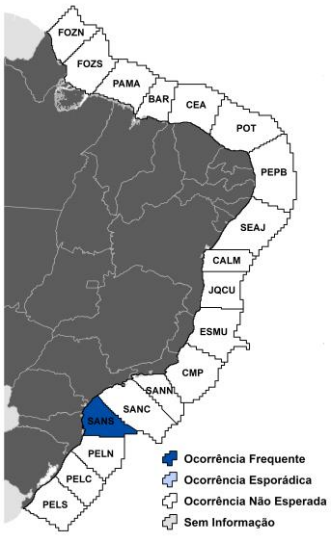
Anfíbios (Anura: Hylidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Baixa

Fonte: Nelson Rodrigues da Silva



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: aproximadamente 2.5 cm. Perereca de pequeno porte.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie conhecida apenas da localidade-tipo em Juréia, litoral sul de São Paulo. Encontrada em vegetação próxima a corpos d'água.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente Insecta, Isopoda e Aranae.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre em poças temporárias.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, sendo considerada deficiente em dados para classificação de estado de conservação internacional.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

PEREREQUINHA-DA-JURÉIA

Scinax jureia

Anfíbios (Anura: Hylidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PERERECA-DA-QUEIMADA-GRANDE

Scinax peixotoi

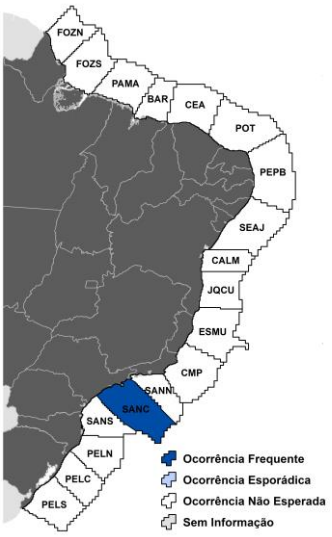
Anfíbios (Anura: Hylidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Baixa

Fonte: Otávio Marques



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento rostro-cloaca: 2.0 cm (machos), 2.5 cm (fêmeas). Perereca de pequeno porte, em geral os indivíduos possuem coloração dorsal amarronzada e íris dourada.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie bromelícola que ocorre apenas na Ilha da Queimada Grande, litoral sul de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

Dieta composta por artrópodes, principalmente Insecta, Isopoda e Aranae.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Espécie reproduz no interior das bromélias, foram observados machos vocalizando em janeiro.

POPULAÇÃO

Não existem informações acerca do estado da população em natureza, mas é provável que seja menor do que a da espécie similar *Scinax alcatraz* . Está listada como criticamente ameaçada de extinção devido à sua distribuição geográfica extremamente restrita.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com muito cuidado para não causar lesões.

PERERECA-DA-QUEIMADA-GRANDE

Scinax peixotoi

Anfíbios (Anura: Hylidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CECÍLIA-DE-JOINVILE

Oscaecilia hypereumeces

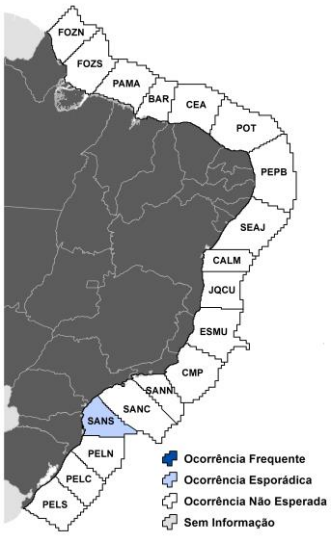
Anfíbios (Gymnophiona: Caeciliidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Cecília de médio porte, com hábitos fossoriais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Sabe-se pouquíssimo desta espécie de hábitos fossoriais, que é conhecida apenas a partir de três indivíduos coletados na região de Joinville, Santa Catarina, sendo dois coletados antes de 1968 e outro em 1970.

ALIMENTAÇÃO

A dieta desta espécie não é conhecida mas, se assemelhar-se à de outras espécies do gênero, deve ser composta por artrópodes (Isoptera e Formicidae) e eventualmente minhocas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Acredita-se que se reproduza durante todo o ano.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, sendo considerada deficiente em dados para classificação de estado de conservação internacional.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Seus hábitos fossoriais tornam esta espécie difícil de detectar na natureza. Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com cuidado para não causar lesões.

CECÍLIA-DE-JOINVILE

Oscaecilia hypereumeces

Anfíbios (Gymnophiona: Caeciliidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CECÍLIA-DA-ILHA-VITÓRIA

Siphonops insulanus

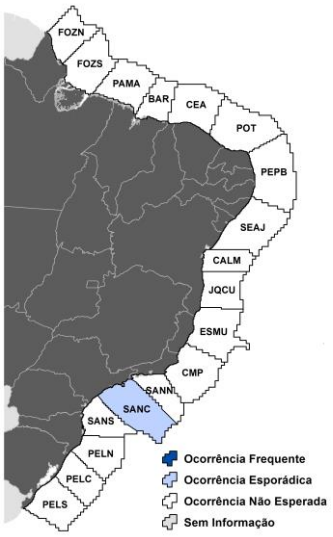
Anfíbios (Gymnophiona: Siphonopidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Cecília de médio porte, com hábitos fossoriais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie de hábitos fossoriais que ocorre em Ilhabela e no litoral norte do estado de São Paulo.

ALIMENTAÇÃO

A dieta desta espécie não é conhecida mas, se assemelhar-se à de outras espécies do gênero, deve ser composta por artrópodes (Isoptera e Formicidae) e eventualmente minhocas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações acerca da sua reprodução.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, sendo considerada deficiente em dados para classificação de estado de conservação.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Seus hábitos fossoriais tornam esta espécie difícil de detectar na natureza. Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com cuidado para não causar lesões.

CECÍLIA-DA-ILHA-VITÓRIA

Siphonops insulanus

Anfíbios (Gymnophiona: Siphonopidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CECÍLIA-DE-SANTA-CATARINA

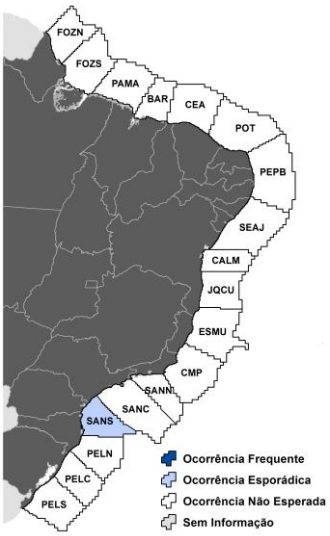
Chthonerpeton viviparum

Anfíbios (Gymnophiona: Typhlonectidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Cecília de médio porte, com hábitos aquáticos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie de hábitos aquáticos de habitats lênticos, endêmica da Baía da Babitonga (PR).

ALIMENTAÇÃO

A dieta desta espécie não é conhecida mas, se assemelhar-se à de outras espécies do gênero, deve ser composta por artrópodes e pequenos vertebrados com hábitos aquáticos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações acerca da sua reprodução, mas sabe-se que esta espécie é vivípara.

POPULAÇÃO

Não existem dados científicos publicados acerca do estado da população, sendo considerada deficiente em dados para classificação de estado de conservação internacional.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Seus hábitos aquáticos tornam esta espécie difícil de detectar na natureza. Espécie de constituição física delicada, sendo que sua contenção deve ser realizada com cuidado para não causar lesões.

CECÍLIA-DE-SANTA-CATARINA

Chthonerpeton viviparum

Anfíbios (Gymnophiona: Typhlonectidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Pernambuco (Resolução SEMAS nº 1 DE 09/01/2015)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

1.3. Mastofauna

A **Tabela 3** apresenta a lista das 67 espécies de mastofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF.

Tabela 3: Lista de espécies de mastofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Grandes cetáceos	
Balaenoptera bonaerensis	Baleia-minke-antártica
Balaenoptera borealis	Baleia-sei
Balaenoptera edeni	Baleia-de-Bryde
Balaenoptera musculus	Baleia-azul
Balaenoptera physalus	Baleia-fin
Eubalaena australis	Baleia-franca-do-sul
Megaptera novaeangliae	Baleia-jubarte
Physeter macrocephalus	Cachalote
Mustelídeos aquáticos	
Lontra longicaudis	Lontra
Pequenos cetáceos	
Berardius arnuxii	Baleia-bicuda-de-Arnoux
Cephalorhynchus commersonii	Golfinho-de-Commerson
Feresa attenuata	Orca-pigmeia
Globicephala macrorhynchus	Baleia-piloto-de-peitorais-curtas
Globicephala melas	Baleia-piloto-de-peitorais-longas
Hyperoodon planifrons	Baleia-bicuda-de-cabeça-plana-do-sul
Kogia breviceps	Cachalote-pigmeu
Kogia sima	Cachalote-anão
Lagenorhynchus australis	Golfinho-de-Peale
Lissodelphis peronii	Golfinho-de-Perón
Mesoplodon densirostris	Baleia-bicuda-de-Blainville
Mesoplodon europaeus	Baleia-bicuda-de-Gervais
Mesoplodon grayi	Baleia-bicuda-de-Gray
Mesoplodon hectori	Baleia-bicuda-de-Hector
Mesoplodon layardii	Baleia-bicuda-de-Layard
Mesoplodon mirus	Baleia-bicuda-de-True
Orcinus orca	Orca
Phocoena dioptrica	Boto-de-óculos
Phocoena spinipinnis	Boto-de-Burmeister
Pontoporia blainvillei	Toninha
Pseudorca crassidens	Falsa-orca
Sotalia guianensis	Boto-cinza
Stenella clymene	Golfinho-clímene
Stenella frontalis	Golfinho-pintado-do-Atlântico

Tabela 3: Lista de espécies de mastofauna consideradas prioritárias para proteção na área de interesse deste PPAF (Fonte: IBP, 2016).

Nome científico	Nome comum
Pequenos cetáceos	
Stenella longirostris	Golfinho-rotador
Tursiops truncatus	Golfinho-nariz-de-garrafa
Pequenos mamíferos terrestres	
Blastocerus dichotomus	Cervo-do-Pantanal
Brachyteles arachnoides	Muriqui-do-sul
Chironectes minimus	Cuíca-d'água
Chrysocyon brachyurus	Lobo-guará
Cryptonanus guahybae	Catita
Diaemus youngi	Morcego
Furipterus horrens	Morcego
Lasiurus ebenus	Morcego
Lasiurus egregius	Morcego
Leontopithecus caissara	Mico-leão-da-cara-preta
Lutreolina crassicaudata	Cuíca-de-cauda-grossa
Macrophyllum macrophyllum	Morcego
Mazama bororo	Veado-bororó-de-São-Paulo
Monodelphis scalops	Catita
Myotis albescens	Morcego
Myotis levis	Morcego
Myotis ruber	Morcego
Myrmecophaga tridactyla	Tamanduá-bandeira
Panthera onca	Onça-pintada
Pecari tajacu	Cateto
Speothos venaticus	Cachorro-vinagre
Tapirus terrestris	Anta
Tayassu pecari	Queixada
Pinípedes	
Arctocephalus tropicalis	Lobo-marinho-subantártico
Roedores	
Cavia intermedia	Preá
Ctenomys flamarioni	Tuco-tuco
Holochilus brasiliensis	Rato-d'água
Myocastor coypus	Ratão-do-banhado
Phyllomys kerri	Rato-da-árvore
Phyllomys thomasi	Rato-da-árvore
Rhagomys rufescens	Rato-vermelho
Scapteromys tumidus	Rato-d'água

LOBO-MARINHO-SUBANTÁRTICO

Arctocephalus tropicalis

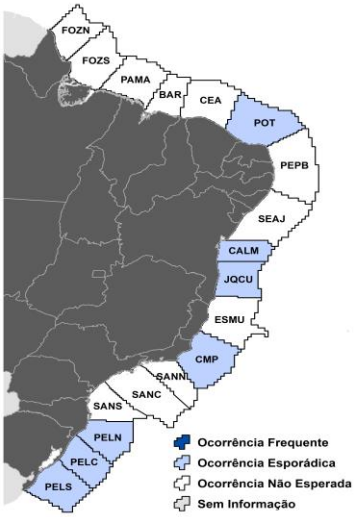
Pinípedes (Carnivora: Otariidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Média	Média	Baixa

Fonte: Sergio Heredia



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.5 m (fêmeas), 2.0 m (machos). Massa corpórea: 55 kg (fêmeas), 160 kg (machos). Corpo coberto de pêlos com coloração amarronzada e uma mancha branca no ventre. Cabeça com focinho distinto, olhos grandes e orelhas visíveis. Nadadeiras dianteiras adaptadas para se deslocar em terra firme.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Encontra-se distribuído pelas ilhas ao norte da Convergência Antártica nos oceanos Pacífico, Atlântico e Índico. Suas principais colônias reprodutivas estão localizadas nas ilhas Tristão da Cunha e Gough, Saint Paul, ilha Amsterdam, Prince Edward, Marion, Crozet e Macquaire. A espécie é registrada para o Brasil através de indivíduos encontrados em praias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte. Estes animais foram arrastados pela força das correntes marinhas durante o inverno e procuram estas praias como abrigo para descanso. Não há colônias reprodutivas na costa brasileira.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos, e ocasionalmente aves marinhas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos defendem territórios e acesso às fêmeas receptivas através de vigorosas manifestações vocais e posturais, e eventualmente com lutas. As fêmeas atingem a maturidade entre 4 e 6 anos, e os machos, entre 4 e 8 anos de idade. A gestação dura aproximadamente 12 meses e o filhote é amamentado até os 11 meses. As fêmeas apresentam um ciclo de alternância entre períodos de amamentação do filhote em terra, que duram de 1 a 3 dias, e de forrageio no mar, que tornam-se mais frequentes e mais longos conforme o infante cresce.

POPULAÇÃO

População mundial estimada entre 277.000 e 356.000 indivíduos, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Um estudo recente sugere que esta espécie seja inclusa no gênero Arctophoca. Há registros de híbridos com o lobo-marinho-antártico (*Arctocephalus gazella*) nas ilhas Prince Edward, Crozet e Macquarie, e com o lobo-marinho-neozelândes (*A. forsteri*) na Ilha Macquarie. A espécie é sensível à patógenos disseminados por animais introduzidos nas ilhas das colônias reprodutivas, como cães e ratos domésticos.

LOBO-MARINHO-SUBANTÁRTICO

Arctocephalus tropicalis

Pinípedes (Carnivora: Otariidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- Animais em reprodução
- Animais em reprodução (esporádica)
- Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-FRANCA-AUSTRAL

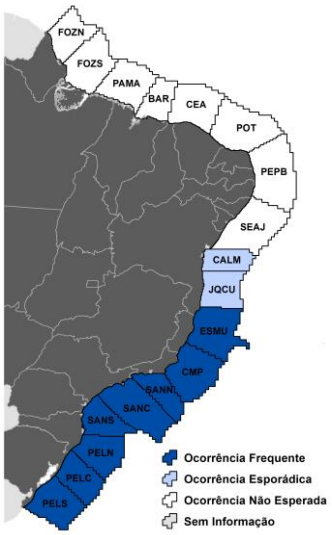
Eubalaena australis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 13-17 m. Massa corpórea: 40-50 t. Coloração predominantemente preta ou cinza-escura, com manchas brancas no ventre e que, em alguns indivíduos, pode estender-se até o dorso. Há registros de indivíduos brancos. Cabeça grande, correspondendo a um terço do comprimento total, com presença de calosidades (brancas ou ameraladas pela presença de piolhos-de-baleia) e pequenos pelos na região da mandíbula e maxila. Rostro estreito e com mandíbula bastante arqueada. Ausência de nadadeira dorsal e nadadeiras peitorais curtas e largas, em formato de trapézio. Não possui pregas ventrais.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie encontrada nos oceanos do hemisfério sul entre 30° e 60° sul. Durante o verão é encontrada onde há abundância de krill, porém migra para regiões costeiras no inverno e primavera. Evidências genéticas e de foto-identificação sugerem que as Baleias Francas do Brasil constituem uma única população com as do Uruguai e Argentina. Um trabalho recente de monitoramento via satélite demonstra que a área de alimentação desta população estende-se desde águas argentinas até as ilhas Geórgia do Sul. O mergulho de alimentação ocorre entre 10 e 20 m de profundidade e é frequentemente vista na superfície da água, movimentando a cauda e as nadadeiras.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e outros pequenos crustáceos, como copépodes

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Até oito machos copulam com uma fêmea entre Julho e Agosto. As fêmeas geram um filhote a cada três anos e o período de gestação varia entre 11 e 12 meses. As fêmeas grávidas não se alimentam por quatro meses durante o inverno e dão à luz a um único filhote. As baleias fêmeas cuidam e amamentam o filhote em águas rasas, protegendo-os de possíveis ataques de orcas e tubarão branco. Os filhotes são desmamados depois de um ano e atingem maturidade sexual com nove ou dez anos.

POPULAÇÃO

A população mundial é estimada em 12.000 indivíduos e classificada como menor preocupação (LC) pela IUCN, entretanto a subpopulação do Chile e Peru é muito menor, sendo classificada como vulnerável (VU).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-franca foi muito caçada de 1600 a 1930, deixando a população extremamente baixa. Em 1935 iniciou-se a proteção internacional da espécie e, apesar da caça ilegal ter continuado até 1960, a população vem aumentando. Foram criadas áreas de proteção ambiental (*Right Whale Environmental Protection Area*), e existem iniciativas no Brasil, Argentina e Austrália que possuem manejo específico com o objetivo de proteger a baleia franca e seus filhotes. O manuseio de animais de grande porte é difícil, e devem-se atentar para a manutenção da temperatura corporal e proteção contra a radiação solar, pois podem morrer por hipertermia. Sempre que possível, manter o animal dentro d'água com o orifício respiratório para cima. Existem poucos casos em que baleias foram mantidas em cativeiro para reabilitação, e quase sempre isso é possível somente com filhotes.

BALEIA-FRANCA-DO-SUL

Eubalaena australis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Campos (CMP)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Santos - Norte (SANN)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Santos - Centro (SANC)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Centro (PELC)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Sul (PELS)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-JUBARTE

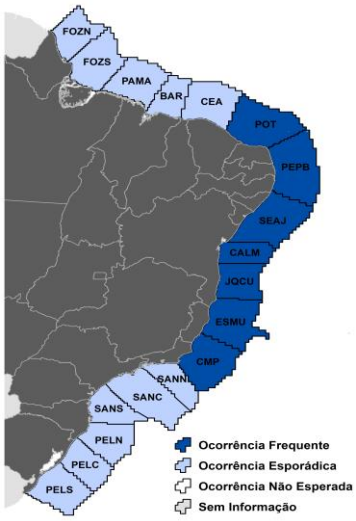
Megaptera novaeangliae

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 12-15 m. Massa corpórea: 25-40 t. Nadadeira peitoral medindo até um terço do comprimento total do animal e nadadeira dorsal que aparenta estar em uma corcova quando a baleia mergulha. 12-36 pregas ventrais que estendem-se até a abertura genital. A região ventral da nadadeira caudal apresenta padrões de coloração individualmente únicos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos pólos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). No entanto, a população do Golfo de Omã é considerada residente. A baleia-jubarte costuma habitar águas rasas nas áreas de reprodução, entre 30 e 50 m de profundidade, e próximas a ilhas ou recifes de coral. Existem registros ocasionais de baleias-jubarte alimentando-se na costa brasileira.
Pode formar grupos cooperativos para capturar as presas e utilizar estratégias de caça elaboradas, como uma rede de bolhas para prendê-las.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e pequenos peixes, como o arenque (Clupea sp) e o capelin (Mallotus villosus).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. A maioriados animais concentra-se entre o Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte, com uma área de alta densidade na Bahia. A gestação dura 11-12 meses e o filhote é amamentado por um ano.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 60.000 animais, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Os machos desta espécie utilizam canções elaboradas de sinalização para as fêmeas durante a estação de reprodução. Existem estudos demonstrando que a poluição sonora oriunda de barcos e operações de sísmica interfere no comportamento destes machos cantores, afastando-os de suas áreas. Há também registros de alimentação oportunística durante a temporada de reprodução na costa brasileira.

BALEIA-JUBARTE

Megaptera novaeangliae

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Pará-Maranhão (PAMA)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Barreirinhas (BAR)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Ceará (CEA)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Potiguar (POT)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Pernambuco-Paraíba (PEPB)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Camamu-Almada (CALM)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Campos (CMP)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Santos - Norte (SANN)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Santos - Centro (SANC)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Santos - Sul (SANS)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Pelotas - Norte (PELN)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Pelotas - Centro (PELC)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	
Pelotas - Sul (PELS)					⊙	●	●	●	●	●	⊙	

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-AZUL

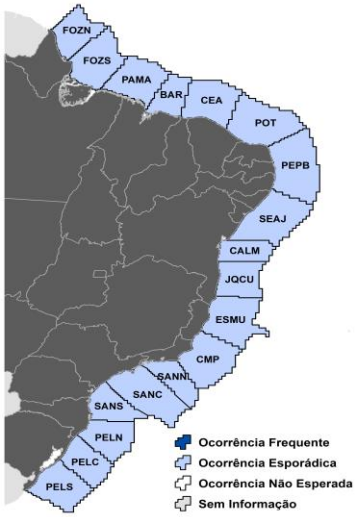
Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 27-33 m. Massa corpóra: 110-190 t. Coloração azulada, com o rostro largo e em forma de “U”, e presença de uma única crista dorsal mediana. Apresenta de 64 a 100 pregas ventrais que estendem-se até pouco depois do umbigo. A nadadeira dorsal é pequena e está localizada no último terço do corpo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). As poucas informações disponíveis para o Brasil sugerem que apresenta hábitos oceânicos na nossa costa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. A gestação dura de 11 a 12 meses, e apenas um filhote é criado a cada dois ou três anos. Este filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-fin (*Balaenoptera physalus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada entre 5.000 e 12.000 animais, com tendência a crescer.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Existem poucos registros da baleia-azul na costa brasileira e tudo indica que esta espécie nunca foi abundante no país. Os registros de sua ocorrência advêm de 2 encalhes no Rio Grande do Sul (em 1955 e 1992) e de 6 animais avistados e/ou capturados por operações baleeiras entre 1948 e 1981 nos litorais da Paraíba e Rio de Janeiro. As rotas e destinos migratórios da espécie são desconhecidos no Atlântico Sul.

BALEIA-AZUL

Balaenoptera musculus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Criticamente em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-FIN

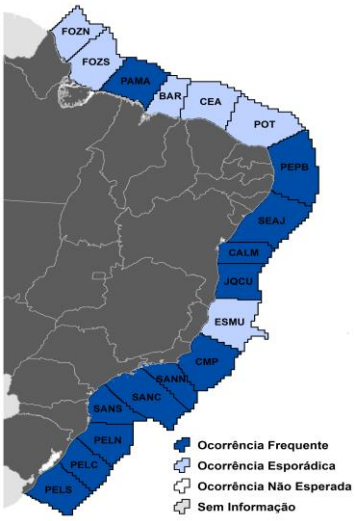
Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 20-27 m. Massa corpórea: 50-90 t. Corpo esguio, cinza escuro no dorso e nas laterais e branco na região ventral. Apresenta de 50 a 100 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo e, às vezes, além dele. A coloração na cabeça é assimétrica, sendo cinza do lado esquerdo e branca do lado direito.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos pólos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). No entanto, as populações do Golfo da Califórnia, Mar da China Oriental e Mar Mediterrâneo são consideradas residentes. A baleia-fin pode atingir até 37 km/h e é um dos balenopterídeos mais velozes. No Brasil, a espécie apresenta hábitos oceânicos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae) e pequenos peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. No Hemisfério Sul, os machos tornam-se maduros em torno dos 19 m, quando estão com 6-7 anos de idade, e as fêmeas em torno de 20 m, aos 7-8 anos. A gestação dura aproximadamente 11 meses e o filhote nasce com cerca de 6 m de comprimento. Existem híbridos descritos desta espécie com a baleia-azul (*Balaenoptera musculus*).

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 77.000 animais, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-fin é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira, apesar de ter sido capturada por baleeiros na Paraíba e Rio de Janeiro. Existem registros de encalhe da espécie no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Sergipe e Pará, e animais foram avistados por navios de sísmica nas Bacias de Santos e Camamu-Almada. As rotas e destinos migratórios desta população ainda são desconhecidos, mas supõe-se que a espécie migre para a Antártica.

BALEIA-FIN

Balaenoptera physalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-SEI

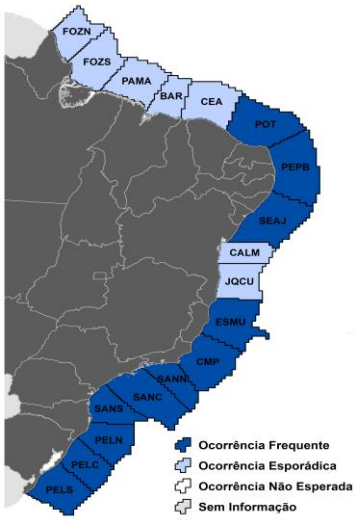
Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 17.0-19.5 m. Massa corpórea: 30-40 t. Coloração do corpo cinza-escuro com uma área esbranquiçada no ventre, e nadadeira dorsal alta e falcada. Apresenta de 40 a 65 pregas ventrais que acabam antes do umbigo. Possui apenas uma crista mediana dorsal no rostro, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas baixas latitudes (nos trópicos). Um animal marcado no Mar da Scotia, próximo da Antártica, foi capturado por baleeiros no Rio de Janeiro durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. É uma espécie oceânica, ocorrendo no Brasil em águas com mais de 3.000 m de profundidade.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae), copépodes, pequenos peixes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de outono e inverno. Atingem a maturidade sexual aos dez anos, tendo sido observada nas fêmeas uma redução em 2-3 anos após a depleção pela caça comercial. A gestação dura de 11 a 12 meses e o filhote nasce com cerca de 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Estimativas apontam uma população mundial de aproximadamente 80.000 animais, mas há alguns apontam imprecisões nestes números, em parte pela espécie ter sido confundida com a baleia-de-Bryde. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Apesar de ter sido intensamente explorada por baleeiros, a baleia-sei ainda é uma espécie pouco conhecida na costa brasileira. Há registros de encalhe no Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de avistamentos na Bacia de Santos e entre os litorais do Rio Grande do Norte e Alagoas.

BALEIA-SEI

Balaenoptera borealis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●		
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●		
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●		
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●		
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●		
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●		
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●		
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●		
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●		
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●		
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●		
Campos (CMP)						●	●	●	●	●		
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●		
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●		
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●		
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●		

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-DE-BRYDE

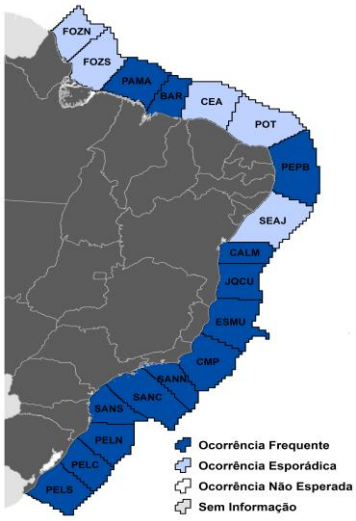
Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 13.0-16.5 m. Massa corpórea: 17-20 t. Coloração cinza-escuro dorsalmente, cinza claro nas partes laterais, e claro ou branco na região ventral. Apresenta de 40 a 70 pregas ventrais que podem alcançar ou ultrapassar a região do umbigo, características que juntamente com as três cristas cristas no rostro auxiliam a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A baleia-de-Bryde é o único balenopterídeo que não migra, podendo permanecer na mesma área durante todo o ano, e seus deslocamentos parecem estar associados à abundância de presas. É uma espécie costeira com comportamento bastante críptico e natação veloz, o que dificulta sua observação no mar. No entanto, pode ser comumente avistada no litoral sudeste do Brasil, onde seu comportamento de caça com trocas bruscas de direção e movimentos circulares próximo à superfície é evidente.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes, mas também krill (família Euphausiidae), copépodes e lulas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. Costuma atingir a maturidade sexual quando ultrapassa os 11 metros de comprimento total, entre 8 e 11 anos de idade. A gestação dura entre 11 e 12 meses, seguidos por seis meses de lactação e seis meses de descanso.

POPULAÇÃO

Devido às dúvidas taxonômicas e confusão da espécie com a baleia-sei, não existem estimativas da população mundial desta espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A taxonomia da baleia-de-Bryde é um assunto complexo e existem dúvidas sobre quantas espécies são reconhecidas. Análises genéticas e morfológicas recentes indicam que *Balaenoptera edeni* e *B. brydei* , esta considerada por muitos anos como sinonímia, podem ser espécies distintas. No entanto, ainda não foram realizados estudos aprofundados sobre o assunto para a costa brasileira, e apenas *B. edeni* tem sua ocorrência reconhecida para o país. A baleia-de-Bryde foi capturada por baleeiros no Rio de Janeiro e Paraíba, mas os números são imprecisos devido à confusão da espécie com a baleia-sei.

BALEIA-DE-BRYDE

Balaenoptera edeni

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 8.5-10.7 m. Massa corpórea: 7.5-8.5 t. Cabeça estreita e pontuda, com apenas uma crista mediana dorsal. Apresenta de 44 a 47 pregas ventrais estendendo-se até o umbigo. Nadadeira dorsal relativamente alta e falcada, localizada a um terço da parte posterior do corpo. Ausência de faixa branca bem definida nas nadadeiras peitorais, característica que auxilia a diferenciação de espécies semelhantes.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui áreas de alimentação em altas latitudes (próximo aos polos) e de reprodução nas médias e baixas latitudes (nos trópicos). Dois animais marcados na Antártica (62° e 69° S) foram capturados por baleeiros na Paraíba durante a época da caça comercial, demonstrando um possível destino migratório desta população. Apesar de ser normalmente avistada próximo à calota de gelo antártica, esta espécie possui hábitos oceânicos durante o período reprodutivo.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se na costa brasileira durante os meses de inverno e primavera. Atinge a maturidade sexual aos oito anos, quando as fêmeas estão com 8,1 m e os machos, 7,6 m. A gestação dura 10 meses e o filhote nasce com cerca de 2,8 m, sendo amamentado por 4 ou 6 meses.

POPULAÇÃO

Uma estimativa sugere uma população mundial de aproximadamente 750.000 indivíduos. No entanto, tais números foram questionados recentemente devido à metodologia utilizada nos cruzeiros e novas estimativas em menor escala. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A baleia-minke-antártica foi intensamente explorada pela estação baleeira da Paraíba entre 1964 e 1985. Existem registros de encalhes e avistamentos desde o Amapá até o Rio Grande do Sul, mas ainda não há informações que permitam definir o status de conservação desta população atualmente. O efeito da redução da calota de gelo antártica pelas mudanças climáticas sob esta espécie permanece desconhecido, mas tem o potencial de afetá-la seriamente.

BALEIA-MINKE-ANTÁRTICA

Balaenoptera bonaerensis

Grandes cetáceos (Cetacea: Balaenopteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)						●	●	●	●	●	●	⊙
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)						●	●	●	●	●	●	⊙
Pará-Maranhão (PAMA)						●	●	●	●	●	●	⊙
Barreirinhas (BAR)						●	●	●	●	●	●	⊙
Ceará (CEA)						●	●	●	●	●	●	⊙
Potiguar (POT)						●	●	●	●	●	●	⊙
Pernambuco-Paraíba (PEPB)						●	●	●	●	●	●	⊙
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)						●	●	●	●	●	●	⊙
Camamu-Almada (CALM)						●	●	●	●	●	●	⊙
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						●	●	●	●	●	●	⊙
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)						●	●	●	●	●	●	⊙
Campos (CMP)						●	●	●	●	●	●	⊙
Santos - Norte (SANN)						●	●	●	●	●	●	⊙
Santos - Centro (SANC)						●	●	●	●	●	●	⊙
Santos - Sul (SANS)						●	●	●	●	●	●	⊙
Pelotas - Norte (PELN)						●	●	●	●	●	●	⊙
Pelotas - Centro (PELC)						●	●	●	●	●	●	⊙
Pelotas - Sul (PELS)						●	●	●	●	●	●	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Baixa	Média	Sem Informação

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 12 m (fêmeas), 18.3 m (machos). Massa corpórea: 45 t (fêmeas), 57 t (machos). Esta espécie apresenta o maior dimorfismo sexual entre os cetáceos. A cabeça retangular, com aproximadamente um terço do tamanho total do corpo, e o borrifo diagonal tornam o cachalote facilmente identificável no mar. Possui nadadeira dorsal pequena e triangular, coloração variada de preta a marrom, com pequenas regiões brancas ao redor da boca e no ventre. A pele é enrugada a partir da cabeça.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Apenas os machos adultos realizam movimentos migratórios até as altas latidudes, como a Antártica, durante o verão. No entanto, estes movimentos aparentam não ter um padrão tão regular como o dos misticetos. As fêmeas e juvenis permanecem em grupos nas baixas latitudes (inferiores a 40-50°) o ano todo. Esta espécie habita águas oceânicas, com profundidade mínima de 1.000 m, onde realiza mergulhos de até 1 hora para capturar suas presas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e peixes mesopelágicos e demersais.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As fêmeas atingem a maturidade sexual a partir dos nove anos, com cerca de 9 m de comprimento, e a maturidade sexual dos machos pode ocorrer a partir dos 10 anos, mas são mais ativos sexualmente após os 20 anos. Estes costumam formam haréns e defendê-los ferozmente de outros machos durante a temporada reprodutiva. A gestação dura de 14 a 16 meses, e o filhote nasce com cerca de 3 m. Há uma média de 5 anos entre os nascimentos. Não existem informações sobre sazonalidade reprodutiva para a costa brasileira.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 360.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O cachalote foi intensamente explorado por baleeiros em todo o mundo, incluindo o Brasil, onde existem registros de encalhes e avistamentos para todos os estados litorâneos. Algumas áreas aparentam apresentar concentrações da espécie, como as Bacias de Camamu/Almada (BA), Espírito Santo e Santos (SP), e entre o Chuí (RS) e o Cabo de Santa Marta (SC).

CACHALOTE

Physeter macrocephalus

Grandes cetáceos (Cetacea: Physeteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-DE-COMMERSON

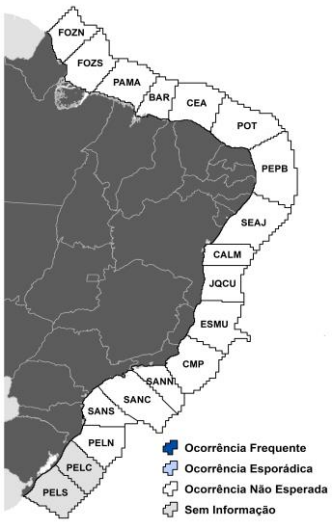
Cephalorhynchus commersonii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Média	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.5 m. Massa corpórea: 30 a 66 kg. Corpo robusto com cabeça cônica e rostro pouco definido. Coloração preta ou cinza-escuro e branca, com uma grande área branca circundando o corpo logo atrás do orifício respiratório. Nadadeira dorsal baixa, arredondada e ligeiramente inclinada para trás, localizada logo após o centro do dorso. Apresenta 26 a 35 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie ocorre em águas temperadas frias e subantárticas entre 40° e 55°S no sul da América do Sul, e ao largo das ilhas Kerguelen, no oceano Índico. Costuma saltar e acompanhar embarcações, deslocando-se em grupos cujo tamanho varia de 2 a 20 animais. No Brasil, o único registro é de um encalhe no Rio Grande do Sul em 1998, considerado como extra-limite.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos e invertebrados bentônicos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Esta espécie se reproduz de setembro a fevereiro, durante a primavera e o verão. As fêmeas alcançam a maturidade sexual por volta dos 5 anos, quando atingem o comprimento de 1.30 m. Nos machos, a maturidade sexual ocorre entre 6 e 8 anos. A gestação dura de 10 a 11 meses e apenas um filhote é gerado, cuja amamentação se estende por pelo menos seis meses. A idade máxima registrada é 18 anos.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais a nível mundial para esta espécie, mas um estudo sugere uma população de 40.000 indivíduos em águas argentinas. Sua

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Existem alguns espécimes de golfinho-de-Commerson mantidos em cativeiro nos Estados Unidos e Japão, e a espécie é alvo de captura intencional para uso como isca de caranguejo.

GOLFINHO-DE-COMMERSON

Cephalorhynchus commersonii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	●	●							●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●							●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ORCA

Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Alta	Alta	Média	Média	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 6.5-8.0 m (fêmeas), 7.5-9.8 m (machos). Massa corpórea: 4.5-5.0 t (fêmeas), 7.5-9.0 (machos). A nadadeira dorsal dos machos adultos é alta e triangular, atingindo 1.8 m de altura, enquanto a das fêmeas e machos juvenis é falcada e atinge no máximo 90 cm de altura. Padrão de coloração preto e branco bem definido, com uma mancha elíptica branca pós-ocular e outra branco-acinzentada logo atrás da nadadeira dorsal. A região ventral é branca, estendendo-se da boca até a nadadeira caudal. Nadadeiras peitorais grandes, largas e ovaladas. Possui 10 a 14 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça arredondada e com rostro bastante curto, pouco definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca é o segundo mamífero com maior distribuição geográfica, logo após o ser humano. Pode ser encontrada em todos os oceanos, tanto em águas costeiras como tropicais, mas sua abundância é maior em altas latitudes. Vive em grupos familiares complexos, de base matrilinear, cujo tamanho pode variar de 2 a mais de 50 animais. Ocasionalmente, também são avistados indivíduos solitários.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos, tartarugas-marinhas, aves e outros mamíferos marinhos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O período reprodutivo varia entre as populações e ainda não existem informações sobre o assunto para a costa brasileira. Os machos atingem a maturidade sexual por volta dos 15 anos, e as fêmeas, entre os 12 e 16 anos de idade. A gestação dura de 15 a 18 meses, e o filhote nasce com aproximadamente 2 m, ficando dependente da mãe por dois anos. O intervalo entre nascimentos é de aproximadamente 5 anos, e as fêmeas tem em média 5 filhotes viáveis ao longo de 25 anos de vida reprodutiva.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há registros de encalhes e avistamentos da espécie para toda a costa brasileira, mas ainda não se sabe se os animais compõem uma ou várias populações. Estudos de monitoramento via satélite demonstraram que orcas da população antártica migram para o Uruguai e sul do Brasil possivelmente por razões fisiológicas relacionadas à temperatura da água. Há registros de interação da espécie com a pesca de espinhel e, inclusive, de um animal capturado acidentalmente e libertado no sul do Brasil. O uso de armas de fogo e arpão para tentar coibir as interações é relatado por pescadores. O manejo desta espécie no cativeiro requer bastante atenção por parte dos tratadores, pois existem casos de ataque e 4 fatalidades registradas neste tipo de ambiente.

ORCA

Orcinus orca

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 3.3-5.0 m (fêmeas), 3.7-6.0 m (machos). Massa corpórea: 1-2 t. Corpo alongado e esguio, com coloração totalmente preta ou cinza escura. Presença de mancha cinza esbranquiçada na região ventral. Nadadeira dorsal falcada, localizada na metade do dorso, podendo atingir em torno de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, com uma curvatura na borda anterior. Possui de 7 a 12 pares de dentes na maxila e mandíbula. Cabeça relativamente pequena e estreita, sem rostro definido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre predominantemente em águas oceânicas nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas quentes. No Brasil, existem registros de avistamentos e encalhes desde o Ceará até o Rio Grande do Sul. Isto inclui dois encalhes em massa, sendo um no Rio Grande do Sul e outro no Rio Grande do Norte. É uma espécie extremamente sociável e curiosa, formando grupos grandes e que geralmente acompanham embarcações. Há evidências de vínculos de longo prazo entre os indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros cetáceos (incluindo filhotes de grandes baleias).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre ao longo de todo o ano. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 8 e 14 anos, e sugere-se que os machos atinjam alguns anos depois. A gestação dura cerca de 15 meses, e o filhote é amamentado por um período que vai de um ano e meio a dois anos.

POPULAÇÃO

População mundial estimada em 50.000 indivíduos, com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A falsa-orca interage com a pesca de espinhel e há relatos de sua captura acidental em redes de pesca. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países, como o Japão, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frotas pesqueiras.

FALSA-ORCA

Pseudorca crassidens

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ORCA-PIGMEIA

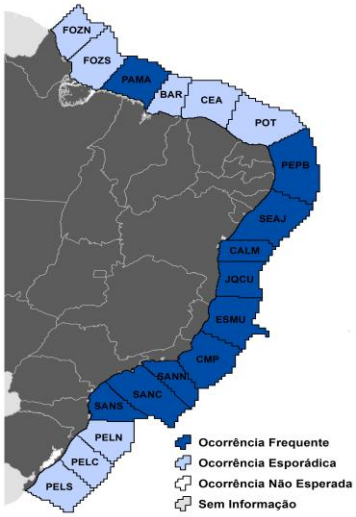
Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Média	Média	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.4 m (fêmeas), 2.7 m (machos). Massa corpórea: 150-200 kg (fêmeas), 170-222 kg (machos). Coloração do corpo preta, preta-azulada ou cinza-escura, com mancha frequentemente branca na boca, que não possui rostro definido. Esta mancha pode estender-se em linha até a região do umbigo. Nadadeira dorsal alta, falcada e posicionada no centro do dorso, alcançando cerca de 40 cm de altura. Nadadeiras peitorais alongadas, medindo entre 40 e 50 cm, e arredondadas nas extremidades. Possui de 8 a 12 pares de dentes na maxila e de 10 a 13 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

A orca-pigmeia aparenta ser rara em toda a sua distribuição, que é basicamente tropical. Isto somado aos seus hábitos oceânicos e o comportamento de geralmente evitar embarcações, torna difícil a obtenção de informações sobre a espécie. Estudos feitos no Havaí sugerem que os vínculos entre indivíduos do grupo são fortes e estáveis, e que os animais apresentam alta fidelidade a algumas áreas ao redor de ilhas oceânicas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes oceânicos e, ocasionalmente, outros pequenos cetáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução e não há dados que permitam verificar idade de maturação sexual ou padrões de sazonalidade.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

No Brasil, existem apenas três registros de encalhes nos estados do Maranhão, São Paulo e Rio de Janeiro, e seis registros de avistamentos no Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Há ainda um registro de captura acidental no litoral de São Paulo. O número pequeno não permite constatar padrões de sazonalidade na sua ocorrência. Orcas-pigmeias mantidas por um curto período de tempo em cativeiro no Japão, Havaí e África do Sul, demonstraram ter um comportamento agressivo com relação às outras espécies de cetáceos. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países asiáticos e caribenhos, e sofre com a redução dos estoques de peixes oceânicos causada por frotas pesqueiras.

ORCA-PIGMEIA

Feresa attenuata

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-CURTAS

Globicephala macrorhynchus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Alta	Média	Média	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.1-5.5 m (fêmeas), 5.3-7.2 m (machos). Massa corpórea: 2.0-3.6 t. Coloração do corpo variando de preto a cinza-escuro, com a cabeça sem rostro definido e melão grande e bulboso. A nadadeira dorsal está localizada próxima à cabeça e é grande, mas relativamente baixa, com a base ampla e a borda posterior falcada. As nadadeiras peitorais são delgadas, longas e em formato de foice. Uma tênue mancha cinza pode ser visível logo trás da nadadeira dorsal e uma linha longitudinal cinza se estende desde a garganta até a região genital. Possui de 7 a 9 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que ocorre principalmente em águas tropicais e temperadas quentes além do talude continental. No Brasil, há registros de avistamentos ou encalhes desde o Pará até São Paulo, incluindo ilhas oceânicas como São Pedro e São Paulo e Fernando de Noronha. Vivem em grupos de 12 a 230 indivíduos, com base matrilinear e onde os machos se dispersam do grupo natal na idade adulta. Pode realizar mergulhos profundos para caçar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e, em menor quantidade, peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estudos mostram que existem diferenças no período reprodutivo entre as populações, mas esta informação ainda não é conhecida para o Brasil. As fêmeas atingem a maturidade sexual aos 9 anos, e os machos, entre 13 e 16 anos. A gestação dura de 15 a 16 meses e o filhote é amamentado por 3 anos. Este fica sob os cuidados da mãe por 13 ou 15 anos, sendo o cuidado parental mais longo já registrado entre os cetáceos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial, mas a espécie aparenta ser abundante. No leste do Pacífico tropical, foram estimados 589.000 indivíduos. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie é mantida em cativeiro nos Estados Unidos e Japão, apesar de apresentar altas taxas de mortalidade. A baleia-piloto-de-peitorais-curtas também é alvo de captura intencional em alguns países asiáticos e caribenhos. Há um registro de ataque de um macho desta espécie a uma mergulhadora no Havaí.

BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-CURTAS

Globicephala macrorhynchus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-LONGAS

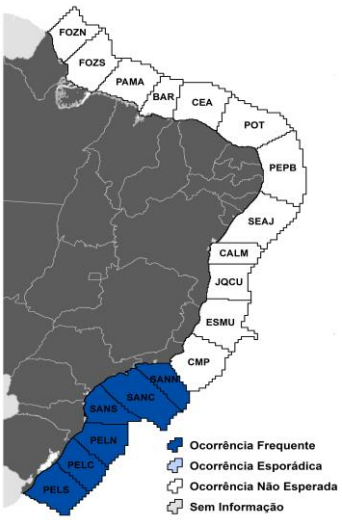
Globicephala melas

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Média	Alta	Média	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 5.5 a 6.7 m (machos), 4.8 a 5.7 m (fêmeas). Massa corpórea: 2.3 a 3.0 ton (machos), 1.3 a 2.0 ton (fêmeas). Coloração do corpo variando de preto a cinza-escuro, com a cabeça sem rostro definido e melão grande e bulboso. A nadadeira dorsal está localizada próxima à cabeça e é grande, mas relativamente baixa, com a base ampla e a borda posterior falcada. As nadadeiras peitorais são delgadas, extremamente longas (correspondendo a 18-27% do comprimento do corpo) e em formato de bumerangue. Uma tênue mancha cinza pode ser visível logo trás da nadadeira dorsal e uma linha longitudinal cinza se estende desde a garganta até a região genital. Apresenta 8 a 13 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, mas pode ocasionalmente ser avistada em águas costeiras com maior frequência do que Globicephala macrorhynchus. Sua distribuição também está associada a águas mais frias, e há registros de encalhes e avistamentos entre os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo. Vive em grupos de 12 a 230 indivíduos com base matrilinear, sendo que os machos se dispersam do grupo natal na idade adulta. Pode realizar mergulhos profundos para caçar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes e, em menor quantidade, peixes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estudos demonstram que existem diferenças no período reprodutivo entre as populações da espécie, mas esta informação ainda não é conhecida para o Brasil. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 6 e 7 anos e, os machos, entre 10 e 12 anos. A gestação dura de 12 a 16 meses e o filhote é amamentado por 2 a 3 anos. Este fica sob os cuidados da mãe por 13 ou 15 anos, sendo o cuidado parental mais longo já registrado entre os cetáceos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial. Levantamentos entre 1987 e 1989 geraram uma estimativa de abundância de mais de 750.000 indivíduos na região central e nordeste do Atlântico Norte. Outras estimativas indicam aproximadamente 778.000 indivíduos no leste do Atlântico Norte, cerca de 100.000 nas ilhas Faroé e 31.000 no oeste do Atlântico Norte, mas algumas destas são baleias-piloto-de-peitorais-curtas. Para o Hemisfério Sul, estima-se 200.000 indivíduos ocorram no verão ao sul da Convergência Antártica.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Estudos mostram que existem diferenças na sazonalidade reprodutiva entre as populações, mas esta informação ainda não é conhecida para o Brasil. Esta espécie é ou já foi mantida em cativeiro nos Estados Unidos, Japão, China e Portugal, apesar de apresentar altas taxas de mortalidade. Ela também é alvo de captura intencional no Atlântico Norte.

BALEIA-PILOTO-DE-PEITORAIS-LONGAS

Globicephala melas

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-NARIZ-DE-GARRAFA

Tursiops truncatus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.4-3.9 m. Massa corpórea: 250-500 kg. Os machos são ligeiramente maiores do que as fêmeas. Apesar de haver grande variação geográfica na forma do corpo e das nadadeiras, assim como na coloração, *Tursiops truncatus* possui um corpo robusto, rostro curto e largo, com a maxila ligeiramente mais curta que a mandíbula. Presença de uma prega bem definida separando o rostro do melão. Coloração do corpo geralmente acinzentada-escura na porção dorsal e gradativamente mais clara em direção ao ventre, mas sem uma demarcação nítida entre os elementos. Nadadeira dorsal alta e falcada, posicionada no centro do dorso. Possui de 18 a 27 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui ampla distribuição, sendo encontrado em habitats estuarinos, costeiros e oceânicos de águas temperadas e tropicais. Há registros de encalhes ou avistamentos para toda a costa brasileira. É uma espécie com grande plasticidade comportamental, apresentando variações inter e intrapopulacionais no comportamento, mas costuma viver em grupos que podem variar de 20 até centenas de indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos atingem a maturidade sexual entre 8 e 12 anos, e as fêmeas, entre 6 e 14 anos de idade. A gestação dura aproximadamente 12 meses e as fêmeas dão à luz a apenas um filhote por ciclo reprodutivo. O intervalo médio dos nascimentos varia de 3 a 4 anos. As populações dos estuários no sul do Brasil apresentam uma sazonalidade reprodutiva bem definida, com os nascimentos ocorrendo no final da primavera e verão.

POPULAÇÃO

População mundial estimada no mínimo em 600.000 animais, mas com tendência desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A taxonomia do gênero *Tursiops* é algo complexo e há indícios de que haja outra espécie, *T. gephyreus* , no sudeste e sul do Brasil. No entanto, esta ainda não se encontra formalmente reconhecida e é considerada no momento como sinonímia ou subespécie de *T. truncatus* . A espécie adapta-se bem ao cativeiro, sendo o cetáceo mais comum neste tipo de ambiente, e esta é uma das razões de ser alvo de captura intencional em alguns países, como Rússia e Japão.

GOLFINHO-NARIZ-DE-GARRAFA

Tursiops truncatus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.2 m. Massa corpórea: 65-121 kg. Coloração do corpo cinza, variando em tonalidades do claro ao escuro, com duas faixas laterais de coloração bem mais clara que a região dorsal do corpo. Ventre cinza-pálido ou branco, com tonalidade rosada acentuada em filhotes e juvenis. Corpo pequeno e compacto, com nadadeira dorsal pequena e triangular localizada no centro do dorso. Cabeça com rostro bem definido, estreito e ligeiramente alongado, sendo a mandíbula pouco maior do que a maxila. Possui de 30 a 36 pares de dentes na maxila e de 24 a 38 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre desde Honduras até a Baía Norte de Florianópolis, em Santa Catarina, Brasil. Habita águas costeiras, geralmente até a isóbata de 20 m, e normalmente é encontrado em baías e estuários. O ponto de avistamento mais longínquo da costa registrado está no Banco dos Abrolhos, Bahia, devido às águas rasas pelo alargamento da plataforma continental. Possui comportamento arisco, evitando aproximar-se de embarcações, e vive em grupos cujo tamanho normalmente varia de 2 a 60 animais. Há registro de agregações com centenas de indivíduos nas Baías de Sepetiba e Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os machos atingem a maturidade sexual aos 7 anos e com aproximadamente 1,75 m de comprimento, e fêmeas, aos 6 anos com 1,65 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com cerca de 90 cm, sendo amamentado por 9 meses. O ciclo reprodutivo é de 2 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas há evidências de declínio em algumas populações ao longo da costa brasileira. Na Baía de Guanabara, por exemplo, a população declinou de 400 animais estimados em 1991 para cerca de 40 atualmente. A tendência populacional da espécie no Brasil é considerada em declínio, mas é desconhecida no âmbito mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Sotalia guianensis era considerado ecótipo marinho de *S. fluviatilis* até o início do século XXI, quando análises genéticas e morfológicas demonstraram a distinção entre as duas espécies e permitiram datar tal divergência em cerca de 5 milhões de anos atrás. *S. guianensis* é mantida em cativeiro na Colômbia, mas a espécie apresenta baixa adaptabilidade a este tipo de ambiente. Existem evidências de captura intencional desta espécie no litoral norte e nordeste do Brasil.

BOTO-CINZA

Sotalia guianensis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Quase Ameaçada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.9-2.3 m. Massa corpórea: 120-143 kg. O padrão de coloração possui três elementos distintos, sendo cinza-escuro no dorso, cinza-claro nos flancos e branco no ventre. O corpo apresenta pintas que vão surgindo conforme o crescimento do animal. Cabeça com rostro bem definido, robusto e ligeiramente comprido. O melão é bem demarcado do rostro. Os lábios e extremidade do rostro são brancos nos adultos. Nadadeira dorsal alta, falcada e com base larga, posicionada no centro do dorso. Possui de 32 a 42 pares de dentes na maxila e de 30 a 40 na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica do oceano Atlântico, habitando águas costeiras e oceânicas de regiões tropicais e temperadas quentes. Existem duas populações na costa brasileira, isoladas por um hiato de 1.500 km entre os estados da Paraíba e Espírito Santo. Tende a formar grupos numerosos, de até 250 indivíduos, e pode associar-se com outras espécies, como o golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) e o golfinho-rotador (*Stenella longirostris*). Costuma ser curioso e se aproxima de embarcações.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Estima-se que as fêmeas atinjam a maturidade sexual entre 8 e 15 anos de idade. Tal informação ainda não é conhecida para os machos. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote mede entre 0,76 e 1,2 m ao nascer. O cuidado parental pode perdurar por até 5 anos, e o intervalo médio dos nascimentos é de 3 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas levantamentos sugerem que o golfinho-pintado-do-Atlântico é a espécie do gênero *Stenella* mais avistada nas Bacias de Campos (RJ) e de Santos (SP). Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Stenella plagiodon é uma sinonímia para esta espécie. O golfinho-pintado-do-Atlântico é extremamente sensível ao cativeiro e nunca foi mantido com sucesso. A espécie é alvo de captura intencional em alguns países caribenhos.

GOLFINHO-PINTADO-DO-ATLÂNTICO

Stenella frontalis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Deficiente em Dados**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.3 m. Massa corpórea: 60-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escura iniciando-se na porção superior da cabeça e cobrindo todo o dorso. Possui outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do olho sobre os flancos, e uma faixa branca que se inicia na mandíbula e termina logo após a região genital. Corpo esguio com rostro longo, estreito e bem definido. A nadadeira dorsal é triangular e levemente falcada na porção posterior, posicionada no centro do dorso. Possui de 40 a 65 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre em águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos, entre 40°N e 40°S. Tem hábito pelágico, com preferência por ilhas oceânicas. No Brasil, provavelmente ocorre por toda a costa, com registros de avistamentos ou encalhes desde o Pará até o Rio Grande do Sul, e nas ilhas de Fernando de Noronha, Atol das Rocas e São Pedro e São Paulo. Possui um amplo repertório de atividades aéreas e formam grandes grupos sem uma estrutura fixa.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A população brasileira aparenta ter padrão reprodutivo difuso, porém com dois picos de nascimentos: um em abril-maio e outro em setembro-outubro. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 4 e 7 anos, medindo de 1,65 a 1,70 m, e os machos, entre 7 e 10 anos, com comprimento de 1,60 a 1,80 m. A gestação dura, em média, 10,5 meses e o período de amamentação estende-se por aproximadamente 3 anos. O intervalo dos nascimentos varia de 3,3 a 3,9 anos.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Houve tentativas de manter a espécie em cativeiro, mas estas fracassaram devido à extrema sensibilidade do golfinho-rotador a este tipo de ambiente. A espécie é alvo de captura intencional na África, Caribe e Sudeste Asiático, e também é afetada pela pesca de atuns com espinheis na região oceânica do nordeste, a pesca de emalhe na região sudeste e a pesca de arrasto e o turismo náutico em Fernando de Noronha. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também representa uma potencial ameaça.

GOLFINHO-ROTADOR

Stenella longirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Pará-Maranhão (PAMA)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Barreirinhas (BAR)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Ceará (CEA)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Potiguar (POT)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Camamu-Almada (CALM)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Campos (CMP)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Santos - Norte (SANN)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Santos - Centro (SANC)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Centro (PELC)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙
Pelotas - Sul (PELS)	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.7-2.0 m. Massa corpórea: 70-80 kg. Coloração do corpo seguindo um padrão tricolor, com uma faixa cinza-escura no dorso que arredonda-se abaixo da nadadeira dorsal, outra faixa cinza-clara estendendo-se a partir do rostro sobre os flancos e ventre branco, que pode apresentar tonalidades rosadas. Rostro bem definido, ligeiramente comprido e com extremidade e lábios pretos. Nadadeira dorsal alta e levemente falcada ou triangular, localizada no centro do dorso. Possui de 39 a 52 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica das águas tropicais e subtropicais do oceano Atlântico, e pode ser encontrada tanto sobre como além da plataforma continental. No Brasil, ocorre provavelmente em toda a costa e há registros de avistamentos ou encalhes desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul. No entanto, é mais comum na região nordeste. São animais ativos, que costumam acompanhar embarcações e vivem em grandes grupos, que podem conter até 200 indivíduos. Estes grupos parecem ser segregados por sexo e idade. Às vezes, associa-se com golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*) e golfinhos-comuns (*Delphinus delphis*).

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre sua reprodução. Machos e fêmeas atingem a maturidade sexual com 1,8 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, mas a espécie não é abundante. Sua tendência populacional é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Há relatos da interação da espécie com a pesca a partir de registros de indivíduos presos em rede de deriva no sudeste do Brasil, entretanto, esses são escassos e podem não apresentar um grande risco à espécie. A indústria de óleo e gás, por meio das atividades de sísmica, prospecção e exploração, também pode representar uma ameaça. O golfinho-clímene é ocasionalmente capturado de forma intencional no Caribe e oeste da África.

GOLFINHO-CLÍMENE

Stenella clymene

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-DE-PEALE

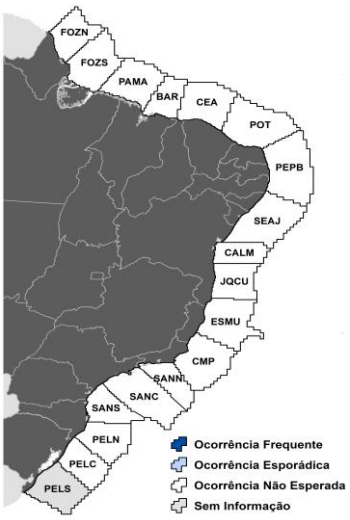
Lagenorhynchus australis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Média	Média	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.0 a 2.5 m (machos), 1.9 a 2.1 m (fêmeas). Massa corpórea: 90 a 115 kg. Corpo robusto e com rostro curto. Coloração variando do cinza-escuro ao preto, com duas regiões sombreadas mais claras nos flancos. Possui uma faixa cinza clara que vai afinando desde o pedúnculo caudal até atingir a altura da nadadeira dorsal, e termina numa fina linha até perto do orifício respiratório. Uma mancha acinzentada estende-se desde o olho até a metade do corpo, e é separada do ventre branco por uma fina linha escura. Nadadeira dorsal alta, com base larga e ligeiramente falcada, posicionada no centro do dorso e com coloração mais clara na parte posterior. Apresenta 27 a 33 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie possui hábitos costeiros, sendo encontrado em águas de baías, canais, enseadas e fiordes no sul da América do Sul. É particularmente comum entre o sul do Chile e a Terra do Fogo. Costuma saltar e acompanhar embarcações, deslocando-se em grupos de 2 a 30 indivíduos. No Brasil, seu único registro é de um encalhe no Rio Grande do Sul em 1999, considerado extra-limite.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. As fêmeas atingem a maturidade sexual das fêmeas aos 1.95 m de comprimento total, mas não há dados para os machos. No entanto, é provável que estes atinjam a maturidade sexual após atingir os 2.0 m de comprimento total. Os filhotes nascem entre a primavera e o outono, e o indivíduo mais velho registrado tinha 30 anos.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para esta espécie, mas relatos sugerem que é comum ao largo das ilhas Malvinas e algumas regiões do Chile. Sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O golfinho-de-Peale é capturado para uso como isca para caranguejos. Não há registro de sua manutenção em cativeiro.

GOLFINHO-DE-PEALE

Lagenorhynchus australis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●						●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

GOLFINHO-DE-PERÓN

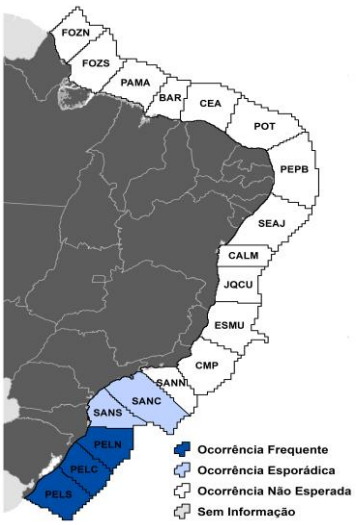
Lissodelphis peronii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Média	Média	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.0 a 2.5 m (machos), 1.8 a 1.9 m (fêmeas). Massa corpórea: 75 a 115 kg. Coloração preta no dorso e branca no ventre, que se estende para os flancos, com uma nítida separação entre as áreas escuras e claras. Corpo esguio e alongado, com rostro curto e bem definido e ausência de nadadeira dorsal. Nadadeiras peitorais pequenas e com extremidade pontiaguda. Apresenta 44 a 49 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie tem hábitos oceânicos e ocorre apenas em águas temperadas e frias do Hemisfério Sul. Seus registros no Brasil resumem-se a um encalhe em Peruíbe (SP) no ano de 1994 e dois avistamentos na costa norte do Rio Grande do Sul em 1995. O golfinho-de-Perón costuma formar grandes grupos, às vezes com mais de 1.000 animais, e pode ser visto associado a outras espécies, como *Lagenorhynchus obscurus* e *Globicephala melas* .

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução da espécie são escassas. A maturidade de ambos os sexos parece ser atingida quando ultrapassam os 2 metros de comprimento total.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie, mas observações de campo sugerem que ela seja abundante na costa do Chile.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não são conhecidas informações sobre sua sazonalidade ou ciclo reprodutivo. O golfinho-de-Perón é capturado para uso como isca no Chile e Peru.

GOLFINHO-DE-PERÓN

Lissodelphis peronii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Delphinidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Média	Média	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal são pequenas. Coloração do corpo variando entre preto a azul-acinzentado, clareando na região ventral. Nadadeiras caudal, peitoral e dorsal pequenas. Cabeça retangular, mais cônica em jovens, e há presença de um falso opérculo logo atrás dos olhos. Possui de 12 a 16 pares de dentes pontiagudos na mandíbula e raramente apresenta dentes nas maxilas. Diferenciação de Kogia sima é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-pigmeu em vida livre. Costumam ser avistados em duplas ou solitários, e o maior grupo registrado continha 6 indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. Na África do Sul, o acasalamento parece ocorrer de abril a setembro e os nascimentos, entre março e outubro. Atinge a maturidade sexual aos 5 anos de idade e os filhotes nascem com aproximadamente 1,2 m de comprimento, após uma gestação de 11 meses.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A maior parte das informações sobre esta espécie advém de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. Existem registros de encalhe para a costa brasileira desde o Rio Grande do Sul até o Ceará. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-pigmeu é alvo de captura intencional em alguns países.

CACHALOTE-PIGMEU

Kogia breviceps

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Média	Média	Alta

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.5-2.8 m. Massa corpórea: 240-275 kg. Coloração do corpo variando entre negro a azul-acinzentado, clareando na região ventral, onde se observa uma coloração branco-acinzentada, e às vezes rósea. Nadadeiras peitorais pequenas, posicionadas bem próximo do corpo e localizadas perto da cabeça. A nadadeira dorsal é alta, mais que 5% do comprimento do corpo, e mais próxima do centro do dorso do que em *K. breviceps* . Possui de 7 a 12 pares (raramente mais de 13) de dentes pontiagudos na mandíbula. Raramente apresenta dentes nas maxilas porém em alguns casos pode apresentar mais de três dentes vestigiais. Diferenciação de *Kogia breviceps* é sutil, e pode não ser possível em condições de campo.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, que pode ser encontrada em águas temperadas e tropicais. Os registros de encalhes sugerem que o cachalote-anão apresenta uma distribuição mais tropical do que o pigmeu (*K. breviceps*). Possui comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações, e por isso pouco se conhece sobre o cachalote-anão em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, peixes e ocasionalmente crustáceos, como camarões e caranguejos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre o período reprodutivo para a costa brasileira. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 anos de idade e 2,15 m de comprimento, e os machos com 2,9 anos e 1,97 m. A gestação dura cerca de 12 meses e o filhote nasce com aproximadamente 1,2 m.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais desta espécie a nível mundial, mas uma estimativa para o leste do Pacífico tropical sugere cerca de 150.000 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Kogia simus é considerada uma sinonímia para esta espécie. Uma análise genética recente sugere a existência de pelo menos duas espécies distintas de cachalote-anão: uma no oceano Atlântico e outra no Indo-Pacífico. No entanto, esta análise não incluiu nenhuma amostra proveniente de animais da costa do Brasil ou sudoeste do Atlântico, portanto o *status* taxonômico do cachalote-anão no Brasil é ainda desconhecido. As informações advêm de encalhes e animais resgatados destes, que foram mantidos por um curto período em cativeiro. No Brasil, são conhecidos encalhes da espécie desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. Presume-se que a descarga de água e sedimentos proveniente da foz do rio Amazonas atue como uma barreira para a espécie, já que - até o momento - não foram encontrados animais encalhados no litoral norte. O cachalote-anão é alvo de captura intencional em alguns países.

CACHALOTE-ANÃO

Kogia sima

Pequenos cetáceos (Cetacea: Kogiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BOTO-DE-BURMEISTER

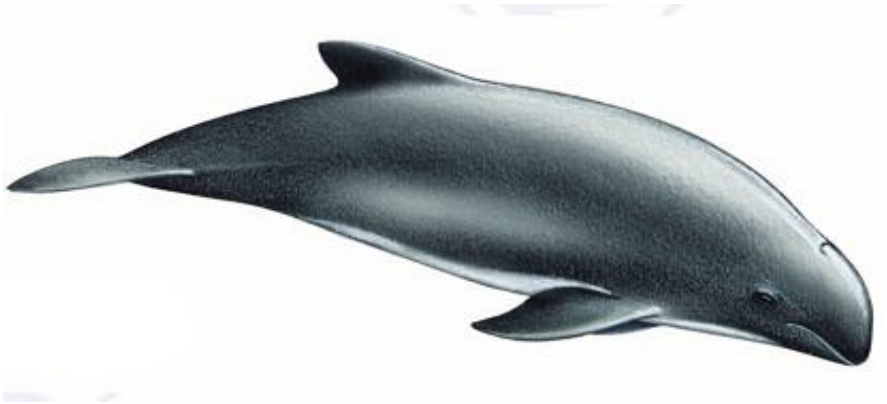
Phocoena spinipinnis

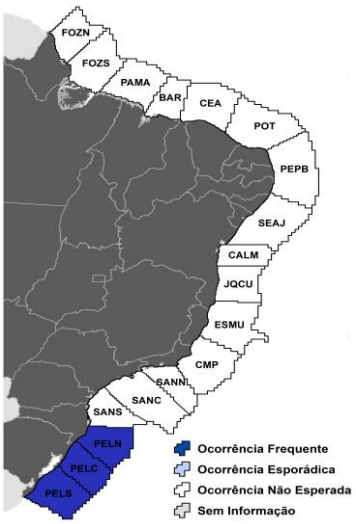
Pequenos cetáceos (Cetacea: Phocoenidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Alta





IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1.8 a 2.0 m. Massa corpórea: 75 a 115 kg. Corpo robusto com cabeça pequena e ligeiramente cônica e rostro indefinido. Coloração variando do pardo ao acinzentado, com o ventre variando do cinza-claro ao branco. Nadadeira dorsal baixa, inclinada para trás e posicionada logo após o centro do dorso. A borda anterior possui projeções dérmicas que lembram "espinhos". Apresenta 10 a 23 pares de dentes na maxila e 14 a 25 pares na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie ocorre em águas costeiras no sul da América do Sul, sendo encontrado em baías, canais, fiordes e estuários. O limite norte de sua distribuição na costa Atlântica é o Brasil, com seis registros de encalhe nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua ocorrência no país parece estar associada com a Convergência Subtropical do Atlântico. A espécie possui comportamento discreto e é de difícil observação na natureza. Costuma viver em grupos cujo tamanho varia de 2 a 8 indivíduos, mas agregações de até 150 indivíduos já foram registradas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes, crustáceos e invertebrados bentônicos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre a longevidade, maturidade sexual e senilidade reprodutiva desta espécie.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para esta espécie, mas análises genéticas sugerem que os botos-de-Burmeister do Pacífico e Atlântico constituem populações distintas e isoladas. Sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O boto-de-Burmeister é alvo de captura intencional no sul do Chile. Não há registro de sua manutenção em cativeiro.

BOTO-DE-BURMEISTER

Phocoena spinipinnis

Pequenos cetáceos (Cetacea: Phocoenidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●									●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●									●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●									●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BOTO-DE-ÓCULOS

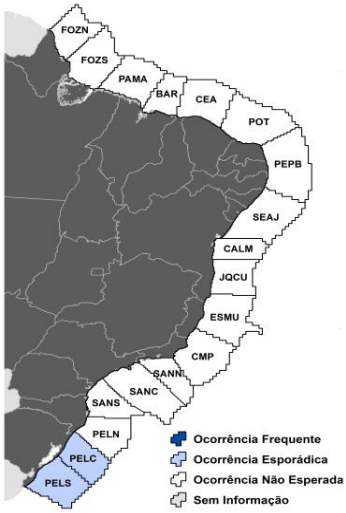
Phocoena dioptrica

Pequenos cetáceos (Cetacea: Phocoenidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 2.0 a 2.3 m (machos), 1.9 a 2.0 m (fêmeas). Massa corpórea: 100 a 125 kg. Coloração branca e preta bem definida, com o dorso escuro e o ventre claro. Cabeça arredondada, ligeiramente cônica e sem rostro definido. A nadadeira dorsal é arredondada, com bordas convexas, e está posicionada pouco atrás do centro do dorso, sendo extremamente grande nos machos (podendo alcançar 25 cm de altura) e menor nas fêmeas (não ultrapassa 12 cm). Apresenta 19 a 26 pares de dentes na maxila e 19 a 22 pares na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta é a maior espécie da família Phocoenidae, e ocorre em águas temperadas frias do Hemisfério Sul, associadas à Corrente das Malvinas e à Corrente Circumpolar Antártica em ambos os lados da Convergência Antártica. Há registros para o Uruguai, ilhas Geórgia do Sul, Kerguelen e Auckland, sul e sudoeste da Nova Zelândia, Tasmânia, Patagônia e ilha Heard. Não costuma aproximar-se de embarcações, e vive em grupos de 2 a 10 indivíduos. No Brasil, existe um único registro de encalhe no Rio Grande do Sul, em julho de 1994, considerado o registro mais setentrional da espécie para o Atlântico Sul Ocidental. Esta ocorrência anômala no sul do Brasil provavelmente foi relacionada a mudanças na distribuição de presas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, crustáceos, vermes e ascídias.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. Os animais aparentam atingir a maturidade sexual quando ultrapassam 1.80 m de comprimento total, e os menores filhotes examinados mediam 90 e 109 cm.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para esta espécie e sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Australophocoena dioptrica é considerada uma sinonímia para esta espécie. O boto-de-óculos é capturado para uso como isca de caranguejo no sul do Chile. Não há registro de sua manutenção em cativeiro.

BOTO-DE-ÓCULOS

Phocoena dioptrica

Pequenos cetáceos (Cetacea: Phocoenidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TONINHA

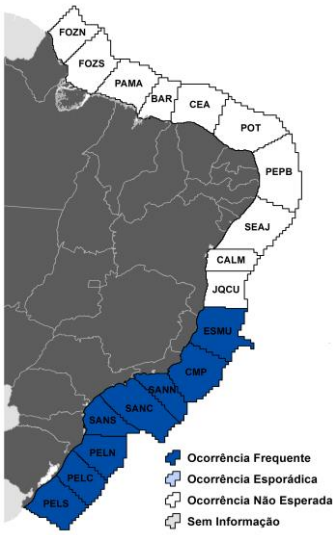
Pontoporia blainvillei

Pequenos cetáceos (Cetacea: Pontoporiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Alta	Média	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Esta espécie apresenta dimorfismo sexual, com os machos atingindo de 1.2 a 1.5 m e as fêmeas de 1.3 a 1.7 m. A massa de ambos os sexos quando adultos varia entre 33 e 55 kg. Coloração amarronzada a cinza-escuro no dorso, amarelada a cinza-claro nos flancos e ventre. Rostro extremamente longo e fino, correspondendo de 10 a 15% do comprimento total. Nadadeira dorsal pequena e triangular, situada logo após o meio do dorso. As nadadeiras peitorais são curtas, largas e em formato de espátula. Possui de 50 a 62 pares de dentes na maxila e mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie é endêmica do Atlântico Sul Ocidental e habita águas costeiras desde o Espírito Santo até a Província de Chubut, na Argentina. No Brasil, sua distribuição é descontínua, com dois hiatos ao longo da costa: um entre Regência (Linhares, ES) e Guaxindiba (São Francisco do Itabapoana, RJ) e outro entre a praia do Peró (Cabo Frio, RJ) e a Baía da Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ). Costuma viver em grupos de 3 a 5 animais e apresenta um comportamento discreto, evitando aproximar-se de embarcações.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A toninha é um dos cetáceos com o ciclo de vida mais curto, vivendo até 21 anos. A maturidade sexual é atingida entre os 2 e 5 anos de idade, havendo diferenças ao longo de sua ocorrência. No ES e RJ, os machos tornam-se sexualmente maduros aos 2 anos de idade e cerca de 115 cm de comprimento, e as fêmeas aos 3 anos e 130 cm. Em SP, PR e SC, o tamanho ao atingir a maturidade sexual é de 100 a 116 cm para machos e 122 a 126 cm para fêmeas, enquanto no RS é de 127.4 cm para machos e 138.9 cm para fêmeas. As fêmeas dão à luz a um filhote a cada 1 ou 2 anos, após uma gestação de 11 meses, e o comprimento, ao nascer, varia entre 70 e 80 cm. O tempo de lactação pode chegar a 9 meses. A reprodução não apresenta uma sazonalidade definida no ES e RJ, mas os nascimentos ocorrem predominantemente na primavera e verão nas outras áreas de distribuição.

POPULAÇÃO

Propõe-se a utilização de 4 áreas de manejo para a espécie, reconhecidas pela sigla FMA (Franciscana Management Area): FMA Ia – ES, FMA Ib – RJ, FMA II - SP, PR e norte de SC, FMA III – sul de SC, RS e Uruguai, e FMA IV - Argentina. No entanto, não existe estimativa atual a nível global da população da espécie. Estudos recentes sugerem aproximadamente 2.000 indivíduos para a FMA Ia e b, 8.000 para a FMA II e 6.900 para área da FMA III que corresponde ao RS. Analises de risco apontam que a população pode sofrer um colapso em 30 anos caso as ameaças à sua sobrevivência não sejam minimizadas ou cessadas

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A toninha é considerada o pequeno cetáceo mais ameaçado do Atlântico Sul, e sofre com a captura acidental em redes de pesca, ingestão de plásticos e degradação do habitat. É um animal extremamente sensível ao cativeiro, e há apenas o registro de um indivíduo resgatado de um encalhe no litoral de São Paulo e reabilitado de volta ao mar. No entanto, não existe informação sobre a sobrevivência deste animal após a soltura

TONINHA

Pontoporia blainvillei

Pequenos cetáceos (Cetacea: Pontoporiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●						●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●						●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●						●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-ARNOUX

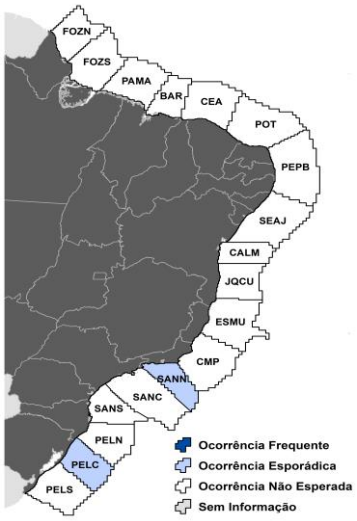
Berardius arnuxii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 7.8 a 9.8 m. Massa corpóra: 6.5 a 9.0 ton. Coloração variando do cinza ao marrom, sendo as regiões da cabeça e ventre mais claras do que o resto do corpo. Cabeça pequena com rostro longo e tubular, o melão é bulboso e proeminente com superfície frontal praticamente vertical e nitidamente diferenciado do rostro. Nadadeira dorsal pequena e ligeiramente falcada, localizada a dois terços do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas e abauladas nas extremidades, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Em geral apresenta marcas e cicatrizes lineares resultantes de interações entre os indivíduos. Apresenta 2 pares de dentes na mandíbula.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie possui hábitos oceânicos associados às águas temperadas frias e subantárticas. Ocorre em zonas de cânions submarinos ou cadeias montanhosas profundas, especialmente em áreas com declives acentuados do fundo depois da plataforma continental. Existem registros de sua ocorrência desde o Mar de Ross a 78°S até São Paulo a 24°S. No Brasil, os registros são baseados em encalhes, sendo um em São Sebastião (SP) durante agosto de 1993, e outro no Rio Grande do Sul, em janeiro de 2004. Observações na Antártica mostram que esta ser espécie possui um comportamento discreto e gregário, com grupos entre 6 e 10 indivíduos, ocasionalmente com centenas de indivíduos. Sua alta capacidade de mergulho a torna capaz de ficar submersa por mais de uma hora e nadar aproximadamente 7 km por baixo do gelo, até encontrar fissuras para respirar.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes, crustáceos e equinodermos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. Na espécie-irmã do Hemisfério Norte, *Berardius bairdii* , os machos podem viver até 84 anos e as fêmeas até 54 anos. Os machos alcançam a maturidade sexual mais cedo (entre 6 e 11 anos) e com menor comprimento total (9.1 a 9.8 m) do que as fêmeas, que a alcançam entre os 10 e 15 anos com comprimento total de 9.8 a 10.7 m.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-ARNOUX

Berardius arnuxii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

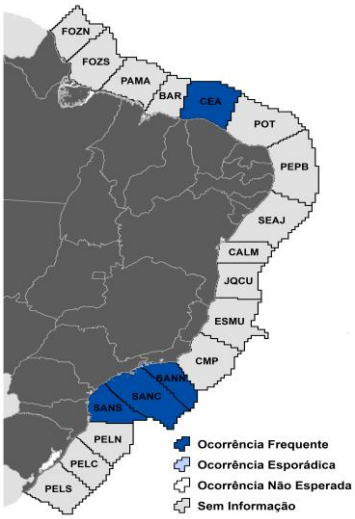
Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.2-5.2 m. Massa corpórea: 600-1200 kg. As fêmeas são ligeiramente maiores do que os machos. Corpo fusiforme com coloração cinza-escuro no dorso e metade posterior do flanco. Região ventral cinza-esbranquiçada. Cabeça pequena com rostro bem definido e relativamente longo, mas com pouca demarcação do melão. Nadadeira dorsal pequena, triangular e ligeiramente falcada, posicionada a cerca de dois terços do comprimento total. Nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam em uma leve depressão no flanco. Possui um par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie oceânica, encontrada nas águas tropicais e temperadas quentes do oceano Atlântico. Era considerada uma espécie endêmica do hemisfério norte até pouco tempo atrás, quando houve o registro de 3 encalhes para a costa brasileira, sendo 2 no Ceará e 1 em São Paulo. Por se tratar de um animal pelágico e que evita a aproximação de embarcações, pouco se sabe sobre a baleia-bicuda-de-Gervais em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e crustáceos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Pouco se sabe sobre a sua reprodução. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4,5 m de comprimento.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial, e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Análises de conteúdos estomacais indicam a ingestão de plásticos, sugerindo uma ameaça em potencial. O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-GERVAIS

Mesoplodon europaeus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-CABEÇA-PLANA-DO-SUL

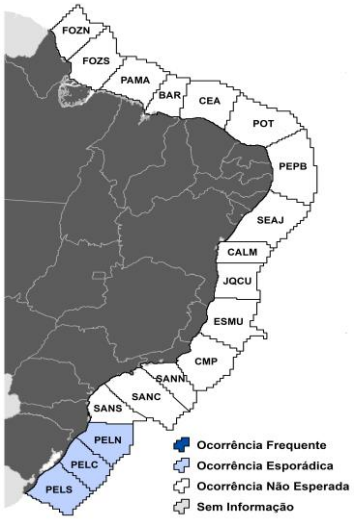
Hyperoodon planifrons

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 7.5 a 7.8 m (machos), 7.0 a 7.2 m (fêmeas). Massa corpórea: 6 a 8 ton.
Coloração acinzentada ou marrom-escura no dorso e mais clara nos flancos e ventre. Cabeça bulbosa com melão pronunciado e rostro curto e robusto, bem demarcado do melão. Nadadeira dorsal pequena, mas proeminente e falcada, localizada a dois terços do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta marcas e cicatrizes lineares resultantes de interações entre os indivíduos. Apresenta 1 par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie habita águas profundas, além da plataforma continental e sobre cânions submarinos. Sua distribuição é circumpolar no Hemisfério Sul, ao sul de 30°S, sendo comumente avistada em águas da Antártica. O Brasil é considerado o limite norte de sua ocorrência e há registro de animais encalhados no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Possui um comportamento evasivo às embarcações, mas pode ocasionalmente saltar e apresentar outros comportamentos aéreos. Costuma viver em grupos cujo tamanho varia de 2 a 10 indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes, cefalópodes e krill (família Euphausiidae).

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. Com base em poucas observações na costa da África do Sul, sabe-se que os nascimentos ocorrem entre a primavera e o verão. A gestação dura aproximadamente 12 meses, e os filhotes nascem com comprimento total entre 2.5 e 2.9m e pesando de 150 a 200 kg. Extrapolando a partir de dados da sua espécie-irmã do hemisfério norte (*Hyperoodon ampullatus*), supõe-se que as fêmeas e os machos atinjam a maturidade sexual aos 7 e 11 anos, respectivamente, vivendo até aproximadamente 40 anos.

POPULAÇÃO

Esta é a espécie de zifídeo mais comumente avistada nas águas antárticas, e uma estimativa sugere que 599.300 indivíduos ocorrem ao sul da Convergência Antártica durante o mês de janeiro. Sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-CABEÇA-PLANA-DO-SUL

Hyperoodon planifrons

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-BLAINVILLE

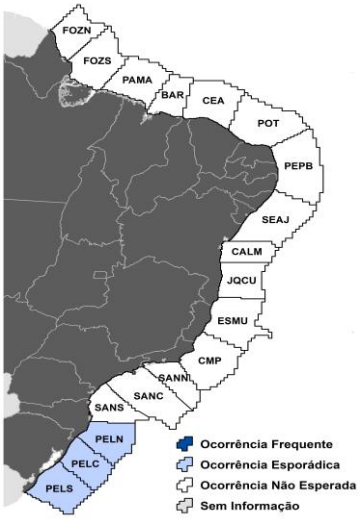
Mesoplodon densirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 4.2 a 4.7 m. Massa corpórea: 1.0 a 1.5 ton. Coloração do dorso amarronzada ou cinza-azulada e mais clara no ventre. Cabeça pequena com rostro tubular moderadamente longo e sem diferenciação nítida do melão. A metade posterior da mandíbula é curvada para cima, formando um arco, que é maior nos machos adultos. Nadadeira dorsal proeminente, triangular ou ligeiramente falcada, localizada a dois terços do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas, estreitas e arredondadas, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta 1 par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie tem distribuição pantropical, ocorrendo em águas temperadas e tropicais de todos os oceanos. Entre todas as espécies do gênero Mesoplodon, é a que possui ocorrência mais ampla e tropical. Os avistamentos são comuns ao redor de ilhas oceânicas e em mares fechados de águas profundas. No Brasil, há registro de encalhes para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Costuma viver em grupos de 2 a 11 indivíduos, mas há registros de indivíduos solitários que se suspeita serem machos adultos. Geralmente evita a aproximação de embarcações.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Informações acerca da reprodução desta espécie são escassas. As fêmeas atingem a maturidade sexual por volta dos 9 anos, e os adultos parecem se agrupar em haréns durante a estação reprodutiva, com um macho adulto acompanhado de várias fêmeas adultas e indivíduos juvenis.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais a nível mundial para esta espécie, mas um estudo em águas havaianas estimou uma população de 2.138 indivíduos. Sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família. Alguns espécimes foram capturados intencionalmente por pescadores do Sudeste da Ásia.

BALEIA-BICUDA-DE-BLAINVILLE

Mesoplodon densirostris

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-GRAY

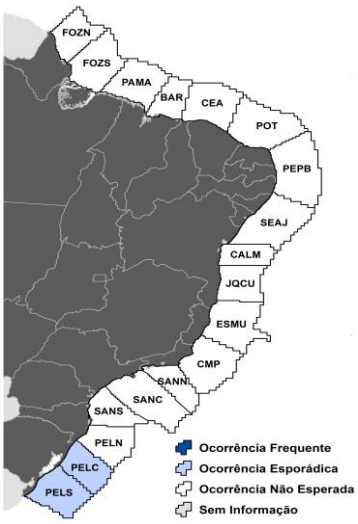
Mesoplodon grayi

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 5.0 a 5.6 m (machos), 4.6 a 5.3 m (fêmeas). Massa corpórea: 1.1 a 1.5 ton. Coloração do dorso cinza-azulada, amarronzada ou cinza, e ventre mais claro. Corpo esguio com cabeça pequena e rostro longo e cilíndrico, sem separação nítida do melão, que é ligeiramente bulboso. Nadadeira dorsal pequena e ligeiramente falcada, posicionada na região posterior do corpo. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, localizadas a dois terços do comprimento total e que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta 17 a 22 pequenos dentes na maxila e 1 par de dentes na mandíbula, que eclodem apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie habita as águas frias do Hemisfério Sul, entre as latitudes de 30° e 55°S. É encontrada em águas profundas, além da quebra da plataforma continental, e há muitos registros de avistamentos na Nova Zelândia e em águas antárticas e subantárticas. No Brasil, existem quatro encalhes documentados para o Rio Grande do Sul. Por se tratar de um animal pelágico e que evita a aproximação de embarcações, pouco se sabe sobre a espécie em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações acerca da reprodução desta espécie.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie, mas os relatos sugerem que seja a mais comum dentro do gênero Mesoplodon. Sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-GRAY

Mesoplodon grayi

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-HECTOR

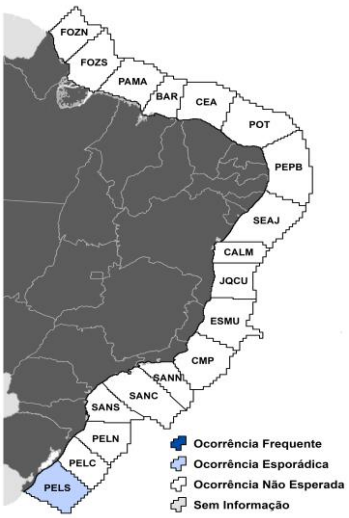
Mesoplodon hectori

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 3.8 a 4.4 m. Massa corpórea: 1 a 2 ton. Corpo robusto e fusiforme, com coloração cinza-escura no dorso e mais clara no ventre. A região anterior da cabeça e o rostro são brancos nos machos. Cabeça pequena com rostro relativamente curto, sem separação nítida do melão. Nadadeira dorsal pequena, triangular e ligeiramente falcada, localizada a dois terços do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta 1 par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie habita águas profundas e temperadas frias de todo o Hemisfério Sul. Há numerosos encalhes registrados na Argentina, África do Sul, Austrália, Chile, Ilhas Malvinas e Tasmânia. No Brasil, existe um único registro de encalhe de um animal jovem a 80 km ao norte de Rio Grande (RS), que ampliou a área de ocorrência no Atlântico Sul Ocidental para o norte em cerca de 800 km. O único registro de avistamento de um indivíduo vivo desta espécie foi de um indivíduo juvenil no oeste da Austrália, e por isso não se sabe praticamente nada sobre esta espécie.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações acerca da reprodução desta espécie.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie e sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-HECTOR

Mesoplodon hectori

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-LAYARD

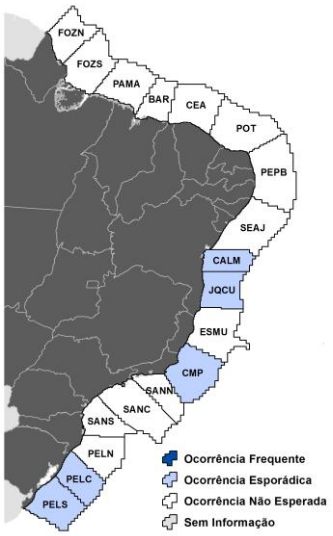
Mesoplodon layardii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 5.2 a 6.2 metros. Massa: 1.2 a 2.0 toneladas. Corpo esguio e fusiforme, com coloração branca e preta bem definida ao longo do dorso e ventre. Possui uma "máscara" escura envolvendo o melão e os olhos. Cabeça pequena com rostro longo e delgado, pouco distinto do melão. Nadadeira dorsal pequena e ligeiramente falcada, localizada a 2/3 do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de “V” na garganta e nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta 1 par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos. Estes dentes podem crescer até ficarem evidentes sobre o rostro, limitando a abertura da boca

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Esta espécie habita águas profundas, além da plataforma continental, em regiões temperadas e subantárticas. Os registros de encalhes sazonais sugerem que a baleia-bicuda-de-Layard seja uma espécie de altas latitudes que pode realizar migrações para latitudes menores durante o inverno. No entanto, as razões e padrões destes movimentos migratórios ainda não são conhecidos. Existem dois encalhes documentados para a costa brasileira, sendo um no Rio Grande do Sul e outro na Bahia. Por se tratar de um animal pelágico e que evita a aproximação de embarcações, pouco se sabe sobre a baleia-bicuda-de-Layard em vida livre.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de cefalópodes

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre a reprodução desta espécie.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie e sua tendência é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-LAYARD

Mesoplodon layardii

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)						○	○	○	○			
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)						○	○	○	○			
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)						○	○	○	○			
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)						○	○	○	○			
Pelotas - Sul (PELS)						○	○	○	○			

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

BALEIA-BICUDA-DE-TRUE

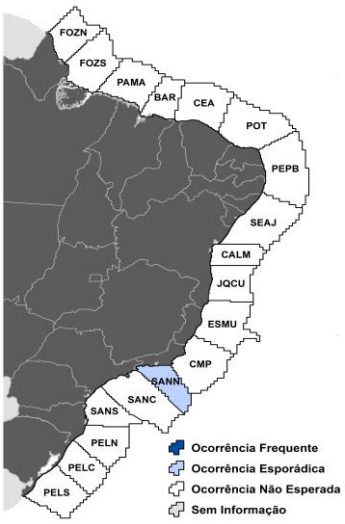
Mesoplodon mirus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Sem Informação



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 5.3 a 5.4 m. Massa corpórea: aproximadamente 1.5 ton. Corpo fusiforme com coloração variando do cinza-escuro a cinza-azulado no dorso, que se estende pelos flancos e parte do ventre, com tonalidades mais claras nesta região. Em indivíduos do Hemisfério Sul, a coloração mais clara do ventre estende-se ao redor da parte posterior do corpo, entre a nadadeira dorsal e o pedúnculo caudal. Nadadeira dorsal pequena e ligeiramente falcada, localizada a dois terços do comprimento total. Possui um par de sulcos em forma de "V" na garganta e nadadeiras peitorais pequenas e estreitas, que se ajustam dentro de uma depressão nos flancos. Apresenta 1 par de dentes na mandíbula, que eclode apenas nos machos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui distribuição disjunta, anti-tropical, e as populações dos Hemisférios Norte e Sul podem ser espécies distintas. No Brasil, há apenas um registro de encalhe em São Sebastião (SP), que se considera ser de um animal errante. Devido aos poucos avistamentos e encalhes documentados, as informações sobre a espécie são bastante escassas.

ALIMENTAÇÃO

Alimenta-se de peixes e cefalópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não existem informações sobre a reprodução desta espécie.

POPULAÇÃO

A espécie foi descrita em 1913, mas o primeiro avistamento no mar só ocorreu em 1995. Devido a esta dificuldade de observação, não existem estimativas populacionais para esta espécie e sua tendência demográfica é desconhecida.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O aumento dos níveis de sons subaquáticos, tais como sonar militar e levantamentos sísmicos, pode ser especialmente prejudicial às baleias-bicudas e existem associações entre seu uso e encalhes em massa desta família.

BALEIA-BICUDA-DE-TRUE

Mesoplodon mirus

Pequenos cetáceos (Cetacea: Ziphiidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CUÍCA-D'ÁGUA

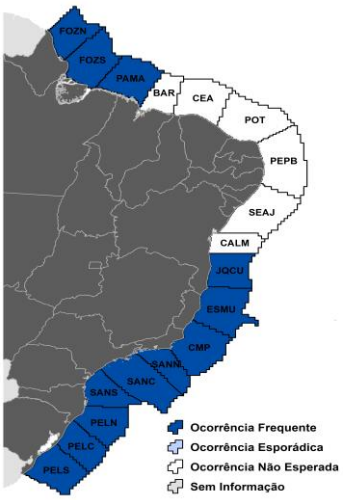
Chironectes minimus

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Alta	Média	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 259-400 mm. Comprimento da cauda: 310-430 mm. Massa corpórea: 550-790 g. Espécie semi-aquática, noturna e de hábito solitário. Possui membranas interdigitais, a fêmea possui marsúpio dotado de uma vedação hermética única. Coloração cinza esbranquiçada, com malhas pretas no dorso e amarelada no ventre. O dorso possui quatro faixas interligadas brancas. Cabeça e nuca são enegrecidas com uma faixa branca cruzando as orelhas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Seu principal habitat são riachos de água doce, lagos e lagoas associados com florestas tropicais e sub-tropicais. É uma espécie solitária e noturna, limitando seu ciclo de atividade e não alterando de abrigo durante o dia. Abrange desde o México, Colômbia, Equador, Peru, Guianas, Suriname, Paraguai, Argentina e Brasil. No Brasil ocupa as regiões Sudeste, Sul, Centro-oeste e parte da região Norte, tendo registro nos biomas Pampas, Mata Atlântica, Cerrado, e Amazônia.

ALIMENTAÇÃO

Espécie predominantemente piscívora, sua alimentação consiste em pequenos peixes, crustáceos, plantas aquáticas e frutos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A época reprodutiva varia de acordo com sua localização, no Brasil, a reprodução ocorre geralmente entre dezembro e fevereiro. A fêmea gera de 3 a 4 filhotes, que ficam protegidos no marsúpio da mãe até abrirem seus olhos.

POPULAÇÃO

Não há estimativas da população global da espécie, porém acredita-se que as populações dessa espécie no Espírito Santo estejam em declínio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie difícil de observar durante o dia, devido ao seu comportamento de permanecer em tocas. Durante a noite, pode ser observada em rios e lagos ou às suas margens, porém sua excepcional habilidade de natação torna difícil a captura. Técnicas tradicionais de captura de marsupiais e roedores de médio porte podem ser utilizadas. Como outros marsupiais, é essencial atentar se há filhotes no marsúpio no momento da admissão à reabilitação.

CUÍCA-D'ÁGUA

Chironectes minimus

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CATITA

Cryptonanus guahybae

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 92 mm. Comprimento da cauda: 113 mm. A fêmea não possui marsúpio. Possui uma faixa escura na face, ao redor dos olhos. Coloração no dorso é marrom-avermelhada e o ventre com pelos de base cinza e ápice creme. A cauda é preênsil, recoberta de pelos diminutos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Não há dados suficientes acerca da biologia da espécie.

ALIMENTAÇÃO

Não há dados suficientes acerca da dieta da espécie.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há dados suficientes acerca da população da espécie, cuja distribuição geográfica é restrita à margem oeste da Lagoa dos Patos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

CATITA

Cryptonanus guahybae

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CUÍCA-DE-CAUDA-GROSSA

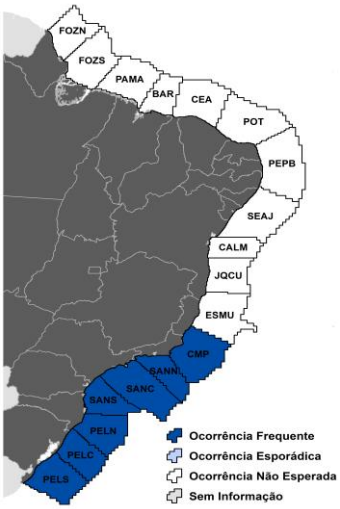
Lutreolina crassicaudata

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 197-445 mm. Comprimento da cauda: 210-336 mm. Massa corpórea: 200-800 g. A fêmea possui marsúpio com abertura na extremidade posterior. Possui pelagem curta e densa variando entre tons amarelado, marrom-escuro e avermelhado. A cauda não-preênsil é grossa, mantendo a coloração e a pelagem até o primeiro terço, sendo nua e negra do segundo terço à ponta. Possui orelhas curtas e redondas, membros e pés curtos e corpo esguio.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita campos, matas primárias e matas de galeria próximas a riachos e lagos, e principalmente áreas pantanosas. É uma espécie terrestre, solitária e noturna, ocasionalmente pode ser vista ativa durante o dia. É considerada ágil em ambientes abertos, boa escaladora e nadadora.

ALIMENTAÇÃO

Espécie onívora, sua dieta consiste em pequenos mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, insetos, ovos, plantas e frutos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A época reprodutiva varia de acordo com sua localização no Brasil, podendo ocorrer até duas vezes por ano. Há indícios de o macho ser polígamo. O período gestacional dura aproximadamente 15 dias e a fêmea gera um número de filhotes compatível com sua quantidade de mamas, sendo uma média de 6 filhotes. Os filhotes são carregados no marsúpio ou pendurados na pelagem ventral e quando maiores, na pelagem dorsal.

POPULAÇÃO

A espécie é considerada rara, porém pode ser comum em áreas bem preservadas.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É uma espécie altamente agressiva, que deve ser manuseada com cautela para evitar o risco de mordedura.

CUÍCA-DE-CAUDA-GROSSA

Lutreolina crassicaudata

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Criticamente em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CATITA

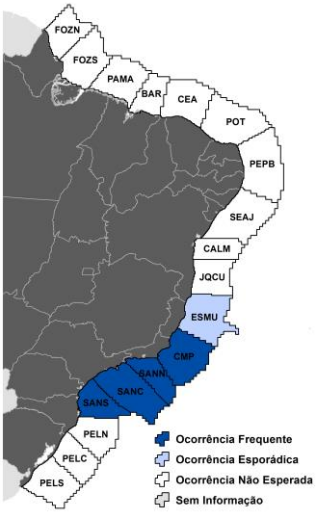
Monodelphis scalops

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

ural.com



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 199-210 mm. Comprimento cauda: 57-65 mm. Massa corpórea: 48-74 g. Sua pelagem é cinza, clareando nas laterais. A cauda possui somente pelos diminutos, com as escamas aparentes. Não possui marsúpio.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Seus principais habitats são florestas de vegetação primária e secundária. É uma espécie terrícola, crepuscular-noturna e solitária, exceto quando a fêmea está cuidando dos filhotes.

ALIMENTAÇÃO

Insetívoro-onívora, porém não há maiores informações acerca da sua dieta.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há informações sobre a população da espécie, sendo considerada rara na maioria dos estudos. No entanto, especula-se que talvez não seja uma espécie rara mas sim difícil de capturar.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há informações acerca da manutenção desta espécie em cativeiro, mas é provável que as técnicas de manejo empregadas para outras espécies de cuícas sejam bem sucedidas. É importante atentar ao comportamento noturno desta espécie, de modo que deve ser oferecido ambiente escuro e quieto durante o dia.

CATITA

Monodelphis scalops

Pequenos mamíferos terrestres (Didelphimorphia: Didelphidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TAMANDUÁ-BANDEIRA

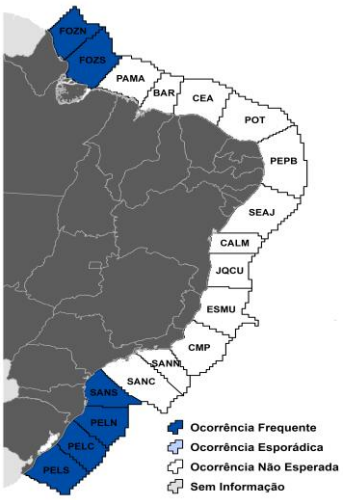
Myrmecophaga tridactyla

Pequenos mamíferos terrestres (Pilosa: Myrmecophagidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Baixa	Baixa	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 1000-1200 mm. Comprimento da cauda: 650-900 mm. Massa corpórea: 18-50 kg. A maior espécie de tamanduá existente, possui um focinho longo e cônico, com uma língua vermiforme, auxilia na captura de alimento. Suas orelhas são pequenas. Há ausência de dentes. Possui uma pelagem densa, com coloração geralmente marrom, com uma faixa preta diagonal em cada lado do corpo, desde o pescoço até metade das costas e uma crista ao longo das costas. Suas patas dianteiras tem coloração clara com manchas pretas e sua cauda é longa e espessa, com pelos bem longos. Possui 4 dedos nas patas anteriores, sendo que no terceiro dedo há uma longa e forte garra que auxilia na alimentação e também na defesa, na pata posterior possui 5 dedos com unhas curtas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas úmidas, cerrado, campos úmidos e savanas, pantanal, matas decíduas. Atualmente sendo bastante encontrado em áreas antropizadas. É uma espécie solitária, geralmente crepuscular/noturno, pode ser encontrada em atividade durante o dia. São bons nadadores e já foram registrados subindo em árvores. Afia e desgasta suas garras em troncos de árvores, deixando rastros bem característicos. Não constroem tocas, dormem deitados no chão cobertos com sua cauda espessa, se camuflando no ambiente. Abrange uma grande área nas Américas Central e do Sul, desde Belize e Guatemala até o norte da Argentina. No Brasil ocorre em todos as regiões e biomas. Provavelmente está extinto no Uruguai e nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no Brasil.

ALIMENTAÇÃO

São mirmecofagídeos, alimentam-se principalmente de formigas e cupins.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduzem-se somente uma vez por ano, a gestação de aproximadamente 190 dias onde a fêmea pari a um filhote, que carrega abraçado às suas costas por aproximadamente 6 meses. Ainda não há informações concretas sobre o período reprodutivo da espécie.

POPULAÇÃO

Não existem estimativas populacionais para esta espécie, porém sabe-se que a sua densidade é baixa e a espécie está em declínio na maior parte da sua distribuição geográfica.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie altamente vulnerável a atropelamentos em estradas, principalmente à noite. Trata-se um animal de grande porte, com força excepcional nas garras que pode levar a lesões graves. Devido à dieta com base em cupins e formigas, a suplementação com vitamina K deve ser considerada.

TAMANDUÁ-BANDEIRA

Myrmecophaga tridactyla

Pequenos mamíferos terrestres (Pilosa: Myrmecophagidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Vulnerável**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA

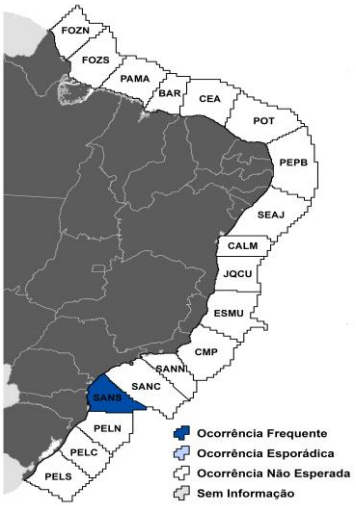
Leontopithecus caissara

Pequenos mamíferos terrestres (Primates: Callitrichidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

A coloração do corpo é predominante dourada, com a região frontal da juba, ao redor da face, mãos, antebraços, cauda e pés negros.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie de distribuição restrita, no litoral sul do estado de São Paulo e litoral norte do estado do Paraná. Habita as planícies litorâneas, ao longo de rios e praias, principalmente em restinga higrófila, caxetais e extensões de florestas ombrófilas densa, mas seu principal habitat é a restinga sub-xerófila. Possui hábito diurno, arborícola e social, vivendo em grupos de 2 a 14 indivíduos.

ALIMENTAÇÃO

Dieta onívora, consistindo basicamente de frutos, flores, néctar e exsudados vegetais, insetos e pequenos vertebrados. Alguns pesquisadores consideram que fungos também integram a dieta desta espécie.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Os grupos possuem uma fêmea reprodutora e dois ou mais machos, em um sistema matriarcal.

POPULAÇÃO

Estima-se que a população total da espécie seja de 400 indivíduos, com um declínio devido à destruição do seu habitat, além de sua área de distribuição restrita. A população é dividida em três subpopulações: Ilha de Superagüi, Ariri e Guaraqueçaba.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Esta espécie não tem histórico de manutenção em cativeiro, mas é provável que as técnicas utilizadas para outros micos-leões sejam bem sucedidas.

MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA

Leontopithecus caissara

Pequenos mamíferos terrestres (Primates: Callitrichidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Criticamente em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Criticamente em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MURIQUI-DO-SUL

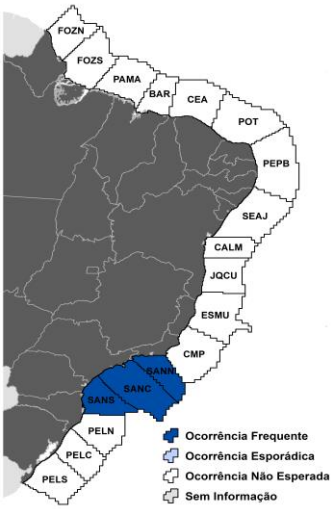
Brachyteles arachnoides

Pequenos mamíferos terrestres (Primates: Atelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Baixa	Média	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Sua coloração é predominantemente bege-marrom-amarelada. Diferente do muriqui-do-Norte (*Brachyteles hypoxanthus)* , a espécie possui polegar vestigial. Possuem o abdômen projetado, formando uma barriga grande e redonda. Possuem uma cauda muito longa e preênsil.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas úmidas e semi-deciduais, florestas primárias ou florestas montanas na Mata Atlântica dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ocupam os estratos médio e superior das florestas, dando preferência ao dossel. Espécie de hábito diurno, arborícola e social, vivendo em grandes grupos de dezenas de indivíduos, bem organizados.

ALIMENTAÇÃO

Dieta frugívora-granívora, consistindo de folhas, frutos verdes e maduros, brotos, sementes, néctar e cascas de árvores.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O sistema de acasalamento é considerado promíscuo-poligínico, em que as fêmeas receptivas acasalam com mais de um macho durante o período de estro. Esta estratégia evita a competição entre os machos. Após 7 a 8 meses de gestação, a fêmea gera um único filhote, que é carregado pela mãe até o sexto mês. O próximo acasalamento ocorrerá somente após 2 ou 3 anos.

POPULAÇÃO

A população estimada da espécie é de 1300 indivíduos, com declínio por conta das ameaças como caça e destruição de habitat. A maior concentração da espécie ocorre no Parque Estadual Carlos Botelho (São Paulo).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

MURIQUI-DO-SUL

Brachyteles arachnoides

Pequenos mamíferos terrestres (Primates: Atelidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙	⊙
Santos - Centro (SANC)	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●	●	●	●	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Criticamente em Perigo
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Criticamente em Perigo
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Apêndice I

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RATO-D'AGUA

Holochilus brasiliensis

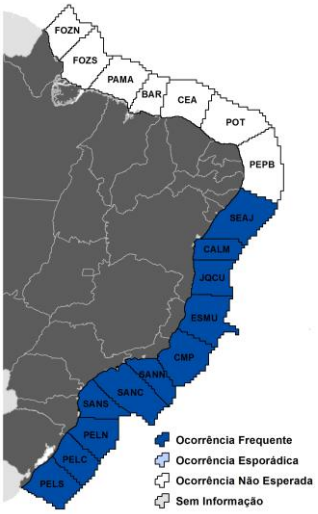
Roedores (Rodentia: Cricetidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Média	Baixa

Fonte: Pablo Esteban Aguerrebere



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 16.7 a 21.1 cm. Comprimento da cauda: 18.3 a 21.4 cm. Massa corpórea: 130 a 290 g. Coloração do dorso é castanho-escura com traços escuros. Possui pelos alaranjados nas laterais do corpo, delimitando fracamente em relação ao ventre, que é alaranjado com a base dos pelos cinza. Cauda com pelos curtos, permitindo a visualização das escamas dérmicas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita formações florestais da Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, além de matas de galeria e pântanos. É uma espécie semi-aquática.

ALIMENTAÇÃO

Dieta frugi-granívora consistindo basicamente de capins ribeirinhos, dos quais consome as folhas e o colmo açucarado.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie constrói seu ninho em terrenos brejosos e touceiras de capim. O período reprodutivo é influenciado pela época chuvosa (entre a primavera e o verão). A fêmea gera de 3 a 6 filhotes, mas pode variar de acordo com a região.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie, no entanto é considerada relativamente comum nas áreas em que ocorre, sendo inclusive considerada uma praga em algumas áreas de plantação.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há informações acerca da manutenção desta espécie em cativeiro, mas é provável que seja relativamente tolerante e que as técnicas utilizadas para outros pequenos roedores sejam bem sucedidas.

RATO-D'AGUA

Holochilus brasiliensis

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RATO-VERMELHO

Rhagomys rufescens

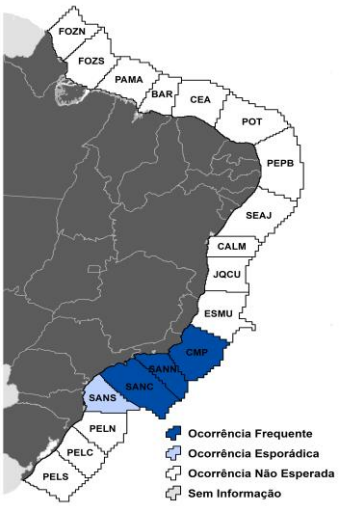
Roedores (Rodentia: Cricetidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 75-94 mm. Comprimento da cauda: 93-112 mm. Massa corpórea: 12-32 g. Arborícola e terrestre. Coloração do dorso alaranjado com base acinzentada. O ventre é claro, mal delimitado com relação às laterais. Orelhas escuras com a metade proximal coberta de pelos semelhantes ao dorso. Cauda revestida de pelos curtos escuros, expondo as escamas epidérmicas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita formações florestais da Mata Atlântica, áreas de transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado e ambientes modificados como plantações de bambu. Possui hábito arborícola e terrestre. Não há dados suficientes acerca da biologia da espécie.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívoro, não há dados suficientes sobre os itens de dieta da espécie.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Espécie considerada extremamente rara foi considerada extinta por não ter exemplares encontrados durante 100 anos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

RATO-VERMELHO

Rhagomys rufescens

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Criticamente em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RATO-D'ÁGUA

Scapteromys tumidus

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 152-191 mm. Comprimento da cauda: 134-164 mm. Massa corpórea: 86-159 g. Coloração do dorso cinza-escura e do ventre cinza-clara, ambos com a extremidade dos pelos branca. A delimitação é pouco nítida. Orelhas revestidas de pelos. Cauda revestida de pelos curtos escuro e unicolores.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita áreas próximas a cursos d'água, incluindo regiões pantanosas. Possui comportamento noturno, terrestre e semi-aquático. Constrói ninhos em depressões rasas com vegetação rasteira. Não há dados suficientes acerca da biologia da espécie.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívoro-onívora, tendo como principais itens de dieta: insetos, oligoquetos, hirundinos e vegetais aquáticos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Espécie considerada abundante em sua área de ocorrência. Não há informações acerca da densidade populacional.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

RATO-D'ÁGUA

Scapteromys tumidus

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

TUCO-TUCO

Ctenomys flamarioni

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 152-191 mm. Comprimento da cauda: 134-164 mm. Massa corpórea: 86-159 g. Coloração do dorso cinza-escura e do ventre cinza-clara, ambos com a extremidade dos pelos branca. A delimitação do ventre é pouco nítida. Orelhas revestidas de pelos. Cauda revestida de pelos curtos escuro e unicolores.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita áreas de solo arenoso em Campos do Sul do país e em áreas de Cerrado. Possuem comportamento fossorial, terrestre e semi-aquático. Escavam galerias subterrâneas, formando habitações com condições ambientais controladas.

ALIMENTAÇÃO

Espécie herbívora, alimentando-se principalmente de sementes, folhas, talos e raízes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie. No entanto, é provável que a reprodução da espécie ocorra durante o ano todo.

POPULAÇÃO

Não há informações acerca da estimativa populacional. Pesquisadores estimam uma densidade de seis indivíduos por hectare.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

TUCO-TUCO

Ctenomys flamarioni

Roedores (Rodentia: Cricetidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Em Perigo
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Não Listada
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Em Perigo
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

PREÁ

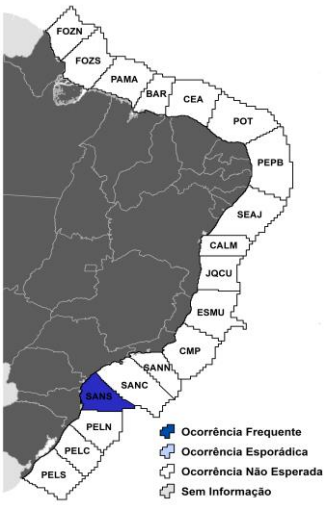
Cavia intermedia

Roedores (Rodentia: Caviidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Criticamente em Perigo

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 275-310 mm. Comprimento da cauda: diminuta. Massa corpórea: 550-680 g. Espécie terrestre. Coloração varia de castanho-escuro ao cinza-claro com tons amarelados no dorso e acinzentados no ventre. Sua cauda é vestigial.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Endêmica à Ilha Moleques do Sul. Constroem ninhos em moitas de gramíneas.

ALIMENTAÇÃO

Espécie herbívora, se alimenta principalmente de sementes, folhas, talos e raízes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie gera duas crias por ano, tendo de um a cinco filhotes após 61 dias de gestação. A amamentação dura aproximadamente 20 dias, mas o filhote já começa a ingerir alimento sólido logo após o nascimento.

POPULAÇÃO

A estimativa populacional da espécie é de aproximadamente entre 24 e 60 indivíduos. A população pode sofrer um declínio, sendo as principais ameaças a destruição do habitat e a caça.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A distribuição é muito restrita, com área de vida média de 0.19 ha.

PREÁ

Cavia intermedia

Roedores (Rodentia: Caviidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Criticamente em Perigo**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Criticamente em Perigo**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RATO-DA-ÁRVORE

Phyllomys kerri

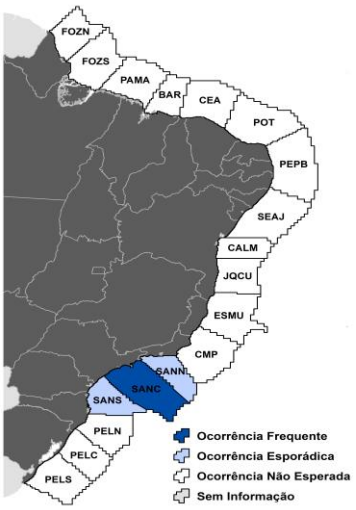
Roedores (Rodentia: Echimydae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 390-450 mm. Comprimento da cauda: 200-215 mm. Massa corpórea: 220-250 g. Seus pelos podem ser espinhosos na maior parte do corpo, com exceção do ventre e cauda, com coloração do dorso variando de castanho a castanho-avermelhada, podendo ter tom ferrugíneo, com pelos com a base acinzentada e a ponta amarelada, tracejada de preto. O ventre pode ter coloração variando de branca a castanho-acinzentada, com a região inguinal e axial branca. Cauda com revestimento de pelos finos e relativamente longos na base.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas da Mata Atlântica e matas semi-decíduas do Cerrado. A espécie possui hábito arborícola, mas desce ao chão para buscar alimento. Não há dados suficientes acerca da biologia da espécie.

ALIMENTAÇÃO

Espécie folívora, os principais itens da dieta são folhas, caules, brotos e raízes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie. No entanto, é provável que a reprodução da espécie ocorra durante o ano todo.

POPULAÇÃO

Não há maiores informações acerca da população da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

RATO-DA-ÁRVORE

Phyllomys kerri

Roedores (Rodentia: Echimydae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)	⊙	●	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙
Santos - Centro (SANC)	⊙	●	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)	⊙	●	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

RATO-DA-ÁRVORE

Phyllomys thomasi

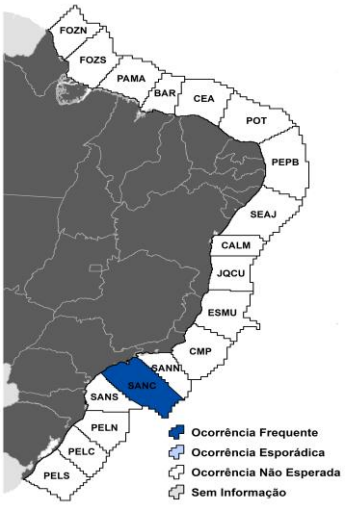
Roedores (Rodentia: Echimydae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Baixa

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 270-287 mm. Comprimento da cauda: 270-340 mm. Seus pelos podem ser espinhosos na maior parte do corpo, com exceção do ventre e cauda, com coloração do dorso variando de castanho a castanho-avermelhada, podendo ter tom ferrugíneo, com pelos com a base acinzentada e a ponta amarelada, tracejada de preto. O ventre pode ter coloração variando de branca a castanho-acinzentada, com a região inguinal e axial branca. Cauda com revestimento de pelos finos e relativamente longos na base.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas da Mata Atlântica e matas semi-decíduas do Cerrado. A espécie possui hábito arborícola, mas desce ao chão para buscar alimento. Não há dados suficientes acerca da biologia da espécie.

ALIMENTAÇÃO

Espécie folívora, os principais itens da dieta são folhas, caules, brotos e raízes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie. No entanto, é provável que a reprodução da espécie ocorra durante o ano todo.

POPULAÇÃO

Não há maiores informações acerca da população da espécie.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

RATO-DA-ÁRVORE

Phyllomys thomasi

Roedores (Rodentia: Echimydae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	⊙	●	●	●	⊙	⊙	⊙	●	●	⊙	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	Em Perigo
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	Não Listada
Pará (Lista SECTAM 2006)	Não Listada
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	Não Listada
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	Não Listada
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	Em Perigo
Paraná (Livro Vermelho 2007)	Não Listada
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	Não Listada
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	Não Listada
Internacional (CITES 14/09/2014)	Não Listada

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

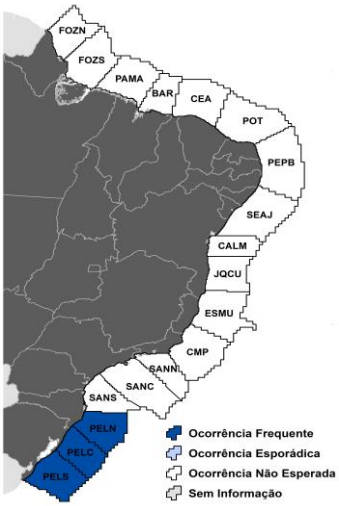
RATÃO-DO-BANHADO

Myocastor coypus

Roedores (Rodentia: Myocastoridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Alta	Média	Média	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 600 mm. Comprimento da cauda: 450 mm. Massa corpórea: 1000-1080 g. Possui pelagem adaptada para a vida aquática, densa, macia e com o codário lanoso. Sua coloração é amarelada, com tracejados pretos, com uma mancha amarela sob as orelhas. O ventre é branco e as laterais do corpo são castanho-amareladas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Ocorre em vegetação conservada e alterada, sempre em habitats próximos a cursos d'água. Espécie aquática, desloca-se principalmente em cursos d'água como rios, lagos e lagoas, utilizando sempre a mesma rota. Vivem em grupos familiares ou em colônias hierarquicamente estratificadas.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada frugívoro-onívoro, se alimenta principalmente de gramíneas, raízes e plantas aquáticas, mas ocasionalmente também se alimenta de mexilhões e gastrópodes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Reproduz-se geralmente duas vezes ao ano, gerando de dois a treze filhotes, geralmente de quatro a seis filhotes. A gestação dura em média 130 dias.

POPULAÇÃO

Espécie está aumentando sua densidade, sendo considerada até mesmo uma praga em áreas de plantio.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

A espécie foi introduzida no estado de São Paulo, se adaptando bem e hoje habita pastos e áreas alagadas.

RATÃO-DO-BANHADO

Myocastor coypus

Roedores (Rodentia: Myocastoridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

Diaemus youngi

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Phyllostomidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Média

Fonte: Merlin D. Tuttle

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 85 mm. Comprimento do antebraço: 50-56 mm. Massa corpórea: 30-45 g. Coloração marrom escura. Possui orelhas longas e separadas, o polegar é curto, trago peludo e bordas das asas brancas. A membrana entre o segundo e o terceiro dedo é curta. Ausência de calcanhar e cauda.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas secas e úmidas e também zonas de transição. Se abrigam em cavernas, ocos de árvores, bordas de plantação de bananeiras. Ocorre desde o México até o norte da Argentina, exceto no litoral da Colômbia e Peru. No Brasil é encontrado em todos os biomas e estados, exceto na região central e sul do Rio Grande do Sul.

ALIMENTAÇÃO

São hematófagos, se alimentam principalmente de aves domésticas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há informação sobre a reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais ou tendência demográfica da espécie, acredita-se que a densidade seja relativamente baixa.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manuseio de morcegos deve sempre ser realizado com equipamentos de proteção individual para evitar a exposição a zoonoses por mordedura, principalmente o vírus da raiva. Todos os profissionais manuseando morcegos devem ter sido previamente vacinados para raiva. Em cativeiro, podem ser alimentados com preparados gelatinosos à base de sangue. Não deve ser confundido com *Desmodus rotundus* , a espécie mais comum de morcego hematófago.

MORCEGO

Diaemus youngi

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Phyllostomidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

Macrophyllum macrophyllum

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Phyllostomidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Média	Média

Fonte: Royal Ontario Museum

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 40-53 mm. Comprimento cauda: 38-49 mm. Antebraço: 34-40 mm. Massa corpórea: 7-11 g. Possui coloração pardo fuliginosa no dorso e tonalidade mais clara no ventre. A membrana interfemural é larga, apresentando fileiras longitudinais de dentículos dermais. A cauda é comprida, incluída na membrana por completo. Os pés são grandes, com unhas robustas. As orelhas mais longas que a cabeça são separadas, com trago longo e acuminado. A folha nasal é comprida, com uma crista mediana.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita florestas primárias e secundárias. Podem viver em colônias de 70 indivíduos e é uma espécie totalmente dependente da água, principalmente pela sua alimentação. Pode abrigar-se em cavernas, tocos de árvores caídas e construções humanas. Podem ser encontrados também em bueiros de estrada para passagem de igarapés. Ocorre desde o México até o norte do Rio Grande do Sul, no Brasil, exceto no litoral da Colômbia e Peru. No Brasil é encontrado em todos os biomas e estados, exceto na região central e sul do Rio Grande do Sul.

ALIMENTAÇÃO

Espécie insetívora, alimenta-se de insetos aquáticos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Há poucas informações sobre a reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais ou tendência demográfica da espécie, acredita-se que seja relativamente comum na maior parte da sua distribuição.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manuseio de morcegos deve sempre ser realizado com equipamentos de proteção individual para evitar a exposição a zoonoses por mordedura, principalmente o vírus da raiva. Todos os profissionais manuseando morcegos devem ter sido previamente vacinados para raiva.

MORCEGO

Macrophyllum macrophyllum

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Phyllostomidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

Furipterus horrens

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Furipteridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 59-76 mm. Antebraço: 30-40 mm. Massa corpórea: aprox. 3 g. Possui coloração dorsal marrom-acinzentado ao cinza-escuro, sendo o ventre mais claro. Possui orelhas pequenas separadas e afuniladas. Os polegares são reduzidos com membrana alar até a base da unha. A cauda é curta com as duas superfícies do uropatágio recoberta de pelos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Não há informações sobre o habitat da espécie, uma vez que é raro ser visto e capturado em redes de neblina. Abrigam-se em cavernas, ocos de árvores, rachaduras profundas em rochas e pedras ao redor do rio, sempre dando preferência à áreas próximas a riachos e áreas úmidas no interior de florestas. As colônias podem variar de tamanho, desde grupos isolados de 4 a 30 indivíduos a colônias de 150 a 250 indivíduos. Ocorre desde o sul da Costa Rica até Peru e o sudeste do Brasil. No país, ocorre nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, nos estados de Pará, Amazonas, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

ALIMENTAÇÃO

Espécie insetívora, alimenta-se de insetos, provavelmente aquáticos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Há poucas informações concretas sobre a reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais ou tendência demográfica da espécie, acredita-se que seja relativamente rara.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

O manuseio de morcegos deve sempre ser realizado com equipamentos de proteção individual para evitar a exposição a zoonoses por mordedura, principalmente o vírus da raiva. Todos os profissionais manuseando morcegos devem ter sido previamente vacinados para raiva.

MORCEGO

Furipterus horrens

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Furipteridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

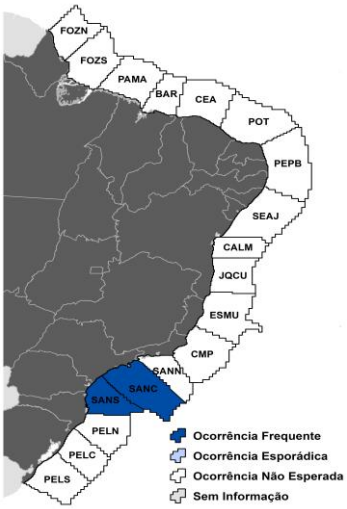
Lasiurus ebenus

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL
Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Média

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Antebraço: 45.7 mm. Possui coloração negra, incluindo a face, orelhas, lábios e membranas. O terço digital do uropatágio não possui pelos, as orelhas são largas e arredondadas. O trago é curto e triangular.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pode ser encontrado em matas e capoeiras e também em áreas metropolitanas. Formam colônias pequenas ou se abrigam isolados, geralmente pousados em árvores. Suas atividades de forrageio iniciam-se uma a duas horas após o pôr-do-sol.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívora, captura insetos voadores durante os voos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Espécie considerada rara. Não há maiores informações acerca da população.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécies do gênero Lasiurus sp. são migratórias na América do Norte, porém esta característica não foi confirmada ainda para as espécies da América do Sul.

MORCEGO

Lasiurus ebenus

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

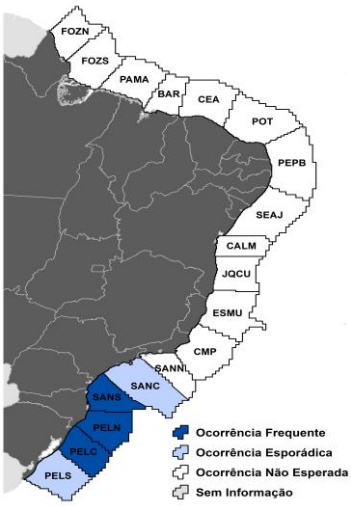
Lasiurus egregius

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Baixa	Média	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 127 mm. Antebraço: 48-50 mm. Possui coloração avermelhada, sendo os pelos tricolores: escuro na base, amarelado na parte mediana e ápice avermelhada. As orelhas são romboidais, trago com margem interna reta e externa formando um ângulo acentuado. Possui membranas escuras, exceto na área próxima ao polegar, mais clara. O uropatágio é avermelhado no dorso com pelos na parte anterior, sendo menos densa na parte posterior.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pode ser encontrado em matas e capoeiras e também áreas metropolitanas. Formam colônias pequenas ou se abrigam isolados, geralmente pousados em árvores. Suas atividades de forrageio iniciam de uma a duas horas após o pôr-do-sol.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívora, captura insetos voadores durante os voos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Espécie considerada rara. Não há maiores informações acerca da população.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécies do gênero Lasiurus sp. são migratórias na América do Norte, porém esta característica não foi confirmada ainda para as espécies da América do Sul.

MORCEGO

Lasiurus egregius

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

Myotis albescens

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Média	Média

Fonte: yuriaguire88

IDENTIFICAÇÃO

Antebraço: 31-37 mm. Possui coloração dorsal castanho-escura ou negra com as pontas amarelo-douradas ou branco-prateadas. A coloração do ventre pode variar do castanho-escuro ao negro. Há pelos esparsos nas membranas, sem cobrir os joelhos na parte dorsal do uropatágio. O trago tem uma largura constante ao longo do comprimento, sendo ligeiramente afilado na extremidade distal, com lobo basal pouco desenvolvido.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pode ser encontrado em diversos ambientes como locais úmidos, áreas abertas, florestas primárias, florestas alteradas e bordas de mata. O grupo ocupa uma grande variedade de abrigos como cavernas, grutas, fendas em rochas, copa de árvores, ocos, cascas de árvores, barrancos de rios e construções humanas.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívora captura insetos voadores durante os vôos, principalmente artrópodos ectoparasitas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O macho da espécie atinge a maturidade sexual no primeiro ano de vida. As fêmeas geram apenas um filhote por vez, com a gestação de 90 dias. O nascimento pode ser seguido de cópula e há registros de uma terceira reprodução seguida. As fêmeas conseguem armazenar esperma para tardar a fecundação.

POPULAÇÃO

Espécie considerada abundante, sendo a população estável.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

MORCEGO

Myotis albescens

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Potiguar (POT)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

Myotis levis

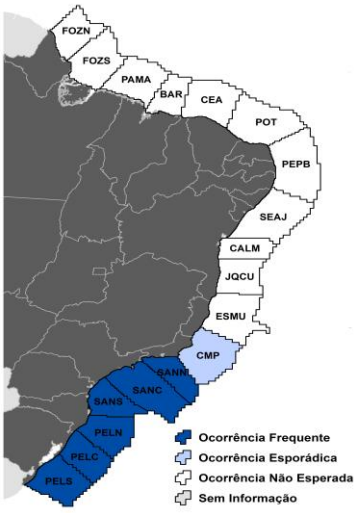
Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Média	Média

NÃO HÁ IMAGENS DISPONÍVEIS PARA ESTA ESPÉCIE



IDENTIFICAÇÃO

Antebraço: 33-41 mm. Possui coloração castanho-avermelhada a castanho-acinzentada nas pontas e castanho na base. O ventre é cinza-esbranquiçado. As membranas são nuas e escuras, exceto na área próxima ao joelho. O uropatágio possui pelos formando uma espécie de franja.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Pode ser encontrado em florestas e capoeiras, áreas abertas próximas a corpos d'água. Formam colônias de mais de mil indivíduos ou pequenos grupos, podendo abrigar-se em cavernas, copa e oco de árvores.

ALIMENTAÇÃO

Espécie considerada insetívora, captura insetos voadores durante os voos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Não há muitos dados acerca da reprodução da espécie, somente informações pontuais na Argentina, como fêmeas prenhes no mês de outubro, lactantes em dezembro e janeiro e machos com testículo aparente em alguns meses do ano (janeiro, abril, maio, junho, setembro e novembro).

POPULAÇÃO

Espécie considerada abundante.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Coabita em abrigos com morcegos-vampiros, podendo observar migrações locais devido às diferenças térmicas marcantes.

MORCEGO

Myotis levis

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Santos - Norte (SANN)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Santos - Centro (SANC)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Santos - Sul (SANS)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Norte (PELN)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Centro (PELC)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙
Pelotas - Sul (PELS)	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

MORCEGO

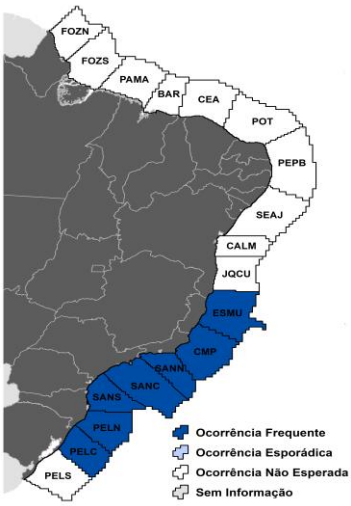
Myotis ruber

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Baixa	Média	Média	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Antenbraço: 37.7 a 40.5 mm. Seu dorso possui pelagem relativamente curta, sedosa e avermelhada. O ventre possui coloração ferrugínea com base castanho-escura. As membranas são nuas, geralmente com coloração amarronzada ou enegrecida, exceto no dorso, em que os pelos chegam à altura dos joelhos. O crânio é robusto, com o rosto alongado. A crista sagital é bem desenvolvida. Os ossos nasais possuem ranhuras bem pronunciadas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita geralmente florestas primárias, áreas de capoeira, bordas de vegetação e pequenas manchas florestais em cidades. Geralmente utiliza como abrigos ocos de árvores, frestas de rochas e habitações humanas.

ALIMENTAÇÃO

Espécie insetívora, sua dieta consiste de insetos que captura no ar. Pode alimentar-se de insetos na lâmina d'água.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre durante todo o ano, concentrando-se de novembro a fevereiro.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie, sendo considerada incomum nas áreas em que ocorre.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há informações acerca da manutenção desta espécie em cativeiro, mas provavelmente é muito delicada e sensível.

MORCEGO

Myotis ruber

Pequenos mamíferos terrestres (Chiroptera: Verpertilionidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Campos (CMP)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	⊙	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Não Listada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ANTA

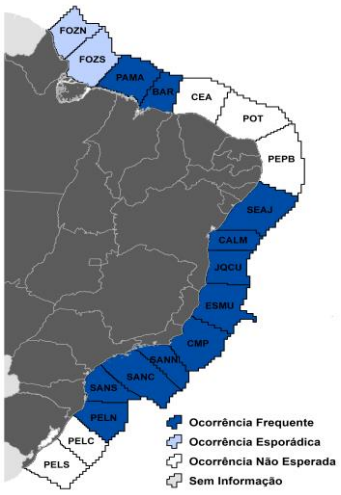
Tapirus terrestris

Pequenos mamíferos terrestres (Perissodactyla: Tapiridae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Baixa	Média	Média	Baixa	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 2040-2210 mm. Comprimento da cauda: 46-100 mm. Massa corpórea: 150-300 kg. Possui hábito solitário e noturno. Possui pelagem curta com coloração no dorso marrom enegrecido. O ventre, peito e membros são marrom escuro, a crina é preta e as laterais do rosto são grisalhas em marrom e cinza. As orelhas possem borda branca.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Antas passam a maior parte do tempo em matas ciliares, pântanos, veredas, lagos e córregos. Vivem em florestas tropicais de planície ou montanhosas em geral. É um animal solitário e crepuscular/noturno, auxiliando na termo regulação de um corpo tão grande, permanecendo deitada em área sombreada durante o dia. São excelentes nadadoras e gostam de se sujar de lama para eliminar possíveis ectoparasitas como moscas e carrapatos. Possui distribuição em terras baixas no norte e centro da América do Sul, abrangendo os países Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela. Os principais biomas de ocorrência no Brasil são Amazônia, Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica, podendo ser encontrada também na Caatinga.

ALIMENTAÇÃO

São animais herbívoros e sua dieta consiste de folhas, caules, brotos, pequenos ramos, frutos caídos, plantas aquáticas, cascas de árvore, organismos aquáticos e pastam monoculturas.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A maturidade sexual começa entre o segundo e o terceiro ano de vida. O ciclo estral ocorre a cada período de 50 a 80 dias e dura de 2 a 4 dias. A anta é considerada um animal polígamo, sendo que um macho cruza com diversas fêmeas. A fêmea dá a luz a um único filhote, raramente gêmeos, após 390 a 400 dias de gestação. O filhote nasce com 6 a 9 kg com coloração marrom e listras brancas longitudinais ao redor do dorso, com função de camuflagem, quando ele se abaixa e permanece imóvel. As listras somem por volta dos 8 meses e o desmame ocorre por volta do décimo mês, quando o filhote aprende a comer sozinho.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie. A densidade populacional varia de 0,2 a 3,7 indivíduos por km2.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Apesar do seu grande porte, tipicamente possui temperamento pouco agressivo. Estratégias de captura devem considerar a possibilidade de animais parcialmente anestesiados fugirem à água, podendo afogar-se. Filhotes possuem pelagem camuflada, e tendem a permanecer ocultos na vegetação densa nas proximidades da mãe.

ANTA

Tapirus terrestris

Pequenos mamíferos terrestres (Perissodactyla: Tapiridae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CATETO

Pecari tajacu

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Tayassuidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Média	Baixa	Baixa	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 800-1000 mm. Massa corpórea: 18-30 kg. Possuem hábito social, vivendo em grupos de até 50 animais. Podem ser observados em atividade durante o dia, no crepuscular e à noite. Coloração da pelagem geralmente é marrom ou negra, com pelos salpicados brancos, com faixa branca ou amarelada. Há uma crina que inicia na cabeça e vai até as ancas, um colar branco no pescoço que se estende do dorso aos ombros. As patas possuem coloração escura.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É considerada uma espécie altamente adaptável, habitam uma grande variedade de habitats como ecossistemas tropicais e sub-tropicais, como florestas densas e ralas, semi-árido, florestas de montanhas, desertos, cerrados, savanas e zonas úmidas. São animais terrestres e altamente sociais, vivendo em grupos de 6 a 30 animais. É uma espécie diurna/crepuscular, alimentando-se principalmente nas primeiras horas da noite, mas variando sazonalmente o período de atividade. Marcam território esfregando o dorso em troncos de árvores, pedras e outros objetos, aplicando o cheiro produzido pelas glândulas dorsais. Ampla distribuição, ocorre desde o Arizona, Novo México e Texas (EUA), América Central até os Charcos do Paraguai e norte da Argentina (atualmente). No Brasil ocorre em praticamente todos os biomas e estados.

ALIMENTAÇÃO

São animais herbívoros e sua dieta consiste de raízes, tubérculos, sementes, folhas, caules, brotos, pequenos ramos, frutos, insetos e pequenos animais. Possuem alta importância ecológica, são grandes dispersores de sementes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre durante todo o ano. A fêmea é considerada poli-estral, o estro ocorre aproximadamente a cada 28 dias e dura cerca de 2 dias. A gestação dura aproximadamente 140 a 150 dias e resulta em 1 a 4 filhotes. Os filhotes seguem sua mãe durante todo o período de amamentação, que dura aproximadamente 6 meses.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie. A densidade populacional é altamente variável, de 1 a 11 indivíduos por km2.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie muito arredia, a captura com armadilhas pode levar várias semanas a meses até que os animais acostumem-se com as cevas.

CATETO

Pecari tajacu

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Tayassuidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Menor Preocupação**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Vulnerável**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Vulnerável**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

QUEIXADA

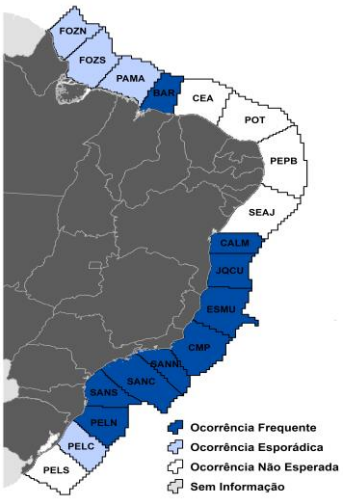
Tayassu pecari

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Tayassuidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Baixa	Baixa	Média



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: aprox. 1270 mm. Massa corpórea: 40-50 kg. Possuem hábito social, vivendo em grupos de 30-200 animais. Podem ser observados em atividade durante o dia, no crepuscular e à noite. Coloração da pelagem geralmente é marrom, com pelos longos e grossos, com faixa dorsal negra que inicia na cabeça e vai até a cauda rudimentar, o colar branco no pescoço é quase imperceptível. As patas possuem coloração escura.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habitam principalmente florestas tropicais úmidas, mas também frequentam prados úmidos, secos e bosques, além de florestas tropicais secas, cerrados, matas sazonalmente inundáveis, savanas e manguezais costeiros. São animais terrestres e altamente sociais, vivendo em grupos de centenas de animais. É uma espécie que tem atividade tanto diurno como noturno, principalmente nas primeiras horas da manhã, mas variando sazonalmente o período de atividade. Marcam território esfregando o dorso em troncos de árvores, pedras e outros objetos, aplicando o cheiro produzido pelas glândulas dorsais. Ampla distribuição, ocorre desde o sudeste do México, América Central até o norte da Argentina. No Brasil ocorre em praticamente todos os biomas e estados.

ALIMENTAÇÃO

São animais onívoros, mas se alimentam de uma gama de opções como frutos, sementes, caules, folhas, tubérculos, raízes, rizomas, invertebrados, ovos, pequenos vertebrados e carniça. É uma espécie de importância ecológica pela manutenção e estruturação de comunidades florestais, sendo considerados os maiores predadores e dispersores de sementes.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução ocorre durante todo o ano. Há registros de maturidade sexual em cativeiro aos oito meses de vida. A fêmea é considerada poli-estral, o estro ocorre aproximadamente a cada 28 dias e dura cerca de 2 dias. A gestação dura aproximadamente 140 a 150 dias e resulta em 1 a 4 filhotes. Os filhotes seguem sua mãe durante todo o período de amamentação, que dura aproximadamente 6 meses.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie. Formam grupos de 100 a 200 indivíduos, com área de vida podendo variar de 20 a 200 km2.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Animal de médio porte, pode produzir lesões graves quando acuado. Em áreas com pressão de caça, grupos podem tornar-se muito arredios e difíceis de capturar.

QUEIXADA

Tayassu pecari

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Tayassuidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Em Perigo**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CERVO-DO-PANTANAL

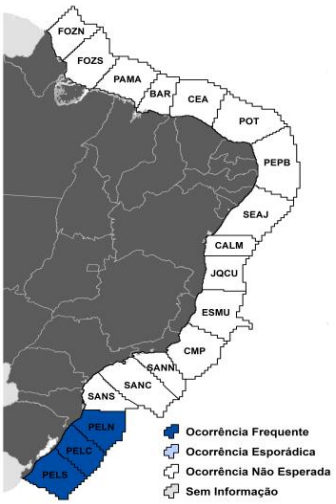
Blastocerus dichotomus

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Cervidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Alta	Média	Média	Baixa	Alta



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 153-191 cm. Comprimento da cauda: 12-16 cm. Massa corpórea: até 150 kg. Possuem coloração da pelagem marrom-avermelhada claro, sendo mais claros nos flancos, pescoço e tórax. O focinho e a extremidade dos membros são negros. A cauda é peluda com coloração ferrugínea na parte superior e negra na inferior.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

O habitat preferido da espécie são áreas abertas e inundáveis, com lâmina d'água com profundidade que pode ultrapassar 60 cm. Possuem hábito diurno e solitário, mas podem formar grupos familiares compostos pela fêmea e seu filhote ou casais. Realizam deslocamentos sazonais durante a contínua movimentação dos rios, como na cheia, sempre em busca de melhores locais para forragear. Os picos de atividades são nas primeiras horas da manhã e nas últimas horas da tarde, evitando as horas mais quentes do dia.

ALIMENTAÇÃO

Espécie herbívora, os principais itens da dieta são plantas aquáticas e semiaquáticas, de fácil digestão.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

As fêmeas possuem ciclo estral de 24 dias e tem uma gestação de aproximadamente 270 dias, gerando somente um filhote. O filhote geralmente nasce no período de vazante, entre maio-julho.

POPULAÇÃO

A população estimada da espécie no Brasil é de aproximadamente 41.000 indivíduos. A espécie está em declínio em sua distribuição devido suas ameaças, sendo as principais a caça e a destruição de habitat.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

CERVO-DO-PANTANAL

Blastocerus dichotomus

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Cervidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)												
Santos - Centro (SANC)												
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)	⊙	⊙	●	●	●	●	●	●	●	●	●	⊙
Pelotas - Centro (PELC)	⊙	⊙	●	●	●	●	●	●	●	●	●	⊙
Pelotas - Sul (PELS)	⊙	⊙	●	●	●	●	●	●	●	●	●	⊙

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Vulnerável**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

VEADO-BORORÓ-DE-SÃO-PAULO

Mazama bororo

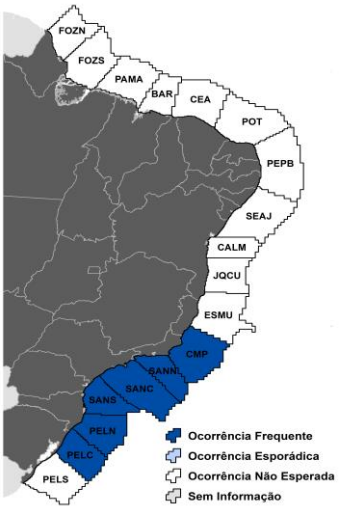
Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Cervidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Média

Marcelo Lima Reis (Mukira)



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 83 cm. Comprimento cauda: 11 cm. Massa corpórea: até 25 kg. Possui coloração da pelagem marrom-avermelhada claro, com uma linha escura na parte posterior dos membros posteriores. Possui uma mancha branca em forma de meia-lua na base das orelhas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Espécie monotípica e endêmica do Brasil, ocorrendo em uma estreita faixa litorânea a partir do sudeste do estado de São Paulo até a região nordeste do estado do Paraná. Habita fragmentos remanescentes da Serra do Mar, em floresta costeira Atlântica até 1200 m de altitude. Possuem hábitos solitários e diurnos, mas podem ser vistos em casais.

ALIMENTAÇÃO

Espécie frugívora-herbívora, os principais itens da dieta são frutas, folhas e brotos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A espécie se reproduz durante todo o ano, e a maioria dos nascimentos ocorre após o inverno. Não há dados suficientes acerca da reprodução da espécie.

POPULAÇÃO

Não há informações acerca da população da espécie. Porém, pesquisadores acreditam que a população não ultrapasse os 4500 indivíduos.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

VEADO-BORORÓ-DE-SÃO-PAULO

Mazama bororo

Pequenos mamíferos terrestres (Artiodactyla: Cervidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Centro (PELC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Vulnerável**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Deficiente em Dados**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Não Listada**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

ONÇA-PINTADA

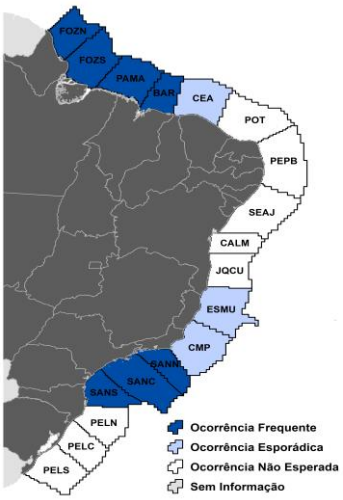
Panthera onca

Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Felidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Alta	Alta	Média	Média	Baixa	Baixa



IDENTIFICAÇÃO

Comprimento total: 1882-2072 mm. Massa corpórea: 61-158 kg. Possui hábitos solitario, noturno e terrestre, mas são ótimos escaladores e nadadores. Possui coloração amarelada na cabeça, dorso, patas e cauda, com o ventre e o peito brancos. O corpo é revestido por pintas que formam rosetas com um ou mais pontos no seu interior.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Possui hábitos solitário, noturno e terrestre, mas são ótimos escaladores e nadadores. Habita áreas com alto grau de conservação e grande disponibilidade de presas e alto suprimento de água. Marcam territórios de diversas formas, como sinais visuais (arranhados e fezes), olfativos (urina e fezes) e auditivos (esturros). Durante as caçadas noturnas, fêmeas podem andar até 3 a 4 km e machos até 10 km por noite. Ampla distribuição, sua distribuição atual é a partir do México (extinta nos EUA), países na América Central (exceto El Salvador, onde está extinta) e América do Sul (exceto no Uruguai, também extinta). No Brasil, ocorre em todos os biomas e está provavelmente extinta nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, norte de São Paulo, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

ALIMENTAÇÃO

Essencialmente carnívoro, se alimenta de vertebrados de médio e grande porte, como antas, catetos, queixadas, veados, tamanduás, jacarés, capivaras, entre vários outros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A reprodução pode ocorrer durante todo o ano. A maturidade da fêmea ocorre entre 24 a 30 meses de vida e do macho somente aos 3 anos de vida. O estro da fêmea dura de 6 a 17 dias e a copulação é rápida, podendo ocorrer até cem vezes num único dia. A gestação varia de 90 a 111 dias e o número médio de filhotes é de 2 a 4 filhotes. O período de amamentação pode ser até 10 a 11 semanas, mas podem alcançar os 5 ou 6 meses. Os jovens começam a vagar sozinhos entre 15 e 18 meses e tornam-se independentes mesmo entre 16 e 24 meses.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais para a espécie. A densidade populacional normalmente é baixa (2 a 8 indivíduos por km2).

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Embora tenha um comportamento relativamente tímido e evita contato com humanos, pode ser extremamente perigosa se acuada. Equipes de captura e manuseio devem ser capacitadas especificamente para lidar com esta espécie. Ocasionalmente podem ocorrer variações melânicas de pelagem (onça preta).

ONÇA-PINTADA

Panthera onca

Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Felidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Vulnerável**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Criticamente em Perigo**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Vulnerável**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Criticamente em Perigo**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Criticamente em Perigo**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Criticamente em Perigo**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

LOBO-GUARÁ

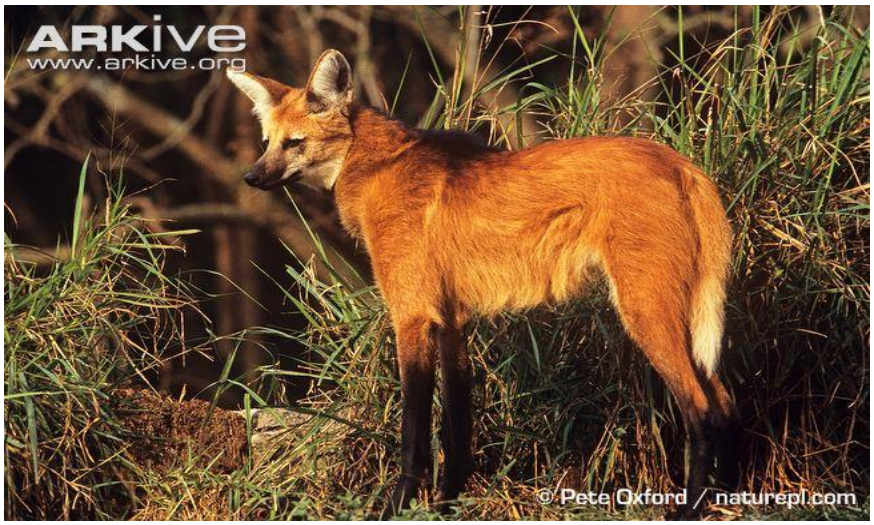
Chrysocyon brachyurus

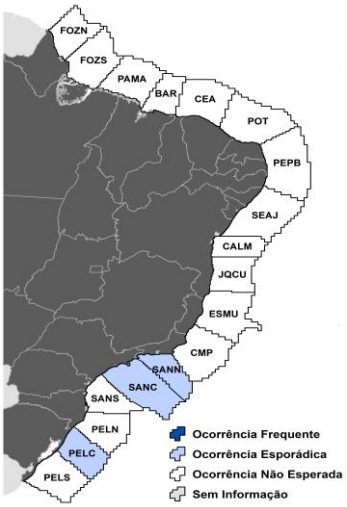
Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Canidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Baixa	Média	Baixa	Média





IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 100-125 cm. Comprimento da cauda: 30-45 mm. Massa corpórea: 20-23 kg. Possui coloração corporal vermelho-ferrugem por todo o corpo, com o focinho e a parte inferior das patas marrom-escuras ou negras. Possui uma mecha longa de pelos negra que vai da nuca e ombros até quase metade do dorso. A garganta, a parte interna das orelhas e a ponta da cauda são brancas. Seus membros anteriores e posteriores são muito longos.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita ambientes abertos como o Cerrado, utilizando campos de gramíneas altas, áreas florestais, bordas de mata, lavouras e pastos. Possui hábitos noturnos, com picos de atividade no crepúsculo. É um animal solitário e monogâmico. O macho permanece com a fêmea durante a gestação, não ajuda com os cuidados da prole, mas defende o território da família. Os limites de território são determinados pela urina e pelas fezes depositadas em pontos estratégicos. São dispersores de sementes.

ALIMENTAÇÃO

Espécie onívora oportunista consome pequenos e médios mamíferos, répteis, aves, anfíbios, insetos e frutos, principalmente a fruta-do-lobo ou lobeira (Solanum lycocarpum). Ocasionalmente pode predar galinheiros e animais de criação.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

A época reprodutiva ocorre entre abril e junho, com os nascimentos e criação dos filhotes estendendo-se até agosto e setembro. A fêmea entra no cio somente uma vez por ano. O período de gestação é de aproximadamente 62 a 66 dias e nascem de 2 a 5 filhotes com aproximadamente 350 gramas, com pelagem escura e olhos e ouvidos fechados. O desmame ocorre por volta da 15ª semana de vida.

POPULAÇÃO

Estima-se que no Brasil a população da espécie seja de aproximadamente 16.000 indivíduos, sendo considerada em declínio devido à caça e à destruição de seu habitat.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Não há maiores particularidades sobre a espécie.

LOBO-GUARÁ

Chrysocyon brachyurus

Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Canidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)												
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)												
Pará-Maranhão (PAMA)												
Barreirinhas (BAR)												
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)												
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)												
Camamu-Almada (CALM)												
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)												
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)												
Campos (CMP)												
Santos - Norte (SANN)				●	●	●	●	●	●			
Santos - Centro (SANC)				●	●	●	●	●	●			
Santos - Sul (SANS)												
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)				●	●	●	●	●	●			
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Vulnerável**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Deficiente em Dados**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice II**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

CACHORRO-VINAGRE

Speothos venaticus

Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Canidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Vulnerável

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Média	Média	Baixa	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 460-660 mm. Comprimento da cauda: 110-150 mm. Massa corpórea: 4-8 kg. Possui hábitos predominantemente diurnos, terrestres e sociais, vivendo em grupos familiares de 2-12 animais. A pelagem é espessa com coloração marrom-avermelhada uniforme, com a cabeça e a nuca claras, com coloração dourada-avermelhada. Possui orelhas arredondadas.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

Habita uma série de habitats, como florestas pluviais, deciduais, semideciduais e pré-montana, áreas de savana, com exceção da Caatinga. Está sempre ligado a locais com água. Há registros da espécie para áreas fragmentadas também, como plantações de eucalipto e assentamentos. Possui hábitos predominantemente diurnos, semi-aquático e sociais, vivendo em grupos familiares de 2-12 animais. É considerada rara em toda sua distribuição. Pode utilizar como abrigo tocas no chão ou em barrancos de rio, com túneis e diversas entradas e saídas, semelhantes às tocas de tatu, além de ocos de árvores. Determinam o território com marcação feita pela urina. Se comunicam utilizando um grande repertório de vocalizações. Distribui-se a partir do extremo leste da América Central, norte da América do Sul, sul do Paraguai e nordeste da Argentina. No Brasil ocorre nos biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, há registros de ocorrência nos estados do Amazonas, Roraima, Acre, Rondônia, Pará, Amapá, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina, oeste de São Paulo, Minas Gerais e Bahia.

ALIMENTAÇÃO

Estritamente carnívoro, alimenta-se de pequenos vertebrados e com a caça cooperativa podem se alimentar de animais de médio e grande porte como tatus, curtias, pacas, catetos, queixadas, entre outros.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

Possui um padrão reprodutivo contínuo e não sazonal. A gestação dura aproximadamente 67 dias e resulta em 1 a 7 filhotes. O desmame ocorre aproximadamente aos 75 dias de vida e o macho e a fêmea tem cuidados parentais até os 10 meses de idade, período que alcançam a maturidade sexual. Porém, em casos que os filhotes permanecem com os pais no mesmo grupo, eles não se reproduzem.

POPULAÇÃO

A população total da espécie é estimada em 110 000 indivíduos, com uma densidade aproximada de 1 indivíduo por 100 km2.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Espécie difícil de capturar devido à estrutura de múltiplas entradas de suas tocas e capacidade de natação. Possui médio porte, podendo produzir lesões importantes quando acuado.

CACHORRO-VINAGRE

Speothos venaticus

Pequenos mamíferos terrestres (Carnivora: Canidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pará-Maranhão (PAMA)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Barreirinhas (BAR)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Ceará (CEA)												
Potiguar (POT)												
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Camamu-Almada (CALM)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Campos (CMP)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Norte (SANN)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Centro (SANC)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Santos - Sul (SANS)	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
Pelotas - Norte (PELN)												
Pelotas - Centro (PELC)												
Pelotas - Sul (PELS)												

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Quase Ameaçada**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Vulnerável**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Deficiente em Dados**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Não Listada**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Criticamente em Perigo**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

LONTRA

Lontra longicaudis

Mustelídeos aquáticos (Carnivora: Mustelidae)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Não Listada

SENSIBILIDADE À PRESENÇA HUMANA	PERICULOSIDADE PARA HUMANOS	SUSCETIBILIDADE AO ÓLEO	SENSIBILIDADE DIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE INDIRETA AO ÓLEO	SENSIBILIDADE AO CATIVEIRO
Média	Média	Alta	Média	Alta	Média

IDENTIFICAÇÃO

Comprimento cabeça-corpo: 530-800 mm. Comprimento da cauda: 360-500 mm. Massa corpórea: 5-14 kg. Possui hábitos diurnos e noturnos, semi-aquático e solitário. A pelagem é densa, com uma camada de pelos finos e macios e outra externa de pelos longos e rígidos, com coloração marrom e garganta clara. Possui membranas interdigitais, cauda musculosa e achatada.

HÁBITAT E COMPORTAMENTO

É uma espécie tolerante a uma variedade de habitats, como florestais, matas litorâneas, campos, pântanos, áreas com vegetação secundária e manguezais. A espécie tem preferência por águas claras com correnteza em rios de planície. Semiaquática, com hábito solitário e diurno. Cava tocas às margens dos rios para abrigar-se, formando galerias. Sua demarcação de território é feita com depósito de muco das glândulas anais em rochas, troncos e barrancos. Os machos são solitários e somente são tolerados pelas fêmeas na época de cópula. A distribuição atual abrange o nordeste do México, América Central e América do Sul até o Uruguai e área central da Argentina. No Brasil está presente em quase todos os biomas, com exceção da Caatinga.

ALIMENTAÇÃO

Espécie onívora, alimenta-se principalmente de peixes, moluscos, crustáceos, alguns invertebrados, e ocasionalmente pequenos mamíferos, aves, anfíbios e frutos.

REPRODUÇÃO E CICLO DE VIDA

O período reprodutivo geralmente ocorre na primavera, podendo se estender ao longo do ano. A gestação dura geralmente 56 dias, dando luz a uma ninhada de 1 a 5 filhotes. Os filhotes só saem do ninho com mais de 50 dias e com mais de 70 dias começam suas atividades aquáticas.

POPULAÇÃO

Não há estimativas populacionais ou tendência demográfica da espécie, acredita-se que seja relativamente rara.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Animal difícil de se observar em atividades de campo, sua presença pode ser identificada pela deposição de fezes em lugares visíveis ao longo da margem dos rios. É altamente inteligente e ágil, sendo difícil de capturar se estiver saudável. Sua mordida é forte e pode causar lesões importantes. Por ser suscetível a infecções transmitidas por animais domésticos, devendo ser mantido em instalações isoladas destas espécies.

LONTRA

Lontra longicaudis

Mustelídeos aquáticos (Carnivora: Mustelidae)

SAZONALIDADE

Unidades Geográficas	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Foz do Amazonas - Norte (FOZN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Foz do Amazonas - Sul (FOZS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pará-Maranhão (PAMA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Barreirinhas (BAR)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ceará (CEA)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Potiguar (POT)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pernambuco-Paraíba (PEPB)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sergipe-Alagoas-Jacuípe (SEAJ)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camamu-Almada (CALM)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Jequitinhonha-Cumuruxatiba (JQCU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Espírito Santo-Mucuri (ESMU)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Campos (CMP)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Norte (SANN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Centro (SANC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Santos - Sul (SANS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Norte (PELN)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Centro (PELC)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Pelotas - Sul (PELS)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Legenda:

- Ocorrência frequente
- Ocorrência irregular/esporádica
- Ocorrência não esperada
- Sem informação sobre ocorrência
- ● Animais em reprodução
- ⊙ Animais em reprodução (esporádica)
- ○ Sem informações

ESTADO DE CONSERVAÇÃO / PROTEÇÃO LEGAL

Internacional (IUCN Red List 2015.2)	**Deficiente em Dados**
Nacional (Portaria MMA nº. 148/2022)	**Não Listada**
Pará (Lista SECTAM 2006)	**Não Listada**
Espírito Santo (Decreto Estadual nº. 1499-R/2005)	**Não Listada**
Rio de Janeiro (Portaria SEMA nº. 01/1998)	**Não Listada**
São Paulo (Livro Vermelho 2009)	**Quase Ameaçada**
Paraná (Livro Vermelho 2007)	**Vulnerável**
Santa Catarina (Resolução CONSEMA nº. 02/2011)	**Não Listada**
Rio Grande do Sul (Decreto Estadual nº. 41.672/2002)	**Não Listada**
Internacional (CITES 14/09/2014)	**Apêndice I**

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2022

APÊNDICE 3 – ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PROTEÇÃO

1. ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PROTEÇÃO

Com base nos dados disponíveis no Mapeamento Ambiental para Resposta à Emergência no Mar (MAREM) e nos resultados da modelagem de dispersão de óleo realizada para a atividade de perfuração da bp no Bloco Pau-Brasil, na Bacia de Santos (PROOCEANO, 2022) foram identificadas 18 localidades nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo que são consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF.

Além das principais informações sobre estas localidades, este apêndice apresenta as respectivas Fichas Estratégicas de Resposta (FERs) desenvolvidas pelo Projeto MAREM.

1.1 São Paulo

A **Tabela 1** apresenta os principais dados sobre a localidade identificada no estado de São Paulo considerada prioritária para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF.

Tabela 1: Informações sobre a localidade de São Paulo considerada prioritária para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF (Fonte: Adaptado de IBP, 2016).

Localidade	Município	Unidade de Conservação	ISL*	Justificativa de Priorização	# Mapa**
Ilha Queimada Grande	Peruíbe	Área de Relevante Interesse Ecológico das Ilhas da Queimada Pequena e Queimada Grande, Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Centro (Setor Carijó) e Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Centro	1, 2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus, Sula leucogaster*). Concentração de aves marinhas costeiras (*Fregata magnificens, Sterna hirundinacea, Thalasseus acuflavidus, Thalassus maximus*), aves limícolas (*Haematopus palliatus, Charadrius collaris, Vanellus chilensis*), aves aquáticas mergulhadoras (*Phalacrocorax brasilianus, Megaceryle torquata*), aves aquáticas pernaltas (*Nycticorax nycticorax, Egretta thula*), não-passeriformes terrestres (*Coragyps atratus*) e aves de rapina (*Milvago chimachima, Caracara plancus*). Endemismo de espécie prioritária de répteis (*Bothrops insularis, Dipsas albifrons cavalheiroi*) e anfíbios (*Scinax peixotoi*).	02

Notas:
* Índice de Sensibilidade do Litoral.
** Mapas de vulnerabilidade ambiental (fauna) são apresentados no **APÊNDICE 1.**

Projeto de Proteção à Fauna

Acordo de Cooperação Técnica IBAMA / IBP

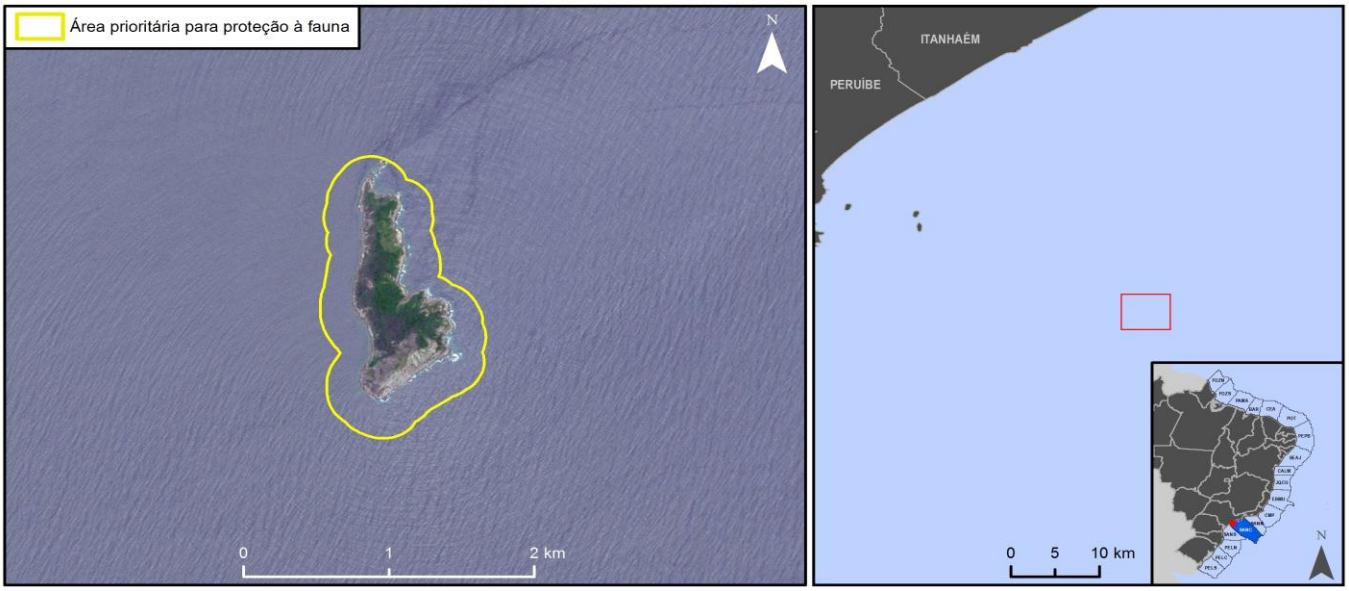
ILHA QUEIMADA GRANDE

Peruíbe (SP)

24°29'21" S/ 46°40'28" O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Centro (SANC)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Ilha Localizada a aproximadamente 20 milhas náuticas (35 km) da costa, sendo caracterizada pela presença de costão rochoso de declividade média e rochas (depósito de tálus), sua porção sul da é composta de costão rochoso de declividade alta e sua porção norte é composta de afloramentos rochosos. A ilha apresenta vegetação em sua porção superior.
Ocorrência de pinguim (Spheniscus magellanicus) em águas adjacentes e de tartarugas mairnhas.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus, Sula leucogaster*).
Concentração de aves marinhas costeiras (*Fregata magnificens, Sterna hirundinacea, Thalasseus acuflavidus, Thalassus maximus), aves limícolas (Haematopus palliatus, Charadrius collaris, Vanellus chilensis*), aves aquáticas mergulhadoras (*Phalacrocorax brasilianus, Megaceryle torquata*), aves aquáticas pernaltas (*Nycticorax nycticorax, Egretta thula*), não-passeriformes terrestres (*Coragyps atratus*) e aves de rapina (*Milvago chimachima, Caracara plancus*).
Endemismo de espécie prioritária de répteis (*Bothrops insularis, Dipsas albifrons cavalheiroi)* e anfíbios (*Scinax peixotoi*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção das unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental Marinha Litoral Centro (Setor Carijó) (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 53.526, de 08 de outubro de 2008),Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Centro (uso sustentável, esfera estadual, Decreto 53.526, de 08 de outubro de 2008) e da Área de Relevante Interesse Ecológico das Ilhas da Queimada Pequena e Queimada Grande (uso sustentável, esfera federal, Decreto nº 91.887 de 05 de novembro de 1985).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101 (Rodovia Estadual SP-055 ou Rod. Padre Manoel da Nóbrega), no município de Peruíbe, acessar a Av. João Abel até o litoral. Seguir sentido sul na Av. Governador Mário Covas Jr. para acessar a Estrada do Guaraú. Acessar a Rua do Telégrafo e virar a esquerda na Rua Eng. Frederico During Filho em direção ao atracadouro localizado no Rio Guaraú. Seguir por via marítima até a Ilha Queimada Grande.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

ILHA QUEIMADA GRANDE

Peruíbe (SP)

24°29'21" S/ 46°40'28" O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Centro (SANC)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.
É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

1.2 Santa Catarina.

A **Tabela *2*** apresenta os principais dados sobre as 15 localidades identificadas no estado de Santa Catarina consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF.

Tabela 2: Informações sobre localidades de Santa Catarina consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF (Fonte: Adaptado de IBP, 2016).

Localidade	Município	Unidade de Conservação	ISL*	Justificativa de Priorização	# Mapa**
Ilha da Galé	Bombinhas	Reserva Biológica Marinha do Arvoredo	2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Fregata magnificens e Larus dominicanus*).	04
Ilha Deserta	Florianópolis	Reserva Biológica Marinha do Arvoredo	1, 2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Sterna hirundinacea, Larus dominicanus, Thalasseus acuflavidus*).	04
Ilha do Arvoredo	Florianópolis	Reserva Biológica Marinha do Arvoredo	1, 2, 6	Elevada concentração de aves marinhas costeiras *(Sula leucogaster, Larus dominicanus, Thalasseus acuflavidus, Sterna hirundinacea, Sterna trudeaui, Fregata magnificens).*	04
Ilha Mata-fome	Florianópolis	-	1, 2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).	04
Ilha do Badejo	Florianópolis	-	1 e 2	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).	04
Ilha do Xavier	Florianópolis	-	1 e 2	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Laurus dominicanus, Sterna hirundinacea* e *Thalasseus acuflavidus*).	04
Ilha dos Moleques do Sul	Florianópolis	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	1 e 2	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Sula leucogaster, Fregata magnificens, Larus dominicanus, Sterna hirundinacea, Thalasseus acuflavidus*). Ocorrência da espécie endêmica de roedores (*Cavia intermedia).*	04
Área marítima da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	Balneário Rincão, Jaguaruna, Laguna, Imbituba, Garopaba, Palhoça, Florianópolis	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca Parque Estadual da Serra do Tabuleiro	-	Elevada concentração de espécies prioritárias de grandes cetáceos *(Eubalaena australis).* Ocorrência de espécies prioritárias de pequenos cetáceos *(Pontoporia blainvillei).*	04, 05

Tabela 2: Informações sobre localidades de Santa Catarina consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF (Fonte: Adaptado de IBP, 2016).

Localidade	Município	Unidade de Conservação	ISL*	Justificativa de Priorização	# Mapa**
Ilha do Batuta	Imbituba	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) e aves aquáticas pernaltas (*Egretta thula, Bubulcus ibis, Nycticorax nycticorax*). Concentração de aves aquáticas pernaltas (*Egretta t*hula) e aves aquáticas mergulhadoras (*Phalacrocorax brasilianus*).	05
Morro do Farol	Imbituba	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	3 e 6	Endemismo de espécie prioritária de répteis *(Tropidurus imbituba).*	05
Ilha Santana de Fora	Imbituba	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras *(Larus dominicanus e Sterna hirundinacea).*	05
Ilha das Araras	Imbituba	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	1, 2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus* e *Sterna hirundinacea).*	05
Ilha Tacami	Imbituba	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	1 e 2	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) . Concentração de aves marinhas costeiras (*Sterna hirundinacea*).	05
Ilha dos Lobos	Laguna	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	2 e 6	Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) e aves aquáticas pernaltas (*Nycticorax Nycticorax*)	05
Ilha Marta Pequeno (Ilhota da Galheta)	Laguna	Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca	2 e 6	Reprodução de aves aquáticas pernaltas *(Nycticorax nycticorax, Egretta thula, Egretta caerulea),* aves limícolas *(Haematopus palliatus)* e aves marinhas costeiras *(Larus dominicanus, Sterna hirundinacea).*	05

Notas:
* Índice de Sensibilidade do Litoral.
** Mapas de vulnerabilidade ambiental (fauna) são apresentados no **APÊNDICE 1.**

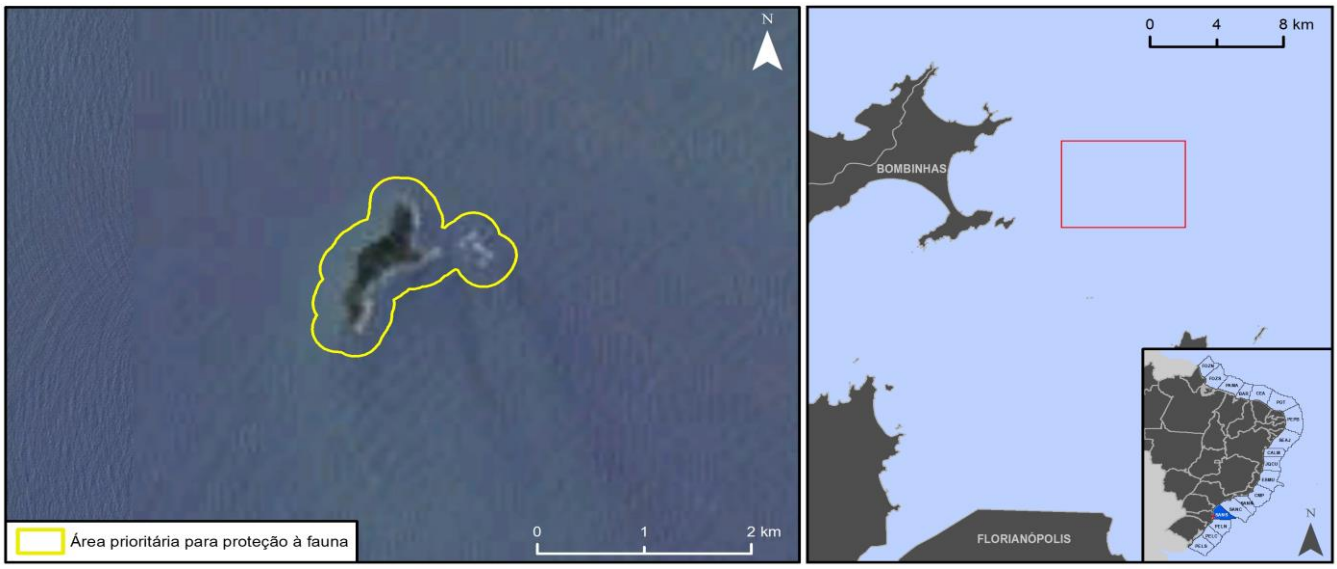
ILHA DA GALÉ

Bombinhas (SC)

27° 10' 53.75"S/ 48° 24' 19.09"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha da Galé encontra-se situada dentro dos limites da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. Presença de vegetação de Mata Atlântica na porção superior da ilha. É composta por costão rochoso e depósito de tálus.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Fregata magnificens e Larus dominicanus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (proteção integral, esfera federal, Decreto 99.142 de 12 de março de 1990).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses (Florianópolis). Seguir via marítima até a Ilha da Galé.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

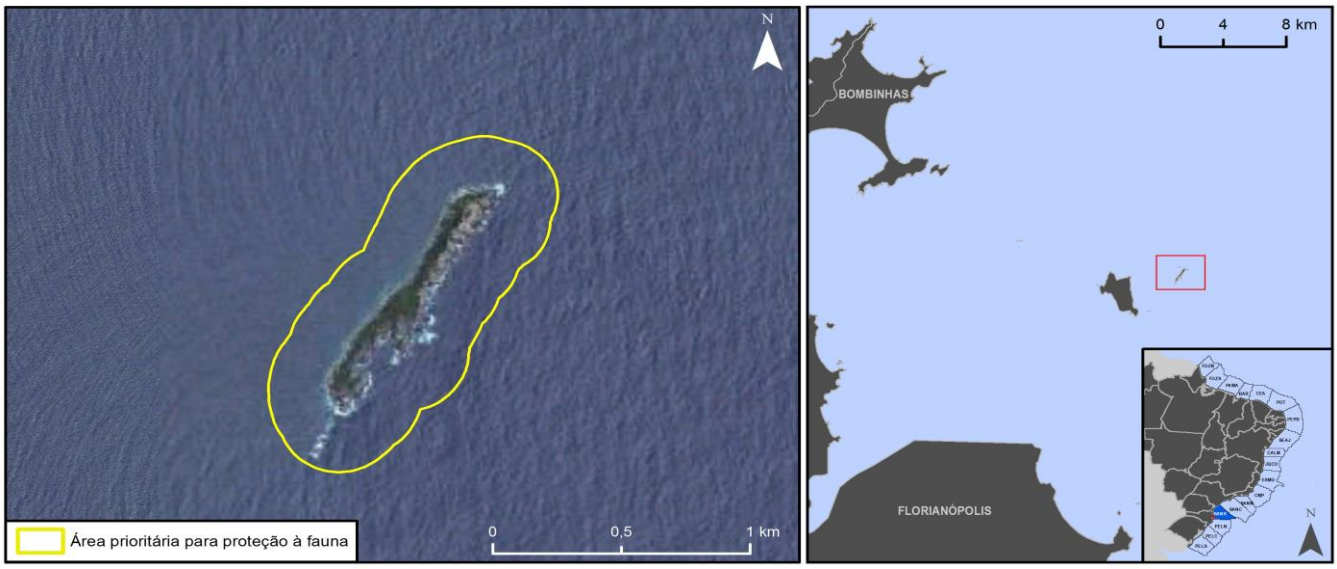
ILHA DESERTA

Florianópolis (SC)

27° 16' 20.97"S/48° 19' 51.83"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha Deserta encontra-se situada dentro dos limites da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. Presença de vegetação de Mata Atlântica na porção superior da ilha. É composta por costão rochoso e depósito de tálus.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Sterna hirundinacea, Larus dominicanus, Thalasseus acuflavidus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (proteção integral, esfera federal, Decreto 99.142 de 12 de março de 1990).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses. Seguir via marítima até a Ilha Deserta.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

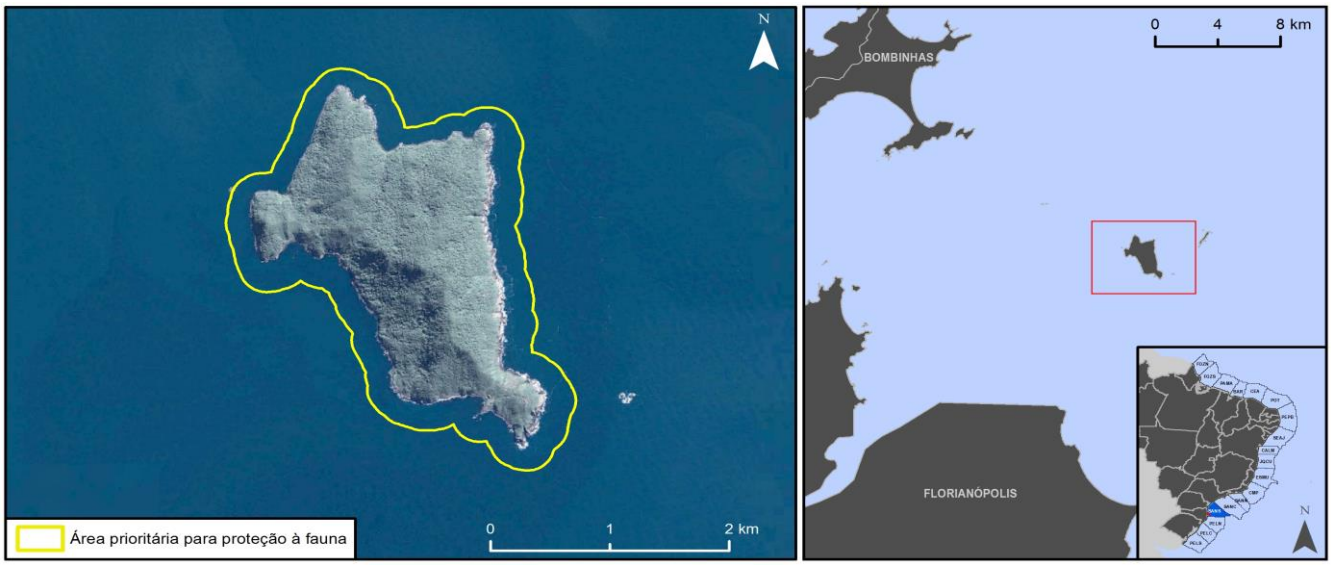
É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

ILHA DO ARVOREDO

Florianópolis (SC)
27° 13' 31.03"S/ 48° 21' 54.60"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA
Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha do Arvoredo encontra-se situada dentro dos limites da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo. A ilha apresenta remanescentes de Mata Atlântica, sítios arqueológicos com sambaquis e inscrições rupestres.
Presença de um farol na ilha.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Elevada concentração de aves marinhas costeiras (*Sula leucogaster, Larus dominicanus, Thalasseus acuflavidus, Sterna hirundinacea, Sterna trudeaui, Fregata magnificens*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (proteção integral, esfera federal, Decreto 99.142 de 12 de março de 1990).

ACESSO E LOGÍSTICA

O acesso à Reserva pode se dar de duas formas: por via marítima ou aérea. Por via marítima, tem-se mar aberto em boa parte do trajeto, o que torna a viagem sujeita às más condições de navegação, principalmente com o vento norte/nordeste, o predominante, e o vento sul, o mais intenso e mais freqüente no inverno. A Ilha do Arvoredo é a que apresenta melhores condições de atracamento, no porto sul, na área da Marinha do Brasil e no porto norte, que apresenta as melhores ondições naturais e abrigo ao vento sul.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

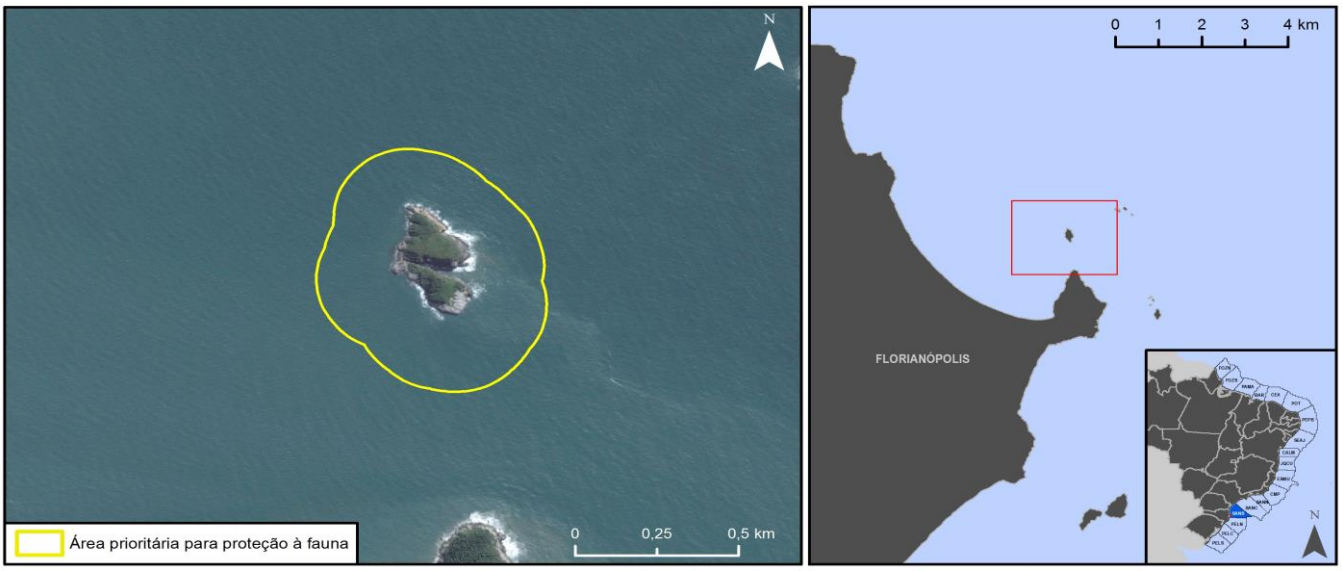
ILHA MATA-FOME

Florianópolis (SC)

27° 25' 28.60"S/48° 22' 0.13"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A ilha é caracterizada por costão rochoso de declividade média e alta. Presença de rochas (depósito de tálus) e uma nascente de água doce. Presença de vegetação na proção superior da ilha.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses. Seguir via marítima até a Ilha Mata-Fome.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

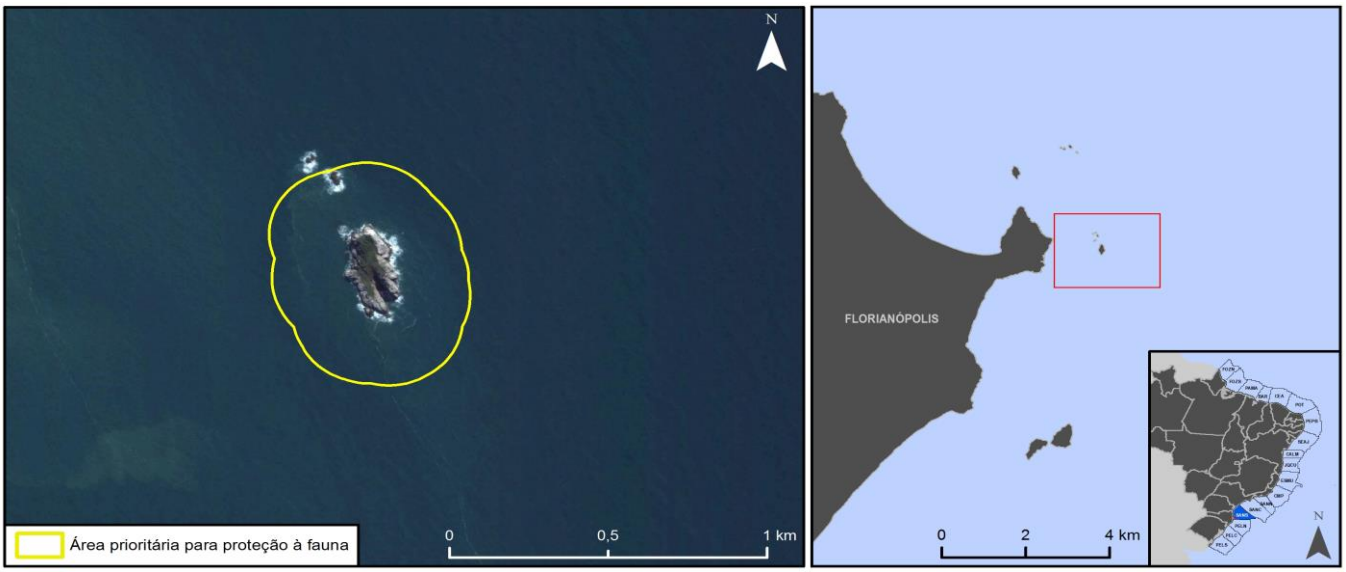
É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

ILHA DO BADEJO

Florianópolis (SC)
27° 26' 33.60"S/ 48° 20' 52.47"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA
Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha.
A região da Ilha do Badejo é constituída por um conjunto de três ilhas.
As ilhas menores, ao norte, são caracterizadas por costão rochoso de declividade média enquanto a maior ilha, ao sul, é caracterizada por costão rochoso de declividade alta.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).

PROTEÇÃO LEGAL

–

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses. Seguir via marítima até a Ilha do Badejo.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

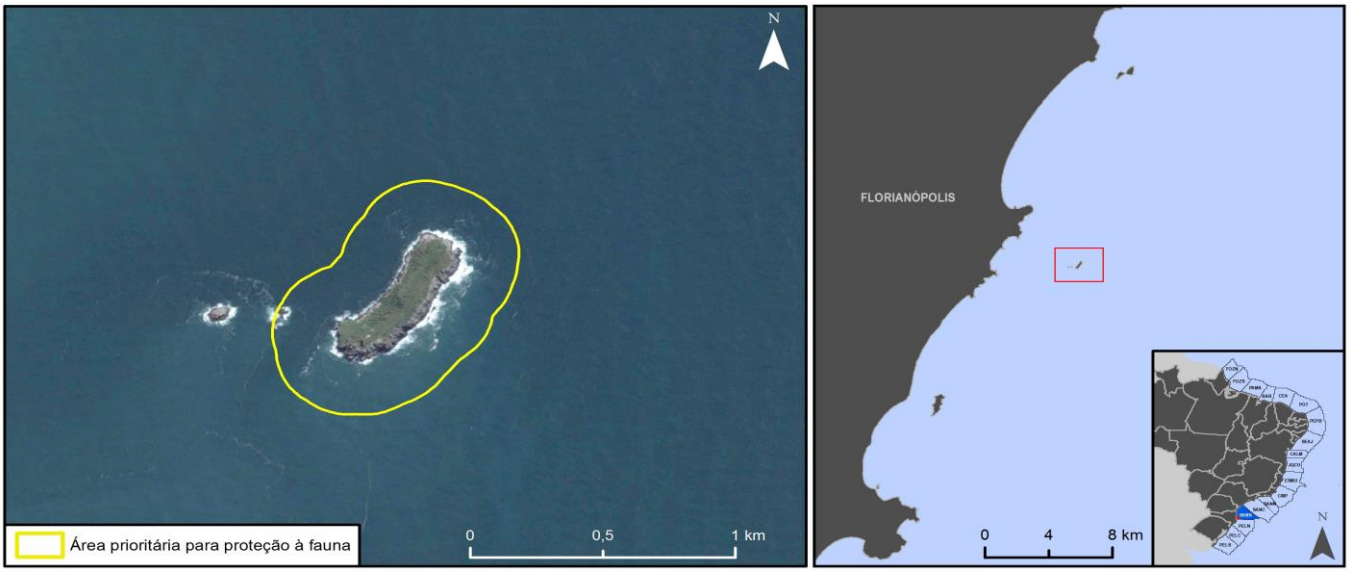
ILHA DO XAVIER

Florianópolis (SC)

27° 36' 35.57"S/ 48° 23' 8.45"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha.
A Ilha do Xavier é caracterizada por costão rochoso de declividade alta e sua porção oeste é composta por rochas (depósito de tálus).
Ao oeste da Ilha do Xavier encontram-se as as Pedras de Xavier, são compostas por costão rochoso de declividade média.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Laurus dominicanu, Sterna hirundinacea e Thalasseus acuflavidus*).

PROTEÇÃO LEGAL

–

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses. Seguir via marítima até a Ilha do Xavier.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

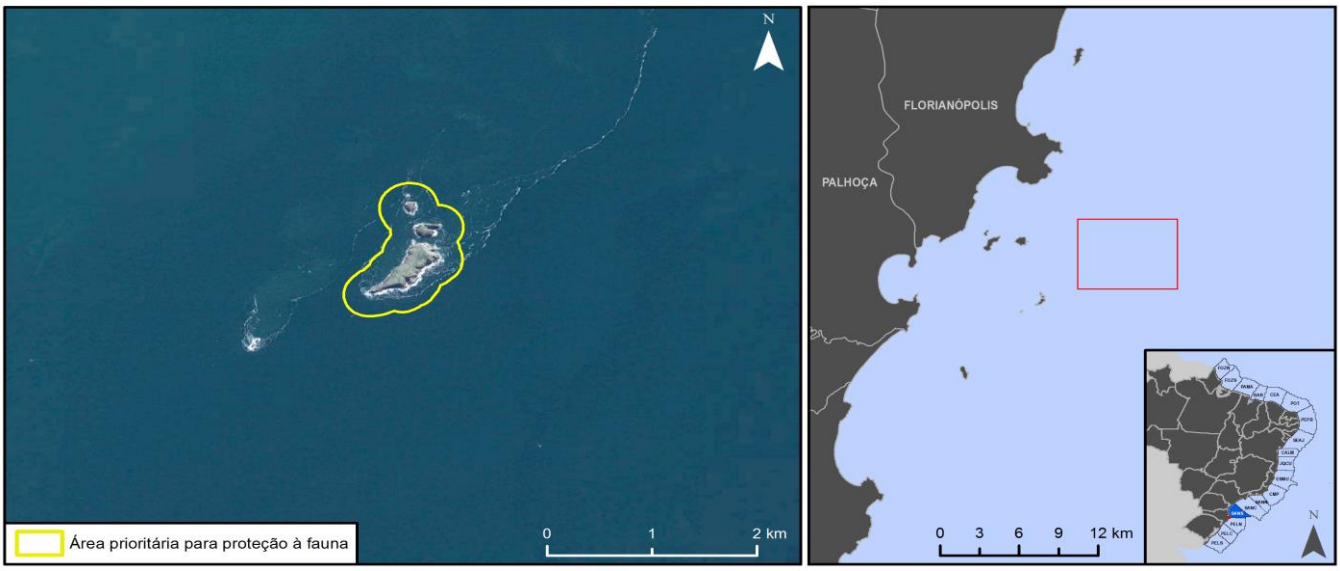
É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

ILHAS MOLEQUES DO SUL

Florianópolis (SC)
27° 50' 40.17"S/ 48° 25' 51.85"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA
Santos - Sul (SANS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha.
É caracterizada por costão rochoso de declividade alta e média.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Sula leucogaster, Fregata magnificens, Larus dominicanus, Sterna hirundinacea, Thalasseus acuflavidus*).
Ocorrência da espécie endêmica de roedores (*Cavia intermedia*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-282, na altura do município de Florianópolis, seguir pela Rodovia Estadual SC-401 em direção ao norte. Cruzar os retornos de Cacupé e Sambaqui, por um Posto de Pedágio que ainda não está em funcionamento e pelo acesso de Jurerê (até onde a SC-401 é duplicada), até chegar ao trevo de Ingleses.
Virar à direita, em direção à marina localizada na Praia dos Ingleses. Seguir via marítima até a Ilha dos Moleques do Sul.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

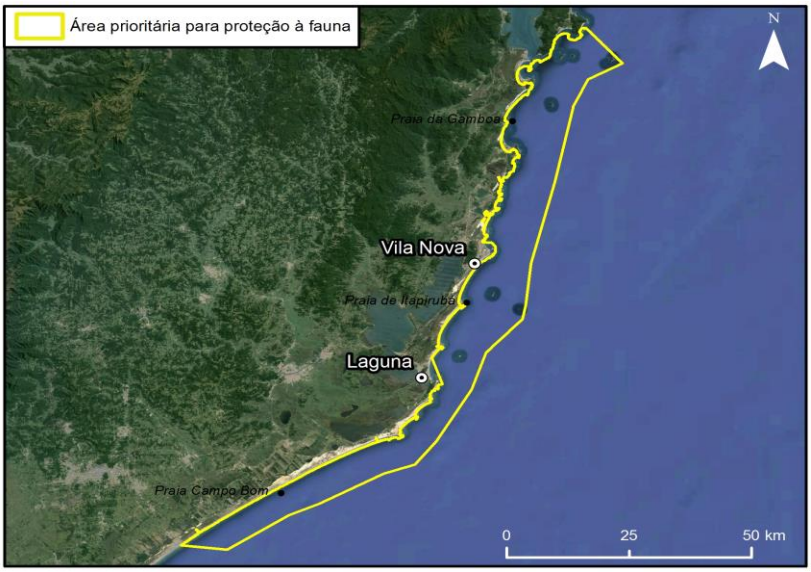
ÁREA MARÍTIMA DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA

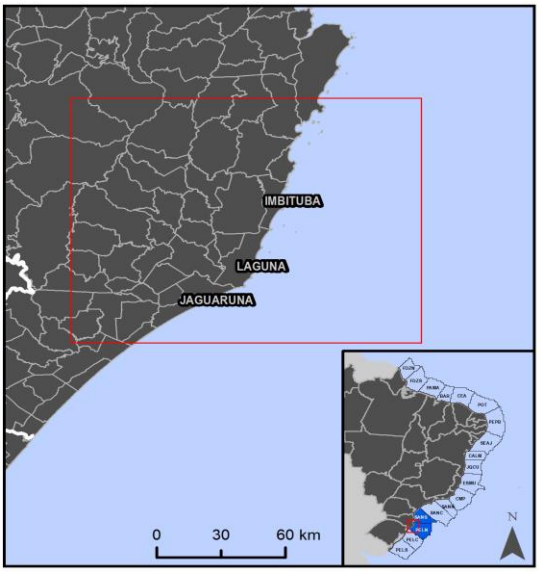
Balneário Rincão, Jaguaruna, Laguna, Imbituba, Garopaba, Palhoça, Florianópolis (SC)

28° 18' 30.70"S/ 48° 42' 14.89"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Santos - Sul (SANS)
Pelotas - Norte (PELN)





CARACTERÍSTICAS GERAIS

A área marítima da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca se estende desde o Balneário Rincão até Florianópolis, abrangendo aproximadamente 130 km de costa marítima.
A região apresenta diversas ilhas e recebe a influência das fozes dos rios: Rio Urussanga (Balneário Rincão), Laguna de Garopa do Sul (Jaguaruna), Rio Tubarão (Laguna), Lagoa de Ibiraquera (Imbituba), Laguna de Garopaba (Garopaba) e Rio da Madre (Palhoça).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Elevada concentração de espécies prioritárias de grandes cetáceos (*Eubalaena australis*).
Ocorrência de espécies prioritárias de pequenos cetáceos (*Pontoporia blainvillei*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção das unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000) e Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (proteção integral, esfera estadual, Decreto 1.260 de 01 de novembro de 1975).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101, no município de Laguna, seguir a Av. Calistrato Müler Sáles e Av. Eng. Colombo Sales até a Rua Fundos da Balsa, em direção ao atracadouro no Rio Tubarão. Seguir por via marítima até a Ilha das Araras, na porção central da localidade.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.
Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de concentração de pequenos cetáceos de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum individuo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

ILHA DO BATUTA

Imbituba (SC)
28° 9' 9.98"S/ 48° 38' 31.23"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA
Pelotas - Norte (PELN)

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de nascente de água doce e de vegetação na porção superior da ilha. Caracterizada por rochas (depósito de tálus).
Presença de trechos de costão rochoso de declividade média.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) e aves aquáticas pernaltas (*Egretta thula, Bubulcus ibis, Nycticorax nycticorax*).
Concentração de aves aquáticas pernaltas (Egretta thula) e aves aquáticas mergulhadoras (*Phalacrocorax brasilianus*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101 no município de Imbituba, seguir na direção sudoeste em direção à Rodovia SC-435. A via de terra batida Rua São Sebastião tem acesso direto à Praia do Porto. Seguir por via marítima até a Ilha do Batuta.
Ilha próxima à Praia do Luz.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

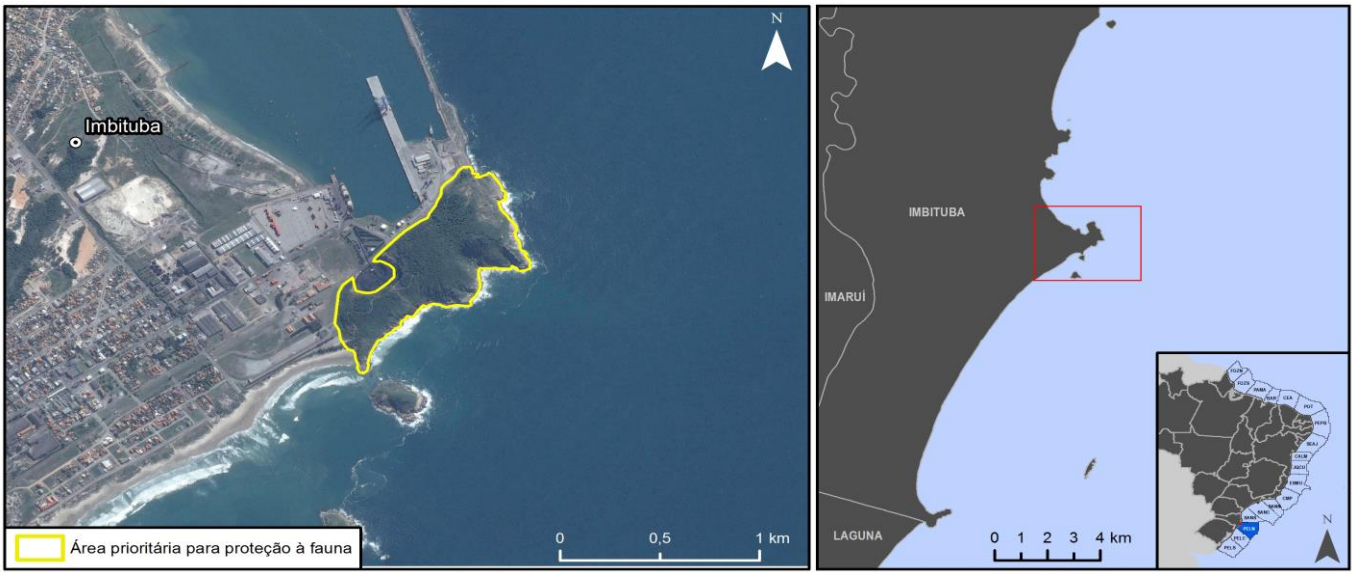
MORRO DO FAROL (PRAIA DA VILA)

Imbituba (SC)

28° 14' 3.83"S/ 48° 38' 59.10"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de pequenos arroios ao longo da praia.
A porção norte da praia é caracterizada pela presença da ponta de Imbituba, ambiente de depósito de tálus.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Endemismo de espécie prioritária de répteis (*Tropidurus imbituba*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101 no município de Imbituba, seguir na direção sudoeste em direção à Rodovia SC-435 (Avenida Renato Ramos Silva). Seguir até a Rua Manoel Florentino Machado até à Praia da Vila.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

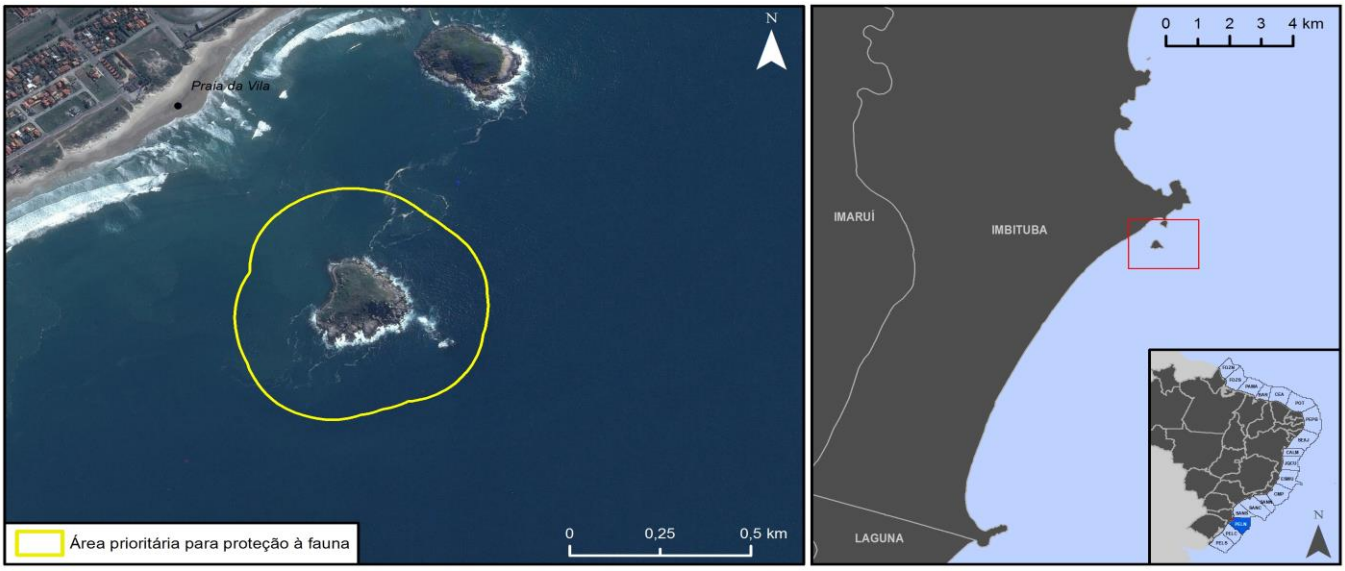
ILHA SANTANA DE FORA

Imbituba (SC)

28° 14' 53.24"S/ 48° 39' 15.09"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha. Caracterizada por rochas (depósito de tálus).
Sua porção sul é caracterizada por costão rochoso de declividade média.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101, no município de Laguna, seguir a Av. Calistrato Müler Sáles e Av. Eng. Colombo Sales até a Rua Fundos da Balsa, em direção ao atracadouro no Rio Tubarão. Seguir por via marítima até a Ilha de Santana de Fora.
Ilha próxima à Praia da Vila.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

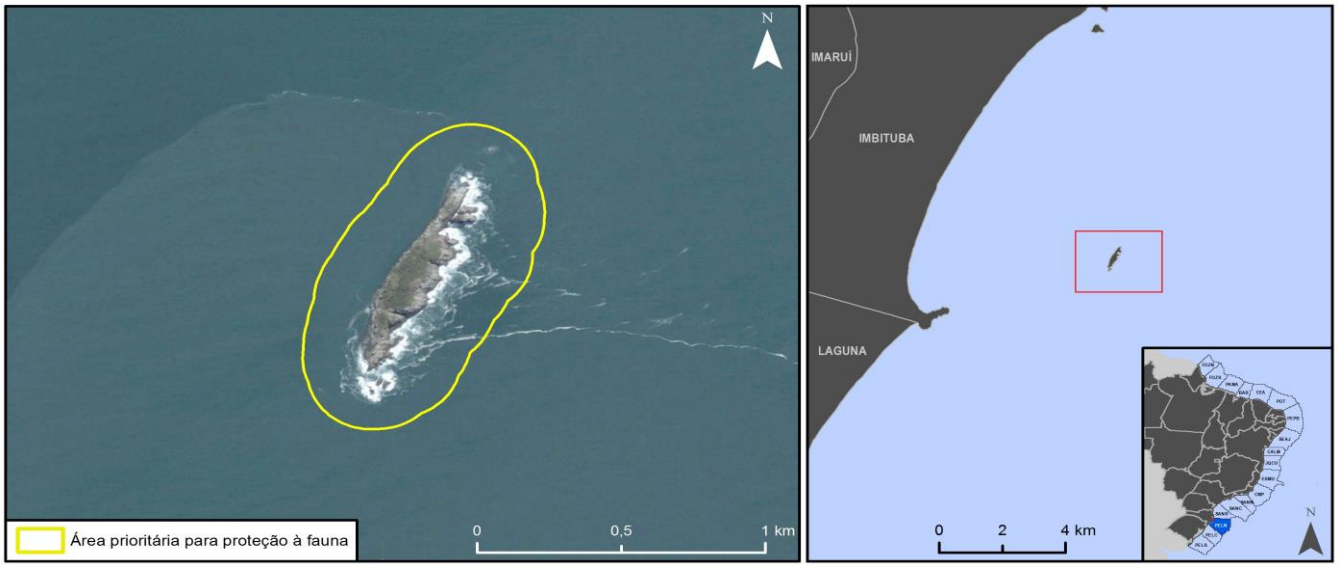
ILHA DAS ARARAS

Imbituba (SC)

28° 19' 17.12"S/ 48° 38' 53.99"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha.
Caracterizada por costão rochoso de declividade alta. Sua porção norte é composta por costão rochoso de declividade média. A face oeste da ilha é caracterizada por rochas (depósitos de tálus).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus e Sterna hirundinacea*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101, no município de Laguna, seguir a Av. Calistrato Müler Sáles e Av. Eng. Colombo Sales até a Rua Fundos da Balsa, em direção ao atracadouro no Rio Tubarão. Seguir por via marítima até a Ilha das Araras.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

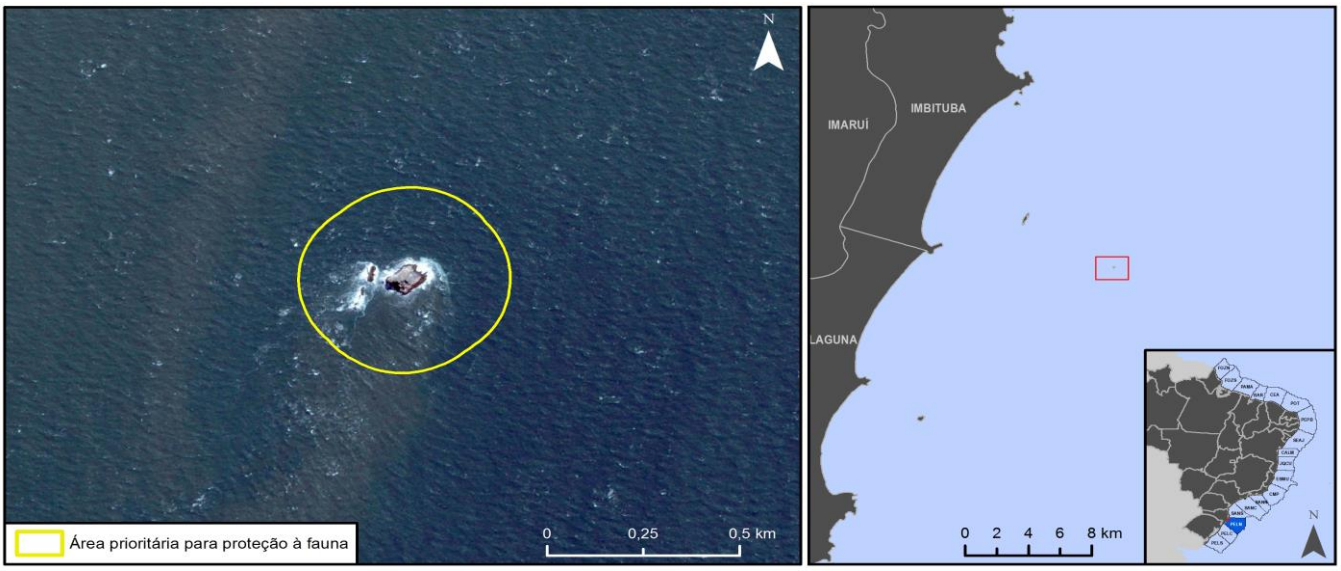
ILHA TACAMI

Imbituba (SC)

28° 21' 6.67"S/ 48° 36' 3.21"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha Tacami é caracterizada por costão rochoso de declividade alta.
Presença de dois afloramentos rochosos ao oeste da ilha principal caracterizados por costão rochoso liso de declividade média.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) .
Concentração de aves marinhas costeiras (*Sterna hirundinacea*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101, no município de Laguna, seguir a Av. Calistrato Müler Sáles e Av. Eng. Colombo Sales até a Rua Fundos da Balsa, em direção ao atracadouro no Rio Tubarão. Seguir por via marítima até a Ilha Tacami.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

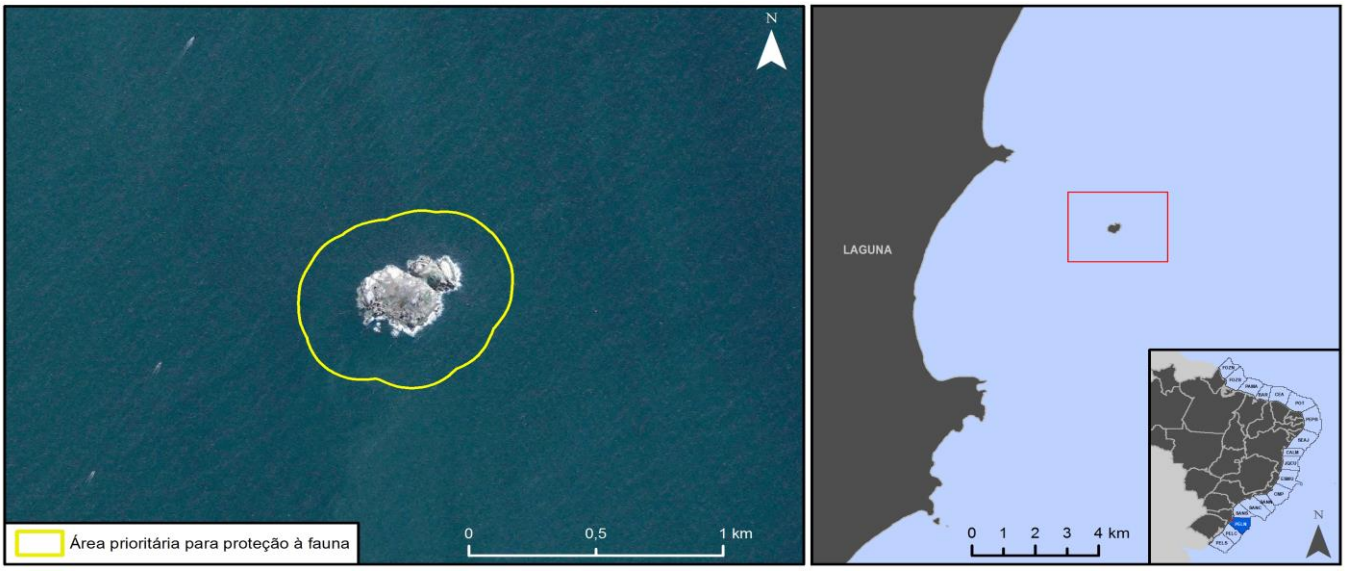
ILHA DOS LOBOS

Laguna (SC)

28° 26' 49.61"S/48° 42' 32.06"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Presença de vegetação na porção superior da ilha. É caracterizada por costão rochoso e rochas (depósito de tálus).
A Ilha está sob a dominío da Marinha do Brasil.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus*) e aves aquáticas pernaltas (*Nycticorax Nycticorax*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia Federal BR-101, no município de Laguna, seguir a Av. Calistrato Müler Sáles e Av. Eng. Colombo Sales até Rua Fundos da Balsa, em direção ao atracadouro no Rio Tubarão. Seguir por via marítima até a Ilha dos Lobos.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

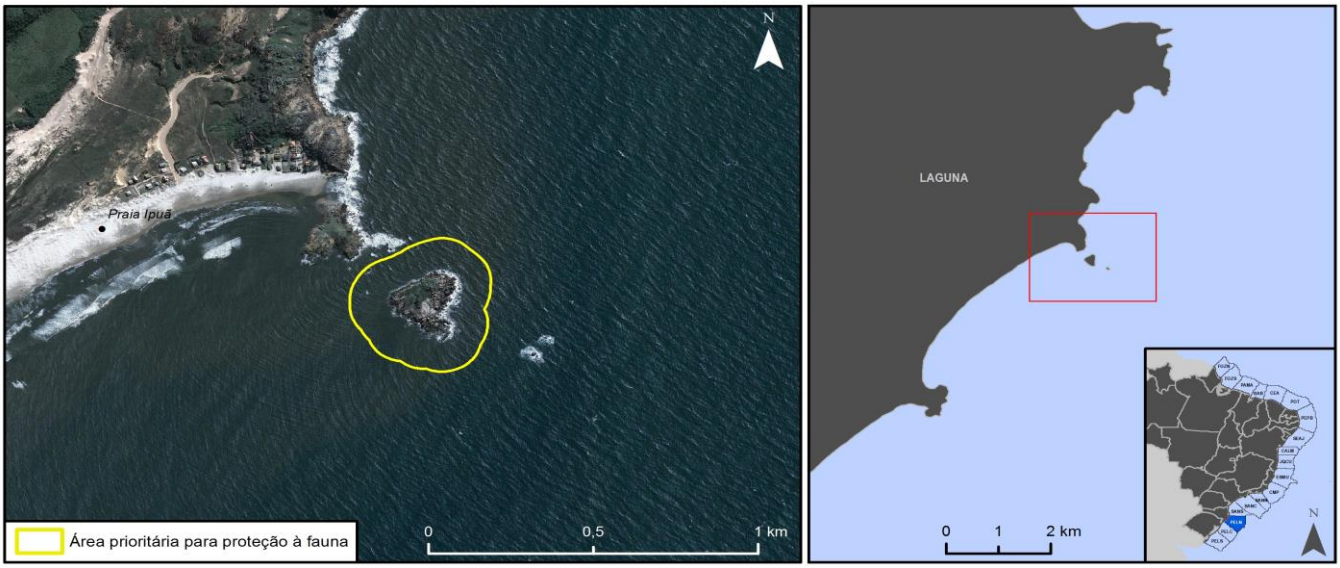
ILHA MARTA PEQUENO (ILHOTA DA GALHETA)

Laguna (SC)

28° 32' 22.19"S/ 48° 45' 33.32"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Norte (PELN)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha Marta Pequeno apresenta vegetação em sua porção superior.
É caracterizada pela presença de costão rochoso e rochas (depósito de tálus).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução de aves aquáticas pernaltas (*Nycticorax nycticorax, Egretta thula, Egretta caerulea*), aves limícolas (*Haematopus palliatus*) e aves marinhas costeiras (*Larus dominicanus, Sterna hirundinacea)* .

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (uso sustentável, esfera federal, Decreto S/N de 14 de setembro de 2000) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da Rodovia BR-101 na altura do município de Jaguaruna, seguir pela SC-487. Acessar a via não pavimentada Estrada Ipuã, via que dá acesso a Praia Ipuã.
A ilha localiza-se ao norte da Praia Ipuã.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

1.3 Rio Grande do Sul

A **Tabela 3** apresenta os principais dados sobre as 02 (duas) localidades identificadas no estado do Rio Grande do Sul consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF

Tabela 3: Informações sobre localidades no Rio Grande do Sul consideradas prioritárias para proteção de fauna na área de interesse deste PPAF (Fonte: Adaptado de IBP, 2016).

Localidade	Município	Unidade de Conservação	ISL*	Justificativa de Priorização	# Mapa**
Refúgio da Vida Silvestre da Ilha dos Lobos	Torres	Refúgio da Vida Silvestre da Ilha dos Lobos	2	Elevada concentração de pinípedes (leão-marinho - *Otaria flavescens*) e lobo-marinho-do-sul - *Arctocephalus australis*).	06
Parque Nacional da Lagoa do Peixe	Tavares e Mostardas	Parque Nacional da Lagoa do Peixe	3, 9 e 10	Reprodução e concentração de aves limícolas *(Charadrius falklandicus)* e de anseriformes *(Cygnus melanocoryphus e Coscoroba coscoroba).* Concentração de aves aquáticas mergulhadoras *(Rollandia rolland)*, aves aquáticas pernaltas *(Ardea cocoi, Ardea alba, Bubulcus ibis, Egretta thula, Phimosus infuscatus, Plegadis chihi, Phoenicopterus chilensis, Phoenicoparrus andinus)*, aves de rapina *(Caracara plancus, Mivalgo chimachima, Circus cinereus)*, anseriformes (*Callonetta leucophrys, Amazonetta brasiliensis, Anas flavirostris, Anas georgica, Anas versicolor, Anas platalea, Dendrocygna viduata, Dendrocygna bicolor, Netta peposaca),* aves limícolas *(Nycticryphes semicollaris, Haematopus palliatus, Himantopus himantopus, Vanellus chilensis, Pluvialis dominica, Pluvialis squatarola, Charadrius collaris, Charadrius modestus, Oreopholus ruficollis, Limosa haemastica, Tringa melanoleuca, Tringa flavipes, Arenaria interpres, Gallinago paraguaiae, Calidris alba, Calidris fuscicollis, Calidris himantopus),* aves marinhas costeiras *(Tryngites subruficollis, Larus dominicanus, Chroicocephalus maculipennis, Phaetusa simplex, Gelochelidon nilotica, Sterna hirundinacea, Sterna hirundo, Sterna trudeaui, Thalasseus maximus, Thalasseus acuflavidus, Rynchops niger, Sternula supercilliaris).*	06

Notas:
* Índice de Sensibilidade do Litoral.
** Mapas de vulnerabilidade ambiental (fauna) são apresentados no **APÊNDICE 1.**

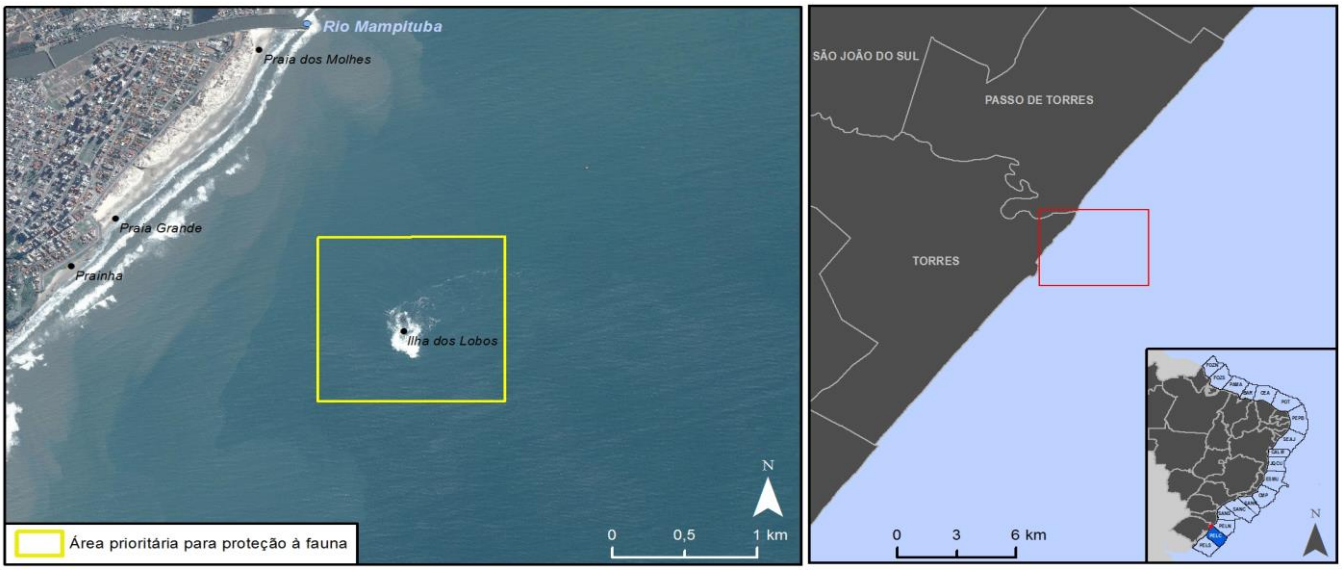
REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE DA ILHA DOS LOBOS

Torres (RS)

29°20'45.92"S/ 49°42'14.33"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Sul (PELS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Ilha dos Lobos é caracterizada pela presença afloramento rochoso.
A Ilha possui cerca de 17.000 m² e está localizada a menos de 2 km da costa de Torres.

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Elevada concentração de pinípedes (leão-marinho - *Otaria flavescens*) e lobo-marinho-do-sul - *Arctocephalus australis*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção da unidade de conservação: Refúgio da Vida Silvestre da Ilha dos Lobos (proteção integral, esfera federal, Decreto nº s/n, de 04 de julho de 2005).

ACESSO E LOGÍSTICA

A partir da BR-101 na altura do município de Torres, seguir em direção ao centro de Torres. Seguir pela Avenida Beira Mar em direção aos molhes, no atracadouro localizado no Rio Mampituba. Seguir por via marítima até a Ilha dos Lobos.
O acesso à ilha pode ser realizado através de outros pontos de embarque.

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
Deve-se navegar com extrema cautela pelas áreas de concentração de pinípedes de forma a evitar lesões traumáticas nos animais devido à colisão com embarcações ou seus motores. Caso algum individuo se aproxime ativamente, as embarcações devem reduzir sua velocidade.
Para as operações em ilhas, é recomendado atenção às condições do mar para que o deslocamento e a ancoragem sejam realizados de forma segura.
Deve-se estimar previamente a quantidade necessária de suprimentos e equipamentos a serem levados para a ilha, considerando a infraestrutura disponível, bem como a oferta de bens e serviços nesses ambientes.
Deve-se inspecionar previamente a embarcação e os materiais levados a bordo, para verificar a eventual presença de fauna e flora, evitando assim a introdução acidental de espécies invasoras nos ambientes insulares.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

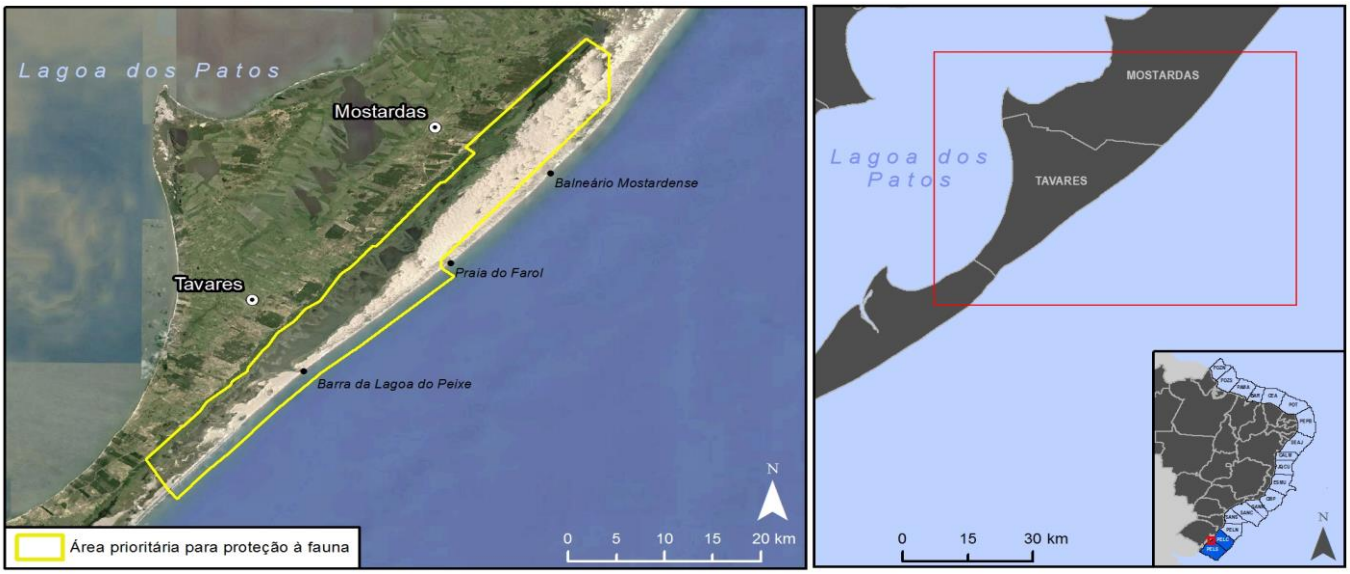
PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE

Tavares e Mostardas (RS)

31°14'59.71"S/ 50°57'23.13"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Sul (PELS)



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Localidade composta por mata de restinga, banhados, campos de dunas, lagoas de água doce e salobra, além de praias e uma área marinha.
Lista de Espécies Ameaçadas protegidas nesta Unidade de Conservação segundo o ICMBio: Gavião-cinza - *Circus cinereus* ; Gaivota-de-rabo-preto - *Larus atlanticus* ; Sanã-cinza - *Porzana spiloptera* ; Trinta-réis-real - *Thalasseus maximus* .
Esta região apresenta importância para conservação de aves (Important Bird Area - IBA - Area BR228).

JUSTIFICATIVA DE PRIORIZAÇÃO PARA PROTEÇÃO À FAUNA

Reprodução e concentração de aves limícolas (*Charadrius falklandicus*) e de anseriformes (*Cygnus melanocoryphus e Coscoroba coscoroba)* .
Concentração de aves aquáticas mergulhadoras (*Rollandia rolland*), aves aquáticas pernaltas (*Ardea cocoi, Ardea alba, Bubulcus ibis, Egretta thula, Phimosus infuscatus, Plegadis chihi, Phoenicopterus chilensis, Phoenicoparrus andinus*), aves de rapina (*Caracara plancus, Mivalgo chimachima, Circus cinereus*), anseriformes (*Callonetta leucophrys, Amazonetta brasiliensis, Anas flavirostris, Anas georgica, Anas versicolor, Anas platalea, Dendrocygna viduata, Dendrocygna bicolor, Netta peposaca*), aves limícolas (*Nycticryphes semicollaris, Haematopus palliatus, Himantopus himantopus, Vanellus chilensis, Pluvialis dominica, Pluvialis squatarola, Charadrius collaris, Charadrius modestus, Oreopholus ruficollis, Limosa haemastica, Tringa melanoleuca, Tringa flavipes, Arenaria interpres, Gallinago paraguaiae, Calidris alba, Calidris fuscicollis, Calidris himantopus*), aves marinhas costeiras (T*ryngites subruficollis, Larus dominicanus, Chroicocephalus maculipennis, Phaetusa simplex, Gelochelidon nilotica, Sterna hirundinacea, Sterna hirundo, Sterna trudeaui, Thalasseus maximus, Thalasseus acuflavidus, Rynchops niger, Sternula supercilliaris*).

PROTEÇÃO LEGAL

A localidade está sob proteção das unidades de conservação: Parque Nacional da Lagoa do Peixe (proteção integral, esfera federal, Decreto nº 93.546 de 6 de novembro de 1986) e da RESOLUÇÃO CONAMA 303/2002, por ser classificada como Área de Preservação Permanente.

ACESSO E LOGÍSTICA

Acesso pelo Sul: BR-392 até a cidade de Rio Grande com posterior travessia do canal da barra da Lagoa dos Patos, por meio de balsa, em direção ao município de São José do Norte. A partir deste ponto duas alternativas são utilizadas conforme as condições de trafegabilidade: pela BR-101 (não asfaltada neste trecho) ou pela faixa de praia a partir do balneário do Mar Grosso (pode ser impedido pela ação do vento e da variação de marés).
Acesso pelo Norte: o acesso ocorre pela BR-101 (trecho com asfaltamento concluído), via município de Capivari, distante 55 km de Porto Alegre. O percurso de Capivari até a cidade de Mostardas (possui pequena pista de pouso para aviões monomotores) é de cerca de 125 km.

PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE

Tavares e Mostardas (RS)

31°14'59.71"S/ 50°57'23.13"O (Datum: SIRGAS2000)

UNIDADE GEOGRÁFICA

Pelotas - Sul (PELS)

PARTICULARIDADES RELEVANTES PARA EQUIPES DE FAUNA

É fundamental que a equipe de resposta consulte as entidades ambientais competentes, previamente ao uso de técnicas visuais e auditivas para afugentamento e dispersão de fauna. O mesmo se aplica para estratégias de realocação de ninhos e de indivíduos/populações de sua área de ocorrência para outra.
É indicada uma avaliação prévia da variação de maré da região ao se realizar operações em ambientes de planície de maré. Devem ser observados os horários dos picos de maré (alta e baixa) e sua amplitude média, de forma a determinar as janelas de oportunidade de trabalho das equipes em campo.

Fonte: Aiuká / Witt|O'Brien's Brasil, 2016

ANEXO 1 – METODOLOGIA DO PROJETO DE PROTEÇÃO À FAUNA DO MAREM

Metodologia do Projeto de Proteção à Fauna

1. APRESENTAÇÃO

Para desenvolvimento de um Plano de Proteção à Fauna operacional, com informações relevantes para tomadas de decisão durante um eventual derramamento de óleo no mar, é de suma importância ampliar o conhecimento das espécies e das áreas prioritárias de preservação presentes na região vulnerável ao óleo derramado. Com essas informações é possível realizar um planejamento eficaz no que se refere à organização geográfica das instalações de atendimento à fauna e à seleção das estratégias de proteção a serem consideradas.

Por meio do acordo de cooperação técnica entre o IBP e o IBAMA, celebrado em 2013, as empresas associadas ao IBP, através do Projeto de Proteção à Fauna, estão responsáveis pela elaboração do diagnóstico de fauna para o litoral brasileiro, em contribuição ao Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE- Fauna). Este plano nacional subsidiará as ações de preparação e resposta aos derramamentos de significância nacional.

O Projeto de Proteção à Fauna realizou um amplo trabalho de pesquisa bibliográfica a respeito das espécies e áreas de ocorrência de avifauna, mastofauna e herpetofauna no âmbito nacional, de forma a consolidar e padronizar o conhecimento científico existente em um único banco de dados em Sistema de Informação Geográfica (*Geographic Information System – GIS*).

Diante da variação entre os padrões ou normas comumente adotados pela comunidade científica e instituições de pesquisa, o grupo de empresas do IBP e os demais atores envolvidos (Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais, Witt|O'Brien's Brasil, e especialistas em fauna contratados) conduziram um processo de discussão para definição das premissas, rotinas, normas, procedimentos e instruções para equipes envolvidas no mapeamento, de forma a estabelecer padrões de planejamento, execução e controle de qualidade, evitando desvios metodológicos que comprometam este estudo.

Vale ressaltar que o Projeto de Proteção à Fauna, de abrangência nacional, se orientou pelas diretrizes da CGPEG/DILIQ/IBAMA, dispostas no documento intitulado "Orientações para Plano de Proteção à Fauna" (IBAMA, 2015), adaptando a nomenclatura e o formato de apresentação dos dados, de forma a tornar o produto mais operacional para equipes de resposta à fauna e condizente com o nível de detalhamento disponível no Brasil.

A metodologia deste projeto foi apresentada, discutida e validada durante reunião técnica com representantes do PAE Fauna, realizada em Brasília no dia 27 de fevereiro de 2015, contando com as presenças de representantes da CGEMA e ICMBio. Com o mesmo intuito, foi realizada uma reunião técnica com a Coordenação Geral de Petróleo e Gás – CGPEG/DILIC/IBAMA, no dia 01 de junho de 2015 no Rio de Janeiro.

1.1. EQUIPE

O Projeto de Proteção à Fauna é executado pelo consórcio composto pela Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais Ltda. (Aiuká) e pela Witt|O'Brien's Brasil (WOB) (**Figura 1**), contando com o apoio de pesquisadores de universidades e organizações não-governamentais nacionais e internacionais. É importante destacar o histórico e as elevadas qualificações acadêmicas dos profissionais envolvidos nesta equipe, sendo considerados referências nacionais e mundiais em temas de biologia e conservação da fauna brasileira (**Tabela 1**).

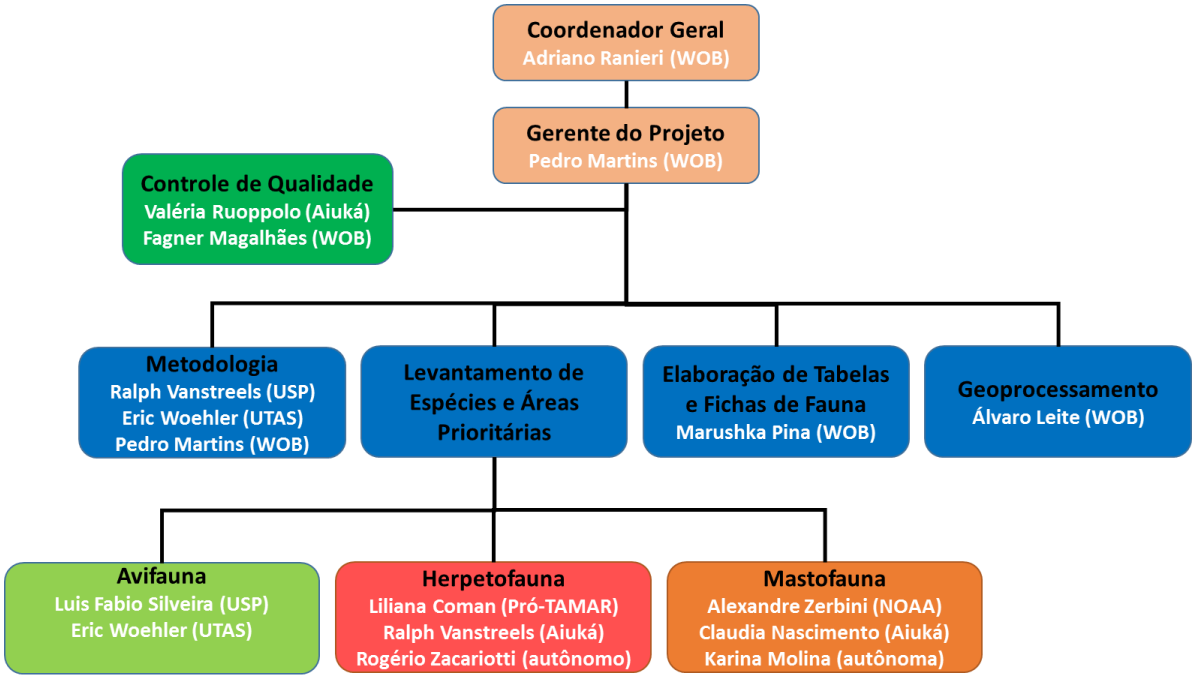


Figura 1. Organograma da equipe principal executora do Projeto de Proteção à Fauna.

Tabela 1. Sumário das qualificações profissionais da equipe envolvida no Projeto de Proteção à Fauna.

Profissional	Formação	Currículo Lattes*
Adriano Ranieri	Engenheiro químico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-graduado em Engenharia do Petróleo pela PUC-Rio e em Gestão de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Diretor de operações da Witt|O'Brien's Brasil.	8250191236410820
Alexandre N. Zerbini	Oceanógrafo pela Fundação Universidade do Rio Grande do Sul (FURGS), mestre em Zoologia pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Ciências Aquáticas e da Pesca pela *University of Washington* (UW). Coordenador científico do Instituto Aqualie, professor associado do *National Marine Mammal Laboratory / National Oceanic and Atmospheric Administration* (NMML-NOAA) e do *Cascadia Research Collective* (CRC), atuando também como membro do *Cetacean Specialist Group* da *World Conservation Union* (IUCN-CSG), do Comitê Científico da *International Whaling Commission* (IWC) do *River Dolphins Advisory Committee do World Wildlife Fund* (WWF).	3384930091715913
Álvaro Leite	Geógrafo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em sistemas de informação geográfica da Witt|O'Brien's Brasil.	-

Tabela 1. Sumário das qualificações profissionais da equipe envolvida no Projeto de Proteção à Fauna.

Profissional	Formação	Currículo Lattes*
Claudia C. Nascimento	Médica Veterinária pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus de Botucatu (UNESP Botucatu), mestre em Reprodução Animal pela Universidade de São Paulo (USP). Diretora da Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais.	7039255494571722
Eric J. Woehler	Zoólogo pela *Univeristy of Tasmania* (UTas), doutor em Ciências Biológicas, Ecologia e Biologia Evolutiva pela *University of California Irnvine* (UC Irvine). Pesquisador associado do *Institute of Marine and Antarctic Studies da University of Tasmania* (IMAS-UTas), atuando também como coordenador do *BirdLife* Tasmania.	-
Fagner Magalhães	Biólogo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pós-graduado em Gestão de Projetos pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC). Gerente de projetos da Witt|O'Brien's Brasil.	0728367470385105
Karina T. Molina	Bióloga pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), pós-graduada em Manejo e Conservação da Fauna Silvestre pela Universidade de Santo Amaro (UNISA).	0797986807029972
Liliana Colman	Bióloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Conservação e Biodiversidade pela *University of Exeter* (EXETER). Doutoranda em Ecologia pela *University of Exeter* (EXETER), atua também como colaboradora da Fundação Pró-TAMAR.	3135340120314820
Luís Fábio Silveira	Biólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), mestre e doutor em Zoologia pela Universidade de São Paulo (USP). Curador das Coleções Ornitológicas do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZ-USP) e professor colaborador no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP). Atua também como membro do *Galliformes Specialist Group* da *World Conservation Unit* (IUCN-GSG), membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO), pesquisador associado da *World Pheasant Association* (WPA-UK), presidente da Comissão de Pós-graduação e chefe da Seção de Vertebrados do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZ-USP), membro do Conselho Superior da Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP) e membro indicado pelo Ministério do Meio Ambiente junto ao Conselho Nacional de Controle da Experimentação Animal (CONCEA).	5263574197578953

Tabela 1. Sumário das qualificações profissionais da equipe envolvida no Projeto de Proteção à Fauna.

Profissional	Formação	Currículo Lattes*
Marushka Pina	Geógrafa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-graduada em Auditoria e Perícia Ambiental pela Universidade Gama Filho (UGF). Analista ambiental da Witt|O'Brien's Brasil.	4674843300542682
Pedro Martins	Oceanógrafo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduado em Gestão de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e em Gestão Executiva em Meio Ambiente pela Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE-UFRJ). Gerente de projetos da Witt|O'Brien's Brasil.	1165288745105645
Ralph E. T. Vanstreels	Médico Veterinário e doutor em Patologia Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorando do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP).	3696722682264014
Rogério Zacariotti	Médico Veterinário pela Universidade Paulista (UNIP), residência médica pelo Instituto Butantan, mestre e doutor em Reprodução Animal pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) e pesquisador associado da Divisão de Fisiologia da Reprodução do *San Diego Zoo Institute for Conservation Research* (SDZ-ICR).	6211426815477930
Valeria Ruoppolo	Médica Veterinária pela Universidade Paulista (UNIP), mestre e doutoranda em Patologia Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Diretora da Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais.	9649551733489946

* O Currículo Lattes pode ser acessado pelo endereço eletrônico http://lattes.cnpq.br/#, em que # é substituído pelo número apresentado na tabela.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia utilizada para a elaboração do Projeto de Proteção à Fauna baseou-se na minuciosa revisão das informações disponíveis na literatura científica nacional e internacional, na compilação e análise crítica dos dados de campo obtidos em projetos de levantamento e monitoramento de fauna em atividades anteriores das empresas participantes, e nas décadas de experiência de campo acumulada pelos profissionais responsáveis pela execução do projeto. Na interpretação dos dados, foi dada preferência às informações consolidadas e consideradas consenso pela comunidade científica, de modo que os dados apresentados podem ser verificados e discutidos de forma técnica e objetiva.

Sempre que possível, foram priorizados dados que haviam sido previamente revisados e compilados em documentos oficiais pelo governo brasileiro ou por organizações científicas e conservacionistas internacionalmente reconhecidas, como a *BirdLife International*, a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), a Sociedade Brasileira de Herpetologia, entre outros.

No entanto, por se tratarem de aspectos biológicos, é natural que exista uma variação natural no ocorrência, distribuição e comportamento da fauna considerados neste projeto, e é certo que estudos científicos futuros podem levar à necessidade de complementação ou correção de algumas das informações apresentadas. Mesmo assim, a abordagem técnico-científica utilizada é consistente com os padrões internacionais de investigação científica, e assegura que os dados apresentados são os melhores disponíveis para a comunidade científica e conservacionista na atualidade.

É importante salientar que a metodologia proposta neste projeto foi preparada de modo consistente com as abordagens adotadas internacionalmente no mapeamento de recursos faunísticos vulneráveis ao óleo, conforme preconizado pela International *Petroleum Industry Environmental Conservation Association* (IPIECA, 1994, 2004, 2012, 2015), pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2002, 2007) e incorporando e expandindo a experiência de outros países (Tortell, 1992; Baker et al., 1995; Camphuysen & Heubeck, 2001; Zengel et al., 2001).

Para sua validação, além da apresentação e discussão junto a representantes do IBAMA e do IBP, a metodologia do Projeto de Proteção à Fauna foi apresentada na plenária de abertura da 12ª. Conferência de Efeitos do Óleo em Animais Selvagens (*12th Effects of Oil on Wildlife Conference*), que ocorreu em 18 a 22 de maio de 2015 em Anchorage, Alasca. Trata-se da maior conferência internacional sobre o tema, com participantes de todo o mundo especializados na proteção e resposta à fauna em incidentes envolvendo o derramamento de óleo. A metodologia do mapeamento foi amplamente discutida pelos participantes visando sua consolidação e implementação também em outros países.

2.1. DIVISÃO GEOGRÁFICA

Devido à enorme extensão da linha de costa brasileira, com quase 7500 km, é imperativo que o litoral brasileiro seja subdividido em unidades geográficas para o escopo deste projeto. A divisão geográfica utilizada baseou-se na integração de três aspectos críticos para a resposta à fauna oleada em derramamentos de óleo: (1) biogeografia das espécies marinhas, costeiras e fluviais, (2) organização política e administrativa, e (3) organização operacional das atividades de exploração de óleo e gás.

Biogeografia é o estudo da distribuição das espécies no espaço e no tempo. Em outras palavras, as espécies de flora e fauna estão distribuídas no ambiente seguindo padrões complexos, mas que podem ser estudados. O Projeto de Proteção à Fauna adotou três referências internacionalmente reconhecidas como as mais relevantes classificações dos biomas e eco-regiões para ambientes terrestres (Olson et al., 2001), marinhos e costeiros (Spalding et al., 2007) e fluviais (Abell et al., 2008). Estas classificações biogeográficas do território brasileiro foram interpretadas juntamente com a divisão do Brasil em municípios, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). As atividades de exploração de petróleo na Zona Econômica Exclusiva (ZEE) do Brasil são organizadas segundo uma divisão padronizada de bacias sedimentares definida pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP, 2014), de modo que este aspecto geográfico também foi considerado neste projeto.

Como resultado destas informações, o Projeto de Proteção à Fauna considera a costa brasileira sendo dividida em 18 unidades geográficas, conforme representado na **Figura 2**.

Estas unidades geográficas receberam nomes segundo as bacias sedimentares representadas, e também podem ser referidas pelas seguintes abreviações:

- FOZN (Foz do Amazonas Norte)
- FOZS (Foz do Amazonas Sul)
- PAMA (Pará-Maranhão)
- BAR (Barreirinhas)
- CEA (Ceará)
- POT (Potiguar)
- PEPB (Pernambuco-Paraíba)
- SEAJ (Sergipe-Alagoas-Jacuípe)
- CALM (Camamu-Almada)
- JQCU (Jequitinhonha-Cumuruxatiba)
- ESMU (Espírito Santo-Mucuri)
- CMP (Campos)
- SANN (Santos Norte)
- SANC (Santos Centro)
- SANS (Santos Sul)
- PELN (Pelotas Norte)
- PELC (Pelotas Centro)
- PELS (Pelotas Sul)

É digno de nota que embora também constituam parte do território brasileiro, os arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo, a ilha de Trindade e o Atol das Rocas não foram incluídos neste projeto pois as análises de modelagem hidrodinâmica de transporte de óleo indicam que estas áreas não seriam afetadas em nenhum cenário de derramamento relacionado às operações de óleo e gás na costa brasileira.

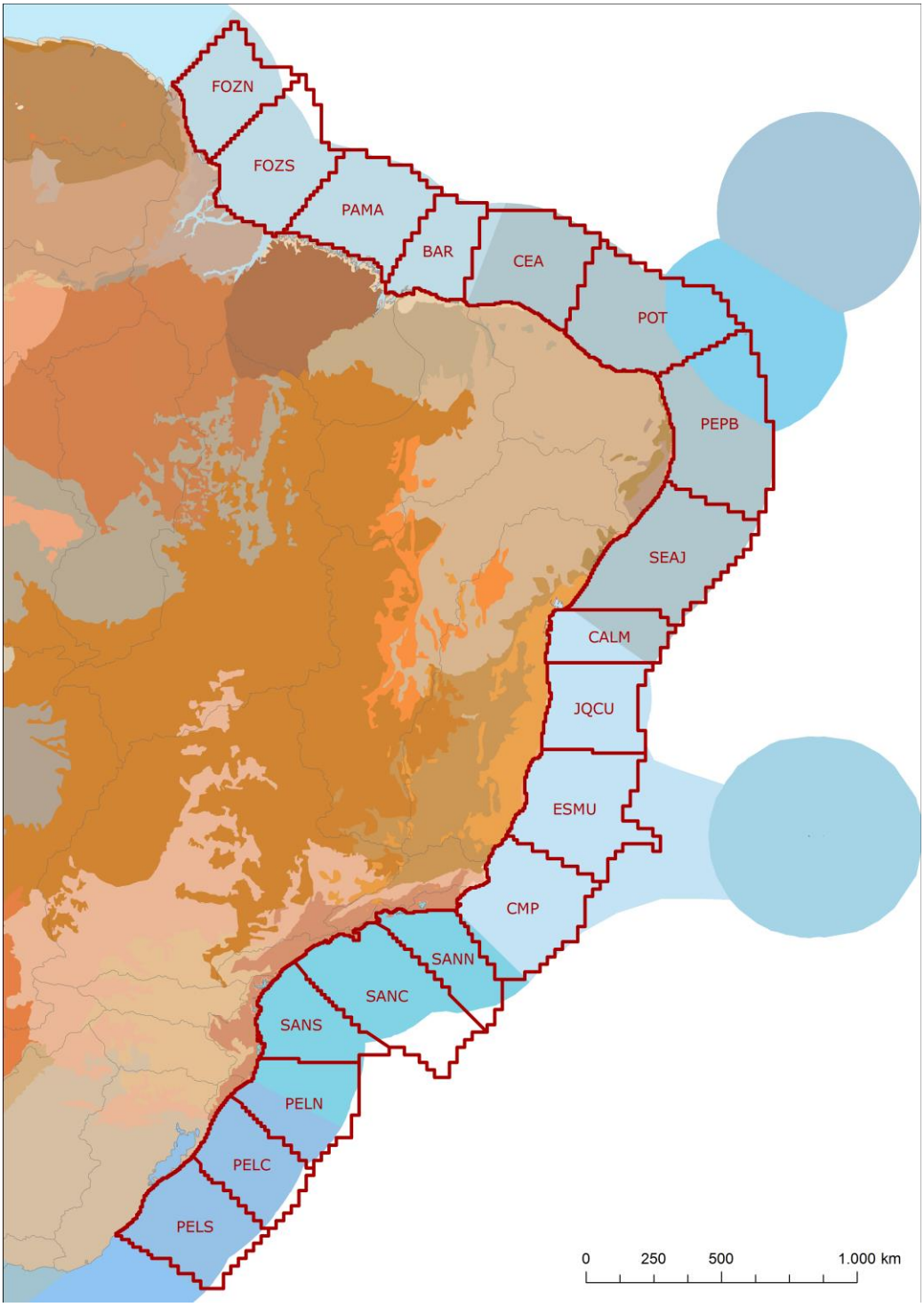


Figura 2. Divisão da costa brasileira em 18 unidades geográficas (polígonos com linha vermelha), juntamente com a representação das ecorregiões terrestres (tonalidades amarronzadas na região continental), fluviais (linhas cinzas na região continental) e costeiras (tonalidades azuladas na região oceânica)

2.2. DIVISÃO BIOLÓGICA

A riqueza biológica do território brasileiro é imensa, e também constitui um importante desafio para o Projeto de Proteção à Fauna. O Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo, com cerca de 9.5% das espécies animais do planeta (Lewinsohn & Prado, 2005).

A unidade biológica tradicionalmente utilizada em estudos científicos é a espécie. A definição precisa do que constitui uma espécie pode variar de acordo com o organismo considerado, mas de modo geral para vertebrados considera-se que uma espécie é um grupo de indivíduos que compartilha características morfológicas e genéticas e em que a reprodução leva à produção de progênie fértil. O conceito de espécie é foco de intensa controvérsia e debate (Mallet, 1995), porém suficientemente sólido para ser útil para fins de estabelecimento de políticas e estratégias de conservação e proteção da fauna, embora em casos excepcionais os conceitos de subespécie e populações também possam ser utilizados (Ryder, 1986).

Devido às permanentes discordâncias e debates acerca da classificação taxonômica, a classificação das espécies sofre frequente reorganização, com algumas espécies sendo reconhecidas e outras perdendo seu reconhecimento todos os anos. Por conta disso, é difícil definir quantas espécies existem no país e qual a nomenclatura adequada para estas espécies, pois esta é uma classificação que está em constante evolução. Esta mutabilidade pode dificultar um projeto de escopo operacional como o Projeto de Proteção à Fauna de Fauna, de modo que para assegurar a viabilidade e utilidade do projeto é essencial utilizar listas-base de espécie que sejam consideradas pela comunidade científica de amplo consenso e que sejam revisadas com periodicidade regular. Para esta finalidade, quatro referências foram utilizadas como lista de espécies a serem consideradas no projeto, tendo sido elaboradas por organizações amplamente reconhecidas no país, conforme sumarizado na **Tabela 2**.

Além da classificação taxonômica destas listas-base, em alguns casos excepcionais também foram consideradas subespécies se elas tiverem sido consideradas pelo Ministério do Meio Ambiente como unidades relevantes para as estratégias de proteção da fauna (MMA, 2014).

Tabela 2. Referências bibliográficas utilizadas como listas-base de espécies a serem analisadas no Projeto de Proteção à Fauna.

Grupo	Referência	Número de espécies
Avifauna	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2014)	1872
Herpetofauna	Sociedade Brasileira de Herpetologia (Bérnils & Costa, 2012; Segalla et al., 2014)	1770
Mastofauna	Conservação Internacional (Paglia et al., 2012)	701

3. IDENTIFICAÇÃO E PRIORIZAÇÃO DE ESPÉCIES E ÁREAS

A abordagem metodológica deste projeto baseia-se na utilização de sucessivas etapas de análise e classificação da informação, uma metodologia análoga àquela classicamente utilizada em revisões sistemáticas de literatura (Sampaio & Mancini, 2007). A racional utilizada foi de iniciar a partir de uma lista completa de todos recursos (sejam eles espécies ou localidades geográficas) a serem avaliados, compilar informações acerca destes recursos e, com base na análise crítica destas informações, submetê-las a um processo padronizado de seleção/priorização (**Figura 3**).

Para assegurar a consistência e transparência neste processo, foram utilizados fluxogramas de decisão padronizados, de modo que todas as espécies e áreas geográficas passaram pelo mesmo processo de análise, com critérios semelhantes para classificação e priorização. Uma vez determinado qual o grupo ao qual uma espécie pertence (espécie vulnerável, espécie prioritária, espécie não-vulnerável), procedeu-se à compilação mais extensa de informações biológicas pertinentes na forma de uma planilha de fauna (em que todas as espécies vulneráveis são listadas) e de fichas de fauna prioritária para proteção. Do mesmo modo, toda a costa brasileira foi avaliada e classificada (área prioritária, área relevante, área com prioridade a ser definida), e a partir desta classificação procedeu-se à compilação de informações pertinentes na forma de uma planilha de áreas (em que áreas prioritárias e relevantes são listadas) e de fichas de áreas prioritárias para proteção.

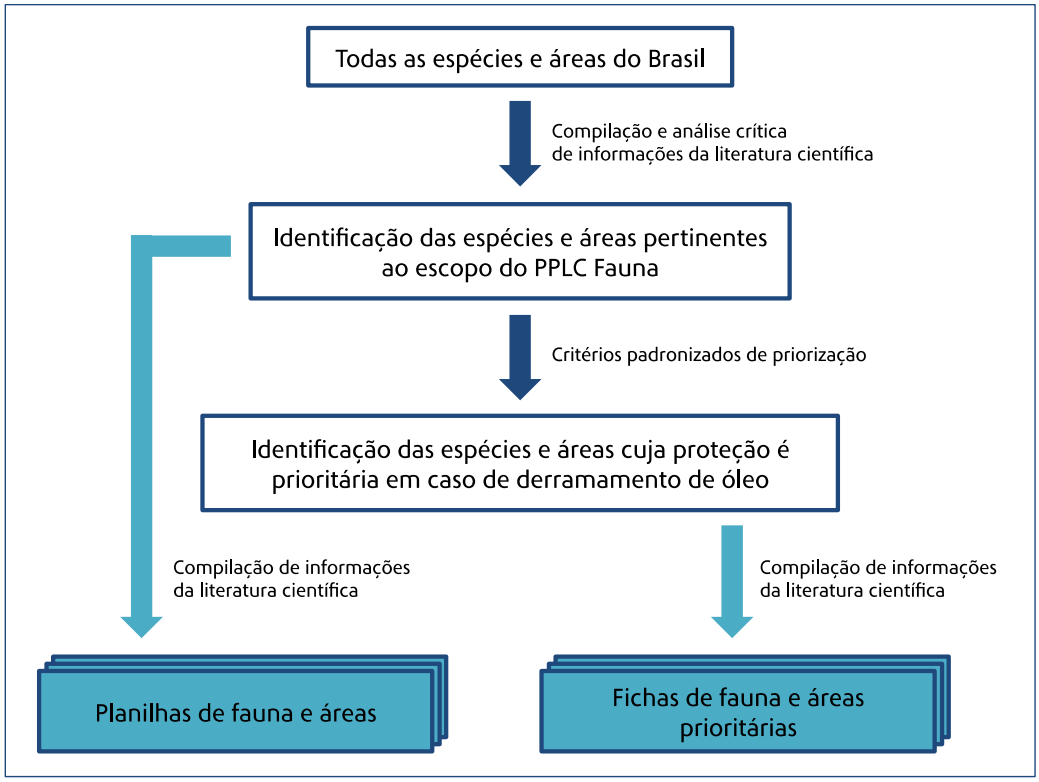


Figura 3. Metodologia geral de identificação e priorização de espécies e áreas em caso de derramamentos de petróleo na costa brasileira.

3.1. ESPÉCIES VULNERÁVEIS E PRIORITÁRIAS

Para identificar as espécies vulneráveis e prioritárias a derramamentos de petróleo na costa brasileira, foram utilizadas como ponto de partida as listas-base de espécies conforme definido por organizações nacionais amplamente reconhecidas na comunidade científica (vide seção 1.2). A seguir, foi feito um levantamento de informações da literatura para cada uma das espécies destas listas-base, identificando informações acerca da distribuição, dos hábitos de vida e do comportamento que fossem pertinentes para determinar se cada espécie era vulnerável a um derramamento de óleo na costa brasileira.

Neste sentido, por espécie vulnerável entende-se qualquer espécie que possa ser impactada de forma direta ou indireta por um derramamento de óleo na costa brasileira, ou cujo impacto das ações das equipes de resposta a um derramamento de óleo também possa ser altamente relevante para a sua conservação. Em princípio, uma espécie é considerada vulnerável se ela possuir ocorrência na região costeira do país (na Zona Econômica Exclusiva do Brasil, no contorno da costa, ou em águas salobras ou de estuário ou em áreas terrestres a até 10 km da linha de costa) e se enquadrar em um ou mais dos seguintes critérios:

A) Espécies com hábitos e comportamentos que possam resultar em exposição primária ao óleo, isto é, espécies aquáticas ou cujos comportamentos de repouso ou alimentação podem estar relacionados a ambientes aquáticos. Exemplos de espécies que se enquadram neste critério incluem a tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*), a toninha (*Pontoporia blainvillei*) e o atobá-pardo (*Sula leucogaster*).
B) Espécies com comportamentos que possam resultar em exposição secundária ao óleo, isto é, espécies que podem se alimentar de animais com hábitos aquáticos ou suas carcaças. Exemplos de espécies que se enquadram neste critério incluem o caracará (*Caracara plancus*) e o urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*).
C) Espécies que não possuem hábitos ou comportamentos que possam resultar em exposição primária ou secundária, porém que são consideradas ameaçadas, quase ameaçadas ou deficientes em dados e que, portanto, seriam particularmente vulneráveis aos impactos das atividades de resposta a um derramamento de óleo. Exemplos de espécies que se enquadram neste critério incluem a perereca-de-

Alcatrazes (*Scinax alcatraz*), o mico-leão-da-cara-preta (*Leontopithecus caissara*) e o vira-folha-cearense (*Sclerurus cearensis*).

Definida a lista de espécies vulneráveis, passou-se à etapa de identificação das espécies prioritárias para proteção. Esta identificação foi feita com critérios padronizados, utilizando como base as listagens internacional, nacional e estaduais de espécies em risco de extinção (**Tabela 3**), bem como a avaliação crítica dos hábitos e comportamentos da espécie e da sua distribuição geográfica.

Tabela 3. Autoridades e referências bibliográficas utilizadas na identificação de espécies ameaçadas de extinção no Projeto de Proteção à Fauna.

Esfera	Autoridade / Referência
Internacional	União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN, 2015)
Nacional	Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2014)
Estadual (PA)	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Pará (Aleixo, 2006)
Estadual (PB)	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS, 2015)
Estadual (ES)	Governo do Estado do Espírito Santo (ES, 2005)
Estadual (RJ)	Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Rio de Janeiro (SEMA-RJ, 1998)
Estadual (SP)	Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Bressan et al. 2009)
Estadual (PR)	Instituto Ambiental do Paraná (IAP, 2007)
Estadual (SC)	Conselho Estadual do Meio Ambiente de Santa Catarina (CONSEMA-SC, 2011)
Estadual (RS)	Governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS, 2002)

Neste sentido, por espécie prioritária entende-se uma espécie que é considerada ameaçada ou quase ameaçada de extinção ou deficiente em dados e que seria impactada de forma significativa por um derramamento de óleo ou pelas atividades de das ações e equipes de resposta. Por definição, apenas as espécies anteriormente identificadas como vulneráveis foram consideradas para esta priorização, sendo considerada prioritária uma espécie vulnerável que se enquadre em um dos seguintes critérios:

A) Espécies que apresentam comportamentos e hábitos que resultam em moderada ou elevada probabilidade de exposição primária ou secundária ao óleo e que são classificadas como ameaçadas ou quase ameaçadas de extinção ou deficientes em dados. Exemplos de espécies que se enquadram neste critério incluem a tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*), o cachalote-pigmeu (*Kogia breviceps*) e o albatroz-real (*Diomedea epomophora*).

B) Espécies que não apresentam comportamentos e hábitos que resultam em moderada ou elevada probabilidade de exposição primária ou secundária ao óleo, porém que são consideradas criticamente ameaçadas de extinção e/ou são endêmicas a uma região geográfica restrita. Exemplos de espécies que se enquadram neste critério incluem a rã-achatada-de-Alcatrazes (*Cycloramphus faustoi*), o preázinho (*Cavia intermedia*) e o macuquinho-baiano (*Eleoscytalopus psychopompus*).

Para assegurar que as espécies fossem classificadas de modo consistente e objetivo, os critérios acima descritos foram organizados na forma de um fluxograma de decisão (**Figura 4**). Este fluxograma foi aplicado de forma sistemática e homogênea a todas as espécies da lista-base, levando à sua identificação como espécies vulneráveis, prioritárias, ou não pertinentes ao escopo do projeto.

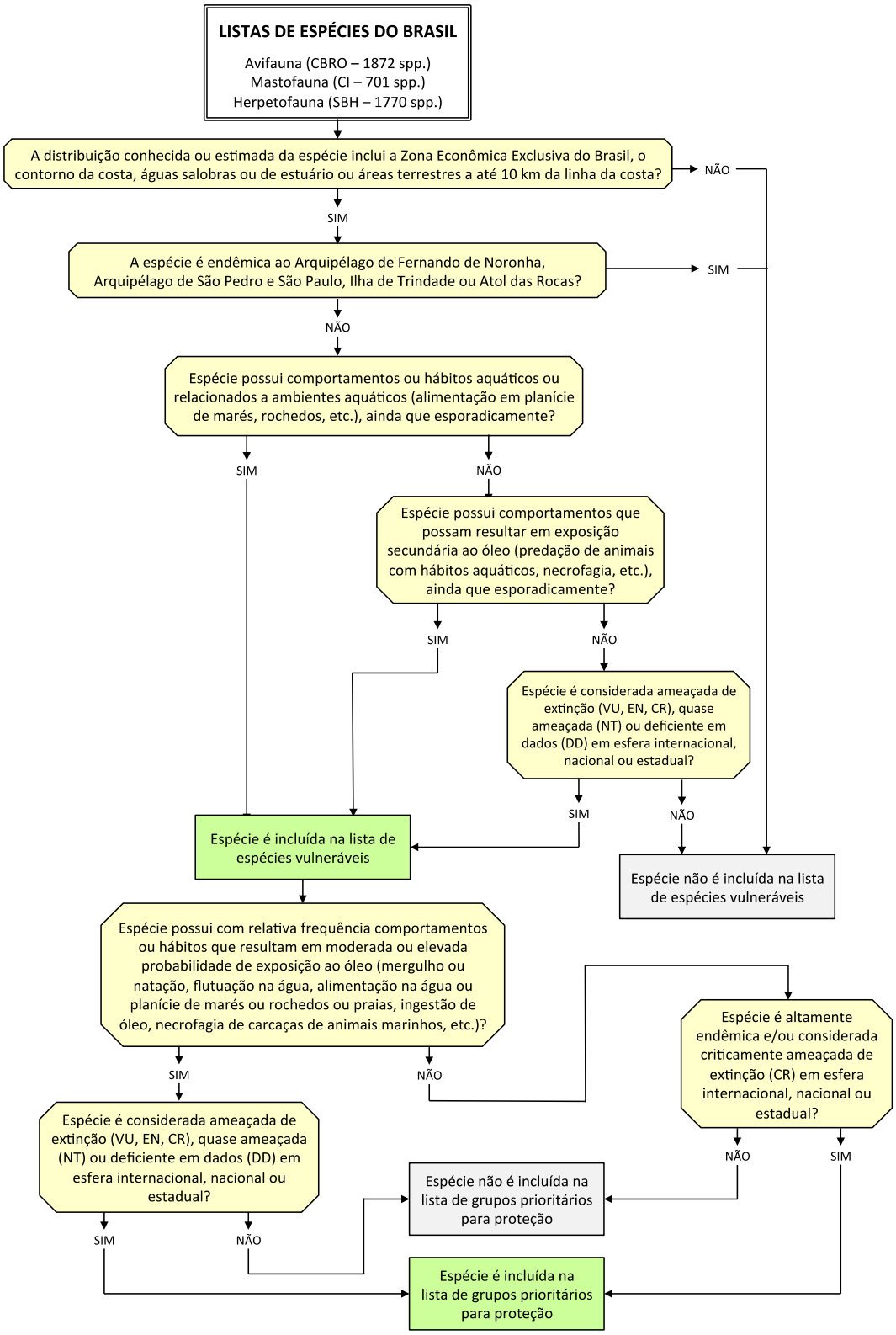


Figura 4. Fluxograma de decisão para a identificação e priorização de espécies no Projeto de Proteção à Fauna.

3.2. ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

Para identificar as áreas relevantes e prioritárias para a proteção da fauna em caso de derramamentos de óleo na costa brasileira, toda a extensão da linha de costa brasileira foi avaliada. Para o escopo deste projeto, foi considerada qualquer área de linha de costa, mangue, marisma, estuário, lagoa salina ou salobra ou outro tipo de área alagável ou com comunicação direta com o mar, assim como outras áreas a menos de 500 metros de uma área com estas características. Por meio do levantamento de informações da literatura científica acerca das áreas de repouso e reprodução das espécies, das áreas identificadas como críticas para conservação de espécies ameaçadas nos Planos Nacionais de Ação e da identificação de áreas de endemismo de fauna, cada área foi classificada como relevante, prioritária, ou de proteção a ser definida.

Por área relevante entende-se uma área que foi identificada como importante para a conservação de fauna segundo listagens nacionais ou internacionais, ou áreas que apesar de não terem sido previamente identificadas por estas listagens, mas que possuam endemismo, reprodução ou concentração de espécies ou, ainda, que apresentem características que possam resultar em elevada concentração de fauna.

Por outro lado, uma área prioritária é uma área que possui importância primária para a reprodução (incluindo nidificação, incubação, berçário e cuidado parental) e/ou de elevada concentração de fauna ou de ocorrência de espécies altamente endêmicas, isto é, é uma área que possui uma importância ainda mais significativa devido ao seu papel crítico para a proteção da fauna.

Por fim, áreas que não tenham sido classificadas relevantes ou prioritárias passam a ser consideradas áreas com prioridade de proteção a ser definida, isto é, áreas para as quais não há evidência que indique a necessidade de uma priorização particular para os recursos de proteção à fauna em caso de derramamento de óleo. É importante salientar que embora estas áreas não sejam pré-identificadas como prioritárias ou relevantes, elas ainda assim podem ser designadas como tal caso durante a resposta a um incidente de derramamento de óleo seja identificada uma concentração de fauna que necessite de proteção.

À semelhança da metodologia utilizada para a identificação das espécies vulneráveis e prioritárias, os critérios de classificação de áreas também foram organizados na forma de um fluxograma de decisão (**Figura 5**).

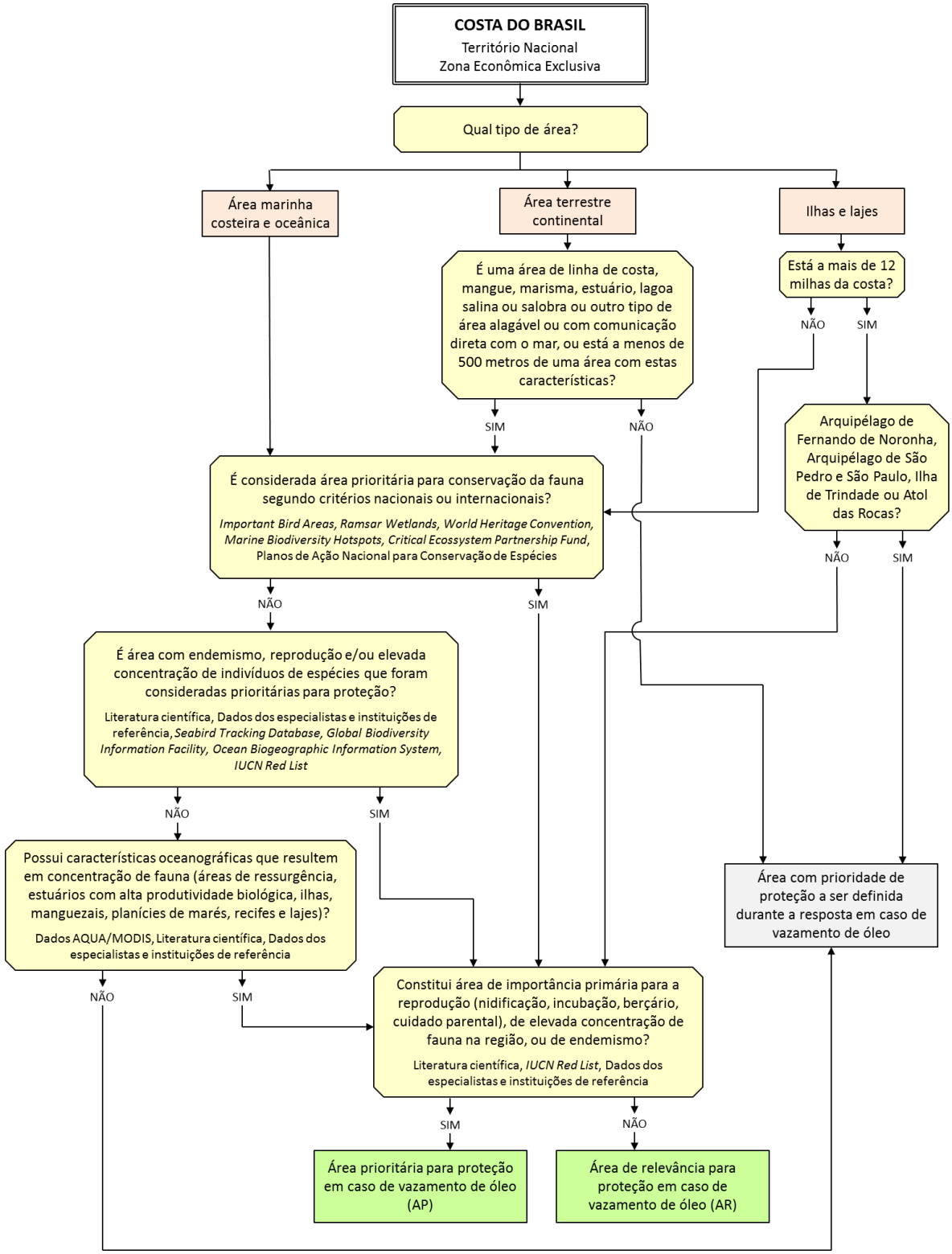


Figura 5. Fluxograma de decisão para a identificação e priorização de áreas no Projeto de Proteção à Fauna.

4. COMPILAÇÃO DE INFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E GLOSSÁRIO PARA OS PRODUTOS DO PROJETO DE PROTEÇÃO À FAUNA

Uma vez identificadas as espécies e áreas pertinentes ao escopo do Projeto de Proteção à Fauna, procedeu-se à compilação de informações relevantes para a sua proteção em caso de derramamento de óleo. As espécies vulneráveis e prioritárias foram listadas na **Planilha de Espécies**, em que cada espécie corresponde a uma linha e as informações acerca da biologia, taxonomia, estado de conservação, distribuição, sazonalidade, vulnerabilidade ao óleo, etc. são compiladas em sucessivas colunas. O **Quadro 1** apresenta um detalhamento das informações apresentadas na Planilha de Espécies, com um glossário dos termos e abreviações utilizados.

É importante notar que algumas espécies podem ser repetidas em duas ou mais linhas da Planilha de Espécies. Isto ocorre, pois, estas espécies possuem variações na sua sazonalidade de ocorrência e/ou reprodução dependendo da região do país. Assim, nestes casos a maior parte das informações biológicas serão repetidas de forma idêntica em todas as linhas da espécie (biologia, taxonomia, estado de conservação, vulnerabilidade ao óleo etc.), e apenas as colunas indicadas com asteriscos (Área, Origem, Sazonalidade de ocorrência, Estágio, Sazonalidade de reprodução) conterão informações diferentes de acordo com a área geográfica.

As **Fichas de Fauna Prioritária** contêm as mesmas informações compiladas na Planilha de Espécies, porém em alguns casos estas informações são apresentadas com maior profundidade e detalhamento. Além disso, as Fichas de Fauna Prioritária apresentam também informações adicionais acerca das estimativas populacionais para as espécies e particularidades das espécies que podem ser relevantes para as equipes de fauna atuando na resposta a um incidente envolvendo derramamento de óleo.

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Espécie	Nome científico da espécie
Nome comum (Português)	Nome popular ou comum pelo qual a espécie é conhecida na língua portuguesa
Nome comum (Inglês)	Nome popular ou comum pelo qual a espécie é conhecida na língua inglesa
Classificação taxonômica	Classificação taxonômica da espécie segundo a lista-base, correspondendo à expressão "Ordem: Família"
Classificação Cartas SAO	Classificação segundo a simbologia padronizada das Cartas de Sensibilidade ao Óleo (MMA, 2002), sendo que cada espécie pode pertencer a uma das seguintes categorias: – Aves marinhas pelágicas – Aves marinhas costeiras – Aves aquáticas mergulhadoras – Aves aquáticas pernaltas – Aves limícolas – Anseriformes – Pinguins – Aves de rapina – Passeriformes terrestres – Não-Passeriformes terrestres – Grandes cetáceos – Pequenos cetáceos – Sirênios – Pinípedes – Mustelídeos aquáticos – Roedores – Pequenos mamíferos terrestres – Tartarugas e cágados – Crocodilianos – Outros répteis – Anfíbios

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Estado de conservação	Classificação do estado de conservação segundo os critérios de classificação internacional (IUCN), nacional (MMA) ou estadual (PA, ES, RJ, SP, PR, SC, RS), podendo corresponder a uma das seguintes categorias: – NE = Não avaliado (*Not Evaluated*) – NL = Não listado (*Not Listed*) – LC = Menor preocupação (*Least Concern*) – DD = Deficiente em dados (*Data Deficient*) – NT = Quase ameaçada (*Near Threatened*) – VU = Vulnerável (*Vulnerable*) – EN = Em perigo (*Endangered*) – CR = Criticamente em perigo (*Critically Endangered*)
Apêndice CITES	Classificação segundo a Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES, 2014), que tem implicações para o transporte internacional de animais. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Espécie incluída no Apêndice I – 2 = Espécie incluída no Apêndice II – 3 = Espécie incluída no Apêndice III – NL = Espécie não é listada nos apêndices
Ameaças à conservação	Perturbações antrópicas mais relevantes para a dinâmica populacional e/ou conservação da espécie, podendo corresponder a uma ou mais das seguintes categorias: – C = Caça, captura intencional e/ou coleta de ovos – H = Perda e/ou degradação de hábitat – I = Captura incidental em artefatos de pesca – M = Mudança climática – P = Poluentes e/ou resíduos sólidos – S = Sobrepesca de recursos pesqueiros
Características	Breve texto descritivo das características físicas da espécie que podem auxiliar na sua identificação em campo e na diferenciação de outras espécies similares.
Alimentação	Breve texto descritivo do nicho alimentar da espécie e/ou dos itens alimentares frequentemente consumidos em natureza.

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Hábitat	Hábitats que a espécie pode utilizar, dentro das seguintes tipos de ambientes: Zona Oceânica (ambiente marinho além do talude continental), Zona Nerítica (ambiente marinho da plataforma continental), Ilhas, Costão (costão rochoso), Praia (praias arenosas), Estuário (estuários, rios e lagoas próximas à costa), Mangue (vegetação costeira de manguezais e marismas), Restinga (vegetação costeira de restinga), Ciliar (vegetação de mata ciliar). Para cada um destes ambientes, pode corresponder a: – 0 = Ocorrência da espécie não é esperada/prevista neste hábitat – 1 = Ocorrência da espécie é ocasional, errática ou incomum neste hábitat – 2 = Ocorrência da espécie é frequente neste hábitat – SI = Não há informações suficientes para determinar se a espécie possui ou não ocorrência neste hábitat
Ocorrência	Ocorrência da espécie nas unidades geográficas deste projeto. Para cada uma das 18 unidades geográficas, pode corresponder a: – 0 = Ocorrência da espécie não é esperada/prevista nesta unidade geográfica – 1 = Ocorrência da espécie é ocasional, errática ou incomum nesta unidade geográfica – 2 = Ocorrência da espécie é frequente nesta unidade geográfica – SI = Não há informações suficientes para determinar se a espécie possui ou não ocorrência nesta unidade geográfica
Endemismo	No caso de espécies altamente endêmicas (ou seja, espécies cuja distribuição geográfica é restrita a uma área muito pequena), este campo é utilizado para apontar qual a região geográfica à qual a espécie está restrita. Para as espécies que não apresentam elevado endemismo, este campo é preenchido “Não se aplica”.
Unidade Geográfica*	Lista das unidades geográficas às quais se referem as informações apresentadas nas colunas de “Origem”, “Sazonalidade de ocorrência”, “Estágio” e “Sazonalidade de reprodução”.

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Origem*	Procedência geral da espécie nas unidades geográficas especificadas na coluna "Área", podendo corresponder a uma das seguintes categorias: – Local = Espécie se reproduz nas unidades geográficas, e é evolutivamente natural a esta região – Invasor = Espécie se reproduz nas unidades geográficas, porém foi introduzida por ação humana – Migratório = Espécie não se reproduz nas unidades geográficas
Sazonalidade de ocorrência*	Ocorrência da espécie nas unidades geográficas especificadas na coluna "Área" ao longo do ano. Cada coluna representa um mês do ano, de janeiro a dezembro. Para cada mês, pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 0 = Ocorrência da espécie não é esperada/prevista neste mês – 1 = Ocorrência da espécie é irregular ou incomum neste mês – 2 = Ocorrência da espécie é frequente neste mês – SI = Não há informações suficientes para determinar se a espécie possui ou não ocorrência neste mês
Estágio do Ciclo de Vida*	Estágios do ciclo biológico que a espécie cumpre nas unidades geográficas especificadas na coluna "Área", podendo corresponder a uma ou mais das seguintes categorias: – A = Alimentação – D = Descanso – R = Reprodução – M = Migração, deslocamento ou ocorrência errática

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Sazonalidade de reprodução*	Reprodução da espécie (incluindo todas as etapas do comportamento reprodutivo, desde a construção do ninho e/ou acasalamento até a emancipação dos filhotes) nas unidades geográficas especificadas na coluna "Área" ao longo do ano. Cada coluna representa um mês do ano, de janeiro a dezembro. Para cada mês, pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 0 = Reprodução da espécie não é esperada/prevista neste mês – 1 = Reprodução da espécie é irregular ou incomum neste mês – 2 = Reprodução da espécie é frequente neste mês – SI = Não há informações suficientes para determinar se a espécie se reproduz ou não neste mês
Sensibilidade à presença humana	Sensibilidade da espécie à proximidade humana, isto é, qual a intensidade dos efeitos negativos (estresse, interrupção da reprodução, comportamento de fuga, abandono da área, etc.) sobre a espécie quando há pessoas no seu ambiente natural. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa sensibilidade – 2 = Moderada sensibilidade – 3 = Alta sensibilidade
Periculosidade para humanos	Probabilidade de que a espécie cause lesões ou danos às pessoas envolvidas em atividades de captura, transporte ou reabilitação. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa periculosidade – 2 = Moderada periculosidade – 3 = Alta periculosidade
Suscetibilidade ao óleo	Suscetibilidade da espécie ao óleo, isto é, a probabilidade de exposição ao óleo da espécie considerando seus comportamentos e hábitos de vida. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa suscetibilidade – 2 = Moderada suscetibilidade – 3 = Alta suscetibilidade

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Sensibilidade direta aos efeitos do óleo	Sensibilidade direta da espécie ao óleo, isto é, a intensidade e a gravidade dos efeitos negativos diretos sofridos pelos animais desta espécie uma vez expostos ao óleo. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa sensibilidade direta – 2 = Moderada sensibilidade direta – 3 = Alta sensibilidade direta
Sensibilidade indireta aos efeitos do óleo	Sensibilidade indireta da espécie ao óleo, isto é, a intensidade e a gravidade dos efeitos negativos sofridos indiretamente pela exposição do seu ambiente ou comunidade ao óleo (falta de alimento, perda de hábitat, dificuldade de deslocamento, etc.). Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa sensibilidade indireta – 2 = Moderada sensibilidade indireta – 3 = Alta sensibilidade indireta
Sensibilidade ao cativeiro	Sensibilidade da espécie ao cativeiro, isto é, a intensidade e a gravidade dos efeitos negativos secundários ao cativeiro (lesões de quilha e patas, patógenos oportunistas, distúrbios nutricionais, etc.) sofridos pelos animais desta espécie quando são trazidos ao cativeiro, considerando as características inerentes da espécie como anatomia, comportamento e fisiologia. Pode corresponder a uma das seguintes categorias: – 1 = Baixa sensibilidade ao cativeiro – 2 = Moderada sensibilidade ao cativeiro – 3 = Alta sensibilidade ao cativeiro
Proteção	Estratégias de resposta que podem ser utilizadas para proteger a espécie em caso de derramamento de óleo e mitigar os impactos diretos e indiretos que um incidente terá sobre a espécie. Pode corresponder a uma ou mais das seguintes categorias: – P = Proteção da costa com barreiras e recolhimento de óleo – A = Afugentamento e dispersão de fauna – C = Captura preventiva de animais não-oleados – R = Captura de animais oleados e reabilitação
Espécie prioritária para proteção	Indicação de se a espécie é ou não considerada prioritária para proteção em caso de incidente envolvendo o derramamento de óleo.

Quadro 1. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Espécies do Projeto de Proteção à Fauna

Coluna	Interpretação
Comentários adicionais	Texto descritivo oferecendo informações adicionais sobre a espécie que possam ser úteis às equipes de resposta a incidentes envolvendo o derramamento de óleo. Assim como outros nomes científicos pelos quais a espécie pode ser referida na literatura científica recente, no caso de espécies que sofreram rearranjos taxonômicos nos últimos anos (Sinonímia taxonômica)
Bibliografia	Número das referências bibliográficas consultadas para o preenchimento das colunas anteriores, conforme a listagem completa na aba "Bibliografia" da Planilha de Espécies.

À semelhança do levantamento de informações para as espécies, para as áreas relevantes e prioritárias também foi feita uma compilação de informações relevantes para a sua proteção em caso de derramamento de óleo. As áreas relevantes e prioritárias foram listadas na **Planilha de Áreas**, em que cada área corresponde a uma linha e as informações acerca do índice de sensibilidade do litoral, acesso, justificativa de proteção, particularidades relevantes para equipes de fauna etc. são compiladas em sucessivas colunas. O **Quadro 2** apresenta um detalhamento das informações apresentadas na Planilha de Áreas.

As **Fichas de Áreas Prioritárias** contêm as mesmas informações compiladas na Planilha de Áreas, porém em alguns casos estas informações são apresentadas com maior profundidade e detalhamento, juntamente com um mapa em que são indicadas características geográficas relevantes.

Quadro 2. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Áreas do Projeto de Proteção à Fauna.

Coluna	Interpretação
COD	Código pelo qual a área prioritária é referida nos arquivos de Sistema de Informação Geográfica, correspondendo dois caracteres referentes à sigla da Unidade Federativa e dois dígitos de numeração sequencial.
Localidade	Nome pelo qual a área é popularmente conhecida.
Município	Listagem do(s) município(s) no qual a área está contida.
Estado	Unidade Federativa do país na qual a área está contida.
Unidade geográfica	Listagem da(s) unidade(s) geográfica(s) na qual a área está contida.

Quadro 2. Sumário das informações apresentadas na Planilha de Áreas do Projeto de Proteção à Fauna.

Coluna	Interpretação
Latitude	Coordenada de latitude (formato GG°MM'SS.SS") do centróide da área.
Longitude	Coordenada de longitude (formato GG°MM'SS.SS") do centróide da área.
Características Gerais	Breve texto descritivo das características geográficas, humanas e biológicas da área relevantes para equipes de resposta a fauna em incidentes envolvendo o derramamento de óleo.
Proteção legal	Unidade(s) de Conservação e/ou legislação específica que rege a proteção à fauna na área.
ISL	Índice de Sensibilidade do Litoral, um valor numérico de 1 a 9 definido de acordo com a classificação padronizada das Cartas de Sensibilidade ao Óleo (MMA, 2002).
Acesso e Logística	Breve texto descritivo de como é feito o acesso a área por veículos terrestres e/ou navegação, descrevendo também as limitações logísticas relevantes para equipes de resposta a fauna em incidentes envolvendo o derramamento de óleo.
Categoria de Priorização	Classificação da área como "Área relevante para proteção" ou "Área prioritária para proteção".
Justificativa de Priorização	Breve texto descritivo em que se apresentam os critérios considerados para classificar a área como relevante ou prioritária para proteção, incluindo uma breve listagem da fauna que possui ocorrência na área e, quando pertinente, da sua reprodução ou comportamento na área.
Particularidades Relevantes	Texto descritivo em que se apresentam particularidades logísticas, geográficas, oceanográficas ou biológicas da área que podem ser relevantes para as equipes de fauna atuando na resposta a um incidente envolvendo derramamento de óleo.
Bibliografia	Listagem das referências bibliográficas consultadas para o preenchimento das colunas anteriores.

As referências bibliográficas utilizadas para a identificação das espécies vulneráveis a um derramamento de óleo, e das áreas relevantes e prioritárias do Projeto de Proteção à Fauna encontram-se respectivamente no **Anexo I** e **Anexo II** deste documento.

5. BIBLIOGRAFIA CITADA

Abell et al. (2008) Freshwater ecoregions of the World: a new map of biogeographic units for freshwater biodiversity conservation. BioScience 58:403-414.

ANP [Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis] (2014) Banco de Dados de Exploração e Produção. Disponível em http://www.bdep.gov.br/

Aleixo (2006) Relatório técnico da oficina de trabalho "Discussão e elaboração da lista de espécies ameaçadas de extinção do estado do Pará". Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Pará e Museu Paraense Emílio Goeldi, 40 pp.

Baker et al. (1995) Sensitivity mapping worldwide: harmonization and the needs of different user groups. Papers of the 1995 Oil Spill Conference 77-81.

Bérnils & Costa (2012) Répteis brasileiros: Lista de espécies, versão 2012.2. Disponível em http://www.sbherpetologia.org.br/

Bressan et al. (2009) Fauna ameaçada de extinção no estado de São Paulo: Vertebrados. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Fundação Parque Zoológico de São Paulo, 648 pp.

Camphuysen & Heubeck (2001) Marine oil pollution and beached bird surveys: the development of a sensitive monitoring instrument. Environmental Pollution 112:443-461.

CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos] (2014) Lista das aves do Brasil, 11ª. edição. Disponível em http://www.cbro.org.br/

CITES [Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção] (2014) Appendices I, II and II valid from Septemper 2014. Disponível em https://cites.org/sites/default/files/eng/app/2014/E-Appendices-2014-09-14.pdf

CONSEMA-SC [Conselho Estadual do Meio Ambiente de Santa Catarina] (2011) Resolução nº. 002, de 06 de dezembro de 2011.

ES [Espírito Santo] (2005) Decreto Estadual nº. 1499-R, de 13 de junho de 2005.

IAP [Instituto Ambiental do Paraná] (2007) Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná. Secretaira de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná e Instituto Ambiental do Paraná, 272 pp.

IBAMA (2015). Orientações para Plano de Proteção à Fauna.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] (2014) Página de Downloads. Disponível em http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm

IUCN [União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais] (2015) IUCN Red List 2015.2. Disponível em http://www.iucnredlist.org/

IPIECA [Petroleum Industry Environmental Conservation Association] (1994) Sensitivity mapping for oil spill response. IPIECA and International Maritime Organization, 28 pp.

IPIECA (2004) A guide to oiled wildlife response planning. IPIECA, London, 52 pp.

IPIECA (2012) Sensitivity mapping for oil spill response. IPIECA, International Maritime Organization and International Association of Oil & Gas Producers, 39 pp.

IPIECA (2015) Wildlife response preparedness: Good practice guidelines for incident management and emergency response personnel. IPIECA and International Association of Oil & Gas Producers, 64 pp.

Lewinsohn & Prado (2005) How many species are there in Brazil? Conservation Biology 19:619-624.

Mallet (1995) A species definition for the Modern Synthesis. Tree 10:294-299.

MMA [Ministério do Meio Ambiente] (2002) Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO. Ministério do Meio Ambiente e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental, 107 pp.

MMA (2007) Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Bacia Marítima de Santos. Ministério do Meio Ambiente e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental, 126 pp.

MMA (2014) Portaria nº. 444, de 17 de dezembro de 2014.

Olson et al. (2001) Terrestrial ecoregions of the World: a new map of life on Earth. BioScience 51:933-938.

Paglia et al. (2012) Lista anotada dos mamíferos do Brasil, 2a. edição. Occasional Papers in Conservation Biology No. 6. Conservation International, Arlington, EUA.

RS [Rio Grande do Sul] (2002) Decreto Estadual nº. 41.672, de 11 de junho de 2002.

Ryder (1986) Species conservation and systematics: the dilemma of subspecies. Tree 1:9-10.

Sampaio & Mancini (2007) Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Revista Brasileira de Fisioterapia 11:83-89.

Segalla et al. (2014) Brazilian Amphibians: List of Species. Herpetologia Brasileira 3:37-48.

SEMA-RJ [Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Rio de Janeiro] Portaria nº. 01, de 04 de junho de 1998.

Spalding et al. (2007) Marine ecoregions of the World: a bioregionalization of coastal and shelf Areas. BioScience 57:573-583.

Tortell (1992) Coastal Zone Sensitivity Mapping and its Role in Marine Environmental Management. Marine Pollution Bulletin 25:88-93.

Zengel et al. (2001) Integrated planning from the mountains to the sea: Environmental sensitivity mapping in the Caribbean. Papers of the 2001 International Oil Spill Conference 1114-1117.

ANEXO I

Referências bibliográficas utilizadas para a identificação de Espécies

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

1 BirdLife International (2015) IUCN Red List for birds. Acesso em http://www.birdlife.org em 09/05/2015.

2 Blake, E. R. (1977) *Manual of Neotropical Birds. Vol.* 1: Spheniscidae (Penguins) to Laridae (Gulls and their allies). Chicago and London: Univ. Chicago Press.

3 Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos – CBRO. (2014). *Lista das aves do Brasil*. Disponível em: http://www.ib.usp.br /cbro/home.html. Acesso em: 18 de abril de 2014.

4 del Hoyo, J., A. Elliott e J. Sargatal (eds.). *Handbook of the birds of the world*. 17 Vol. Barcelona, Lynx Edicions.

5 Harrison, P. (1987) Seabirds of the world: a photographic guide. London: Christopher Helm.

6 Murphy, R. C. (1936) *Oceanic birds of South America*. New York: American Museum of Natural History.

7 Sick, H. (1985) *Ornitologia brasileira, uma introdução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

8 Sick, H. (1993) *Birds in Brazil: a natural history*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

9 Sick, H. (1997). Ornitologia brasileira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 912pp.

10 Stotz, D. F., Fitzpatric, J. W., Parker III, T. A. & Moskovits, D. K. (1996) *Neotropical birds: Ecology and conservation*. Chicago: The Univ. of Chicago Press.

11 Straube, F.C., A. Urben-Filho e D. Kajiwara (2004) Aves, p. 145-496. *In*: S.B. Mikich, & R.S. Bernils (org.). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná. 764pp.

12 Alves, M. A. S., Pacheco, J. F., Gonzaga, L. A. P., Cavalcanti, R. B., Raposo, M. A., Yamashita, C., Maciel, N. C. & Castanheira, M. (2000) Aves. p. 113-124. In: Bergallo, H. G., Rocha, C. F. D. & Alves, M. A. S. & Van Sluys, M. (orgs.) *A Fauna ameaçada de extinção do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

13 Alves, M. A. S., Storni, A., Almeida, E. M., Gomes, V. S. M., Oliveira, C. H. P., Marques, R. V. & Vecchi, M. B. (2004) A comunidade de aves na Restinga de Jurubatiba. In Pesquisas de longa duração na Restinga de Jurubatiba: Ecologia, História Natural e Conservação, edited by Rocha, Carlos Frederico D., Francisco A. Esteves, and Fábio R. Scarano. Vol. 1, 199-214. São Carlos: RiMa.

14 Araújo, F. A. A., Wada, M. Y., Silva, E. V. et al (2003) Primeiro inquérito sorológico em aves migratórias e nativas do Parque Nacional da Lagoa do Peixe/RS, para detecção do vírus do Nilo Ocidental. Boletim Eletrônico Epidemiológico da Secretaria de Vigilância Em Saúde, Brasília, Distrito Federal, 3(1): 3-12.

15 Arballo, E. & J. Cravino. (1999). *Aves del Uruguay. Struthioniformes a Gruiformes*. Vol. 1. Montevideo: Hemisferio Sur.

16 Azevedo, T. R (1995) Estudo da avifauna do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis) *Biotemas* 8(1): 7-35.

17 Bege, L. A. R. & Marterer, B. T. P. (1991) *Conservação da avifauna na região sul do Estado de Santa Catarina - Brasil*. Florianópolis: FATMA.

18 Belton, W. (1994) *Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

19 Dunning, J. B. (2008) CRC Handbook of Avian Body Masses. Boca Raton, Taylor & Francis Group.

20 Efe, M. A. & Azevedo, M. A. G. (2003) Inventariamento e distribuição da avifauna da Estação Ecológica de Carijós - SC. *In: Resumos do XI CBO.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

21 Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Avifauna de manguezais das Baías de Paranaguá e Laranjeiras, Paraná. *In: Resumos do III CBO.* P49.

22 Krul, R. & V.S. Moraes. (1994). Caracterização da avifauna de Pontal do Sul, litoral do Paraná. *Resumos do IV Congresso Brasileiro de Ornitologia*. p.37.

23 Mikich, S.B. & R.S. Bérnils (eds.). (2004). *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná. 764p.

24 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2001) The avifauna of a southeastern Brazilian mangrove swamp. Internat. J. Ornithol. 4(3/4): 137-207.

25 Rodrigues, A. A. F. (1996) Cajual Island Wildlife Research and Conservation Station, Gulf of Maranhão, Brazil. *Wader Study Group Bull.* 80:79.

26 Schulz Neto, A. (1998) Novos registros de aves para o mundo, para a América do Sul, para o Brasil e para Fernando de Noronha. *In: Resumos do VII CBO.* p. 50.

27 Sick, H. (1983) *Migrações de aves na América do Sul Continental*. Gráfica IBDF. (Publicação Técnica Nº 2 do CEMAVE)

28 Silva e Silva, R. (2004) Magia do Cerrado: Aves na Imensidão. DBA Editora, São Paulo.

29 Silva, G. L. & Nacinovic, J. B. (1991) Birds as indicator for the conservation of Atlantic Forests in Bahia, Brazil. Interim project to WWF for the period July 1990 - July 1991. (não publicado)

30 Silveira, L. F & Gaban-Lima, R. (2001) As aves da região do rio Uaçá, norte do estado do Amapá, Brasil: um estudo preliminar, com abordagem etnológica. p. 290-298. *In:* Silva, A. L. & Ferreira, M. K. L. (orgs.) *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global.

31 Silveira, L. F., Olmos, F. e Long, A. J. (2003). Birds in Atlantic Forest Fragments in North-east Brazil. Cotinga 20: 32-46.

32 Teixeira, D. L. M., Best, R. C. (1981) Adendas à ornitologia do Território Federal do Amapá. Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi, Zool., nov. sér. 104, 1-25.

33 Teixeira, D. L. M., Luigi, G. & Raposo, M. A. (1992) Sobre a ocorrência de algumas aves migratórias pouco conhecidas no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XIX CBZ*. p. 142.

34 Teixeira, D. L. M. (1989). As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Revta. Brasil. Biol*. 49:709-729.

35 Teixeira, D.L.M., J. B. Nacinovic & G. Luigi 1989. Notes on some birds of northeastern Brazil (4). Bull. *British Ornithological Club*. 109(3):152-157.

36 Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and F.B. Pontual. 1987. Notes on some birds of northeastern Brazil (2). *Bull. B.O.C.* 107:151-157.

37 Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and G. Luigi. 1988. Notes on some birds of northeastern Brazil (3). *Bull. B.O.C.* 108:75-79.

38 Teixeira, D.L.M., J.B. Nacinovic and G. Luigi. 1989. Notes on some birds of northeastern Brazil (4). *Bull. B.O.C.* 109(3):152-157.

39 Veiga, L. A., Oliveira, A. T. & Gastal, N. A. (1995) Aves da Estação Ecológica do Taim, RS, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol*. 38(2):669-678.

40 Veiga, L. A., Oliveira, A. T. & Gastal, N. A. (1995) *Aves do Taim*. Porto Alegre: ABRAPA.

41 Vooren, C. M. (1997) Bird fauna. p. 62-63. *In:* U. Seelinger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Subtropical Convergence Environments: The Coast and Sea in the Southwestern Atlantic*. Berlin: Springer-Verlag.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

42 Vooren, C. M. & Ilha, H. H. (1995) Guia das aves comuns da costa do Rio Grande do Sul. *Imago Maris* 2(1):1-23.

43 Accordi, I. A., Barcellos-Silveira., A., Bencke, G. A. (2002) Ocorrência e ocupação espacial da avifauna no Parque Copesul de Proteção Ambiental, Pólo Petroquímico de Triunfo, RS. p. 100-102. *In: Resumos do X CBO.*

44 Almeida, J. B. (1999) Reavaliação da avifauna na ilha da Marambaia, Baía de Sepetiba. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

45 Petry, M. V. & Hoffmann, G. R. (2002) Ocupação e construção de ninhos em um ninhal misto de garças e maçaricos (Ciconiiformes) no Rio Grande do Sul. Biociências (P. Alegre) 10:55-64.

46 Petry, M. V. (1994) Distribuição espacial e aspectos populacionais da avifauna de Stinker Point - Ilha Elefante - Shetland do Sul, Antártica. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

47 Petry, M. V. e V. S. S. Fonseca (2002) Effects of human activities in marine environment on seabirds along the coast of Rio Grande do Sul, Brazil. *Orn. Neotrop*. 13(2):137-142.

48 Lima, P. C., Grantsau, R., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2004) Ocorrência e mortalidade de aves oceânicas na costa da Bahia, e a chave de identificação da Ordem Procellariiformes e Família Stercorariidae. *Atualidades Orn*. 121:3.

49 Shirihai, H. 2003. *The complete guide to Antarctic wildlife: birds and marine mammals of the Antarctic continent and the southern ocean*. Princeton: Princeton University Press.

50 Lima, P. C., Grantsau, R., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2002) Notas sobre os registros brasileiros de *Calonectris edwardsii* (Oustalet, 1883) e *Pelagodroma marina hypoleuca* (Moquin-Tandon, 1841) e primeiro registro de *Phalacrocorax bransfieldensis* Murphy, 1936 para o Brasil. *Ararajuba* 10(2):263-265.

51 Schulz Neto, A. (2001) Dieta do Atobá-mascarado, *Sula dactylatra*, do Trinta-réis-do-manto-negro, *Sterna fuscata*, e da Viuvinha-marrom, *Anous stolidus*, na Reserva Biológica do Atol das Rocas, Atlântico Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.

52 Accordi, I. A. (2002) Asas do Delta: aves entre a terra e a água. *Natureza em Revista* 13: 68-73. (Reserva Ecológica do Taim).

53 Accordi, I. A. (2002) Avifauna ocorrente em áreas úmidas de importância para a conservação na bacia do lago Guaíba. p. 97-98. *In: Resumos do X CBO.*

54 Accordi, I. A. (2003) Sistema Banhado Grande como uma área úmida de importância internacional. p. 56-63. In: A. Bager (ed.) Anais do 2º Simpósio de Áreas Protegidas, Pelotas, Edição do Editor.

55 Alves, M. A. S. & Pereira, E. F. (1998) Richness, abundance and seasonality of bird species in a lagoon of an urban area (Lagoa Rodrigo de Freitas) of Rio de Janeiro, Brazil. *Ararajuba* 6(2):110-116.

56 Alves, V. S., S. A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ribeiro, A. B. B. (2004) Aves marinhas de Abrolhos. In: Branco, J. O. (Org.). Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí. p. 213-232.

57 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B. & Efe, M. A. (1997) Aves do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *Ararajuba* 5(2)209-218.

58 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B. & Efe, M. A. (2000) As Aves do Arquipélago dos Abrolhos - Bahia - Brasil. Brasília: IBAMA.

59 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1994) The bird fauna of Abrolhos Archipelago - Bahia State, Brazil. In: Proceeding of XXI International Ornithological Congress. International Ornithological Congress.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

60 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1992) Aspectos da Avifauna do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do II CBO.*

61 Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, A.B.B. Ribeiro e M.A. Efe. (1997). Aves do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *Ararajuba*. 5:209-218.

62 Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, A.B.B. Ribeiro e M.A. Efe. (2000). *As Aves do Arquipélago de Abrolhos (Bahia, Brasil)*. Brasília: IBAMA. 40pp.

63 Alves, V.S., A.B.A. Soares, G.S. do Couto, M.A. Efe e A.B.B. Ribeiro. (2004). Aves marinhas de Abrolhos, p.213-232. *In*: J.O. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação*. Itajaí, UNIVALI.

64 Antas, P. deT. Z., Azevedo-Júnior, S. Mde and Fillipini, A. (1990) Aves endêmicas anilhadas no arquipélago de Fernando de Noronha de 1987 e 1988. Pp.35-43 in *Anais do IV ENAV*. : .

65 Antas, P. T. Z & Alves, M. A. S. (1984) Aves anilhadas no Brasil em 1982 e recuperações de anilhas brasileiras. *In Resumos do XI CBZ*.

66 Antas, P. T. Z. (1983) Situação actual do anilhamento no Brasil, sua organização a nivel nacional e perpectivas futuras*. Hornero*, nº extra:205-207.

67 Antas, P. T. Z. (1984) Aves anilhadas no Brasil em 1982 e recuperações de anilhas. *In: Resumos do XI CBZ*.

68 Antas, P. T. Z. (1984) El Centro de Estudos de Migraciones de Aves en el Brasil. *El Volante Migratorio* 2:22-24.

69 Antas, P. T. Z. (1985) The Centro de Estudos de Migracoes de Aves (CEMAVE). *Report of the XXXI Annual Meeting do International Waterfowl Research Bureau*, Paracas, Peru: 133-136

70 Antas, P. T. Z. (1986) El sexto Curso de Anilhamento de Aves en Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul. *Volante Migratório* 7:14-15.

71 Antas, P. T. Z. (1986) Migração de Aves no Brasil. *Anais do II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Rio de Janeiro, RJ*. 153-187.

72 Antas, P. T. Z. (1988) Anilhamento de aves oceanicas e/ou migratorias no Arquipelago de Fernando de Noronha em 1987 e (1988) *In: Anais do IV ENAV.* 13-17.

73 Antas, P. T. Z. (1988) Dez anos da criacao do Centro de Estudos de Migracoes de Aves-CEMAVE. *Anais do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, 17-24.

74 Antas, P. T. Z. (1990) Novos registros para a avifauna do Rio Grande do Sul. *In*: Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, 6. Pelotas, RS: Universidade Católica de Pelotas.

75 Antas, P. T. Z. (1991) Status and conservation of seabirds breeding in Brazilian waters. Pp.141-158 in J. P. Croxall, ed. *Seabird status and conservation: a supplement*. Cambridge, UK: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 11).

76 Antas, P. T. Z. (1994) Migration and other movements among the lower Paraná River valley wetlands, Argentina, and south Brazil/Pantanal wetlands. *Bird Cons. Intern*. 4(2):181-190.

77 Antas, P. T. Z. & Lara Resende, S. M. (1983) Aves anilhadas no Brasil em 1980 e suas recuperações. *Rev. Bras. Zool*. 1(3): 223 229.

78 Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. X. (1992). Censo aéreo na costa do Amapá. *Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas* 5:4.

79 Antas, P. T. Z. *et al*. (1988) Aves Endemicas anilhadas no Arquipelago de Fernando de Noronha em 1987 e (1988) *In: Anais do IV ENAV.* 35-43.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

80 Antas, P. T. Z., Fillipini, A. & Azevedo Junior, S. M. (1990) Novos Registros de Aves para o Brasil. *Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS*. 51.

81 Antas, P. T. Z., Fillipini, A. & Azevedo-Junior, S. M. (1990) Anilhamento de aves oceânicas e/ou migratórias no Arquipélago de Fernando de Noronha em 1987 e 1988. Anais IV ENAV, Recife: 13-17.

82 Antas, P. T. Z., Silva, F., Alves, M. A. S. & Lara-Resende, S. (1986) Brazil. p. 60-104. In: Scott, D. A. & Carnonell,M. (eds) *Directory of Neotropical Wetlands*. Cambridge: International Union for Conservation, Nature and Natural Resources (IUCN).

83 Ashmole, N. P., Ashmole, M. J. and Simmons, K. E. L. (1994) Seabird conservation and feral cats on Ascension Island, South Atlantic. Pp.94-121 in D. N. Nettleship, J. Burger and M. Gochfeld, eds. *Seabirds on islands: threats, case studies, and action plans*. Cambridge, U.K.: BirdLife International (BirdLife Conservation Series no. 1).

84 Azevedo Júnior, S. M. (1992) Anilhamento de aves migratórias na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. *Caderno Ômega da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Série Ciências Aquáticas* 3:31-47.

85 Azevedo Júnior, S. M. (1993) *Biologia e anilhamento das aves do canal de Santa Cruz, Pernambuco.* Tese de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

86 Azevedo Júnior, S. M. (1998) As aves do canal de Santa Cruz, Pernambuco, Brasil*. Cad. Ômega Univ. Fed. Rural PE, Sér. Biol*. 5:35-50.

87 Azevedo Júnior, S. M. & Larrazabal, M. E. (1994) As aves e o turismo, uma proposta para o manejo da Coroa do Avião, Pernambuco – Brasil. *Rev. Nord. Zool*. 1(1):263-277.

88 Azevedo Júnior, S. M. & Larrazabal, M. E. (1997) Uma proposta de legislação para a conservação das aves limícolas na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil. *Ararajuba* 5(1):63-65.

89 Azevedo Júnior, S. M. & Larrazábal, M. E. (2002) Migração de aves em Pernambuco. P. 623-630. *In:* M. Tabarelli e J. M. C. Silva (orgs.) *Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco*. Recife: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. 2 v.

90 Azevedo Júnior, S. M., Dias Filho, M. M., Larrazabal, M. E., Telino Júnior, W. R., Lyra-Neves, R. M. & Fernandes, C. J. G. (2001) Recapturas e recuperações de aves migratórias no litoral de Pernambuco, Brasil. *Ararajuba* 9(1):33-42.

91 Azevedo, T. R., Nunes, D. N., Emerich, K. H. & Scussell, A. B. (1987) Registro sobre uma mortandade de aves marinhas na praia do Moçambique (Ilha de Santa Catarina, Florianópolis). *Atobá* 2:4.

92 Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2001) Interação da ornitofauna com a atividade pesqueira do município de Ilha Comprida. *In: Resumos do XXVI CBZ.*

93 Bege, L. A. (1992) Aspectos sobre a conservação de aves marinhas. *Anais VI ENAV, Pelotas*: 23-25.

94 Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1988) *As aves nas ilhas Moleques do Sul, Santa Catarina*. Florianópolis: FATMA.

95 Branco, J. 2001. Descartes da pesca do camarão sete-barbas como fonte de alimento para aves marinhas. *Revta. Brasil. Zool*. 18:293-300.

96 Branco, J. O. (2000) Avifauna associada ao estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina. *Rev. Bras*. *Zool*. 17(2):387-394.

97 Branco, J. O. (2001) Descartes da pesca do camarão sete-barbas como fonte de alimento para aves marinhas. *Rev. Bras. Zool*. 18(1):293-300.

98 Branco, J. O., Machado, I. F. & Bovendorp, M. S. (2000) Avifauna associada a ambientes de influência marítima no litoral de Santa Catarina, Brasil *Rev. Bras. Zool*. 21(3):459-466.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

99 Branco, J. O., Reuter-Braun, J. R. & Verani, J. R. (2001) Seasonal variation in the abundance of seabird in areas of mariculture. *Braz. Arch. Biol. & Techn*. 44: 395-408.

100 Campos, F. P., Silva e Silva, R., et al. (2000) Levantamento e censo de sítios de reprodução de aves marinhas no estado de São Paulo. In: Resumos do VIII CBO.

101 Coelho, A.G.M. 1981. Observações sobre a avifauna do Arquipélago dos Abrolhos, Bahia. *Publ. Avulsa da UFPE*. 1:1-7.

102 Coelho, E. P, Alves, V. S., Soneghet, M. L & Carvalho, F. S. (1991) Levantamento das aves marinhas no percurso Rio de Janeiro - Bahia (Brasil). Bol. Inst. oceanogr. S. Paulo 38(2):161 167.

103 Coelho, E. P., Alves, V. S., Fernandez, F. A. S & Soneghet, M. L. L. (1991) On the bird faunas of coastal islands of Rio de Janeiro state, Brazil. *Ararajuba* 2:31-40.

104 Efe, M. A. (2004) Aves marinhas das ilhas do Espírito Santo. p. 101-118. In: Branco, J. O. (Org.) Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí, v. 1.

105 Flores, J. M., Scherer, S. B. (1998) Censo de aves migratórias neárticas na região costeira do Rio Grande do Sul. p. 149. *In: Resumos do VII CBO*.

106 Fonseca Neto, F.P. (2004). Aves marinhas da ilha Trindade, p. 119-146. *In*: J.O. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação*. Itajaí, UNIVALI.

107 Krul, R. (1999) Interação de aves marinhas com a pesca de camarão no litoral paranaense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.

108 Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Mortandades de aves marinhas em um eixo de praia arenosa do litoral do Paraná. *In: Resumos do III CBO.* R25.

109 Krul, R. & Moraes, V. S. (1993) Resultados de censos de aves marinhas efetuados na costa paranaense. *In: In: Resumos do III CBO.* R52.

110 Krul, R. & Moraes, V. S. (1998) Efeitos de atividades humanas sobre populações de aves costeiras e oceânicas no litoral do Paraná. p. 105. *In: Resumos do VII CBO.*

111 Krul, R., Moraes, V. S., Scherer-Neto, P. (1994) Aves marinhas. In: Plano de manejo das ilhas oceânicas do litoral do Paraná. Pontal do Sul: Centro de Estudos do Mar/U.F.P.R. e Fundação O Boticário de Proteção a Natureza.

112 Krull, R. (2004). Aves marinhas costeiras do Paraná, p.37-56. *In*: J. Branco (org.). *Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação*. Itajaí: UNIVALI.

113 Lara Resende, S. M. (1983) Recuperação de anilhas estrangeiras no Brasil. *Rev. Bras. Zool.* 1:231-237.

114 Lara Resende, S. M. (1988) *Nombreeding strategies of migratory birds at Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brazil*. M. Sc. thesis. Ithaca, New York: Cornell University.

115 Lara Resende, S. M. & Antas, P. T. Z. (1985) Aves anilhadas no Brasil em 1981 e recuperações de anilhas desde 1980. *Rev. Bras. Zool.* 3:51-59.

116 Lara Resende, S. M. & Leal, R. P. (1982) Recuperação de anilhas estrangerias no Brasil. Brasil Florestal 12(52):27-53.

117 Lara Resende, S. M. & Leeuwenberg, F. (1987) Ecological studies of Lagoa do Peixe. Final report to WWF-US, Washington.

118 Lima, P. C. (1994) As aves oceânicas na Bahia (A morte no mar). *A Tarde*, Supl. Rural, Salvador, 12 maio: 8-9.

119 Lima, P. C. (1996) Uma longa viagem para morrer na praia. *Ciência Hoje* 20(12):58-61.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

120 Lima, P. C. e S. S. Santos e R. C. F. R. Lima (1999): As aves migratórias do litoral norte da Bahia. *A Tarde*, Supl. Rural, Salvador, 10 Maio:4-5.

121 Lima, P. C., Castro, J. O., Santos, S. S., Sampaio, C. L. S., Neto, F. P. Neto & Lima, R. C. F. R. (1996) Monitoramento da avifauna do litoral norte da Bahia. P. 163-165. *In: I Congresso Baiano de Meio Ambiente, Anais dos Trabalhos Técnicos-Científicos*. Salvador: Expogeo.

122 Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Aves associadas a ecossistemas marinhos nos limites paranaenses. *In: Resumos do III CBO.* R 40.

123 Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Programa de recuperação de aves marinhas debilitadas. *In: Resumos do III CBO.* (R24).

124 Moraes, V. S. & Krul, R. (1994) Dados sobre algumas aves pelágicas visitantes da costa do Brasil. p. 45. In: *In: Resumos do IV CBO.*

125 Moraes, V. S. & Krul, R. (1998) A incorporação do fator ocupação antrópica aos conceitos de biogeografia de ilhas. p. 143. *In: Resumos do VII CBO.* P-39.

126 Moraes, V. S. & Krul, R. (1999) Sugestão de um perfil descritivo da estrutura de comunidades de aves costeiras do Estado do Paraná, Brasil. *Estudos de Biologia* 44:55-72.

127 Moraes, V. S., Krul, R. (1997) Deslocamentos de aves marinhas na costa brasileira: Expansão de limites de fronteira, rota migratória ou ocorrência acidental? p. 149. *In: Resumos do VI CBO.*

128 Moraes, V. S., Krul, R., Soares, C. R., Carrilho, J. C. & Jasper (1997) Avaliação de padrões de ocupação de espaço por aves nidificantes nas Ilhas dos Currais, PR, através da aplicação de um Sistema de Informação Geográfica (S.I.G.). p. 47. *In: Resumos do VI CBO.*

129 Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1989) As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Rev. Bras. Biol.* 49:709-729.

130 Nacinovic, J. B., Luigi, G., Teixeira, D. L. M., Kischlat, E. E. & Novelli, R. (1989) Observações sobre a avifauna de Trindade e Martim Vaz. *In: Resumos do XVI CBZ*. p. 135.

131 Nacinovic, J. B., Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1988) Novas adendas à avifauna do Rio de Janeiro. *In: Resumos do XV CBZ*. p. 490-490.

132 Nacinovic, J.B. & D.M. Teixeira. (1989). As aves de Fernando de Noronha: uma lista sistemática anotada. *Revta. Brasil. Biol*. 49:709-729.

133 Naka, L. N. & Rodrigues, M. (2000) *As aves da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC.

134 Nascimento, J. L. X. (1993) Brasil. *In*: Blanco, D. E. & Carnevari, P. (Eds.). *Censo Neotropical de Aves Acuáticas 1992*. Humedales para las Américas (WA), Buenos Aires, Argentina. p. 18-27.

135 Neves, T. S. (2000) *Distribuição e abundância de aves marinhas na costa sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. (Oceanografia Biológica). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

136 Novelli, R. (1997) *Aves marinhas costeiras do Brasil* (identificação e biologia). Porto Alegre: Cinco Continentes.

137 Olmos, F. (1997) Seabird flocks attending bottom long-line fishing off southeastern Brazil. *Ibis*.139(4):685-691.

138 Olmos, F. (2002) Non-breeding seabirds in Brazil: a review of band recoveries. *Ararajuba*. 10(1): 31-42.

139 Olmos, F., Martuscelli, P, Silva e Silva, R. & Neves, T. S.(1995) The sea birds of São Paulo, southeastern Brazil. *Bull. B. O. C*. 115(2): 117-128.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

140 Olson, S.L. 1981. Natural history of vertebrates on the Brazilian islands of the Mid South Atlantic. *Nat. Geog. Res. Rep*. 13:481-492.

141 Oren, D. C. (1982) A avifauna do arquipélago de Fernando de Noronha. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi,* n.s. Zool. 118: 1-22.

142 Oren, D. C. (1984) Resultados de uma nova expediçao zoológica a Fernando de Noronha. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Zoologia* 1: 19-44.

143 Sampaio, C. L. S. (1996) O consumo humano de aves oceânicas debilitadas no litoral baiano. *Bol. Soc. Bras. Orn*. 28:10-11.

144 Scherer-Neto, P. (1985) Anilhamento de aves marinhas na Ilha dos Currais, Estado do Paraná. p. 64. In: *Anais do I Encontro Nacional de Anilhadores de Aves*.

145 Schulz Neto, A. (1994) Aspectos biológicos das aves marinhas do atol das Rocas. *In: Resumos do IV CBO.* p. 93.

146 Schulz Neto, A. (1994) Levantamento de aves costeiras no litoral cearense. *In: Resumos do IV CBO.* p. 60.

147 Schulz Neto, A. (1995) *Observando aves do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha: guia de Campo*. Brasília: IBAMA.

148 Schulz Neto, A. (1998) Aspectos biológicos da avifauna marinha na Reserva Biológica do Atol das Rocas, Rio Grande do Norte, Brasil. *Hornero* 15:17-28.

149 Schulz Neto, A. (1998) Censos de aves costeiras na área de proteção ambiental das Reentrâncias Maranhenses. *In: Resumos do VII CBO.* p. 51.

150 Schulz Neto, A. & Azevedo, T. R (1990) Anilhamento e estudo sobre a nidificação de aves marinhas nas ilhas Deserta e Itacolomis, no estado de Santa Catarina. In: Anais do VI Encontro de Anilhadores de Aves - ENAV. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas – EDUCAT. p. 58.

151 Schulz Neto, A. & Interaminense, L. J. L. (1992) Anilhamento de aves marinhas na Reserva Biológica do Atol das Rocas. In: Resumos do IX Encontro de Zoologia do Nordeste. Recife: Editora da UFPE. p. 140.

152 Schulz Neto, A. & Souza, E. A. (1993) Levantamento preliminar de aves aquáticas no litoral sul sergipano. *In: Resumos do III CBO.* p. P.21.

153 Schulz Neto, A. 1995. *Observando aves no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha*. Brasília: IBAMA.

154 Seeliger, U., C. Odebrecht e J.P. Castello (eds.). 2004. *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia.

155 Siciliano, S., Pizzorno, J. L. A., Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1999) As aves marinhas encontradas nas praias do sudeste do Brasil entre 1994 e 1998: uma lista sistemática anotada. P. 608-609. *In:* A. Tresierra A & Z. Culchichicón M. (eds.) *VIII Congreso Latinoamericano sobre Ciencias del Mar* (COLACMAR)*, Trujillo, Perú, 17-21 de octubre de 1999. Libro de Resúmenes Ampliados*. 2 Tomos. Trujillo: Ed. Nuevo Norte.

156 Silva, F. (1984) El Sub-centro de Anillamiento de Aves en Rio Grande do Sul. Volante Migratório 2:15-16.

157 Silva, F. (1984) Lagoa do Peixe, um importante refugio para aves migratórias em los hemisférios norte e sul. Volante Migratório 2:13-14.

158 Silva, F. (1985) Anillamiento de aves acuaticas en Rio Grande do Sul. Volante Migratório 5:8-13.

159 Soares, M. & Schiefler, A. F. (1994) Avifauna da ilhota da Galheta e a importância da preservação das ilhas costeiras. *Alcance* 1(1):35-38.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

160 Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Aves da ilhota da Galheta, Laguna, SC, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol*. 38(4):1101-1107.

161 Veit, R. R. (1995) Pelagic communities of seabirds in the south atlantic ocean. *Ibis* 137(1):1-10.

162 Vooren, C. M (1998) Aves marinhas e costeiras. p. 170-176. *In:* U. Seeliger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil*. Rio Grande: Editora Ecoscientia.

163 Vooren, C. M. (1997) Sea and Shore Birds. p. 154-159. *In:* U. Seelinger, C. Odebrecht e J. P. Castello (eds.) *Subtropical Convergence Environments: The Coast and Sea in the Southwestern Atlantic*. Berlin: Springer-Verlag.

164 Vooren, C. M. (1998) A fauna de aves. p. 68-70. In: Seeliger, U., Odebrecht, C. & Castello, J. P. (eds.) Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil. Rio Grande: Ecoscientia.

165 Vooren, C. M. & Brusque, L. F. (1999) As aves do ambiente costeiro do Brasil: biodiversidade e conservação. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha, diagnóstico sobre aves do ambiente costeiro do Brasil*. - 25 a 29 de outubro de 1999, Porto Seguro, BA.) Base de Dados Tropical. Disponível em: <http://www.bdt.fat.org.br/workshop/costa/> Acesso em 31/8/2003.

166 Vooren, C. M. & Chiaradia, A. F. (1990) Seasonal abundance and behavior of coastal birds on Cassino Beach, Brazil. *Ornitologia Neotropical* 1(2):9-24.

167 Vooren, C. M., Brandão, G. A. L., Filippini, A. et al. (1982) Shore and sea birds of South Brazil. *Atlântica* 5(2):127.

168 Williams, A. J. (1984) Breeding distribution, numbers and conservation of tropical seabirds on oceanic islands in the South Atlantic Ocean. Pp.393-401 in J. P. Croxall, P. G. H. Evans and R. W. Schreiber, eds. *Status and conservation of the world's seabirds*. Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 2).

169 Willis, E. O. (1991) Expansão geográfica de *Netta erythrophthalma*, *Fluvicola nengeta* e outras aves de zonas abertas com a "desertificação" antrópica em São Paulo. *Ararajuba* 2:101-102.

170 Woehler, E. J. (1996) Concurrent decreases in five species of Southern Ocean seabirds in Prydz Bay. *Polar Biol.* 16: 379-382.

171 Woehler, E. J. and Croxall, J. P. (1999) The status and trends of Antarctic and subantarctic seabirds. *Mar. Ornithol.* 25: 43-66.

172 Woehler, E.J., J. Cooper, J.P. Croxall, W.R. Fraser, G.L. Kooyman, G.D. Miller, D.C. Nel. D.L. Patterson, H.U. Peter, C.A. Ribic, K. Salwicka, W.Z. Trivelpiece and H. Weimerskirch. 2001. A statistical assessment of the status and trends of Antarctic and Subantarctic seabirds. *Report on SCAR BBS Workshop on Southern Ocean seabird populations*. p.43.

173 Yorio, P. and Caille, G. (1999) Seabird interactions with coastal fisheries in northern Patagonia: use of discards and incidental captures in nets. *Waterbirds* 22: 207-216.

174 Yorio, P., E. Frere, P. Gandini and A. Schiavini. 2001. Tourism and recreation at seabird breeding sites in Patagonia, Argentina: current concerns and future prospects. *Bird Conserv. Int*. 11: 231-245.

175 Yorio, P., E. Frere, P. Gandini and W. Conway. 1999. Status and conservation of seabirds breeding in Argentina. *Bird Conserv. Int.* 9:299-314.

176 Accordi, I.A. 2003. *Circus cinereus*. In: C.S. Fontana, G.A. Bencke e R.E. Reis (eds). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS. 632pp.

177 Alves de Magalhães, C. (1990) Comportamento alimentar de *Busarellus nigricollis* no pantanal de Mato Grosso, Brasil. *Ararajuba* 1: 119 120.

178 Alves de Magalhães, C. (1990) Hábitos alimentares e estratégia de forrageamento de *Rostrhamus sociabilis* no pantanal de Mato Grosso, Brasil. *Ararajuba* 1: 95 98.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

179 Amaral, C. (2002) Ocorrência do gavião-belo *Busarellus nigricollis* no estado de Santa Catarina. *Ararajuba* 10(2):245.

180 Andrade, M. Â, Leite, E. B. & Carvalho, C. E. A. (2001) Predação de jovem do jacaré-do-pantanal (*Caiman yacare*) pelo gavião-padre (*Busarellus nigricollis*) no Pantanal Sul Mato-grossense, Brasil: um registro fotográfico. *Tangara* 1(2):88-89.

181 Andrade, M. A. & Andrade, M. V. G. (1998) *Harpyhaliaetus coronatus* (Vieillot, 1817), p. 222-224. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

182 Dias, R.A. & G.N. Maurício. 1996. A reprodução de *Circus cinereus* (Falconiformes: Accipitridae) no Brasil: primeiro registro. Campinas, Resumos do V Congresso Brasileiro de Ornitologia.

183 Dias, R.A. & G.N. Maurício. 1997. Aspectos reprodutivos de *Circus cinereus*. Belo Horizonte, *Resumos doVI Congresso Brasileiro de Ornitologia*.

184 Saggese, M.D. & E.R. De Lucca. 1995. Reproducción del Gavilán Ceniciento *Circus cinereus* en la patagonia argentina. *Hornero*. 14:21-26.

185 Silva e Silva, R. (1997) Distribuição da águia-pescadora (Pandion haliaetus) no Brasil. in Resumos do VI CBO, Belo Horizonte-MG.

186 Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1997) *Parabuteo unicinctus* (Falconiformes: Accipitridae) na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Brasil. *Ararajuba* 5(1):76-79.

187 Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1999) *Parabuteo unicinctus* (Falconiformes: Accipitridae) na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Brasil. *Boletim ABFPAR,* Niterói, 2(2):39-45.

188 Silva e Silva, R. & Olmos, F. (2002) Osprey ecology in the mangroves of southeast Brazil. *Journal of Raptor Research* 36(4): 328-331.

189 Pacheco, J. F., Bauer, C. & Melo-Junior T. A. (1994) Registros no Brasil do Chimango*, Milvago chimango* (Vieillot, 1816) ao norte de sua distribuição admitida. *Notulas Faunisticas* 62:1-4.

190 Amaral, C. & Amaral, V. (2002) Ocorrência do urubu-de-cabeça-amarela *Cathartes burrovianus* no município de Ouro, oeste do estado de Santa Catarina. *Biotemas* 15(2): 85-86.

191 Accordi, I. A., Rodrigues, J. B., Menegueti, J. O., Burger, M. I. G, Dotto, J. C. P., Guadagnin, D, Cruz, R. C. & Ramos, R. A. (2000) Observações sobre a ocorrência e distribuição de anatídeos no Estado do Rio Grande do Sul, 1986-1998. p.118-119. *In: Resumos do VIII CBO.*

192 Antas, P. T. Z. & Lara Resende, S. M. (1983) First record of the South American Pochard in Brazil. *Auk* 100(1):220 221.

193 Antas, P. T. Z., Nascimento, J. L. X., Ataguile, B. S., Kock, M. & Scherer, S. B. (1996) Monitoring Anatidae populations in Rio Grande do Sul State, South Brazil. *Gibier Faune Sauvage, Game Wildl.* 13:513-530.

194 Lara, A. I. (1992) Registros de *Netta peposaca* e *N. erythrophthalma* para o estado do Paraná. *In: Resumos do II CBO.* R52

195 Madge, S. and Burn, H. (1988) *Wildfowl*. London: Christopher Helm.

196 Nascimento, J. L. X & Antas, P. T. Z. (1990) Análise dos dados de anilhamento de *Amazonetta brasiliensis* no Brasil. *Ararajuba* 1: 85-90.

197 Nascimento, J. L. X, Flores, J. M., Ataguile, B. S., Koch, M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2001) Biological aspects of the Black-necked Swan (*Cygnus malencoryphus*) and Coscoroba Swan (*Coscoroba coscoroba*) in Rio Grande do Sul state, Brazil. *Melopsittacus* 4(1):31-38.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

198 Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Koch, M. et al. (1998) Biometria, muda e reprodução da marreca-parda, *Anas georgica*, no Rio Grande do Sul. p. 144. *In: Resumos do VII CBO*.

199 Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Koch, M., Ataguile, B. S., Flores, J. M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2000) Biometria, muda e reprodução da marreca-parda, *Anas georgica* Gmelin,1789, no Rio Grande do Sul. p.303-307. *In: Alves et al (2000).*

200 Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Silva, F. M. B. V. & Scherer, S. B. (2000) Migração e dados demográficos do marrecão Netta peposaca (Anseriformes, Anatidae) no sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina. *Melopsittacus* 3(4)143-158.

201 Nascimento, J. L. X., Antas, P. T. Z., Silva, F. M. B. V. *et al*. (2000) Migração e parâmetros demográficos do marrecão, *Netta peposaca*, no sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina. p. 409-410. *In: Resumos do VIII CBO.*

202 Nascimento, J. L. X., Flores, J. M., Ataguile, B. S., Koch, M., Scherer, S. B. & Santos, P. J. P. (2001) Biological aspects of the Black-necked Swan (*Cygnus melancoryphus*) and Coscoroba Swan (*Coscoroba coscoroba*) in Rio Grande do Sul state, Brazil. *Melopsittacus* 4(1):31-38.

203 Nascimento, J. L. X., Flores, J. M., Scherer, A., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Dados biológicos de marrecas (Aves, Anatidae) no Rio Grande do Sul - Alguns resultados do Projeto Conservação de Anatídeos no Cone-Sul Americano. In: Livro de Resumo do 5º Encontro Nacional de Biólogos e 2º Encontro Nordestino de Biólogos. Natal.

204 Nascimento, J. L. X., Koch, M., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Áreas de concentração, deslocamento e ongenvidade de duas espécies de marrecas (Anseriformes: Anatidae) no Rio Grande do Sul. *In: Resumos do XI CBO.*

205 Nascimento, J. L. X., Koch, M., Efe, M. A., Scherer, S. B. (2003) Monitoramento da Marreca-parda, *Anas georgica* no Rio Grande do Sul. *In: Resumos do XI CBO.*

206 Oliveira Jr. & Veiga, R. L. (1999) Registro da marreca-bico-roxo, *Oxyura dominica* (Linné,1766) no Município de Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biociências* 7(1):189-190.

207 Teixeira, D. L. M. & Nacinovic, J. B. (1981) Notas sobre a "marreca preta" *Netta erythrophthalma* (Wied, 1832). *Anais Soc. Sul-Riograd Ornitolol*. 2:19-22.

208 Veiga, L. A., Oliveira, A. T. (1995) Um caso de albinismo em tachã, *Chauna torquata* Oken, ocorrida na Estação Ecológica do Taim, Rio Grande do Sul, Brasil. Rev. Bras. Biol. 12(3):563-566.

209 Veiga, L. A., Oliveiria, A. T. (1996) Um caso de albinismo em tachã, *Chauna torquata* Oken,1816, ocorrido na Estação Ecológica do Taim, RS, Brasil. p. 210. *In: Resumos do XXI CBZ.*

210 Wilson, R. E., Goldfeder, S. & McCracken, K. C. (2004) Bill sexual dichromatism of Yellow-billed Pintail (*Anas georgica*) and Speckled Teal (*A. flavirostris*). Ornitol. Neotropical, 15:

211 Zimmer, R., Erdtmann, B. , Thomas, W. K. et al. (1994) Phylogenetic analysis of the *Coscoroba coscoroba* using mitochondrial srRNA gene sequences. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, San Diego. 3(2)85-91.

212 Antas, P. T. Z. (1983) Migration of Neartic Shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in Brazil - flyways and their different seasonal use. *Wader Study Group Bulletin* 39(1): 52-56.

213 Antas, P. T. Z. (1988) Analise dos dados de anilhamento de *Sterna hirundo* na Lagoa do Peixe, Tavares, RS. *ANAIS do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, 95.

214 Antas, P. T. Z. (1988) Muda e Peso de Scolopacidae e Charadriidae capturados na Lagoa do Peixe, Tavares, RS, entre 1985 e (1987) *Anais do III Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Sao Leopoldo, RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, 63.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

215 Antas, P. T. Z. (1989) Aves Limicolas do Brasil. p. 181-187. In: Seminario Internacional sobre Manejo e Conservacao de Macaricos e Ambientes Aquaticos nas Américas. IBAMA/UFRPE/FUNATURA/MBO.

216 Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1988) Analise dos dados de anilhamento de *Calidris pusilla* no Brasil de 1981 a 1988. In: Anais do IV ENAV. P. 18.

217 Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1996) Analysis of Red Knot *Calidris canutus rufa* bandind data in Brazil. *Intern. Wader Stud.* 8:63-70.

218 Antas, P. T. Z. & Nascimento, J. L. S. (1991) Analisis de datos de anillado de *Calidris canutus* en Brasil. In: *Libro de Resumenes - Simposio sobre Ecologia Y Conservacion de Chorlos y Playeros en el Hemisferio Occidental*. Quito, Equador. 3-4.

219 Antas, P. T. Z., Azevedo Junior, S. M. & Nascimento, I. L. S. (1990) Dinamica de Muda e Peso de Adultos de *Calidris pusilla* na Coroa do Aviao, Igarassu, Pernambuco. Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS. P. 43.

220 Ashmole, N. & H. Tovar. 1968. Prolonged parental care in Royal Terns and other birds. *Auk*. 85:90-100.

221 Azevedo Júnior, S. M, & Larrazabal, M. E. (1994) Censo de aves limícolas na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil, informações de 1991 a 1992. *Rev. Nord. Zool*. 1:263-277.

222 Azevedo Júnior, S. M, Dias Filho, M. M. & Larrazabal, M. E. (2001) Plumagens e mudas de Charadriiformes (Aves) no litoral de Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool*. 18(3):657-672.

223 Azevedo Júnior, S. M. (1992) Censo de maçaricos na foz do rio São Bento (9 00'S 35 10'W). *Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas* 6:4.

224 Azevedo Junior, S. M., Dias Filho, M. M., Larrazábal, M. E. & Fernandes, C. J. G. (2002) Capacidade de vôo de quatro espécies de Charadriiformes (Aves) capturados em Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool*. 19(Supl. 1): 183-190.

225 Azevedo Júnior., S. M & Larrazabal, M. E. (1999) Captura e anilhamento de *Calidris pusilla* (Scolopacidae) na costa de Pernambuco. *Ararajuba* 7(2):63-69.

226 Azevedo, M. S., Foneca, V. S. S. & Petry, M. V. A. (1999) Ocorrência da pomba-antártica, *Chionis alba* (Gmelin,1789) no litoral norte do Rio Grande do Sul. p. 84. In: Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos. 7. São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

227 Azevedo, T. R. (1989) Nidificação e anilhamento de Trinta-réis de Bico-Amarelo (*Sterna sandvicensis eurygnatha*) e do Trinta-réis de Bico-Vermelho (*Sterna hirundinacea*) na Ilha Deserta. *Atobá* 3:3.

228 Barbieri, E. e T. Sato (2000) Information analysis of foraging behavior sequences of the collared plover [sic] (*Charadrius collaris). Ciência e Cultura* 52 (3):178-184.

229 Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2000) Distribuição da batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*) ao longo do ano de 1999 na praia da Ilha Comprida. *Notas Técnicas da FACIMAR* 4: 69-76.

230 Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2001) Variação temporal na abundância do trinta-reis de bico amarelo (*Sterna eurygnatha*) na Ilha Comprida, litoral sul de São Paulo. *In: Resumos do XXVI CBZ.*

231 Barbieri, E., Mendonça, J. T. & Xavier, S. C. (2002) Distribuição e abundância do trinta-réis-real (*Sterna maxima*) na ilha comprida, litoral sul de São Paulo. *In: Resumos do XXVI CBZ.*

232 Baumgarten, M. M., Freitas, T. R. O., Sander, M. (1996) Análise da variação morfológica de sete espécies de trinta-reis (Sterninae, Laridae, Charadriiformes) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, RS, Brasil. p. 207. *In: Resumos do XXI CBZ.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

233 Both, R. & Freitas, T. R. O. (2000) Análise de regurgitos de *Sula leucogaster* e de *Anous stolidos* no Arquipélago de São Pedro e São Paulo. p.259-260. *In: Resumos do VIII CBO*.

234 Both, R. & Freitas, T. R. O. (2001) A dieta de *Sula leucogaster*, *Anous stolidus* e *Anous minutus* no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Brasil. p. 313-326. *In*: Albuquerque, J. L., Cândido Jr., J. F., Straube, F. C. & Roos, A. L. (eds.) *Ornitologia e Conservação: da ciência às estratégias*. Tubarão: Editora Unisul.

235 Branco, J. O. & Ebert, L. A. (2002) Estrutura populacional de *Larus dominicanus* Lichtenstein, 1823 no estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Ararajuba* 10(1):79-82.

236 Bugoni, L. & C. Vooren. 2005. Distribution and abundance of six Tern species in Southern Brazil. *Waterbirds*. 28:110-119.

237 Coelho, A. G. M. (1977) On the South Polar Skua, *Catharacta scua maccormicki*, recaptured in Pernambuco, Brazil. *Notulae Biol*., N. S. 2:1.

238 Cordeiro, P. H. C., Flores, J. M. & Nascimento, J. L. X. (1994) Trinta-Reis- Boreal (*Sterna hirundo*). Uma analise das recuperações entre 1980 e 1994. *In: Resumos do IV CBO.*

239 Cordeiro, P. H. C., Flores, J. M. & Nascimento, J. L. X. (1996) Análise das recuperações de *Sterna hirundo* no Brasil entre 1980 e (1994) *Ararajuba* 4(1):3-7.

240 Efe, M. A. & Musso, C. (1996) Anilhamento e Recaptura de *Sterna* spp. no Espírito Santo em 1994. *In: Resumos do V CBO.*

241 Efe, M. A. & Musso, C. (1996) Reprodução de *Sterna hirundinacea* nas Ilhas Itatiaia, ES em 1994. *In: Resumos do V CBO.*

242 Efe, M. A. & Musso, C. M. (1994) Crescimento de Filhotes de *Sterna* (sandvicensis) eurygnatha na Ilha Escalvada, ES. *In: Resumos do IV CBO.* R-44

243 Efe, M. A. & Musso, C. M. (1994) Registro de Reproducao de *Puffinus ilherminieri* (Lesson, 1939) no Brasil. *In: Resumos do IV CBO.* P-82.

244 Efe, M. A. & Musso, C. M. (2001) Primeiro registro de *Puffinus lherminieri* Lesson, 1839 no Brasil. *Nattereria* 2:21-23.

245 Efe, M. A., & Musso, C. (1996) Projeto Andorinhas do Mar - Monitoramento e Conservação de Sterna spp. nas Ilhas do Espírito Santo - 1994. *In: Resumos do XXI CBZ.*

246 Efe, M. A., Bugoni, L., Mohr, L. V., Scherer, A., Scherer, S. B. & Bairro, O. (2001) First-known record of breeding for the Black Skimmer (*Rynchops niger*) in a mixed colony in Ibicuí River, Rio Grande do Sul state, southern Brazil. *International Journal of Ornithology* 4(2):103-107.

247 Efe, M. A., Bugoni, L., Scherer, A. et al. (2000) Registro de reprodução de talha-mar, *Rynchops niger,* em colônia mista com outras três espécies em ilha do rio Ibiquí, Rio Grande do Sul. p. 220-221. *In: Resumos do VIII CBO.*

248 Efe, M. A., Musso, C., Glock, L. (2001) Parâmetros populacionais de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *In: Resumos do IX CBO.*

249 Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S Nascimento & Musso, C. (2000) Distribuição e ecologia reprodutiva de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *Melopsittacus* 3(3):110-121.

250 Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S, Musso, C. & Glock, L. (2004) Variações morfológicas e padrões de crescimento de filhotes de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. Biociências 12.

251 Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S. & Musso, C. M. (1994) Projeto Andorinhas do Mar - Conservacao de *Sterna* spp no Espirito Santo. *In: Resumos do IV CBO.* P-144.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

252 Efe, M. A., Nascimento, J. L. X., Nascimento, I. L. S., Musso, C. & Glock, L. (2001) Variações morfológicas e padrões de crescimento em *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *In: Resumos do IX CBO.*

253 Efe, M. A., Nascimento, J. L., Nascimento, I. L. S. *et al*. (2000) Distribuição e ecologia reprodutiva de *Sterna sandvicensis eurygnatha* no Brasil. *Melopsittacus* 3(3):110-121.

254 Erwin, R. (1977). Foraging and breeding adaptations to different food regimes in three seabirds: the Common Tern, *Sterna hirundo*, Royal Tern, *Sterna maxima*, and Black Skimmer, *Rynchops niger*. *Ecology*. 58: 389-397.

255 Erwin, R. (1978). Coloniality in Terns: the role of social feeding. *Condor*. 80:211-215.

256 Escalante, R. (1973) The Cayenne Tern in Brazil. *Condor* 75:470-472.

257 Fedrizzi, C. E., Azevedo Junior, S. M. & Larrazabal, M. E. L. (2004) Body mass and acquisition of breeding plumage of wintering *Calidris pusilla* (Linnaeus) (Aves, Scolopacidae) in the coast of Pernambuco, north-eastern Brazil. *Rev. Bras. Zool*. 21(2):249-252.

258 Fonseca, V. S. S., Azevedo, M. S. & Petry, M. V. (2000) Nota sobre a ocorrência da pomba-antártica, *Chionis alba* (Gmelin,1789), no litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. *Acta Biologica Leopoldensia* 22(1):133-135.

259 Hayes, F. E. (2001) Identification of Least Tern *Sterna antillarum* and Yellow-billed Tern *S. superciliaris*, with a sight record of Yellow-billed Tern from Tobago, West Indies. *Cotinga* 15:10-13.

260 Johnsgard, P. A. (1981) *The plovers, sandpipers and snipes of the world*. Lincoln and London: University of Nebraska Press.

261 Krul, R. & Moraes, V. S. (1995) Sazonalidade de *Sterna spp.* (Aves, Sternidae) na costa do Paraná, Brasil. VI Congreso Latinoamericano de Ciencias del Mar, Mar del Plata, Argentina. Resumos, R417.

262 Lara Resende, S. M. & Voss, W. A. (1985) Comunicação sobre a ocorrência do maçarico-de-bico-torto, *Numenius phaeopus* (Linnaeus, 1758), no Rio Grande do Sul. *Acta Biol. Leopold*. 6(1984):249-250.

263 Lara Resende, S. M., Leeuwenberg, F. & Harrington, B. A. (1989) Biometry of Semipalmated Sandpipers *Calidris pusilla* in southern Brazil. *Wader Study Group Bull*. 55:25-26.

264 Lima, P. C. & Santos, S. S. (2004) Ensaio fotográfico sobre o comportamento reprodutivo do perna-longa – *Himantopous himantopus mexicanus* (Muller, 1776). *Atualidades Orn*. 120:10.

265 Lima, P. C., Hays, H., Lima, R. C. F. R. & Santos, S. S. (2001) As gaivotas-róseas da Bahia. *A Tarde*, Supl. Rural, Salvador, 8 outubro: 4-5.

266 Lima, P. C., Lima, R. C. F. R., Santos, S. S. & Grantsau, R. (2002) Os maçaricos da Bahia e a inclusão de uma nova subespécie: *Charadrius wilsonia crassirostris*. *Neon* – Arte, cultura e entretenimento, Salvador 4(35):26-29.

267 Lyra-Neves, R. M., Azevedo Junior, S. M. & Telino-Junior, W. R. (2004) Monitoramento do maçarico-branco, *Calidris alba* (Pallas) (Aves, Scolopacidae), através de recuperações de anilhas coloridas, na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. *Rev. Bras. Zool*. 21(2):319-324.

268 Martinez, M., J. Isacch and M. Rojas. (2000). Olrogs Gull *Larus atlanticus*: specialist or generalist? *Bird Conserv. Int*. 10:89-92.

269 Mazar Barnett, J. (1997) First report of *Xenus cinereus* (Charadriiformes: Scolopacidae) for Brazil. *Ararajuba* 5(2):236-237.

270 Mendes, A. M., Silva, H. B. & Guerra, L. F. P. (1981) Recuperação de Sterna hirundo no município de Rio Grande. *Ciênc. Cult.* 33(10):1352-1353.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

271 Mikich, S. B. & Lara, A. I. (1996) Levantamento de aves limnícolas [sic] da Praia Deserta, ilha de Superagui, Guaraqueçaba, Brasil. *Est. Biol*. 4(40):55-70.

272 Moraes, V. S. & Krul, R. (1993) Monitoramento de populações da batuíra-de-colar *Charadrius collaris* no eixo Barranco-Pontal do Sul, PR. *In: Resumos do III CBO.* P 50.

273 Moraes, V. S. & Pichorim, M. (1991) Oviposição da batuíra-da-praia *Charadrius collaris* na Ilha do Mel, Paraná. p. 29. *In: Resumos do I CBO.*

274 Musso, C., Efe, M. A. & Maia, M. P. (1997) Resultados do monitoramento e conservação de *Sterna* spp. no Espírito Santo no período de 1988 a 1996. *In: Resumos do VI CBO.*

275 Nascimento, J. L. X. (1992) Projeto "Anilhamento de aves limícolas na Ilha do Parazinho, Amapá". Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas 5:3.

276 Nascimento, J. L. X. (1998) Muda de Charadriidae e Scolopacidae (Charadriiformes) no norte do Brasil. *Ararajuba* 6(2):141-144.

277 Naves, L. C. & Vooren, C. M. (2000) Ecologia alimentar do talha-mar, *Rhynchops nigra*, da desembocadura da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul. p.314-315. *In: Resumos do VIII CBO.*

278 Naves, L. C., L. F. Brusque e C. M. Vooren (2002) Feeding ecology of *Sula leucogaster*, *Anous stolidus* and *Anous minutus* at Saint Peter and Saint Paul's Rocks, Brazil. *Ararajuba* 10(1):21-30.

279 Neves, T. 1994. Ocorrência de atividade reprodutiva de *Sterna maxima* no Parque Estadual Marinho da Laje de Santos. Rio de Janeiro, *Resumos do XX Congresso Brasileiro de Zoologia*.

280 Neves, T. S. (1994) [Nidificação de *Sterna maxima* em Santos, SP]. In: *Resumos do XX CBZ*.

281 Olmos, F. (2000) Revisão dos registros de *Stercorarius pomarinus* no Brasil, com notas sobre registros de *S. longicaudus* e *S. parasiticus* (Charadriiformes: Stercorariidae). *Nattereria* 1:29-33.

282 Pacheco, J. F. (1995) Ocorrência acidental da gaivota-de-Franklin, *Larus pipixcan* no médio Solimões, Amazonas. *Atualidades Orn*. 66:4.

283 Pacheco, J. F. (2000) O registro brasileiro de *Philomachus pugnax* (Charadriiformes: Scolopacidae) divulgado por Sick – autoria e elucidação de pequenas questões. *Nattereria* 1:19.

284 Pereira, A. B., Putzke, J. & Sander, M. (1990) Plants utilized by *Larus dominicanus* Lichtenstein,1823 for nest building at the South Shetland Islands, Antártica. *Pesquisa Antártica Brasileira*, Brasília, 2(1):79-85.

285 Resende, S. M L. & Leeuwenberg, F. (1989) A first breeding record of the two-banded plover, *Charadrius falklandicus*, in Brazil. Wader Study Group Bulletin 56:38-39.

286 Resende, S. M. L. & Voss, W. A. (1984) Comunicação sobre a ocorrência do maçarico-de-bico-torto, *Numenios phaeopus* (Linnaeus, 1758), no Rio Grande do Sul. Acta Biol. Leopold. 6(2):249-250.

287 Rodrigues, A. A. F. (1992) Ecologia de avs limícolas na Iha do Cajual, Alcântara, Maranhão. Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas 5:4.

288 Rodrigues, A. A. F. (1993) *Migrações, abundância sazonal e alguns aspectos sobre a ecologia de aves limícolas na baía de São Marcos, Maranhão - Brasil*. Tese de Mestrado. Belém: Uni. Fed. do Pará.

289 Rodrigues, A. A. F. (2000) Seasonal abundance of Neartic shorebirds in the Gulf of Maranhão, Brazil. *J. Field Orn*. 71:665-675.

290 Rodrigues, A. A. F. & Lopes, A. T. L. (1997) Abundância sazonal e reprodução de *Charadrius collaris* no Maranhão, Brasil. *Ararajuba* 5(1):65-69.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

291 Rodrigues, A. A. F. e A. T. L. Lopes (2000) The occurrence of Red Knots *Calidris canutus* on the north-central coast of Brazil. *Bull. Brit. Orn. Cl*. 120(4):251-259.

292 Rodrigues, A. A. F., Oren, D. C. & Lopes, A. T. L. (1996) New data on breeding Wilson's Plover *Charadrius wilsonia* in Brazil. *Wader Study Group Bull* 81:80-81.

293 Sagar, P. M. (1991) Aspects of the breeding and feeding of the Kerguelan and Antarctic Terns at the Kerguelan Islands. *Notornis* 38: 191-198.

294 Sagar, P. M., Shankar, Ude and Brown, S. (1999) Distribution and numbers of waders in New Zealand, 1983-1994. *Notornis* 46: 1-44.

295 Scherer-Neto, P. (1985) Nova ocorrência da "pomba-antártica" (*Chionis alba* Gmelin, 1789), no sul do Brasil. *Anais Soc. Sul-Riograd. Ornit*. 6:19-20.

296 Schulz Neto, A., Pereira, S. F. T. & Interaminense, L. J. L. (1992) Novas ocorrências reprodutivas de *Charadrius collaris* e *Charadrius wilsonia*. *In: Resumos do II CBZ*. R.83.

297 Sick, H. & Leão, A. P. A. (1965) Breeding sites of Sterna eurygnata and other seabirds of the Brazilian coast. *Auk* 82:507-508.

298 Silva e Silva, R., Olmos, F. & Lima, P. C. (2002) *Catharacta chilensis* (Bonaparte, 1857) no Brasil. *Ararajuba* 10(2):275-277.

299 Silva, F. (1971) Comunicação sôbre os hábitos da jaçanã, *Jacana spinosa jacana* L. 1766. Estudos Leopol. 18:329-343.

300 Soares, A. B. A. (1997*) Biologia reprodutiva de* Anous stolidus *(Aves: Charadriiformes) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

301 Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S. & Efe, M. (1998) Brown Noddy *Anous stolidus* breeding at the Abrolhos archipelago, Bahia State, Brazil. *In*: Adams, N. J. e R. H. Slotow (eds.) *Proc. 22 Int*. *Ornithol. Congr*., Durban. *Ostrich* 69:336.

302 Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1998) Aspectos da reprodução da andorinha-do-mar-preta (*Anous stolidus*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia. *In: Resumos do VII CBO.*

303 Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ferreira, I. (2000) Desenvolvimento de filhotes da andorinha-do-mar-preta ou benedito (*Anous stolidus*) no arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. p. 205-214. *In: Alves et al (2000).*

304 Soares, A. B. A., Alves, V. S., Couto, G. S., Efe, M. A. & Ferreira, I. (2000) Biologia reprodutiva da andorinha-do-mar-preta ou benedito (*Anous stolidus*) no arquipélago dos Abrolhos. *In: Alves et al (2000).* p. 215-229.

305 Soares, M. (1994) Nidificação do piru-piru (*Haematopus palliatus*) do litoral de Santa Catarina. *Alcance* 1(2):109-111.

306 Soares, M. & Schiefler, A. F. (1992) Observações de aves limícolas em Navegantes e Laguna, Santa Catarina. Boletim do Grupo de Estudos de Aves Limícolas. 5:3.

307 Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Ocorrência da "Pomba-antártica" *Chionis alba* (Aves, Chionididae) para o Estado de Santa Catarina. *Biotemas* 8(2):119-121.

308 Soares, M. & Schiefler, A. F. (1995) Reprodução de *Larus dominicanus* (Aves, Laridae) na ilhota da Galeta, Laguna, SC, Brasil. *Arq. Biol. Tecnol*. 38(1):313-316.

309 Teixeira, D. L. M. (1991). Notas sobre a biologia do ferrãozinho, *Hoploxypterus cayanus*. p. 21. *In: Resumos do I CBO.*

310 Vooren, C. M. & Chiaradia, A. F. (1989) *Stercorarius longicaudus* and *S. parasiticus* in Southern Brazil. *Ardea* 77(2):233-235.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

311 Witeck, A. J. (1990) Dados preliminares sobre nidificação de Charadrius collaris em Rio Grande, RS. Bol. Grupo de Estudos de Aves Limnícolas 2:5.

312 Yorio, P. & F. Quintana. 1997. Predation by Kelp Gulls *Larus dominicanus* at a mixed-species colony of Royal Terns *Sterna maxima* and Cayenne Terns *Sterna eurygnatha* in Patagonia. *Ibis*. 139: 536-541.

313 Yorio, P. & G. Harris. 1992. Actualizacion de la distribucion reproductiva, estado poblacional y de conservacion de la gaviota de Olrog (*Larus atlanticus*). *Hornero*. 13:200-202.

314 Yorio, P., D. Rábano and P. Friedrich. 2001. Habitat and nest site characteristics of Olrogs Gull *Larus atlanticus* breeding at Bahía San Blas, Argentina. *Bird Conserv. Int*. 11: 27-34.

315 Yorio, P., F. Quintana, A. Gatto, N. Lisnizer and N. Suárez. 2004. Foraging patterns of breeding Olrogs Gull at Golfo San Jorge, Argentina. *Waterbirds*. 27:193-199.

316 Yorio, P., G. Punta, D. Rabano, F. Rabuffetti, G. Herrera, J. Saravia and P. Friedrich. 1997. Newly discovered breeding sites of Olrog´s Gull *Larus atlanticus* in Argentina. *Bird Conserv. Int*. 7:161-165.

317 Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1990) Monitoramento do Tuiuiu *Jabiru mycteria* no Pantanal da Nhecolandia, Corumba, MS no Ano de 1989 *Resumos do VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Pelotas, RS*, P. 46.

318 Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. (1996) *Tuiuiu, sob os céus do Pantanal - Biologia e Conservação do Tuiuiu, Jabiru mycteria.* São Paulo: Empresa das Artes.

319 Antas, P. T. Z., Nascimento, I. L. S. & Fillipini, A. (1993) Censos aéreos e terrestres de tuiuiús (*Jabiru mycteria*) no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *In: Resumo do III CBO*. R 36.

320 Antas. P. T. Z., Nascimento, I. L. S. (1989) Anilhamento do Tuiuiu *Jabiru mycteria* no Pantanal de Mato Grosso. Resumos do V Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Brasilia, DF. Linha Grafica Editora Ltda. pp. 7

321 Azeredo, R. (1998) *Crax blumenbachii* Spix, 1825. p.246-248. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

322 Azeredo, R. (1998) *Pipile jacutinga* (Spix, 1825), p.233-235. In: Machado, A. B. M. (eds.) *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

323 Azeredo, R. M. A., Simpson, J. G. P. & Barros, L. P. (2001) *Crax blumenbachii* preservation project. P. 136-138. *In:* M. E. Fowler (ed.) *Biology, medicine and surgery of South American wild animals*. Iowa: Iowa University Press.

324 Silveira, L. F., Olmos, F. e Long, A. J. (2003). The Alagoas Curassow: World´s rarest cracid. *Bulletin of Cracids Specialists Group*, Houston, v. 17, p. 31-35.

325 Silveira, L.F. & F. Olmos. 2003. Cracids in coastal Alagoas State, Northeastern Brazil. Hampshire, UK, *Annual Review of the World Pheasant Association, 2002/2003*. p.49-52.

326 Teixeira, D. L. M. (1997) A conservação do cracidae no nordeste extremeo [sic] do Brasil. p.273-280. *In*: S.D. Strahl, S. Beaujon, D. M. Brooks, A. J. Begazo, G. Sedaghatkish e F. Olmos (Eds.). *The Cracidae. Their biology and conservation*. Surrey and Blaine: Hancock House Publ.

327 Teixeira, D. L. M. & Sick, H. (1981) Notes on Brazilian Cracidae: the Red-billed Curassow, *Crax bumenbachii* Spix, 1825, and the Wattled Curassow, *Crax globulosa* Spix, 1825. *Bol. Mus. Nac*., n. s. Zool. 299:1-31.

328 Teixeira, D. L. M. & Snow, D. (1981) The Red-billed Curassow *Crax blumenbachii* Spix 1825: and endangered Brazilian Cracidae. Reunion Iberoamer. *Conserv. Zool. Vertebr*. 1981:61.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

329 Teixeira, D. L. M. & Snow, D. W. (1982) Notes on the nesting of the Red-billed Curassow *Crax blumenbachii*. *Bull. B. O. C.* 102:83-84.

330 Straube, F.C. 1991. Novos registros de aves raras no Estado do Paraná: *Crypturellus noctivagus* (Tinamiformes: Tinamidae) e *Tigrisoma fasciatum* (Ciconiiformes: Ardeidae). *Ararajuba*. 2:93-94.

331 Straube, F. C. & Bornschein, M. R. (1991) Novos registros de *Chloroceryle inda* (Linnaeus, 1766) e *Chloroceryle aenea* (Pallas, 1764) para o Estado do Paraná, sul do Brasil (Alcedinidae, Aves). *Acta Biol. Leopold.* 13(1):81-84.

332 Aguirre, A. C. (1962) Estudo sobre a biologia e consumo da jaçanã *Porphyrula martinica* (L.) no Estado do Maranhão. *Arq. Mus. Nac*. 52:9-20.

333 Martinez, M., M. Bó and J. Isacch. (1997). Habitat y abundancia de *Coturnicops notata* y *Porzana spiloptera* em Mar Chiquita, Prov. de Buenos Aires, Argentina. *Hornero*. 14:274-277.

334 Novaes, F. C. & Lima, M. F. C. (1994) Primeiro registro de *Laterallus jamaicensis* (Açanã-preta) para o Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Nova Ser. Zool.* 10(2):293-294.

335 Taylor, B. and van Perlo, B. (1998) *Rails: a guide to the rails, crakes, gallinules and coots of the world*. Robertsbridge, UK: Pica Press.

336 Teixeira, D. L. M. & Puga, M. E. M. (1984) Notes on the Speckled Crake (*Coturnicops notata*) in Brazil. *Condor* 86:342-343.

337 Ventura, C. P. E. & Ferreira, I. (1982) Observações sobre a minúscula saracura "sanã-do-papo-amarelo". Anais Soc. Sul-Riogr. Ornit. 3:23-26.

338 Scherer-Neto, P. (1983) Observações sobre nidificação e filhotes de bacurau-pequeno Caprimulgus parvulus Gould, 1837, na natureza. p. 351. *In: Resumos do X CBZ*. R 275.

339 Amadon, D. (1943) The genera of starlings and their relationships. *Amer. Mus. Novit.* 1247.

340 Pacheco, J.F. 1988. Black-hooded Antwren *Formicivora* [Myrmotherula] *erythronotos* re-discovered in Brazil. *Bull. Brit. Ornith. Club*. 108:179-182.

341 Pacheco, S. & Simon, J. E. (1995) Variações no padrão de nidificação de *Fluvicola nengeta* Linnaeus, 1766 (Aves, Tyrannidae). *Rev. Bras. Biol.* 55: 609-615.

342 Reinert, B. L., Bornschein, M. R. & Teixeira, D. L. M. (1996) Notas sobre um novo Formicariidae recentemente descrito do sul do Brasil. *In: Resumos do V CBO.* p.99.

343 Reinert, B.L. & M.R. Bornschein. 1996. Descrição do macho adulto de *Stymphalornis acutirostris* (Aves: Formicariidae). *Ararajuba*. 4(2):103-105.

344 Reinert, B.L. 2001. *Distribuição geográfica, caracterização dos ambientes de ocorrência e conservação do bicudinho-do-brejo (*Stymphalornis acutirostris *Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995 – Aves, Formicariidae)*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

345 Ribon, R. & Simon, J. E. (1998) *Carpornis cucullatus* (Swainson, 1821), p.359-360. In: A. B. M. Machado, G. A. da Fonseca, R. B. Machado, L. M. de S. Aguiar e L. V. Lins (eds.) Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

346 Short, L. L. & K. C. Parkes (1979) The status of *Agelaius forbesi*. *Auk* 96(1):179-183

347 Silveira, L. F., Olmos, F., Roda, S. A. & Long, A. (2003) Notes on the Seven-coloured Tanager *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831) in North-eastern Brazil. *Cotinga* 20: 82-88.

348 Silveira, L.F. F. Olmos, S.A. Roda and A.J. Long. 2003. Notes on the Seven-coloured Tanager *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831) in North-east Brazil. *Cotinga*. 20:82-88.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

349 Snow, D.W. 1982. *The cotingas*. London: British Museum (Natural History), and Oxford: Oxford University Press.

350 Souza, M.C. 1994. Ocorrência de *Pyriglena atra* (Passeriformes: Formicariidae) no estado de Sergipe. Recife, PE, *Resumos do IV Congresso Brasileiro de Ornitologia*. Universidade Federal de Pernambuco. p.134.

351 Teixeira, D. L. M. & Almeida, A. C. C. (1997*) A biologia da "Escarradeira" Xipholena atropurpurea (Wied, 1820) (Aves, Cotingidae).* Eunápolis, BA: Veracruz Florestal .[Estação Veracruz, Publ. Técnico-científica n. 2]

352 Teixeira, D. L. M. & Carnevalli, N. (1989) Nova espécie de *Scytalopus* Gould, 1837, do nordeste do Brasil (Passeriformes, Rhinocryptidae). *Bol. Mus. Nac., Zool*. 331:1-11.

353 Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1989) Notas sobre *Cranioleuca semicinerea* (Reichenbahc, 1853) (Aves, Furnariidae). *Rev. Bras. Biol.* 49:605-613.

354 Teixeira, D. L. M. & Luigi, G. (1990) Notas sobre a biologia *Xipholena atropurpurea* no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XVII CBZ*. p. 174.

355 Teixeira, D. L. M. & Pinto, F. J. M. (1988) Sobre a reprodução de *Tangara fastuosa*. *In: Resumos do XV CBZ*. p. 484.

356 Teixeira, D. L. M., Luigi, G. & Almeida, A. C. C. (1990) A redescoberta de *Iodopleura pipra leucopygia* no nordeste do Brasil. *In: Resumos do XVII CBZ*. p. 179.

357 Tobias, J.A. & R.S.R. Williams. 1996. Threatened Formicivora antwrens of Rio de Janeiro state, Brazil. *Cotinga*. 5:62-66.

358 Vasconcelos, M. F. (1998) *Myrmotherula minor* Salvadori, 1864, p.313-314. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

359 Vasconcelos, M. F. (1998) *Myrmotherula urosticta* (Sclater, 1857)[sic], p.311-312. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

360 Vasconcelos, M. F. (1998) *Sporophila falcirostris* (Temminck, 1820), p.355-356. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

361 Vasconcelos, M. F. (1998) *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869), p.374-375. In: Machado, A. B. M., Fonseca, G. A., Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (eds.) Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

362 Vasconcelos, M. F., D'Angelo Neto, S. & Mandonado-Coelho, M. (2004) New noteworthy occurrences of the Wied´s Tyrant-Manakin (*Neopelma aurifrons*) in Brazil. Ornitol. Neotropical 15:547-548.

363 Vecchi, M. B., Alves M. A. S. (2004) Novo registro de distribuição de *Formicivora littoralis* no Estado do Rio de Janeiro. Blumenau. *Resumos do XII Congresso Brasileiro de Ornitologia*. p.409.

364 Willis, E. O. & Oniki, Y. (1982) Behavior of Fringe-backed Fire-eyes (*Pyriglena atra*, Formicariidae): a test case for taxonomy versus conservation. *Rev. Bras. Biol.* 42:213-223.

365 Willis, E. O. & Oniki, Y. (1987) Nidificação de inverno de *Iodopleura pipra* (Lesson, 1831) (Aves, Cotingidae). *In: Resumos: XIV CBZ.* p. 149.

366 Short, L. L.(1982) Woodpeckers of the world. Delaware: Delware Museum of Natural History (Monogr. Ser. 4)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

367 Vasconcelos, M. F. (1998) Registros de duas espécies de aves ameaçadas de extinção em Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais: *Amazona vinacea* e *Pyroderus scutatus*. *Atualidades Orn.* 86:6.

368 Agne, C. E. (2004) Primeiro registro do Sacoí-vermelho, *Ixobrychus exilis* (Gmelin, 1789) para o Rio Grande do Sul. Atualidades Orn. 120:

369 Aguilar, Y. H., Figueiredo, C. & Lopes, M. E. (1988) Estudos preliminares da biologia e estimativa populacional do *Phalacrocorax olivaceus* na Ilha do Biguá, Baía de Antonina, PR. *In: Resumos do XV CBZ.*

370 Andrade, M. A. (1998) *Tigrisoma fasciatum* (Such, 1825), p.193-194. In: Machado, A. B. M. et al. (eds.) *Livro Vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

371 Antas, P. T. Z. (1979) Breeding the scarlet ibis *Eudocimus ruber* at the Rio de Janeiro Zoo. *International Zoo Yearbook* 19: 135 139.

372 Antas, P. T. Z., Roth & Morrison, R. G. (1990) Status and conservation of the Scarlet Ibis (*Eudocimus ruber*) in Brazil. WRB (International Waterfowl Research Bureau) Special Publication 2:130-136.

373 Azevedo Jr., S. M., Telino Jr., W. R. & Neves, R. M. L. (1994) Primeiro registro das aves oceânicas *Sula dactylatra*, *Sterna fuscata* e *Anous stolidus* na costa de Pernambuco, Brasil. *In: Resumos IV CBO*.

374 Azevedo Júnior, S. M. (1997) Colonização da garça-boieira *Bubulcus ibis* em Pernambuco, Brasil. *Airo* 8(1/2):48-50.

375 Lima, P. C. e S. S. Santos e C. M. Barreto (1999) Garça-vaqueira: colonização e migração. *A Tarde*, Supl. Rural, Salvador, 11 Janeiro:4-5.

376 Mohr, L. V. (2003) Primeiro registro documentado da garça-azul *Egretta caerulea* no Rio Grande do Sul. *Atualidades Orn*. 116:2-3.

377 Nacinovic, J. B. & Teixeira, D. L. M. (1987) Sobre a ocorrência de *Ardea purpurea* e *Ardeolla ralloides* no Brasil. *In: Resumos do XIV CBZ.* p. 147.

378 Nacinovic, J. B., Tavares, M. S. & Teixeira, D. L. M. (1986) Sobre a reprodução de *Botaurus pinnatus* no Rio de Janeiro. *In: Resumos do XIII CBZ*. p. 198.

379 Nacinovic, J. B., Tavares, M. S. & Teixeira, D. L. M. (1986) Sôbre a reprodução de *Botaurus pinnatus* (Wagler, 1829). *Anais Soc. Sul-Riograd. Ornit.* 7:3-6.

380 Nascimento, J. L. X. (1990) Reprodução de *Agamia agami* na usina hidreletrica Balbina, Amazonas, Brasil. *Ararajuba* 1: 79-83.

381 Olmos, F. (2000) Dieta e biologia reprodutiva de *Eudocimus ruber* e *Egretta caerulea* (Aves: Ciconiiformes) nos manguezais de Santos-Cubatão, São Paulo. Resumo de tese. *Atualidades Orn*. 97:2.

382 Olmos, F. & R. Silva e Silva. (2003) *Guará: ambiente, flora e fauna dos manguezais de Santos-Cubatão*. São Paulo: Empresa das Artes.

383 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1998) Biologia reprodutiva do Guará *Eudocimus ruber* em Santos-Cubatão, SP. *In: Resumos do VII CBO.*

384 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1998) Diet and breeding biology of the Scarlet Ibis *Eudocimus ruber* in a sotheastern Brazilian mangrove swamp. 1998 Colonial Waterbird Society Meeting, Miami, USA.

385 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2000) Sobreposição da dieta de *Eudocimus ruber* e *Egretta caerulea* nos manguezais de Santos-Cubatão, São Paulo. *In: Resumos do VIII CBO.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

386 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2001) Breeding biology and nest site characteristics of the Scarlet Ibis in Southeastern Brazil. *Waterbirds* 24(1): 58-67.

387 Olmos, F. & Silva e Silva, R. (2002) Breeding biology of the Little Blue Heron (*Egretta caerulea*) in southeastern Brazil. Ornitologia Neotropical 13:17-30.

388 Olmos, F. & Souza, M. F. B. (1988) A new record of the Streaked Bittern *Ixobrychus involucris* from northeastern Brazil. *Wilson Bull.* 100(3): 510-511.

389 Olmos, F. e R. Silva e Silva (2002) Breeding biology of the Little Blue Heron *Egretta caerulea* in southeastern Brazil. *Waterbirds* 13(1):17-30.

390 Olmos, F., R. Silva e Silva, R. & Prado, A. (2001) Breeding season diet of Scarlet Ibises *Eudocimus ruber* and Little Blue Herons *Egretta caerulea* in a Brazilian mangrove. *Waterbirds*. 24(1): 50-57.

391 Parkes, K. C. (1998) First record of the Great Blue Heron for Brazil. *Colonial Waterbirds* 21(1):89-90.

392 Rodrigues, A. A. F. (1995) Ocorrência da reprodução de *Eudocimus ruber* na ilha do Cajual, Maranhão, Brasil (Ciconiiformes: Threskiornithidae). *Ararajuba* 3:67-68.

393 Rodrigues, A. A. F. e M. Fernandes (1994) Nota sobre um ninhal do guará *Eudocimus ruber* (Ciconiiformes), no litoral do Pará, Brasil. *Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, sér. Zool*. 10(2):289-292.

394 Roma, J. C. (2001) Ocorrência de um ninhal e de uma grande população de guarás (*Eudocimus ruber*) na Ilha Canela, Pará (dados de 1995). In A biodiversidade e a comunidade de pescadores na Ilha Canela, Bragança, Pará, Brasil, edited by Schories, D., and I. Gorayeb. Belém: MCT/ Museu Paraense Emílio Goeldi.

395 Roma, J. C., Gorayeb, I. S. & Ayres, J. M. (1996) Ocorrência de um ninhal e de uma grande população de Guarás *Eudocimus ruber* na Ilha Canelas, PA. *In: Resumos do V CBO.*

396 Santos, M. S., Olmos, F., Silva e Silva, R., Martuscelli, P., Boçon, R., Otto, P. A. & Wajntal, A. (1998) Estimativa da variabilidade genética de populações brasileiras de *Eudocimus ruber* (Ciconiiformes -Threskiornithidae). in Resumos do VII CBO, Rio de Janeiro-RJ.

397 Scherer-Neto, P. (1982). Aspectos bionômicos e desenvolvimento de *Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783) (Aves, Threskiornithidae). *Dusenia* 13(4):145-149.

398 Sick, H. (1965) *Bubulcus ibis* (L.) na Ilha de Marajó, Pará: garça ainda não registrada no Brasil. Anais Acad. Brasil. Ciênc. 37:567-570.

399 Silva e Silva, R. & Silva, J. R. (2003) Reprodução e status da Garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*) no arquipélago de Fernando de Noronha. In Resumos do XI CBO, Feira de Santana-BA.

400 Silva, F. e M. A. B. Fallavena (1995) Movimentos de dispersão de *Platalea ajaja* (Aves, Threskiornithidae) detectados através de anilhamento. *Rev. Ecol. Lat. Am*. 2 (1/3):19-21.

401 Straube, F.C., M.R. Bornschein, B.L. Reinert e M. Pichorim. 1993. Novas informações sobre *Tigrisoma fasciatum* do Estado do Paraná. Pelotas, *Resumos do III Congresso Brasileiro de Ornitologia*. R.43.

402 Tauceda, K, C., Menegueti, J. O. (1999) Características da nidificação em colônia de *Plegadis chihi* no Parque Estadual de Itapuã, Viamão, RS. Porto Alegre: UFRGS. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Zoologia), Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

403 Tauceda, K. C., Menegheti, J. O. (1998) Estudo de uma colônia reprodutiva de *Plegadis chihi* no Parque Estadual de Itapuã. p. 280. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica, 10. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

404 Teixeira, D. L. M. & Alvarenga, H. M. F. (1985) The first recorded Cory's Bittern (*Ixobrychus 'neoxenus'*) from South America. *Auk* 102:413.

405 Teixeira, D. L. M. & Carvalho, M. C. S. (1982) Notas sobre a Garça-real, *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783). *Anais Soc. Sul-Riograng. Ornit*. 3:13-15.

406 Teixeira, D. L. M. & Nacinovic, J. B. (1982) O socó-baio *Botaurus pinnatus* (Wagler, 1829) no Rio de Janeiro. *Anais Soc. Sul-Riogr. Ornit*. 3:9-12.

407 Teixeira, D. L. M., Nacinovic, J. B. & Dujardin, J. L. (1988) Notas sobre la distribuicion y conservacion de *Eudocimus ruber* en Brasil. In: 1st International Scarlet Ibis conservation Workshop, Caracas. The Scarlet Ibis: status, conservation and recent research. Amsterdam: IWRB Special Publication, 1988. v. 1. p. 124-129.

408 Ventura, C. P. E. & Ferreira, I. (1983) Notas sobre a "Garça Real", *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783). *Anais Soc. Sul-Riograng. Ornit.* 4:3-6.

409 Bege, L. A. R. (1990) Primer reporte de *Phoenicoparrus andinus* en Brasil. *El Volante Migratorio* 14:6.

410 Branco, M. B. C., Rocha, O. & Dias, M. M. (2001) The occurrence of *Phoenicopterus chilensis* Molina (Aves: Phoenicopteridae) in São Paulo state reservoirs. *Rev. Bras. Biol*. 61(4):703-704.

411 Efe, M. A., Filippini, A., Trois, I. A. T. (2002) Reavistagem de Flamingos no Litoral de Santa Catarina. *In: Resumos do X CBO.*

412 Rocha O, O., ed. (1994) *Contribución preliminar a la conservación y el conocimiento de la ecología de flamencos en la Reserva Nacional de Fauna Andina "Eduardo Avaroa", Departamento Potosí, Bolivia*. La Paz: Academia Nacional de Ciencas de Bolivia, Museo Nacional de Historia Natural.

413 Rocha O., O. and Quiroga O., C. (1997) Primer censo simultáneo internacional de los flamencos *Phoenicoparrus jamesi* y *Phoenicoparrus andinus* en Argentina, Bolivia, Chile y Perú, con especial referencia y análisis al caso boliviano. *Ecol. Bolivia* 30: 33-42.

414 Efe, M. A., Couto, G. S, Soares, A. B. A. & Schulz Neto, A. (1992) Primeiro registro de nidificação de *Phaethon lepturus* Daudin, 1802, no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do II CBO.*

415 Azevedo, M. S. (1998) Distribuição e alimentação do bobo-pequeno, *Puffinus puffinus*, no litoral gaúcho. p. 110. In: Resumos do Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão 4. São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

416 Azevedo, M. S., Fonseca, V. S. S, Petry, M. V. (1997) Estudos sobre alimentação e ocorrência de pardela-escura, *Puffinus griseus*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 76. In: *Programa e Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos. 6*. São Leopoldo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

417 Azevedo, M. S., Petry, M. V. (1998) Bobo-pequeno, *Puffinus puffinus*, no litoral gaúcho. p. 268. In: *Resumos do Salão de Iniciação Científica 10*. Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

418 Azevedo, M. S., Petry. M. V. (1998) Ocorrência de bobo-pequeno, *Puffinus puffinus*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 34. In: *Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3*. Porto Alegre. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

419 Azevedo, T. R. (1989) O petrel-de-cabeça-branca (*Pterodroma lessoni* Procellariidae) em Santa Catarina, Brasil. In: Resumos do V ENAVE (Brasília). p. ?.

420 Azevedo, T. R. & Schiefler, A. (1991) Additional notes on the Procellariiformes of Santa Catarina Island and mainland (Brazil). Univ. of Liège, Inst. Zool., Belgium, report 458:1-10.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

421 Berrow, S. D., Croxall, J. P., Grant, S. M. (2000). Status of white-chinned petrels *Procellaria aequinoctialis* Linnaeus 1758, at Bird Island, South Georgia. *Antarctic Sci.* 12:399-405.

422 Berrow, S.D., A.G. Wood and P.A. Prince. (2000). Foraging location and range of White-chinned Petrels *Procellaria aequinoctialis* breeding in the South Atlantic. *J. of Avian Biology*. 31:303-311.

423 BirdLife International. 2004. *Tracking ocean wanderers: the global distribution of albatrosses and petrels*. Results from the global Procellariiform tracking workshop, 1-5 September 2003. Cambridge, UK: BirdLife International.

424 Brooke, M. 2004. *Albatrosses and petrels across the world*. Oxford: Oxford University Press.

425 Bugoni, L., M. Sander, R.P. Silva-Filho, J.A.P. Moreira and J.C. Gastal. 2004. Inland displacement and mortality of the Atlantic Petrel*, Pterodroma incerta*, after a storm. Montevideo, Uruguay, *Resumos do III International Albatross and Petrel Conference*. p.22.

426 Burg, T.M. & J.P. Croxall. 2004. Global population structure and taxonomy of the wandering albatross species complex*. Molecular Ecology*. 13(8):2345-2355.

427 Croxall, J. P., Prince, P. A., Rothery, P. and Wood, A. G. (1998) Population changes in albatrosses at South Georgia. Pp.69-83 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.

428 Croxall, J.P. & P.A. Prince. 1990. Recoveries of Wandering Albatrosses *Diomedea exulans* ringed at South Georgia. *Ringing & Migration*. 11:43-51.

429 Cuthbert, R., E.S. Sommer, P.G. Ryan, J. Cooper and G. Hilton. 2004. Demography and conservation status of the Tristan Albatross *Diomedea* [*exulans*] *dabbenena*. *Biological Conservation*. 117:471-481.

430 Cuthbert, R., G. Hilton, P. Ryan and G.N. Tuck. 2005. At-sea distribution of breeding Tristan Albatrosses *Diomedea dabbenena* and potential interactions with pelagic longline fishing in the South Atlantic Ocean. *Biological Conservation*. 121:345-355.

431 Cuthbert, R.J, P.G. Ryan, J. Cooper & G. Hilton. 2003. Demography and population trends of the Atlantic Yellow-nosed Albatross. *Condor*. 105(3):439-452.

432 Cuthbert, R.J. 2005. Breeding biology of the Atlantic Petrel, *Pterodroma incerta*, and a population estimate of this and other burrowing petrels on Gough Island, South Atlantic Ocean. *Emu*. 104(3):221-228.

433 Cuthbert, R.J., R.A. Phillips and P.G. Ryan. 2003. Separating the Tristan Albatross and the Wandering Albatross using morphometric measurements. *Waterbirds*. 26(3):338-344.

434 Efe, M. A. & Musso, C. (1994) Registro de Reprodução de Puffinus lherminieri (Lesson, 1939) no Brasil. *In: Resumos do IV CBO.*

435 Enticott, J. W. and O'Connell, M. (1985) The distribution of the spectacled form of the White-chinned Petrel *Procellaria aequinoctiates conspicillata* in the South Atlantic Ocean. *British Antarctic Survey Bull.* 66: 83-86.

436 Enticott, J.W. (1991). Distribution of the Atlantic Petrel *Pterodroma incerta* at sea. *Marine Ornithology*. 19:49-60.

437 Fonseca, V. S. S., Azevedo, M. S. & Petry, M. V. (1997) Aspectos sobre a alimentação e distribuição do petrel-pratedo, *Fulmarus glacialoides*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 77. In: Programa e Resumos da Reunião Acadêmica de Biologia da Unisinos, 6. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

438 Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Albatroz-real, *Diomedea epomophora*, no sul do Brasil. p. 268. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica, 10. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

439 Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição da pardela-preta, *Procellaria aequinoctialis*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 37. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

440 Fonseca, V. S. S., Petry, M.V. & Fonseca, F. L .S. (2001) Ocorrência do Petrel-azul (*Halobaena caerulea*) no litoral do Brasil. *Orn.Neotrop*. 12(4):355-356.

441 Grantsau, R. (1995) Os albatrozes (Diomedeidae, Procellariiformes) do Atlântico e suas ocorrências na costa brasileira e uma chave de identificação. *Bol. CEO* 12:20-31.

442 Hunter, S. (1983) The food and feeding ecology of the giant petrel *Macronectes halli* and *M. giganteus* at South Georgia. *Journal of Zoology* 200: 521-538.

443 Hunter, S. (1984) Movements of South Georgia giant petrels *Macronectes* spp. ringed at South Georgia. *Ring. Migr.* 5: 105-112.

444 Hunter, S. (1984) Breeding biology and population dynamics of giant petrels *Macronectes* at South Georgia (Aves: Procellariiformes). *Journal of Zoology* 203: 441-460.

445 Krul, R. & Moraes, V. S. (1994) *Calonectris diomedea* (Procellariiformes, Procellariidae) no litoral do Paraná. p. 105. *In: Resumos do IV CBO.*

446 Luigi, G. (1995). Aspectos da biologia reprodutiva de *Pterodroma arminjoniana* (Giglioli & Salvadori, 1869) (Aves: Procellariidae) na Ilha da Trindade, Atlântico Sul. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

447 Martuscelli, P., Olmos, F. & Silva e Silva, R. (1995) First record of the Northern Giant Petrel *Macronectes halli* for Brazilian waters. *Bull. B. O. C.* 115(3):187-188.

448 Martuscelli, P., Silva e Silva, R. & Olmos, F. (1997) A large prion *Pachyptila* wreck in south-east Brazil. *Cotinga* 8:55-57.

449 Moloney, C.L., J. Cooper, P.G. Ryan and W.R. Siegfried. (1994). Use of a population model to assess the impact of longline fishing on Wandering Albatross *Diomedea exulans* populations. *Biological Conservation.* 70:195-203.

450 Moraes, V. S. & Krul, R. (1994) Sobre as gaivotas-rapineiras *Catharacta antarctica* e *Catharacta maccormicki* (Stercorariidae) no Paraná. p. 151. *In: Resumos do IV CBO.*

451 Nardon, R. C., Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição do albatroz-de-sobrancelhas-pretas, *Diomedea melanophris*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 108. In: Resumos do Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão, 4. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

452 Nardon, R. C., Fonseca, V. S. S., Petry, M. V. (1998) Distribuição do albatroz-de-sobrancelhas-pretas, *Diomedeia melanophrys*, no litoral do Rio Grande do Sul. p. 35. In: Resumos do Salão de Iniciação Científica de Ciências Biológicas da PUCRS, 3. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

453 Neves, T. S. & Olmos, F. (1998) Albatross mortality in fisheries off the coast of Brazil. p. 214-219 In G. Robertson & R. Gales (eds.) *The Albatross Biology & Conservation*. Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton.

454 Neves, T. S. & Olmos, F. (2001) O Albatroz-de-Tristão *Diomedea dabbenena* no Brasil. *Nattereria* 2:19-20.

455 Neves, T., Vooren, C. M. and Bastos, G. (2000) Proportions of Tristan and Wandering Albatrosses in incidental captures off the Brazilian coast. Proceedings of the Second International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels. 8-12 May 2000, Honolulu, Hawaii.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

456 Neves, T.S., F. Olmos e F.V. Pepes. 2003. *Plano de ação nacional para conservação de albatrozes e petréis*. Disponível em: http://www.projetoalbatroz.com.br. Acesso em: 09 de jan. de 05.

457 Nunn, G.B. & S.E. Stanley. (1998). Body size effects and rates of cytochrome b evolution in tube-nosed seabirds. *Mol. Biol. Evol*. 15:1360-1371.

458 Nunn, G.B., J. Cooper, P. Jouventin, C.J.R. Robertson and G.G. Robertson. (1996). Evolutionary relationships among extant albatrosses (Procellariiformes: Diomedeidae) established from complete cytochrome-b gene sequences. *Auk*. 113:784-801.

459 Olmos, F. (2000) Registro documentado e novas observações de *Fregetta grallaria* para o Brasil (Procellariiformes: Hydrobatidae). *Nattereria* 1:20-21.

460 Olmos, F. (2000) Revisão dos registros de *Fregetta tropica* para o Brasil (Procellariiformes: Hydrobatidae). *Nattereria* 1:27-28.

461 Olmos, F. (2002) At-sea records of Cape Verde Shearwaters *Calonectris edwardsii* in Brazil. *Atlantic Seabirds* 4(2): 77-80.

462 Olmos, F. (2002) First record of Northern Royal Albatross (*Diomedea sanfordi*) in Brazil. *Ararajuba* 10(2):271-272.

463 Olmos, F. & Souza, R. C. R. (2000) An analysis of recoveries of banded Manx Shearwaters in Brazil. Workshop Puffinus 2000, 12-16 setembro, Funchal, Madeira.

464 Olmos, F. (2001) Revisão dos registros de *Procellaria conspicillata* (Procellariidae: Procellariiformes) no Brasil, com novas observações sobre sua distribuição. *Nattereria*. 2:25-27.

465 Olmos, F., Bastos, G. C. & Neves, T. S. (2000) Estimating seabird by-catch in Brazil. Second International Conference on the Biology and Conservationof Albatrosses and Other Petrels. 8-12 Maio, Waikiki, Hawaii.

466 Olmos, F., Neves, T. S. & Bastos, G. C. C. (2001) A pesca com espinhéis e a mortalidade de aves marinhas no Brasil. p. 327-337 *In:* J. Albuquerque, J. F. Cândido, F. C. Straube & A. Roos (orgs.*) Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias*. SBO, UNISUL/CNPq.

467 Olmos, F., T. S. Neves & G. C. C. Bastos. (2001) A pesca com espinhéis e a mortalidade de aves marinhas no Brasil. P. 327-337 In J. Albuquerque, J. F. Cândido, F. C. Straube & A. L. Roos (orgs.) Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias. SBO, UNISUL/CNPq, Tubarão.

468 Olmos, F., T.S. Neves and C.M. Vooren (2000) Spatio-temporal distribution of White-chinned *Procellaria aequinoctialis* and Spectacled *P. conspicillata* Petrels off Brazil. p.142. In: FLINT, E. & K. SWIFT (eds.). Second Abstrac II International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels (Abstracts). Marine Ornithology 28: 125-152.

469 Pacheco, J. F. & Maciel, N. C. (1995) Segundo registro de *Calonectris diomedea* no Estado do Rio de Janeiro e um sumário de suas aparições na costa brasileira (Procellariformes: Procellariidae). *Ararajuba* 3:82-83.

470 Patterson, D. L. e S. Hunter (2000) Giant Petrel *Macronectes* spp. band recovery analysis from the International Giant Petrel Banding Project, 1988/89. *Marine Ornithology* 28(1):69-74.

471 Patterson, D. L., Woehler, E. J., Croxall, J. P., Cooper, J., Poncet, S. and Fraser, W. R. (2008) Breeding distribution and population status of the Northern Giant Petrel *Macronectes halli* and Southern Giant Petrel *M. giganteus*. *Mar. Ornithol.* 36:115-124.

472 Petry, M. V. & Azevedo, M. S. (2000) Dieta do gênero *Puffinus* no litoral gaúcho. p.160-161. *In: Resumos do VIII CBO.*

473 Petry, M. V., Bencke, G. A. & Klein, G. N. (1991) First record of the Shy Albatross, *Diomedea cauta,* for the Brazilian coast. *Bull. B. O. C.* 111(4)189-190.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

474 Petry, M. V., Bugoni, L., Fonseca, V. S. S. (2000) Ocurrence of the Cape Verde Shearwater, *Calonectris edwardsii*, on the Brazilian coast. British Bulletin of Ornithological Club 120(3)198-200.

475 Petry, M. V., Fonseca, V. S. S. (2000) Análise do conteúdo estomacal *de Fulmarus glacialoides,* no litoral do Rio Grande do Sul. p.159-160. *In: Resumos do VIII CBO.*

476 Petry, M. V., V. S. da S. Fonseca e M. Sander (2001) Food habits of the royal albatross, *Diomedea epomophora* (Lesson, 1825) at the seacost of Brazil. *Acta Biol. Leopold*. 23(2):207-212.

477 Piacentini, V. Q., Wedekin, L. L. & Daura-Jorge, F. G. (2003) Confirmação da presença de *Stercorarius parasiticus* (Stercorariidae) no litoral de Santa Catarina. *In: Resumos do XI CBO.* p.111.

478 Prince, P. A. (1980) The food and feeding ecology of grey-headed albatross *Diomedea chrysostoma* and black-browed albatross *D. malanophris*. *Ibis* 122: 476-488.

479 Prince, P. A., Croxall, J. P., Trathan, P. N. and Wood, A. G. (1998) The pelagic distribtuion of South Georgia albatrosses and their relationships with fisheries. Pp.137-167 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Chipping Norton, Australia: Surrey Beatty & Sons.

480 Prince, P. A., Rothery, P., Croxall, J. P. and Wood, A. G. (1994) Population dynamics of Black-browed and Grey-headed Albatrosses *Diomedea melanophris* and *D. chrysostoma* at Bird Island, South Georgia. *Ibis* 136: 50-71.

481 Prince, P.A., A.G. Wood, T. Barton and J.P. Croxall. 1992. Satellite tracking of Wandering Albatrosses (*Diomedea exulans*) in the South Atlantic. *Antarctic Science*. 4:31-36.

482 Robertson, C. J. R. (1998) Factors influencing the breeding performance of the Northern Royal Albatross. Pp.99-104 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Australia: Surrey Beatty & Sons: Chipping Norton.

483 Robertson, C. J. R. and Bell, B. D. (1984) Seabird status and conservation in the New Zealand region. Pp.573-586 in J. P. Croxall, P. G. H. Evans and R. W. Schreiber, eds. *Status and conservation of the world's seabirds*. Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 2).

484 Robertson, C. J. R. and Nunn, G. B. (1998) Towards a new taxonomy for albatrosses. Pp.13-19 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.

485 Rowan, A. N., Elliott, H. F. I. and Rowan, M. K. (1951) The "spectacled" form of the Shoemaker *Procellaria aequinoctialis* in the Tristan da Cunha Group. *Ibis* 93: 169-179.

486 Ryan, P. [G.] (1999) Red Data Bird: Spectacled Petrel, *Procellaria conspicillata*. *World Birdwatch* 21(1):24-25.

487 Ryan, P. G. (1998) The taxonomic and conservation status of the Spectacled Petrel *Procellaria conspicillata*. *Bird Conserv. Internatn.* 8: 223-235.

488 Ryan, P. G. and Boix-Hinzen, C. (1999) Consistent male-biased seabird mortality in the Patagonian Toothfish longline fishery. *Auk* 116: 851-854.

489 Ryan, P. G. and Moloney, C. L. (in press) The status of Spectacled Petrels *Procellaria conspicillata* and other seabirds at Inaccessible Island. *Mar. Ornithol.*

490 Ryan, P. G., Dean, W. R. J., Moloney, C. L., Watkins, B. P. and Milton, S. J. (1990) New information on seabirds at Inaccessible Island and other islands in the Tristan da Cunha group. *Mar. Ornithol.* 18: 43-54.

491 Ryan, P. G., J. Cooper, e J. P. Glass (2001) Population status, breeding biology and conservation of the Tristan Albatross *Diomedea* [*exulans*] *dabbenena*. *Bird Cons. Int*. 11(1): 35-48.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

492 Ryan, P.G. & C.L. Moloney. 2000. The status of Spectacled Petrels *Procellaria conspicillata* and other seabirds at Inaccessible island. *Marine Ornithology.* 28:93-100.

493 Ryan, P.G. 1998. The taxonomic and conservation status of the Spectacled Petrel *Procellaria conspicillata*. *Bird Conservation International*. 8:223-235.

494 Ryan, P.G. 2000. Separating albatrosses: Tristan or Wandering ? Africa – Birds & Birding (August/September 2000):35-39.

495 Sagar, P. M. and Weimerskirch, H. (1996) Satellite tracking of Southern Buller's Albatrosses from the Snares, New Zealand. *Condor* 98: 649-652.

496 Sagar, P. M., Stahl, J. C., Molloy, J., Taylor, G. A. and Tennyson, A. J. D. (1999) Population size and trends within the two populations of Southern Buller's Albatross *Diomedea bulleri bulleri*. *Biol. Conserv.* 89: 11-19.

497 Sampaio, C. L. S. & Castro, J. O. (1998) Registros de *Phoebetria palpebrata* (Foster, 1785) no litoral da bahia, Nordeste do Brasil (Procellariiformes: Diomedeidae). *Ararajuba* 6(2):136-137.

498 Sander, M. (1982) Nota sobre a presença de *Diomedea epomophora* Lesson, 1815, no Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, Sér. Zool. 33:23-25.

499 Schiavini, A., Frere, E., Gandini, P., García, N. and Crespo, E. (1998) Albatross-fisheries interactions in Patagonian shelf waters. Pp.208-213 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.

500 Silva, F. (1975) Presença de *Calonectris diomedea borealis* Cory, 1881 nas costas de Santa Catarina, Brasil. Iheringia, Sér. Zool. 46:54.

501 Silva, G. L. (1995) Aspectos da biologia reprodutiva de *Pterodroma arminjoniana* (Giglioli & Salvadori, 1869) (Aves: Procellariidae) na ilha de Trindade, Atlântico sul. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

502 Snow, D.W. 1965. The breeding of Audubons Shearwater (*Puffinus lherminieri*) in the Galapagos. *Auk*. 82:591-597.

503 Soto, J. & R.S. Riva. 2000. Análise da captura de aves oceânicas pelo espinhel pelágico e rede de deriva no extremo sul do Brasil, com destaque ao impacto sofrido pelo albatroz *Diomedea exulans* Linnaeus, 1758 (Procellariiformes, Diomedeidae) e a proposta de um método para minimizar a interação com a pesca. Itajaí, *Anais da XIII Semana Nacional de Oceanografia.* p.718-720.

504 Soto, J. & R.S. Riva. 2001. Recaptura de um espécime de albatroz-de-nariz-amarelo *Thalassarche chlororhynchos* (Procellariiformes, Diomedeidae) no sul do Brasil, anilhado na ilha Gough, Atlântico Sul. *Resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia*. p.369.

505 Soto, J. M. R., Riva, R. S (2000) Registro de um espécime ovígero de albatroz-de-sobrancelha, *Thalassarche melanophris*, coletado na costa do Rio Grande do Sul, Brasil. p. 353-354. *In: Resumos do VIII CBO.*

506 Taylor, G. A. (2000) *Action plan for seabird conservation in New Zealand*, Part A: Threatened seabirds. Wellington: Department of Conservation.

507 Tennyson, A., Imber, M. and Taylor, R. (1998) Numbers of black-browed mollymawks (*Diomedea m. melanophrys*) and white-capped mollymawks (*D. cauta steadi*) at the Antipodes Islands in 1994-95 and their population trends in the New Zealand region. *Notornis* 45: 157-166.

508 Voisin, J. F. & Teixeira, D. M. (1998) The identification of Giant Petrels (Aves, Procellartidae [*sic*]) in South Atlantic. *Bol. FBCN* 25:129-133.

509 Vooren, C. M. & Fernandes. A. C. (1989) *Guia de albatrozes e petréis do sul do Brasil*. Porto Alegre: Sagra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

510 Walker, K. and Elliott, G. (1999) Population changes and biology of the Wandering Albatross *Diomedea exulans gibsoni* at the Auckland Islands. *Emu* 99: 239-247.

511 Walker, K., Elliott, G., Nicholls, D., Murray, D. and Dilks, P. (1995) Satellite tracking of Wandering Albatross (*Diomedea exulans*) from the Auckland Islands: preliminary results. *Notornis* 42: 127-137.

512 Waugh, S. M., Weimerskirch, H., Moore, P. J. and Sagar, P. M. (1999) Population dynamics of Black-browed and Grey-headed Albatrosses *Diomedea melanophrys* and *D. chrysostoma* at Campbell Island, New Zealand, 1942-96. *Ibis* 141: 216-225.

513 Weimerskirch, H. and Jouventin, P. (1998) Changes in population sizes and demographic parameters of six albatross species breeding on the French sub-antarctic islands. Pp.84-91 in G. Robertson and R. Gales, eds. *Albatross biology and conservation*. Chipping Norton: Surrey Beatty & Sons.

514 Weimerskirch, H., Brothers, N. and Jouventin, P. (1997) Population dynamics of Wandering Albatross *Diomedea exulans* and Amsterdam Albatross *D. amsterdamensis* in the Indian Ocean and their relationships with long-line fisheries: conservation implications. Biol. Conserv. 79: 257-270.

515 Weimerskirch, H., Catard, A., Prince, P. A., Cherel, Y. and Croxall, J. P. (1999) Foraging white-chinned petrels *Procellaria aequinoctialis* at risk from the tropics to Antarctica. *Biol. Conserv.* 87: 273-275.

516 Williams, R. S. R., Kirwan, G. M. and Bradshaw, C. G. (1996) The status of Black-capped Petrel *Pterodroma hasitata* in the Dominican Republic. *Cotinga* 6: 29-30.

517 Willis, E. O. & Oniki, Y. (1993) On a *Phoebetria* specimen from southeastern Brazil. *Bull. B. O. C.* 113:60.

518 Woehler, E. J. (1991) Status and conservation of the seabirds of Heard Island and the McDonald Islands. Pp.263-275 in J. P. Croxall, ed. *Seabird status and conservation: a supplement*. Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ. 11).

519 Xavier, J.C., J.P. Croxall, P.N. Trathan and A.G. Wood. 2003. Feeding strategies and diets of breeding grey-headed and wandering albatrosses at South Georgia. *Marine Biology*. 143(2):221-232.

520 Zino, F., Heredia, B. and Biscoito, M. J. (1996) Action plan for Fea's Petrel (*Pterodroma feae*. Pp.25-31 in B. Heredia, L. Rose and M. Painter, eds. *Globally threatened birds in Europe: action plans*. Strasbourg, France: Council of Europe and BirdLife International.

521 Croxall, J.P., JR. D. Silk, R. A. Phillips, V. Afanasyev and D.R. Briggs. 2005. Global circumnavigations: tracking year-round ranges of nonbreeding albatrosses. *Science*. 307:249-250.

522 Cuthbert, R.J. & E.S. Sommer. 2004. Population size and trends of four globally threatened seabirds at Gough Island, South Atlantic Ocean. *Marine Ornithology*. 32:97-103.

523 Ashfort, W. (1993) *Penguins, puffins and auks*. New York: Crown Publishers.

524 Fonseca, V. S. S., M.V. Petry e A. Jost. (2001) Diet of the Magellanic Penguin on the coast of Rio Grande do Sul, Brazil. *Waterbirds* 24(2):290-293.

525 Mohr, L. V. (2004) Novo registro do pingüim-rei *Aptenodytes patagonicus* para o Brasil . *Ararajuba* 12(1)78-79.

526 Pacheco, J. F., Ramos Junior, V. & Fedullo, L. P. (1995) O Pinguim-rei (*Aptenodytes patagonicus*) pela primeira vez assinalado no Brasil. *Atualidades Orn*. 64:4.

527 Roman, A. H., Soto, M. R. (1996) Dois espécimes de pingüim-rei, *Aptenodytes patagonicus* [sic] (Forster,1844), encontrados no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil. p. 547. In: Resumos da Reunião Especial da SBPC, 3. Florianópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

528 Ryan, P. G. and Cooper, J. (1991) Rockhopper penguins and other marine life threatened by driftnet fisheries at Tristan da Cunha. *Oryx* 25: 76-79.

529 Strieder, R. S. & Strieder, M. N. (1991) Aspectos sobre a mortandade de *Spheniscus magellanicus* Forster,1781 no litoral do Rio Grande do Sul. p. 17. In: Resumos da Semana Universitária Gaúcha de Debates Biológicos, 32. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

530 Williams, T. D. (1995) *The penguins* Spheniscidae. Oxford, U.K.: Oxford University Press.

531 Woehler, E. J. (1993) *The distribution and abundance of Antarctic and sub-Antarctic penguins.* SCAR, Cambridge.

532 Alves, V. S., Coelho, E. P., Soares, A. B. A., Ribeiro, A. B. B, Efe, M. A. & Couto, G. S. (1990) Breeding Behaviour and Ecology of The Brown Booby, Sula leucogaster Boddaert, 1783, Nesting at Cabo Frio Island, Rio de Janeiro - Brasil. In: Proceeding of the XX Congressus Internationalis Ornithologicus.

533 Alves, V. S., Ribeiro, A. B. B., Soares, A. B. A., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1991) Experimentos Sobre o Comportamento de Incubação do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*), Utilizando Ovos Artificiais. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.

534 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A., Santos, M. M., Souza, A. P. M., Moreira, M. C. & Musso, C. (1996) Análises das Recapturas e Recuperações de Atobás, Sula leucogaster e S. dactylatra no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Resumos do V CBO.*

535 Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Aguiaro, T. (2000) Alimentação de *Sula dactylatra* e *Sula leucogaster* no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.*

536 Baumgarten, M. M., Kohlrausch, A. B., Araújo, A. M. et al. (1998) Indício de parasitismo de ovos em ninho de atobá-marrom, *Sula leucogaster*, nas ilhas Moleques do Sul, SC. p. 91. *In: Resumos do VII CBO.*

537 Bege, L. A. R. & Pali, B. T. (1987) *Sula serrator* no Brasil. *Nuestras Aves* 5:11.

538 Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1986) *Sula serrator* no Brasil. *Atobá* 1(1):2.

539 Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1988) Primeiro registro de *Sula serrator* no Brasil. Anais do III ENAVE (São Leopoldo). p. ?

540 Bege, L. A. R. & Pauli, B. T. (1990) Two birds new to the Brazilian avifauna *Bull. B. O.C*. 110(2): 93 94.

541 Branco, J. O. (2002) Flutuações sazonais na abundância de *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin) no estuário do Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Rev. Bras. Zool*. 19(4):1057-1062.

542 Campos-Martins, F. (2001) Redução do tamanho da ninhada em *Sula leucogaster* (Pelecaniformes, Sulidae) nas Ilhas dos Currais, Paraná. p. 164-165. *In: Resumos do IX CBO.* (R36).

543 Campos-Martins, F. (2001) Sucesso reprodutivo de *Sula leucogaster* (Pelecaniformes, Sulidae) nas Ilhas dos Currais, Paraná. p. 163-164. *In: Resumos do IX CBO.* (R35).

544 Coelho, E. P. & Alves, V. S. (1987) Um caso de albinismo no Atobá-Marrom (Sula leucogaster). Atobá 2(1):4.

545 Coelho, E. P. & Alves, V. S. (1991) Um caso de albinismo em Sula leucogaster na ilha de Cabo Frio, Rio de Janeiro (Pelecaniformes: Sulidae). *Ararajuba* 2:85-86.

546 Coelho, E. P., Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S., Efe, M. A., Ribeiro, A. B. B., Vielliard, J. & Gonzaga, L. A. P. (2004) O Atobá-marrom *(Sula leucogaster)* na ilha de Cabo Frio, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. In: Branco, J. O. (Org.). Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Itajaí, v. 1, p. 233-254.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - AVIFAUNA

547 Coelho, E. P., Soares, A. B. A. & Efe, M. A. (1989) Comportamento Reprodutivo do Atobá-marrom, *Sula leucogaster* (Aves: Sulidae) na Ilha de Cabo Frio, Arraial do Cabo, RJ. *In: Resumos do XVI CBZ*.

548 Efe, M. A., Couto, G. S., Alves, V. S., Soares, A. B. A. & Ribeiro, A. B. B. (1991) Aspectos do Crescimento e Alimentação do Atobá-Marrom *(Sula leucogaster)* e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.

549 Krul, R. (2000) Estudo da dieta de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* nas Ilhas dos Currais, litoral do Paraná. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.* R18, p.162-163.

550 Krul, R. (2000) Interação de aves marinhas com a pesca: *performance* reprodutiva de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* em relação à disponibilidade de alimento provida por descartes da pesca do camarão no Arquipélago de Currais, litoral do Paraná. *In: Orn. Bras. no Séc. XX.* R19, p.164-165.

551 Krul, R., Moraes, V. S. & Pinheiro, P. C. (1993) Análise de regurgitos de *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens*. *In: Resumos do III CBO.* R 39.

552 Oliveira, A. C., Kanagae, M. F., Efe, M. A., Alves, V. S. & Rosário, L. A. (2002) Análise dos dados de recuperação do gênero *Sula* (Pelecaniformes, Sulidae) ocorridas no Brasil entre 1981 e 2000. *In: Resumos do X CBO.*

553 Rezende, M. (1987) Comportamento associativo de *Fregata magnificens* e *Sula leucogaster* no litoral centro-norte do estado de São Paulo. *Bol. Inst. Oceanogr*. 35:1-5.

554 Ribeiro, A. B. B., Alves, V. S., Soares, A. B. A., Couto, G. S. & Efe, M. A. (1991) Aspectos Comportamentais do Atobá-Marrom (Sula leucogaster) e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceeding of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.

555 Scherer-Neto, P. (1987) Nota sobre aspectos migratórios de *Fregata magnificens* (Matthews, 1914) (Fregatidae, Aves). II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, Anais, R.34.

556 Soares, A. B. A., Alves, V. S., Ribeiro, A. B. B., Efe, M. A. & Couto, G. S. (1991) Aspectos da Nidificação do Atobá-Marrom (*Sula leucogaster*) e do Atobá-Mascarado (*Sula dactylatra*) no Arquipélago dos Abrolhos, Bahia, Brasil. In: Proceedings of the IV Congreso de Ornitologia Neotropical.

557 Pir 2 Consultoria Ambiental (2015). Projeto de Caracterização Ambiental (Baseline) da Margem Equatorial Brasileira, considerando a Bacia da Foz do Amazonas. 396 pp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

1 dos Santos AS, Almeida AP, Santos AJB, Gallo B, Giffoni B, Baptistotte C, Coelho CA, Lima EHSM, Sales G, Lopez GG, Stahelin G, Becker H, Castilhos JC, Thomé JCA, Wanderline J, Marcovaldi MAG, Mendilaharsu ML, Damasceno MT, Barata PCR and Sforza R. 2011. Plano de ação nacional para a conservação das Tartarugas Marinhas. In: Marcovaldi MAG, dos Santos AS and Sales G (Orgs). Série Espécies Ameaçadas, 25. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio. 120 p.

2 Lima EHSH, Melo MTD, Godfrey MH and Barata PCR. 2013. Sea turtles in the waters of Almofala, Ceará, Northeast Brazil, 2001 - 2010. Marine Turtle Newsletter 137: 5-9.

3 dos Santos AS, Soares LS, Marcovaldi MA, Monteiro DS, Giffoni B and Almeida AP. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Caretta caretta* Linnaeus, 1758 no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1: 1-9.

4 Marcovaldi MA, Lopez GG, Soares LS, Lima EHSM, Thome, JCA and Almeida AP. 2010. Satellite tracking of female loggerhead turtles highlights fidelity behaviour in northeastern Brazil. Endangered Species Research 12:263-272.

5 Mascarenhas R, Filho DZ and Moreira VS. 2003. Observations on sea turtles in the State of Paraiba, Brazil. Marine Turtle Newsletter 101: 16-18.

6 Almeida AP, Santos AJB, Thomé JCA, Belini C, Baptistotte C, Marcovaldi MA, dos Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:18-25.

7 Guebert FM, 2012. Pressões antrópicas e suas potenciais implicações para a conservação das tartarugas marinhas: estudo de caso em áreas da costa brasileira sob diferentes status de proteção. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). pp. 161.

8 Marcovaldi MA, Lopez GG, Soares LS, Santos AJB, Bellini C, Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1776) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:26-34.

9 Castilhos JC, Coelho CA, Argolo JF, Santos EAP, Marcovaldi MA, Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:28-36.

10 Almeida AP, Thomé JCA, Baptistotte C, Marcovaldi MA, dos Santos AS and Lopez M. 2011. Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 1:37-44.

11 Farias IP, Marioni B, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-tinga *Caiman crocodilus* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1): 4-12.

12 Villamarín F, Marioni B, Thorbjarnarson JB, Nelson BW, Botero-Arias R and Magnusson WE. 2011. Conservation and management implications of nest-site selection of the sympatric crocodilians *Melanosuchus niger* and *Caiman crocodilu*s in Central Amazonia, Brazil. Biological Conservation 144: 913–919.

13 Coutinho ME, Marioni B, Farias IP, Verdade LM, Bassetti L, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-de-papo-amarelo *Caiman latirostris* (Daudin, 1802) no Brazil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):13-20.

14 Marioni B, Farias IP, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ, Magnusson WE and Campos Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-açú *Melanosuchus niger* (Spix, 1825) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):31-39.

15 Campos Z, Marioni B, Farias I, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ and Magnusson WE. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-paguá *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):40-47.

16 Campos Z, Marioni B, Farias I, Verdade LM, Bassetti L, Coutinho ME, Mendonça SHST, Vieira TQ and Magnusson WE. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-coroa *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801) no Brasil. Revista Biodiversidade Brasileira 3(1):48-53.

17 Fritz U and Havas P. 2007. Checklist Chelonians of the World. Vertebrate Zoology 57(2):149-368.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

18 Souza FL. 2005. Geographical distribution patterns of South American side-necked turtles (Chelidae), with emphasis on Brazilian species. Revista Espanola Herpetologia. 19:33-46.

19 Pritchard PCH. 2008. *Chelus fimbriata* (Schneider 1783) Matamata Turtle. In: Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises. A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. A.G.J. Rhodin, P.C.H. Pritchard, P.P. van Dijk, R.A. Saumure, K.A. Buhlmann, and J.B. Iverson, Eds. Chelonian Research Monographs (ISSN 1088-7105) No. 5.

20 Bour R and Zaher H. 2005. A New Species of *Mesoclemmys*, from the open formations of northeastern Brazil (Chelonii, Chelidae). Papers avulsos de Ecologia. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo 45(24):295-311.

21 Böhm S. 2010. Ecology of the chelid turtles *Platemys platycephala*, *Mesoclemmys gibba* and *Mesoclemmys nasuta* in French Guyana. With notes on short term migrations and dietary spectrum of Platemys platycephala in the Nouragues Field Reserve, French Guyana. Master Thesis, University of Vien, 59pp.

22 Rueda-Almonacid JV, Carr JL, Mittermeier RA, Rodríguez-Mahecha JV, Mast RB, Vogt RC, Rhodin AGJ, de la Ossa-Velásquez J,Rueda JN & Mittermeier CG. 2007. Las tortugas y los cocodrilianos de los países andinos del trópico. Serie de guías tropicales de campo No 6. Conservación Internacional. Editorial Panamericana, Formas e Impresos. Bogotá, Colombia. 538 pp.

23 Ernst CH, Batistella AM and Vogt RC. 2010. *Trachemys adiutrix*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (869): 1-4.

24 Batistella AM. 2008. Biologia de *Trachemys adiutrix* (Vanzolini, 1995) (Testudines, Emydidae) no litoral do Nordeste, Brasil. Tese de Doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 82 pp.

25 Barreto L, Lima LM and Barbosa S. 2009. Observations on the Ecology of *Trachemys adiutrix* and *Kinosternon scorpioides* on Curupu Island, Brazil. Herpetological Review 40(3): 283–286.

26 Ernst CH. 1981. *Rhinoclemmys punctularia*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (276): 1-2.

27 Dornas T, Malvasio A and Pinheiro RT. 2011. Reptilia, Testudines, Geoemydidae, *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1802): new geographical distribution and first record for the State of Tocantins, Brazil. Checklist 7(1):49-51.

28 Berry JF and Iverson JB. 2001. *Kinosternon scorpioides.* Catalogue of American Amphibians and Reptiles (725):1-11.

29 Berry JF and Iverson JB. 2011. *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus 1766) – Scorpion Mud Turtle. In: Rhodin AGJ, Pritchard PCH, van Dijk PP, Saumure RA, Buhlmann KA, Iverson JB and Mittermeier RA (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. Chelonian Research Monographs No. 5, pp. 063.1–063.15.

30 Iverson JB and Vogt RC. 2002. *Peltocephalus* and *P. dumerilianus*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (744): 1-4.

31 Magalhães MS, Vogt RC, Barcellos FM, Moura CEB and da Silveira RD. 2014. Morphology of the digestive tube of the Podocnemididae in the Brazilian Amazon. Herpetologica 70(4):449-463.

32 Batistella AM and Vogt RC. 2008. Nesting Ecology of *Podocnemis erythrocephala* (Testudines, Podocnemididae) of the Rio Negro, Amazonas, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 7(1): 12-20

33 Mittermeier RA, Vogt RC, Bernhard R and Ferrara CR. 2015. *Podocnemis erythrocephala* (Spix 1824) – Red-headed Amazon River Turtle, Irapuca. Chelonian Research Monographs 5(087):1-10.

34 Iverson JB. 1992. A revised checklist with distribution maps of the turtles of the World. Privately published. 374 pp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

35 Pearse DE, Arndt AD, Valenzuela N, Miller BA, Cantarelli V and Sites JR JW 2006. Estimating population structure under nonequilibrium conditions in a conservation context: continent-wide population genetics of the giant Amazon river turtle, *Podocnemis expansa* (Chelonia; Podocnemididae). Molecular Ecology 15: 985-1006.

36 Bernhard R. 2001. Biologia reprodutiva de *Podocnemis sextuberculata* (Testudines, Pelomedusidae) na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Amazonas, Brasil. Tese de Mestrado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade do Amazonas (UA). 52 pp.

37 Schneider L, Iverson JB and Vogt RC. 2012. *Podocnemis unifilis*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (890): 1-33.

38 Ernst CH and Leuteritz TEJ. 1999. *Geochelone denticulata*. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (691): 1-6.

39 Pizzatto, L.; Marques, O. A. V. 2007. Reproductive ecology of Boine snakes with emphasis on Brazilian species and a comparison to pythons. South American Journal of Herpetology 2(2): 107-122, 2007.

40 Jarnevich, C.S., Rodda, G.H., and Reed, R.N. 2011. Data for giant constrictors—Biological management profiles and an establishment risk assessment for nine large species of pythons, anacondas, and the boa constrictor: U.S. Geological Survey Data Series 579.

41 Mesquita, P. C. M. D., Passos, D. C., Borges-Nojosa, D. M., Cechin, S. Z. 2013. Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no nordeste brasileiro. Papéis Avulsos de Zoologia 53(8): 99-113.

42 Silva, R. P. 2010. A herpetofauna associada à zona costeira da Amazônia brasileira e o padrão de distribuição espaço temporal de anuros na península de Ajuruteua, Bragança-PA. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Brasil.

43 Guedes, T.B., Nogueira, C., Marques, O.A.V. (2014) Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. Zootaxa 3863(1): 001-093.

44 Carvalho, M. A. (2006): Composição e história natural de uma comunidade de serpentes em área de transição Amazônia-Cerrado, ecorregião Florestas Secas de Mato Grosso, município de Cláudia, Mato Grosso, Brasil. – Unpublished Ph. D. thesis, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

45 Bernarde, P. S., Albuquerque, S., Barros, T. O., Turci, L. C. B. (2010) Snakes of Rondônia State, Brazil. Biota Neotrop. 12(3): 154-182.

46 Maschio, G.F. 2008. História natural e ecologia das serpentes da Floresta Nacional de Caxiuanã e áreas adjacentes, Pará, Brasil. Tese (Doutorado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará.

47 Castro, L.P. P. A. 2007. Biologia reprodutiva e alimentar de *Liophis reginae semilineatus* (Wagler,1824) e *Liophis taeniogaster* (Jan, 1863) Amazônia oriental, Pará, Brasil. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará.

48 Scartozzoni, R. R., Trevine, V. C., Germano, V. J. 2010. Reptilia, Squamata, Serpentes, Dipsadidae, *Pseudoeryx plicatilis* (Linnaeus, 1758): New records and geographic distribution map. CheckList 6(4): 534-537.

49 Scartazzoni, R. R. 2010. Estratégias reprodutivas e ecologia alimentar de serpentes aquáticas da tribo Hydropsini (Dipsadidae, Xenodontinae). Tese (Doutorado em Biotecnologia) - Biotecnologia, Universidade de São Paulo.

50 Vitt, L. J. 1983. Reproduction and sexual dimorphism in the tropical teiid lizard, *Cnemidophorus ocellifer*. Copeia 2: 359-366.

51 RuzI, E. J. H., Pires, T. C. S. A. 2008. The skull and abdominal skeleton of *Stenocercus dumerilii* (Steindachner, 1867) (Reptilia: Squamata: Iguania). Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais 3(3): 203-216.

52 Verdade, V. K., Rodrigues, M. T. 2007. Taxonomic Review of *Allobates* (Anura, Aromobatidae) from the Atlantic Forest, Brazil. Journal of Herpetology 41: 566-580.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

53 Lima, A. P., Caldwell, J. P., Strussmann, C. 2009. Redescription of *Allobates brunneus* (Cope) 1887 (Anura: Aromobatidae: Allobatinae), with a description of the tadpole, call, and reproductive behavior. Zootaxa 1988: 1-16.

54 Amphibiaweb. 2015. Information on amphibian biology and conservation. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Disponível em: http://amphibiaweb.org/cgi/amphib_query?where-genus=Rhinella&where-species=marina/ (Acesso em 07/15/2015).

55 Hillis, D. M. R. de Sá. 1988. Phylogeny and taxonomy of the *Rana palmipes* group (Salientia: Ranidae). Herpetological Monographs 2: 1-26.

56 Oliveira, R. N., Maciel, N. M., Silva, W. V. 2010. New state record of *Lithobates palmipes* (Spix, 1824) (Anura: Ranidae) in Brazil. Herpetology Notes 3: 277-278.

57 Furtado, M. F. M., Campos, C. E. C., Queiroz, S. S. 2014. Estrutura populacional e padrão reprodutivo de *Pseudis boliviana* (Gallardo, 1961) (Anura: Hylidae) em uma planície de inundação na Amazônia Oriental. Biota Amazônia 4 (2): 68-73.

58 Caramasch, U. 2010. Notes on the taxonomic status of *Elachistocleis ovalis* (Schneider, 1799) and description of five new species of *Elachistocleis* Parker, 1927 (Amphibia, Anura, Microhylidae). Boletim do Museu Nacional Nova Série 527: 1-30.

59 Estupiñan, R. A. 2007. Recentes registros de *Bolitoglossa paraensis* (Unterstein, 1930) (Caudata, Plethodontidae) no centro de endemismo Belém. Uakari 3(1): 91-95.

60 Molina, F. B. 1998. Comportamento e biologia reprodutiva dos cágados Phrynops geoffroanus, Acanthochelys radiolata e Acanthochelys spixii (Testudines, Chelidae) em cativeiro. Revista de Etologia, (n. especial), 25-40.

61 Van Dijk, P. P., Iverson, J. B., Rhodin, A. G. J., Shaffer, H. B. and Bour, R. 2014. Turtles of the World, 7th Edition: Annotated Checklist of Taxonomy, Synonymy, Distribution with Maps, and Conservation Status. Chelonian Research Monographs, No. 5

62 Mocelin, M. A., Fernandes, R., Porto, M. and Fernandes, D. S. 2008. Reproductive biology and notes on natural history of the side-necked turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in captivity (Testudines: Chelidae). *South American Journal of Herpetology,* 3(3), 2008, 223-228.

63 Famelli S, Bertoluci J, Molina FB and Matarazzo-Neuberger WM. 2011. Structure of a Population of *Hydromedusa maximiliani* (Testudines, Chelidae) from Parque Estadual da Serra do Mar, an Atlantic Rainforest Preserve in Southeastern Brazil. Chelonian Conservation and Biology 10(1): 132-137.

64 Souza, F. L., Martins, F. I. 2009. *Hydromedusa maximiliani* (Mikan 1825) – Maximilian's Snake-Necked Turtle, Brazilian Snake-Necked Turtle. In: Rhodin, A.G.J., Pritchard, P.C.H., van Dijk, P.P., Saumure, R.A., Buhlmann, K.A., Iverson, J.B., Mittermeier, R.A. (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. Chelonian Research Monographs No. 5, pp. 026.1- 026.6.

65 Hartmann, P.A., Hartmann, M.T., Martins, M. 2009. Ecologia e história natural de uma taxocenose de serpentes no Núcleo Santa Virgínia do Parque Estadual da Serra do Mar, no sudeste do Brasil . Biota Neotrop., 9(3).

66 Gomes, C. A. 2012. História natural das serpentes dos gêneros *Echinanthera* e *Taeniophallus* (Echinantherini) - São José do Rio Preto, SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

67 Costa, H. C., Pantoja, D. L. , Pontes, J. L., Feio, R. N. 2010. Serpentes do Município de Viçosa, Mata Atlântica do Sudeste do Brasil. Biota Neotrop. 10(3).

68 Giraudo, A. R. et al. 2014. Ecología de una gran serpiente sudamericana, *Hydrodynastes gigas* (Serpentes: Dipsadidae). Rev. Mex. Biodiv. 85(4):1206-1216.

69 Savage, J. M., Slowinski, J. B., 1996. Evolution of coloration, urotomy and coral snake mimicry in the snake genus *Scaphiodontophis* (Serpentes: Colubridae). Biological Journal of the Linnean Society 57(2):129-194.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

70 Lira-da-Silva, R.M. 2009. *Bothrops leucurus*: História Natural, Veneno e Envenenamento. Gaz. méd. Bahia 79(Supl.1):56-65.

71 Souza-Santos, R. V. et al. 2014. Use of resources by two sympatric species of *Ameivula* (Squamata: Teiidae) in an Atlantic forest-Caatinga ecotone Acta Biológica Colombiana(2014),20(1):67

72 Lisboa, C. M. C. A., Freire, E. M. X. 2012. Population density, habitat selection and conservation of *Coleodactylus natalensis* (Squamata: Sphaerodactylidae) in na urban fragment of Atlantic Forest in Northeastern Brazil. South American Journal of Herpetology, 7(2):181-190.

73 Lisboa, C. M. C. A., Sales, R.F.D., Freire, E.M.X. Feeding ecology of the pygmy gecko Coleodactylus natalensis (Squamata: Sphaerodactylidae) in the Brazilian Atlantic Forest. ZOOLOGIA 29 (4): 293–299, August, 2012

74 Vitt, L., Avila-Pires, T. C. S., Espósito, M. C., Sartorius, S. S., Zani, P. A. 2003. Sharing Amazonian Rain-Forest Trees: Ecology of *Anolis punctatus* and *Anolis transversalis* (Squamata: Polychrotidae). Journal of Herpetology, 37(2):276-285.

75 Rodrigues, M. T., Dixo, M., Accacioi, G. M. 2002. A large sample of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the Atlantic forests of Bahia, the status of *Leposoma annectans* Ruibal, 1952, and notes on conservation. Papeis Avulsos de Zoologia 42(5):103-117.

76 Rodrigues, M. T. et al. 2013. A new species of *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae) with four fingers from the Atlantic Forest central corridor in Bahia, Brazil. Zootaxa, 3635(4):459-475.

77 Filho, J. D. B., Freitas, M. A., Silva, T. F. S., Valverde, M. C. C., Loguercio, M. F. C., Veríssimo, D. 2013. On the distribution and habitat of *Leposternon octostegum* (Duméril, 1851) (Squamata: Amphisbaenidae). Wildl. Biol. Pract., 9(1): 1-6.

78 Vargens, M. M. F. , Dias, E. J. R., Lira-da-Silva, R. M. 2008. Ecologia térmica, período de atividade e uso de microhabitat do lagarto *Tropidurus hygomi* (Tropiduridae) na restinga de Abaeté, Salvador, Bahia, Brasil. Bol. Mus. Biol. Mello Leitão, 23:143-156.

79 Martins, K. V., Dias, E. J. R., Rocha, C. F. D. 2010. Ecologia e conservação do lagarto endêmico *Tropidurus hygomi* (Sauria: Tropiduridae) nas restingas do Litoral Norte da Bahia, Biotemas, 23(4).

80 Peloso, P.L.V., Faivovich, J., Grant, T., Gasparini, J. L., Haddad, C. F. B. 2012. An extraordinary new species of *Melanophryniscus* (Anura, Bufonidae) from southeastern Brazil, 3762. 31 pp.

81 Silva, A. S. F. L., Moraes, R. L., Júnior, S.S., Solé, M. 2011. Amphibia, Anura, Bufonidae, *Rhinella boulengeri* Chaparro, Pramuk, Gluesenkamp and Frost, 2007: Distribution extension, state of Bahia, Brazil, 7(6):826-826.

82 Fouquet, A., Recoder, R., Teixeira Jr., M., Cassimiro, J., Amaro, R. C., Camacho, A., Damasceno, R., Carnaval, A. C., Moritz, C., Rodrigues, M. T. 2012. Molecular phylogeny and morphometric analyses reveal deep divergence between Amazonia and Atlantic Forest species of *Dendrophryniscus.* Molecular Phylogenetics and Evolution 62:826-838.

83 Rebouças, R., Castro, I. M., Solé, M. 2013. Diet of *Haddadus binotatus* (Spix, 1824) (Anura: Craugastoridae) in Brazilian Atlantic Rainforest, Bahia state. North-Western Journal of Zoology 9(2):293-299.

84 Vilela, B., Lisboa, B. S., Nascimento, F. A. C. 2015. Reproduction of *Agalychnis granulosa* Cruz, 1989 (Anura: Hylidae). Journal of Natural History, 49(11-12):709-717.

85 Mercês, E. A., Juncá, F. A. 2010. Girinos de três espécies de *Aplastodiscus* Lutz, 1950 (Anura - Hylidae) ocorrentes no Estado da Bahia, Brasil. Biota Neotrop., 10(4).

86 Peixoto, O. L., Freire, U. C., E. X. 2003. Two New Species of *Phyllodytes* (Anura: Hylidae) from the State of Alagoas, Northeastern Brazil. Herpetologica, 59(2):235-246.

87 Caramaschi, U., Peixoto, O. L. 2004. A new species of *Phyllodytes* (Anura: Hylidae) from the State of Sergipe, Northeastern Brazil. Amphibia-Reptilia 25:1-7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

88 Carcerelli, L. C., Caramaschi, U. 1992. Ocorrência do gênero *Crossodactylus* Duméril & Bibron, 1941 no nordeste brasileiro, com descrição de duas espécies novas (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). Revista Brasileira de Biologia, 52:415-422.

89 Almeida-Gomes, M., Hatano, F. H., Van Sluys, M., Rocha, C. F. D. 2007. Diet and microhabitat use by two Hylodinae species (Anura, Cycloramphidae) living in sympatry and syntopy in a Brazilian Atlantic Rainforest area. Iheringia Sér. Zool., 97(1):27-30.

90 de Sá, R. O., Grant, T., Camargo, A., Heyer, W. R., Ponssa M. L. 2014. Systematics of the Neotropical Genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): Phylogeny, the Relevance of Non-molecular Evidence, and Species Accounts. South American Journal of Herpetology 9:1-100.

91 Pombal, Jr., J.P., Madureira, C.A. (1997): A new species of Physalaemus (Anura, Leptodactylidae) from the Atlantic rain forest of northeastern Brazil. Alytes 15: 105-112.

92 Cruz, C. A. G., Caramaschi, U., Freire, E. M. X. 1999. Ocurrence of the genus *Chiasmocleis* (Anura: Mycroylidae) in the State of Alagoas, north-eastern Brazil, with a description of a new species. J. Zool. Lond., 249:123-126.

93 Loredam, V. S. A. 2012. Dimorfismo sexual em *Dasypops schirchi* (Miranda-Ribeiro, 1924): aspectos morfológicos. 2012. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro.

94 Dixo, M. 2004. Rediscovery of *Hyophryne histrio* (Anura, Microhylidae) in Atlantic Forest remnants of Bahia, northeastern Brazil. Phyllomedusa, 3(1):77-79.

95 Silva, H. R., Britto-Pereira, M. C., Caramaschi, U. 2003. A new species of *Chthonerpeton* (Amphibia: Gymnophiona: Typhlonectidae) from Bahia, Brazil. Zootaxa 381:1-11.

96 Napoli, M. F., Soeiro, M., Trevisan, C. C., Lira da Silva, R. M. 2015. New record of *Chthonerpeton noctinectes* da Silva, Britto-Pereira and Caramaschi, 2003 (Gymnophiona, Typhlonectidae) from the Monte Cristo Island, Todos-os-Santos Bay, Bahia State, northeastern Brazil. Herpetology Notes, 8:43-45.

97 Rodrigues, M. T., Dixo, M., Pavan, D., Verdade, V. K. 2002. A new species of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic forests of the state of Bahia, Brazil. Pap. Avulsos Zool. 42(14):335-350.

98 Teixeira Jr., M., Dal Vechio, F., Recorder, R. S., Carnaval, A. C., Strangas, M., Damasceno, R. P., Sena, M. A., Rodrigues, M. T. 2012. A new species of *Leposoma* (Squamata, Gymnophthalmidae) from the remnant Atlantic forests of the state of Bahia, Brazil. Zootaxa, 3437:1-23.

99 Izecksohn, E., Carvalho-e-Silva, S. P., Peixoto, O. L. 2009. Sobre *Gastrotheca fissipes* (Boulenger, 1888), com a descrição de uma nova espécie (Amphibia, Anura, Amphignathodontidae). Arq. Museu Nac. Rio de Janeiro, 67(1-2):81-91.

100 Peixoto, O. L., Cruz, C. A. G. 1988. Descrição de duas espécies novas do gênero *Phyllodytes* Wagler (Amphibia, Anura, Hylidae) Rev. Brasil. Bio., 48(2):265-272.

101 Mocelin, M. A., Fernandes, R., Porto, M., Fernandes, D. S. 2008. Reproductive biology and notes on natural history of the side-necked turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) in captivity (Testudines: Chelidae). South American Journal of Herpetology, 3(3):223-228.

102 Zacariotti, R. L. et al. Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Insular Ameaçada de Extinção. 1. ed. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2011. v. 1. 124p .

103 Marques, O. A. V.; Martins, M. ; Sazima, I. . A new insular species of pitvipers from Brazil, with comments on evolutionary and conservation of the *Bothrops jararaca* group. Herpetologica (Austin), v. 58, n.3, p. 303-312, 2002.

104 Marques, O. A. V.; Kasperoviczus, K. ; Almeida-Santos, S. M. . Reproductive Ecology of the Threatened Pitviper from Queimada Grande Island, Southeast Brazil. Journal of Herpetology, v. 47, p. 393-399, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

105 Barbo, F. E.; Grazziotin, F. G.; Sazima, I.; Martins, M. & Sawaya, R. J. 2012. A New and Threatened Insular Species of Lancehead from southeastern Brazil. Herpetologica 68: 418-429.

106 Pereira, Donizete Neves et al. Distribution and habitat use of *Sordellina punctata* (Serpentes, Colubridae), with a new record from State of São Paulo, Brazil. Herpetological Bulletin, n. 100, p. 18-22, 2007.

107 Gomes,C.A.; Marques,O.A.V.. Food habits, reproductive biology, and seasonal activity of the dipsadid snake, *Echinanthera undulata* (wied, 1824), from the atlantic forest in southeastern Brazil. South American Journal of Herpetology, 7(3) (2012) : 233-240.

108 Pizzato, L.; Marques, O.A.V. Interpopulational variation in sexual dimorphism, reproductive output, and parasitism of the water snake *Liophis miliaris* (Colubridae), in the Atlantic forest of Brazil. Amphibia-Reptilia, Holanda, v. 27, p. 37-46, 2006.

109 Bonfiglio , F. 2007. Biologia reprodutiva e dieta de *Liophis semiaureus* (serpentes - colubridae) no Rio Grande Do Sul, Brasil. 2012. 47 f. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Thales de Lema

110 Borges-Martins, M.; Alves, M.L.M.; Araujo, M.L. De; Oliveira, R.B. De & Anés, A.C.2007. Répteis p. 292-315. In: BECKER, F.G.; R.A. RAMOS & L.A. MOURA (orgs.) Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 385 p.

111 Rocha,C.F.D. et al. 2000. New *Cnemidophorus* (Squamata: Teiidae) from coastal Rio de Janeiro State, Southeastern Brazil. Copeia 2000 (2): 501-509

112 Menezes, Vanderlaine A.; Rocha, Carlos F.D.. Clutch size in populations and species of cnemidophorines (Squamata: Teiidae) on the eastern coast of Brazil. An. Acad. Bras. Ciênc., Rio de Janeiro , v. 86, n. 2, p. 707-722, June 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652014000200707&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/0001-37652014112212.

113 Souza e Lima, F. A. N. de et al . Sexual dimorphism in *Amphisbaena nigricauda* (Reptilia, Squamata, Amphisbaenidae) from Southeastern Brazil. Iheringia, Sér. Zool., Porto Alegre , v. 104, n. 3, p. 299-307, Sept. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0073-47212014000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1678-476620141043299307.

114 Machado, A.B.M.; Drummond, G.M.; Paglia, A.P. 2008. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. 1ª edição. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 1420p.

115 Lang, L.F. 2012. Atividade de *Contomastix lacertoides* (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae) no Escudo Sul-Riograndense, Brasil; Activity of Contomastix lacertoides (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae) on Sul-Riograndense Shield, Brazil. 28.f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal Rio Graned do Sul, orientadora Laura Verrastro

116 Ribeiro, S. 2010. Revisão Sistemática de *Leposternon* Wagler, 1824 (Squamata: Amphisbaenia). Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Taran Grant

117 Silva, C.M. da; Verrastro, L. Descrição do esqueleto axial de *Liolaemus arambarensis* Verrastro, Veronese, Bujes & Dias Filho (Iguania, Liolaemidae): regiões pré-sacral e sacral. Rev. Bras. Zool., Curitiba , v. 24, n. 1, p. 1-11, Mar. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81752007000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Mar. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81752007000100001.

118 Carlos Frederico Duarte Rocha. (1992). Reproductive and Fat Body Cycles of the Tropical Sand Lizard (*Liolaemus lutzae*) of Southeastern Brazil.Journal of Herpetology, 26(1), 17–23. http://doi.org/10.2307/1565016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

119 Verrastro, L. 1991. Aspectos ecológicos e biológicos de uma população de *Liolaemus occipitalis* Boul. 1885, nas dunas costeiras da praia Jardim Atlântico, Tramandaí, RS. (Reptilia - Iguanidae). Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 104p. Porto Alegre: UFRGS.

120 Kunz TS, Borges-Martins M. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983. Zootaxa. 2013;3681:413-39.

121 Erneck, B.V. M.; Targino, M.; Garcia, P.C. Anchietta. Rediscovery and re-description of *Ischnocnema nigriventris* (Lutz, 1925) (Anura: Terrarana: Brachycephalidae). Zootaxa, [S.l.], v. 3694, n. 2, p. 131–142, aug. 2013.

122 Size- and Sex-Dependent Variation in Diet of *Rhinella arenarum* (Anura: Bufonidae) in a Wetland of San Juan, Argentina Lorena B. Quiroga, Eduardo A. Sanabria, and Juan C. Acosta Journal of Herpetology 2009 43 (2), 311-317

123 Kwet, A., Manyero, R., Zillikens, A. & Mebs, D. 2005. Advertisement calls of *Melanophryniscus dorsalis* (Mertens, 1933) and *M. montevidensis* (Philippi, 1902), two parapatric species from southern Brazil and Uruguay, with comments on morphological variation in the Melanophryniscus stelzneri group (Anura: Bufonidae). Salamandra. 41(1/2):1-18.

124 Calado, L. L. 2009. Coleta e preservação do sêmen de rã touro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa. Orientador: Oswaldo Pinto Ribeiro Filho

125 AmphibiaWeb: Information on amphibian biology and conservation. [*Ceratophrys ornata*]. 2016. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Available: http://amphibiaweb.org/. (Accessed: Mar 7, 2016).

126 Brasileiro, C.A., Haddad, C.F.B., Sawaya, R., and Sazima I. (2007). A new and threatened island-dwelling species of *Cycloramphus* (Anura: Cycloramphidae) of southeastern Brazil. Herpetologica, 63, 501-510.

127 Haddad, C. F. B., and I. Sazima. 1989. A new species *of Cycloramphus from* southeastern Brazil (Amphibia: Leptodactylidae). Herpetologica 45: 425–429.

128 Van-Sluys, M., Rocha, C. F. D., Souza, M. B. (2001): Diet, reprodution, and density of the leptodactylidae litter frog *Zachaenus parvulus* in an Atlantic Rain Forest of southeastern Brazil. Journal of Herpetology 35(2): 322-325.

129 Pombal, J.P. 1993. New Species of *Aparasphenodon* (Anura: Hylidae) from Southeastern Brazil. Copeia 1993(4): 1088–1091.

130 Carvalho-e-Silva, A.M.T., Silva, G.R., Carvalho-e-Silva, S.P. (2008): Anuros da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. Biota Neotropica 8: 199-209.

131 Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva, Miguel Trefaut Rodrigues. 2004. *Dendropsophus limai*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55539A11329277.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55539A11329277.en. Downloaded on 10 March 2016.

132 Garcia, Paulo C. A.; Faivovich, Julián; Haddad, Célio F. B.. Redescription of *Hypsiboas semiguttatus*, with the description of a new species of the *Hypsiboas pulchellus* group. Copeia, n. 4, p. 933-951, 2007.

133 Brasileiro, C. A. et al. A new and threatened species of *Scinax* (Anura: Hylidae) from Queimada Grande Island, southeastern Brazil. Zootaxa, n. 1391, p. 47–55. 2007.

134 Brasileiro, C.A., Oyamaguchi, H.M. & Haddad, C.F.B. (2007a) A new island species of *Scinax* (Anura; Hylidae) from southeastern Brazil. Journal of Herpetology, 41 (2), 271–275

135 Carlos Alberto Gonçalves da Cruz, Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva. 2004. *Scinax ariadne*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55930A11397196.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55930A11397196.en. Downloaded on 10 March 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

136 Garey, M.V., Provete, D.B., Martins, I.A., Haddad, C.F.B, RossaFeres, D.C. 2014. Anurans from the Serra da Bocaina National Park and surrounding buffer area, southeastern Brazil. Check List 10(2): 308–316.

137 Pombal JR, J.P & M. Gordo. 1991. Duas novas espécies de *Hyla* da Floresta Atlântica no Estado de São Paulo (Amphibia, Anura). Memórias do Instituto Butantan 53(1): 135-144.

138 Narvaes, P.; Bertoluci, J., Rodrigues, M.T. Composição, uso de hábitat e estações reprodutivas das espécies de anuros da floresta de restinga da Estação Ecológica Juréia-Itatins, sudeste do Brasil. Biota Neotrop. [online]. 2009, vol.9, n.2 [cited 2016-03-10], pp. 117-123 .

139 Amphibia, Anura, Hylidae, *Scinax trapicheiroi*: Distribution extension. Luna-Dias, C. Carvalho-e-Silva, S. P. Carvalho-e-Silva, A.M.P.T. Check List 5(2): 251–253, 2009.

140 Pontes, R., Mattedi, C., Baêta, C. Vocal repertory of *Scinax littoreus* (Anura: Hylidae) with comments on the advertisement call of the Scinax perpusillus species group. ZOOLOGIA 30 (4): 363–370, August, 2013

141 Sergio Potsch de Carvalho-e-Silva, Ana Maria Telles, Carlos Alberto Gonçalves da Cruz. 2004. *Xenohyla truncata*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T56053A11418199. http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T56053A11418199.en. Downloaded on 10 March 2016.

142 Thiago Silva-Soares, Paulo Nogueira-Costa, Vitor Nelson Teixeira Borges Júnior, Luiz Norberto Weber, and Carlos Frederico Duarte Rocha (2015) The Larva *of Crossodactylus aeneus Müller,* 1924: Morphology and Ecological Aspects. Herpetologica: March 2015, Vol. 71, No. 1, pp. 46-57.

143 FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO: VERTEBRADOS / coordenação geral: Paulo Magalhães Bressan, Maria Cecília Martins Kierulff, Angélica Midori Sugieda. -- São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2009.

144 Narvaes, P., Rodrigues, M.T. 2015. Visual communication, reproductive behavior and home range of *Hylodes dactylocinus* (anura, Leptodactylidae). Phyllomedusa 4(2): 147-158

145 Canedo, C., Pombal Jr., J.P. (2007): Two new species of torrent frog of the genus *Hylodes* Anura, Hylodidae) with nuptial thumb tubercles. Herpetologica Herpetologica 63:224–235

146 Monteiro, J.P.C., Comitti, E.J., Lingnau, R. 2014. First record of the torrent frog *Hylodes heyeri* (Anura, Hylodidae) in Santa Catarina State, South Brazil and acoustic comparison with the cryptic species Hylodes perplicatus (Anura, Hylodidae). Biotemas, 27 (4): 93-99

147 Carlos Frederico da Rocha, Monique Van Sluys, Carlos Alberto Gonçalves da Cruz. 2004.*Hylodes mertensi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57095A11570630.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57095A11570630.en. Downloaded on 10 March 2016.

148 Silva, H.R.; Carvalho, A.L.G.; Bittencourt-Silva, G.B. Frogs of Marambaia: a naturally isolated Restinga and Atlantic Forest remnant of southeastern Brazil. Biota Neotrop., Campinas , v. 8, n. 4, Dec. 2008 .

149 Neil Cox, Simon Stuart. 2004. *Physalaemus atlanticus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T57240A11607388.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T57240A11607388.en. Downloaded on 10 March 2016.

150 Pontes, J.A.L., Pontes, R.C., Santa-Fé, C.P., Martins, V., Rocha, C.F.D. Amphibia, Anura, Leiuperidae, *Physalaemus soaresi* Izecksohn, 1965: New record, distribution extension and geographic distribution map. Checklist. 6(1): 159-161.

151 Prado, G.M. and J.P. Pombal Jr. 2008. Espécies de *Proceratophrys* Miranda Ribeiro 1920 com apêndices palpebrais (Anura; Cycloramphidae). Arquivos de Zoologia 39(1):1-85.

152 Débora Silvano, Paulo Garcia, Mark Wilkinson. 2004. *Oscaecilia hypereumeces*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59581A11953507.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59581A11953507.en. Downloaded on 10 March 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - HERPETOFAUNA

153 Ulisses Caramaschi, Miguel Trefaut Rodrigues, Mark Wilkinson. 2004. *Siphonops insulanus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59595A11957925.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59595A11957925.en. Downloaded on 10 March 2016.

154 John Measey, Mark Wilkinson, Débora Silvano, Paulo Garcia. 2004. *Chthonerpeton viviparum*. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T59541A11960849.http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T59541A11960849.en. Downloaded on 10 March 2016.

155 ICMBio, 2011. Plano de ação nacional para a conservação das espécies aquáticas ameaçadas de extinção da Bacia do Rio Paraíba do Sul / Carla Natacha Marcolino Polaz ... [et al.]; Organizadores: Carla Natacha Marcolino Polaz Polaz ... [et al.]. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 140 p. : il. color. ; 29,7 cm. (Série Espécies Ameaçadas; 16)

156 Rodrigues, G. B. F. 2014. Padrões de diversidade (riqueza, filogenética e funcional) de quelônios continentais da América do Sul, seus processos geradores e suas consequências para a conservação. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Programa de Pós-graduação em Ecologia. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília. Brasília-DF. 64 pp.

157 Marcela Ayub Brasil, Gabriel de Freitas Horta, Habib Jorge Fraxe Neto, Thiago Oliveira Barros, and Guarino Rinaldi Colli. 2011. Feeding Ecology of *Acanthochelys spixii* (Testudines, Chelidae) in the Cerrado of Central Brazil. Chelonian Conservation and Biology 10(1):91-101.

158 Hahn, A. 2005. Análise da dieta de *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bribon, 1835) no sul do Rio Grande do Sul, Brasil (Testudines: Emydidae). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pp. 53.

159 Souza FL. 2004. Uma revisão sobre padrões de atividade, reprodução e alimentação de cágados brasileiros (Testudines, Chelidae). Phyllomedusa 3(1):15-27.

160 Seidel ME. 1989. *Trachemys dorbigni.* Catalogue of American Amphibians and Reptiles (486): 1-3.

161 Fagundes CK and Bager A. 2007. Ecologia reprodutiva de *Hydromedusa tecifera* (Testudines: Chelidae) no sul do Brasil. Biota Neotropica 7(2): 179-184.

162 Bager A. and Rosado J. L. O. 2010. Estimation of Core Terrestrial Habitats for Freshwater Turtles in Southern Brazil Based on Nesting Areas. Journal of Herpetology, 44(4):658-662.

163 Souza F. L., Giraldelli, G. R. & Martins T. A. 2006. Reproductive aspects of Brazilian side-necked-turtles (Chelidae). Bol. Asoc. Herpetol. Esp. 17 (1).

164 Fausto Erritto Barbo, comunicação pessoal (2016).

165 Foods and Agriculture Organization of the United Nations. 2005. Cultured Aquatic Species Information Programme: Rana catesbeiana (Shaw, 1862). Disponível em: http://www.fao.org/fishery/culturedspecies/Rana_catesbeiana/en

166 Gonçalves da Cruz, C.A. & Caramaschi, U. 2004. Phrynomedusa bokermanni. The IUCN Red List of Threatened Species 2004: e.T55826A11374546. http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2004.RLTS.T55826A11374546.en. Downloaded on 22 March 2016.

167 Barbo, F. E. ; Gasparini, J. L. R. ; Almeida, A. P. ; Zaher, Hussam ; Grazziotin, F.G. ; Gusmao, R. B. ; Ferrarini, J. M. G. ; Sawaya, R.J . 2016. Another new and threatened species of lancehead genus Bothrops (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil. Zootaxa 4097 (4): 511–529.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

1 Alves LCPS, Andriolo A, Zerbini NA, Pizzorno JLA, Clapham PJ, 2009. Record of feeding by humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in tropical waters off Brazil. Marine Mammal Science 25: 416-419.

2 Andriolo A, Kinas PG, Engel MH, Martins CCMA, Rufino AM, 2010. Humpback whales within the Brazilian breeding ground: distribution and population size estimate. Endangered Species Research 11: 233-243.

3 Clapham P, Mead JG, 1999. *Megaptera novaeangliae*. Mammalian Species 604: 1-9.

4 Clapham PJ, 2009. Humpback Whale (*Megaptera novaeangliae*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 582-585.

5 Danilewicz D, Tavares M, Moreno IB, Ott PH, Trigo CC, 2009. Evidence of feeding by the humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) in mid-latitude waters of the western South Atlantic. Marine Biodiversity Records 2: e88 doi:10.1017/S1755267209000943.

6 Mackintosh NA, 1970. Whales and krill in the twentieth century. In: Holdgate MW. Antarctic Ecology. London: Academic Press. pp. 185-212.

7 Sears R, Perrin WF, 2009. Blue Whale (*Balaenoptera musculus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 120-124.

8 Da Rocha JM, 1983. Revision of Brazilian whaling data. Reports of the International Whaling Commission 33: 419-427.

9 Dalla Rosa L, Secchi ER, 1997. Stranding of a blue whale (*Balaenoptera musculus*) in southern Brazil: 'true' or pygmy? Reports of the International Whaling Commission 47: 425-430.

10 Pinedo MC, Rosas FCW, Marmontel M, 1992. Cetáceos e pinípedes do Brasil: uma revisão dos registros e guia para identificação das espécies. Manaus: UNEP/FUA. pp. 231.

11 Lodi L, Borobia M, 2013. Baleias, botos e golfinhos do Brasil: guia de identificação. Rio de Janeiro: Technical Books. pp. 447.

12 Zerbini NA, Secchi ER, Siciliano S, Simões-Lopes PC, 1997. A review of the occurrence and distribution of whales of the genus *Balaenoptera* along the Brazilian Coast. Reports of the International Whaling Commission 47: 407-417.

13 Aguilar A, 2009. Fin Whale (*Balaenoptera physalus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 433-437.

14 Ramos R, Poletto F, Umbach C, Freitas R, Dafferner G, Barbosa M, Figna V, Moreira S, Ribeiro C, Fernandes M, Fortes R, Carvalho D, Carneiro A, Cordeiro A, Erber C, 2010. Família Balaenopteridae: baleias do gênero *Balaenoptera*. In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia. pp. 348-417.

15 Santos MCO, Siciliano S, Vicente AFDC, Alvarenga FS, Zampirolli E, Souza SPD, Maranho A, 2010. Cetacean records along São Paulo state coast, Southeastern Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 58(2): 123-142.

16 Siciliano S, Emin-Lima NR, Costa AF, Rodrigues ALF, Magalhães FA, Tosi CH, Garri RG, Silva CR, Sousa e Silva Jr. J, 2008. Revisão do conhecimento sobre os mamíferos aquáticos da costa norte do Brasil. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro 66(2): 381-401.

17 Andriolo A, Rocha JM, Zerbini AN, Simões-Lopes PC, Moreno IB, Lucena A, Danilewicz D, Bassoi M, 2010. Distribution and relative abundance of large whales in a former whaling ground off eastern South America. Zoologia 27(5): 741-750.

18 Barros NB, 1991. Recent cetacean records for southeastern Brazil. Marine Mammal Science 7(3): 296-306.

19 Brown SG, 1977. Some results of sei whales marking in the Southern Hemisphere. Reports of the International Whaling Commission (Special Issue) 1: 39-43.

20 Williamson GR, 1975. Minke whales off Brazil. Scientific Reports of the Whales Research Institute 27: 37-59.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

21 Horwood J, 2009. Sei Whale (*Balaenoptera borealis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1069-1071.

22 Hetzel B, Lodi L, 1993. Baleias, botos e golfinhos: guia de identificação para o Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 280.

23 Sasaki T, Nikaido M, Wada S, Yamada TK, Cao Y, Hasegawa M, Okada N, 2006. *Balaenoptera omurai* is a newly discovered baleen whale that represents an ancient evolutionary lineage. Molecular Phylogenetics and Evolution 41: 40-52.

24 Siciliano S, Santos MCO, Vicente AFC, Alvarenga FS, Zampirolli E, Brito JL, Azevedo AF, Pizzorno JLA, 2004. Strandings and feeding records of Brydes's whales (*Balaenoptera edeni*) in south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 84(4): 857-859.

25 Siciliano S, Souza SP, 2006. Bryde's whales from Brazil: the whale of mystery. JMBA Global Marine Environment 3: 4-5.

26 Hassel LB, Venturotti A, Magalhães FA, Cuenca S, Siciliano S, Marques F, 2003. Summer sightings of dwarf minke whales (*Balaenoptera acutorostrata*) off Eastern Coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 47-50.

27 Cremer MJ, Barreto AS, Hardt FAZ, Tonello Jr. AJ, 2009. Cetacean occurrence near an offshore oil platform in southern Brazil. Biotemas 22(3): 247-251.

28 Zerbini AN, Secchi ER, Siciliano S, Simões-Lopes PC, 1996. The dwarf form of the minke whale, *Balaenoptera acutorostrata* Lacepede, 1804, in Brazil. Reports of the International Whaling Commission 46: 333-340.

29 Da Rocha JM, Braga NMA, 1982. Brazil Progress Report on cetacean research, June 1980 to May 1981. Reports of the International Whaling Commission 32: 155-159.

30 Magalhães FA, Severo MM, Tosi CH, Garri RG, Zerbini AN, Chellappa S, Silva FJL, 2007. Record of a dwarf minke whale (*Balaenoptera acutorostrata*) in northern Brazil. JMBA2 - Biodiversity Records published online: 2.

31 Da Rocha JM, Braga NMA, 1982. Brazil Progress Report on cetacean research, June 1980 to May 1981. Reports of the International Whaling Commission 32: 155-159.

32 Da Rocha JM, 1980. Progress Report on Brazilian Minke Whaling. Reports of the International Whaling Commission 30: 379-384.

33 Horwood J, 1990. Biology and exploitation of the minke whale. CRC Press, Boca Raton, USA, 248pp.

34 Lucena A, 2006. Estrutura populacional da *Balaenoptera bonaerensis* (Burmeister) (Cetacea, Balaenopteridae) nas áreas de reprodução do Oceano Atlântico Sul. Revista Brasileira de Zoologia 23(1): 176-185.

35 Zerbini AN, Secchi ER, Bassoi M, Dalla Rosa L, Higa A, Sousa L, Moreno IB, Möller L, Caon G, 2004. Distribuição e abundância relativa de cetáceos na Plataforma Continental Externa e Talude no Sul e Sudeste do Brasil: resultados do Programa REVIZEE e perspectivas futuras. São Paulo: Instituto Oceanográfico da USP.

36 Ramos RMA, Siciliano S, Borobia M, Zerbini AN, Pizzorno JLA, Fragoso ABL, Lailson-Brito J, Azevedo AF, Simões-Lopes PC, Santos MCO, 2001. A note on strandings and age of sperm whales (*Physeter macrocephalus*) on the Brazilian coast. Journal of Cetacean Research and Management 3(3): 321-327.

37 Ramos RMA, Dafferner G, Freitas R, Dessoy L, Figna V, Poletto F, Ribeiro C, Miranda C, Alencastro P, Silva E, Moreira S, 2010. Família Physeteridae: Cachalote *Physeter macrocephalus*. In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia. pp. 418-458.

38 Toledo GAC, Langguth A, 2009. Data on biology and explotation of West Atlantic sperm whales, *Physeter macrocephalus* (Cetacea: Physeteridae) off the coast of Paraíba, Brazil. Zoologia 26: 663-673.

39 Whitehead H, 2009. Sperm Whale (*Physeter macrocephalus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1091-1097.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

40 Maia-Nogueira R, Baracho CG, Serra SD, 2001. Revisão dos registros do gênero *Kogia* (Gray, 1846) (Cetacea, Physeteridae, Kogiidae) no litoral do nordeste do Brasil, incluindo dados osteológicos. Bioikos 15(1): 50-59.

41 Meirelles ACO, Monteiro-Neto C, Martins AMA, Costa AF, Barros HMDR, Alves MDO, 2009. Cetacean strandings on the coast of Ceará, Northeastern Brazil (1992-2005). Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89: 1083-1090.

42 Santos RA, Haimovici M, 2001. Cephalopods in the diet of marine mammals stranded or incidentally caught along southeastern and southern Brazil (21-34°S). Fisheries Research 52: 99-112.

43 Zerbini AN, Kotas SJF, 1998. A note on cetacean bycatch in pelagic driftnet off Southern Brazil. Reports of the International Whaling Commission 48: 519-524.

44 Mcalpine DF, 2009. Pygmy and Dwarf Sperm Whales (*Kogia breviceps* and *K. sima*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 936-938.

45 Sampaio C, Aroucha E, 2000. Registro do cachalote-anão, *Kogia simus* Owen, 1866, no litoral da Bahia, Nordeste do Brasil. Bioikos 14(1): 28-33.

46 Dalla Rosa L, Secchi ER, 2007. Killer whale (*Orcinus orca*) interactions with the tuna and swordfish longline fishery off southern and south-eastern Brazil: a comparison with shark interactions. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 135-140.

47 Lodi L, Hetzel B, 1998. *Orcinus orca* (Cetacea; Delphinidae) em águas costeiras do Estado do Rio de Janeiro. Bioikos 12(1): 46-54.

48 Ott PH, Danilewicz D, 1996. Presence of franciscanas (*Pontoporia blainvillei*) in the stomach of a killer whale (*Orcinus orca*) stranded in southern Brazil. Mammalia 62(4): 605-609.

49 Santos MCO, Netto DF, 2005. Killer whale (*Orcinus orca*) predation on a Franciscana dolphin (*Pontoporia blainvillei*) in Brazilian waters. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(1): 69-72.

50 Santos MCO, Silva E, 2009. Records of a male killer whale (*Orcinus orca*) off southeastern Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 57(1): 65-68.

51 Secchi ER, Vaske Jr. T, 1998. Killer whale (*Orcinus orca*) sightings and depredation on tuna and swordfish longline catches in southern Brazil. Aquatic Mammals 24(2): 117-122.

52 Siciliano S, Lailson Brito Jr. J, Azevedo AF, 1999. Seasonal occurrence of killer whales (*Orcinus orca*) in waters of Rio de Janeiro, Brazil. Zeitschrift für Säugetierkunde 64: 251-255.

53 Ford JKB, 2009. Killer Whale (*Orcinus orca*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 650-656.

54 Durban JW, Pitman RL, 2012. Antarctic killer whales make rapid, round-trip movements to subtropical waters: evidence for physiological maintenance migrations? Biology Letters 8(2): 274-277.

55 Alves MDO, Meirelles ACO, Barros HMDR, Silva CPN, Campos AA, 2002. Primeiro registro de falsa-orca, *Pseudorca crassidens* (Cetacea:Delphinidae), para o litoral do Estado do Ceará. Arquivo de Ciências do Mar 35: 79-92.

56 Andrade ALV, Pinedo MC, Barreto AS, 2001. Gastrointestinal parasites and prey items from a mass stranding of false killer whales, *Pseudorca crassidens*, in Rio Grande do Sul, Southern Brazil. Revista Brasileira de Biologia 61(1): 55-61.

57 Di Beneditto AP, Ramos R, Lima NRW, 1998. Fishing activity on Northern Rio de Janeiro State (Brazil) and its relation with small cetaceans. Brazilian Archives of Biology and Technology 41(3): 296-302.

58 Geise L, Borobia M, 1988. Sobre a ocorrência de cetáceos no litoral do Estado do Rio de Janeiro, entre 1968 e 1984. Revista Brasileira de Zoologia 4(4): 341-346.

59 Pinedo MC, Rosas FCW, 1989. Novas ocorrências de *Pseudorca crassidens* (Cetacea, Delphinidae) para o Atlântico Sul Ocidental, com observações sobre medidas cranianas e alimentação. Atlântica 11(1): 77-83.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

60 Siciliano S, Moreno IB, Demari E, Alves VC, 2006. Baleias, botos e golfinhos na Bacia de Campos, Série Guias de Campo: fauna marinha da Bacia de Campos. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ. pp. 99.

61 Soto JMR, Filippini A, 2001. Evidência da presença da falsa-orca, *Pseudorca crassidens* (Owen, 1846) (Cetacea; Delphinidae), no Atol das Rocas, Brasil. Estudos de Biologia 47: 41-43.

62 Baird RW, 2009. False Killer Whale (*Pseudorca crassidens*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 405-406.

63 Magalhães FA, Garri RG, Tosi CH, Siciliano S, Chellappa S, Silva FJL, 2007. First confirmed record of *Feresa attenuata* (Delphinidae) for the Northern Brazilian coast. Biota Neotropica 7(2): 313-315.

64 Marigo J, Giffoni BB, 2010. Sightings and bycatch of small pelagic cetaceans, new information registered by volunteer fishermen off São Paulo, Brazil. Brazilian Journal of Oceanography 58(1): 71-75.

65 Moura JF, Di Dario BPS, Lima LM, Siciliano S, 2010. A stranded pygmy killer whale on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Marine Biodiversity Records 3: e11 doi:10.1017/S1755267209991060.

66 Rossi-Santos M, Baracho C, Neto ES, Marcovaldi E, 2006. First sightings of the pygmy killer whale, *Feresa attenuata*, for the Brazilian coast. Marine Biodiversity Records 1: e54 doi:10.1017/S1755267206005835.

67 Siciliano S, Moreno IB, Silva ED, 2007. Early sightings of the pygmy killer whale (*Feresa attenuata*) off the Brazilian coast: a correction to Rossi-Santos *et al*. (2006). Marine Biodiversity Records 1: e78 doi:10.1017/S1755267207007993.

68 Zerbini AN, Santos MCO, 1997. First Record of the pygmy killer whale *Feresa attenuata* (Gray, 1874) for the Brazilian coast. Aquatic Mammals 23(2): 105-109.

69 Donahue MA, Perryman WL, 2009. Pygmy Killer Whale (*Feresa attenuata*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 938-939.

70 Erber C, Ramos R, Miranda C, Freitas R, Poletto F, Dafferner G, Ribeiro C, Figna V, 2010. Família Delphinidae: Blackfish. In: Ramos R, Siciliano S, Ribeiro R. Monitoramento da Biota Marinha em Navios de Sísmica: seis anos de pesquisa (2001-2007). Vitória: Everest Tecnologia.

71 Gasparini JL, Sazima I, 1996. A stranded melon-headed whale, *Peponocephala electra*, in southeastern brazil, with comments on wounds from the cookiecutter shark, *Isistius brasiliensis*. Marine Mammal Science 12(2): 308-312.

72 Motta MRA, Silva CPN, 2005. Rescue, handling and release of a melon-headed whale, *Peponocephala electra*, stranded in Ceará, NE Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 187-190.

73 Perryman WL, 2009. Melon-headed Dolphin (*Peponocephala electra*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 719-721.

74 Lodi L, Siciliano S, Capistrano L, 1990. Mass stranding of *Peponocephala electra* (Cetacea, Globicephalinae) on Piracanga Beach, Bahia, Northeastern Brazil. Scientific Report of Cetacean Research 1: 79-84.

75 Schmiegelow JMN, Paiva-Filho AM, 1989. First record of the Short-finned Pilot Whale, *Globicephala macrorhynchus* Gray, 1846, for the Southwestern Atlantic. Marine Mammal Science 5: 387-391.

76 Olson PA, 2009. Pilot Whales (*Globicephala melas* and *G. macrorhynchus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 847-852.

77 Carvalho CT, 1975. Ocorrência de mamíferos marinhos no Brasil. Boletim Técnico do Instituto Florestal 16: 13-32.

78 Cherem JJ, Simões-Lopes PC, Althoff S, Graipel ME, 2004. Lista dos mamíferos do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Mastozoologia Neotropica 11(2):151-184.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

79 Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2001. Os cetáceos da Bacia de Campos. Ciência Hoje 29(171): 66-69.

80 Geise L, Borobia M, 1987. New Brazilian records for *Kogia*, *Pontoporia*, *Grampus*, and *Sotalia* (Cetacea, Physeteridae, Platanistidae, and Delphinidae). Journal of Mammalogy 68(4): 873-875.

81 Maia-Nogueira R, 2000. Primeiro registro de golfinho-de-risso (*Grampus griseus*) G. Cuvier, 1812 (Cetacea, Delphinidae) para o litoral do estado da Bahia com dados osteológicos e biométricos e revisão das citações para a espécie em águas brasileiras. Bioikos 14(1): 34-43.

82 Simões-Lopes PC, Ximenez A, 1993. Annotated list of cetaceans of Santa Catarina coastal waters, Southern Brazil. Biotemas 6(1): 67-92.

83 Baird RW, 2009. Risso's Dolphin (*Grampus griseus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 975-976.

84 Barbosa MMC, Cruz FS, Lodi L, 2008. Comportamento e organização de grupo do golfinho-flíper, *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidea) no arquipélago das Cagarras, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Zoociências 10(3): 213-220.

85 Castello HP, Pinedo MC, 1977. Botos na Lagoa dos Patos. Natureza em Revista 2: 46-49.

86 Lodi L, Wedekin LL, Rossi-Santos MR, Marcondes MC, 2008. Movements of the bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the Rio de Janeiro State, Southeastern Brazil. Biota Neotropica 8(4): 205-209.

87 Moreno IB, Ott PH, Tavares M, Oliveira LR, Danilewicz D, Siciliano S, Bonnato SL, 2009. Os cetáceos com ênfase no golfino-nariz-de-garrafa, *Tursiops truncatus* (Montagu, 1821). In: Viana DL, Hazin FHV, Souza MAC. O Arquipélago de São Pedro e São Paulo: 10 anos de Estação Científica. Brasília, DF: SECIRM. pp. 287-294.

88 Peterson D, Hanazaki N, Simões-Lopes PC, 2008. Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphins (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil. Ocean & Coastal Management 51: 469-475.

89 Rossi-Santos MR, Wedekin LL, Sousa-Lima RS, 2006. Distribution & habitat use of small cetaceans off Abrolhos Bank, Eastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 5(1): 23-28.

90 Simões-Lopes PC, 1991. Interaction of costal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in southern Brazil. Biotemas 4(2): 83-94.

91 Baracho C, Cipolotti S, Marcovaldi E, Apolinário M, Silva MB, 2007. The occurrence of bottlenose dolphins (*Tursiops truncatus*) in the biological reserve of Atol das Rocas in north-eastern Brazil. Marine Biodiversity Records 1: e75 doi:10.1017/S1755267207007920.

92 Wells RS, Scott MD, 2009. Common Bottlenose Dolphin (*Tursiops truncatus*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 249-255.

93 Flores PAC, Ximenez A, 1997. Observations of the rough-toothed dolphin *Steno bredanensis* off Santa Catarina Island, southern Brazilian coast. Biotemas 10(1): 71-79.

94 Lodi L, 1992. Epimeletic behavior of free-ranging rough-toothed dolphins, *Steno bredanensis*, from Brazil. Marine Mammal Science 8: 284-287.

95 Monteiro NC, Alves JTT, Avila FJC, Campos AA, Costa AF, Silva CPN, Furtado NMAA, 2000. Impact of fisheries on the tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) and rough-toothed dolphin (*Steno bredanensis*) populations off Ceara state, northeastern Brazil. Aquatic Mammals 26: 49-56.

96 Ott PH, Danilewicz D, 1996. Southward range extension of *Steno bredanensis* in the southwest Atlantic and new records of *Stenella coeruleoalba* for Brazilian waters. Aquatic Mammals 22: 185-189.

97 Rossi-Santos MR, Santos-Neto E, Baracho CG, 2009. Interspecific cetacean interactions during the breeding season of humpback whale (*Megaptera novaeangliae*) on the north coast of Bahia State, Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89(5): 961-966.

98 Jefferson TA, 2009. Rough-Toothed Dolphin (*Steno bredanensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 990-992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

99 Azevedo AF, Lailson-Brito J, Cunha HA, Van Sluys MA, 2004. Note on site fidelity of marine tucuxis (*Sotalia fluviatilis*) in Guanabara Bay, southeastern Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 6(3): 265-268.

100 Azevedo AF, Oliveira AM, Viana SC, Sluys MV, 2007. Habitat use by marine tucuxis (*Sotalia guianensis*) (Cetacea: Delphinidae) in Guanabara Bay, south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 201-205.

101 Borobia M, Barros NB, 1989. Notes on the diet of marine *Sotalia fluviatilis.* Marine Mammal Science 5(4): 395-399.

102 Borobia M, Siciliano S, Lodi L, Hoek W, 1991. Distribution of the South American dolphin *Sotalia fluviatilis*. Canadian Journal of Zoology 69: 1025-1039.

103 Caballero S, Trujillo F, Vianna J, Garrido HB, Montiel MG, Pedreros SB, Marmontel M, Santos MCO, Rossi-Santos M, Santos F, Baker S, 2007. Taxonomic status of the genus *Sotalia*: species level ranking for Tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) and Costero (*Sotalia guianensis*) dolphins. Marine Mammal Science 23(2): 358-386.

104 Cremer MJ, Simões-Lopes PC, Pires JSR, 2009. Occupation patterns of a harbor inlet by the estuarine dolphin, *Sotalia guianensis* (P.J. Van Bénéden, 1864) (Cetacea, Delphinidae). Brazilian Archives of Biology and Technology 52: 765-774.

105 Cunha HA, Da Silva VMF, Lailson-Brito Jr. J, Santos MCO, Flores PAC, Martin A, Azevedo AF, Fragoso ABL, Zanelatto RC, Solé-Cava AM, 2005. Riverine and marine *Sotalia* (Cetacea: Delphinidae) are different species. Marine Biology 148(2): 449-457.

106 Flores PAC, Bazzalo M, 2004. Home range and movement patterns of the marine tucuxi, *Sotalia fluviatilis*, in Baia Norte, southern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 3(1): 37-52.

107 Geise L, 1991. *Sotalia guianensis* (Cetacea, Delphinidae) population in the Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil. Mammalia 55(3): 371-380.

108 Gurjão LM, Neto MAAF, Santos RA, Cascon P, 2003. Feeding habits of marine tucuxi, *Sotalia fluviatilis*, at Ceará state, northeastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(2): 117-122.

109 Flores PAC, Da Silva VMF, 2009. Tucuxi and Guiana dolphin *Sotalia fluviatilis* and *S. guianensis*. In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1188-1192.

110 Simões-Lopes PC, Ximenez A, 1990. O impacto da pesca artesanal em área de nascimento do boto cinza, *Sotalia fluviatilis* (Cetacea, Delphinidae) SC, Brasil. Biotemas 3(1): 67-72.

111 Da Silva VMF, Best RC, 1996. *Sotalia fluviatilis*. Mammalian Species 527: 1-7.

112 Loch C, Marmontel M, Simões-Lopes PC, 2009. Conflicts with fisheries and intentional killing of freshwater dolphins (Cetacea: Odontoceti) in the Western Brazilian Amazon. Biodiversity and Conservation 18: 3979-3988.

113 Alves-Júnior TT, Ávila FJC, Oliveira JA, Furtado-Neto MAA, Monteiro-Neto C, 1996. Registros de cetáceos para o litoral do estado de Ceará, Brasil. Arquivos de Ciências do Mar 30: 79-92.

114 Perrin WF, 2009. Atlantic Spotted Dolphin (*Stenella frontalis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 54-56.

115 Moreno IB, Zerbini AN, Danilewicz D, Santos MCO, Simões-Lopes PC, Lailson-Brito Jr. J, Azevedo AF, 2005. Distribution and habitat characteristics of dolphins of the genus *Stenella* (Cetacea: Delphinidae) in the southwest Atlantic Ocean. Marine Ecology Progress Series 300: 229-240.

116 Cremer MJ, Simões-Lopes PC, 1997. Accidental capture of the pantropical spotted dolphin *Stenella attenuata* (Gray, 1846) (Delphinidae) in the southwestern South Atlantic Ocean. Biociências 5: 231-233.

117 Petry MV, Fonseca VSS, 2001. Mamíferos marinhos encontrados mortos no litoral do Rio Grande do Sul de 1997 a 1998. Acta Biologica Leopoldensia 23: 225-235.

118 Perrin WF, 2009. Pantropical Spotted Dolphin (*Stenella attenuata*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 819-821.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

119 Secchi ER, Siciliano S, 1995. Comments on the southern range of the spinner dolphin (*Stenella longirostris*) in the western South Atlantic. Aquatic Mammals 21: 105-108.

120 Silva FJL, Silva Jr. JM, 2009. Circadian and seasonal rhythms in the behavior of spinner dolphins (*Stenella longirostris*). Marine Mammal Science 25: 176-186.

121 Perrin WF, 2009. Spinner Dolphin (*Stenella longirostris*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1100-1103.

122 Fertl D, Jefferson TA, Moreno IB, Zerbini NA, Mullin KD, 2003. Distribution of the Clymene dolphin *Stenella clymene*. Mammal Review 33(3): 253-271.

123 Simões-Lopes PC, Praderi P, Paula GS, 1994. The clymene dolphin, *Stenella clymene* (Gray, 1846), in me southwestern South Atlantic Ocean. Marine Mammal Science 10(2): 213-217.

124 Soto JMR, Montibeler A, Silva-Ribeiro CC, 2000. O golfinho-de-capacete, *Stenella clymene* (Gray, 1846) (Cetacea, Delphinidae) no sudeste do Atlântico. Alcance 3: 65-68.

125 Jefferson TA, 2009. Clymene Dolphin (*Stenella clymene*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 241-243.

126 Rosas FCW, Monteiro-Filho ELA, Marigo J, Santos RA, Andrade ALV, Rautenberg M, Oliveira MR, Bordignon MO, 2002. The striped dolphin, *Stenella coeruleoalba* (Cetacea: Delphinidae), on the coast of São Paulo State, southeastern Brazil. Aquatic Mammals 28(1): 60-66.

127 Archer II FI, 2009. Striped Dolphin (*Stenella coeruleoalba*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1127-1129.

128 Pinedo MC, Polacheck T, Barreto AS, Lammardo MP, 2002. A note on vessel of opportunity sighting surveys for cetaceans in the shelf edge region off the southern coast of Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 4: 322-329.

129 Santos MCO, Rosso S, Santos RA, Lucato SHB, Bassoi M, 2002. Insights on small cetacean feeding habits in southeastern Brazil. Aquatic Mammals 28(1): 38-45.

130 Perrin WF, 2009. Common Dolphins (*Delphinus delphis* and *D. capensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 255-259.

131 Tavares M, Moreno IB, Siciliano S, Rodríguez D, Santos COM, Lailson-Brito Jr. J, Fabián ME, 2010. Biogeography of common dolphins (genus *Delphinus*) in the Southwestern Atlantic Ocean. Mammal Review 40: 40-64.

132 Moreno IB, Danilewicz D, Martins MB, Ott PH, Caon G, Oliveira LR, 2003. Fraser's dolphin (*Lagenodelphis hosei* Fraser, 1956) in Southern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 39-46.

133 Tosi CH, Magalhães AF, Garri RG, 2008. Meat Consumption of a Fraser's Dolphin (*Lagenodelphis hosei*) stranded alive in the Northern Brazilian Coast. Marine Biodiversity Records 1: e4 doi:10.1017/S1755267208000043.

134 Pinedo MC, Barreto AS, Lammardo MP, 2001. Review of *Ziphius cavirostris*, *Mesoplodon grayi* and *Lagenodelphis hosei* (Cetacea: Ziphiidae and Delphinidae) in Brazilian waters, with new records from southern Brazil. Atlântica 23: 67-76.

135 Dolar MLL, 2009. Fraser's Dolphin (*Lagenodelphis hosei*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 469-471.

136 Best RC, Da Silva VMF, 1984. Preliminary analysis of reproductive parameters of the boutu, *Inia geoffrensis*, and the tucuxi, *Sotalia fluviatilis*, in the Amazon River system. Reports of the International Whaling commission 6: 361-369.

137 Da Silva VMF, Goulding M, Barthem R, 2008. Golfinhos da Amazônia. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. pp. 43.

138 Da Silva VMF, 2009. Amazon River Dolphin (*Inia geoffrensis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp.26-28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

139 Hrbek T, Da Silva VMF, Dutra N, Gravena W, Martin AR, Farias IP, 2014. A new species of River Dolphin from Brazil or: How little do we know our biodiversity. PLoS ONE 9(1): e83623 doi: 10.1371/journal.pone.0083623.

140 Mintzer VJ, Martin AR, Da Silva VMF, Barbour AB, Lorenzen K, Frazer TK, 2013. Effect of illegal harvest on apparent survival of Amazon River dolphins (Inia geoffrensis). Biological Conservation 158: 280-286.

141 Lucena A, Paludo D, Langguth A, 1998. New records of Odontoceti (Cetacea) from the coast of Paraíba, Brazil. Revista Nordestina de Biologia 12(1/2): 19-27.

142 Heyning JE, Mead JG, 2009. Cuvier's Beaked Whale (*Ziphius cavirostris*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 294-295.

143 Martins AMA, Alves Jr. TT, Neto MAAF, Lien J, 2004. The most northern record of Gervais' beaked whale, *Mesoplodon europaeus* (Gervais, 1855), for the Southern Hemisphere. Latin American Journal of Aquatic Mammals 3(2): 151-155.

144 Santos COM, Zampirolli E, Castro AFV, Alvarenga FS, 2003. Gervais' beaked whale (*Mesoplodon europaeus*) washed ashore in southeastern Brazil: extra limital record? Aquatic Mammals 29(3): 404-410.

145 Pitman R, 2009. Mesoplodont Whales (*Mesoplodon* spp.). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 721-726.

146 Best RC; Teixeira DM, 1982. Notas sobre a distribuição e "status" aparente dos peixes-bois (Mammalia: Sirenia) nas costas amapaenses brasileiras. Boletim da Fundação Brasileira pela Conservação da Natureza 17: 41-47.

147 Borges JCG, Vergara-Parente JE, Alvite CMC, Marcondes MCC, Lima RP, 2007. Embarcações motorizadas: uma ameaça aos peixes-boi marinhos (*Trichechus manatus*) no Brasil. Biota Neotropical 7: 199-204.

148 Domning DP, 1981. Distribution and status of manatees in ssp. in Brazil c. 1785-1973. Biological Conservation 21: 85-97.

149 Luna FO, Araújo JP, Passavante JZO, Mendes PP, Pessanha MM, Soavinki RJ, Oliveira ME, 2008. Ocorrência do peixe boi marinho (Trichechus manatus manatus) no litoral norte do Brasil. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão 23: 37-49.

150 Luna FO, Lima RP, Araújo JP, Passavante JZO, 2008. Status de conservação do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus* Linnaeus, 1758) no Brasil. Revista Brasileira de Zoociências 10: 145-154.

151 Luna FO, Lima RP, Araújo JP, Pessanha MM, Soavinki RJ, Passavante JZO, 2008. Captura e utilização do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus manatus*) no litoral norte do Brasil. Biotemas 21(1): 115-123.

152 Reynolds III JE, Powell JA, Taylor CR, 2009. Manatees (*Trichechus manatus*, *T. senegalensis* and *T. inunguis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 682-691.

153 Best RC, 1982. Seasonal breeding in the Amazonian manatee, *Trichechus inunguis* (Mammalia: Sirenia). Biotropica 14: 76-78.

154 Domning DP, 1981. Distribution and status of manatees *Trichechus* spp. near the mouth of the Amazon River, Brazil. Biological Conservation 19: 85-97.

155 Husar SL, 1977. *Trichechus inunguis*. Mammalian Species 72: 1-4.

156 Simões-Lopes PC, Drehmer CJ, Ott PH, 1995. Nota sobre os Otariidae e Phocidae (Mammalia: Carnivora) da costa norte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Biociências 3(1): 173-181.

157 Ximenez A, 1980. Sobre la presencia de *Arctocephalus tropicalis* (Gray, 1872) en el nordeste del Brasil (Mammalia, Arctocephalinae). Revista Brasileira de Biologia 40(3): 591-592.

158 Velozo RS, Schiavetti A, Dórea-Reis LW, 2010. Analysis of subantarctic fur seal (*Arctocephalus tropicalis*) records in Bahia and Sergipe, north-eastern Brazil. Marine Biodiversity Records 2: e117 doi:10.1017/S1755267209000980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

159 Moura JF, Siciliano S, 2007. Straggler subantartic fur seals (*Arctocephalus tropicalis*) on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 6(1): 103-107.

160 Arnould, JPY, 2009. Southern Fur Seals (*Arctocephalus* spp.). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1079-1084.

161 Best PB, Payne R, Rowntree V, Palazzo JT, Both MC, 1993. Long-range movements of South Atlantic right whales *Eubalaena australis*. Marine Mammal Science 9(3): 227-234.

162 Castello HP, Pinedo MC, 1979. Southern right whales (*Eubalaena australis*) along the southern Brazilian coast. Journal of Mammalogy 60(2): 429-430.

163 Greig AB, Secchi ER, Zerbini NA, Rosa LD, 2001. Stranding events of southern right whales, *Eubalaena australis*, in southern Brazil. Journal of Cetacean Research and Management (Special Issue) 2: 157-160.

164 Groch KR, 2001. Cases of harassment by kelp gulls (*Larus dominicanus*) on right whales (*Eubalaena australis*) of Southern Brazil. Biotemas 14(1):147-156.

165 Groch KR, Palazzo Jr. JT, Flores PAC, Adler FR, Fábian ME, 2005. Recent rapid increases in the Brazilian right whale population. Latin American Journal of Aquatic Mammals, v. 4, n. 1, p 41-47.

166 Lodi L, Rodrigues MT, 2007. Southern right whale on the coast of Rio de Janeiro State, Brazil: Conflict between conservation and human activity. Journal of Marine Biological Association of the United Kingdom 87: 105–107.

167 Lodi L, Siciliano S, Bellini C, 1996. Ocorrências e conservação de baleias-francas-do-sul, *Eubalaena australis*, no litoral do Brasil. Papéis Avulsos de Zoologia 39(17): 307-328.

168 Moore MJ, Berrow SD, Jensen BA, Carr P, Sears R, Rowntree VJ, Payne R, Hamilton PK, 1999. Relative abundance of large whales around South Georgia (1979-1998). Marine Mammal Science 15(4): 1287-1302.

169 Kenney RD, 2009. Right Whales (*Eubalaena glacialis, E. japonica,* and *E. australis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 962-972.

170 Azevedo AF, Fragoso ABL, Lailson-Brito J, Cunha HA, 2002. Records of the franciscana (*Pontoporia blainvillei*) in the southwestern Rio de Janeiro and northernmost São Paulo State coasts - Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 1(1): 191-192.

171 Crespo EA, 2009. Franciscana (*Pontoporia blainvillei*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 466-469.

172 Crespo EA, Harris G, Gonzalez R, 1998. Group size and distributional range of the franciscana, *Pontoporia blainvillei*. Marine Mammal Science 14(4): 845-848.

173 Danilewicz D, Secchi ER, Ott PH, Moreno IB, Bassoi M, Borges-Martins M, 2009. Habitat use patterns of franciscana dolphins (*Pontoporia blainvillei*) off southern Brazil in relation to water depth. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 89(5): 943-949.

174 Di Beneditto APM, 2003. Interactions between gillnet fisheries and small cetaceans in northern Rio de Janeiro, Brazil: 2001-2002. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(2): 79-86.

175 Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2001. Biology and conservation of the franciscana (*Pontoporia blainvillei*) in the north of Rio de Janeiro State, Brazil. Journal of Cetacean Research and Management 3(2): 185-192.

176 Netto RF, Barbosa LA, 2003. Cetaceans and fishery interactions along the Espirito Santo State, southeastern Brazil during 1994-2001. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2(1): 57-60.

177 Kinas PG, 2002. The impact of incidental kills by gillnets on the franciscana dolphin (*Pontoporia blainvillei*) in southern Brazil. Bulletin of Marine Science 70: 409-421.

178 Rosas FCW, Monteiro-Filho ELA, Oliveira MR, 2002. Incidental catches of franciscana (*Pontoporia blainvillei*) on the southern coast of Sao Paulo Stateand the coast of Parana State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 1(1): 161-168.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

179 Secchi ER, Zerbini AN, Bassoi M, Dalla Rosa L, Moller LM, Rocha-Campos CC, 1997. Mortality of fransiscanas, *Pontoporia blainvillei*, in coastal gillnets in southern Brazil: 1994-1995. Reports of the International Whaling Commission 47: 653-658.

180 Siciliano S, Di Beneditto APM, Ramos RMA, 2002. A toninha, *Pontoporia blainvillei* (Gervais & d'Orbigny, 1844) (Mammalia, Cetacea, Pontoporiidae), nos estados do Rio de Janeiro e Esprito Santo, costa sudeste do Brasil: Caracterização dos habitats e fatores de isolamento das populações. Boletim do Museu Nacional 476: 16 .

181 Martuscelli P, Olmos F, Milanelo M, 1995. First records of Arnoux's beaked whale *Berardius arnuxii* and Southern right-whale dolphin *Lissodelphis peronii* for Brazil. Mammalia 59(1): 274-275.

182 Lipsky JD, 2009. Right Whale Dolphins (*Lissodelphis borealis* and *L. peronii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 958-962.

183 Pinedo MC, Barreto AS, Lammardo MP, Andrade ALV, Geracitano L, 2002. Northernmost records of the spectacled porpoise, Layard's beaked whale, Commerson's dolphin, and Peale's dolphin in the southwestern Atlantic Ocean. Aquatic Mammals 28(1): 32-37.

184 Goodall RNP, 2009. Peale's Dolphin (*Lagenorhynchus australis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 844-847.

185 Dawson SM, 2009. *Cephalorhynchus* Dolphins (*C. heavisidii*, *C. eutropia*, *C. hectori*, and *C. commersonii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 191-196.

186 Pinedo MC, 1989. Primeiro registro de *Phocoena spinipinnis* (Cetacea, Phocoenidae) para o litoral do Rio Grande do Sul, com medidas osteológicas e análise do conteúdo estomacal. Atlântica 11(1): 85-89.

187 Molina-Schiller D, Rosales SA, Thales ROF, 2005. Oceanographic conditions off coastal South America in relation to the distribution of Burmeister's porpoise, *Phocoena spinipinnis*. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 141-156.

188 Simões-Lopes PC, Xímenez AL, 1989. *Phocoena spinipinnis* Burmeister, 1865, na costa sul do Brasil (Cetacea-Phocoenidae). Biotemas 2(1): 83-89.

189 Reves JC, 2009. Burmeister's Porpoise (*Phocoena spinipinnis*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 163-167.

190 Oliveira LR, Hoffman JI, Hingst-Zaher E, Majluf P, Muelbert MMC, Morgante JS, Amos W, 2008. Morphological and genetic evidence for two evolutionarily significant units (ESUs) in the South American fur seal, *Arctocephalus australis*. Conservation Genetics 9: 1451-1466.

191 Forcada J, Staniland IJ, 2009. Antarctic Fur Seal (*Arctocephalus gazella*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 36-42.

192 Castello HP, Pinedo MC, 1977. Os visitantes ocasionais de nosso litoral. Natureza em Revista 3: 40-46.

193 Oliveira LR, Caon G, Danilewicz D, Marins MB, Ott PH, Moreno IBM, 2001. New records of the Antarctic fur seal, *Arctocephalus gazella* (Petters, 1875) (Carnivora: Otaridae) for the Southern Brazilian Coast. Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS 14(2): 201-207.

194 Cappozzo HL, Perrin WF, 2009. South American Sea Lion (*Otaria flavescens*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1076-1079.

195 Simões-Lopes PC, Drehmer CJ, Ott PH, 1995. Nota sobre os Otariidae e Phocidae (Mammalia: Carnivora) da costa norte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Biociências 3(1): 173-181.

196 Rogers TL, 2009. Leopard Seal (*Hydrurga leptonyx*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 673-674.

197 Pinedo MC, 1990. Ocorrência de pinípedes na costa brasileira. Garcia de Orla, Série Zoologia 15(2): 37-48.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

198 Bengtson JL, 2009. Crabeater Seal (*Lobodon carcinophaga*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 290-292.

199 Lodi L, Mayerhofer LC, Farias Júnior SG, Cruz FS, 2005. Nota sobre a ocorrência de foca caranguejeira, *Lobodon carcinophagus* (Hombron & Jacquinot, 1842) (Mammalia: Pinnipedia), no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Biotemas 18(1): 151-161.

200 Oliveira LR, Machado R, Alievi MM, Wurdig NL, 2006. Crabeater Seal (*Lobodon carcinophaga*) on the coast of Rio Grande do Sul State, Brazil. Latin American Journal of Aquatic Animal 5(2): 145-148.

201 Hindell MA, Perrin WF, 2009. Elephant Seals (*Mirounga angustirostris* and *M. leonina*) In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 364-368.

202 Bastos BL, Norberto GO, Maia-Nogueira R, Guimarães JE, 2006. Avaliação hematológica e dosagem bioquímica de ALT, AST e creatinina em elefante-marinho-do-sul, *Mirounga leonina* (Linnaeus, 1758), encontrado no litoral de Salvador, Bahia. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science 43: 18-23.

203 Magalhães FA, Hassel LB, Venturotti AC, Siciliano S, 2003. Southern elephant seals (*Mirounga leonina*) on the coast of Rio de Janeiro State. Latin American Journal of Aquatic Mammals 2: 55-56.

204 Moura JF, Di Dario BPS, Lima LM, Siciliano S, 2010. Southern elephant seals (*Mirounga leonina*) along the Brazilian coast: Review and additional records. Marine Biodiversity Records 3: 1-5.

205 Lodi L, Siciliano S, 1989. A southern elephant seal in Brazil. Marine Mammal Science 5(3): 313.

206 Goodall RNP, 2009. Spectacled Porpoise (*Phocoena dioptrica*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 1087-1091.

207 Gowans S, 2009. Bottlenose Whales (*Hyperoodon ampullatus* and *H. planifrons*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 129-131.

208 Siciliano S, Santos COM, 2003. On the occurrence of the Arnoux's beaked whale (*Berardius arnuxii*) in Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 83: 887-888.

209 Kasuya T, 2009. Giant Beaked Whales (*Berardius bairdii* and *B. arnuxii*). In: Perrin WF, Würsig B, Thewissen, JGM. Encyclopedia of Marine Mammals. 2 ed. United States of America: Elsevier. pp. 498-500.

210 Soto JMR, Vega SS, 1997. Primeiro registro da baleia bicuda de Gray, *Mesoplodon grayi* Haast, 1876 (Cetacea: Ziphiidae) para o Brasil, com referências osteológicas e a revisão das citações de zifídeos em águas brasileiras. Biociências 5: 69-89.

211 Castello HP, Pinedo MC, 1980. *Mesoplodon densirostris* (Cetacea, Ziphiidae), primeiro registro para o Atlântico Sul Ocidental. Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo 29(2): 91-94.

212 Secchi ER, Zarzur S, 1999. Plastic debris ingested by a Blainville's beaked whale, *Mesoplodon densirostris*, washed ashore in Brazil. Aquatic Mammals 25(1): 21-24.

213 Zerbini AN, Secchi ER, 2001. Occurrence of Hector's beaked whale, *Mesoplodon hectori*, in southern Brazil. Aquatic Mammals 27(2): 149-153.

214 Souza SPD, Siciliano S, Cuenca S, De Sanctis BA, 2005. A True's beaked whale (*Mesoplodon mirus*) on the coast of Brazil: Adding a new beaked whale species to the Western Tropical Atlantic and South America. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 129-136.

215 Maia-Nogueira R, Nunes JDACDC, 2005. Record of the layard's beaked whale, *Mesoplodon layardii* (Gray, 1856), in Northeastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(2): 137-139.

216 Nowak, R. M. 1999. Walker's Mammals of the World. 6.ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. V.1.

217 Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A., Lima, I.P. 2011. Mamíferos do Brasil. 2.ed. Londrina: Nelio R. dos Reis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

218 Gardner, A.L. 2007. Mammals of South America - Volume 1: Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats. Chicago and London: The University of Chicago Press.

219 Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A., Lima, I.P. 2007. Morcegos do Brasil. Londrina: Nelio R. dos Reis.

220 Bonvicino, C.R., Oliveira, J.A., D'andrea, P.S. 2008. Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos. Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS.

221 Bressan, P.M., Kierulff, M.C.M., Sugieda, A.M. 2009. Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo - Vertebrados. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente.

222 Oliveira, T., Cassaro, K. 1999. Guia de Identificação dos Felinos Brasileiros. São Paulo: Sociedade de Zoológicos do Brasil.

223 Ruivo, E.B. 2010. EAZA Husbandry Guidelines for Callithichidae. 2.ed. Saint-Aignan: Beauval Zoo.

224 Veiga. L. M. 2006. Ecologia e Comportamento do Cuxiú-Preto (*Chiropotes satanas*) na Paisagem Fragmentada da Amazônia Oriental. Tese Doutorado em Psicologia. Belém: UFPA.

225 Galliez, M., Leite, M.S., Queiroz, T.L., Fernandez, F.A.S. 2009. Ecology of the Water Opossum *Chironectes minimus* in Atlantic Forest Streams of Southeastern Brazil. Journal of Mammalogy, 90 (1): 93-103.

226 Leite, R.N., Silva, M.N.F., Gardner, T.A. 2007. New Records of *Neusticomys oyapocki* (Rodentia, Sigmodontinae) from a Human-Dominated Forest Landscape in Northeastern Brazilian Amazonia. Mastozoologia Neotropical, 14(2):257-261.

227 Agular, L.M.S. 2007. Dados biológicos do morcego-vampiro *Diaemus youngi* no Cerrado do Distrito Federal, Brasil. Planaltina: Embrapa Cerrados.

228 Costa, L.M., Oliveira, D.M., Dias E Fernandes, A.F.P., Esberand, C.E.L. Occurrence of *Diaemus youngi* (Jentink, 1893), Chiroptera, in the State of Rio de Janeiro. Biota Neotropica. V.8. no.1. Jan/Mar.

229 Greenhall, A.M., Schutt JR., W.A. 1996. *Diaemus youngi*. Mammalian Species. N.533. p.1-7. Dec.

230 Smith, P. 2008. Long-Legged Bat *Macrophyllum macrophyllum*. Mammals of Paraguay. N.27. p.1-9.

231 Harrison, D.L. 1975. *Macrophyllum macrophyllum*. Mammalian Species. N.62. p.1-3. Nov.

232 Novaes, R.L.M., Souza, R.F., Felix, S., Sauwen, C., Jacob, G., Avilla, L.S. 2012. New Record of *Furipterus horrens* (Cuvier, 1828) (Mammalia, Chiroptera) from the Cerrado of Tocantins state with a compilation of the know distribution within Brazil. Check List. n.8: p. 1359-1361.

233 Beisiegel, B.M., Morato, R.G., Paula, R.C., Morato, R.L.G.M. 2011. Biodiversidade Brasileira: Seção Avaliação do Estado de Conservação dos Carnívoros. ICMBIO.

234 CENAP. 2010. Plano de Ação Nacional para Conservação da Ariranha. ICMBIO.

235 IBAMA. 2004. Plano de Ação: Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros do Brasil. CENAP.

236 Paula, R.C., Desdiez, A., Cavalcanti, S. 2013. Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-Pintada. Brasília: ICMBIO.

237 Emmons, L.H., Feer, F. 1997. Neotropical Rainforest Mammals. 2.ed. Chicago and London: The University of Chicago.

238 Loughry, W.J., Vizcaíno, S.F. 2008. The Biology of the Xenarthras. Gainesville: University Press of Florida.

239 Miranda, F. 2012. Manutenção de Tamanduás em Cativeiro. São Carlos: Cubo.

240 Reis, N.R., Peracchi, A.L., Andrade, F.R. 2008. Primatas Brasileiros. Londrina: Technical Books.

241 Sigrist, T. 2012. Mamíferos do Brasil: Uma Visão Artística. Vinhedo: Avis Brasilis.

242 Santos, L.B., Reis, N.R. 2009. Estudo comportamental de *Cebus nigritus* (Goldfuss, 1809) (Primates, Cebidae) em cativeiro. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 30, n. 2, p. 175-184, jul./dez. 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

243 Fortes, V.B. 2008. Ecologia e Comportamento do Bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans* Cabrera, 1940) em Fragmentos Florestais na Depressão Central do Rio Grande do Sul, Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC-RS.

244 Gonçalves. C.S. 2006. Distribuição e conservação do macaco-preto (*Cebus nigritus* - Golfuss, 1809) e documentação do conhecimento ecológico local na região do Parque Estadual de Itapeva e arredores, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS.

245 Guidorizzi, C.E. 2008. Ecologia e comportamento do Mico-leão-da-cara-dourada, *Leontopithecus chrysomelas* (Kuhi, 1820) (Primates, Callithrichidae), em um fragmento de floresta semidecidual em Itororó, Bahia, Brasil. Dissertação de Mestrado. Ilhéus: UESC.

246 Souza-Alves, J.P. 2010. Ecologia alimentar de um grupo de Guigó-de-Coimbra-Filho (*Callicebus coimbrai* Kobayashi & Langguth, 1999): perspectivas para a conservação da espécie na paisagem fragmentada do sul de Sergipe. Dissertação de mestrado. Sergipe: UFSE.

247 Martins, W.P. 2010. Densidade populacional e ecologia de um grupo de macaco-prego-de-crista (*Cebus robustus*; Kuhl, 1820) na Reserva Natural Vale. Tese de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

248 Fernandes, C.C. 2013. Padrão de atividade, dieta e uso do espaço por *Callicebus personatus* (Primates, Pitheciidae) em uma área de parque urbano, município de Santa Teresa, ES. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES.

249 Tokuda, M. 2012. Dispersão e estrutura social de macacos-prego (*Sapajus nigritus*) do Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.

250 ICMBIO. 2012. Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas do Nordeste. MMA.

251 Geise, L. 2012. *Akodon cursor* (Rodentia: Cricetidae). Mammalian Species. v. 44(893). p. 33-43.

252 Bovendorp, R.S. 2013. História natural e ecologia de duas espécies de roedores simpátricas da tribo Oryzomyni (Cricetidae: Sigmodontinae) na Floresta Atlântica. Tese: Doutorado. Piracicaba: USP.

253 Giné, G.A.F. 2009. Ecologia e comportamento do ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus*, Olfers 1818) em fragmentos de Mata Atlântica no município de Ilhéus, sul da Bahia. Tese : Doutorado. Piracicaba: USP.

254 Oliveira, P.A. 2006. Ecologia de fêmeas de ouriço-preto *Chaetomys subspinosus* (Olfers, 1818) (Rodentia: Erethizontidae) nas florestas de restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari, Espírito Santo. Dissertação: Mestrado. Belo Horizonte: PUC-MG.

255 ICMBIO. 2011. Plano de Ação Nacional para Conservação do Ouriço-preto. MMA.

256 Pontes, A.R.M., Gadelha, J. R., Melo, E. R. A., De Sá, F. B., Loss, A. C., Junior, V. C., Costa, L. P., Leite, Y. L. R. A new species of pourcupine, genus *Coendou* (Rodentia: Erethizontidae) from the Atlantic forest of northeastern Brasil. Zootaxa. v. 3636 (3). p. 421-438.

257 Vaz, S.M. 2002. Sobre a ocorrência de *Callistomys pictus* (Pictet) (Rodentia, Echimyidae). Revista Bras. Zool., v. 19 (3). p. 631-635.

258 Leite, Y.L.R. 2003. Evoltion and systematics of the Atlantic Tree Rats, Genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae) with description of two new species. Los Angeles: University of California Press.

259 D'andrea, P.S., Gentile, R., Maroja, L.S., Fernandes, F.A., Coura, R., Cerqueira, R. 2007. Small mammal populations of na agroecosystem in the Atlantic Forest domain, southeastern Brazil. Braz. J. Biol., v. 67(1), p. 179-186.

260 Taddei, V.A., Lim, B.K. 2010. A new species of *Chiroderma* (Chiroptera, Phyllostomidae) from Northeastern Brazil. Braz. J. Biol. v. 70, n. 2, p. 381-386.

261 Oprea, M., Wilson, D.E. 2008. *Chiroderma doriae* (Chiroptera: Phyllostomidae). Mammalian Species. v. 816. p 1-7.

262 Smith, P. 2012. Souther Yellow-eared bat: *Vampyressa pusilla* (J. A. Wagner, 1843). FAUNA Paraguay: Handbook of the Mammals of Paraguay. v. 53.

263 Lewis, S.E., Wilson. D.E. 1987. *Vampyressa pusilla*. Mammalian Species. v. 292. p. 1-5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - MASTOFAUNA

264 Fazzolari-Corrêa, S. 1995. Aspectos Sistemáticos, Ecológicos e Reprodutivos de Morcegos na Mata Atlântica. Tese: Doutorado. São Paulo: USP.

265 Welter, D. Comportamento e Uso do Abrigo por *Histiotus velatus* (I. Geoffroy, 1824) (Chiroptera; Vespertilionidae). Trabalho de Conclusão de Curso: Bacharelado. Porto Alegre: UFRGS.

266 Nascimento, F.O. 2010. Revisão Taxonômica do gênero *Leopardus* Gray, 1842 (Carnivora, Felidae). Tese: Doutorado. São Paulo: USP.

267 Amboni, M.P.M. 2007. Dieta, disponibilidade alimentar e padrão de movimentação de lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*, no Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Dissertação: Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

268 ICMBIO. 2009. Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação do Lobo-Guará. MMA.

269 Flatchall, N.B., Rodden, M., Taylor, S. 1995. Manual de Manejo do Lobo Guará *Chrysocyon brachyurus*. CEPREM.

270 Miranda, J. M. D., Bernardi, I. P., Carvalho, F., Passos, F. C. 2010. Novos dados distribucionais do morcego recém descrito *Epitesicus taddeii* (Vespertilionidae). Chiroptera Neotropical. v.16. n. 01.

271 Cademartori, C. V., Fabian, M. E., Manegheti, J. O. 2005. Biologia Reprodutiva de *Delomys dorsalis* (Hensel, 1872) - Rodentia, Sigmodontinae - em área de floresta ombrófila mista, Rio Grande do Sul, Brasil. Mastozool. Neotrop. v.12. n.2. Mendoza.

ANEXO II

Referências bibliográficas utilizadas para a identificação de Áreas Relevantes e Prioritárias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

1 Bencke, G. A., G. N. Maurício, P. F. Develey & J. M. Goerck (orgs.). 2006. Áreas Importantes para a Conservação das Aves no Brasil. Parte I – Est ados do Domínio da Mata Atlântica. São Paulo: SAVE Brasil.

2 De Luca, A. C., P. F. Develey, G. A. Bencke & J. M. Goerck (orgs.). 2009. Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil. Parte II – Amazônia, Cerrado e Pantanal. São Paulo: SAVE Brasil.

3 Plano de Manejo Parque Nacional do Cabo Orange. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2262-parna-do-cabo-orange>.

4 Silva, L. M. R. Área de Proteção Ambiental da Baixada Maranhense. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão.

5 Plano de Manejo Parna de Jericoacoara-Volume I- Contextualização da Unidade de Conservação. Disponível em:< http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Contextualizacao.pdf>

6 Análise da Região da Unidade de Conservação Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Analise%20da%20Regiao.pdf>

7 Lista de Espécies Ameaçadas protegidas nesta Unidade de Conservação. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2261-parna-de-jericoacoara.html>

8 Link: http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-das-dunas-de-paracuru/

9 Link: http://www.diariomunicipal.com.br/aprece/materia/1299918

10 Link: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2246-apa-delta-do-parnaiba.html

11 Planos de Manejo: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/ENCARTE_5C.PDF

12 http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2264-parna-dos-lencois-maranhenses

13 Plano de Manejo: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/ENCARTE_5B.PDF

14 http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2279-resex-mae-grande-de-curuca.html

15 Link: http://www.sema.pa.gov.br/diretorias/areas-protegidas/peut/apresentacao/

16 http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2278-resex-de-sao-joao-da-ponta.html

17 ICMBio (2008). Plano de Manejo da Estação Ecológica dos Tupiniquins - Encarte 2 Análise da Região da Unidade de Conservação. Brasília, 2008.

18 Plano de Manejo: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/resex_caete_taperacu_pm_diag.pdf

19 http://www.mma.gov.br/estruturas/205/_arquivos/apa_reentrncias_205.pdf

20 http://br.viarural.com/servicos/turismo/areas-de-protecao-ambiental/apa-reentrancias-maranhenses/default.htm

21 http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Encarte%203%20-%20PNCO.pdf

22 http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/amazonia/unidades-de-conservacao-amazonia/2001

23 http://iepa.ap.gov.br/probio/relatorios/Relatorio_Cap12.pdf

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

24 Brito, D. C., Drummond, José. 2007. O PLANEJAMENTO E O ZONEAMENTO PARTICIPATIVOS: NOVOS INSTRUMENTOS DE GESTÃO PARA AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO BRASIL (O CASO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO RIO CURIAÚ − AMAPÁ). RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental

25 http://www2.unifap.br/ppgdapp/files/2013/05/ELIANE-RAMOS-CANTU%C3%81RIA.pdf

26 http://www.lima.coppe.ufrj.br/files/aaeturismocostanorte/06_LB%20Ambiental_03.pdf

27 www.museu-goeldi.br/portal/content/ictiofauna-no-arquipélago-do-marajó

28 Aquino, M. J. S. e Rosa, A. B. N. L. Uso e proteção ambiental no litoral Atlântico Amazônico: em debate práticas e saberes em unidades de conservação. Revista Pós Ciências Sociais v.6, n.12, 2009

29 http://www.sema.pa.gov.br/download/Guia_Algodoal_Maiandeua_2012.pdf

30 Santos, J. U. M. dos; AmaralII, . Vegetação da área de proteção ambiental Jabotitiua-Jatium. Município de Viseu, Pará, Brasil. Acta Amaz. vol.33 no.3 Manaus 2003. Disponível em: http://corrupteca.nupps.usp.br/link/?id=40275

31 Plano de Manejo: http://visitaparquedoutinga.blogspot.com.br/p/o-plano.html

32 http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/200/pdf606

33 http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-261_Soares.pdf

34 http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/pm_apa_delta_parnaiba.pdf

35 www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/7940

36 http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-do-manguezal-da-barra-grande/

37 http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/parque-estadual-marinho-da-pedra-da-risca-do-meio/

38 http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/ucs-abertas-a-visitacao/190-parque-nacional-de-jericoacoara.html

39 http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/ucs-abertas-a-visitacao/191-parque-nacional-dos-lencois-maranhenses

40 http://br.viarural.com/servicos/turismo/reservas-biologicas/reserva-biologica-do-lago-piratuba/

41 http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-das-dunas-de-paracuru/

42 Menezes, L. B.; Carvalho, E. A.; Nuñez, Y. T.; Brito, L. B.; Sember, N. B. G.; Vasconcelos, E. F.. Parques Urbanos de Belém (PA): Situação Atual e Problemáticas Sócio-Ambientais. Revista Ciência e Tecnologia. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&cad=rja&uact=8&ved=0CFgQFjAJahUKEwiL8eeCoKTHAhVCC5AKHWRDAfY&url=http%3A%2F%2Fwww.nead.faculdadeipiranga.com.br%2Frevista%2Findex.php%2Fpesquisas%2Farticle%2Fdownload%2F4%2F5&ei=o5rLVcuTIcKWwATkhoWwDw&usg=AFQjCNHwPEJh2SEhtEGUUH4V4y35pf0fDw&sig2=QsAQ5IuTEt-gPFxsY-3yNQ&bvm=bv.99804247,d.Y2I

43 http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/unidades-abertas-a-visitacao/3977-area-de-protencao-ambiental-costa-dos-corais.html

44 Matos, P. P. et al. Etnoconhecimento e percepção dos povos pesqueiros da Reserva Ponta do Tubarão acerca do ecossistema manguezal. Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v. 10, n. 4, p. 481-489, out./dez. 2012. Disponível on-line em http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2102

45 Plano de ação nacional para a conservação dos sirênios: peixe-boi-da-Amazônia: Trichechus inunguis e peixe-boi-marinho: Trichechus manatus / Fábia de Oliveira Luna ... [et al.]; organizadores: Maurício Carlos Martins de Andrade, Fábia de Oliveira Luna, Marcelo Lima Reis. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2011. 80 p. : il. color. ; 29,7 cm. (Série Espécies Ameaçadas)

46 Renata Valente et al. Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil , organizadores. – Belém: Conservação Internacional, 2011

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

47 Matos, P. P. et al. Etnoconhecimento e percepção dos povos pesqueiros da Reserva Ponta do Tubarão acerca do ecossistema manguezal. Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v. 10, n. 4, p. 481-489, out./dez. 2012. Disponível on-line em http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2102

48 Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil. Cabedelo, PB : CEMAVE/ ICMBio. 2014.

49 Vale et al., 2011; Banco de Dados do Museu de Zoologia da USP - MZUSP.

50 Banco de Dados do Museu de Zoologia da USP - MZUSP.

51 del Hoyo, J.; Collar, N. J.; Christie, D. A.; Elliott, A.; Fishpool, L. D. C. 2014. HBW and BirdLife International Illustrated Checklist of the Birds of the World. Barcelona, Spain and Cambridge UK: Lynx Edicions and BirdLife International.

52 BirdLife International (2015) IUCN Red List for birds. Disponível em: http://www.birdlife.org.

53 Aquasis, APA Delta do Parnaíba/ICMBio, Centro Mamíferos Aquáticos/ICMBio, DIREP/ICMBio, Universidade Federal do Ceará/Departamento de Geografia. Refúgio de Vida Silvestre Peixe-boi Marinho. Consolidação da Proposta de Criação de Unidade de Conservação. Estudos Socioambientais Complementares. Caucaia/CE, 2008. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consulta_publica_27_10_2009.pdf

54 Lima RP. (1997). Peixe-boi marinho (Trichechus manatus): Distribuição, status de conservação e aspectos tradicionais ao longo do litoral nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 93 pp.

55 Alves MDO. (2007). Peixe-boi marinho, Trichechus manatus manatus: Ecologia e conhecimento tradicional no Ceará e Rio Grande do Norte, Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco: 140 pp.

56 Alves MD, Kinas PG, Marmontel M, Borges JCG, Costa AF, Schiel N, Araújo AME. (2015). First abundance estimate of the Antillean manatee (Trichechus manatus manatus) in Brazil by aerial survey. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom: 1-12.

57 Aves costeiras de Icapuí / editor responsável João Bosco Priamo Carbogim; textos Ciro Albano, Weber Girão, Alberto Campos] . 1. ed.Fortaleza, CE: Editora Fundação Brasil Cidadão, 2007.

58 Costa, Alexandra Fernandes Distribuição espacial e status do peixe-boi marinho, Trichechus manatus manatus, (Sirenia: Trichechidae) no litoral leste do Estado do Ceará/Alexandra Fernandes Costa - Fortaleza, 2006. 131 f.

59 Meirelles, Ana Carolina Oliveira de. Ecologia populacional e comportamental do boto-cinza, Sotalia guianensis (VAN BÉNÉDEN, 1864) na enseada do Mucuripe, Fortaleza, Estado do Ceará / Ana Carolina Oliveira de Meirelles. – 2013. 132 f.: il. color., enc. ; 30 cm.

60 http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-das-dunas-de-paracuru/

61 Lima, E. H.S.M.; Melo, M. T. D.; Godfrey, M. H.; Barata, P. C. R. Sea Turtles in the Waters of Almofala, Ceará, in Northeastern Brazil, 2001–2010. Marine Turtle Newsletter 137:5-9, © 2013. Disponível em: http://www.seaturtle.org/mtn/archives/mtn137/mtn137p5.shtml

62 Valente et al., 2011; Lees et al., 2014; Banco de dados do Museu de Zoologia da USP - MZUSP

63 Rodrigues, A.A.F. & Carvalho, D.L. 2011b. Reentrâncias Paraenses, p.85-87. In: Valente, R.; Silva, J.M.C.; Straube, F.C. & Nascimento, J.L.X. (org). Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil.

64 dos SANTOS, J. U. M.; AMARAL, D. D.; GORAYEB, I. S., BASTOS, M.N. C.; SECCO, R.S.; NETO, S. V. C.; COSTA, D. C. T. VEGETAÇÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL JABOTITIUA-JATIUM. MUNICÍPIO DE VISEU, PARÁ, BRASIL. ACTA Amazônica 33(3): 431-444. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/aa/v33n3/v33n3a09.pdf

65 Rodrigues, A. A. F. Priority Areas for Conservation of Migratory and Resident Waterbirds on the Coast of Brazilian Amazonia. Revista Brasileira de Ornitologia 15 (2) 209-218. Departamento de Biologia, UFMA. Junho, 2007. Disponível em: http://www4.museu-goeldi.br/revistabrornito/revista/index.php/BJO/article/viewFile/2904/pdf_468

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

66 Abdala, Guilherme; Saraiva, Nicholas; Wesley, Fábio. 2012. Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu - VOLUME I - Diagnóstico da Unidade de Conservação. Brasília: ICMBio. 109 p.

67 Dirksen, L. 2010. Eunectes deschauenseei. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2015.2. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 14 August 2015.

68 SILVA, Robson Sivla e. Guarás vermelhos no Brasil: as cores vibrantes da preservação. Vinhedo, SP. Avis Brasilis, 2007. 240p.

69 Caramasch, U. 2010. Notes on the taxonomic status of Elachistocleis ovalis (Schneider, 1799) and description of five new species of Elachistocleis Parker, 1927 (Amphibia, Anura, Microhylidae). Boletim do Museu Nacional Nova Série 527: 1-30.

70 IUCN SSC Amphibian Specialist Group, 2013. Elachistocleis bumbameuboi. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2015.2. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 14 August 2015.

71 Ernst CH, Batistella AM and Vogt RC. 2010. Trachemys adiutrix. Catalogue of American Amphibians and Reptiles (869): 1-4.

72 Batistella AM. 2008. Biologia de Trachemys adiutrix (Vanzolini, 1995) (Testudines, Emydidae) no litoral do Nordeste, Brasil. Tese de Doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 82 pp.

73 Santos, J. U. M.; Gorayeb, I.S.; Bastos, M. N.C. Diagnóstico para Avalição e Ações Prioritárias para Conservação da Biodiversidade da Zona Costeira e Marinha Amazônica. Pará, 1999. Disponível em: http://www.anp.gov.br/brnd/round6/guias/PERFURACAO/PERFURACAO_R6/refere/RegiaoNorte.pdf

74 Luna, F. O.; Araújo, J. P.; Oliveira, E. M.; Hage, L. M.; Passavante, J. Z. O. Distribuição do peixe-boi marinho, Trichechus manatus manatus, no litoral norte do Brasi. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8680/3/2010_art_fdeol.pdf

75 ARAÚJO, A.; SANTOS, R. & CAMPOS, C. E. 2011. Composição e diversidade da herpetofauna da reserva biológica do Parazinho, Macapá, Amapá, Brasil: resultados preliminares. Resumos do X Congresso de Ecologia do Brasil, São Lourenço – MG.

76 BEZERRA, E. 2014. Afuá: Programa Quelônios. Acha Notícias: Gazeta – AP. 2 p.

77 Ramsar. Information Sheet on Ramsar Wetlands (RIS) – 2006-2008 version. Disponível em: http://www.ramsar.org/ris/key_ris_index.htm

78 ICMBio 2011. Atlas da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção em Unidades de Conservação Federais. Brasília, 276p.

79 Boletim Informativo Projeto BioMade Biodiversidade Marinha do Delta. Realização: Instituto Tartarugas do Delta. Ano 2015 - Edição 6

80 Guzzi, Anderson Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense. / Anderson Guzzi. – org. Parnaíba: EDUFPI, 2012. 466p. il.

81 Plano de ação nacional para a conservação das Tartarugas Marinhas / Alexsandro Santana dos Santos ... [et al.]; organizadores: Maria Ângela Azevedo Guagni Dei Marcovaldi, Alexsandro Santana dos Santos. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2011. 120 p. : il. color. ; 21 cm. (Série Espécies Ameaçadas, 25)

82 Plano de ação nacional para a conservação do pequeno cetáceo Toninha: Pontoporia blainvillei/ Ana Paula Madeira Di Beneditto ... [et al.]; organizadores Claudia Cavalcante Rocha Campos, Daniel Schiavon Danilewicz, Salvatore Siciliano. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2010.
76 p. : il. color. ; 24 cm. (Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos)

83 Plano de ação nacional para conservação dos mamíferos aquáticos: grandes cetáceos e pinípedes: versão III / Claudia C. Rocha-Campos ... [et al.]; organizadores Claudia Cavalcante Rocha-Campos, Ibsen de Gusmão Câmara. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

84 Plano de ação nacional para a conservação de aves de rapina / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Coordenação-Geral de Espécies Ameaçadas. – Brasília: ICMBio, 2008. 136 p. ; il. color. : 29 cm. (Série Espécies Ameaçadas, 5)

85 Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí. Organizado por Dilton de Castro e Ricardo Silva Pereira Mello. Porto Alegre: Ed. Via Sapiens, 2013. 180p.ils.Vários autores. Disponível em: <http://www.onganama.org.br/pesquisas/Livros/Atlas_Tramandai_2013_web_2014.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

86 ICMBio. REVIS Ilha dos Lobos. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2299-revis-ilha-dos-lobos.html?highlight=WyJycyJd>. Acesso em: 19/01/16

87 Projeto mamíferos marinhos no litoral do Rio Grande do Sul / Kleber Grübel da Silva ... [et al.] . - Rio Grande, RS: NEMA, 2014. Disponível em: <http://pt.calameo.com/books/003487610f33bde852aef>. Acesso em: abril/2016

88 Burger, M. I.; Ramos, R. A. Áreas importantes para conservação na Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Disponível em : <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/cap_4_lagoa_casamento.pdf>. Acesso em: abril/2016

89 Guadagnin, D. L.; Laidner, C.; Mazzer, A. M.; Widmer, M. S.; Fonseca, R. C.; Falavigna, T. (1999). DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO E AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO DA ZONA COSTEIRA DA REGIÃO SUL - RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA. Porto Alegre, 03 de setembro de 1999. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/brnd/round5/round5/guias/sismica/refere/regiaosul.pdf>

90 FZB - Fundação Zoobotânica (2006). Projeto de Conservação da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul - Plano de Manejo do Parque Estadual de Itapeva. Porto Alegre, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/upload/Plano_manejo_PEItapeva.pdf>

91 COSTA, E. S.; SANDER, M. Variação sazonal de aves costeiras (Charadriiformes e Ciconiiformes) no litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Biodiversidade Pampeana, Uruguaiana, v. 6, n. 1, p. 3-8, 2008.

92 Fruet, P. F. Abundância, Mortalidade em Atividades Pesqueiras e Viabilidade da População de Botos (Tursiops truncatus) do Estuário da Lagoa dos Patos, RS, BRASIL. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Oceanografia Biológica. Agosto de 2008. Disponível em: <http://www.yaqupacha.org/fileadmin/user_upload/pdf/dissertation_fruet_2008.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

93 Genoves, R. C. Estrutura Social do Boto, Tursiops truncatus (Cetacea: Delphinidae), no Estuário da Lagoa dos Patos e Águas Costeiras Adjacentes, Sul do Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Oceanografia Biológica. Janeiro de 2009. Disponível em: http://www.argo.furg.br/bdtd/0000010202.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

94 Di Tullio, J. Couto. Uso do Habitat do Boto, Tursiops truncatus, no Estuário da Lagoa dos Patos e Águas Costeiras Adjacentes, RS, BRASIL. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Oceanografia Biológica. Janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.botosdalagoa.com.br/arquivos/dissertacaoC.pdf>. Acesso em: abril/2016

95 Devenish, C., Dıaz Fernandez, D.F., Clay, R.P., Davidson, I. & Yépez Zabala, I. (eds) (2009) Important bird areas Americas – Priority sites for biodiversity conservation. BirdLife International (BirdLife Conservation Series No. 16), Quito, Ecuador.

96 FNMA-FURG-IBAMA-NEMA-UFPel (1999). Projeto Plano de Manejo PARNA Lagoa do Peixe.

97 Birdlife International (2008). Estuário da Laguna dos Patos. Disponível em: http://www.birdlife.org/datazone/sitefactsheet.php?id=20235. Acesso em: janeiro/2016.

98 Biodiversidade RS. IBAs. Disponível em: http://www.biodiversidade.rs.gov.br/portal/index.php?acao=secoes_portal&id=43&submenu=23. Acesso em: janeiro/2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

99 REBIMAR: Levando a região costeira paranaense para sala de aula / Organização: Carolina de Andrade Mello, Fernanda Eria Possatto, Gisele Costa Fredo. - Pontal do Paraná: Associação MarBrasil, 2011. Disponível em: < http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/livros_digitais/educacao_ambiental/rebimar_2011_levando_regiao_costeira_pr_para_sala_parte_1.pdf>. Acesso em: abril/ 2016

100 PARANA, Instituto Ambiental do. Planos de Conservação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná. IAP/Projeto Paraná Biodiversidade, 2009.

101 Projeto Aves Marinhas. ILHAS ITACOLOMIS. Disponível em: http://www.avesmarinhas.com.br/ilhas_itacolomis.htm. Acesso em: março/2016.

102 Fundação BIO RIO. Relatório Técnico - AVALIAÇÃO E AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE DAS ZONAS COSTEIRA E MARINHA.

103 KRUL, R. 2004. Aves marinhas costeiras do Paraná. p. 37-56 in Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação (Organizado por Joaquim Olinto Branco). Editora da UNIVALI, Itajaí, SC. Disponível em: < http://www.avesmarinhas.com.br/Cap%C3%ADtulo%202.pdf> . Acesso em: março/2016

104 ICMBio. PARNA Marinho das Ilhas dos Currais. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/4126-parna-marinho-das-ilhas-dos-currais.html?highlight=WyJzYyJd. Acesso em: 26/01/16.

105 Rechetelo, Juliana. Biologia Reprodutiva e dieta do socó-do-mangue, Nyctanassa violacea, no Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê, no Estado do Paraná, Brasil / Juliana Rechetelo. – Pontal do Paraná, 2009.

106 Instituto Ambiental do Paraná (2012). Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha do Mel. Curitiba, janeiro de 2012.

107 Sipinski, E. A. B.; Abbud, M. C.; Sezerban, R. M.; Serafini, P. P.; Boçon, R.; Manica, L. T.; Guaraldo, A. C. (2014). Tendência populacional do papagaio-de-cara-roxa (Amazona brasiliensis) no litoral do estado do Paraná. Ornithologia 6(2):136-143, setembro 2014.

108 Sipinski, E. A. B (2003). "O PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA (Amazona brasiliensis)NA ILHA RASA, PR - ASPECTOS ECOLÓGICOS E REPRODUTIVOS E RELAÇÃO COM O AMBIENTE". Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais), Pós-Graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, 2003.

109 VIGARIO, D. C. ASPECTOS DA BIOLOGIA DO GUARÁ, Eudocimus ruber (LINNAEUS, 1758), RELACIONADOS À ATIVIDADE DIÁRIA NO LITORAL DO ESTADO DO PARANÁ. 2014

110 Oshima, J. E. F.; Pacífico, E. S.; Silva, E.; Santos, M. C. O. (2007). INTERAÇÕES ENTRE BOTOS-TUCUXI, SOTALIA GUIANENSIS, E AVES MARINHAS NA REGIÃO DO LAGAMAR, SUL DE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG.

111 Santos, M. C. O; Oshima, J. E. F.; Pacífico, E. S.; Silva, E. (2007). ASPECTOS ECOLÓGICOS REFERENTES AO BOTOCINZA, SOTALIA GUIANENSIS, EM ÁGUAS ESTUARINAS DO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ, BRASIL. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG.

112 Bressem, M-F. V.; Santos, M. C. O.; Oshima, J. E. F. (2009). Skin diseases in Guiana dolphins (Sotalia guianensis) from the Paranaguá estuary, Brazil: A possible indicator of a compromised marine environment. Marine Environmental Research 67 (2009) 63–68

113 SANTOS, Marcos César de Oliveira; OSHIMA, Júlia Emi de Faria; SILVA, Ednilson da. Sightings of franciscana dolphins (pontoporia blainvillei): the discovery of a population in the Paranaguá estuarine complex, Southern Brazil. Braz. j. oceanogr., São Paulo , v. 57, n. 1, p. 57-63, Mar. 2009

114 ABBUD, MARIA CECILIA, 2013 Reprodução e Conservação do Papagaio-de-cara-roxa Amazona brasiliensis (Linnaeus, 1758) (Aves: Psittacidae) no Litoral Norte do Estado do Paraná. UFPR

115 Plano de ação nacional para a conservação dos papagaios da Mata Atlântica / Fabio Schunck ... [et al]; organizadores Adrian Eisen Rupp ... [et al.]. - Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

116 Branco, J.O.; Machado, I.F.; Bovendorp, M.S. (2004). Avifauna associada a ambientes de influência marítima no litoral de Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 21 (3): 459-466.

117 Filippini, A. (2009). Biogeografia dos Vertebrados de Ilhas de Santa Catarina: destaque em Aves Marinhas e Costeiras. Dissertação (Mestrado em Geografia - Área de Concentração: Utilização e Conservação dos Recursos Naturais). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, julho de 2009.

118 Soares, M.; Schiefler, A.F. (1995). Aves da Ilhota da Galheta, Laguna, SC, Brasil. Arq. BIOL. TECNOL. 1995. 38(4):P.1101-1107.

119 Branco, J.O. (2004). Aves marinhas das Ilhas de Santa Catarina. p.15-36 in Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação (Organizado por Joaquim Olinto Branco). Editora da UNIVALI, Itajaí, SC.

120 Branco, J. O.; Fracasso, H. A. A.; Barbieri, E. (2009). Breeding biology of the kelp gull (Larus dominicanus) at Santa Catarina coast, Brazil. Ornitologia Neotropical, 20: 409–419

121 Branco, J. O.; Fracasso, H. A. A. (2005). Reprodução de Nycticorax nycticorax (Linnaeus) no litoral de Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, Curitiba, 22 (2): 424-429

122 BRANCO, J. O. (2003). Reprodução das aves marinhas nas ilhas costeiras de Santa Catarina. Revista Brasileira de Zoologia, Curitiba, 20 (4): 619-623

123 Kunz, T. S.; Borges-Martins, M. (2013). A new microendemic species of Tropidurus (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of Tropidurus catalanensis Gudynas & Skuk, 1983. Zootaxa 3681: 413–439

124 Branco, J. O.; Fracasso, H. A. A.; Efe, M. A.; Bovendorp, M. S.; Bernardes Júnior, J. J.; Manoel, F. C. & Evangelista, C. L. (2010). O atobá-pardo Sula leucogaster (Pelecaniformes: Sulidae) no Arquipélago de Moleques do Sul, Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Ornitologia, 18(3): 222-227

125 Branco, J. O. (2003). Reprodução de Sterna hirundinacea. Lesson e S. eurygnatha Saunders (Aves, Laridae), no litoral de Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Zoología 20 (4): 655-659, dezembro de 2003.

126 Branco, J.O., Fracasso, H. A.A.; Moraes-Ornellas, V.S.M. (2013). Reproduction and demographic trends of Sula leucogaster at the Moleques do Sul Archipelago, Santa Catarina, Brazil. Biota Neotropica. 13(4): http://www.biotaneotropica.org.br/v13n4/en/abstract?article+bn00713042013

127 Branco, J. O.; Machado, I. F. (2011). Observações sobre a reprodução de Fregata magnificens nas Ilhas Moleques do Sul, Santa Catarina, Brasil. Revista Brasileira de Ornitologia, 19(4), 514-519

128 Fracasso, H. A. A (2009). Ecologia Reprodutiva de Sterna hirundinacea Lesson, 1831 e Thalasseus sandvicensis (Lathan, 1787) (Aves, Sternidae) na Ilha dos Cardos, Santa Catarina, Brasil. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/SP, 2009.

129 Fracasso, H. A. A.; Branco, J. O.; Burger, J.; Silveira, L. F. & Verani, J. R. (2010). Breeding biology of South American Tern from Cardos Island, Santa Catarina State, Brazil. Journal of Oceanography and Marine Science, 1(3): 53-64. [texto completo, formato pdf]

130 Fracasso, H. A. A.; Branco, J. O.; Efe M. A.; Barreiros, J. P. (2014). Reproductive Dynamics of Sterna hirundinacea Lesson, 1831 in Ilha dos Cardos, Santa Catarina, Brazil. Volume 2014, Article ID 907549, 16 pages

131 Fracasso, H. A. A.; Branco, J. O. (2012). Reproductive success of South American terns (Sterna hirundinacea)from Cardos islands, Florianópolis, SC, Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências. 84(2):1-10

132 Wedekin, L. L. (2007). Preferência de hábitat pelo boto-cinza, Sotalia guianensis (CETACEA, DELPHINIDAE) em diferentes escalas espaciais na costa sul do Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.

133 Flores, P. A. C. (2009). Occurrence of franciscana (Pontoporia blainvillei) in Baía Norte, southern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-2, p. 93-95, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

134 Cremer, M. J; Hardt, F. A. S.; Tonello Jr., A. J.; Simões-Lopes, P. C. (2011). Distribution and Status of the Guiana Dolphin Sotalia guianensis (Cetacea, Delphinidae) Population in Babitonga Bay, Southern Brazil. Zoological Studies 50(3): 327-337 (2011).

135 MMA/IBAMA (2004). Plano de Manejo - Reserva Biológica Marinha do Arvoredo: Encartes I, III e IV. Brasília, julho de 2004.

136 Projeto Aves Marinhas; Univali; CTT Mar. Ecologia de comunidades de aves marinhas no litoral de Santa Catarina - Projetos: Ecologia de aves marinhas. Disponível em: <http://www.avesmarinhas.com.br/linhas_pesq.htm>. Acesso em: janeiro/2016.

137 ICMBio. Conservação da Biodiversidade na Zona Costeira e Marinha de Santa Catarina.

138 Projeto Tartarugas Marinhas, Pata da Cobra. Projeto: Tartarugas Marinhas do Arvoredo, SC.

139 VIEIRA, B. P.; SERAFINI, P. P. 2016. Guidelines for Managing and Monitoring Seabirds in the Arvoredo Marine Biological Reserve, Southern Brazil. Biodiversidade Brasileira, 6(1): 174-189.

140 Moritz Jr., H. C. (2002). ABUNDÂNCIA E ASPECTOS DA REPRODUÇÃO DE Larus dominicanus (CHARIDRIIFORMES, LARIDAE) NO ARQUIPÉLAGO DO ARVOREDO, SC - UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ - 2002

141 Ebert, L. A. & Branco, J. O. (2009). Variação sazonal na abundância de Larus dominicanus (Aves, Laridae) no Saco da Fazenda, Itajaí, Santa Catarina. Iheringia, Sér. Zool., 99(4):437-441

142 Barbieri, E. e Paes, E. T. (2008). Aves da praia da Ilha Comprida (estado de São Paulo, Brasil): uma análise multivariada. Biota Neotrop., 8: www.biotaneotropica.org.br/v8n3/pt/ abstract?article+bn00408032008.

143 Grose, A. V.; Cremer, M. J.; Moreira, N. (2014). Reprodução de aves aquáticas (Pelicaniformes) na ilha do Maracujá, estuário da Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina. Revista Biotemas, 27 (2), junho de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2014v27n2p117>. Acesso em: abril /2016

144 Birdlife International (2008). Baía da Babitonga. Disponível em: <http://www.birdlife.org/datazone/sitefactsheet.php?id=20239>. Acesso em: janeiro/2017

145 Cremer, M. J.; Simoes-Lopes, P. C. (2008). Distribution, abundance and density estimates of franciscanas, Pontoporia blainvillei (Cetacea: Pontoporiidae), in Babitonga bay, southern Brazil. Rev. Bras. Zool., Curitiba , v. 25, n. 3, p. 397-402, Sept. 2008 .

146 Reis, T. C. P. (2014). Reprodução de Larus dominicanus na Ilha Mandigituba, litoral norte de Santa Catarina – Joinville: UNIVILLE, 2014

147 ICMBio. APA da Baleia Franca. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/apabaleiafranca/; http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2236-apa-da-baleia-franca.html?highlight=WyJhcGEiXQ==>. Acesso em: janeiro/2016

148 Palazzo Jr., J. T.; Groch, K. R. Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca - Guia do visitante.

149 Área de Proteção Ambiental - Projeto Baleia Franca. Disponível em: <http://www.baleiafranca.org.br/area/area.htm>. Acesso em: janeiro/2016.

150 ICMBio. PARNA DO SUPERAGUI. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2263-parna-do-superagui.html>. Acesso em: fevereiro/2016.

151 ICMBio. Parque Nacional do Superagui. Disponível em:< www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/unidades-abertas-a-visitacao/209-parque-nacional-do-superagui.html>. Acesso em: fevereiro/2016.

152 Scherer-Neto, P.; Wasilewski, M.; Silva-Junior, A.; Scherer, C.C.; Gonçalves, V.P.; Macedo, L.F.F. (2016). Uma lista de aves aquáticas e terrestres para a Baía de Guaratuba, Paraná.. Táxeus - Listas de espécies. Disponível em <http://www.taxeus.com.br/lista/7554>. Acesso em: abril/2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

153 EFE, M. A. 2004. Aves marinhas das ilhas do Espírito Santo. p.101-118 in Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação (Organizado por Joaquim Olinto Branco). Editora da UNIVALI, Itajaí, SC.

154 Efe, M. A., J. L. X. Nascimento, I. L. S. Nascimento and C. Musso. 2000. Distribuição e ecología reprodutiva de Sterna sandvicensis eurygnatha no Brasil. Melopsittacus 3: 110-121.

155 Pinheiro, Flavia Carnelli Frizzera, 2014. Padrões de uso de habitat do boto-cinza (Sotalia guianensis) na região da foz do rio doce, costa norte do Espírito Santo, Sudeste do Brasil

156 Félix, Geórgia de Brito Vidal, 2014. Ocorrência e caracterização de golfinhos no litoral norte do Espírito Santo e sua relação com a atividade pesqueira UFES

157 Barbo et al, 2016 Another new and threatened species of lancehead genus Bothrops (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil

158 Peloso, P.L.V. et al. 2012: An extraordinary new species of Melanophryniscus (Anura, Bufonidae) from southeastern Brazil. American Museum novitates

159 UNIDADES DE VEGETAÇÃO DA MATA ESTRELA, MUNICÍPIO DE BAHIA FORMOSA - RN . Disponpível em <http://www.cpatc.embrapa.br/labgeo/srgsr3/artigos_pdf/083_t.pdf> acesso: abril/2016

160 Olmos, F. 2003. Birds of Mata Estrela Private Reserve, Rio Grande do Norte, Brazil. Cotinga 20: 26-30.

161 PARO, Alexandre Douglas. Estimativa populacional e uso do hábitat do boto-cinza (Sotalia guianensis) no litoral sul do Rio Grande do Norte. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Comportamento; Psicologia Fisiológica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

162 Favaro, Emerson Giuliano Palacio. Utilização da Baía dos Golfinhos (Pipa, RN) pelo boto *Sotalia fluviatilis* (Cetacea: Delphinidae) / Emerson Giuliano Palacio Favaro. -- Recife, 2004

163 Frazão, Eugênio Pires. Caracterização hidrodinâmica e morfo-sedimentar do estuário Potengi e áreas adjacentes : subsídios para controle e recuperação ambiental no caso de derrames de hidrocarboneto / Eugênio Pires Frazão. – Natal, RN, 1998.

164 Soares, Ilton Araújo. Análise da degradação ambiental das áreas de preservação permanente localizadas no estuário do Rio Ceará-Mirim/RN / Ilton Araújo Soares. - Natal, RN, 2010.

165 Plano de ação nacional para a conservação da Herpetofauna insular ameaçada de extinção / Yeda Bataus... [et al.]; organizadores: Yeda Soares de Lucena Bataus, Marcelo Lima Reis. - Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2011.

166 G1 (2014). Ilha do litoral de SP abriga 2,5 mil jararacas-ilhoas ameaçadas. Publicado em G1 - Globo.com em 03 de agosto de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/ilha-do-litoral-de-sp-abriga-25-mil-jararacas-ilhoas-ameacada-de-extincao.html>. Acesso em: fevereiro/2016.

167 CAMPOS, F.P.; PALUDO, D.; FARIA, P.J.; MARTUSCELLI, P. 2004. Aves insulares marinhas, residentes e migratórias, do litoral do Estado de São Paulo. p. 57-82 in Aves marinhas insulares brasileiras: bioecologia e conservação (Organizado por Joaquim Olinto Branco). Editora da UNIVALI, Itajaí, SC. Disponível em: <http://www.alcatrazes.org.br/public_cientific/AvesInsSP.htm>. Acesso em: abril de 2016

168 Parque Estadual Ilhabela; Instituto Florestal; Fundação Florestal; Governo Estadual de São Paulo (2015). Plano de Manejo do Parque Estadual de Ilhabela - Resumo Executivo. Dezembro de 2015.

169 São Paulo (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental Estratégico e Educação Ambiental. Zoneamento Ecológico-Econômico - Litoral Norte São Paulo / Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental Estratégico e Educação Ambiental. - São Paulo: SMA/CPLEA, 2005

170 Plano de Manejo Parque Estadual Xixová-Japuí (2011). Disponível em: <http://fflorestal.sp.gov.br/files/2012/01/PE_XIXOVA-JAPUI/PEXJ-Principal.pdf>. Acesso em: abril/2016.

171 GIANNINI, R. & PAIVA FILHO, A. M.: Os Sciaenidae (Teleostei: Perciformes) da Baía de Santos (SP), Brasil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

172 Louro, M. P.; A ictiofauna do estuário do rio Itanhaém, SP, Brasil: dinâmica espaço-temporal e aspectos biológicos das espécies principais, São Paulo (2007)

173 Lima & Santos (2011). Avifauna do Guaraú, município de Peruíbe, São Paulo, Brasil. Programa Ambiental: A Última Arca de Noé. Disponível em: <http://www.aultimaarcadenoe.com.br/wp-content/uploads/2011/08/5Avifauna-do-Guara%C3%BA-PeruibeSPBR-por-BL-AS.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

174 Narvaes, Patrícia; Rodrigues, Miguel Trefaut (2005). "Visual communication, reproductive behavior, and home range of Hylodes dactylocinus (Anura, Leptodactylidae". Phyllomedusa 4(2): 147 - 158, 2005. Departamento de Ciências Biológicas - ESALQ - USP.

175 Célio F. B. Haddad, and Ivan Sazima. “A New Species of Cycloramphus from Southeastern Brazil (amphibia: Leptodactylidae)”. Herpetologica 45.4 (1989): 425–429

176 Portal do Governo de São Paulo. Parque Estadual Marinho Laje de Santos. Disponível em: <http://www.ambiente.sp>

177 Barbo, F. E. (2012) Biogeografia Histórica e Conservação das Serpentes na Floresta Pluvial Atlântica Costeira do Brasil. Tese (Doutorado em Biologia Animal) da Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho". São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110985/000796546.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: abril/2016.

178 Birdlife International (2008). BR 177 Ilhabela State Park (Parque Estadual de Ilhabela IBA). Disponível em: <http://www.birdlife.org/datazone/sitefactsheet.php?id=20254>. Acesso em: março/2016.

179 Leite, Y. L. R. Evolution and Systematics of the Atlantic Tree Rats, Genus Phyllomys (Rodentia, Echimyidae), with Description of Two New Species. University of California Publications in Zoology. Volume 132. 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=JB8fBCQODNMC&pg=PA101&lpg=PA101&dq=phyllomys+thomasi+habitat&source=bl&ots=zyefuYzHsS&sig=bunBgOHKWDDpMHYyS4PmwD-p5z4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj_-4zM5ovMAhVHIJAKHeH4AoEQ6AEIKDAC#v=onepage&q=phyllomys%20thomasi%20habitat&f=false>. Acesso em: abril de 2016.

180 Oliveira, D. E. C.; Campos, F. P.; Furlan, S. A. Análise ambiental das ilhas do Apara e Itaçucê, município de São Sebastião, São Paulo, Brasil

181 Vieira, B. Tesouro da Biodiversidade. Publicado em Beach & Co. Disponível em: <http://www.beachco.com.br/v2/meio-ambiente/tesouro-da-biodiversidade.html>. Acesso em: fevereiro/2016.

182 Fausto Erritto Barbo, comunicação pessoal (2016).

183 Prefeitura de Ilhabela; OCA (2015). PLANO MUNICIPAL DE CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DE ILHABELA, SÃO PAULO. Ilhabela, São Paulo, 2015.

184 Juliana Saviolli (comunicação pessoal).

185 Instituto Laje Viva. Seres presentes na Laje de Santos. Disponível em: <http://www.lajeviva.org.br/biologia/>. Acesso em: 1fevereiro/2016.

186 Yorio, P.; Efe, M. A. Population Status of Royal and Cayenne Terns Breeding in Argentina and Brazil. Waterbirds 31(4): 561-570, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267449214>. Acesso em: abril de 2016.

187 Estação Ecológica dos Tupiniquins - Decreto 92.964 de 21/07/1986. Apresentação de slides. Disponível em: <http://www.peruibe.sp.gov.br/planodiretor/downloads/PDPeruibe14_IBAMA_ESEC.pdf>. Acesso em: abril/ 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

188 Godoy, D. F. UTILIZAÇÃO DE HÁBITAT PELO BOTO-CINZA, Sotalia guianensis (CETACEA, DELPHINIDAE), NA REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO LAGUNAR DE CANANÉIA, SÃO PAULO. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais). Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

189 Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto Florestal, Projeto de Preservação da Mata Atlântica (2002). Plano de Manejo - Fase 2 do Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

190 São Bernardo, C. S. (2004). Abundância, densidade e tamanho populacional de aves e mamíferos cinegéticos no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, SP, Brasil. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas). Universidade de São Paulo, Piracicaba, Outubro de 2004.

191 Carneiro, R. A. (2001). Parque Estadual da Ilha do Cardoso: modelo de Gestão Ambiental. Publicado no Portal do Governo de São Paulo - Sistema Ambiental Paulista em 01 de março de 2001. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/blog/2001/03/01/parque-estadual-da-ilha-do-cardoso-modelo-de-gestao-ambiental/>. Acesso em: fevereiro/2016>.

192 Portal do Governo de São Paulo 1. Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/ilha-do-cardoso/> . Acesso em: fevereiro/16.

193 Portal do Governo de São Paulo 2. Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/ecoturismonamataatlantica/parques-envolvidos/parque-estadual-ilha-do-cardoso-informacoes/>. Acesso em: fevereiro/2016.

194 Campos, F. R.; Campos, F. P.; Faria, P. J. (2007). Trinta-réis (Sternidae) do Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, São Paulo, e notas sobre suas aves. Revista Brasileira de Ornitologia 15(3):386-394, setembro de 2007.

195 Portal do Governo de São Paulo. Área de Proteção Ambiental da Ilha Comprida. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/apa-ilha-comprida/>. Acesso em: fevereiro/2016.

196 Rigo, G. M.; Fonseca, G.; Velloso, M. (2007). OCORRÊNCIA DE ANIMAIS MARINHOS NA ZONA ENTRE MARES EM ILHA COMPRIDA, SP. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG.

197 Noguchi, R. G. (2011). Distribuição e abundância dos Guarás, Eudocimus ruberLinnaeus, 1758 (Ciconiiformes: Threskiornithidae) no complexo estuarino lagunar de Iguape/Cananéia, Estado de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas), Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, 2011.

198 Bahia, N. C. F; Bondioli, A. C. V. (2013). Interação das tartarugas marinhas com a pesca artesanal de cerco-fixo em Cananéia, litoral sul de São Paulo. Biotemas, 23 (3): 203-213, setembro de 2010. ISSN 0103 – 1643

199 Gusmão, J. S. P. (2014). Percepção e interação de comunidades caiçaras do complexo estuarino-lagunar de Iguape-Cananéia, SP, Brasil, com tartarugas marinhas. Dissertação (Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação), Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação, Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba/SP, 2014.

200 Martins, M. C. (2015). Monitoramento das interações entre boto-cinza e as embarcações no Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia, SP. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas - área de Zoologia). Pós-Graduação em Ciências Biológicas - Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

201 Plano de Manejo- Fase 2. Parque Estadual da Ilha do Cardoso

202 CARDOSO, Tiago Augusto Lima. Distribution of migratory shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in estuaries: habitat preference and the assemblage structure. 2011. 61 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

203 Silva, K.G.; D. Paludo; E.M.A. Oliveira; R.J. Soavinski & R.P. Lima. 1992. Distribuição e ocorrência do peixe-boi marinho (Trichechus manatus) no estuário do rio Mamanguape, Paraíba, Brasil, p. 6-19. In: D. Paludo (Ed.). Peixe-Boi - Coletânea de Trabalhos sobre Conservação e Pesquisa de Sirenios no Brasil. João Pessoa, IBAMA, 73p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

204 Almeida, A. C. e Teixeira, D. M. (2010). Aves da reserva biológica guaribas, Mamanguape, Brasil. Revista Nordestina de Biologia 19 (2): 3-14 Zenaide, H. (1953). Aves da Paraíba, Ed. Teone, J. Pessoa.
Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/sirenios.pdf>
205 ICMBIO/MMA, 2014 Plano de Manejo APA da Barra do Rio Mamanguape e ARIE dos Manguezais da Foz do Rio Mamanguape
Valente et al. (2011) Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil
206 Borobia M, Siciliano S, Lodi L, Hoek W, 1991. Distribution of the South American dolphin Sotalia fluviatilis. Canadian Journal of Zoology 69: 1025-1039.
207 Alves MDO, Schwamborn R, Borges JCG, Marmontel M, Costa AF, Schettini CAF, Araújo ME, 2013. Aerial survey of manatees, dolphins and sea turtles off northeastern Brazil: Correlations with coastal features and human activities. Biological Conservation 161: 91-100.
208 Alves MDO, 2013. Habitats da megafauna marinha na costa nordeste do Brasil, com ênfase em peixes-bois. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Oceanografia, Universidade Federal de Pernambuco. 169 pp.
209 ICMBio-Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Sirênios.
210 Roda, S. A. 2005. Distribuição de aves endêmicas e ameaçadas em usinas de açúcar e unidades de conservação do Centro Pernambuco. CEPAN, Recife
211 Lobo-Araújo, L.; Toledo, M. T. F.; Efe, M.; Malhado, A. C. M.; Vital, M. V.; Toledo-Lima, G. S.; Santos, J. e Ladle, R. (2013).
212 Bird communities in three forest types in the Pernambuco Centre of Endemism, Alagoas, Brazil. Iheringia, 103 (2): 85-96 Nascimento, J. L. e Campos, I. B. (org). 2011
213 Silveira, L. F.; Olmos, F.; Roda, S. A. e Long, A. J. (2003). Notes on the seven-coloured Tanager Tangara fastuosa in north-east Brazil. Cotinga 20: 82-88
214 Monteiro, Milena Santos. Comportamento de forrageio do Boto-cinza (Sotalia guianensis) em Olinda e no Porto do Recife, Pernambuco. 2008.
215 Araújo, Janaina Pauline de. Influência das condições ambientais sobre o comportamento do Boto-Cinza (Sotalia guianensis) e sua interação com as atividades antrópicas em Pernambuco. 2008.
216 Araújo, J.P.; Souto, A.; Geise, L.; Araújo, M.E. 2008. The behavior of Sotalia guianensis (Van Bénéden) in Pernambuco coastal waters, Brazil, and a further analysis of its reaction to boat traffic. Revista Brasileira de Zoologia, 25: 1-9
217 TELINO-JUNIOR, Wallace R.; AZEVEDO-JUNIOR, Severino M. de and LYRA-NEVES, Rachel M. de. Censo de aves migratórias (Charadriidae, Scolopacidae e Laridae) na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. Rev. Bras. Zool. [online]. 2003, vol.20, n.3, pp.451-456. ISSN
218 Lima RP, Paludo D, Soavinski RJ, Silva KG, Oliveira EMA, 1992. Levantamento da distribuição, ocorrência e status de conservação do peixe-boi-marinho (Trichechus manatus, Linnaeus, 1758) no litoral nordeste do Brasil. Natural Resources, Aquidabã 1(2): 41-57.
219 Witt|O'Brien's, 2015 Observação pessoal da equipe técnica, sem publicação.
220 RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 011, de 10 de agosto de 2005.
221 Lima, P. C. 2006. Aves do Litoral Norte da Bahia, Atualidades Ornitológicas 134.
222 Paglia, A.P. 2003. Análises de viabilidade populacional: quantos indivíduos? Serão eles suficientes? Estudo de caso para espécies ameaçadas da Mata Atlântica do sul da Bahia. In: Prado, P.I.;
223 SCHERER-NETO, P.; STRAUBE, F. C.; CARRANO, E. & URBEN-FILHO, A. 2011. Lista das aves do Paraná. Hori Cadernos Técnicos nº 2. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. 130 p.
224 Vieira, C. S. 2007. A representatividade das Unidades de Conservação do bioma Mata Atlântica da Bahia na conservação da avifauna ameaçada. Dissertação, UESC, Ilhéus, Bahia, 112 p.
225 ALVES; SOARES; COUTO; EFE; RIBEIRO, 2004. Aves Marinhas de Abrolhos- Bahia - p. 213 - 232

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

226 Andriolo, A., Kinas, P.G., Coitinho, M.H.E., Martins, C.C.A., and Rufino, A., 2010. Humpback whales within the Brazilian breeding ground: distribution and population size estimate. Endanger Species Res. 11, 233-243.

227 Rossi-Santos, M, Wedekin, L.L. and Sousa-Lima, R.S. 2006. Distribution and habitat use of small cetaceans off Abrolhos Bank, eastern Brazil. Latin American Journal of Aquatic Mammals 5(1) 23-28.

228 Banco de dados da Seção de Aves de Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

229 Birdlife International. 2004. Proyecto del Bosque Atlántico en Serra das Lontras, Bahia, Brasil. Disponível em: <http://www.birdlife.net/action/ground/bahia/?language=es>. Acesso em: julho/2015.

230 Cordeiro, P.C. 2003. Inventários de aves em remanescentes florestais de Mata Atlântica no sul da Bahia, lista das espécies observadas. Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do sul da Bahia. IESB e Conservação Internacional.

231 Cordeiro, P.C. 2003. Padrões de distribuição da riqueza de espécies de aves no Parque Nacional do Descobrimento, sul da Bahia. Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do sul da Bahia. IESB e Conservação Internacional.

232 Cordeiro, P.H.C. 2003. A fragmentação da Mata Atlântica no sul da Bahia e suas implicações na conservação dos Psitacídeos. PDF.

233 del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. 1992-2013. Handbook of the birds of the world, 17 vols. Lynx Edicions.

234 Gonzaga, L.P., J.F. Pacheco, C. Bauer and G.D.A. Castiglioni. 1995. An avifaunal survey of the vanishing montane Atlantic forest of southern Bahia, Brazil. Bird Cons. Intern. 5:279-290.

235 Hays, H.; Lima, P.; Monteiro, L.; DiCostanzo, J.; Cormons, G.; Nisbet, I.C.T.; Saliva, J.E.; Spendelow, J.A.; Burger, J.; Pierce, J. & Gochfeld, M. 1999. A Nonbreeding Concentration of Roseate and Common Terns in Bahia, Brazil (Concentraciónde Individuos de Sterna dougallii y de S. hirundo en Bahia, Brazil). Journal of Field Ornithology, 70 (4): 455-464.

236 Lunardi, V.O. 2010. Estratégia de forrageamento e evitação de predadores em Charadriidae e Scolopacidae na Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil. Tese (Doutorado em Ecologia). Universidade de Brasília, 169p.

237 Lima, P.C.; Grantsau, R.; Lima, R.C.F.R; Santos, S.S. 2004. Occurrence and Mortality of Seabirds along the Northern Coast of Bahia, and the identification key of the Procellariiformes Order and the Stercorariidae Family. Cetrel S.A. Relatório Técnico. 62p.

238 Lima, P.C.; Grantsau, R.; Lima, R.C.F.R. & Santos, S.S. 2001. Notas sobre os registros brasileiros de Calonectris edwardsii (Oustalet, 1883) e Pelagodroma marina hypoleuca (Moquin-Tandon, 1841) e primeiro registro de Phalacrocorax bransfieldensis Murphy, 1936 para o Brasil. Ararajuba, 10(2): 261-277.

239 Lima, P.C.; Hays, H.; Lima, R.C.F.R.; Cormons, T.; Cormons, G.; DiCostanzo, J. & Santos, S.S. 2005. Recuperações de Sterna hirundo (Linnaeus, 1758) na Bahia, Brasil, entre 1995 e 2004. Revista Brasileira de Ornitologia, 13 (2):177-179.

240 Lima, P.C.; Magalhães, Z.S. & Albano, C. 2008. Registro da reprodução do Mutum-do-Sudeste (Crax blumenbachii) em Ituberá, Bahia. Atualidades Ornitológicas, 141: 105-106.

241 Landau, E.C.; Moura, R.T.; Pinto, L.P.S.; Fonseca, G.A.B. & Alger, K.N. (orgs.) Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia. Publicação em CD-ROM, Ilhéus, IESB/CI/CABS/UFMG/UNICAMP.

242 Silveira, L.F., P.F. Develey, J.F. Pacheco and B.M. Whitney. 2005 The birds of the Serra das Lontras–Javi mountain complex, Bahia, Brazil. Cotinga.

243 Souza, D.G.S. & Borges, O.B. 2008. Lista das aves do estado da Bahia, Brasil. Versão Novembro 2008. Disponível em: < http://www.anor.org.br/lista_aves_bahia.pdf. Acesso em 11/10/2010>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

244 SANTOS, U.A., ALVAREZ, M.R., SCHILLING, A.C., STRENZEL, G.M.R. & LE PENDU, Y. Spatial distribution and activities of the estuarine dolphin Sotalia guianensis (van Bénédén, 1864) (Cetacea, Delphinidae) in Pontal Bay, Ilhéus, Bahia, Brazil. Biota Neotrop. 10(2): Disponível em: <ttp://www.biotaneotropica.org.br/v10n2/en/abstract?article+bn01310022010>

245 Santos, Mariana Soares. Sazonalidade e interação com embarcação do boto-cinza, Sotalia guianensis, (Cetácea: Delphinidae) no Porto do Malhado, Ilhéus, Bahia – Brasil / Mariana Soares Santos. – Ilhéus, BA: UESC/PPGSAT, 2010.

246 Gonçalves M.I. 2009. Actividade e estrutura espacial dos grupos de boto-cinza no Porto de Ilhéus

247 Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos: pequenos cetáceos / André Silva Barreto ... [et al.]; organizadores Claudia Cavalcante Rocha-Campos, Ibsen de Gusmão Câmara, Dan Jacobs Pretto. – Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2010.

248 Alarcon, Daniela Trigueirinho, 2006 Interações entre cetáceos e atividade pesqueiras na área proposta para reserva extrativista marinha de Itacaré (BA) . UESC

249 Batista, Renata Lúcia Guedes. Uso de área e associação entre os botos-cinza Sotalia Guianensis (Van Benédén, 1864) do estuário do Rio Paraguaçu - BA /Ilhéus, BA: UESC, 2008.

250 BATISTA, R. L. G.; ALVAREZ, M. R.; REIS, M. do S. S.; CREMER, M. J.; SCHIAVETTI, A. Site fidelity and habitat use of the Guiana dolphin, Sotalia guianensis (Cetacea: Delphinidae), in the estuary of the Paraguaçú River, northeastern Brazil. NORTH-WESTERN JOURNAL OF ZOOLOGY 10 (1): 93-100. ©NwjZ, Oradea, Romania, 2014 Article No.: 131802 http://biozoojournals.ro/nwjz/index.html

251 LABCMA - Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos. Cetáceos no Brasil. Disponível em: http://sotalia.com.br/index.php/pesquisa-e-conservacao/textos-educativos/cetaceos-no-brasil#boto-cinza-sotalia-guianensis. Acesso em: 06/04/2016.

252 SITUAÇÃO E AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO DE BANHADOS E ÁREAS ÚMIDAS DA ZONA COSTEIRA. Disponível em: http://www.anp.gov.br/meio/guias/5round/refere/Banhados.pdf

253 SITUAÇÃO E AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO DE BANHADOS E ÁREAS ÚMIDAS DA ZONA COSTEIRA. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/meio/guias/5round/refere/Banhados.pdf>.

254 GEOQUÍMICA DOS SEDIMENTOS DE MANGUEZAIS DO ESTUÁRIO DO RIO SAUÍPE

255 LITORAL NORTE DA BAHIA, BRASIL

256 Andriolo, A., Kinas, P.G., Coitinho, M.H.E., Martins, C.C.A., and Rufino, A., 2010. Humpback whales within the Brazilian breeding ground: distribution and population size estimate. Endanger Species Res. 11, 233-243.

257 Zerbini, A.N., Andriolo, A., Da Rocha, J.M., Simoes-Lopes, P.C., Siciliano, S., Pizzorno, J.L., Waite, J.M., DeMaster, D.P. and VanBlaricom, G.R. 2004. Winter distribution and abundance of humpback whales (Megaptera novaengliae) off northeastern Brazil. J. Cetacean Res. Manage. 6(1):101-7.

258 Silveira, L. F.; Olmos, F. e Long, A. J. (2003). Birds in Atlantic Forest Fragments in North-east Brazil. Cotinga, Bedfordshire, UK, v. 20, p. 32-46

259 Dénes, F. V.; Silveira, L. F., Seipke, S.; Thorstrom, R.; Clark, W. S. e Thiollay, J. M. (2011). The White-collared Kite (Leptodon forbesi Swann, 1922) and a review of the taxonomy of the Grey-headed Kite (Leptodon cayanensis Latham, 1790). Wilson Journal of Ornithology v. 123, n. 2, p. 323-331.

260 Pereira, G.; Dantas, S.; Silveira, L. F.; Roda, S.; Albano, C.; Sonntag, F.; Periquito, M.; Malacco, G. B.; Lees, A. (2014). Status of the globally threatened forest birds of northeast Brazil. Papéis avulsos de zoologia (Online), V. 54, P. 177-194.

261 Alves, F.; Silveira, L. F. e Souza, E. A. (2012). O conhecimento ornitológico na bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Pp. 242-265. In: Ministério do Meio Ambiente. Diagnóstico do macrozoneamento ecológico-econômico da bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Brasília, Min. Meio Ambiente, 488 p.

262 Branco, J. O. 2004. Aves marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação. Editora da UNIVALI, Itajaí, SC. 266 pp.

263 Verdade, V. K., Rodrigues, M. T. 2007. Taxonomic Review of Allobates (Anura, Aromobatidae) from the Atlantic Forest, Brazil. Journal of Herpetology 41: 566-580.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

264 Erosão e Progradação do Litoral Brasileiro- Alagoas. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_sigercom/_arquivos/al_erosao.pdf>

265 ICMBIO 2014. Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil. Cabedelo, PB : CEMAVE/ ICMBio. 2014. 85 pp.

266 ICMBio- Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais. Disponível em: <http://www.associacaopeixeboi.com.br/wp-content/uploads/2014/09/apa_costadoscorais.pdf>

267 ICMBio- Zoneamento Marinho de Japaratinga. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/destaques/54-japaratinga.html>

268 Lima MS, 2010. Uso de habitat e comportamento do boto-cinza Sotalia guianensis em uma zona estuarina do estado de Sergipe, nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado em Estudos de Comportamento, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

269 ICMBio- Reserva Biológica de Santa Isabel. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2273-rebio-de-santa-izabel.html>

270 Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-aves-limicolas-migratorias/sumario-aves-limicolas.pdf

271 Martins, K. V., Dias, E. J. R., Rocha, C. F. D. 2010. Ecologia e conservação do lagarto endêmico Tropidurus hygomi (Sauria: Tropiduridae) nas restingas do Litoral Norte da Bahia, Biotemas, 23(4).

272 FONTES, A. L. A bacia costeira do rio Japaratuba: potencial geoambiental e morfodinâmica das praias oceânicas adjacentes. Revista Geonorte, Edição Especial, v. 4, n. 4, p. 1450 – 1459, 2012.

273 FONTES, A. L. et al. O quaternário costeiro no município de Barra dos Coqueiros: implicações para a gestão ambiental. Revista Geonorte, Ano XIX, n. 1.

274 LUSTOSA, S. P. O. Monitoramento da avifauna aquática costeira no litoral da Barra dos Coqueiros, Sergipe. X Congresso de Ecologia do Brasil, 16 a 22 de Setembro de 2011, São Lourenço - MG.

275 FONTES, A. L. et al. Litoral sul do estado de Sergipe: condicionantes ambientais e erosão costeira. XIII Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário ABEQUA.

276 Pombal, Jr., J.P., Madureira, C.A. (1997): A new species of Physalaemus (Anura, Leptodactylidae) from the Atlantic rain forest of northeastern Brazil. Alytes 15: 105-112.

277 Secretaria do Estado do Meio Ambiente - Unidades de conservação. Disponível em: <http://www.semarh.se.gov.br/biodiversidade/modules/tinyd0/index.php?id=11>

278 Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para Conservação dos Primatas do Nordeste. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-primatas-caatinga/sumario-primatas-nordeste-web.pdf

279 Aves marinhas e aquáticas das ilhas do litoral do estado do Rio de Janeiro Disponível em: http://www.avesmarinhas.com.br/Cap%C3%ADtulo%204.pdf. Acesso em: abril/2016

280 Valéria dos Santos Moraes Ornellas e Ricardo Bastos Ornellas. Padrões de abundância e distribuição de aves marinhas na Estação Ecológica de Tamoios,Paraty-Rj. Revista Brasileira de Ornitologia, 19(4), 478-485, 2011

281 ALVES; SOARES; COUTO. (2004). Aves Marinhas e Aquáticas das Ilhas do litoral do RJ p. 83 - 100 Aves Marinhas e insulares brasileiras: bioecologia e conservação

282 ICMBio. Plano de Ação Nacional para Conservação do Formigueiro-do-litoral. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-formigueiro/pan_formigueiro-web.pdf. Acesso em: abril/2016.

283 COELHO, E. P.; ALVES, V. S.; FERNANDEZ, F. A S. & SONEGHET, M. L. 1991. On the bird faunas of coastal islands of Rio de Janeiro state, Brazil. Ararajuba 2:31-40.

284 APA de Massambaba. Disponível em: http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008614. Acesso em: abril/2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

285 ALVES, V. S.; SOARES, A. B. A.; COUTO, G. S.; DRAGHI, J. (2011). Padrão de ocorrência e distribuição de biguás Phalacrocorax brasilianus na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, Brasil. Revista Brasileira de Ornitologia, v.19, n.4, p. 469-477, 2011

286 SOUZA, V. A ; SILVEIRA, V. V. ; KVASSAY, G. E. C. ; SILVA, R. F. E. ; GOBBI, C. N. (2012) . Levantamento e monitoramento da avifauna na Ilha da Pombeba, Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, Brasil 2012 (Acadêmica)

287 SILVA, H. R.; CARVALHO, A. L. G.; BITTENCOURT-SILVA, G.B.. (2008) Frogs of Marambaia: a naturally isolated Restinga and Atlantic Forest remnant of southeastern Brazil. Biota Neotrop., Campinas , v. 8, n. 4, Dec. 2008 .

288 FATORELLI, P.; COSTA, P.N.; LAIA, R.C.; ALMEIDA SANTOS, M.; VAN SLUYS, M.; ROCHA, C.F.D. (2010). Description, microhabitat and temporal distribution of the tadpoles of Proceratophrys tupinamba Prado and Pombal, 2008.Zootaxa, 2684: 57-62

289 Laia, Rafael Camilo. Dinâmica dos girinos e caracterização da larva do anuro endêmico Hylodes fredi (Anura: Hylodidae) na Mata Atlântica da Ilha Grande, Rio de Janeiro / Rafael Camilo Laia. - 2010. 82 f. : il

290 DI BENEDITTO, A.P. M.; RAMOS, R. M. A.; LIMA, N. R. W. (2001). Sightings of Pontoporia blainvillei (Gervais & D' Orbigny, 1844) and Sotalia fluviatilis (Gervais, 1853) (Cetacea) in South-eastern Brazil. Braz. arch. biol. technol., Curitiba , v. 44, n. 3, p. 291-296, Sept. 2001

291 Tavares et al. (2015). A year-long survey on Nearctic shorebirds in a chain of coastal lagoons in Northern Rio de Janeiro, Brazil. Ornithologia, 8(1):1-10

292 TAVARES, D. C. (2014). DISTRIBUIÇÃO DE AVES AQUÁTICAS EM UM CORDÃO DE LAGOAS COSTEIRAS AO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO,BRASIL, UENF

293 FLACH, L. (2004). DENSIDADE, TAMANHO POPULACIONAL E DISTRIBUIÇÃO DO BOTO-CINZA, (SOTALIA GUIANENSIS) (VAN BENÉDEN, 1864), NA BAÍA DE SEPETIBA, ESTADO DO RIO DE JANEIRO PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS 2004

294 TAMANHO E COMPOSIÇÃO DE GRUPO DOS BOTOS-CINZA, Sotalia guianensis (van Bénéden, 1864) (CETACEA, DELPHINIDAE), NA BAÍA DE PARATY, RIO DE JANEIRO, BRASIL

295 ESPÉCIE, M.A.; R.H.O. TARDIN; S.M. SIMÃO. (2010). Degrees of residence of Guiana dolphins (Sotalia guianensis) in Ilha Grande Bay, south-eastern Brazil: a preliminary assessment. Journal of Marine Biological Association of the United Kingdom 90 (8): 1633-1639. doi: 10.1017/S0025315410001256

296 LODI, L. Tamanho e composição dos grupos de botos-cinza, Sotalia guianensis (van Bénéden, 1864) (Cetacea, Delphinidae), na Baía de Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. Atlântica, V.25, n.2, p.135-146, 2003.

297 Souza, S. C. P. (2013). Estimativa de parâmetros populacionais do boto-cinza, Sotalia guianensis (Van Bénéden, 1864) (Cetacea, Delphinidae) na Baía de Paraty (RJ). Universidade do Estado do Rio de Janeiro 2013

298 Melo, C.L. C. (2010). Hábito alimentar do boto-cinza, Sotalia guianensis (Cetacea: Delphinidae), na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro / Cláudia Lucas Corrêa de Melo. – 2010.

299 Azevedo, A. F.; Oliveira, A. M.; Viana, S. C.; Van Sluys, M. (2007). Habitat use by marine tucuxis (Sotalia guianensis) (Cetacea: Delphinidae) in Guanabara Bay, south-eastern Brazil. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, 87, pp 201-205. doi:10.1017/S0025315407054422.

300 Garske, C.E. &V.A. Andrade. 2004. Observações e capturas de Leucopternis lacernulatus (Accipitridae) na Ilha de Marambaia, litoral sul do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Ararajuba. 12(1):53-54.

301 Almeida, J. B. (1999) Reavaliação da avifauna na ilha da Marambaia, Baía de Sepetiba. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

302 Garske, C. E. S., Andrade, V. A., Ferreira, I. & Piratelli, A. J. (2001) Observações e capturas do gavião-pomba (Leucopternis lacernulata - Aves: Accipitridae) na Ilha da Marambaia, Baía de Sepetiba, RJ. In: Resumos do V CEB. p. 131.

303 Barros, N.B.; Teixeira, R.L. (1994). Incidental catch of marine tucuxi, Sotalia fluviatilis, in Alagoas, Northeastern Brazil. Report International Whaling Commission Special Issue 15: 265-268.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

304 Gonçalves, M. S. S. 2009. Ecologia e conservação de aves nos ecossistemas associados ao estuário do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Brasil. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil.

305 Numao, F. H. & Barbieri, E. 2011. Variação sazonal de aves marinhas no baixio do Arrozal, município de Cananeia - SP. O Mundo da Saúde , 35(1):71 - 83.

306 BARBIERI, Edison; DELCHIARO, Roberta Tonolli Chiavone; BRANCO, Joaquim Olinto. Flutuações mensais na abundância dos Charadriidae e Scolopacidae da praia da Ilha Comprida, São Paulo, Brasil. Biota Neotrop., Campinas , v. 13, n. 3, p. 268-277, Sept. 2013

307 Montanhini, Arthur Macarrão. Avifauna da Ilha da Queimada Grande, SP: diversidade, estrutura trófica e sazonalidade. Dissertação de Mestrado em Biologia Animal. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2010

308 Tebecherani et al 2009. Laje de Santos: Laje dos Sonhos. São Paulo: Globo 26-33p

309 Barbieri, E., & F. V. Pinna. 2007. Distribuição do Trinta-reis-real (Thalasseus maximus) durante o ano de 2005 no estuário da Cananéia-Iguape-Ilha Comprida. Ornitol. Neotrop. 18: 99–110

310 BARBIERI, E. & PINNA, F.V. 2007. Variação temporal do trinta-réis-de-bico-amarelo (Thalasseus sandvicensis eurygnatha) durante o ano de 2005 no estuário de Cananéia-Iguape-Ilha Comprida. Ornitologia Neotropical. 18:563-572.

311 Barbieri, E, Paes, ET. The birds at Ilha Comprida beach (São Paulo state, Brazil): a multivariate approach. Biota Neotropical. 2008.

312 Barbieri & Gonçalves (2009). Primeiro registro de águia-pescadora (Pandion haliaetus, Linnaeus, 1758) no estuário de Iguape - Ilha Comprida. PUCPR

313 CESTARI, C. 2008. The use of sandy beaches with different concentration of humans by Nearctic shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in southeastern Brazil . Biota Neotrop.

314 SIMPSON, Rick; CAVARZERE, Vagner; SIMPSON, Elis. List of documented bird species from the municipality of Ubatuba, state of São Paulo, Brazil. Pap. Avulsos Zool. (São Paulo), São Paulo , v. 52, n. 21, p. 233-254, 2012

315 Gonzalez-Rodriguez, E.; Valentin, J. L.; André, D. L.; Jacob, A. S. 1992. Upwelling and downwelling at Cabo Frio (Brazil): Comparison of biomass and primary productivity response. Journal of Plankton Research, 14 (2): 289-306

316 Valentin 2001. "The Cabo Frio upwelling system, Brazil." Ecological Studies, pp. 144

317 ZANIN, G. R.; TOSIN, L. F. E BARBIERI, E. Influência da maré na abundância de Egretta Caerulea (Linnaeus, 1758) em uma enseada estuarina da Ilha Comprida, São Paulo, Brasil. Estudos de Biologia, Ambiente e Diversidade, v. 30, n. 70/72, p.133-139. 2012.

318 OLMOS, F. First record of the Northern Royal Albatross (Diomedea sanford) in Brazil. Ararajuba v. 10 (2): 271-272

319 OLMOS, F. E SILVA E SILVA, R. Nest location, clutch size and nest success in the Scarlet Ibis Eudocimus ruber. Ibis, v. 145 (online). 2003.

320 Cavalcanti, A.C.S. Florística de uma área de restinga associada à ocorrência de Formicivora littoralis (Aves, Thamnophilidae) na APA Massambaba/RJ. Monografia- Curso Ciências Biológicas. Universidade Santa Úrsula. 2010.

321 BARBIERI, E. . Abundância temporal de Fregata magnificens (Pelecaniformes: Fregatidae) na Ilha Comprida (São Paulo, Brasil) em 2006 e sua relação com barcos de pesca. Ararajuba (Rio de Janeiro) , v. 18, p. 164-168, 2010.

322 Brasileiro, C.A., Oyamaguchi, H.M. & Haddad, C.F.B. (2007a) A new island species of Scinax (Anura; Hylidae) from southeastern Brazil. Journal of Herpetology 41,271–275.

323 Galetti, Mauro et al. Distribuição e tamanho populacional do papagaio-de-cara-roxa Amazona brasiliensis no estado de São Paulo. Revista Brasileira de Ornitologia, v. 14, n. 3, p. 239-247, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS RELEVANTES E PRIORITÁRIAS

324 JULIETA ANAHÍ SÁNCHEZ DESVAUX 2013 Captura acidental da Toninha, Pontoporia blainvillei (Cetacea: Pontoporiidae) e do Boto-cinza, Sotalia guianensis (Cetacea: Delphinidae) em redes de pesca no Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia, litoral sul do Estado de São Paulo. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

325 Workshop para a Coordenação da Pesquisa e Conservação de Pontoporia blainvillei (Gervais & d'Orbigny, 1844) (7. : 2010 : Florianópolis) Memórias [recurso eletrônico] / [organizado e editado por] Paulo Henrique Ott [et al.] – Porto Alegre, 2015.

326 Campos, A.E.S.P.; Rocha, J.C.Á.G.; Collaço, B.J.R.; Collaço, K. de M.S.L; Vieira, K.A. ASPECTOS DO COMPORTAMENTO DE FORRAGEIO DO BOTO - CINZA SOTALIA GUIANENSIS VAN BÉNÉDEN, 1864 (CETACEA, DELPHINIDAE), NO PORTO DE MACEIÓ-AL. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG

327 Zerbini AN, Secchi ER, Danilewicz D, Andriolo A, Laake JL, Azevedo A. 2010. Abundance and distribution of the franciscana (Pontoporia blainvillei) in the Franciscana Management Area II (southeastern and southern Brazil). Paper SC/62/SM7 presented to the IWC Scientific Committee, Agaridr, Morocco, 14 pp.

328 Souza SP, Begossi A. 2006. Etnobiologia de Sotalia fluviatilis (Gervais, 1852) no Litoral Norte do Estado de São Paulo, Brasil. In: Workshop on Research and Conservation of the genus Sotalia, Armação dos Búzios. Workshop on Research and Conservation of the genus Sotalia. Rio de Janeiro : Edil Artes Gráficas. p. 39-39.

329 IBAMA - Programa Quelônios da Amazônia - PQA, 2016. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/fauna-silvestre/especies-manejadas->. Acesso em: abril de 2016.

ANEXO 2 – DECLARAÇÃO DE VIGÊNCIA DO CONTRATO COM EMPRESA DE RESPOSTA À FAUNA

Praia Grande, 30 de Maio de 2023.

DECLARAÇÃO DE VIGÊNCIA DO CONTRATO

À Coordenação Geral de Licenciamento Ambiental de Empreendimentos Marinhos e Costeiros – CGMAC/DILIC/IBAMA

Prezados,

A Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais CNPJ 11628466/0001-52 declara o compromisso de responder durante o período de vigência do contrato firmado com a BP ENERGY DO BRASIL LTDA, ou seja, de 16 de maio de 2023 a 16 de maio de 2024, aos acionamentos referentes ao Plano de Proteção à Fauna (PPAF) provenientes da atividade de Perfuração no Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos (Processo nº 02001.037650/2018-63).

Fico à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Valeria Ruoppolo

Diretora

ANEXO 3 – CONVÊNIOS E ACORDOS COM AS INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

INTERNATIONAL
BIRD RESCUE

Fairfield, California, 10 de março de 2022.
Fairfield, California, 10 March 2022.

A quem possa interessar,
To Whom It May Concern

O **International Bird Rescue** e a **Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais** possuem um Acordo de Trabalho permanente para realizar operações conjuntas de resposta a derramamentos de óleo no Brasil.

A data efetiva deste acordo de trabalho iniciou-se em 01 de janeiro de 2011, e é válida até que haja rescisão por qualquer uma das partes. O International Bird Rescue garante sua disponibilidade para realizar o resgate, reabilitação, documentação e outros serviços associados com a resposta de fauna oleada.

Este Acordo de Trabalho também estabelece que a equipe de avaliação será mobilizada até 24 horas após a notificação de acionamento, ou como seja acordado entre as partes, e executará os serviços requisitados para a Aiuká ou para o representante designado em conexão com as operações da Aiuká. Em todos os momentos, cinco (05) membros da equipe do International Bird Rescue estarão disponíveis para deslocamento ao Brasil, após um vazamento de óleo. Uma equipe adicional poderá ser mobilizada dependendo das circunstâncias e necessidades da resposta. Este acordo não se restringe a áreas ou regiões específicas no Brasil.

International Bird Rescue and Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais have a standing Working Agreement to conduct joint operations in oil spill response in Brazil.

The effective date of this Working Agreement begun 01 January 2011, and it is valid until such time as either party terminates it. International Bird Rescue is available to perform oiled wildlife rescue, rehabilitation, documentation, and

SF BAY-DELTA WILDLIFE CENTER
4369 Cordelia Road
Fairfield, CA 94534
P 707.207.0380
E sfbird@birdrescue.org

LOS ANGELES WILDLIFE CENTER
3601 S Gaffey Street Box 3
San Pedro, CA 90731
P 310.514.2573
E labird@birdrescue.org

ALASKA WILDLIFE RESPONSE CENTER
651 E 100th Avenue #C
Anchorage, AK 99515
P 907.562.1326
E alaska@birdrescue.org

BIRD HELPLINE
P 401.285.0895

SPILL EMERGENCY LINE
P 888.447.1743

BIRDRESCUE.ORG

INTERNATIONAL
BIRD RESCUE

other services associated with an oiled wildlife response on an assured response basis.

This Working Agreement also establishes that International Bird Rescue initial assessment personnel will be dispatched within 24-hours after notification of activation or as agreed upon by both parties, and will perform those services, as requested, for Aiuká or their designated representative in connection with Aiuká's operations. At all times, five (05) International Bird Rescue team members will be available for dispatch to Brazil after an oil spill. Additional personnel may be deployed depending on the circumstances and response needs. This agreement is not restricted to specific areas or region in Brazil.

Atenciosamente,

Sincerely,

JD Bergeron

Diretor Executivo

Chief Executive Officer

International Bird Rescue

Aiuká &
International Bird Rescue
Working Agreement

1. Purpose of this document:

This document will provide a framework that will define the working agreement between Aiuká and the International Bird Rescue (Bird Rescue) and specify how both groups will work together during a Tier 3 oiled wildlife response in Brazil. For the purpose of this agreement, the effective date begins January 1, 2011 and is valid until such a time as either party terminates this agreement as per the "Effective Date" section of this agreement.

It is mutually recognized that Aiuká and International Bird Rescue have a common mission of providing assistance to animals in need and that by working together the two organizations can do more for animals than the sum of what could be achieved working independently. Aiuká recognizes certain areas of expertise that International Bird Rescue provides in oiled wildlife response, such as, contingency planning, management and rehabilitation; training expertise; media training and general wildlife rehabilitation. Specifically, International Bird Rescue has substantial experience and expertise in successfully managing large-scale oiled wildlife events. International Bird Rescue recognizes the unique expertise and capabilities that Aiuká brings to this joint effort, such as, a wide range of contacts from the fields of wildlife rehabilitation, federal wildlife agencies and the petroleum industry; local knowledge, as well as expertise in the field of oiled wildlife response and rehabilitation, logistical planning and implementation, in Brazil.

It is agreed that International Bird Rescue will work with Aiuká to respond to Tier 3 oil spills in Brazil, to provide oiled wildlife response management including hands-on wildlife rehabilitation, search and collection, data collection, volunteer management, media management, facility design and development, etc., as requested.

Effective Date: This Agreement is effective as of the first date above written and shall remain in effective unless cancelled by either party 30 days prior to the anniversary date of January 1.

2. Scope of Work:

SERVICES

International Bird Rescue Response Services: During the term of this Agreement, Bird Rescue will be available to perform oiled wildlife rescue, rehabilitation, documentation and other services associated with an oiled wildlife response on an assured response

Aiuká International Bird Rescue

Managing Director	Executive Director
Valeria Ruoppolo Av. Benedito F. Silva, 472 CEP-04786 000 Sao Paulo SP, Brazil	Paul Kelway International Bird Rescue 444 W. Ocean Blvd, Ste 777 Long Beach, CA 90802
Mobile Phone: +55 (11) 8268 0600 valeria.ruoppolo@aiuka.com.br	Mobile Phone: +1 310-691-9558 Emergency Duty Mng (888) 447-1743 (24hr) Paul.Kelway@Bird-Rescue.org

CARTÓRIO SHOJI

Aiuká

By: V. Ruoppolo.

Date: 10 July 2012.

Title: Managing Director.

International Bird Rescue

By: P S L

Date: ~~6/29/12~~ PK 6/29/12

Title: EXECUTIVE DIRECTOR

NOTARY:

Date: 6.29.12

Sarah Lambert

Notary's official signature

Sarah Lambert

Notary printed name

5.21.15

Commission Expiration Date

SARAH LAMBERT
Commission # 1937507
Notary Public - California
Los Angeles County
My Comm. Expires May 21, 2015

Primeiro Tabelião de Notas e de Protestos de Letras e Títulos de Praia Grande S.P. Bel. David Shoji
RUA DR. ROBERTO SHOJI (ANTIGA RUA SOROCABA), 230 - CEP: 11.701-030 - PRAIA GRANDE S.P. TEL: (13) 3499-1000 / FAX: 3473-2929

Reconheço por semelhança a firma de: VALERIA RUOPPOLO, em documento com valor econômico. Dou fé.
Praia Grande, 20 de julho de 2012. Em Testemunho da verdade.

HELITON DE SOUZA SANTOS - Escrevente Autorizado
(Qtd 1:Total R$ 6,00)-Cód: 19760607148140024340 7-3035
SELOS: 1 Ato:0802AA-0224627

CARTÓRIO SHOJI

Heliton de Souza Santos
Escrevente Autorizado

0802AA224627

ESTE DOCUMENTO, PARA PRODUZIR EFEITO NO BRASIL E PARA VALER CONTRA TERCEIROS, DEVERA SER VERTIDO EM VERNACULO, REGISTRADA A TRADUÇÃO.

Praia Grande, 30 de maio de 2023.

Ref.: Disponibilidade dos COPs Aiuká SP e RJ para atender animais de acordo com o Plano de Proteção à Fauna (PPAF) da "Atividade de Perfuração do Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos" da BP *Energy* do Brasil Ltda., também denominada BP *Energy*.

O Centro Operacional Aiuká SP (COP Aiuká SP), localizado na Praia Grande/SP, possui área de 750 m² e conta com instalações fixas e móveis que suportam o recebimento de até 250 animais, com capacidade de expansão, se necessário. Possui ambulatório, área de quarentena, área de estabilização para as diferentes espécies de répteis, aves e mamíferos, área de limpeza e enxágue de animais, sistema de recolhimento dos efluentes contaminados, sala de secagem, recintos móveis e permanentes, piscinas fixas e móveis. Conta, ainda, com cozinha própria para o preparo e estoque de alimentos dos animais, lavanderia e depósito climatizado para os equipamentos.

O COP Aiuká RJ está localizado na Boca da Barra, município de Rios das Ostras/RJ. A unidade possui área de 876m² e conta com instalações fixas e móveis que suportam o recebimento de até 250 animais e ainda há capacidade de expansão. Possui recintos fixos com solário e recintos móveis, uma piscina fixa de 10.000L e piscinas móveis, sala de necropsia, laboratório, ambulatório e cozinha para preparo de alimento dos animais. Após o recebimento dos animais, dar-se-á a máxima tentativa de reabilitar e realizar a soltura. Ressalta-se que todos os procedimentos, desde a captura até a soltura dos animais, serão realizados de acordo com os princípios preconizados no Manual de Boas Práticas do Plano Nacional de Ação de Emergência para Fauna Impactada por Óleo (PAE-Fauna) do IBAMA (2018).

Declaro que as instalações dos COPs Aiuká SP e RJ estarão disponíveis para desempenhar a função de centro de reabilitação e despetrolização de fauna para o atendimento de animais, conforme descrito no PPAF da BP *Energy* para o Bloco Pau-Brasil, Bacia de Santos.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Valeria Ruoppolo
Diretora

Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais
Av. do Trabalhador, 1799 – Sítio do Campo – Praia Grande – SP - CEP 11.725-00
Tel. (13) 3302-6026

Museu de Zoologia
Universidade de São Paulo

São Paulo, 23 de janeiro de 2023.

Declaração

Declaro para os devidos fins que o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) possui interesse e condições para receber material biológico eventualmente coletado no âmbito das empresas atendidas pela **Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais**. Os exemplares serão depositados nas Coleções Científicas de (Avifauna, Herpetofauna e Mastofauna) do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo MZUSP. Os exemplares de interesse do MZUSP serão tombados na coleção, ficando disponíveis para a comunidade científica e autoridades interessadas.

Declaro, ainda, que o MZUSP é uma instituição centenária devotada ao depósito de espécimes zoológicos. As coleções de vertebrados têm espaço e condições de infraestrutura para abrigar espécimes provenientes de trabalhos de campo, incluindo espécimes-tipo. Além disso, temos interesse em que isso ocorra, uma vez que esse tipo de procedimento incrementa a amostragem faunística disponível para estudo. As coleções do MZUSP são de grande representatividade e fundamentais para qualquer estudo taxonômico. Finalmente, reiteramos que o MZUSP está aberto a qualquer pesquisador que deseje estudar qualquer material aqui depositado.

Aproveito a oportunidade para colocar-me à disposição para prestar quaisquer esclarecimentos adicionais que se façam necessários.

Atenciosamente
Prof. Dr. Luís Fábio Silveira
Vice-Diretor

Avenida Nazaré, 481 - Ipiranga - CEP 04263-000 - São Paulo - SP - Brasil
ou Caixa Postal 42.494 - CEP 04218-170 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: (55) (11) 2065-8100 - Fax: (55) (11) 2065-8115 - http://www.mz.usp.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade
INSTITUTO NUPEM/UFRJ

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO FIEL DEPOSITÁRIA

Macaé, 14 de fevereiro de 2023

Declaro para os devidos fins que o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ possui interesse e condições para receber material biológico de mamíferos e aves eventualmente coletado no âmbito das empresas atendidas pela Aiuká Consultoria em Soluções Ambientais. Os exemplares serão depositados e tombados na Coleção Científica de Mamíferos e na Coleção Científica de Aves do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ, ficando disponíveis para a comunidade científica e autoridades interessadas.

Declaro, ainda, que o Instituto NUPEM/UFRJ é uma instituição devotada ao depósito e estudo de espécimes zoológicos. As coleções científicas do Instituto têm espaço e condições de infraestrutura para abrigar espécimes provenientes de trabalhos de campo, incluindo espécimes-tipo. Para tanto, os espécimes deverão estar devidamente preparados em via seca ou úmida e rotulados com as informações individuais concernentes à localidade de coleta, coordenadas, município, estado da federação, data de coleta, coletor, medidas externas e demais informações disponíveis. Além disso, temos interesse em que isso ocorra, uma vez que esse tipo de procedimento incrementa a amostragem faunística disponível para estudo. As coleções zoológicas do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ são de grande representatividade e fundamentais para qualquer estudo taxonômico. Finalmente, reiteramos que o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ está aberto a qualquer pesquisador que deseje estudar qualquer material aqui depositado.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Pablo Rodrigues Gonçalves
Coordenador das Coleções Científicas
Curador da Coleção de Mamíferos
NUPEM/ UFRJ

Pablo R. Gonçalves
NUPEM / UFRJ
SIAPE 2527355

Av. São José do Barreto, 764, Bairro São José do Barreto,
CEP: 27965-045, Macaé, RJ, Tel: (22) 2141-3982

ANEXO 4 – FORMULÁRIOS UTILIZADOS PARA A DOCUMENTAÇÃO DOS ANIMAIS AFETADOS

Favor preencher todos os campos solicitados!

N° ingresso: _____
Anilha temp.: _____
Anilha def.: _____

FICHA DE INGRESSO

Data e hora:_____ Responsável:_____

Espécie: _____ Idade:_____ Sexo: ☐ M ☐ F ☐ Indeterminado

Biometria/CT:_____ Foto: ☐ Sim ☐ Não

Origem/Resgate:_____

Dados coletor:_____

Obs.:_____

EXAME FÍSICO

Peso:_____kg Temperatura Corporal:_____•c Desidratação:_____%

Atitude: ☐ Alerta e ativo ☐ Alerta e quieto ☐ Não responsivo

Condição corporal: Normal Magro Caquético Petrolizado: _____% Profundo Mod. Superficial

Cabeça/boca	NDN	_____
Olhos/ouvidos	NDN	_____
Coração/pulmão	NDN	_____
Gastrointestinal	NDN	_____
Nadadeiras	NDN	_____
Pele	NDN	_____

Comentários: _____

Sangue PCV:_____% Branco:_____% PT:_____g/dl Glicose:_____mg/dl

TRATAMENTO INICIAL

Hidratação:	_____	Carvão ativado:	_____	ml	(dose: 3,75 g/kg)
Nutrição:	_____	Peptobismol:	_____	ml	(dose: 2 ml/kg)
Antibiótico:	_____	Itraconazol:	_____	ml	(dose: 15 mg/kg – 25 mg/ml)
Outro:	_____	Ferro li Vit. B:	_____ ml// _____	ml	(10 mg/kg // 20 mg/kg)

DESTINAÇÃO FINAL

☐ Liberação ☐ Óbito ☐ Eutanásia ☐ Transferência Data: _____

Necrópsia: ☐ Sim ☐ Não Responsável: _____ Local: _____

Causa de morte: _____

ESPÉCIE _____ **ANILHA TEMPORÁRIA N°** _____ **Nº INGRESSO** _____

Data	Peso Kg	PCV %	Bcos %	PT g/dl	Tratamento e evolução	Responsável

REGISTRO de INGRESSOS VIVOS
Local e Evento:

Número Ingresso	Data resgate	Localidade resgate	Iniciais responsável	Espécie	Idade	Sexo	Anilha plástica	Destinação final	Data destinação	Localidade destinação	Número anilha permanente

Recepção de Fauna

DATA: _____ **OBSERVADOR:** _____ **LOCALIDADE:** _____

N°	COORDENADAS DE ENCONTRO	HORA	ESPÉCIE	ESTADO							OLEADO		ANILHA TEMPORÁRIA	HORÁRIO TRANSPORTE	OBSERVAÇÃO
				VIVO	MORTO						SIM	NÃO			
				0	1	2	3	4	5	6					

Monitoramento Embarcado
Avaliação de risco

DATA: _____ **/** _____ **/** _____ **OBSERVADOR:** _____ **LOCALIDADE:** _____

Nº	HORÁRIO	COORDENADA	ESPÉCIE	QUANTIDADE		OLEADO		PRAIA/ÁGUA		RESGATE		FOTOS		COMPORTAMENTO		
				Estimado	Real	Sim	Não	Limpa	Oleada	Sim	Não	Sim	Não	Alimentação	Descanso	Passagem

ANEXO 5 – REGISTRO DE ANILHADOR DO DIRETOR DE FAUNA

AUTORIZAÇÃO DE ANILHAMENTO

Esta Autorização foi expedida com base na IN-IBAMA nº 27/2002 de 23/12/2002, publicada no Diário Oficial da União do dia 24/12/2002, tendo fé pública em todo Território Nacional.

Qualquer cidadão ou autoridade poderá conferir a autenticidade ou regularidade desta autorização, acessando a página do CEMAVE na Internet, no endereço: www.icmbio.gov.br/cemave e informando os dados de autenticação abaixo:

Nº do Projeto/Autorização: 3541/20 Data/Hora de Emissão: 10/02/2023 14:03:38 Validade: 09/02/2024

DADOS DO PROJETO E DO ANILHADOR:

Título do Projeto: Resgate, reabilitação, marcação e soltura de aves terrestres e aquáticas (afetadas pelo petróleo ou não).

Nome do Anilhador Titular: VALERIA RUOPPOLO Nº do Registro: 2984916 CPF: 195.315.808-04

RELAÇÃO DOS ANILHADORES AUXILIARES

NOME	Nº REGISTRO	INCLUÍDO EM	CPF	CATEGORIA	SITUAÇÃO
ANDRÉA CORRADO ADORNES	594620	04/01/2013	53537181000	Senior	Autorizado
JULIANA YURI SAVIOLLI	458250	04/01/2013	30102349886	Senior	Autorizado
JÉSSICA DOMATO RIBEIRO	4942224	03/07/2018	36465170850	Junior	Autorizado
GABRIEL GONÇALVES ENNE	5273076	31/03/2021	11894829751	Junior	Autorizado
LUÍS FÁBIO SILVEIRA	751490	12/04/2016	88417115668	Senior	Autorizado
MIRELLA LAURIA DELIA	5156357	02/08/2021	11038557780	Junior	Autorizado
MATHEUS VASCONCELLOS	7250421	10/09/2021	39074685897	Junior	Autorizado
GABRIEL PROHASKA BIGHETTI	6213029	03/02/2022	42349779858	Senior	Autorizado
TAMIRIS DOS SANTOS RODRIGUES	7746977	11/02/2022	43079646835	Junior	Autorizado
DRIELLIE FLORENCIO DE MELO	7367296	09/11/2020	38253528892	Junior	Autorizado
NATÁLIA MORETTI RONGETTA	5339743	17/12/2020	35208991837	Junior	Autorizado
MURILO RAINHA PRATEZI	7267338	20/01/2021	39964260890	Junior	Autorizado
RODRIGO DEL RIO DO VALLE	2479539	23/01/2023	11772032867	Senior	Autorizado
YAN GABRIEL CELLI RAMOS	5150452	27/01/2023	14067318707	Junior	Autorizado
TATIANA RAPCHAN QUESADA	6111715	27/01/2023	34561583866	Junior	Autorizado
MAYRA AKI YAMAZAKI ROCHA	2262453	06/02/2023	33171924889	Junior	Autorizado
IGOR IZO MORAES LYRA	7195608	06/02/2023	33913355804	Junior	Autorizado
CAROLINE BIZARRE RANDI	7182559	06/02/2023	08907853924	Junior	Autorizado
JOSÉ CARLOS DOS SANTOS NETO	6203109	17/08/2021	30917692837	Junior	Autorizado
MICHELLE NOGUEIRA LUNDSTEDT	6820522	27/01/2023	05798021750	Junior	Autorizado
VIVIANE BARQUETE GARCIA COSTA	324746	15/01/2016	24745470886	Senior	Autorizado
ARYSE MARTINS MELO	5168207	12/04/2016	01254991085	Junior	Autorizado
PAULO SÉRGIO VALOBRA	5366422	06/06/2013	31484779878	Junior	Autorizado
JEFERSON ROCHA PIRES	5060264	26/01/2016	05549026724	Junior	Autorizado
MARIA CLARA SANSEVERINO GOMURY	6203130	12/04/2016	11292677767	Junior	Autorizado
RODOLFO PINHO DA SILVA FILHO	4342184	27/12/2012	40179001000	Senior	Autorizado
ANDRÉ AUGUSTO JUSTO	7421458	11/02/2022	44036692801	Junior	Autorizado

Esta Autorização concede ao(s) anilhador(es)acima identificado(s) o direito de proceder ao anilhamento de aves silvestres, de acordo com as condições abaixo descritas, podendo a referida autorização ser cancelada ou suspensa, quando constatado os descumprimento das normas previstas na legislação. O anilhador titular ou um dos membros da equipe de auxiliares deverá portar esta Autorização durante as atividades de anilhamento, devendo apresentá-la aos agentes públicos durante ações fiscalizatórias, devidamente acompanhada de um documento de identidade.

ITENS AUTORIZADOS

ITEM	DESCRIÇÃO

AUTORIZAÇÃO DE ANILHAMENTO

LOCAIS DE ANILHAMENTO	**Santa Catarina (FLORIANOPOLIS-SC); Praia do Cassino (RIO GRANDE-RS); Zona costeira e marinha (RS); Zona costeira e marinha (SC); Zona costeira e marinha (PR); Zona costeira e marinha (SP); Zona costeira e marinha (RJ); Zona costeira e marinha (ES); Zona costeira e marinha (BA); Zona costeira e marinha (SE); Zona costeira e marinha (AL); Zona costeira e marinha (PE); Zona costeira e marinha (PB); Zona costeira e marinha (RN); Zona costeira e marinha (CE); Zona costeira e marinha (PI); Zona costeira e marinha (MA); Zona costeira e marinha (AP); Zona costeira e marinha (PA)**
INSTRUMENTOS DE CAPTURA	**Puçá (Qtde: 2); Captura Manual (Qtde:); Tapete - apenas em vazamentos de óleo (Qtde: 4)**
MARCADORES	**Anilhas coloridas; Microships; Anilhas de Inox; Rádio transmissor; Anilhas de Alumínio (padrão CEMAVE)**

É proibida a utilização de artefato de marcação ou instrumento de captura não previstos nesta autorização, ou ainda, a utilização destes instrumentos em quantitativo superior ao autorizado.

Ressalvados os casos expressamente autorizados por meio de licenças ou autorizações específicas, esta autorização não permite:

1. A coleta de aves vivas ou mortas, com a finalidade de proceder a sua doação a instituições científicas ou educacionais;

2. A coleta ou posse de ovos, peles, carcaças ou quaisquer outros produtos ou subprodutos da avifauna silvestre;

3. O anilhamento em unidades de conservação, devendo o interessado obter a licença junto ao órgão ambiental competente;

4. O anilhamento em propriedades privadas ou públicas sem a devida anuência de seu responsável ou proprietário legal.

5. O transporte, destinação ou manutenção de aves silvestres em cativeiro.

LISTA DOS TÁXONS AUTORIZADOS

NÍVEL	TÁXONS
CLASSE	**AVES**
ORDEM	**ANSERIFORMES, APODIFORMES, CHARADRIIFORMES, CICONIIFORMES, COLUMBIFORMES, CORACIIFORMES, CUCULIFORMES, FALCONIFORMES, GALLIFORMES, GRUIFORMES, PASSERIFORMES, PELECANIFORMES, PICIFORMES, PODICIPEDIFORMES, PROCELLARIIFORMES, PSITTACIFORMES, STRIGIFORMES, STRUTHIONIFORMES, TINAMIFORMES, PHOENICOPTERIFORMES, CAPRIMULGIFORMES, Accipitriformes, Cathartiformes, Phaethontiformes, Suliformes**
FAMÍLIA	**GRUIDAE, RALLIDAE, ARAMIDAE, HIRUNDINIDAE, CORVIDAE, TYRANNIDAE, TYTONIDAE, COLUMBIDAE, CUCULIDAE, COCCYZIDAE, CROTOPHAGIDAE, TURDIDAE, CAPRIMULGIDAE, THRAUPIDAE**